UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA
CURSO DE DOUTORADO

MOISÉS BATISTA DA SILVA

ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

FORTALEZA
2012

MOISÉS BATISTA DA SILVA

ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Tese submetida à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Linguística.
Linha de pesquisa: Descrição e Análise Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Maria do Socorro Silva de Aragão

FORTALEZA

2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

S581a Silva, Moisés Batista da.
Atlas linguístico do centro-oeste potiguar / Moisés Batista da Silva. – 2012.
327 f. : il. color., enc. ; 30 cm.

Tese(doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2012.
Área de Concentração: Linguística.
Orientação: Profa. Dra. Maria do Socorro Silva de Aragão.

1.Língua portuguesa – Dialetos – Rio Grande do Norte – Mapas. 2.Língua portuguesa – Regionalismos – Rio Grande do Norte. 3.Língua portuguesa – Aspectos sociais – Rio Grande do Norte.4.Língua portuguesa – Variação. 5.Língua portuguesa – Lexicografia. 6.Língua portuguesa – Semântica. I.Título.

CDD 469.798132

MOISÉS BATISTA DA SILVA

ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Tese submetida à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Linguística. Linha de pesquisa: Descrição e Análise Linguística.

Aprovada em ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

_____
Profa. Dra. Maria do Socorro Silva de Aragão (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC) / Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

_____
Profª. Drª. Aluiza Alves de Araújo
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

_____
Prof. Dr. Antônio Luciano Pontes
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

_____
Profª. Drª. Suzana Alice Marcelino Cardoso
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

_____
Profª. Drª. Hebe Macedo de Carvalho
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Dedico este trabalho às mulheres da minha vida: minha mãe Neide, minhas irmãs Maria das Dores e Maria Antonia, minha avó/mãe Honorina (*in memoriam*), minha tia/mãe Salete, minha esposa Ríssia e minha filha Maria Rita.

AGRADECIMENTOS

Qualquer empreendimento, por mais individual que seja, sempre tem ajuda e contribuição de alguém. Este trabalho não foi diferente. Muitas pessoas tiveram um papel importante para que ele pudesse ser concluído. Por isso, ficam aqui os mais sinceros agradecimentos.

Em primeiro lugar, a Deus por toda força e coragem, nos momentos de dificuldades, durante a realização deste trabalho.

Aos meus familiares, especialmente, a minha mãe, minha tia e minha esposa, que, além do apoio, tiveram muita paciência comigo e palavras certas no tempo oportuno.

A todos os meus colegas do doutorado, em especial à Kátia Cilene, companheira de muitas horas de estudo.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística, pela seriedade e presteza em formar novos pesquisadores.

Aos professores da Banca Examinadora, Profª. Drª. Aluiza Alves de Araújo (UECE), Prof. Dr. Antônio Luciano Pontes (UERN), Profª. Drª. Hebe Macedo de Carvalho (UFC) e Profª. Drª. Suzana Alice Marcelino Cardoso (UFBA), que, gentilmente, aceitaram a tarefa de ler atentamente este trabalho e de quem as valiosas observações, certamente contribuirão para o aperfeiçoamento da versão final deste trabalho acadêmico.

Além disso, não posso deixar de expressar um especial agradecimento à Profª. Drª. Maria do Socorro Silva de Aragão (UFC), minha orientadora e amiga, pelos direcionamentos sempre acertados, na feitura desta obra.

À Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), pelo incentivo à capacitação e apoio financeiro.

Aos sujeitos que possibilitaram os primeiros contatos com as localidades pesquisadas, como também aos informantes, por sua disponibilidade em colaborar com a constituição do *corpus* desta pesquisa.

A todos, de coração, muito obrigado.

RESUMO

A língua e o seu jeito próprio de falar e de designar as coisas produzem uma riqueza enorme de variantes linguísticas, também patrimônio histórico-cultural da sociedade, que precisam sempre ser perpetuadas através do seu registro. Partindo desse pressuposto, a pesquisa em foco tem como objetivo geral elaborar o Atlas Linguístico do Centro-Oeste do Rio Grande do Norte. Para conseguir tal propósito, foram estabelecidos objetivos específicos tais como identificar as variáveis extralinguísticas (diastrática, diassexual e diageracional) nos fenômenos fonéticos e lexicais; descrever a realidade do português do Centro-Oeste do Rio Grande do Norte para identificar fenômenos fonéticos e semântico-lexicais, que caracterizam diferenciações ou definem a unidade linguística no Estado. Esta pesquisa tem como fundamentação teórico-metodológica os pressupostos da Dialetologia e da Geolinguística pluridimensional e relacional (Radke e Thun, 1996), em consonância, principalmente, com os ideais do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) e do Projeto Atlas Linguístico do Rio Grande do Norte (AliRN). Considerando os dados socioeconômicos e culturais particulares da região pesquisada, foram selecionados oito pontos de inquéritos: quatro da Mesorregião do Oeste Potiguar (Mossoró, Apodi, Pau dos Ferros e Janduís) e quatro da Mesorregião Central Potiguar (Macau, Angicos, Currais Novos e Caicó). O critério dessa escolha foi, primeiramente, o da importância dos aspectos demográficos, históricos, geográficos, políticos, econômicos e culturais e a influência delas sobre os outros municípios da região. Adotou-se, também, o critério da equidistância aproximada. Ou seja, todas as localidades foram distribuídas de uma maneira que abrangesse todo Centro-Oeste Potiguar, com uma distância entre elas, de pelo menos, 70 km. Para a realização da pesquisa de campo, foram selecionados 32 informantes, levando em conta: a) sexo: para cada ponto, foram entrevistados dois homens e duas mulheres (um homem e uma mulher de cada geração), fazendo um total de 4 informantes por localidade; b) faixa etária: foi distribuída em duas gerações: G1 (geração de jovens de 18 a 32 anos) e G2 (geração de adultos entre 48 a 62 anos). Em cada ponto, foram selecionados dois informantes da G1 e dois da G2; c) escolaridade: foram escolhidos os informantes com escolaridade igual ou inferior ao 9º ano do Ensino Fundamental. Para todos esses informantes, foram aplicados dois questionários (fonético-fonológico e semântico-lexical) com o objetivo de coletar dados, possibilitando, assim, a elaboração das 147 cartas linguísticas (84 léxicas e 63 fonéticas) que formam o Atlas em foco e mostram a diversidade do falar da região pesquisada. Desse modo, esta pesquisa traz grandes contribuições, pois registra a riqueza linguística existente nas localidades pesquisadas e permite que o conhecimento da realidade linguística seja constantemente aprofundado, por exemplo, pelos professores, levando os alunos ao domínio das variantes de prestígio, sem desprestigiar os seus falares de origem, contribuindo, assim para o ensino eficiente e eficaz da língua materna na região em foco.

Palavras-chave: Dialetologia. Geolinguística. Atlas Línguístico. Variantes lexicais e fonéticas. Centro-Oeste Potiguar.

ABSTRACT

Language and its proper manners of speaking produce rich possibilities of language variations. It is also a historical and cultural patrimony of a society and it needs to be perpetuated though a registration process. Based on this presupposition, this research aims at elaborating a Center-West Rio Grande do Norte Region Atlas. In order to accomplish this purpose, a few goals were established to identify extralinguistic variations (diastropic, diasexual and diageneric) in phonetic and lexical phenomena. The main aim is to describe the real Portuguese language of Center-West of Rio Grande do Norte to identify phonetic, semantic and lexical phenomena, which characterize differentiations or can define Rio Grande do Norte State. This research has as theoretical and methodological foundations the Dialectology and Pluridimensional and Geolinguistic Relations (RADKE e THUN, 1996), in consonance, mainly, with the ideals of the Brazilian Atlas Project (Alib in Portuguese) and Rio Grande do Norte Atlas Linguistic Project (ALiRN in Portuguese). Considering socioeconomic and cultural data, eight places of inquiries were chosen: four in West Potiguar Mesoregion (Mossoró, Apodi, Pau dos Ferros and Janduís) and four in Central Potiguar Mesoregion (Macau, Angicos, Currais Novos and Caicó). The criteria for this choice was, firstly, the relevance of demographic, historical, geographic, political, economic and cultural aspects and theirs influence on cities of that regions. We also adopted an approximate equidistance criterion. It means that all places were distributed in way that all Potiguar Center West region could be considered, with a distance, among them, of at least, 70 km. In order to accomplish this field research, 32 informants were selected, taking into account: a) gender – in each location were interviewed two men and two women (a man and a woman of each generation), a total of 4 informants for place; b) age – were distributed in two generations: G1 (generation of young people from 18 to 32 years old) and G2 (generation of adults between 48 to 62 years old). In each location two informants were selected from G1 and two from G2; c) schooling – two informants were chosen with schooling equal or inferior to 9th year of Elementary School. To all those informants were applied two (phonetic-phonological and semantic-lexical) questionnaires with the aim of collecting data, providing, thus, an elaboration of 147 (84 lexical and 63 phonetic) linguistic charts which compose the Atlas and show the diversity of speaking of the region. This research brings meaningful contributions, considering that it records the existent linguistic richness in the researched location and allows the knowledge of linguistic reality that can be constantly accessed by, for example, teachers, taking into account the domains of prestigious varieties without prejudice to students' speaking origin, contributing, thus, to an efficient and effective language teaching in the analyzed region.

Keywords: Dialectology. Geolinguistics. Linguistic Atlas. Lexical and phonetic variations. Potiguar Center West.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Foto do Forte dos Reis Magos 19
Figura 2 - Limites e pontos extremos do Rio Grande do Norte 22
Figura 3 – Mapa do Rio Grande do Norte: Mesorregiões, microrregiões e municípios 23
Figura 4 - Mapa da Mesorregião do Leste Potiguar 24
Figura 5 - Mapa da Mesorregião do Agreste Potiguar 25
Figura 6 - Mapa da Mesorregião do Central Potiguar 27
Figura 7 - Mapa da Mesorregião do Oeste Potiguar 29
Figura 8 - Mapa da localização de Mossoró 32
Figura 9 – Cena do Espetáculo "Chuva de Bala no País de Mossoró" 34
Figura 10 - Mapa da localização de Apodi 35
Figura 11 – Lajedo de Soledade, em Apodi 36
Figura 12 – Mapa da localização de Pau dos Ferros 37
Figura 13 – Fotos do Centro Comercial Titanic Center, em Pau dos Ferros 38
Figura 14 – Mapa da localização de Janduís 40
Figura 15 – Foto da Praça e Matriz de Santa Terezinha 41
Figura 16 – Mapa da localização de Macau 42
Figura 17 – Foto do Moinho de Vento, na entrada de Macau 43
Figura 18 – Mapa da localização de Angicos 44
Figura 19 – Foto do Pico do Cabugi 45
Figura 20 – Mapa da localização de Currais Novos 46
Figura 21 – Foto do monumento Cristo Rei, em Currais Novos 47
Figura 22 – Mapa da localização de Caicó 48
Figura 23 – Foto do Castelo de Engady, em Caicó 49
Figura 24 – Esquema da relação entre Sistema, Norma e Fala 52
Figura 25 – Distância entre os pontos da Pesquisa 114
Figura 26 - Mapa do Rio Grande do Norte no Brasil 136
Figura 27 - Mapa do Rio Grande do Norte no Nordeste 137
Figura 28 - Mapa das Mesorregiões do Rio Grande do Norte 138
Figura 29 – Mapa da Região Centro-Oeste Potiguar 139

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Municípios da Mesorregião do Leste Potiguar 24
Quadro 2 - Municípios da Mesorregião do Agreste Potiguar 26
Quadro 3 - Municípios da Mesorregião Central Potiguar 27
Quadro 4 - Municípios da Messoreão do Oeste Potiguar 29
Quadro 5 - Distribuição mesorregional e microrregional das localidades 31
Quadro 6 – Dimensões e parâmetros controlados na pesquisa de Margotti (2008) 73
Quadro 7 – Dimensões e parâmetros controlados no Projeto Alma 74
Quadro 8 – Pontos de inquérito por mesorregião 113
Quadro 9 - Distribuição Mesorregional e Microrregional da Rede de Pontos 115
Quadro 10 - Confronto entre os pontos de Nascentes, os do ALiB, os do ALiRN e os da Pesquisa em foco 116
Quadro 11 – Descrição do perfil dos entrevistados 118
Quadro 12 – Campos Semânticos da Pesquisa 122
Quadro 13 – Questões e respostas fonéticas com 100% de freqüência 127
Quadro 14 – Questões com apenas duas respostas fonéticas (resposta-tema e ocorrência única) 128
Quadro 15 – Variantes lexicais com 100% de frequência e distribuição regular 128
Quadro 16 – Questões com respostas lexicais com 100% de freqüência 129
Quadro 17 – Questões com respostas lexicais sem distribuição regular 129
Quadro 18 - Ordem da Rede de pontos 131
Quadro 19 – Representação das dimensões diagenérica e diageracional da pesquisa 132
Quadro 20 - Representação da dimensão diagenérica da pesquisa 132
Quadro 21 - Representação da dimensão diageracional da pesquisa 132
Quadro 22 – Configuração das cores dos símbolos no modelo RGB 133
Quadro 23 – Ordem de apresentação dos símbolos no modelo RGB 133

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO **12**
2 ASPECTOS GEOGRÁFICOS, HISTÓRICOS E ECONÔMICOS DO RIO GRANDE DO NORTE **17**
2.1 Um pouco de história **17**
2.2 Atividades econômicas Atuais **20**
2.3 Situação Geográfica **21**
2.2.1 Divisão Política-regional: as mesorregiões, as microrregiões e os seus municípios ***22***
2.2.1.1 A Mesorregião do Leste Potiguar *23*
2.2.1.2 A mesorregião do Agreste Potiguar *25*
2.2.1.3 A mesorregião Central Potiguar *27*
2.2.1.4 A mesorregião do Oeste Potiguar *28*
2.2.2 Localidades pesquisadas ***31***
2.2.2.1 Mossoró *31*
2.2.2.2 Apodi *34*
2.2.2.3 Pau dos Ferros *37*
2.2.2.4 Janduís *39*
2.2.2.5 Macau *41*
2.2.2.6 Angicos *43*
2.2.2.7 Currais Novos *45*
2.2.2.8 Caicó *47*
3 PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO DA DIALETOLOGIA E DA GEOLINGUÍSTICA **51**
3.1 Conceitos Básicos **51**
3.1.1 Sistema, Norma e Fala ***51***
3.1.1.1 Sistema Linguístico *53*
3.1.1.2 Norma Linguística *54*
3.1.1.3 Fala *55*
3.1.2 Língua e dialeto ***56***
3.1.2.1 Variações linguísticas e tipos de dialetos *58*
3.2 A Dialetologia, a Sociolinguística e a Geolinguística **59**
3.2.1 A Dialetologia e a Sociolinguística ***60***
3.2.2 A Geolinguística ***64***

3.2.2.1 A Geolinguística Pluridimensional *68*
3.2.2.1.1 Dimensões e Parâmetros 69
3.2.2.2 etapas da Geolinguística *75*
3.2.2.2.1 Primeira etapa: preparação da pesquisa 76
3.2.2.2.2 Segunda etapa: execução do trabalho 78
3.2.2.2.3 Terceira etapa: exegese e análise do material das cartas 78
3.2.2.2.4 Quarta etapa: divulgação dos resultados obtidos 79
3.2.2.3 Primeiros trabalhos geolinguísticos no mundo *79*
3.2.2.4 Fases dos Estudos dialetais e geolinguísticos no Brasil *82*
3.2.2.4.1 Primeira fase (1826-1920) 83
3.2.2.4.2 Segunda fase (1920-1952) 84
3.2.2.4.3 Terceira fase (1952-1996) 87
3.2.2.4.4 Quarta fase: a implantação do ALIB (1996) 89
3.2.2.5 Os atlas estaduais e regionais concluídos e em andamento *90*
3.2.2.5.1 Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB) 91
3.2.2.5.2 Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais (EALMG) 92
3.2.2.5.3 Atlas Linguístico da Paraíba (ALPB) 93
3.2.2.5.4 Atlas Linguístico de Sergipe (ALS) 93
3.2.2.5.5 Atlas Linguístico do Paraná (ALPR) 94
3.2.2.5.6 Atlas Linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS) 95
3.2.2.5.7 Atlas Linguístico Sonoro do Estado do Pará (ALISPA) 95
3.2.2.5.8 Atlas Linguístico de Sergipe II (ALS-II) 96
3.2.2.5.9 Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul (ALMS) 96
3.2.2.5.10 Atlas Linguistico do Ceará (ALECE) 97
3.2.2.6 Pesquisas dialetológicas: tendências atuais em dissertações e teses *101*
3.2.2.7 Classificação dos Atlas Linguísticos *108*
4 METODOLOGIA DA PESQUISA EM FOCO 111
4.1 Escolha dos Pontos de inquéritos 112
4.2 Seleção dos informantes 117
4.2.1 Critérios para escolha dos sujeitos 117
4.3 A coleta de dados 120
4.3.1 Instrumentos da Pesquisa: fichas e questionários para as entrevistas 120
4.3.1.1 O Questionário Fonético-Fonológico (QFF) *121*
4.3.1.2 O Questionário Semântico-Lexical (QSL) *122*

4.3.2 Natureza das entrevistas e equipamentos *123*
4.4 Transcrição, organização e arquivamento dos dados **124**
4.4.1 Transcrição dos dados *124*
4.4.2 Organização e arquivamento dos dados *125*
4.5 Elaboração do Atlas **126**
4.5.1 Critérios de elaboração das cartas linguísticas *127*
5 ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR **131**
5.1 Notas para leitura das cartas linguísticas **131**
5.2 Cartas Geográficas **135**
5.2.1 Rio Grande do Norte no Brasil *136*
5.2.2 Rio Grande do Norte no Nordeste *137*
5.2.3 Mesorregiões do Rio Grande do Norte *138*
5.2.4 Rede de Pontos do Centro-Oeste Potiguar *139*
5.3 Cartas Linguísticas **140**
5.3.1 Cartas Fonéticas *141*
5.3.2 Cartas Léxicas *142*
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS **290**
REFERÊNCIAS **294**
APÊNDICES **304**
ANEXOS **307**

1 INTRODUÇÃO

As pessoas se relacionam e interagem entre si, de alguma forma, através da linguagem. Assim, pode-se constatar que a língua é o meio pelo qual o homem expressa as suas ideias, as de sua geração, as da comunidade a que pertence e as ideias de seu tempo (BRANDÃO, 1991). A todo instante, a língua está sujeita à renovação e constante transformação. E a forma como os seus falantes vivem contribui para essas mudanças, porque cada falante é, ao mesmo tempo, usuário e agente modificador de sua língua, nela imprimindo marcas geradas pelas novas situações com que se depara.

Tomando em consideração o que foi exposto acima e por acreditar que não é possível fazer descrição e análise linguística tomando a língua como um fenômeno isolado, sem qualquer ligação com o mundo extralinguístico e com os usuários que dela se utilizam em situações concretas de comunicação, a presente pesquisa parte do pressuposto de que toda língua é produto da cultura de um grupo de indivíduos e, ao mesmo tempo, o veículo de expressão desta cultura.

Desse modo, o grupo de sujeitos escolhidos para esta pesquisa vive no Centro-Oeste do Estado do Rio Grande do Norte. Essa região é formada por duas mesorregiões: a Central Potiguar e a do Oeste Potiguar[1]. Em toda área que corresponde ao Centro-Oeste Potiguar, foram selecionados 32 (trinta e dois) informantes, em oito pontos escolhidos: Mossoró, Apodi, Pau dos Ferros, Janduís, Macau, Angicos, Currais Novos e Caicó.

Somente por meio das entrevistas aplicadas aos informantes dessas localidades é que se pôde alcançar o objetivo geral da pesquisa: o de elaborar, a partir dos princípios da Dialetologia pluridimensional e relacional (Radke e Thun, 1996), o Atlas Linguístico do Centro-Oeste do Rio Grande do Norte, em consonância, principalmente, com os ideais do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – Projeto ALiB e do Projeto Atlas Linguístico do Rio Grande do Norte[2].

Para conseguir tal propósito, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos:

a) identificar o papel das variáveis extralinguísticas ou socio-geolinguísticas (principalmente diastrática, diassexual e diageracional) que atuam nos

---

[1] As outras duas mesorregiões, a do Leste e a do Agreste Potiguar, não foram selecionadas porque já tem sido alvo de pesquisas concluídas ou em andamento. Além das mesorregiões, o RN encontra-se dividido também em dezenove microrregiões geográficas, abrangendo os 167 municípios.

[2] CARDOSO, Suzana Alice M. et al. **Atlas linguístico do Brasil:** Projeto. Salvador: UFBA, 1998. PEREIRA, M. das Neves. **Atlas linguístico do Rio Grande do Norte**. Natal: UNP, [s.d.].

fenômenos de conservação, inovação e transição nos níveis fonéticos e lexicais;

b) descrever a realidade do português no Centro-Oeste do Rio Grande do Norte para identificar fenômenos fonéticos e lexicais que caracterizam diferenciações ou definem a unidade linguística no Estado;

c) obter uma base de dados fonéticos e semântico-lexicais que registrem as variações, para a elaboração das cartas linguísticas e, futuramente, glossários e dicionários da fala da região pesquisada;

d) registrar as variações fonéticas e lexicais em cartas linguísticas;

Portanto, o objeto de estudo desta pesquisa consiste na língua falada e suas variações linguísticas e sociolinguísticas presentes no Centro-Oeste Potiguar. Uma pesquisa desse tipo traz uma série de benefícios para o conhecimento da língua e da sociedade que fala esta língua. Por exemplo, para os pesquisadores do Projeto ALiB[3], este projeto contribui para o entendimento da língua portuguesa no Brasil como instrumento social de comunicação diversificado, possuidor de várias normas de uso, mas dotado de uma unidade sistêmica. Além disso, oferece aos interessados nos estudos linguísticos um considerável volume de dados que permite aos lexicógrafos aprimorarem os dicionários, ampliando o campo de informações; aos gramáticos, atualizarem as informações com base na realidade documentada pela pesquisa empírica; aos autores de livros didáticos, adequarem a sua produção à realidade cultural de cada região; aos professores, aprofundarem o conhecimento da realidade linguística, refletindo sobre as variantes de que se reveste a língua portuguesa no Brasil e, consequentemente, encontrando meios de, sem desprestigiar os seus dialetos de origem, levar os estudantes ao domínio de uma variante tida como culta.

Mesmo sendo de âmbito menor, o trabalho aqui apresentado também é de suma importância para os estudos linguísticos, para a sociedade e para a cultura da região, do Estado e do País. Do ponto de vista linguístico, os principais motivos que justificam o tema escolhido é que uma pesquisa deste tipo, na região, pode:

a) contribuir para o conhecimento sistemático e revalorização das variantes linguísticas do Rio Grande do Norte;

b) contribuir para a delimitação das áreas dialetais brasileiras, especificamente, as do Rio Grande do Norte;

---

[3] Para maiores informações sobre o Projeto Atlas Linguístico do Brasil – AliB, acesse: http://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/Alib/AlibObjetivos.

c) oferecer dados aos professores da língua portuguesa, aos pesquisadores, aos pedagogos e aos demais interessados nos assuntos linguísticos, para o aprimoramento do ensino-aprendizagem da língua materna, no Estado e na região pesquisada;
d) fornecer materiais resultantes da pesquisa para futuras pesquisas dialetais no RN e no Brasil.

Este trabalho também justifica-se por fatores de ordem sócio-histórico e cultural. Isto porque a língua é instrumento privilegiado da projeção da cultura de um povo, enquanto conjunto das criações do homem que constituem universo humano, como afirmava Câmara Jr.(1985). A língua faz parte da cultura de um povo, de um lugar e revela a visão de mundo desse povo e suas particularidades.

A região escolhida para a pesquisa também traz algumas particularidades linguísticas que foram aqui registradas e que serão vistas nas cartas linguísticas. Mas há muito por fazer. Ainda são poucas as pesquisas dialetais no Rio Grande do Norte.

Este trabalho é um dos pioneiros no RN no que diz respeito a registros, em cartas linguísticas, de variação fonético-fonológica e semântico-lexical da fala do Centro-Oeste Potiguar. Somente há poucos anos atrás, o RN entrou oficialmente no campo dos estudos geolinguísticos, com sua inclusão na equipe nacional do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB. Além de possuir uma equipe local, que está trabalhando na parte norte-riograndense do ALiB, o mesmo grupo está trabalhando, simultaneamente, na elaboração do Atlas Linguístico do Rio Grande do Norte (ALiRN) que tem uma Rede de pontos com 10 localidades (as cinco do ALiB com mais outras cinco), cobrindo todo o Estado, com 44 informantes (4 por ponto de inquérito e 08 na capital) e utilizando os mesmos questionários do Projeto ALiB, mas com acréscimo de algumas questões.

A coordenadora do ALIRN e do ALiB-RN, Maria das Neves Pereira, defendeu, em 2007, sua Tese de Doutorado "Atlas Geolinguístico do Litoral Potiguar", na UFRJ, que registra, analisa e descreve as variantes linguísticas (fonético-fonológicas, léxico-semânticas e morfossintáticas), do ponto de vista diatópico e diastrático, do falar norte-riograndense na região litorânea.

Até então, no Estado do Rio Grande do Norte, a tradição em estudos dialetais e geo-sociolinguísticos constitui-se de alguns trabalhos, sob forma de dissertações, como "O léxico do canto do mangue", de Santos (2010), "A terminologia do sal no RN: uma abordagem socioterminológica", de Silva (2007) e "O léxico da carnaubeira do Vale do Açu –

RN", Pereira (1990). Essas obras e o Projeto Atlas Linguístico do Brasil (CARDOSO, 1998) constituem a base de leitura preliminar ao que se propõe realizar este trabalho.

Como se pode perceber, para levar a cabo esses tipos de pesquisa, precisa-se muito de uma motivação. No caso do trabalho em foco, o que também motivou a levar a cabo um estudo sobre os falares do Centro-Oeste Potiguar foram as pesquisas dialetológicas realizadas por todo o Brasil. Os bons resultados das várias pesquisas desenvolvidas determinaram uma ampliação de temas desse interesse, desenvolvidos em artigos, projetos, dissertações e teses. Nos últimos anos, muitos pesquisadores brasileiros vêm se dedicando ao estudo dos diferentes falares e das diversidades linguísticas e mudanças que caracterizam o português do Brasil, pela necessidade não só de conhecer qual a língua portuguesa que falamos, mas, também, para adequar o ensino da língua materna às realidades linguísticas regionais. Estes são os objetivos do trabalho desenvolvido pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB que, juntamente com uma série de novos Atlas Regionais, realizará um mapeamento dos falares regionais, um sonho acalentado desde a década de cinquenta por Serafim da Silva Neto (1957), um dos precursores dos estudos dialetológicos em nosso país.

Aqui, ressalta-se também outros grandes projetos nacionais de estudos acerca do português brasileiro como "A Gramática do Português falado", coordenado pelo professor Ataliba Castilho, da USP, onde constam suas concepções acerca da língua portuguesa falada no Brasil, "A Descrição do Português do Brasil" (UFRJ), Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta - NURC, nas cidades do Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife e São Paulo e o Projeto de Estudo do Uso da Linguagem, o PEUL (UFRJ).

Dentre outros motivos, a escolha do tema se dá, também, pela importância desse Estado, do ponto de vista sócio e etnolinguístico, que vem sendo demonstrada através de estudos não apenas linguísticos, mas também de outras áreas de estudo afins, por pesquisadores que produzem estudos sobre a diversidade linguística do nosso estado.

É importante aqui fazer referência a Câmara Cascudo, um dos fundadores da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, Com formação acadêmica jurídica, historiador e antropólogo, revelou-se um linguista dos mais competentes. Seus trabalhos podem ser situados no campo da Dialetologia e da Sociolinguística, com enfoques lexicográficos, retratando, de forma bastante objetiva, o falar, as crenças, as tradições e os modos de viver do povo potiguar. Produziu, aproximadamente, 150 obras voltadas para a cultura popular e para os estudos das diversidades linguísticas.

Dessa forma, por tudo o que foi exposto aqui, julga-se que esta pesquisa dialetal possibilita uma grande contribuição do resgate das variações linguísticas regionais, ao mesmo

tempo em que se registraram dados sócios e etnolinguísticos, através das histórias das diferentes localidades que a constituem, bem como a de seus informantes, de modo a aprofundar o conhecimento da nossa identidade linguística, desmistificando a desvalorização das diversidades, em favor dos padrões linguísticos conservadores.

Quanta à sua estrutura, este trabalho está organizado da seguinte forma. O primeiro capítulo, que constitui esta introdução. O segundo capítulo situa a pesquisa, fazendo um levantamento panorâmico dos aspectos geográficos, históricos e econômicos do Rio Grande do Norte, como também, de modo mais detalhado, dos municípios potiguares que foram selecionados como pontos de inquérito.

No capítulo seguinte, abordam-se os pressupostos teórico-metodológicos que fundamentam a pesquisa em Dialetologia e Geolinguística, além de apresentar o percurso histórico pelo qual estas passaram tanto no âmbito nacional quanto internacional.

No quarto capítulo, expõem-se os procedimentos metodológicos para a realização desta pesquisa dialetal, no que se refere, basicamente, à escolha das localidades, à seleção dos informantes, à aplicação dos instrumentos de pesquisa, à transcrição, organização e arquivamento dos dados, bem como aos critérios para elaboração das cartas fonéticas e léxicas.

O quinto capítulo é composto, primeiramente, de algumas orientações para leituras das cartas linguísticas e quatro cartas geográficas, todas situadas antes do atlas linguístico propriamente dito que contém 147 cartas, sendo 63 cartas fonéticas e 84 cartas léxicas que revelam, de forma objetiva, as particularidades da fala da região pesquisada.

E, por fim, no último capítulo, apresentam-se as considerações finais.

2 ASPECTOS GEOGRÁFICOS, HISTÓRICOS E ECONÔMICOS DO RIO GRANDE DO NORTE

Neste capítulo, realiza-se um estudo panorâmico sobre o Estado do Rio Grande do Norte, retratando, assim, um pouco da história, da conquista, da colonização, dos povos, dos aspectos sociais, do povoamento e organização administrativa. Além disso, aborda-se também um pouco sobre a situação geográfica e divisão política do Estado, bem como sobre o perfil socioeconômico e cultural da região.

Em seguida, são apresentadas as localidades escolhidas para a pesquisa dialetal. De forma mais detalhada, expõem-se alguns pontos de sua história, economia, cultura e outros aspectos que permite conhecer melhor as variedades do falar dessa região.

2.1 Um pouco de história

A História do Rio Grande do Norte se iniciou antes mesmo da chegada dos europeus. Nesse tempo, havia, nessas terras, centenas de tribos indígenas, cada uma com sua cultura e características próprias. Para uma melhor compreensão desse estado, os estudiosos dividiram essas tribos em dois grandes grupos: os Potiguares ou Potiguaras (Tupis) e os Tarairiús (ou Tapuios). Segundo Pereira (2007, p.9):

> Os Tupis estavam representados pelos POTIGUARAS, que ocupavam a grande extensão do litoral da Paraíba e do Rio Grande do Norte. Neste Estado, sua maior concentração foi em Baía Formosa, última cidade do Litoral Sul, até Touros no Norte. A proximidade com o mar condicionou sua principal fonte de alimentação, determinando o nome da tribo. Potiguar, na língua tupi, significa comedor de camarão, nome que mais tarde se atribui ao gentílico dos nativos deste estado brasileiro. No interior viviam os Tapuios ou Cariris, arquiinimigos dos Tupis. Com a chegada dos portugueses e, depois, por guerras e doenças, inicia-se o processo de desaparecimento desses povos indígenas.

Mas, como se sabe, a povoação do Rio Grande do Norte, depois da conquista pelos portugueses, não se deu apenas com os índios. Ela foi constituída também a partir da mistura dos índios com os brancos e os negros. Os índios, servindo-se como escravos, aldeados ou revoltados embrenhados no mato, os brancos invasores divididos em homens livres proprietários e homens livres não proprietários e os negros como escravos oriundos da África (MAIA, 1998, p. 209-226, citado por PEREIRA, 2007, p.8).

Antes de Cabral, o litoral do Rio Grande do Norte, certamente, já havia sido visitado por outros navegantes, como os espanhóis, por exemplo. Segundo Suassuna e Mariz (2005, p. 29): "Devido sua posição geográfica, tudo indica que o Rio Grande do Norte tenha sido dos primeiros visitados do litoral brasileiro pela primeira expedição enviada ao Brasil, em 1501, após a notificação oficial do seu descobrimento". Esta expedição foi comandada por Gaspar de Lemos, que chegou no dia 16 de agosto ao Cabo de São Roque.

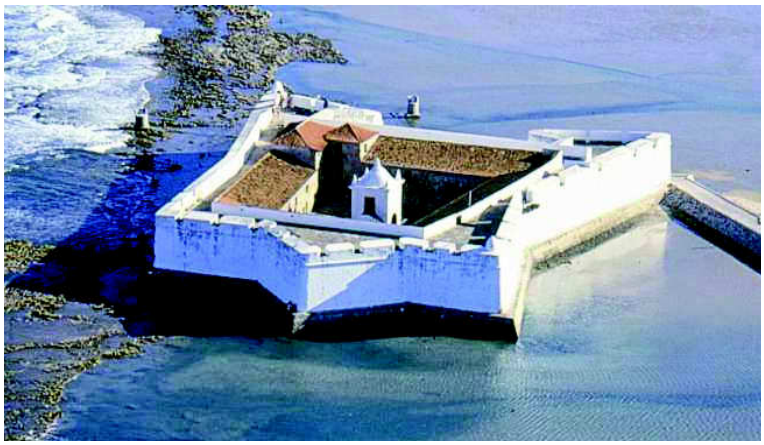
Com o surgimento das capitanias hereditárias, o Rio Grande do Norte foi doado pelo Rei D. João III a João de Barros, cronista e historiador, como também a Aires da Cunha. Como João de Barros faleceu em 1570, a Coroa concebeu aos seus filhos uma indenização pela cessão da capitania à metrópole portuguesa, pois os herdeiros de João de Barros não tinham condições de manter os direitos de donatários.

> Dessa forma a capitania deixou de ser hereditária para ser revertida à Coroa, e é nesta condição que se dará a sua efetiva conquista e colonização.
> Com o total abandono da região, os invasores estrangeiros se aproveitaram, especialmente os franceses, que aliados aos potiguares, contrabandeavam o pau-brasil que existia em abundância no litoral. Essa situação perdurou até quando, anos depois, foi iniciado um movimento para recuperação das posições abandonadas, que começavam a trazer inquietações à Coroa. (SUASSUNA e MARIZ, 2005, p.32).

Por causa do fracasso da colonização, foram expedidas as cartas régias de 1596 e 1597, dirigidas ao Governador Geral D. Francisco de Souza e aos capitães mores de Pernambuco, Mascarenhas Homem e, o da Paraíba, Feliciano Coelho. Foi recomendado ao primeiro que fizesse de tudo para que se fundasse uma povoação e se constituísse uma fortaleza para sua defesa. E assim foi feito. Segundo Pereira (2007, p.9), as primeiras vilas surgiram no litoral sul, nas proximidades dos engenhos de açúcar, e no sertão, nas imediações das fazendas de gado. Uma fortaleza foi construída e, por ter sido iniciada no dia 6 de janeiro de 1598, recebeu o nome de Forte dos Reis Magos, sendo o primeiro marco da ocupação no Rio Grande do Norte, ocorrido quase cem anos depois do descobrimento do Brasil, onde posteriormente foi fundada a cidade de Natal.

Depois da conquista, entre 1600 a 1633, deu-se o começo do processo de colonização do Rio Grande do Norte. Até o séc. XVIII, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará formavam uma única capitania chamada de capitania de Pernambuco e suas anexas.

Figura 1- Foto do Forte dos Reis Magos



Fonte: http://tmanatvirtual.blogspot.com

Assim, nos primeiros 30 anos de colonização, o Rio Grande do Norte não se desenvolve muito e tanto o povoamento como o cultivo da terra aconteciam com uma grande lentidão.

O domínio dos portugueses, no Rio Grande do Norte, durou até dezembro de 1633, quando o Forte dos Reis Magos caiu em poder dos holandeses. Esses invasores também contribuíram, de certo modo, para decadência da região. Eles se apropriaram de tudo, tanto que mudaram o nome de Natal para Nova Amsterdã, começando, assim, um domínio de 20 anos, caracterizado por completo abandono, atraso no desenvolvimento local e violência, como os massacres de Cunhaú e Uruaçú, em Outubro de 1654. Mas também, nesse ano, aconteceu a expulsão dos holandeses e a recuperação da capitania do Rio Grande do Norte. Conforme Suassuna e Mariz (2005, p. 90):

> Após a expulsão dos holandeses, iniciou-se na Capitania mais uma fase no seu processo histórico de desenvolvimento para a recuperação do seu ritmo administrativo, social e econômico, o que vale dizer, começar tudo de novo. O estado da capitania era lastimável, devastada, quase sem população, e com as roças e o gado destruídos.

Foi nesse tempo que a capitania foi revertida à Coroa Portuguesa. Segundo o site do Governo do Estado do Rio Grande do Norte[4], nesse período, todos os arquivos, documentos e registros do governo português foram destruídos, o que até hoje dificulta a reconstituição da história da época.

---

[4] http://www.rn.gov.br/conheca-o-rn/historia/

Depois de ser dirigido pelo governo da Bahia, em 1701, o Rio Grande do Norte passou ao controle da Capitania de Pernambuco e, em 1817, a Capitania aderiu à Revolução Pernambucana, instalando-se na cidade de Natal uma junta do Governo Provisório. Como a rebelião fracassou, aderiu ao Império e tornou-se província em 1822. Em 1889, com a República, o Rio Grande do Norte transformou-se em Estado.

Pouca gente conhece o caráter histórico e a grande contribuição da presença das tropas Aliadas instaladas na base aérea de Parnamirim. O Rio Grande do Norte, em conjunto com o Acre, foi decisivo no processo da vitória aliada na II Guerra Mundial, pois impediu a expansão alemã que pretendia dar um salto da África Ocidental à América do Sul, passando pelo Nordeste do Brasil, que foi ocupado antes por tropas dos Estados Unidos.

A presença dos norte-americanos trouxe benefícios para o RN e para os estados do centro-sul brasileiro, que finalmente conseguiram recursos para o Brasil se industrializar de forma decisiva a partir da construção da Companhia Siderúrgica Nacional. De lá pra cá, o Rio Grande do Norte também se desenvolveu.

2.2 Atividades econômicas Atuais

Segundo, o IBGE (2011)[5], O PIB do Rio Grande do Norte é o vigésimo mais rico do país, destacando-se na área de prestação de serviços. De acordo com dados relativos a 2008, o PIB potiguar era de 25,481 mil, enquanto o PIB per capita era de 8.203 reais.

O setor primário é o menos relevante para a economia potiguar. Inicialmente, durante a época inicial da colonização do Brasil, a economia era muito voltada às atividades de agricultura, pecuária e pesca. Em 2004, esse setor representava 5,6% da economia de todo o estado.

Já o setor secundário, segundo Toscano (2011) constitui a segunda maior fonte de renda no papel econômico do estado, onde 44,2% das riquezas produzidas provêm deste setor. Aqui, merecem destaques as seguintes particularidades: a) o Rio Grande do Norte é o maior produtor nacional de petróleo em terra e o segundo no mar, ficando atrás apenas do Rio de Janeiro. Também é o terceiro na produção e na exploração de gás natural, com 9% da produção brasileira. Guamaré é o município sede do Polo Gás-Sal, responsável também pela produção de diesel e nafta no estado; b) os principais setores industriais se concentram em

---

[5] IBGE. **Contas Regionais do Brasil 2004-2008.** Arquivado do original em 3 de junho de 2011. Página visitada em 13 de março de 2011.

Natal e Mossoró onde há uma grande concentração de indústrias têxteis e de confecção; c) O estado é responsável por 95% da produção brasileira de sal.[6]

O Rio Grande do Norte, como qualquer outro estado, também cresceu demograficamente. E o processo de urbanização exigiu e necessitou de um crescimento maior dos seus serviços, como transportes, segurança, educação, saúde etc. Esse setor, chamado de terciário, além dos serviços, abrange o comércio. Este setor cresceu tanto que, conforme Toscano (2011), responde por 50,2% das riquezas produzidas no estado.

2.3 Situação Geográfica

O Estado do Rio Grande do Norte é uma das 27 unidades federativas do Brasil. Devido à sua localização geográfica é considerado como a "esquina do continente" americano. Em termos regionais, pertence ao grupo de nove estados da região Nordeste do Brasil, localizado no nordeste da Região Nordeste.

O Estado do RN limita-se ao leste e ao norte com o Oceano Atlântico, ao sul com o Estado da Paraíba e ao oeste com o Ceará. É um dos menores estados, ocupando apenas 0,62% do território nacional, com uma extensão territorial de 53.000 km².

Por estar situado próximo à linha do Equador, isso lhe confere características climáticas específicas, como o verão seco e a presença do sol durante a maior parte do ano que proporciona excelente potencial para a tradicional atividade salineira, sendo o RN o maior produtor do Brasil.

De acordo com dados do IBGE, sua população é de 3.168.133 (IBGE, 2010) habitantes e sua densidade demográfica de 59,77 hab/km2, distribuída nos seus 167 municípios. Como afirma o site Wikipédia[7], o estado apresenta o segundo melhor Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), o menor índice de mortalidade infantil, o menor índice de desnutrição e a segunda maior expectativa de vida da Região Nordeste, além de ser o segundo

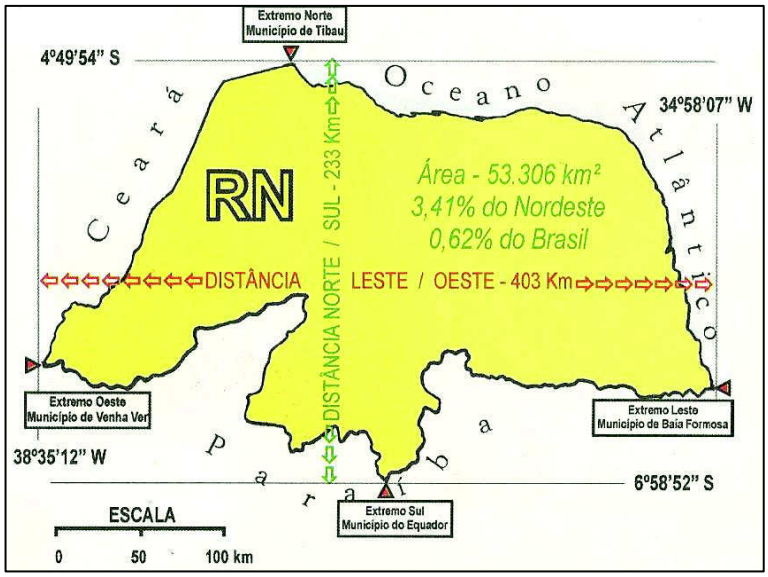
---

[6] O que faz com que o Rio Grande do Norte tenha a extração do sal marinho como um dos principais ramos de atividades econômicas da região litorânea é uma série de fatores característicos desta região, dentre eles, a alta salinidade das águas que acontece devido: 1º) o baixo índice de precipitação pluviométrica (cerca de 500 mm por ano); 2º) os constantes ventos típicos do clima tropical; 3º) o terreno plano, abaixo do nível do mar, que favorece a economia de bombeamento e impermeável, que facilita o aprisionamento da água do mar; 4º) as temperaturas elevadas, que aceleram a evaporação solar. As principais salinas estão em Mossoró, Grosso, Areia Branca e Macau.

[7] Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_Grande_do_Norte. Acessado em 5 de março de 201 1.

estado mais seguro do país. A cidade de Natal, a capital do estado, também é considerada a capital menos violenta do país e a décima - quarta cidade mais segura do Brasil.

Figura 2 - Limites e pontos extremos do Rio Grande do Norte



Fonte: Felipe e Carvalho (1999, p. 6).

O Rio Grande do Norte é o estado brasileiro que fica mais perto da Europa e da África, ocupando, assim posição privilegiada, em termos de localização estratégica. Por exemplo, Pereira (2007, p. 10) afirma que, durante a 2ª Guerra Mundial, Natal foi utilizada como ponto de partida para os aviões que decolavam para a Europa, usando Dakar, no Senegal (África), como ponto de apoio, recebendo, por isso, o pseudo-topônimo "Trampolim da Vitória".

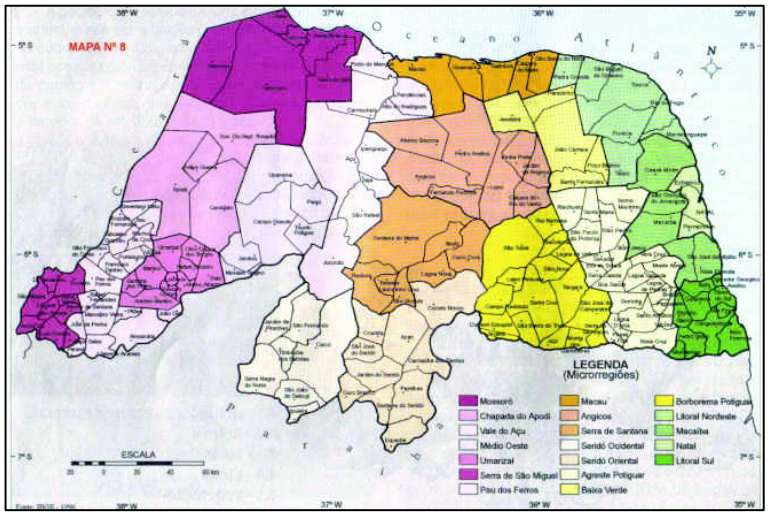
2.2.1 Divisão Política-regional: as mesorregiões, as microrregiões e os seus municípios

Segundo o Bessa (2010, p.75), as mesorregiões, seguindo os critérios vigentes da divisão geográfica do Brasil por regiões, são unidades homogêneas representativas do nível intermediário entre as macrorregiões e as microrregiões. Estas últimas congregam diversos municípios de uma área geográfica com certas similaridades físicas, econômicas e sociais.[8]

Portanto, as mesorregiões geográficas constituem macro-espaço estadual, sendo identificadas, a partir da análise do processo social, aspectos naturais e atividades econômicas.

[8] Estes termos são adotados basicamente pelo IBGE, em suas pesquisas, e utilizados para fins estatísticos e não constituem uma entidade.

Figura 3 – Mapa do Rio Grande do Norte: Mesorregiões, microrregiões e municípios



Fonte: Felipe e Carvalho (1999, p.15).

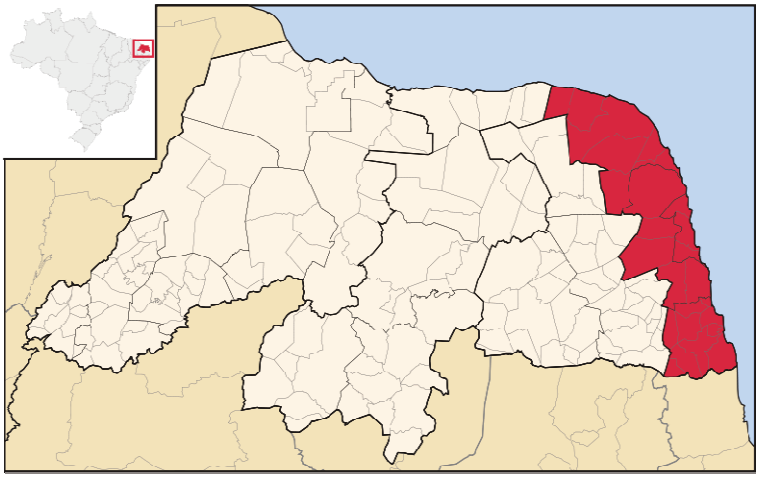
O Estado do Rio Grande do Norte possui quatro mesorregiões: a Mesorregião do Leste Potiguar, a Mesorregião do Agreste Potiguar, a Mesorregião Central Potiguar e a Mesorregião do Oeste Potiguar.[9] Estas duas últimas mesorregiões foram escolhidas para ser o universo da Pesquisa em questão. A seguir, são apresentadas algumas considerações sobre cada uma dessas quatro mesorregiões.

2.2.1.1 A Mesorregião do Leste Potiguar

A Mesorregião do Leste Potiguar corresponde à orla oriental atlântica do Estado. No contexto regional, corresponde à parte setentrional da Zona da Mata, com uma área de 6.451,841 km². Esta messorregião é uma das mais expressivas do RN, tanto do ponto de vista socioeconômico quanto demográfico. Na verdade, é a mesorregião mais populosa, já que, nela, está a capital, Natal, e, além disso, está a Região Metropolitana de Natal que é formada por 8 municípios: Natal, Parnamirim, Macaíba, São Gonçalo do Amarante, Extremoz, Ceará-Mirim, Nísia Floresta e São José do Mipibu.

[9] Além das mesorregiões, o RN encontra-se dividido também em dezenove microrregiões geográficas, abrangendo os 167 municípios.

Figura 4 - Mapa da Mesorregião do Leste Potiguar



Fonte: http://pt.wikipedia.org

Assim, a Mesorregião do Leste Potiguar tem uma população de 1.532.553 habitantes, distribuída nos 25 municípios agrupados em quatro microrregiões: Litoral Nordeste, Macaíba, Natal e Litoral Sul.

Quadro 1 - Municípios da Mesorregião do Leste Potiguar

MICRORREGIÃO	ÁREA TOTAL	POPULAÇÃO ESTIMADA	MUNICÍPIOS	POPOULAÇÃO
Litoral Nordeste	2.541,942 km²	84.026 hab.	Pedra Grande	3.521 hab.
			São Miguel do Gostoso	8.659 hab
			Touros	31.076 hab
			Pureza	8.432 hab
			Taipu	11.836 hab
			Rio do Fogo	10.060 hab
			Maxaranguape	10.442 hab
Macaíba	2.103,409 km²	288.671 hab.	Ceará-Mirim	67.844 hab
			São Gonçalo do Amarante	87.700 hab
			Macaíba	69.538 hab
			São José de Mipibu	39.771 hab
			Nísia Floresta	23.818 hab
Natal	416,165 km²	1.030.774 hab.	Extremoz	24.550 hab
			Natal	803.811 hab
			Parnamirim	202.413 hab
Litoral Sul	1.390,325 km²	129.082 hab.	Senador Georgino Avelino	3.924 hab
			Arês	12.931 hab
			Tibau do Sul	11.402 hab
			Goianinha	22.467 hab
			Espírito Santo	10.480 hab
			Vila Flor	2.872 hab
			Baía Formosa	8.569 hab
			Canguaretama	30.900 hab
			Pedro Velho	14.119 hab
			Montanhas	11.418 hab

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2010).

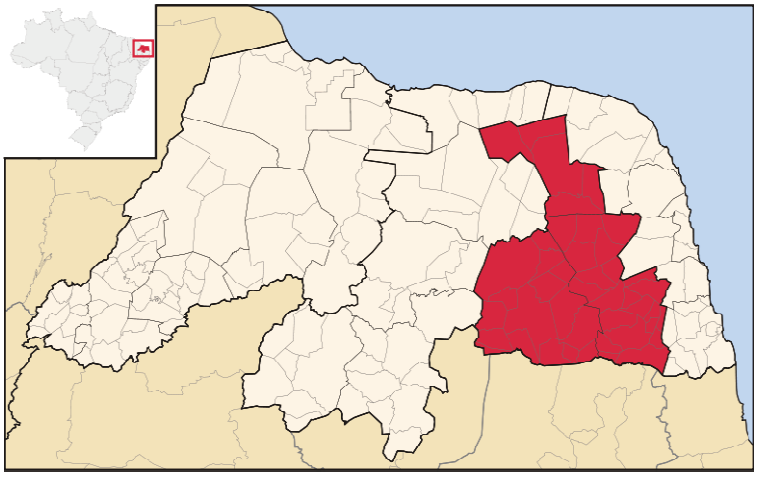
Esta mesorregião foi o primeiro espaço agrícola ocupado no Estado, em função das culturas da cana-de-açúcar que encontraram condições naturais para a sua produção, como o solo de massapé (solo agrícolo rico em argila) e o clima tropical úmido. No dizer de Galvão (2005, p. 15), a cultura da cana se expande pelo litoral úmido e pelos vales dos rios Potengi e Ceará-Mirim, dando início ao povoamento e à ocupação dessa área.

As cidades importantes dessa mesorregião são: Natal, Parnamirim, São Gonçalo do Amarante, Macaíba, Ceará-Mirim, Touros, São Miguel do Gostoso, Canguaretama e Tibau do Sul.

2.2.1.2 A mesorregião do Agreste Potiguar

A mesorregião do Agreste Potiguar constitui uma área de transição paralela à Zona da Mata entre o litoral leste e o interior do estado e tem uma área de 9.367,384 km², sendo a terceira mesorregião mais populosa do Estado, com 426.842 habitantes. Esta mesorregião é formada pela união de 43 municípios agrupados em três microrregiões: Baixa Verde, Agreste Potiguar e Borborema Potiguar.

Figura 5 - Mapa da Mesorregião do Agreste Potiguar



Fonte: http://pt.wikipedia.org

Trata-se de uma zona menos úmida que a Zona da Mata (Litoral Leste), com atividades econômicas centradas na policultura alimentar: milho, mandioca, feijão e com uma estrutura fundiária dominada por pequenos proprietários. O processo de ocupação dessa região baseou-se na atividade agro-pastoril, tendo, portanto, se transformado em fornecedor de produtos vegetais e animais, sobretudo à capital do Estado. Nos últimos anos, o grande destaque, fica para pecuária semi-intensiva de corte e leite, que já emprega tecnologia

moderna (raceamento e pastagens plantadas), o que tem gerado concentração de terras. (GALVÃO, 2005, p. 14).

Quadro 2 - Municípios da Mesorregião do Agreste Potiguar

MICRORREGIÃO	ÁREA TOTAL	POPULAÇÃO ESTIMADA	MUNICÍPIOS	POPOULAÇÃO
Baixa Verde	1.956,742 km²	62.901 hab.	Parazinho	4.845 hab.
			Jandaíra	6.796 hab.
			João Câmara	32.203 hab.
			Poço Branco	13.947 hab.
			Bento Fernandes	5.110 hab.
Agreste Potiguar	3.488,415 km²	229.881 hab.	Ielmo Marinho	12.188 hab.
			Santa Maria	4.762 hab.
			Riachuelo	7.067 hab.
			São Pedro	6.223 hab.
			São Paulo do Potengi	15.866 hab.
			Bom Jesus	9.432 hab.
			Senador Elói de Souza	5.645 hab.
			Serra Caiada (Presidente Juscelino)	8.774 hab.
			Vera Cruz	10.725 hab.
			Boa Saúde (Januário Cicco)	9.009 hab.
			Monte Alegre	20.670 hab.
			Lagoa Salgada	7.565 hab.
			Lagoa de Pedras	6.992 hab.
			Brejinho	11.577 hab.
			Passagem	2.899 hab.
			Serrinha	6.581 hab.
			Santo Antônio	22.214 hab.
			Jundiá	3.585 hab.
			Várzea	5.227 hab.
			Lagoa d'Anta	6.228 hab.
			Passa e Fica	11.111 hab.
			Nova Cruz	35.541 hab.
Borborema Potiguar	3.922,227 km²	134.06 hab.	Ruy Barbosa	3.595 hab.
			Barcelona	3.957 hab.
			Lagoa de Velhos	2.674 hab.
			São Tomé	10.868 hab.
			Sítio Novo	5.020 hab.
			Tangará	14.175 hab.
			Santa Cruz	35.759 hab.
			Lajes Pintadas	4.614 hab.
			Campo Redondo	10.266 hab.
			São José do Campestre	12.359 hab.
			Serra de São Bento	5.746 hab.
			Monte das Gameleiras	2.266 hab.
			Japi	5.522 hab.
			São Bento do Trairi	3.909 hab.
			Coronel Ezequiel	5.405 hab.
			Jaçanã	7.925 hab.

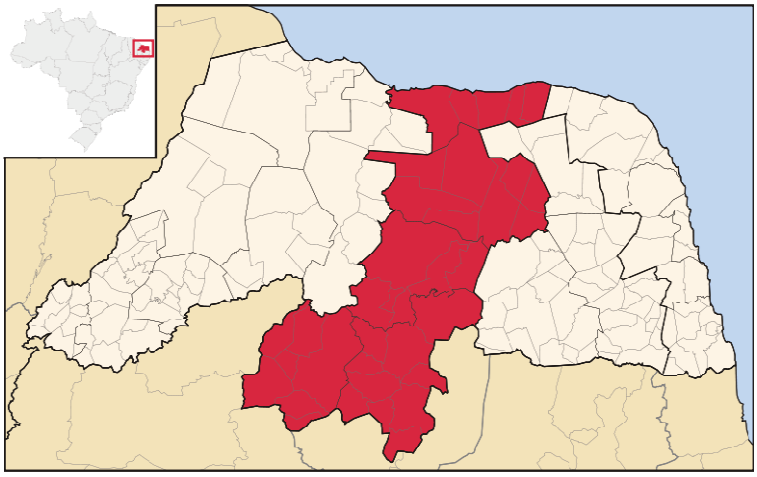
Fonte: IBGE (2010).

Essa mesorregião é a única em que nenhum dos seus municípios é litorâneo. Cidades importantes dessa mesorregião são João Câmara, São Paulo do Potengi e Santa Cruz.

2.2.1.3 A mesorregião Central Potiguar

A mesorregião Central Potiguar tem uma área de 15.810,436 km² e é a menos populosa, com um total de 381.931 habitantes. É formada pela união de 37 municípios agrupados em cinco microrregiões: Macau, Angicos, Serra de Santana, Seridó Oriental e Seridó Ocidental.

Figura 6 - Mapa da Mesorregião do Central Potiguar



Fonte: http://pt.wikipedia.org

Como se pode perceber, esta mesorregião encontra-se na parte central do Estado. Sua organização espacial, segundo Galvão (2005, p. 13), reflete uma estrutura econômica primária com várias atividades tradicionais, caracterizadas pela criação extensiva de gado, agricultura de subsistência, como feijão, milho, mandioca, e desenvolvimento da cultura do algodão, possibilitando, assim, o crescimento das cidades tais como Caicó, Currais Novos e Angicos. Macau também se beneficiou, na organização econômica, da produção do sal. Além destas cidades, Caicó, Currais Novos, Angicos e Macau, os municípios também considerados mais importantes da messorregião são Angicos, Galinhos e Pedro Avelino.

Quadro 3 - Municípios da Mesorregião Central Potiguar

MICRORREGIÃO	ÁREA TOTAL	POPULAÇÃO ESTIMADA	MUNICÍPIOS	POPOULAÇÃO
Macau	1.867,777 km²	52.546 hab.	Macau	28.974 hab.
			Guamaré	12.431 hab.
			Galinhos	2.150 hab.

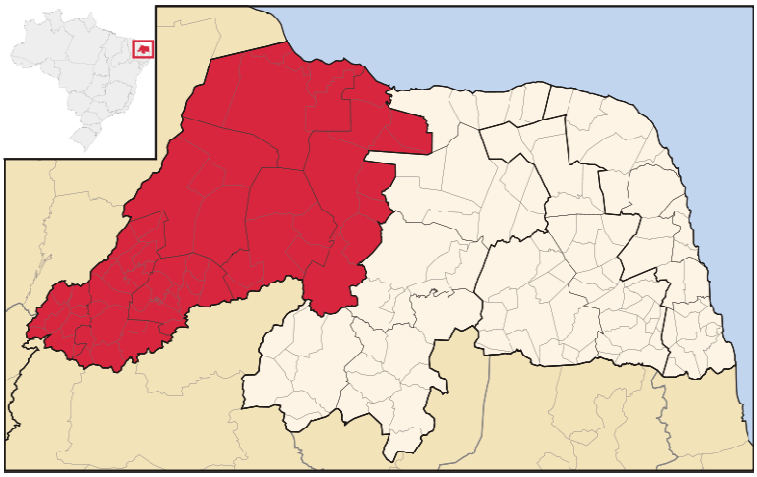
			Caiçara do Norte	6.016 hab.
			São Bento do Norte	2.974 hab.
Angicos	4.079,762 km²	51.329 hab.	Jardim de Angicos	2.607 hab.
			Pedra Preta	2.583 hab.
			Lajes	10.385 hab.
			Caiçara do Rio do Vento	3.304 hab.
			Pedro Avelino	7.168 hab.
			Angicos	11.553 hab.
			Fernando Pedrosa	2.850 hab.
			Afonso Bezerra	10.879 hab.
Serra de Santana	3.019,906 km²	61.524 hab.	Cerro Corá	10.916 hab.
			Bodó	2.425 hab.
			Santana do Matos	13.798 hab.
			Lagoa Nova	13.990 hab.
			São Vicente	6.030 hab.
			Tenente Laurentino Cruz	5.406 hab.
			Florânia	8.959 hab.
Seridó Oriental	3.777,267 km²	118.84 hab.	Currais Novos	42.668 hab.
			Acari	11.035 hab.
			Cruzeta	7.968 hab.
			Carnaúba dos Dantas	7.429 hab.
			São José do Seridó	4.231 hab.
			Jardim do Seridó	12.115 hab.
			Parelhas	20.347 hab.
			Ouro Branco	4.699 hab.
			Santana do Seridó	2.526 hab.
			Equador	5.822 hab.
Seridó Ocidental	3.065,724 km²	97.692 hab.	Caicó	62.727
			São Fernando	3.401
			Jardim de Piranhas	13.511
			Timbaúba dos Batistas	2.295
			São João do Sabugi	5.914
			Serra Negra do Norte	7.770
			Ipueira	2.074

Fonte: IBGE (2010).

2.2.1.4 A mesorregião do Oeste Potiguar

A mesorregião do Oeste Potiguar vai do litoral norte até o trecho sudoeste do Estado. Esta mesorregião tem uma área de 21.167,130 km², sendo a segunda mesorregião mais populosa do Estado, com 840.799 habitantes.

Figura 7 - Mapa da Mesorregião do Oeste Potiguar



Fonte: http://pt.wikipedia.org

O Oeste Potiguar é formado pela união de 62 municípios agrupados em 7 microrregiões: Mossoró, Vale do Açu, Médio Oeste, Chapada do Apodi, Umarizal, Pau dos Ferros e Serra de São Miguel:

Quadro 4 - Municípios da Mesorregião do Oeste Potiguar

MICRORREGIÃO	ÁREA TOTAL	POPULAÇÃO	CIDADES	POPOULAÇÃO 2010 (hab.)
Mossoró	4.198,951 km²	332.679 hab.	Areia Branca	25.315
			Baraúna	24.182
			Grossos	9.393
			Mossoró	259.815
			Serra do Mel	10.287
			Tibau	3.687
Vale do Açu	4.708,834 km²	140.534 hab.	Açu	53.227
			Alto do Rodrigues	12.305
			Carnaubais	9.762
			Ipanguaçu	13.856
			Itajá	6.932
			Jucurutu	17.692
			Pendências	13.432
			Porto do Mangue	5.217
			São Rafael	8.111
Médio Oeste	2.862,807 km²	39.041 hab.	Campo Grande	9.289
			Janduís	5.345
			Messias Targino	4.188
			Paraú	3.859
			Triunfo Potiguar	3.368
			Upanema	12.992
Chapada do Apodi	4.095,443 km²	72.447 hab.	Apodi	34.763
			Caraúbas	19.576
			Felipe Guerra	5.734
			Governador Dix-Sept Rosado	12.374

Umarizal	1.621,102 km²	64.984 hab.	Almino Afonso	4.871
			Antônio Martins	6.907
			Frutuoso Gomes	4.233
			João Dias	2.601
			Lucrecia	3.633
			Martins	8.218
			Olho-d'Água do Borges	4.295
			Patu	11.964
			Rafael Godeiro	3.063
			Serrinha dos Pintos	4.540
			Umarizal	10.659
Pau dos Ferros	2.672,604 km²	114.267 hab.	Alexandria	13.507
			Francisco Dantas	2.874
			Itaú	5.564
			José da Penha	5.868
			Marcelino Vieira	8.265
			Paraná	3.952
			Pau dos Ferros	27.745
			Pilões	3.453
			Portalegre	7.320
			Rafael Fernandes	4.692
			Riacho da Cruz	3.165
			Rodolfo Fernandes	4.418
			São Francisco do Oeste	3.874
			Severiano Melo	5.752
			Taboleiro Grande	2.317
			Tenente Ananias	9.883
			Viçosa	1.618
Serra de São Miguel	971,871 km²	62.755 hab.	Água Nova	2.980
			Coronel João Pessoa	4.772
			Doutor Severiano	6.492
			Encanto	5.231
			Luís Gomes	9.610
			Major Sales	3.536
			Riacho de Santana	4.156
			São Miguel	22.157
			Venha-Ver	3.821
Total	21.167,130 km²	826.707 hab.	67	826.707

Fonte: IBGE (2010).

O povoamento dessa mesorregião está associado à cultura algodoeira, à criação do gado e ao extrativismo da carnaúba. O setor econômico é marcado principalmente pela fabricação do sal marinho e pela extração do petróleo (Mossoró, Grossos, Areia Branca e

Açu). Já o setor frutigranjeiro, a pesca e a exportação de frutas são também outros recursos econômicos que se destacam nessa mesorregião.

2.2.2 Localidades pesquisadas

Para a pesquisa em foco, foram selecionadas 8 localidades: 4 da mesorregião do Oeste Potiguar e 4 da mesorregião central potiguar. No quadro abaixo, apresentam-se as localidades com suas respectivas mesorregiões e microrregiões:

Quadro 5 - Distribuição mesorregional e microrregional das localidades.

Mesorregião	Microrregião	Pontos de Inquéritos
Oeste Potiguar	Mossoró	Mossoró
	Médio Oeste	Janduís
	Chapada do Apodi	Apodi
	Pau dos Ferros	Pau dos Ferros
Central Potiguar	Macau	Macau
	Angicos	Angicos
	Seridó Oriental	Currais Novos
	Seridó Ocidental	Caicó

Fonte: IBGE (2010).

Para cada município foi preenchida uma ficha, contendo os dados sucintos da localidade, elaborada com base nos livros de história e de geografia e, sobretudo, fundamentada nos dados dos sites das prefeituras dos municípios pesquisados, do IBGE[10] e da Wikipédia[11]. Com base nas fichas das localidades, os dados relativos aos municípios escolhidos, para a pesquisa, estão dispostos a seguir.

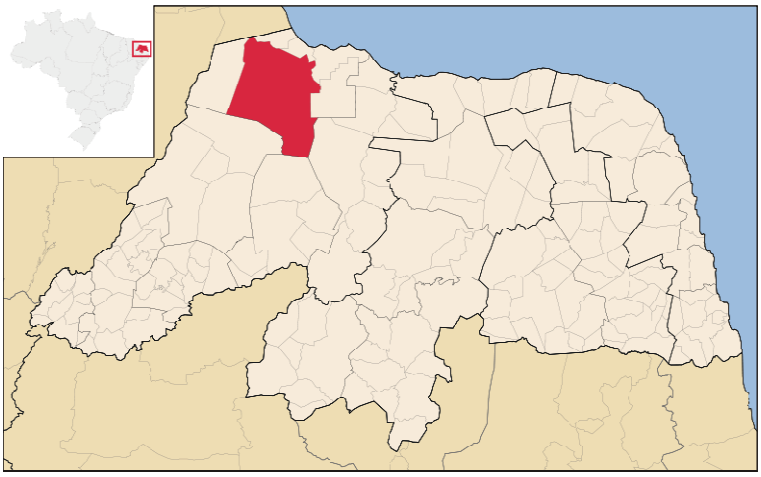
2.2.2.1 Mossoró

Mossoró é o ponto de inquérito nº 1 desta pesquisa. Este município está localizado na microrregião de Mossoró, da mesorregião do Oeste Potiguar. Possui uma área de 2.099,328 km². Sua população estimada em 2010 é de 259.815 habitantes. Nesse total, 125.747 são

[10] Disponível em http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1. Acesso em 05/03/2011.
[11] Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Mesorregi%C3%A3o_do_Oeste_Potiguar. Acessado em 08/03/2011.

homens e 134.068 são mulheres, sendo, na zona urbana, 237.241 habitantes e, na zona rural, 22.574, com uma densidade demográfica de 123,76 hab/Km2. Sua distância rodoviária até a capital é de 285 km.

Figura 8 - Mapa da localização de Mossoró



Fonte: http://pt.wikipedia.org.

Limita-se ao norte com o Estado do Ceará e o Município de Grossos, ao sul com os Municípios de Governador Dix-Sept Rosado e Upanema, ao leste com Areia Branca e Serra do Mel e a oeste com Baraúna. Esta localização é bastante privilegiada, pois Mossoró tem fácil acesso à Fortaleza e Natal.

De acordo com os estudiosos, o topônimo **mossoró** vem do tupi e quer dizer "erosão, corte, ruptura". É uma variante de "monxoró", nome atribuído aos primeiros indígenas que habitavam a região. Mas, para outros, a palavra Mossoró vem de "mororó", árvore flexível e resistente, muito comum no Norte.

Para administração do município[12], a história de Mossoró é recheada de momentos importantes, dentre os quais 4 deles merecem destaque: a) abolição dos Escravos em 1883 (5 anos antes da Lei Áurea); b) o Motim das Mulheres em 1875; c) o Primeiro Voto Feminino, de Celina Guimarães, em 1928 e d) a Resistência ao bando do mais famoso cangaceiro do Nordeste, o Lampião em 1927.

Quanto à abolição dos escravos, a Prefeitura Municipal de Mossoró declara que:

> Mossoró foi a primeira cidade do Rio Grande do Norte a fazer campanhas sistemáticas para liberação dos seus escravos. Não foi uma luta de poucos; foi uma luta que envolveu, de uma maneira ou de outra, toda a cidade de Mossoró. E por ter

[12] Para maiores informações, acesse o site da Prefeitura de Mossoró, disponível em www.prefeiturademossoro.com.br. Acessado em 24/06/2011.

> sido uma luta coletiva, pacífica e pioneira no Estado, é comemorada ainda hoje como sendo a maior festa cívica da cidade.[13]

O que se chamou de "Motim das Mulheres"[14], segundo Maia (2003), foi o movimento que¸ liderado por Anna Floriano, ocorreu a 30 de agosto de 1875, onde cerca de trezentas mulheres saíram pelas ruas da cidade em passeata, com o objetivo de protestar contra a obrigatoriedade do alistamento militar. Revoltadas, as mulheres fizeram de refém o escrivão de paz e em praça pública rasgaram o livro e os papéis que recrutavam os homens mossoroenses para lutar na Guerra do Paraguai. O acontecimento repercutiu tanto na história do município que, em todo mês de setembro na cidade, é representado em um espetáculo, o Auto da Liberdade.

Outro acontecimento marcante para toda a história de Mossoró foi o primeiro voto feminino, em 1928, quando na época, a constituição brasileira, de 1891, só permitia o direito ao voto aos ricos. Foi Celina Guimarães Viana, professora e juíza de futebol, quem obteve o primeiro título eleitoral e o primeiro voto feminino. No Brasil, as mulheres só ganharam o direito ao voto somente seis anos depois, em 1934, durante o governo Vargas.

O primeiro voto também foi considerado como de grande relevância no mundo, uma vez que a maioria dos países também proibia o voto feminino. Além do primeiro voto, Celina Guimarães também teve outra conquista. Ela foi também a primeira mulher a ser eleita como deputada estadual pelo Rio Grande do Norte.

O episódio da passagem de Lampião pela Capital do Oeste potiguar tornou-se capítulo obrigatório em qualquer obra sobre o tema, diz Souza (2007). Em 13 de junho de 1927, o bando atacou Mossoró, mas a cidade resistiu e expulsou os cangaceiros, em frente à capela de São Vicente. É tanto que ele desaparece de qualquer registro histórico por um ano. De acordo com as informações de Souza (2007), Lampião também deixa de atuar nos estados de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. Só em 28 que se têm notícias dele, pelos lados do Raso da Catarina, na Bahia. A resistência ao bando de Lampião também é encenada no patamá da Igreja de São Vicente todos os anos. É o "Chuva de Bala no país de Mossoró", um dos principais espetáculos da cidade.

---

[13] Disponível em: http://www.prefeiturademossoro.com.br/mossoro_historia.php. Acessado em 5 de fevereiro de 2012.

[14] Para conhecer mais sobre o Motim, acesse o artigo jornalístico "O motim das mulheres", do Jornal O Mossoroense. Disponível: http://www2.uol.com.br/omossoroense/120904/nhistoria.htm. Acessado em: 22 de janeiro de 2011.

Figura 9 – Cena do Espetáculo "Chuva de Bala no País de Mossoró"

Fonte: Alexandre Gurgel – Disponível em: http://chaopotiguar.blogspot.com

Mossoró também se destaca pela sua economia. Segundo o IBGE (2010), o Produto Interno Bruto (PIB) de Mossoró é o segundo maior do estado do Rio Grande do Norte e o maior de todo o Oeste Potiguar.

No setor primário, a agricultura é o segmento menos relevante da economia da cidade. No entanto, é importante salientar que Mossoró, juntamente com os municípios vizinhos Assu e Baraúna, é o maior produtor de melão do Brasil. Segundo os dados da Prefeitura de Mossoró, em 2004, a cidade produziu 194 mil toneladas de melão. 84,5% dessa produção, o equivalente a 164 mil toneladas, foi exportada. O restante (30 mil toneladas) atendeu ao mercado interno brasileiro. Este setor também é um dos grandes geradores de emprego em Mossoró e região. Já o setor secundário é o que rende mais na economia do município. Este setor se destaca por Mossoró ser o maior produtor de sal marinho e petróleo (em terra) do país. O petróleo chega a ter uma produção diária de 47 mil barris e mais de 3 500 poços. Na produção de sal, o município é responsável por cerca 95% da produção salineira de todo o Brasil.

De acordo com os estudos do IBGE sobre a hierarquia das cidades, Mossoró é classificada de Capital Sub-regional C, pois é a cidade mais populosa e a que mais influencia as outras da região, recebendo influência diretamente de Natal e Fortaleza.

2.2.2.2 Apodi

Apodi é o ponto de inquérito nº 2 e está localizado na microrregião da Chapada do Apodi, da mesorregião do Oeste Potiguar. Tem uma área total de 1.602,471 km². De acordo com o IBGE, sua população estimada em 2010 é de 34.763 habitantes. Desse total, 17.376 são

homens e 17.387 são mulheres. Na zona urbana, são 17.531 habitantes e, na zona rural, 17.232, com uma densidade demográfica de 21,69 hab/Km2.

Apodi está a 328 km de distância de Capital do Estado. Ao norte, limita-se com o Estado do Ceará e os municípios de Governador Dix-Sept Rosado e Felipe Guerra, ao sul com os Municípios de Umarizal, Itaú e Severiano Melo, ao leste com Caraúbas e Felipe Guerra e ao oeste com Estado do Ceará e os municípios de Severiano Melo e Itaú.

Figura 10 - Mapa da localização de Apodi

Fonte: http://pt.wikipedia.org.

Conforme Câmara Cascudo (2002), a origem da palavra "apodi" vem da variante indígena "a-podi" ou "a-poti", que significa "coisa firme", "altura", "planalto", "chapada". Para o historiador, esta palavra não tem nada a ver com fumo, tabaco, petim, petum, pitim.

Segundo os dados obtidos no site da Prefeitura de Apodi[15], a colonização da região começou com a concessão de sesmarias, em 1680, aos irmãos Manoel Nogueira e seu irmão Baltazar Nogueira, que vindos da Paraíba, estabeleceram-se com fazendas agropecuárias na Ribeira do Apodi. A disputa pelas terras entre os irmãos e os índios Paiacus foi tão grande que os colonizadores tiveram que voltar para Paraíba. Mas tempos depois, em 1700, retornaram às terras do Apodi onde se experimentou uma época de progresso e desenvolvimento por causa da missão dos jesuítas.

Em 1761, a Missão foi extinta e os índios transferidos para outro lugar. No ano de 1766, foi criado o distrito de Apodi. O Município surgiu em 1833, desmembrado do de Portalegre.

---

[15] Disponível em: http://apodiforte.blogspot.com.br/p/apodi.html. Acessado em 4 de dezembro de 2011.

Segundo Guerra (2000), a economia do município de Apodi é, sem dúvida, uma das mais promissoras do Rio Grande do Norte, levando-se em conta os recursos naturais do território. Dispondo de áreas cujas terras se prestam às mais variadas culturas e fruticultura, o Apodi conta com reservas hídricas em grande quantidade. Mesmo estando localizado no sertão Potiguar, o município de Apodi tem um manancial de água cristalina no subsolo, suficiente para irrigar milhares de hectares, e que já está sendo aproveitada com a instalação de empresa de água mineral.

Há também, em Apodi, a barragem de Santa Cruz, capaz de acumular 600 milhões de metros cúbicos d'água, que é um fator importante para a devida implantação de culturas irrigadas na cidade. A economia local se destaca também na piscicultura em pleno desenvolvimento. Há também exploração da castanha do caju, do petróleo e gás natural.

Mas é no turismo que Apodi encontra o seu maior potencial. Uma das melhores opções para o turismo cultural e histórico da cidade é o sítio arqueológico Lagedo de Soledade, distante 12 km do centro de Apodi. O Lajedo de Soledade[16] é o conjunto de cavernas e fendas composto pela Gruta do Urubu, Tanque da Moça, Olho d´Água e Corredor que apresentam pinturas rupestres junto a material paleontológico, constituindo-se importante sítio natural com visitas turísticas organizadas com guias mirins. O local recebe cerca de dez mil visitantes por ano, constituindo-se num dos principais atrativos ecos-culturais também do Rio Grande do Norte.

Figura 11 – Lajedo de Soledade, em Apodi

Fonte: Alexandre Gurgel – Disponível em: http://chaopotiguar.blogspot.com.br

---

[16] Para conhecer mais sobre o Sítio de Lajedo de Soledade, acesse os seguintes sites: http://www.natalonline.com/lajedo_de_soledade_apodi/
www.apodiatualizado.com.br/2010/01/sobre-apodi-rn.html
http://chaopotiguar.blogspot.com.br/2008/10/apodi-o-serto-dos-paiacus.html

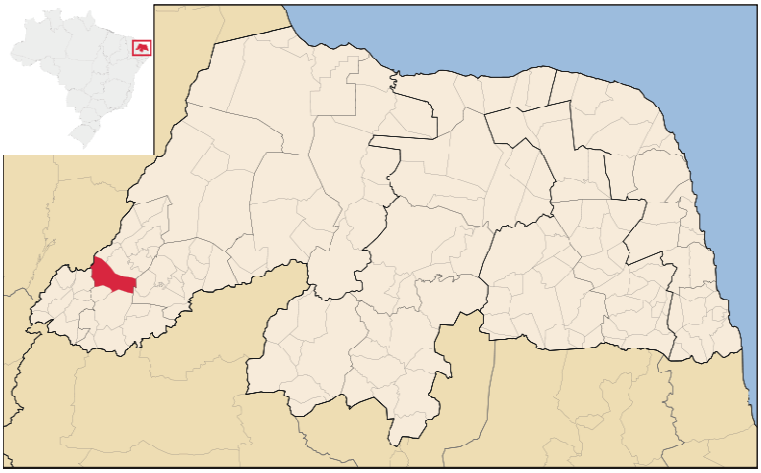
Conforme os estudos do IBGE sobre a hierarquia das cidades, Apodi é um centro de Zona B, recebendo influências diretamente de Mossoró.

2.2.2.3 Pau dos Ferros

A cidade de Pau dos Ferros é ponto de inquérito nº 3. Esta cidade está localizada na microrregião do mesmo nome, na mesorregião do Oeste Potiguar, a 400 Km de distância de Natal. Segundo o IBGE (2010), Pau dos Ferros tem uma área total de 259,958 km² e uma densidade demográfica de 106,73 hab/Km². Sua população estimada, em 2010, é de 27.745 habitantes, sendo 13.516 homens e 14.229 mulheres. Na zona urbana, são 25.551 habitantes e, na zona rural, 2.194.

Pau dos Ferros, ao norte, limita-se com as cidades de São Francisco do Oeste e Francisco Dantas, ao sul com os Municípios de Rafael Fernandes e Marcelino Vieira, ao leste com Serrinha dos Pintos, Antônio Martins e Francisco Dantas e ao oeste com os municípios de Encanto e Ererê (CE).

Figura 12 – Mapa da localização de Pau dos Ferros



Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:RioGrandedoNorte_Municip_PaudosFerros.svg

Os primeiros habitantes de Pau dos Ferros foram os indígenas da tribo dos Cariris ou Panatis, emigrados da Paraíba. A origem do topônimo "Pau dos Ferros" vem de uma oiticica, marcada por ferro em brasa pelos vaqueiros. Segundo Cascudo (1980, p.34):

> Contam que, onde as ruas da cidade, havia uma pequena lagoa, uma ipueira, sombreada de oiticicas. Os vaqueiros gozavam essa alfombra, nos descansos e dormidas, gravando nas cascas das oiticicas ou de uma cajazeira os ferros das fazendas ao derredor. Uma dessas árvores ficou literalmente coberta pelos sinais de

> posse, a heráldica dominadora que indica a propriedade de cada fazendeiro. Assim, aludiram ao "pau dos ferros", como ponto natural para as horas de mormaço ou pernoite, havendo agasalho e água doce.

Esse episódio tornou-se o início de uma comunidade de muitos frutos, como aponta Morais (1998). Assim, o povoado cresceu rapidamente, devido à sua localização e ao seu desenvolvimento da pecuária e da agricultura, importantes fatores de fixação de grupos humanos no território, constituindo, ao mesmo tempo, a base em que se processaria a evolução econômica da região (IBGE, 2010).

Na economia, o Produto Interno Bruto, o (PIB), de Pau dos Ferros é o maior de sua microrregião e o décimo nono do estado. De acordo com dados do IBGE, relativos a 2008, o setor terciário é a maior fonte geradora da economia pauferrense, destacando-se na área de prestação de serviços. Já a indústria é o segundo setor mais relevante para a economia do município. A agricultura é o setor menos relevante em Pau dos Ferros.

Conforme as informações do site da Prefeitura de Pau dos Ferros[17], em 2 de dezembro de 1924, pela Lei n.° 593, a vila de Pau dos Ferros foi elevada à categoria de cidade. Por ser cidade polo de uma grande região, Pau dos Ferros tornou-se o centro comercial de todo Alto Oeste Potiguar. Um dos principais pontos comerciais é o Titanic Center, construído no formato de um navio e inaugurado no final de 2009.

Figura 13 – Fotos do Centro Comercial Titanic Center, em Pau dos Ferros

Fonte: http://www.ferias.tur.br/fotogr/118189/titaniccenterempaudosferros-fotoigorcostacdf/paudosferros/

[17] Disponível em http://www.prefeituradepaudosferros.com.br/site/page/paudosferros.php. Acessado em 12 de março de 2012. Para maiores informações sobre o município, acesse:
http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/riograndedonorte/paudosferros.pdf
http://pt.wikipedia.org/wiki/Pau_dos_Ferros

Pau dos Ferros também conta com vários pontos turísticos, como o Obelisco da Praça Monsenhor Caminha, Monumento Histórico do Bicentenário da Paróquia, construído em 1955, em homenagem ao centenário da emancipação política da cidade, em 4 de setembro daquele ano; o Terminal Turístico Lindalva Torquato, conhecido como "Barravento", que está situado às margens do açude público de Pau dos Ferros; a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, além da Praça de Eventos da Matriz, inaugurada em 25 de junho de 2008, uma das principais áreas de lazer da cidade.

Para estimular ainda mais o desenvolvimento socioeconômico local, a prefeitura de Pau dos Ferros investe também no segmento de festas e eventos. Os eventos culturais com maior destaque são “Pau dos Ferros, Cidade do Forró”, evento com três dias seguidos de shows, sempre em maio ou junho de cada ano; o “Carnapau”, uma micareta que sempre ocorre no mês de julho; a Feira Intermunicipal de Educação, Cultura, Turismo e Negócios do Alto Oeste Potiguar (FINECAP) e o Festival Gastronômico de Pau dos Ferros que ocorrem juntamente com a festa de aniversário de emancipação política de Pau dos Ferros, em 4 de setembro.

2.2.2.4 Janduís

A cidade de Janduís é ponto de inquérito nº 4 e está localizada na microrregião do Médio Oeste, na mesorregião do Oeste Potiguar. Tem uma população estimada em 5.345, sendo 2.650 homens e 2.695 mulheres. Este município tem 1.353 habitantes, na zona rural, e 3.992 habitantes, na zona urbana (IBGE, 2010). Janduís tem uma densidade demográfica de 17,53 hab/km² e está distante da capital do estado, Natal, 286 Km.

Segundo o IBGE (2010), a cidade de Janduís tem em uma área territorial total de 304,899 km², fazendo fronteiras com os municípios de Campo Grande ao norte e leste, Messias Targino, ao sul, Caraúbas, ao norte e Patu, ao oeste.

Figura 14 – Mapa da localização de Janduís

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:RioGrandedoNorte_Municip_Janduis.svg

Em 1878, Janduís era um vilarejo conhecido por São Bento Velho, pertencente a Vicente Gurgel do Amaral, na qual ele criou sua família composta por 11 (onze) filhos dentre os quais se destacou Canuto Gurgel do Amaral que, após a morte do pai, assumiu a administração da propriedade e até hoje é considerado o fundador da cidade de Janduís.

Segundo o site da Prefeitura da Cidade[18], Canuto Gurgel, em pagamento a uma promessa a São Bento, construiu, em 1912, a primeira Igreja do município, como também as primeiras residências, os prédios comerciais e instalou a primeira feira, em 1926. Tudo isso lhe proporcionou uma rápida popularidade na região e promoveu o desenvolvimento do lugar.

No entanto, por algum tempo, durante as feiras, era muito comum a ocorrência de tumultos, confusões e troca de bofetes. Daí, esse lugarejo ser chamado, por muitos anos, de São Bento do Bofete. Em 1938, São Bento Velho recebeu o nome de Distrito Getúlio Vargas, subordinado ao município de Caraúbas. Só em 1943, passou a ser chamado de Janduís, em homenagem aos índios da região. De acordo com as informações obtidas no site da Prefeitura da localidade, a palavra *janduís* significa *Nhandu-í*-a que significa *ema pequena, o corredor, o veloz.*

Atualmente, a cidade vem se destacando no turismo ecológico. A Serra do Pico, o ponto culminante do município, e o Serrote da Nega, são explorados turisticamente por jovens e visitantes que costumam acampar no topo das serras.

---

[18] Para mais informações, acesse http://www.janduis.rn.gov.br/

Os principais eventos da cidade acontecem na Praça Santa Terezinha que fica em frente à Igreja Matriz, esta sendo considerada uma das mais belas do estado por sua arquitetura e arborização.

Figura 15 – Foto da Praça e Matriz de Santa Terezinha

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Igreja_Santa_Teresinha_Janduis.jpg

Por causa dos tradicionais grupos de teatro, Janduís é conhecida nacionalmente como "Estrela do Sertão", em homenagem aos grupos de artistas da cidade. Os eventos mais importantes são a Emancipação Política e os festejos de São Bento, em julho, e Santa Teresinha, em outubro.

2.2.2.5 Macau

Macau é o ponto de inquérito nº 5. Este município está localizado na microrregião de Macau, da mesorregião Central Potiguar e no Polo Costa Branca. Com uma área total de 788 km², Macau tem uma população estimada de 28.954 habitantes, com uma densidade demográfica de 36,74 hab/km² (IBGE, 2010). O número da população masculina e feminina corresponde a 14.182 e a 14.772 habitantes, respectivamente. Já o número de pessoas da zona urbana (21.966 habitantes) é bem maior que o da zona rural (6.988 habitantes).

O município de Macau está localizado a 176 km de distância de Natal. Ao norte, limita-se com o Oceano Atlântico, ao sul com os municípios de Pendências, Afonso Bezerra, Alto do Rodrigues e Pedro Avelino, ao leste com os municípios de Guamaré e Pedro Avelino e ao oeste com Carnaubais e Porto do Mangue.

Figura 16 – Mapa da localização de Macau

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:RioGrandedoNorte_Municip_Macau.svg

Antes da cidade de Macau existir, o seu povoamento foi iniciado na ilha de Manuel Gonçalves que era habitada por portugueses interessados na exploração e no comércio do sal. Em 1825, as águas do Oceano Atlântico começaram a invadir a ilha e quatro anos depois, os seus moradores, sem condições de permanecerem no local, partiram em busca de outro lugar, na mesma região, e encontraram outra ilha, bem localizada, na foz do rio Piranhas-Açu, que proporcionava melhores condições de vida para o povoado. Destacam-se como os fundadores do povoado de Macau, os portugueses Capitão Martins Ferreira e os seus genros José Joaquim Fernandes, Manuel José Fernandes, Manuel Antonio Fernandes e Antonio Joaquim de Sousa. Esses fundadores chamaram, então, a ilha de Macau. Este topônimo vem de uma palavra chinesa "Ama-ngao" que significa *abrigo* ou *porto de Ama, deusa dos navegantes*. O povoado recebeu este nome por causa da sua localização geográfica.

Com o passar do tempo, Macau foi crescendo e se desenvolvendo, tornando-se município, no dia 2 de outubro de 1847.

Na economia, o município se destaca, principalmente, na grande produção, comercialização e exportação de sal marinho, na extração de Petróleo em terra e mar nas localidades adjacentes e nos pescados, sendo, segundo o IBGE (2012)[19] um dos maiores produtores nacionais de sardinha.

[19] Informação do site http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1

Figura 17 – Foto do Moinho de Vento, na entrada de Macau

Fonte: Prefeitura de Macau - http://www.macau.com.br/index.php

De acordo com o site da Prefeitura de Macau[20], o município consta de vários atrativos turísticos, como o litoral que é apropriado para a prática de esportes náuticos, banho, lazer, pesca de barco e submarina, e passeios de barcos e botes. Outro ponto turístico são os mangues macauenses. Com seu estado de preservação natural, corresponde a uma área de manguezal de 480 hectares. As salinas também são pontos importantes do turismo da cidade. Macau possui o maior parque salineiro do País. Com uma área de, aproximadamente, 350 hectares de cristalizadores, a produção de Sal Marinho, em Macau, responde por mais de 40% da produção do Brasil. Além disso, Macau também abriga o complexo industrial Polo Gás-Sal que é responsável pelo aproveitamento produtivo dos insumos naturais existentes no Rio Grande do Norte, tais como, sal, gás natural e petróleo. Por fim, entre os diversos atrativos histórico-culturais do município, destaca-se o moinho de vento, símbolo maior da cidade, que representa as antigas salinas artesanais da região.

2.2.2.6 Angicos

O município de Angicos, o ponto de inquérito nº 6, está localizado na microrregião homônima, na mesorregião Central Potiguar, com uma área territorial de 742 km², à margem esquerda do rio Pataxó ou Angicos. Sua distância rodoviária até a capital do Estado é de 171 km. No ano de 2010, conforme os dados do Censo do IBGE, Angicos tinha uma população estimada em 11.549 habitantes. Os homens correspondiam a 5.656 habitantes

[20] Para informações, acessar http://www.macau.com.br/conheca-macau.php

e as mulheres a 5.893. Na zona urbana, tinha 10.085 habitantes e, na zona rural, apenas 1.464, com uma densidade demográfica de 15,57 hab/km².

Os municípios limítrofes de Angicos são Afonso Bezerra e Pedro Avelino (norte), Fernando Pedroza e Santana do Matos (sul), Lajes (leste), Ipanguaçu (oeste), além de Itajá (sul e oeste).

Figura 18 – Mapa da localização de Angicos

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:RioGrandedoNorte_Municip_Angicos.svg

O topônimo Angicos vem de uma frondosa árvore do mesmo nome que existente em boa quantidade na região. Segundo o site da Prefeitura do município[21], Antônio Lopes Viegas foi o fundador da cidade, tendo como ponto de partida a compra do sítio dos Angicos, em 1760. Sua primeira construção, no povoado, foi a capela dedicada a São José. Mas, na verdade, os primeiros habitantes do local foram os índios da tribo Pataxó.

Economicamente falando, em torno de 80% da população ativa do município dedica-se a agropecuária. Segundo as informações obtidas no site do IBGE (2010), [22] a cultura e o beneficiamento do algodão constituem a principal fonte de renda do Município. Lá se produz um dos melhores algodões do Estado.

No município de Angicos, encontra-se um dos principais símbolos do Estado do Rio Grande do Norte: o Pico do Cabuji (em tupi-guarani, "região de muitas pedras"), uma serra com 590 metros de altitude, de 19,7 milhões de anos, no período miocênico, considerado um dos pontos mais elevados do Estado.

---

[21] http://www.angicos.rn.gov.br/?ID_PG=links-mostra&id=14
[22] http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1

Figura 19 – Foto do Pico do Cabugi

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Pico-do-Cabugi.jpg

Lá, encontra-se o Parque Ecológico Estadual do Cabugi, criado em 1988, que objetiva, segundo Instituto de Desenvolvimento Sustentável e Meio Ambiente do Rio Grande do Norte, o IDEMA/RN, proteger um dos raros remanescentes da atividade vulcânica do território nacional, conservar uma porção do bioma Caatinga do entorno da formação geológica, ordenar o uso e a ocupação da área e estimular a atividade turística local sem depreciar o meio ambiente[23]. A visita a esse parque é permitida para pesquisa científica, educação ambiental, lazer e geoturismo.

Angicos também tornou-se mais notável no campo da educação e pesquisa através das experiências pioneiras do grande educador Paulo Freire, com seu método de alfabetização de adultos. No início de 1963, Freire aplicou o método e ensinou 300 pessoas a ler e escrever em 45 dias, com apenas 40 horas de aula e sem cartilha. Esse trabalho teve grande visibilidade em todo Brasil e no Exterior.

Atualmente, Angicos também começou a ser conhecida, na região, como Cidade Universitária, por causa da implantação, no ano de 2011, de um Campus da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA).

2.2.2.7 Currais Novos

A cidade de Currais Novos é o ponto de inquérito nº 7 e fica distante 172 km de Natal. Com uma extensão territorial de 864,344 km² e com uma densidade demográfica de

---

[23] Informações do IDEMA/RN: http://www.idema.rn.gov.br/contentproducao/aplicacao/idema/unidades_de_conservacao/gerados/pico_cabugi.asp

49,35 hab/km², Currais Novos está localizada na microrregião do Seridó Oriental, na mesorregião Central Potiguar. De acordo com Censo do IBGE, em 2010, a população desse município era estimada em 42.652 habitantes, sendo 20.373 homens e 22.279 mulheres. Na zona urbana, eram 37.777 habitantes e, na zona rural, 4.875.

Figura 20 – Mapa da localização de Currais Novos

Fonte:http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:RioGrandedoNorte_Municip_CurraisNovos.svg

Os municípios que se limitam com Currais Novos são os seguintes: Lagoa Nova e Cerro Corá (norte), Carnaúba dos Dantas, Frei Martinho e Picuí (sul), estas duas últimas, com a Paraíba; Campo Redondo e São Tomé (leste) e São Vicente e Acari (oeste).

Segundo a Prefeitura de Currais Novos[24], os primeiros habitantes do povoado foram os índios Cariris, mas os primeiros colonizadores foram os criadores de gado, pois o início do município está muito ligado ao período do Ciclo do Gado, no séc. XVIII.

Um dos pioneiros da localidade, considerado o fundador, em 1755, foi o Coronel Cipriano Lopes Galvão. Segundo os dados do IBGE[25], esse coronel teve indireta influência histórica na escolha do nome do povoado, quando construiu novos currais, na época das apartações do gado, ao iniciar os trabalhos de outra fazenda, para um de seus filhos. Assim, os moradores que residiam próximo aos currais velhos, começaram a morar perto de currais novos e a designar a localidade, também, pelo topônimo Currais Novos.

---

[24] Informações do site http://www.curraisnovos.rn.gov.br/portal1/municipio/historia.asp?iIdMun=100124035
[25] Mais informações no site: http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1

Figura 21 – Foto do monumento Cristo Rei, em Currais Novos

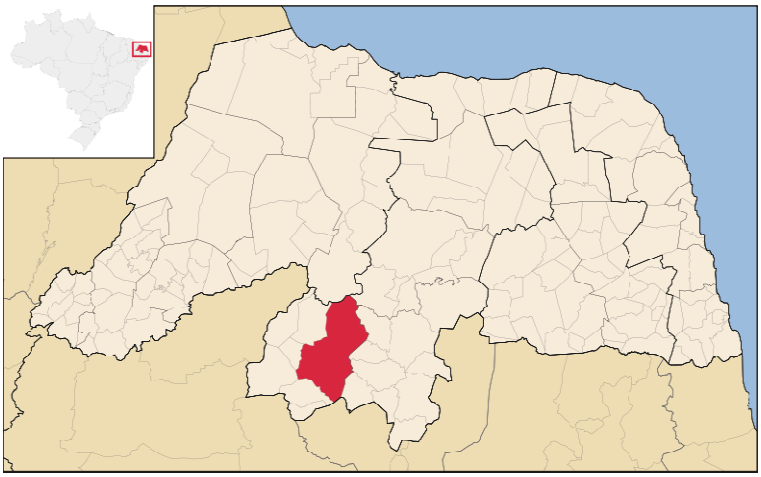
Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Crsito_Rei_02.jpg

Desde o início do município, as suas principais atividades econômicas são a agricultura, a pecuária e a extração mineral. Dentre as atrações turístico-histórico-culturais da cidade, destacam-se a vaquejada que se tornou uma tradição para o município, atraindo diversos participantes e visitantes; a estátua de Cristo Rei, uma réplica fiel, mas bem menor que a estátua do Cristo Redentor, do Rio de Janeiro, trazida da França e doada pelo Cel. Manoel Salustino, em 1937; a Matriz dedicada à Sant'Ana, construída em 1808; o Complexo Turístico da Mina Brejuí, com a maior mina de scheelita da América do Sul e o Rio dos Apertados, com o único canyon de rocha granítica do mundo.

2.2.2.8 Caicó

A cidade de Caicó é o ponto de inquérito nº 8 e está localizada na microrregião do Seridó Ocidental, na mesorregião Central Potiguar. Com uma extensão territorial de 1.228,576 km² e com uma densidade demográfica de 51,04 hab/km², Caicó está a 256 km de distância da Capital do Estado, Natal. A população de Caicó está estimada em 62.709 habitantes. Sua grande maioria, 57.461, mora na zona urbana e apenas 5.248, na zona rural. Do número total da população, 30.373 são homens e 32.336 são mulheres.

Figura 22 – Mapa da localização de Caicó



Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:RioGrandedoNorte_Municip_Caico.svg

Ao norte, Caicó limita-se com os municípios de Jucurutu e Florânia, ao Sul, com São João do Sabugi e Várzea (PB), ao leste, com Cruzeta, São José do Seridó, Jardim do Seridó e Ouro Branco e ao Oeste, com Serra Negra do Norte, Timbaúba dos Batistas e São Fernando.

Os dados históricos do IBGE apontam que a colonização de Caicó surgiu por volta de 1700, quando batedores paraibanos penetraram no sertão para caçar os indígenas que eram expulsos, para que os fazendeiros de outros Estados e alguns portugueses pudessem instalar suas criações de gado bovino. Assim, em 1788, Caicó era apenas um distrito chamado de Vila Nova do Príncipe. Em 1868, é elevado à condição de cidade com o mesmo nome anterior. Em fevereiro de 1890, passou a ser chamado de Cidade do Seridó. Cinco meses depois, emancipa-se e recebe o nome de Caicó. Há muita controvérsia a respeito da origem desse nome. Mas, para Gurgel, a versão mais aceitável é a de Câmara Cascudo:

> Segundo os ensinamentos do mestre Câmara Cascudo, a origem do nome Caicó se encontra entre os índios e, dentre as várias versões existentes, a mais aceitável é a que pertence ao idioma dos Tarairiús, do grupo dos Cariris, que habitavam aqueles sertões. Esses indígenas identificavam a palavra Cuó, que serve à designação de acidentes geográficos (serra) da região. Ainda o rio pelo nome de "quei", o que sugere que Caicó seja uma corruptela de "Queicuó", o mesmo que rio do Cuó. (GURGEL, 2008, p.1).[26]

[26] Trecho citado do site Grande Ponto, de Alex Gurgel. Disponível em: http://grandeponto.blogspot.com.br/2008/09/esse-arcaico-serto-do-caic.html

No início do povoado, a atividade econômica mais importante era o beneficiamento do algodão. Mas o que sobreviveu mesmo ao tempo foi a produção de bordados artesanais, conhecidos dentro e fora do País, graças à tradição dos portugueses que se instalaram no povoado.

Atualmente, Caicó possui o maior rebanho de bovinos e a maior produção leiteira do Estado, fornecendo matéria-prima para uma grande produção de queijo de manteiga e de coalho. O município também destaca-se por ser o maior polo de confecção de bonés do Nordeste

São muitas as atrações turísticas da cidade. A mais importante é a Festa da padroeira Sant'Ana, realizada sempre no mês de julho, tombada como patrimônio imaterial do Brasil, em 2010. Além disso, Caicó conta também com o Museu do Seridó, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), que preserva, conserva e divulga a história e a memória do povo seridoense.

Figura 23 – Foto do Castelo de Engady, em Caicó

Fonte: http://heitorgregorio.com.br/2010/05/castelo-de-engady-tambem-esta-em-total-abandono/

Destaca-se também o Castelo de Engady, uma edificação rústica construída pelo Monsenhor Antenor Salvino de Araújo, em 1974, para ser um local de recolhimento, estudos, meditação e oração; e o Arco do Triunfo que é um monumento construído em homenagem à passagem da imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima pela cidade, em novembro de 1953. Essa construção foi inaugurada em agosto de 1958 e está localizada na praça, em frente da Catedral de Sant'Ana.

Numa pesquisa dialetológica, que trata da relação entre língua, sociedade e espaço geográfico, faz-se necessário uma contextualização com o campo de estudo onde se quer pesquisar. Portanto, a intenção deste capítulo foi, justamente, o de situar a pesquisa em

questão, fazendo um levantamento panorâmico dos aspectos geográficos, históricos e econômicos do Rio Grande do Norte, como também, de modo mais detalhado, dos municípios potiguares selecionados como pontos de inquérito, para que os interessados na leitura deste trabalho possam ter uma visão clara de todo processo pelo qual a pesquisa passou e entenda melhor os resultados obtidos.

3 PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO DA DIALETOLOGIA E DA GEOLINGUÍSTICA

3.1 Conceitos Básicos

3.1.1 Sistema, Norma e Fala

Coseriu (1973), perpassando por concepções pós-saussureanas, observou divergências evidentes sobre as definições dos conceitos de língua *versus* fala, de Saussure (2001). As maiores discrepâncias se devem aos graus de abstração e ao fato de o que corresponde à língua, para outros corresponde à fala e vice-versa. Com isso, Coseriu (1973, p. 40-41) chega à seguinte conclusão:

> Enquanto as discrepâncias dependem fundamentalmente da diversidade dos pontos de vista adotados, as incoerências dependem, por um lado, do planejamento, e por outro, do aprofundamento do problema: 1) o fato de que as diferenças se estabelecem em uma linguagem abstrata, a priori, concedida como entidade orgânica que se manifestaria em vários planos; 2) a tendência a considerar a língua e a fala como duas realidades autônomas, como dois componentes da linguagem; 3) a insuficiência mesma da dicotomia, que, ou não esgota a complexa realidade da linguagem, ou deve necessariamente juntar aspectos heterogêneos sob um mesmo rótulo; 4) a interferência entre os vários pontos de vista, com consequente oposição estabelecida entre planos não-correlacionados; 5) o fato de considerar-se equivalentes, do ponto de vista da extensão, conceitos como "acervo linguístico", "aspecto social da linguagem" (o qual, naturalmente, constitui consequência de 4)[27].

Contrapondo-se a essas discrepâncias, Coseriu postula alguns princípios básicos para uma doutrina realista e coerente quanto à língua e fala. Os princípios são:

a) as distinções e oposições devem se estabelecer, em primeiro lugar, na fala, a realidade concreta da linguagem;
b) a fala não deve se opor à língua, pois esta está presente naquela; fala e língua são interdependentes;

---

[27] Mientras que las discrepancias dependen fundamentalmente de la diversidad de los puntos de vista adoptados, las incoherencias, por un lado, al planteamiento, y por otro, ao fondo mismo del problema: 1) el hecho de que las distinciones se establecen en un lenguaje abstracto, apriorísticamente concebido como entidad orgânica que se manifestaria em vários planos; 2) la tendencia a considerar La lengua y el habla como dos realidades autónomas, como dos componentes del lenguaje; 3) la insuficiencia misma de la dicotomia, que, o no agota la compleja realidad del lenguaje, o debe necesariamente aunar aspectos heterogêneos bajo um mismo rótulo; 4) la interferencia entre los varios puntos de vista, com consecuente oposición estabelecida entre planos no-correlativos; 5) el hecho de considerarse equivalentes, desde el punto de vista de la extensión, conceptos como "acervo linguístico", "aspecto social del lenguaje" (lo cual, naturalmente, constituye corolário de 4).

c) tendo claro os distintos graus de abstração, deve-se reconhecer e nomear as diferenças que se destacam, sem reduzi-las aos moldes da dicotomia saussureana língua e fala;

d) o elemento social se comprovará na fala individual, abandonando-se a oposição fictícia entre "indivíduo social" e uma "sociedade intraindividual";

e) conceitos linguísticos como "uso linguístico de uma comunidade" e "sistema funcional" possuem uma clara diferença quanto ao plano de abstração, e é justamente isso que estabelece a distinção entre norma e sistema.

Esses pontos justificam o modelo de Coseriu. Ao estudar a dicotomia língua *versus* fala, ele viu que no espaço entre uma e outra há um outro nível de análise que não foi previsto por Saussure. No lugar da dicotomia, Coseriu propôs uma tripartição que é da maior importância: Sistema, Norma e Fala. Sobre isso, o linguista romeno afirma que:

> [...] podemos dizer que o Sistema é um conjunto de oposições funcionais; a Norma é a realização coletiva do sistema, que contém o Sistema em si mesmo e ainda, os elementos funcionalmente "não pertinentes", mas usuais no falar de uma comunidade; o falar (ou, se prefere, a Fala) é a realização individual- concreta da Norma, que contém a Norma em si mesma e ainda, a originalidade expressiva de seus falantes. (COSERIU, 1973, p. 97).[28]

Partindo destas noções de Sistema, Norma e Fala, percebe-se que cada nível corresponde a um nível maior de abstração: o sistema é um nível maior de abstração, eliminando tudo o que há de diferente na norma social que abstrai tudo o que é puramente subjetivo ou ocasional, considerando a realização coletiva do sistema; já a fala corresponde às expressões inéditas, o acervo de possibilidades comumente usadas pelo falante, em seu concreto falar individual.

Figura 24 – Esquema da relação entre Sistema, Norma e Fala.

Fonte: Coseriu (1973).

[28] [...] podemos decir que el *sistema* es um conjunto de oposiciones funcionales; la *norma* es la realización "coletiva" del sistema, que contiene el sistema mismo y además, los elementos funcionalmente "no pertinentes", pero normalesen el hablar de uma comunidad; el *hablar* (o, si se quiere, *habla*) es la realización individual-concreta de la norma, que contiene la norma misma y, además, la originalidad expresiva de los individuos hablantes

Mesmo sendo distintas, cada uma dessas realidades é interdependente com relação às outras.

3.1.1.1 Sistema Linguístico

Para Coseriu (1973, p.98):

> O Sistema é sistema de possibilidades, de coordenadas que indicam caminhos abertos e caminhos fechados: pode considerar-se como conjunto de "imposições", mas também e talvez melhor, como conjunto de liberdades, uma vez que, admite infinitas realizações e existe apenas se não afetarem as condições funcionais do instrumento linguístico.[29]

Na verdade, o que Saussure chamou de Língua, Coseriu chama de Sistema, que consiste no conjunto de possibilidades verbais, muitas delas ainda nem exploradas pelos usuários da língua.

É um Sistema de possibilidades formado pelas unidades da língua que se relacionam segundo determinadas regras. Essas unidades da língua, tanto podem ser unidades em uso, quanto àquelas possíveis de serem usadas.

Mesmo sendo regido pelas regras, o sistema possibilita várias maneiras de essas regras serem atuadas, sem prejudicar a essência desse sistema, numa comunidade linguística. Seria, então, o que Coseriu denominou de conjunto de imposições, a parte normativa que mantém a estabilidade do sistema linguístico.

As regras, que são estabelecidas pelos próprios usuários, integram a "gramática" e prescrevem o funcionamento do Sistema. Já um conjunto de liberdades diz respeito à inovação, desde que o caráter funcional do sistema não seja infringido.

A relação equilibrada entre imposições e liberdades, no Sistema, possibilita que uma língua mude sem deixar de ser a mesma. Nesse sentido, pode-se dizer que toda a mudança, com mais ou menos intensidade, já faz parte da língua. Ela muda porque está em constante funcionamento que é sempre dinâmico.

---

[29] El Sistema es sistema de posibilidades, de coordenadas que indican caminos abiertos y caminos cerrados: puede considerarse como conjunto de „imposiciones", pero también, y quisá mejor, como conjunto de libertades, puesto que admite infinitas realizaciones y sólo exige que no se afecten las condiciones funcionales del instumento linguístico.

3.1.1.2 Norma Linguística

O termo "norma" tem tido muitas acepções. Neste trabalho, tem-se a intenção de abordar o conceito de norma em Coseriu. A concepção, que Coseriu adota, traz uma orientação para o estudo da língua como a "descrição de uma normalidade": constatação do real, descrição de fatos de uso corrente da língua; estado habitual, comum entre os falantes; é definido no sentido matemático de frequência real dos comportamentos linguísticos observados. Portanto, para ele, "norma" não tem um sentido de critérios de correção e de valoração subjetiva do expressado, mas sim, daquilo que é, objetivamente, comprovável numa língua. Refere-se ao "como se diz" e não ao como se deve dizer. No dizer de Coseriu (1973, p. 98):

> [...] o que, na realidade, se impõe ao indivíduo, limitando sua liberdade expressiva e comprimindo as possibilidades oferecidas pelo Sistema, dentro de uma demarcação fixada pelas realizações tradicionais é a Norma. A Norma é, efetivamente, um sistema de realizações obrigatórias, de imposições sociais e culturais, e varia de acordo com a comunidade[30].

É por causa da Norma que os falantes podem se servir de algumas possibilidades do Sistema, descartar umas e, ainda, não utilizar outras. A Norma consiste nos padrões grupais de uso, na forma como os usuários fazem uso do Sistema para comunicarem-se. Ou seja, é Norma tudo o que é de uso comum e corrente numa dada comunidade linguística. É norma linguística aquilo que já se tornou "normal", "habitual", "fixado" na fala das pessoas da comunidade. A Norma contém apenas o que, na Fala concreta, é repetição de modelos anteriores. A Norma, assim, baseia-se nos princípios da alta frequência e na distribuição regular dos fatos linguísticos usados pelos falantes. Ou seja, para que se torne Norma algo tem que ser falado muitas vezes e por muitos falantes.

Portanto, na Norma, o importante são as formas de Fala que se revelam representativas. Nesse caso, na Norma, não se incluem os casos de variantes individuais presentes na Fala, mas apenas os modelos anteriormente usados e consagrados pela comunidade linguística.

---

[30] [...] lo que, en realidad, se impone al individuo, limitando su libertad expresiva y comprimiendo las posibilidades ofrecidas por el Sistema, dentro de um marco fijado por las realizaciones tradicionales es la Norma. La Norma es, en efecto, un sistema de realizaciones obligadas, de imposiciones sociales y culturales, y varía según la comunidad.

De acordo com Coseriu (1973), podem existir várias normas em uma mesma comunidade linguística:

> [...] dentro do mesmo sistema funcional podem-se confirmar várias normas (linguagem familiar, linguagem popular, língua literária, linguagem culta, linguagem vulgar, etc), diferentes, sobretudo, ao que se refere ao vocabulário, mas frequentemente também nas formas gramaticais e na pronúncia [...] (COSERIU, 1973, p. 98).[31]

Há normas regionais, sociais, geracionais, culturais, sexuais e profissionais. Essas normas se relacionam entre si e, nos atos de fala, os falantes usam várias normas, combinando-as de acordo com as situações comunicativas. Isso quer dizer, então, que um único sujeito pode passar ou relacionar uma norma à outra, bem como em uma mesma comunidade, podem coexistir diferentes normas.

3.1.1.3 Fala

Quando os falantes usam a Língua, mesmo obedecendo a certas leis do Sistema linguístico, ocorrem frequentes alterações que, se forem aceitas pela coletividade e ajustadas às regras do Sistema, podem se tornar em fatos linguísticos que constituem a fala. Na concepção de Coseriu, esses atos são:

> [...] atos de criação inédita, por corresponder a intuições inéditas, mas são, ao mesmo tempo – pela mesma condição essencial da linguagem, que é a comunicação -, atos de re-criação; não são invenções totalmente arbitrárias do falante, mas sim, que se estruturam sobre modelos já existentes, que os novos atos contêm e, ao mesmo tempo, os superam. (COSERIU, 1973, p. 94).[32]

A Fala é a materialização do Sistema, é a concretização individual do código linguístico feita pelos sujeitos que participam do ato comunicativo. Como aponta Cristianini (2007), pode-se configurar a fala em dois aspectos: a repetição dos modelos responsável por explicitar a permanência e a estabilidade do sistema linguístico; e a criação de elementos

---

[31] [...] dentro del mismo sistema funcional pueden comprobarse varias normas (lenguaje familiar, lenguage popular, lengua literaria, lenguaje elevado, lenguage vulgar, et cétera), distintas sobre todo por lo que concierne al vocabulario, pero a menudo también en las formas gramaticales y en la pronunciación [...].

[32] [...] actos de creación inédita, por corresponder a intuiciones inéditas, pero son, al mismo tiempo – por la misma condición esencial del lenguaje, que es la comunicación –, actos de re-criación; no son invenciones *ex novo* y totalmente arbitrarias del individuo hablante, sino que se estructuran sobre modelos precedentes, a los que los nuevos actos contienen y, al mismo tiempo, superan.

novos que remete à inovação, evidenciada pelas milhares de formas novas e criativas encontradas nas interações verbais.

Assim, Encarnação (2010, p. 129) afirma que a fala "traz o movimento que vai da repetição à re-criação e vice-versa, possibilitando o grau máximo de variação linguística". Ainda para Encarnação (2010, p.130), é na Fala que está refletido o equilíbrio entre a repetição de modelos já existentes, definidos na Norma, e a criação e/ou re-criação de elementos novos. É na fala que se instalam os fatos linguísticos utilizados pelos sujeitos. Quando estes fatos linguísticos atingem alta frequência e distribuição regular começam, então, juntamente com os modelos anteriores reconhecidos pela comunidade linguística, a representar a Norma, que é variável, segundo os limites e a índole da comunidade considerada. (COSERIU, 1973, p.96).

Assim, para Coseriu, o sistema é o ideal coletivo, a norma é o real coletivo e a fala é o ideal individual. Esses conceitos de Sistema, Norma e Fala, de Coseriu, apresentados aqui, são de fundamental importância para uma pesquisa que pretende levar a cabo a intenção de descrever a norma real, aquela que é habitual, regular, tradicional dentro das comunidades linguísticas escolhidas como pontos de inquérito.

3.1.2 Língua e dialeto

Para Alvar (1968), a *língua* é o sistema linguístico de que se utiliza uma comunidade falante e que se caracteriza por ser grandemente diferenciado, por possuir alto grau de nivelação, por ser veículo de importante tradição literária e, às vezes, por ter-se imposto a sistemas linguísticos de sua própria origem. Para o mesmo autor, *dialeto* pressupõe um sistema divergente de uma língua comum, viva ou desaparecida, normalmente com uma concreta limitação geográfica, mas sem forte diferenciação frente a outros de origem comum. Já segundo Ramírez (1999, p. 38), língua é o conjunto de dialetos regionais. Sobre a relação entre *língua* e *dialeto*, Coseriu (1982a, p. 11-12) afirma também que:

> Um dialeto, sem deixar de ser intrinsecamente uma língua, se considera subordinado a outra língua, de ordem superior. Ou, dizendo-se de outra maneira: o termo dialeto, enquanto oposto à língua, designa uma língua menor incluída em uma língua maior, que é, justamente, uma língua histórica (ou idioma). Uma língua histórica – salvo casos especiais – não é um modo de falar único, mas uma família histórica de modos de falar afins e interdependentes, e os dialetos são membros dessa família ou constituem famílias menores dentro de uma família maior.

Então, em relação à língua portuguesa, pode-se dizer que a maneira como os portugueses e brasileiros falam essa língua constitui dialetos, um diferente do outro. Seriam,

assim, variedades de uma mesma língua. Até mesmo o próprio português do Brasil é formado por vários dialetos, como por exemplo, o nordestino, o gaúcho etc.

Além disso, Coseriu dá como características dos dialetos, as seguintes:

a) no sentido etimológico, é um modo interindividual de falar;

b) um modo comum de falar é um sistema de isoglossas e esse sistema é uma "língua";

c) entre língua e dialeto não há diferença substancial;

d) todo dialeto é uma língua, mas nem toda língua é um dialeto;

e) dialeto designa uma língua menor, incluída numa maior que é uma "língua histórica", um "idioma", como variedade espacial desta.

Quando se estuda uma língua dentro de um marco social, isso possibilita várias oportunidades para perceber a variação linguística em diferentes contextos sócio-culturais e nos diversos aspectos da língua estudada. Para Ramírez (1999, p.40), alguns padrões linguísticos operam nas seguintes categorias:

a) os componentes da língua (fonológicos, léxico, sintático, semântico);

b) as regiões ou espaços geográficos;

c) os grupos sociais (classe alta, média, profissionais, operários, camponeses);

d) as diferenças entre os falantes (idade, sexo, educação, etnia);

e) os estilos de fala (formal, informal, literário, familiar);

f) os atos ou acontecimentos comunicativos (saudações, desculpas);

g) os tipos de textos (orais ou escritos, espontâneos ou não espontâneos);

i) os domínios sociolinguísticos (casa, vizinhança, escola, trabalho, religião).

No dizer de Ramírez (1999, p. 38), "a língua está na sociedade e a sociedade se reflete na língua". Com isso, pode-se perceber que as relações entre a língua e a sociedade existem em vários níveis e se manifestam de diversos modos. Pela própria dinamicidade da língua é que surgem as variações linguísticas em cada um dos seus níveis. Os espaços geográficos, ou seja, a distância em que os indivíduos de uma comunidade se encontram, em relação a outras comunidades, possibilitam as variações linguísticas. As pessoas de região geográfica se distinguem dos falantes de outros lugares por meio de sua pronúncia, vocabulário etc. Mas também dentro de uma mesma comunidade de fala, pessoas de origem geográfica, de idade, de sexos diferentes falam distintamente. E, se pertencem a uma mesma região, também apresentam características diversas, tendo em vista os diferentes estratos sociais e as diferentes circunstâncias de comunicação.

Ou seja, a língua reflete a estrutura social em relação às diferenças linguísticas entre os grupos sociais. Os fatores sociais (como idade, sexo e etnia) também influenciam no comportamento linguístico dos indivíduos. Além disso, a língua também varia em relação às formas que se empregam nos diferentes estilos de fala, tipos de textos e atos comunicativos.

3.1.2.1 Variações linguísticas e tipos de dialetos

Numa afinidade entre Dialetologia e Sociolinguística, pode-se relacionar os três tipos de variantes (dialetos) que Coseriu apresenta:

a) variedades diatópicas, diferenças no espaço geográfico (espaciais);

b) variedades diastráticas, diferenças nos estratos sociais e culturais (sociais);

c) variedades diafásicas, diferenças nas diferentes circunstâncias e situações (estilísticas).

Para compreender melhor o que seja dialeto, faz-se necessário relacioná-lo com o termo isoglossa que é "uma linha virtual que marca o limite, também virtual, de formas e expressões linguísticas" (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p. 12-13). Ou seja, através de uma linha desenhada numa determinada região, demarcam-se áreas onde ocorrem certas variantes linguísticas que não ocorrem nas outras. Desse modo, as isoglossas podem apontar contrastes e semelhanças linguísticas no espaço geográfico (isoglossas diatópicas ou dialetos); semelhanças e diferenças linguísticas sócio-culturais (isoglossas diastráticas ou níveis de língua); diferenças de estilo (isoglossas diafásicas ou estilos de língua). [33] Essas isoglossas se interpenetram de tal forma que uma influencia a outra e, às vezes, fica difícil distingui-las ou separá-las. A partir desse conceito de isoglossa, pode-se definir o dialeto como um conjunto de isoglossas que formam uma relativa homogeneidade dentro de uma comunidade linguística em confronto com outras. Mas, com essa relativa homogeneidade, percebe-se que não existem limites rígidos entre as línguas, uma vez que toda a língua histórica é constituída por um conjunto de dialetos. (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p. 16).

Portanto, pode-se observar que cada unidade sintópica (dialeto de uma região) pode conter diferenças diastráticas (socioculturais) e diferenças diafásicas (de estilo); cada unidade diastrática pode conter diferenças diatópicas e diafásicas; cada unidade sinstrática (por exemplo, na linguagem familiar) apresentará diferenças diatópicas e diastráticas. Então,

---

[33] Além disso, dependendo da natureza dos fatos linguísticos analisados, as isoglossas podem ser lexicais (isoléxicas), fônicas (isófonas), morfológicas (isomorfas) e sintáticas (isossintagmáticas).

conclui-se que dialeto não é só pertinente a variações regionais, havendo também dialetos sociais e dialetos estilísticos. Desse modo, todo dialeto é uma variedade que é marca de uma região, de um grupo social, mas nem toda variedade é um dialeto.

As variedades geográficas ou diatópicas são as que ocorrem num plano horizontal da língua, concorrendo nas comunidades linguísticas, sendo responsáveis pelos chamados *regionalismos*, provenientes de dialetos ou falares locais. Para Coseriu, as variedades geográficas estabelecem a oposição linguagem urbana x linguagem rural. A linguagem urbana está sempre mais próxima da linguagem comum devido aos fatores sócio-culturais como a escola, os meios de comunicação e a literatura. A linguagem rural sofre menos a influência desses meios, permanecendo conservadora e isolada até que os meios sócio-culturais lá penetrem e a modifiquem. Já as variedades sócio-culturais ocorrem no plano vertical, numa comunidade específica, seja urbana ou rural, e podem estar relacionadas aos falantes (ou ao grupo a que pertencem), à situação extralinguística ou aos dois ao mesmo tempo. As variantes sócio-culturais relacionadas aos falantes dizem respeito à idade, ao sexo, à raça, à profissão, posição social, ao grau de escolaridade e ao local em que reside na comunidade. Esse tipo de variedade ocorre com maior frequência no nível fonético ou no nível do léxico. No nível morfossintático, também ocorre, embora numa frequência menor. Mas isso não quer dizer que o nível morfossintático não seja abundante em exemplos que marcam de forma acentuada a variação diastrática, como são os casos de concordância nominal (os menino) e verbal (eles vai), morfologia verbal (eles foro), morfologia nominal (degrais), entre outros.

Com base no que se viu acima, pode-se afirmar que os falantes de uma mesma língua, mas de regiões distintas, apresentam características linguísticas e expressivas diversificadas e, se pertencerem a uma mesma região, ainda assim não falarão obrigatoriamente da mesma maneira, tendo em vista os diferentes estratos sociais de que participam e as circunstâncias diversas em que se trava a comunicação.

3.2 A Dialetologia, a Sociolinguística e a Geolinguística

Riveiro (2007, p.21) afirma que antes de 1970, os estudos da língua relacionados com o espaço geográfico recebiam diferentes denominações que respondiam a uma visão não integradora das diversas formações das pessoas dedicadas a este campo e das metodologias que aplicavam. Essas diferentes denominações mais ou menos tradicionais dos estudos geolinguísticos são apresentadas a seguir.

3.2.1 A Dialetologia e a Sociolinguística

A Dialetologia é, a princípio, a ciência que estuda a variação linguística dentro de uma área geográfcia, como afirma Coseriu (1982a). É, sobretudo, o estudo comparativo de um conjunto de dialetos numa certa área linguística. Conforme Coseriu (1973), a Dialetologia registra e estuda a variedade idiomática como tal (não a reduzindo à homogeneidade) e trata de tirar da variedade inferências acerca do modo como funciona, se constituem e se modificam as tradições idiomáticas.

Enquanto Coseriu tem uma visão mais limitada, Chambers e Trudgill (1988), adota uma posição mais avançada do termo "dialetologia", sendo esta o estudo não só das variantes espaciais, mas também das variantes sociais. Neste mesmo pensamento, Cardoso (2010, p.15) aponta que a Dialetologia tem como tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica. Também Menéndez afirma que: "do ponto de vista teórico, Dialetologia é o estudo da variedade e da variação diatópica e diastrática da linguagem (nos diversos 'estados' da língua e estilos), e não tem seu próprio método específico de coletar e estudar o seu material." (MENÉNDEZ, 1990, p.16).

Indo além, Pastorelli, Martins e Isquerdo (2005) dizem que a Dialetologia relaciona-se com a Etnografia que é um campo de estudos mais vasto, que se ocupa do estudo da cultura de um povo (conjunto de ideias, conhecimentos, técnicas e artefatos, padrões de comportamento e de atitudes que caracterizam um grupo humano). Exprime, em suma, a herança social de um grupo, visto que a sua transmissão se faz pelo convívio entre diferentes gerações.

Já Ramirez (1999, p. 40) diz que a Dialetologia é uma disciplina com uma larga tradição e uma metodologia claramente definida que estabelece fronteiras geográficas sobre os usos de certas formas linguísticas, sejam elas fonológicas, morfológicas, sintáticas ou léxicas. Para este autor, entre os estudos da Dialetologia, estão os trabalhos sobre a origem dos traços diferenciadores, a dialetalização ou fragmentação da língua como sistema linguístico de comunicação, os meios de extensão de fenômenos linguísticos entre uma sociedade ou dentro de uma zona geográfica e a padronização da língua em zonas bilíngues.

Com tantos pontos de vista, às vezes, diferentes entre si, o impasse da definição de Dialetologia continua: a Dialetologia é um ramo da Linguística ou uma ciência autônoma com várias orientações? Isto porque, a partir de 1960, segundo Chambers e Trudgill (1994) e

Menéndez (1990), diversas denominações foram criadas em torno da Dialetologia, tais como dialetologia tradicional, dialetologia histórica, dialetologia estrutural, dialetologia gerativa ou transformativa, dialetologia geográfica ou espacial, dialetologia regional e dialetologia social. De acordo com Riveiro (2007), estas várias denominações apresentam alguns graves problemas na própria definição de Dialetologia que têm mesmo a ver com a sua consideração ou não com o ramo da Linguística.

Mas com o surgimento da Sociolinguística, o significado de Dialetologia foi se tornando mais amplo, especialmente nos países anglo-saxões, para designar também os novos estudos sobre a variação linguística em relação aos fenômenos sociais. Assim, para as novas orientações sociológicas, quando fazem parte da Dialetologia, utilizam-se o adjetivo social.

Neste sentido, o termo dialetologia passou a referir-se a todos os estudos que tratam da variação linguística em suas abordagens espacial, social e histórica. Esta é, segundo Riveiro (2007, p.23), a concepção que se encontra hoje na maioria dos manuais de Dialetologia.

É tanto que, na visão de Cardoso (2010, p.25), a Dialetologia não pode deixar de lado os fatores extralinguísticos, inerentes aos falantes. Dessa forma, esses fatores tornam-se elementos de investigação, convivendo com a busca de identificação de áreas geograficamente definidas do ponto de vista dialetal. Pode-se perceber, então, que a Dialetologia e a Sociolinguística podem caminhar juntas, embora o enfoque diatópico (geográfico) e o diastrático (sociolinguístico) da variação linguística sejam tratados de forma diferente pelas duas.

A Dialetologia, mesmo considerando os fatores sociais relevantes na coleta e no tratamento dos dados, tem como base a descrição da localização espacial dos fatos linguísticos. Já a Sociolinguística prioriza a relação entre os fatos linguísticos e fatores sociais, mesmo que reconheça as diferenças dos fenômenos linguísticos dialetais. Para Thun (2000), a Sociolinguística estuda a variação linguística na sua dimensão vertical, enquanto a Dialetologia faz o mesmo, tomando como ponto de partida e de chegada o plano horizontal. A propósito sobre a relação entre a Dialetologia e a Sociolinguística, Blanch (1978, p. 53-4) afirma que

> A dialetologia pode, evidentemente, beneficiar-se com as contribuições da Sociolinguística como de fato já tem se estado beneficiando. O progresso que tem estabelecido a sociolinguística com seu rigor e minuciosas considerações de fatores sociológicos, antes só superficialmente atendidos pela dialetologia, é contribuição de

> primeira magnitude, que a atividade dialetológica haverá de ter agora em muita consideração.[34]

Durante muito tempo, os estudos linguísticos priorizaram a língua escrita, ficando a fala relegada a segundo plano. A Dialetologia e a Sociolinguística, então, surgem da necessidade de se estudar a língua em seu contexto social, ou mais especificamente, da intenção de se estudar a diversidade linguística a partir da fala.

Assim, embora os estudos dos dialetos sociais tenham sido considerados desde os primórdios da Dialetologia, a Sociolinguística, como ciência, veio depois. No que se refere à Dialetologia anteceder a Sociolinguística, Silva-Corvalán (1988, p.8) aborda:

> A dialetologia é uma disciplina com larga tradição, com uma metodologia bem estabelecida e uma rica e valiosa literatura. É indiscutível que a dialetologia trouxe contribuição de importância à sociolinguística e à linguística geral. [...]
> Sociolinguística e dialetologia se tem considerado até certo ponto sinônimos uma vez que ambas as disciplinas estudam a língua falada, o uso linguístico e estabelecem as relações que existem entre certos traços linguísticos e certos grupos de indivíduos. Assim como a sociolinguística, a dialetologia reconheceu desde cedo a existência da heterogeneidade linguística.

Assim, a Dialetologia e a Sociolinguística são disciplinas complementares. Na verdade, a princípio, os fatos recolhidos de diferenças horizontais, regionais, seriam estudados pela Dialetologia, enquanto os verticais, sociais, seriam do interesse da Sociolinguística. Isto é, a Dialetologia teria por centro de interesse o estudo das unidades sintópicas e, sobretudo, as diversidades diatópicas, enquanto à Sociolinguística caberia o estudo das unidades sinstráticas e diastráticas, ficando com a Estilística as unidades sinfásicas e a diversidade diafásica.

Entretanto, não há consenso entre os estudiosos em relação a esses campos de atuação. Sobre isso, Ferreira e Cardoso reconhecem a dificuldade de distinguir a Dialetologia da Sociolinguística:

> Na verdade, definir objetivo e metas dos vários ramos da ciência da linguagem, como, aliás, em qualquer ciência, é sempre muito difícil porque são fluidos ou pouco nítidos esses limites, mais fluidos e pouco nítidos se tornam quando se fala de dialetologia e sociolinguística que têm – ambas - como objetivo maior o estudo da diversidade da língua dentro de uma perspectiva sincrônica e concretizada nos atos da fala. (FERREIRA E CARDOSO, 1994. p19).

---

[34] La dialectología puede, evidentemente, beneficiarse mucho con las aportaciones de la sociolingüística, como de hecho ya se há estado beneficiando. El progreso metodológico que há establecido la sociolingüística com su rigurosa y detenida consideración de factores sociológicos antes sólo superficialmente atendidos por la dialectología, es aportación de primera magnitud, que la actividad dialectológica habrá de tener ahora muy en consideración.

Já Blanch (1978, p. 42), não concorda com os seguintes pensamentos: dialetologia é igual à linguística diatópica e sociolinguística é igual à linguística diastrática. Segundo este autor,

> [...] Se a Dialetologia tem como finalidade geral o estudo das falas, deverá tratar tanto das suas variedades regionais como das sociais, tanto do eixo horizontal quanto do vertical.
> [...] O fato de a Dialetologia ter dedicado o melhor do seu esforço para o estudo de falas regionais, especialmente rurais, não pode ser interpretado como um fato definidor, mas uma circunstância transitória.

Então, sobre a relação entre esses dois enfoques, o autor acredita que, como a Dialetologia tem em vista o estudo da fala, ela deve, necessariamente, na medida do possível, enfocar a fala tanto a partir de suas variedades regionais como das sociais, tanto do eixo horizontal como do vertical.

Para o linguista porto-riquenho López Morales, citado por Riveiro (2007), há uma diferença clara entre o que é Dialetologia e Sociolinguística: a primeira encarrega-se de estudar as variedades dialetais em si mesmas, enquanto que a segunda leva em conta o contexto social dessas variedades. Além disso, López Morales reconhece que existe uma estreita relação entre Dialetologia e Sociolinguística, insistindo nas origens dialetológicas desta última: "Neste sentido, Sociolinguística é, em parte, herdeira da Dialetologia." (LÓPEZ MORALES, 1989, p.31, citado por RIVEIRO, 2007, p. 27). Elas se complementam. E como os falantes de uma língua sobrevivem e se articulam em sociedade, entende-se que, ao optar pelas orientações da Dialetologia, o uso dos princípios e dos métodos da Sociolinguística, como, por exemplo, a variação de idade, sexo e escolaridade, possibilita, à pesquisa dialetológica, uma descrição e interpretação do fenômeno linguístico no contexto social das comunidades pesquisadas.

Ainda segundo Riveiro, basicamente, a partir dessa relação entre Dialetologia e Sociolinguística, pode-se deduzir duas concepções de Dialetologia:

> A primeira, mais tradicional e restrita, define-a como o estudo da variação e variedades linguísticas diatópicas e não lhe dá uma posição clara dentro da linguística. A segunda concepção, relativamente recente e, mais ampla, fala da dialetologia como o estudo das variedades linguísticas, ou seja, a parte da linguística que se encarrega de analisar os fenômenos de variação dentro das línguas não só em função do espaço, mas também da sociedade e mesmo da história. (RIVEIRO, 2007, p. 27).[35]

---

[35] A primeira, máis tradicional e restrinxida, defínea como o estudo da variación e variedades lingüísticas diatópicas e non lle outorga unha posición clara dentro da lingüística. A segunda concepción, relativamente

Com isso, no dizer deste autor, estes pontos de vista possibilitam duas concepções na relação entre Dialetologia e Sociolinguística: por um lado, a Sociolinguística fazendo parte da Dialetologia e, por outro, esta englobando dentro daquela e com outras disciplinas linguísticas centradas no estudo da variação e da mudança. (RIVEIRO, 2007, p. 27-28).

Nesta pesquisa dos falares da região centro-oeste potiguar, o pesquisador adota a concepção que ver a dialetologia como o estudo das variedades linguísticas não só geográficas, mas também sociolinguísticas. Para tanto, a relação entre Dialetologia e Sociolinguística mais adequada para a pesquisa em questão é aquela que coloca essas disciplinas no mesmo pé de igualdade, cada uma com seus enfoques e metodologias apropriados.

3.2.2 A Geolinguística

Como se pode perceber facilmente, o termo "geolinguística" é derivado da palavra "linguística" juntamente com o prefixo grego "geo" que significa "terra". A definição desse prefixo está relacionada com o espaço físico, com a superfície terrestre. Mas também com o espaço geográfico, ou seja, com os lugares e os territórios. Portanto, grosso modo, pode-se dizer que a Geolinguística é responsável por estudar as relações entre a linguagem humana e a superfície terrestre. Porém, como afirma Riveiro, "esta definição é vaga e um tanto confusa: que elementos da superfície terrestre interagem e incidem na linguagem humana e vice-versa? É bem provável que nem todos ou, pelo menos, não todos da mesma forma." (RIVEIRO, 2007, p. 20).[36]

Na verdade, para se ter um bom entendimento do que seja Geolinguística e do que ela se ocupa, é preciso entender, primeiramente, os termos linguística e geografia. O primeiro já é muito familiar. Já o segundo diz respeito a outra área de conhecimento. Portanto, é interessante apresentar aqui a sua definição. Para Ferreira (2010), geografia é: "Ciência que tem por objeto a descrição da superfície da Terra, o estudo dos seus acidentes físicos, climas, solos e vegetações, e das relações entre o meio natural e os grupos". Pode-se, então,

---

recente e xa máis ampla, fala da dialectoloxía como o estudo das variedades lingüísticas, é dicir, a parte da lingüística que se encarga da analizar os fenómenos de variación dentro das linguas non só en función do espazo, senón tamén da sociedade e mesmo da historia.

[36] "Porén, esta definición resulta vaga e un tanto confusa: que elementos da superficie terrestre interaccionan ou inciden na linguaxe humana e viceversa? Decerto que non todos ou, polo menos, non todos do mesmo xeito". (Tradução nossa).

basicamente, distinguir uma geografia que estuda os aspectos físicos (como relevo, clima, fauna e flora) e uma geografia que se ocupa dos aspectos humanos (como população e atividades do homem, como por exemplo, econômicas).

Assim, a geografia estuda ou analisa o espaço geográfico, isto é, todos os elementos físicos ou humanos que se desenvolvem e (inter)atuam sobre a superfície da Terra. E um desses elementos é a linguagem humana que, também, varia a partir de fatores claramente espaciais, como população, distância, comunicações, tráfego etc. Desse modo, como aponta Riveiro, a Geolinguística estuda a linguagem humana como variável do espaço geográfico. Não apenas como uma variável independente, mas interagindo com outras variáveis que constroem e fazem evoluir com elas o mesmo espaço geográfico. (RIVEIRO, 2007, p. 21).

Portanto, enquanto a geografia, em geral, se define como estudo da superfície terrestre, o prefixo geo-, de Geolinguística, refere-se mais ao conceito de “espaço geográfico” e não tanto para o conceito mais restrito de "superfície terrestre".

A Geolinguística, então, descreve a distribuição geográfica dos fenômenos linguísticos, levando em consideração os fatores extralinguísticos. Já que leva em consideração a linguagem e o espaço geográfico, a Geolinguística faz parte da linguística ou da geografia? Segundo Riveiro (2007. p.21), na realidade, o estudo da linguagem em relação ao espaço geográfico existia antes na linguística que na geografia. E foram os trabalhos dialetológicos portanto, que trouxeram uma significativa contribuição para o conhecimento da realidade linguística de uma região ou de um país.

Estes trabalhos dialetológicos atuais podem ou não estar fundamentados nos princípios teórico-metodológicos da Geolinguística que, segundo Coseriu (1982, p. 79) pressupõe o registro em mapas especiais.

Portanto, como aponta Ramírez (1999, 40), o objetivo principal da Geolinguística é estabelecer uma série de mapas em que se cartografa a distribuição de certos elementos linguísticos que são identificados e classificados.

Jules Gilliéron (1845-1925), linguista suíço, foi quem lançou primeiro as bases da Geolinguística ou Geografia Linguística, o que proporcionou um maior desenvolvimento na abordagem das línguas, a partir de suas variedades, com resultados que permitiram reformulações nas teorias linguísticas existentes.

Para Dubois (1978, p. 307), a Geolinguística “é o estudo das variações na utilização da língua por indivíduos ou grupos sociais de origens geográficas diferentes”. Também é um estudo cartográfico dos dialetos, conforme aponta Iordan (1962, p.273): “A

geografia linguística significa a representação cartográfica do material linguístico com o objetivo de determinar a repetição topográfica dos fenômenos".

Sobre os fundamentos e alcances práticos e teóricos desse método, escreveu Coseriu (1982a, p.79):

> Na terminologia técnica da Linguística atual, a expressão "geografia linguística" designa exclusivamente um método dialetológico e comparativo [...] que pressupõe o registro em mapas especiais de um número relativamente elevado de formas linguísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais) comprovadas mediante pesquisa direta e unitária numa rede de pontos de um determinado território, ou que, pelo menos, tem em conta a distribuição das formas no espaço geográfico correspondente à língua, às línguas, aos dialetos ou aos falares estudados[37].

Portanto, a Geolinguística, que surgiu bem depois da Dialetologia, não é uma ciência, mas sim, um método cartográfico, amplo e reconhecidamente utilizado como instrumento de pesquisa dialetológica. Este método se dá na aplicação de um questionário a um grupo de informantes com certas características, numa rede de pontos, para que os resultados sejam apresentados em tabelas e, finalmente, em cartas. Dessa forma, para Cristianini (2006a, p.1):

> É possível visualizar as relações entre o ambiente geográfico e a difusão e distribuição espacial dos fenômenos linguísticos, verificando-se a norma diatópica da localidade. É o registro do material coletado em cartas linguísticas que, compiladas, constituem os atlas linguísticos.
> A ideia de se apresentarem os resultados em forma de atlas surgiu quase espontaneamente, por facilitar com uma vista de olhos as particularidades de um dialeto. Se comparado com o estudo dos glossários, foi um passo à frente nos estudos dialetais, pois por meio de uma carta linguística podemos visualizar, de maneira sinóptica, as variedades linguísticas de determinado lexema em uma dada área geográfica.

A Geolinguística, sendo método por excelência da Dialetologia, leva em consideração a variação linguística espacial e se mostra eficaz para o conhecimento das variantes regionais. Mas, além disso, as diferenças linguísticas, determinadas por outros fatores como escolaridade, sexo, faixa etária, fatores de natureza econômico-social são,

---

[37] En la terminología técnica de la lingüística actual, la expresión "geografía lingüística"designa exclusivamente un método dialectológico y comparativo [...] que pressupone el registro en mapas especiales de un número relativamente elevado de formas lingüísticas (fónicas, léxicas o gramaticales) comprobadas mediante encuesta directa y unitaria en una red de puntos de un territorio determinado, o, por lo menos, tiene en cuenta La distribución de las formas en el espacio geográfico correspondiente a la lengua, a lãs lenguas, a los dialectos o a los hablares estudiados.

também, atualmente, passíveis de observação, descrição e análise pela Geolinguística, não apenas do ponto de vista geográfico ou diatópico, mas também social ou diastrático.

Tendo por base os estudos de Aragão (informações verbais)[38], as principais tarefas da Geolinguística são:

a) coletar e registrar materiais;
b) identificar e descrever áreas linguísticas (domínios linguísticos, áreas dialetais etc.);
c) aperfeiçoar os métodos de investigação direta da multiforme realidade do falar, proporcionando aos linguistas poderosos instrumentos e fontes de estudo que são os atlas;
d) confirmar hipóteses;
e) pôr em evidências novos fatos;
f) contribuir para esclarecer e modificar uma série de problemas que hoje são mais conhecidos ou são propostos de outra forma;
g) analisar as dinâmicas geográficas das suas variações internas;
h) estimar a importância territorial das línguas e das suas variedades em diferentes escalas (local, regional, nacional);
i) estudar situações de conflito territorial causado pelas diferenças linguísticas;
j) conhecer as representações que as pessoas têm dos espaços linguísticos, das suas falas e da sua dinâmica territorial.

Também de acordo com Aragão (2007), a Geolinguística contribui para os seguintes fatos:

a) demonstrar que cada mudança linguística parte de um indivíduo falante e se difunde por razões sociais e culturais;
b) que não existem mudanças simultâneas em toda uma língua, devidas a obscuras razões fisiológicas ou biológicas;
c) que as mudanças fonéticas se difundem com as palavras e que cada fenômeno tem sua área de difusão, segundo sua antiguidade e sua aceitação no ambiente social;

---

[38] Informações apresentadas pela Profa. Maria do Socorro Silva de Aragão, por ocasião da disciplina Dialetologia, ministrada no Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal do Ceará (UFC), no segundo semestre de 2007.

d) que os fenômenos linguísticos não só os lexicais, mas também os fônicos e gramaticais, passam de uma língua a outra;

e) que cada palavra, cada forma linguística, tem sua própria história e contribui para modificar a própria concepção da história da língua.

A grande importância da Geografia Linguística se revela claramente para a consecução de atlas linguísticos. Então, para que um Atlas Linguístico? Apresentam-se três argumentos que justificam a construção de um atlas linguístico. São eles: pesquisa linguística variacionista (fonética, morfossintaxe, léxico), história da língua (documentação) e política linguística (política de ensino). Sobre a importância dos atlas linguísticos, Rossi (1963, p. 93) declarou:

> [...] (os atlas) permanecem como uma das maiores conquistas da Linguística do século XX [...] Permitem ver muito em extensão, mas com o sacrifício da profundidade e do pormenor, embora como inventário preliminar constituam o ponto de partida mais seguro para o aprofundamento dos estudos mais exaustivos de áreas menores [...] com dados [...] colhidos ao vivo, que frequentemente contrariam todos os pressupostos apriorísticos.

Na mesma linha, afirmou Alvar (1958, p. 85):

> O grande interesse do atlas está na grande massa de materiais que oferece agrupados; penso sobretudo nas múltiplas surpresas que oferece. [...] As descobertas feitas por um atlas são como brechas numa muralha: através das fendas será possível penetrar no ignorado [...].

É grande a importância das pesquisas implementadas com base na elaboração de atlas linguísticos. Daí, a afirmação de Nascentes (1958, p.7): "Poucos sabem aqui [...] qual é o valor de um atlas, qual a sua necessidade para a solução de múltiplos problemas e, dos que sabem, poucos dão importância a essas questões". Através da Geolinguística, registram-se, assim, a variação linguística, com suas especificidades e generalidades encontradas em determinadas áreas dialetais, contribuindo assim para o conhecimento da língua que se fala.

Mas além dessa contribuição para a linguística, a Geolinguìtica, como método da Dialetologia, também oferece subsídios a outras áreas, consideradas afins, como a História, a Sociologia, a Antropologia, a Etnologia.

3.2.2.1 A Geolinguística Pluridimensional

Enquanto a Dialetologia tradicional é, geralmente, criticada por causa do seu caráter monodimensional, pois produzindo atlas linguísticos que apresentam apenas dados,

por exemplo, monostráticos, monogeracionais e monofásicos, a Dialetologia atual, caracterizada pela perspectiva pluridimensional, não localiza somente os fatos linguísticos nos espaços geopolíticos, mas sim, preocupa-se com as características sociais dos informantes e com as suas implicações no uso que fazem da língua. Segundo Thun, Forte e Elizaincín (1989, p.28), esta nova Dialetologia produz informações sobre a variação linguística em diferentes dimensões, como acontece no *Atlas Lingüístico Diatópico e Diastrático do Uruguai* (ADDU), que é capaz de dar uma imagem da pluridimensionalidade e das inter-relações dos fenômenos variacionais.

Respondendo aos apelos da realidade atual, a Geolinguística pluridimensional apresenta uma nova visão do perfil dos informantes que, agora, é visto como um ser geograficamente situado e socialmente comprometido. Os instrumentos de recolha de dados são capazes de captar a variação em suas mais diferentes manifestações. Sobre isso, Ponso (2003, p.59) afirma:

> Ora, se um questionário linguístico é aplicado a informantes pertencentes somente a uma classe social ou somente de um sexo ou geração, as relações mais profundas na variação, principalmente as que dizem respeito a prestígio versus estigma e consequente mudança linguística, não podem ser observadas.

Também as formas de registro, além de captar as formas de emissão, apreendem as condições de que se reveste o ato de fala (CARDOSO, 2010, p.63).

Por causa da natureza pluridimensional, este tipo de pesquisa contém uma quantidade enorme de informações e de dados relacionados aos aspectos espaciais e sociais que se intercruzam. Por isso, necessitam de uma técnica que responda realmente a esta necessidade de apresentar os dados sim, mas também de interpretá-los, pois "na perspectiva de confronto de correlação de informações, as cartas pluridimensionais permitem o cruzamento de variáveis e exibem resultados que mostram o comportamento de cada uma delas". (CARDOSO, 2010, p.64).

A visão que se tem agora do controle das variáveis espaciais e sociais, consideradas no momento da seleção e do registro das informações, pressupõe uma nova maneira de representação das cartas linguísticas neste tipo de Dialetologia que, mesmo apresentando as variáveis sociais, continua sendo diatópica.

3.2.2.1.1 Dimensões e Parâmetros

Metodologicamente, a Geolinguística pluridimensional e relacional tem um conjunto de parâmetros que vai além da dimensão diatópica, perpassando as dimensões sociais já tão conhecidas e controladas em várias pesquisas dialetais. Para tanto, tenta descrever fenômenos da variação, representando-os num universo mais amplo regido pelos fatores sociais. Esta ampliação das dimensões de análise é própria da natureza da Geolinguística pluridimensional. Ao combinar, por exemplo, a dimensão diageracional com a diatópica, pode-se ter uma visão diacrônica de fenômenos de mudança em curso no espaço geográfico. Portanto, o conjunto de dimensões que busca refletir sobre as variáveis na descrição da variação num espaço geográfico é compreendido mais pela sua constituição sociocultural do que pela sua posição físico-geográfica.

As dimensões mais conhecidas são as seguintes: diatópica, diageracional, diagenérica, diastrática e diafásica.

Cardoso (2010, p.47), ao considerar a Dialetologia, a princípio, sendo a ciência da variação espacial, declara que:

> Se as diferenças espaciais ganham destaque em relação às demais é porque, na realidade dos fatos, as evidências de aproximação ou distanciamento dos fenômenos assumem expressão de maior nitidez e de mais fácil percepção nos espaços físicos, portanto geográficos. Tal visão conduziu a que os estudos geolinguísticos aflorassem em todos os continentes e apresentassem um continuado e crescente desenvolvimento, o que explica a expansão de projetos que levaram à construção de atlas linguísticos com diferenciadas visões espaciais.

Acredita-se que o êxito da perspectiva diatópica se dá a partir do momento que se tem consciência de que, na Dialetologia, é de suma importância priorizar a relação direta dos fenômenos linguísticos, não apenas, com os espaços físicos em si, mas com os espaços sociais neles representados.

Às vezes, algumas pesquisas pluridimensionais podem restringir essa dimensão diatópica em zona urbana e rural, se tomar esta distinção como de ordem espacial ou simplesmente apresentar uma nova dimensão chamada de diazonal. Tanto uma postura quanto a outra parece entender que há diferenças profundas entre os dois meios.

A dimensão diageracional reflete o aspecto diacrônico da variação e da aquisição da fala. Sobre esta dimensão com relação à dimensão diatópica, Radtke e Thun (1996, p. 32) afirmam que:

> Ao combinar o primeiro parâmetro [o diageracional] com o diatópico, a geolinguística satisfaz sua velha aspiração de ter visível a diacronia nos mapas

> diatópicos [...] A variação diageneracional mostra o 'tempo visível' porque representa a convivência de gerações.[39]

Num estudo geolinguístico, o conhecimento da idade dos falantes pesquisados é indispensável para que se possam comparar e confrontar as diferenças linguísticas existentes entre os falares das diversas gerações, registrando, assim, diferentes etapas de uma transformação linguística. O *Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay* (ADDU), por exemplo, explorou este caráter pluridimensional das informações, cartografando resultados obtidos segundo a faixa etária dos informantes e relacionando esta com as demais variáveis consideradas. (CARDOSO, 2010).

A dimensão diagenérica ou diassexual está estreitamente ligada à emancipação das mulheres e aos novos papéis que elas desempenham na sociedade, bem como ao fato de elas se comportarem de forma mais inovadora ou mais conservadora no uso da fala. Nesta dimensão, verifica-se se há diferenças no comportamento das variáveis linguísticas por parte de homens e mulheres e, em caso afirmativo, quais seriam as motivações para isso.

Por isso, é que desde o início das pesquisas dialetais, os dialetólogos também tem se interessado pelo gênero, fazendo com que os usos linguísticos de homens e mulheres se tornassem objeto de estudo. Mas o que falta à tradição dialetológica, segundo Cardoso (2010, p.52-53), é o controle cartográfico dessa variável, como foi feito por Thun (2000, p. 375), no ADDU, agregando-a a informações diatópicas, diastráticas e diageracionais. Também três Atlas brasileiros, o *Atlas Linguístico do Paraná,* o *Atlas Linguístico de Sergipe II* e o *Atlas Linguístico de Sergipe II* caracterizam-se como bidimensionais, uma vez que enfocam a relação das variáveis diagenérica e diatópica.

A condição social dos informantes é de suma importância para se reconhecer dois usos diferenciados dos fatos linguísticos em um mesmo lugar. Esta condição social pode ser identificada segundo fatores tais como trabalho, renda familiar, educação e habitação relacionadas aos usuários da língua. Aqui, é importante salientar que, às vezes, o grau de instrução dos falantes varia muito mais de acordo com a faixa etária do que mesmo com o seu poder econômico.

Thun (2000, p.6), no ADDU, trata sistematicamente essa variável, mantendo sob controle cartográfico duas categorias socioculturais: "grupos socioculturalmente altos" e "grupos

---

[39] Al combinar el primer parámetro7 con el diatópico, la geografía lingüística satisface su vieja aspiración de hacer visible la diacronía en los mapas diatópicos. [...] la variación diageneracional muestra el "tiempo visible" porque representa la convivencia de generaciones.

socioculturalmente baixos", distribuídos, cada um deles, em duas faixas etárias. Desse modo, ao considerar a dimensão diastrática, o ADDU combina a geografia linguística tradicional e a Sociolinguística, sustentando a ideia que na América Latina a *dialetalização vertical* é mais importante do que a *dialetalização horizontal* (THUN, FORTE E ELIZAINCÍN, 1989, p.35).

Conforme Cardoso (2010, p.58), o falante, em situações diversas, sempre terá comportamentos também diversos, apresentando tipos de elocução mais ou menos espontâneos. Também Thun (2000, p. 11), ao se referir ao ADDU, diz que "toda fala é fásica, isto é, se realiza dentro de um estilo e enquanto houver situações comunicativas e intenções expressivas diferentes, haverá variação fásica." Ou seja, o ato de fala se relaciona intrinsecamente com a maneira como o falante se coloca na situação comunicativa e com o tipo de uso que faz da língua. Assim, em se tratando da variação diafásica, o pesquisador, num estudo pluridimensional, pode recorrer a diversas formas de recolha de dados, como os questionários, o registro de conversa espontânea ou a leitura de textos que possibilitam um indício de mudança ou não.

O ADDU focaliza essa dimensão diafásica, relacionando-a com as dimensões diastrática, diageracional e diatópica, bem como apresentando, em mapas plurifásicos, os fenômenos obtidos segundo os diferentes estilos considerados. Por isso, é que Thun (2000, p.11) declara, então, que "[...] Levar em consideração a variação diafásica significa poder seguir com mais precisão os caminhos da propagação de uma inovação e, simultaneamente, os processos de fixação ou de repulsa da inovação".

Thun, Forte, Elizaincín (1989), numa abordagem pluridimensional, apresentam as dimensões a partir de parâmetros que explicitam a realidade da fala nas localidades investigadas, criando novas dimensões de análise a partir da necessidade de descrição de determinados fenômenos. Uma dimensão seria um grupo de dois ou mais parâmetros que se encontra em relação de oposição. O Parâmetro é toda variável (linguística ou extralinguística) analisada com sistematicidade que se considera individualmente, como, por exemplo, *classe alta*, *geração* 1 e *mulheres*. No ADDU, é utilizada uma metodologia chama pluridimensional e relacional, a qual se baseia nas oito dimensões da variação:

a) dimensão contatual ou dialingual: para situações das línguas de contato, por exemplo, entre espanhol e português na fronteira entre Brasil e Uruguai;
b) dimensão diatópica: é topostática, isto é, contempla apenas os informantes ou grupo de falantes com residência relativamente estável no lugar de pesquisa;

c) dimensão diatópica cinética: pode ser topostático e topodinâmico. Este último quando os informantes ou grupo de falantes frequentemente mudam de domicílio;

d) dimensão diastrática: passa a ser específica para distinguir classes sociais em socioculturalmente baixa (Ca) e socioculturalmente alta (Cb);

e) dimensão diageracional: divide os falantes segundo sua faixa etária, em geração 1 e 2 ou até mesmo em geração 3;

f) dimensão diagenérica ou diassexual: divide em homens e mulheres;

g) dimensão diafásica: opõe linguagem informal e formal ou outras variantes situacionais, através de leitura, conversa livre e resposta ao questionário;

h) dimensão diareferencial: opõe a fala objetiva à fala metalinguística, ou ainda, aborda os julgamentos que os falantes fazem da língua, como também as atitudes dos falantes e o papel da língua na construção da sua identidade.

Além dessas dimensões, outras pesquisas têm apresentado as dimensões diazonal e a diarreligiosa, como é o caso da pesquisa de Margotti (2008) e do Projeto *Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata (ALMA)*. Para que possa ter um entendimento melhor dessas dimensões e desses parâmetros, apresentam-se, resumidamente, as variáveis adotadas nestas duas pesquisas realizadas no Brasil. Primeiramente, a pesquisa de Margotti (2008):

Quadro 6 – Dimensões e parâmetros controlados na pesquisa de Margotti (2008).

Dimensões	Parâmetros	
Diatópica	Nova Palma/RS, Caxias do Sul/RS, Sananduva/RS, Sarandi/RS, Orleans/SC, Rodeio/SC, Chapecó/SC, Videira/SC.	
Diatópica-cinética	Colônias Velhas	Caxias do Sul/RS e Nova Palma/RS
		Rodeio/SC e Orleans/SC
	Colônias Novas	Sananduva/RS e Sarandi/RS
		Chapecó/SC e Videira/SC
Diazonal	Falantes do meio rural (R)	
	Falantes do meio urbano (U)	
Diageracional	Geração de 15 a 30 anos (GI)	
	Geração de 45 a 60 anos (GII)	
Diastrática	Falantes com nenhuma até 8 anos de escolaridade (Esc1)	
	Falantes com mais de 8 anos de escolaridade (Esc2)	
Diassexual	Falantes do sexo masculino (M)	
	Falantes do sexo feminino (F)	
Dialingual	Descendentes de imigrantes italianos bilíngües (ITA)	
	Descendentes de luso-brasileiros monolíngües (LUSO)	
Diafásica	Conversa livre (C)	
	Questionário (Q)	
	Leitura (L)	
Diarreferencial	Referências metalingüísticas e epilingüísticas	

Fonte: Margotti (2008).

O quadro 7 trata das variáveis do *Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata* (ALMA) que é um macroprojeto desenvolvido em conjunto pelas áreas de Romanística (da Christian-Albrechts-Universität de Kiel, Alemanha) e Germanística (do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil), sob a coordenação de Harald Thun, de Kiel, na Alemanha e Cléo V. Altenhofen, de Porto Alegre.

As dimensões de análise da variação do Hunsrückisch[40], no Projeto ALMA, são elencadas no quadro seguinte. Neste quadro, uma dimensão envolve mais de um parâmetro, por exemplo, a dimensão diassexual (ou diagenérica) engloba, no ALMA, os parâmetros homem e mulher. Elas equivalem às mesmas dimensões de outros atlas da trilogia de H. Thun (ADDU, ALGR e, agora, ALMA), acrescidas, porém da dimensão diarreligiosa. Esta dimensão é enfocada na comparação diatópica entre pontos católicos, evangélico-luteranos e mistos (católicos e evangélico-luteranos).

Quadro 7 – Dimensões e parâmetros controlados no Projeto Alma

Dimensão	Parâmetro	Critério
Diatópica	Topostático (informantes com domicílio fixo)	38 pontos de inquérito
Diatópico-cinética	Topodinâmico (domicílio fixo e mudança de domicílio – mobilidade espacial)	Em grande parte, também relação entre colônias velhas e novas (colônia-mãe e colônia-filha)
Diastrática	Ca = classe (socioculturalmente) alta Cb = classe (socioculturalmente) baixa	Ca (com formação universitária parcial ou completa) Cb (até ensino médio + profissão que não exija o uso da escrita)
Diageracional	GII (geração mais velha) GI (geração mais jovem)	= acima de 55 anos = 18 a 36 anos
Diassexual	Homens vs. mulheres	
Dialingual	Hunsrückisch vs. Português vs. Alemão-Padrão	Esta dimensão é complementada com dados dos atlas linguísticos do Português (ALERS e ALiB)
Diafásica	Respostas ao questionário vs. leitura vs. conversa livre	Três estilos de uso da língua
Diarreferencial	Língua-objeto vs. metalíngua incluindo língua apresentada	"técnica de entrevista em três tempos" (Thun, ADDU): perguntar (resposta espontânea) – insistir - sugerir
Diarreligioso	Católico vs. Evangélico-Luterano	

Fonte: http://www.ufrgs.br/projalma/metodologia/dimensoes.html

[40] O Hunsrückisch é uma língua germânica da família Franco-Mosela falado na região do Hunsrück no sudoeste da Alemanha e nos estados brasileiros de Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Paraná e Espírito Santo (municípios de Marechal Floriano e Domingos Martins).

Situando-se no quadro da geolinguística contemporânea e pretendendo ser um atlas de terceira geração, o Projeto Atlas Linguístico do Brasil também tem se dedicado à pesquisa pluridimensional. Segundo Mota e Cardoso (2009, p.245):

> A evocação de alguns aspectos da moderna metodologia geolinguística vem para mostrar a dimensão da "batalha" que tem a travar o Projeto Atlas Linguístico do Brasil na consecução de seus objetos e na concretização do desejado: um atlas linguístico do Brasil que, ao se situar na chamada nova fase da dialetologia brasileira, venha a contribuir para o melhor conhecimento e para construção da sócio-história do português do Brasil, permitindo, assim, que se vislumbre a contribuição efetiva para o conhecimento da diversidade e para o seu equacionamento ao ensino e ao respeito ao direito à diversidade de usos.

Com tudo isso, pode-se perceber, então, que as dimensões e os parâmetros que a Geolinguística Pluridimensional apresenta, possibilita um vislumbramento de um novo conceito do espaço linguístico, com estudos comparativos e contrastivos que abrangem não apenas o âmbito horizontal, mas também vertical e diagonal dos usos da fala. (BUSSE, 2008, p.6).

Assim, na Geolinguística pluridimensional, o controle das variáveis não é apenas espacial, mas também social com suas implicações no comportamento linguístico dos falantes, exibindo cartograficamente, assim, os dados de natureza social. (CARDOSO, 2010)

3.2.2.2 etapas da Geolinguística

A Geografia Linguística ou Geolinguística, como foi visto, é o método usado pela Dialetologia, mas não é, simplesmente, um método cartográfico como se fosse da Geografia e da Cartografia. Enquanto a Cartografia elabora atlas geográfico, a Geolinguísitca elabora atlas linguístico a partir do geográfico. Por isso, Coseriu (1982a, p.82-83) faz a seguinte diferença:

> Portanto, distinguem-se os atlas linguísticos dos atlas geográficos comuns também porque não contêm mapas de vários territórios, mas uma série de mapas do mesmo território, e precisamente um mapa para cada conceito ou para cada fonema (ou série de fonemas) cuja expressão ou cuja realização concreta tenha sido comprovada pelo investigador numa rede de ponto (localidades) previamente estabelecida. O mapa de fundo [...] é sempre o mesmo: o que muda é o material linguístico. Em outras palavras, os atlas linguísticos são coleções cartográficas de material linguístico.

Na verdade, o que Coseriu denominou de "mapa", aqui são chamamos de "carta".

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IBGE (2010) afirma que o conceito de Cartografia, estabelecido em 1966, pela Associação Cartográfica Internacional

(ACI), e posteriormente, ratificado pela UNESCO, no mesmo ano, é aceito, hoje, sem maiores contestações:

> A Cartografia apresenta-se como o conjunto de estudos e operações científicas, técnicas e artísticas que, tendo por base os resultados de observações diretas ou da análise de documentação, se voltam para a elaboração de mapas, cartas e outras formas de expressão ou representação de objetos, elementos, fenômenos e ambientes físicos e socioeconômicos, bem como a sua utilização.

Portanto, a Cartografia é a ciência que trata da concepção, produção, difusão, utilização e estudo dos mapas.

Ainda para Coseriu (1982a, p. 84), embora a Geolinguística e seus instrumentos tenham uma índole geográfica, seus objetivos e seus fundamentos são evidentemente linguísticos, por isso, é que alguns estudiosos da área acham melhor chamar de linguística geográfica no lugar de geografia linguística. Para esse autor, neste método geolinguístico,

> Os mapas linguísticos, além de permitirem observações de caráter geral sobre o funcionamento da linguagem como meio de intercomunicação social, revelam a conexão entre a história linguística e os fatores geográficos ou geopolíticos: permitem comprovar que as inovações nas "línguas" procedem de determinados centros e que a sua difusão se detém em certos limites constituídos por rios, montanhas, fronteiras políticas, administrativas ou eclesiásticas. Quer dizer, na distribuição espacial dos fatos linguísticos a sua cronologia se reflete de alguma maneira. (COSERIU, 1982a, p. 84).

A partir dessa citação, pode-se afirmar, então, que a Geolinguística, como método da Dialetologia, apresenta, assim, um percurso metodológico, que vai além do que é próprio da cartografia.

Para Ferreira e Cardoso (1994, p. 19), "em toda pesquisa dialetal existe um *antes*, um *durante* e um *depois*. Tem-se, pois, a fase de preparação, de execução e de análise. É preciso definir o *antes*, ter coragem para o *durante*, paciência e gosto para o *depois*".

A partir desta visão, as autoras (1994) definem quatro etapas, claramente distintas, da pesquisa dialetológica propriamente dita que são a preparação da pesquisa, a execução do trabalho, a exegese e análise do material das cartas e a divulgação dos resultados.

3.2.2.2.1 Primeira etapa: preparação da pesquisa

Na verdade, antes da pesquisa, o primeiro procedimento que deve ser feito é desenvolver um conjunto de estudos prévios da história, da geografia e da vida econômica e sócio-cultural da localidade que se quer pesquisar. Por outro lado, devem-se levar em conta

também estudos linguísticos já existentes sobre a área em questão. Esses estudos prévios darão suporte na hora da seleção da rede de pontos, na escolha dos informantes, na elaboração do questionário, no estabelecimento dos métodos e técnicas a serem utilizados e na devida preparação do inquiridor:

a) Localidade: de acordo, com Ferreira e Cardoso (1994, p.24), a escolha da localidade se define a partir de um conjunto de caracteres que a demarcam e a distinguem de outras áreas. Tais critérios são a situação geográfica, a história, as interferências de que tem sido objeto, a situação econômica atual e passada, a sua relação com as demais áreas a serem pesquisadas (quando for o caso), tipo de povoamento e sua situação demográfica.

b) Informantes: antes da escolha dos informantes, o inquiridor deve ter muito claro em sua mente o perfil do informante que ele quer entrevistar, para que se tenha um perfeito controle das variáveis que permita, com uma menor margem de erro, a comparação entre os dados recolhidos. O perfil pode constituir-se da naturalidade, faixa etária, sexo, tempo de residência, grau de escolaridade, profissão, períodos em que se afastou da localidade, como também a ausência de problemas de dentição e de fonação, ou seja, devem ser controladas as características do aparelho fonador. Ainda quanto ao informante, devem-se registrar os seus dados numa "Ficha de Identificação", que será devidamente arquivada para possíveis consultas.

c) Método: como toda pesquisa dialetal parte da apreciação, em campo, de dados sobre os quais se quer trabalhar, no entendimento das autoras citadas acima, pode-se utilizar de duas técnicas: os inquéritos por correspondência e os inquéritos *in loco* que são mais confiáveis que os primeiros. Na técnica de trabalho *in loco*, o pesquisador transforma-se em parte da paisagem, desfazendo as possíveis e prováveis inibições do informante, ameaçado pela presença do estranho que lhe pergunta coisas da sua vida e profissão. Além disso, os dados são anotados imediatamente pelo documentador ou gravados em fitas magnetofônicas[41] ou em Mp3player para serem analisadas posteriormente. Hoje em dia, já não se faz mais os inquéritos por correspondência por eles terem algumas desvantagens: fragilidade do controle das respostas e esclarecimento das questões propostas; dificuldade em interpretar os dados coletados; simplificação de informação fonética; dificuldade em serem dirimidas as dúvidas decorrentes do enunciado da pergunta e da própria resposta; e necessária presença esclarecedora e formação dialetológica do inquiridor quando da aplicação dos dados.

---

[41] Atualmente, devido aos avanços da tecnologia, o uso das fitas são mais raras.

d) Questionário: na opinião de Ferreira e Cardoso (1994, p.30), "o questionário que destina a uma investigação de natureza dialetal convém que tenha a sua elaboração regida pelos objetivos que se pretende atingir." As autoras recomendam que os questionários contenham uma sequência de perguntas do tipo palavra-coisa que possibilite o levantamento das características fonéticas, semântico-lexicais ou morfológicas da língua. Por exemplo, a atual equipe do ALiB utiliza os seguintes instrumentais: Questionário Fonético-fonológico, Questionário Morfossintático, Questionário Semântico-lexical, além das questões de prosódia, questões de pragmática, Leitura de texto e Discurso livre.

e) Inquiridor: é importante que o inquiridor tenha conhecimento de pontos fundamentais para o seu bom desempenho na pesquisa, tais como: o conhecimento do questionário e pleno domínio do que se espera coletar, a audição de inquéritos de diferentes tipos, o domínio de um sistema de transcrição fonética e a presença do inquiridor durante o inquérito (FERREIRA e CARDOSO, 1994, p.32-34).

3.2.2.2.2 Segunda etapa: execução do trabalho

É a pesquisa de campo propriamente dita. Diz respeito às seguintes sub-etapas: acesso às áreas que serão pesquisadas, os primeiros contatos com os informantes, o preenchimento das fichas dos informantes e das localidades, a recolha dos dados por meio do registro de conversa livre e/ou da aplicação do questionário, com uso dos meios indiretos (fotografias, desenhos, ilustrações, apresentação de objetos para serem reconhecidas ou descritas pelo entrevistado); a coleta e a identificação do material recolhido, o registro do material em cartas linguísticas que vão constituir os atlas linguísticos.

3.2.2.2.3 Terceira etapa: exegese e análise do material das cartas

Levando em consideração o registro das cartas, os trabalhos dialetológicos se inserem, basicamente, em dois grandes grupos: "trabalhos de análise, com apresentação de trabalhos conclusivos, e trabalhos de descrição de realidades dialetais, que vão instrumentar análises e conclusões sobre a realidade em foco" (SILVA, 2003, p.6). Em qualquer um dos casos, o levantamento de cunho dialetológico é um retrato de um estado de língua, num dado momento, num certo espaço geográfico. Nesta etapa, faz-se, então, a seleção do que se quer analisar, a análise propriamente dita e a interpretação do material registrado.

3.2.2.2.4 Quarta etapa: divulgação dos resultados obtidos

Depois de reunir os dados de todas as regiões do território e proceder a seu processamento da pesquisa até à elaboração e análise das cartas, chega a hora da publicação desses dados obtidos. Assim, um atlas linguístico, ao ser editado, reúne as conclusões que os dados permitem elaborar; depois disso, começam as investigações e as cogitações da comunidade interessada no assunto. Isto porque, para Ferreira e Cardoso (1994, p.36), "[...] muitos dos trabalhos de Dialetologia, ao se concluírem e serem apresentados, convertem-se em marco inicial para um trabalho de análise de dados e de conclusões sobre os fatos que são considerados". As autoras continuam dizendo que "essa etapa, sim, conclui-se, mas a partir daí começaram todas as possibilidades de investigação sobre a região em si mesma e/ou em confronto com outras, com a utilização do que no atlas se tem documentado" (p. 36).

Além da elaboração de cartas linguísticas, a metodologia da geografia linguística baseia-se também na consulta de cartas geográficas. Assim, os atlas têm por finalidade estudar um ou mais fenômenos linguísticos para poder traçar isoglossas que determinem a extensão de cada traço dialetal. Estes atlas representam um grande avanço em relação às coletas de dados anteriores, as quais não permitiam correta interpretação dos dados e menos ainda uma visão global como a proporcionada pelas isoglossas numa representação gráfica.

3.2.2.3 Primeiros trabalhos geolinguísticos no mundo[42]

Para Rodríguez (1998), os trabalhos geolinguísticos obedecem a rigoroso planejamento. Limitam-se a uma área geográfica que pode ser estudada e estabelecem-se normas para determinar o objetivo proposto e a execução das pesquisas de campo para coletar os dados. Depois disso, reúnem-se os dados de todas as áreas, procede-se a seu processamento, até à elaboração e publicação do respectivo atlas .

Diversos atlas foram planejados. Para se ter um ideia, abaixo, expõe-se um breve histórico da Geografia Linguística no mundo todo, apresentado por também Rodríguez (1998).

Na Alemanha, Georg Wenker pode ser considerado como um pioneiro da Geolinguística moderna. Ele tinha como objetivo principal o de constatar a existência de

---

[42] Para conhecer outros Atlas, basta acessar o site http://www.geolectos.com/atlas.htm, de José Antonio González Salgado. Neste site, são apresentados links de vários Atlas linguísticos elaborados ao redor do mundo.

fronteiras dialetais. Para tanto, Wenker distribuiu, entre professores de escola de diferentes lugares, um pequeno questionário com 42 frases simples. Esse questionário era respondido à distância, ou seja, foi realizado por correspondência. Entre outras informações, os informantes deveriam traduzir as frases no falar da localidade onde trabalhavam.

A partir das respostas desses informantes, em 1878, Wenker elaborou e publicou um conjunto de mapas linguísticos. Segundo Riveiro (2007, p.69), este foi, pois, o primeiro atlas linguístico publicado. Dois anos depois, mantendo a metodologia dos seus primeiros trabalhos, Wenker elabora o *Atlas Linguístico do Império Alemão* (ALIA)

Wenker morre antes de finalizar este projeto, mas este foi continuado pelos seus discípulos que, em 1927 e 1956, finalmente publicam o ALIA em vários volumes. Mais tarde, entre 1984 e 1999, publicou-se uma versão reduzida dos mesmos.[43] Mas, apesar de todos os seus esforços, Wenker não foi bem sucedido porque as isoglossas de certos fenômenos não conseguiram definir as fronteiras dialetais. Além disso, Riveiro aponta que, no trabalho de Wenker, faltou um componente analítico:

> Os resultados das cartografias de Wenker demostraram que Schuchardt e os fenomenalistas franceses como Meyer ou Paris tinham razão: não existem fronteiras dialetais claras, mas apenas limites de fenômenos que mudam em função de cada palavra. Por mais que Wenker tenha multiplicado os pontos de pesquisa e os correspondentes, os resultados obtidos não fizeram mais que confirmar os iniciais (Chambers e Trudgill, 1994: 61-62; Sériot, 1999; Vàrvaro, 1988: 152). No entanto, Wenker tampouco analisou em profundidade as cartografías que realizou, um trabalho do que se encargariam principalmente especialistas posteriores a ele. (2007, p. 69) [44]

Segundo Rodríguez, o fracasso também se deu porque os fatores de alteração linguística de ordem social não foram considerados. Por isso, o autor do Atlas chegou a resultados opostos aos que se esperava, sendo, assim, publicado apenas um capítulo com dados fonéticos.

Existiram outros projetos de cartografía linguística antes da obra de Jules Gilliéron. Rodríguez aponta o *Atlas Linguístico Daco-Romeno* (1909), de Gustav Weigand.

---

[43] Atualmente, todo o trabalho de Wenker e dos seus colaboradores estão sendo digitalizados e publicados na internet. Para mais detalhes sobre este projeto de digitalização, acesse: http://www.diwa.info

[44] Os resultados das cartografías de Wenker demostraron que Schuchardt e os fenomenalistas franceses como Meyer ou Paris levaban razón: non existen fronteiras dialectais claras, senón só limites de fenómenos que mudan en función de cada palabra. Por máis que Wenker multiplicou os puntos de enquisa e os correspondentes, os resultados obtidos non fixeron máis que confirmar os iniciais (Chambers e Trudgill, 1994: 61-62; Sériot, 1999; Vàrvaro, 1988: 152). Así e todo, Wenker tampouco analizou en profundidade as cartografías que realizou, un traballo do que se encargarían sobre todo especialistas posteriores a el.

Este atlas foi um progresso em relação ao de Wenker, pois Weigand realizou um inquérito direto que é muito mais eficiente do que o inquérito realizado por correspondência.

Na França, tem-se o bem sucedido *Atlas Linguistico da França* (1902-1910), do suíço Jules Guilliéron. Este Atlas foi visto, por muitos, como uma revolução no campo da Linguística. A partir dele, a Geografia Linguística passou a ser considerada uma nova disciplina. Rodríguez (1998) afirma que o *Atlas Linguístico da França* deixou claro que não há limites dialetais precisos, apenas limites de certos traços ou fenômenos linguísticos.

Na França, vários atlas regionais também foram elaborados, tais como o *Atlas de Dauzat para o alvernês* (1906), o de Bloch para os dialetos dos Vosgos Meridionais (1917) e vários outros para diversas regiões, como o levantamento do lionês (1950-1956). Para Rodríguez, o exame destes atlas regionais motivou o linguista Dauzat a projetar o *Novo Atlas Linguístico da França*. Este atlas aproveita a contribuição dos atlas regionais, mas se diferencia destes devido a sua unidade de método.

Na Espanha, segundo Rodríguez (1998), foram realizados alguns atlas linguísticos de pequeno domínio, como: o *Atlas Linguístico y Etnográfico de las Islas Canarias*, o *Atlas Linguístico de Andalucía*, o *Atlas Linguístico y Etnográfico de Murcia*, o *Atlas Linguístico de Aragón* e o *Atlas Linguístico y Etnográfico de Navarra y Rioja*.

Em Portugal, apenas como preliminar para o Atlas Linguístico de Portugal, houve a publicação de um opúsculo intitulado "O estudo dos dialetos e falares portugueses: um inquérito linguístico" (1942), de Paiva Boléo. Este inquérito foi realizado por correspondência, com 540 perguntas. Depois, Em 1957, um Projeto de Atlas Linguístico Etnográfico de Portugal e Galiza foi apresentado no III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, por Paiva Boléo, Herculano de Carvalho e Luis F. Lindley Cintra.

Confirmando a grande importância que os estudos dialetológicos têm, Rodríguez (2007), apresenta também alguns atlas linguísticos elaborados em lugares e momentos diferentes: *Atlas Linguístico da Córcega* (1914-1915), de Gilliéron e Edmont; *Atlas Linguístico e Etnográfico da Itália e da Suíça Meridional* (1919-1940), de Jakob Jud e Karl Jaberg; *Atlas Linguístico Italiano* (1931-1947), de M. Bártoli e Ugo Pellis, que depois foi continuado por Terracini, com quatro pesquisadores; *Atlas Linguístico-Etnográfico Italiano da Córsega* (1935-1942), de Gino Bottiglioni; *Atlas Linguístico da Catalunha* (1923-1939 e retomado em 1962), de Antoni Griera; *Atlas Linguístico Romeno* (1909-1956), de Sextil Puscariu, Server Pop e Emil Petrovici; *Atlas Linguístico da Península Ibérica - espanhol, o português e o catalão* (1928-1954), de T. Navarro Tomás.

3.2.2.4 Fases dos Estudos dialetais e geolinguísticos no Brasil

De forma geral, as primeiras manifestações das pesquisas dialetais e geolinguísticas no Brasil, deve-se ao grande pioneiro Domingos Borges de Barros (1780-1855), o Visconde da Pedra Branca que, em 1826, escreveu uma nota intitulada *Les différences que le dialecte brésilien pourrait présenter, comparé à la langue du Portugal* (As diferenças que o dialeto brasileiro poderia apresentar em comparação com o português europeu). Este texto foi publicado na obra *Introduction à l'Atlas ethnographique du globe*, encomendado pelo geógrafo italiano Adrien Balbi. Sobre a nota do Visconde, Aragão (2008, p.1) afirma que:

> Nesse trabalho o autor indicava as características da língua portuguesa no novo mundo. Ao descrever a língua portuguesa do Brasil, o Visconde mostrou as interferências e os termos e expressões incorporadas ao português, a partir das línguas indígenas faladas no Brasil.

Também, segundo Aragão (2008, p.1), o trabalho do Visconde apontou que as variações do léxico de Portugal e do Brasil, quer em termos de forma, quer em termos de significado, faziam a diferença entre as duas variantes linguísticas. Assim, ele dividiu o seu trabalho em duas partes: uma em que trata das palavras que adquiriram outro sentido no Brasil, em número de oito, e palavras e expressões que eram usadas apenas no Brasil, em número de cinquenta. Entre vários trabalhos publicados de Domingos Borges de Barros, merece destaque *Dicionário francês-português e português-francês*, editado em Paris, em 1812.

Os períodos que antecederam a Dialetologia brasileira propriamente dita, com a publicação de Atlas Linguísticos, foram divididos, inicialmente, por Antenor Nascentes (1953) em duas fases: a primeira, de 1826, ano no qual o brasileiro Borges de Barros publicou um estudo no livro de Adrien Balbi, até 1920, ano da publicação do livro *O dialeto caipira,* de Amadeu Amaral; a segunda, de 1920 aos nossos dias (NASCENTES, 1953, p.181). Ao apresentar esta proposta, Nascentes caracteriza, assim, cada um dos períodos pela natureza da obra neles produzidos, como os trabalhos no campo do léxico, na primeira fase, e os trabalhos com enfoque mais nos níveis da fonética, morfologia, sintaxe e semântica, como na segunda fase.

Mas Ferreira e Cardoso (1994) reformularam esta ideia, agora acrescentando uma terceira fase para a história dos estudos dialetais e geolinguísticos do Português do Brasil. Sobre a proposta de Ferreira e Cardoso (1994), Cardoso (2010, p.132) afirma que:

> A formulação tripartida apresentada tem como base identificar e demarcar as três diferentes tendências dominantes em cada uma das épocas consideradas. Da natureza dos fatos trazidos para delimitação pelas autoras, depreende-se que o estabelecimento de apenas duas fases por Nascentes decorre de ter ele apresentado a sua proposta em 1952 e justamente a partir dessa data terem-se incrementado os estudos e a produção no campo da geolinguística no Brasil.

As autoras propõem, então, uma terceira fase, iniciada em 1952, ano em que o Governo brasileiro determinou que o principal objetivo da Comissão de Filologia da recém-criada Casa de Rui Barbosa era a elaboração do atlas linguístico do Brasil. Nesta fase, iniciam-se os trabalhos de natureza geolinguística, com as pesquisas para o *Atlas Prévio dos Falares Baianos,* publicado em 1963. Para Ferreira e Cardoso, a terceira fase também se consolida, a partir do desenvolvimento de outros estudos geolinguísticos de caráter regional.

Atualmente, existe uma proposta de ampliar essa periodização dos estudos dialetais, passando de três para quatro fases. Para Mota e Cardoso (2005, p.97), a retomada, em 1996, de um projeto de Atlas Linguístico do Brasil, pode ser vista como marco de uma nova fase da periodização proposta por Cardoso e Ferreira (1994).

Com uma explanação mais atualizada, estas quatro fases são apresentadas por Cardoso (2010, p.131-142). A seguir, de forma detalhada, serão abordadas cada uma dessas fases.

3.2.2.4.1 Primeira fase (1826-1920)

Esta primeira fase vai de 1826, com a publicação do trabalho do Visconde da Pedra Branca, até 1920, com a publicação do trabalho de Amadeu Amaral, *O Dialeto Caipira*.

Os outros trabalhos produzidos, nesta fase, são caracterizados por uma orientação voltada mais pro léxico e paras suas particularidades na língua portuguesa falada no Brasil. Ou seja, são mais produções lexicográficas, como glossários, vocabulários e dicionários

regionais e populares. Para uma pequena ilustração, a seguir, são citadas apenas duas dessas produções[45]:

- *Dicionário da Língua Brasileira* (1832), de Luís Maria Silva Pinto: traz rico registro de variantes do português que se usava àquela época no país. No título, a expressão língua brasileira, em referência ao português utilizado no Brasil, chama a atenção não só porque língua portuguesa seria o esperado, mas também porque o autor demonstra ter consciência da ambiguidade do adjetivo escolhido, fato que o leva a esclarecer que a obra não se dirige ao tratamento das palavras e frases que "proferem os Índios", como seus contemporâneos talvez tendessem a deduzir;

- O *idioma do hodierno Portugal comparado com o do* Brasil (1879), de José Jorge Paranhos da Silva: segundo Cardoso (2010, p.132), este é o primeiro estudo de natureza mais ampla e de caráter gramatical. Trata dos diferentes aspectos da variação do português do Brasil *versus* o português de Portugal.

Como se pode observar, os estudos dialetais, sob o aspecto léxico, predominaram em toda a primeira fase da Dialetologia brasileira, encerrando-se em 1920, com a publicação do Dialeto Caipira, de Amadeu Amaral, que inicia a segunda fase.

3.2.2.4.2 Segunda fase (1920-1952)

A segunda fase se inicia com a obra *O Dialeto Caipira*, de Amadeu Amaral, em 1920 e vai até 1952, com o Decreto 30.643, de 20 de março, regulamentado pela Portaria nº 536, de 26 de maio do mesmo ano. Essa legislação determinou que a finalidade principal da Comissão de Filologia, da Casa de Rui Barbosa, era a de elaborar o Atlas linguístico do Brasil.

De acordo com Cardoso (2010, p.134), esta fase é marcada pela produção de trabalhos monográficos que descrevem fenômenos fonético-fonológicos, morfossintáticos e semântico-lexicais, fenômenos estes observados *in loco.* Os pesquisadores que mais se destacam nesta fase, por exemplo, são Amaral, Nascentes e Marroquim que dão uma nova visão à realidade linguística através de uma nova metodologia de pesquisa dialetológica em todos os aspectos da língua.

A respeito da obra de Amaral, *O Dialeto Caipira*, Aragão (2008, p.2) declara que:

---

[45] Para um conhecimento maior sobre estas obras, consultar os dados obtidos nos trabalhos Ferreira e Cardoso, ***A* dialetologia no Brasil:** metodologia do trabalho dialetal, inquérito linguístico e atlas dialetológico, regionalismos léxicos. São Paulo, Contexto, 1994.

> é um marco nos estudos dialetais brasileiros por se preocupar em estudar o chamado falar brasileiro, com métodos e técnicas bastante adiantados para a época em que foi feita. Seu trabalho deu início às pesquisas sistemáticas em determinada área geográfica, levando em conta não apenas a imparcialidade dos pesquisadores como também as formas de buscar os dados diretamente junto aos falantes, o que já era uma antecipação dos métodos da sociolinguística. Outro ponto a se destacar na obra de Amaral é o seu cuidado em aconselhar a utilização dos mesmos métodos para todas as regiões, o que permitiria a comparação entre os diferentes dialetos.

Amaral tinha suas inquietações e acredita que a sua proposta poderia levar a cabo o sonho de estudar, com segurança, os dialetos do nosso país. Ele mesmo afirmou: "só assim se saberia com segurança quais os caracteres gerais do dialeto brasileiro, ou dos dialetos, quanto e quais os subdialetos, o grau de vitalidade, as ramificações, o domínio geográfico de cada um" (AMARAL, 1976, p. 44). Por causa dessa real visão de uma boa pesquisa dialetológica é que se pode, hoje, vislumbrar tantos trabalhos sendo realizados, em vários lugares do nosso País.

Além de Amadeu Amaral, outro importante pesquisador do início dessa fase científica da Dialetologia brasileira foi Antenor Nascentes. Ele foi, no Brasil, um dos primeiros a alertar para a importância dos estudos da fala, em contexto social. Sobre a Dialetologia no Brasil, afirmou Nascentes:

> Paciência. Nosso trabalho não é para a geração atual; daqui a cem anos os estudiosos encontrarão nele uma fotografia do estado da língua e neste ponto serão mais felizes do que nós, que nada encontramos do falar de 1822. (NASCENTES, 1953, p.7).

O Linguajar Carioca, de 1922, é uma das obras de maior importância para os estudos dialetais do português do Brasil: Nela, Nascentes apresenta, pela primeira vez, com bases linguísticas, a divisão dialetal do português brasileiro, a partir dos estudos feitos do dialeto carioca, sobre os aspectos fonéticos, léxicos e morfossintáticos. Assim, seu objeto de estudo era a língua do povo.

Sobre a sua obra, Nascentes afirma, se é que se pode falar assim, com um tom profético. Na verdade, nem precisou passar cem anos para que a obra de Nascentes pudesse dar suas contribuições para área da Dialetologia.

A língua do Nordeste, de Mário Marroquim, publicado em 1934 também é um destaque nesta fase. Neste trabalho, Marroquim, inicialmente, define muito bem o conceito de dialeto. Depois, faz um estudo mais profundo dos níveis fonético-fonológicos, léxicos, e sintáticos do falar dos estados de Pernambuco e Alagoas

Também muitos outros pesquisadores, com suas obras, colaboraram para a constituição desta segunda fase. Segundo Aragão (2008, p.127), esses trabalhos continuam,

em parte, a tradição de estudos léxicos. Contudo, muitos deles já fazem estudos diversos sobre o português do Brasil, quer fonético-fonológico, quer de morfossintaxe de algumas regiões do país, ou, ainda, sobre a influência do africano no português. Sobre essas obras, Ferreira e Cardoso (1994, p.43), apresentam uma distribuição sistemática em quatro grupos, da seguinte forma:

1º grupo: constituído de léxicos e glossários regionais que continuam a linha dominante da fase anterior. São exemplos desse grupo: *Vocabulário gaúcho* (1926), de Roque Callage; *Dicionário dos animais do Brasil* (1931), de Rodolfo von Hering; *Vocabulário do nordeste do Rio Grande do Sul - Linguagem dos praieiros* (1933), de Dante de Laytano; *O vocabulário pernambucano* (1937), de Pereira da Costa; *Vocabulário amazonense* (1939), de Alfredo da Maia;

2º grupo: obras mais gerais que têm como objetivos discutir e estudar o falar numa perspectiva mais ampla. Dentre elas, podem ser citadas: *O ritmo da língua nacional* (1926), de Álvaro Maia; *O português do* Brasil (1937), de Renato Mendonça; *Língua brasileira* (1940), de Edgar Sanches; *O problema da língua brasileira* (1940), de Silvio Elias; *O dialeto brasileiro* (1942), de Ciro T. de Pádua; *A língua do Brasil* (1946), de Gladstone Chaves de Melo.

3º grupo: estudos de cunho regional que abordam, principalmente, sobre fenômenos particulares de certas áreas geográficas. São citadas: *A linguagem dos cantadores* (1933), de Clóvis Monteiro; *O falar mineiro* (1938) e *Estudo da dialetologia portuguesa. A linguagem de Goiás* (1944), de José Aparecido Teixeira; *A linguagem popular da Bahia* (1951), de Edison Carneiro;

4º grupo: produções específicas sobre a contribuição africana do português do Brasil. Eis os exemplos: *O elemento afro-negro na língua portuguesa* (1933), de Jacques Raimundo; *A influência africana no português do Brasil* (1933), de Renato Mendonça; *Os africanismos no dialeto gaúcho* (1936), de Dante de Laytano.

Além dessas obras, Aragão (2005, p.106-107) cita também *O idioma nacional* (1936), de Antenor Nascentes e *Fonética do português do Ceará* (1937), de Martins de Aguiar. Cardoso (2010, p.138) destaca o livro *Introdução ao estudo da Língua portuguesa no Brasil* (1950), de Serafim da Silva Neto. Este livro reunia dois trabalhos anteriores do autor: *Diferenciação e unificação do português do Brasil* e *Capítulos da história da língua portuguesa falada no Brasil*, ambos publicados em 1946.

3.2.2.4.3 Terceira fase (1952-1996)

Esta fase, como se viu antes, inicia-se com a edição do Decreto 30.643, de 20 de março de 1952, em que o governo federal definiu a elaboração do atlas linguístico do Brasil como uma das principais finalidades da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa. Também, a terceira fase passa pela publicação do primeiro Atlas Linguístico Regional no Brasil, o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (ROSSI, 1963).

Nessa fase, muitos trabalhos lexicográficos e acadêmicos continuaram a ser produzidos, com diferentes enfoques sobre estudos dialetais no Brasil. Sem querer ser exaustivo, entre eles, podem ser citados:

- *Gauchismos. A linguagem do Rio Grande do Sul (*1954), de Arci T. de Albuquerque;
- *Delimitações de regiões culturais no Brasil como sugestão para estudos de dialetologia* (1958), de Manuel Diegues Júnior;
- *Vocabulário de termos populares e gírias da Paraíba: estudos de glotologia e semântica paraibana* (1959), de Leon F. Clerot;
- *Dicionário de termos populares - registrados no Ceará* (1960), de Florival Seraine.

Assim, uma nova maneira de enxergar o fenômeno da variação linguística no Brasil foi sendo introduzida graças a tantos estudiosos e pesquisadores que

> [...] começaram a se debruçar sobre os estudos dialetais e a pensar concretamente na realização do Atlas Linguístico do Brasil, que, como se sabe, só se iniciou no final do século XX, exatamente no ano de 1996. Nas discussões que realizaram, chegaram à conclusão que, naquele momento, o melhor, em termos geolinguísticos no Brasil, era a realização de Atlas Regionais, para num outro momento, se fazer o Atlas nacional. E assim foi feito. (ARAGÃO, 2008, p.127).

O início dos estudos geolinguísticos no Brasil teve, como destaque, vários estudiosos. Entre eles, Antenor Nascentes, Serafim da Silva Neto, Celso Cunha e Nelson Rossi. “Cada um a seu modo e por caminhos diferentes, deu o impulso inicial que a precisava naquele momento. Eles foram os desbravadores das trilhas e caminhos hoje por nós seguidos”. (ARAGÃO, 2008, p.127).

Antenor Nascentes publicou, em dois volumes, *Bases para a elaboração do Atlas linguístico do Brasil*, o primeiro em 1958 e o segundo em 1961. Nesta obra, Nascentes apresenta “passos fundamentais para o início do trabalho nesse campo” (CARDOSO, 2010, p. 139). Sem sombra de dúvida, um dos mais ferrenhos defensores da Geolinguística nacional.

Serafim da Silva Neto, em 1957, publicou *Guia para estudos dialetológicos*, com orientações práticas e precisas para a implantação dos estudos na área da Dialetologia e da Geolinguística. Neste livro, ele definiu as tarefas mais urgentes para a realização dos estudos nessas áreas:

> a) sondagens preliminares, criação de ambientes, difusão do método; b) recolha de vocabulários com todas as exigências técnicas; c) monografias etnográfico-linguísticas sobre determinadas 'esferas semânticas'; d) monografias etnográfico-linguísticas sobre falares; e) atlas regionais; f) inquérito nacional feito com questionário uniforme e distribuição geográfica dos materiais recolhidos, em mapas (atlas nacionais). (SILVA NETO, 1957, citado por CARDOSO, 2010, p.140).

Este pesquisador, não só recomendou como também ele mesmo tinha uma mentalidade dialetológica, tornando-se assim "um grande incentivador da realização do atlas linguístico, sem deixar, porém, de enfatizar a importância dos estudos dialetais nas suas diferentes manifestações." (FERREIRA e CARDOSO, 1994, p.46).

Celso Cunha, segundo Ferreira e Cardoso (1994, p.47) e Cardoso (2010, p.140), além de ter sido um homem muito dedicado e comprometido com o ensino da língua portuguesa, preocupou-se também com as questões relativas a uma política de conhecimento desta língua. Embora não tenha publicado trabalhos especificamente de Geolinguística, foi um batalhador pela causa não só do Atlas nacional, mas também de Atlas regionais, tendo defendido esta posição, juntamente com Serafim da Silva Neto.

Com isso, nesse momento, os estudos sobre a diversidade linguística no Brasil alcançaram um desenvolvimento muito significativo, passando, assim, a ocupar um espaço de destaque no cenário dos estudos linguísticos, principalmente a partir da publicação do primeiro atlas linguístico no Brasil: o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB), de Nelson Rossi, publicado em 1963, em coautoria com Dinah Isensee e Carlota Ferreira.

Sendo um dos pioneiros da Geolinguística no Brasil, Rossi defende a ideia da natureza contextual da Dialetologia, quando diz que "o fato apurado num ponto geográfico ou numa área geográfica só ganha luz, força e sentido documentais na medida em que se preste ao confronto com fato correspondente – ainda que por ausência – em outro ponto ou outra área." (ROSSI, 1967, p.104).

Na verdade, o primeiro plano concreto de realização de atlas linguístico no Brasil, só existiu a partir desse Atlas que não foi apenas o primeiro Atlas do Brasil, mas serviu de modelo e de inspiração para todos os outros Atlas que vieram a seguir e, por fim, para o Atlas Linguístico do Brasil.

3.2.2.4.4 Quarta fase: a implantação do ALIB (1996)

Em fevereiro de 2005, no I Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística, realizado em Brasília, as pesquisadoras Mota e Cardoso, através do seu artigo, apresentaram uma proposta de uma nova fase da periodização dos estudos dialetais no Brasil alegando que

> Do ponto de vista metodológico, essa nova fase coincide com a incorporação dos princípios implementados pela Sociolinguística a partir da década de 60 do século passado, abandonando-se a visão monodimensional — monoestrática, monogeracional, monogenérica, monofásica etc. — que predominou na geolinguística hoje rotulada de "tradicional". (MOTA e CARDOSO, 2005, 98).

Na verdade, as pesquisadoras reformulam a visão tripartida de Ferreira e Cardoso (1994), propondo, então, que a terceira fase, iniciada em 1952, fosse finalizada em 1996 e a partir desse ano, fosse delimitada a quarta fase, pois em 1996 foi o início da implantação do Atlas Linguístico do Brasil. Ao ver de Cardoso (2010, p.142), a idéia da realização de um atlas nacional e a concretização de um projeto específico com esse objetivo constituem-se no marco divisório e no ponto de partida para esta quarta fase.

O Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) foi iniciado, por ocasião do Seminário Nacional Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil, realizado no Instituto de Letras da UFBA, em Salvador, Bahia, em novembro de 1996. Atualmente, para coordenar esse projeto, o comitê nacional está composto pelos seguintes pesquisadores: Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso (UFBA), como Diretora Presidente e Jacyra Andrade Mota (UFBA), como Diretora Executiva. Além delas, o Comitê é formado também pelos seguintes diretores científicos: Abdelhak Razky (UFPA), Ana Paula Antunes Rocha (UFOP), Aparecida Negri Isquerdo (UFMS), Cléo Vilson Altenhofen (UFRGS), Felício Wessling Margotti (UFSC), Maria do Socorro Silva Aragão (UFPB/UFC) e Vanderci de Andrade Aguilera (UEL).[46]

Segundo Aragão (2008, p.136), a pesquisa para o AliB tem as seguintes orientações: informantes na Faixas Etárias: de 18 a 30 anos e de 50 a 65 anos; Sexo: masculino e feminino; Nível de instrução: no máximo a 9º ano (e superior, nas Capitais); Localidades: Região Norte: 23 pontos; Região Nordeste: 71 pontos; Região Sudeste: 79 pontos; Região Sul: 41 pontos; Região Centro-Oeste: 21 pontos.

---

[46] Os professores Mário Roberto Lobuglio Zágari † (UFJF) e Walter Koch † (UFRGS) também fizeram parte como diretores científicos do Comitê Nacional do Projeto ALiB.

Os Questionários se constituem assim: Semântico Lexical, com 15 áreas semânticas e 207 questões; Morfossintático, com 121 questões; Fonético-fonológico, com 159 questões, seguido de 11 questões de prosódia; Pragmático, com 5 questões; Prosódico, com 4 tipos de questões; Temas para discursos semidirigidos, 4 temas.

O Projeto ALiB foi previsto para se desenvolver em quatro grandes etapas, tendo o Comitê Nacional definido, entre 1996 e 2002, em reuniões periódicas, os princípios metodológicos a serem seguidos, fixado o perfil e o número de informantes, a rede de pontos e os tipos de questionário a serem utilizados na constituição do *corpus*. Em 2001, realizou-se a gravação dos inquéritos da cidade de Quirinópolis/GO (ponto 126).

Segundo Mota e Cardoso (2009, p.244), em 2009, a documentação de dados encontrava-se integralmente concluída em oito estados e iniciada em todos os demais, o que se fez alcançar, na contagem geral, o percentual de 70% das 250 localidades que integram a rede de pontos. Com isso, as autoras ressaltam a importância de um conjunto de comportamentos metodológicos, referentes à ampliação de parâmetros a considerar – a introdução de princípios pluridimensionais – que o tratamento moderno da Geolinguística está a exigir e que demanda do pesquisador acuidade na utilização e implementação. Desse modo, Mota e Cardoso (2009, p.245) afirmam que:

> A evocação de alguns aspectos da moderna metodologia geolinguística vem para mostrar a dimensão da "batalha" que tem a travar o Projeto Atlas Linguístico do Brasil na consecução de seus objetos e na concretização do desejado: um atlas linguístico do Brasil que, ao se situar na chamada nova fase da dialetologia brasileira, venha a contribuir para o melhor conhecimento e para construção da socio-história do português do Brasil, permitindo, assim, que se vislumbre a contribuição efetiva para o conhecimento da diversidade e para o seu equacionamento ao ensino e ao respeito ao direito à diversidade de usos.

Por tudo isso, é fácil concordar com as palavras de Radtke e Thun (1996, p. 30), quando dizem que "a Geolinguística moderna se encontra em vias de transformar-se em uma verdadeira ciência da variação no sentido do termo grego 'diálektos'." [47]

3.2.2.5 Os atlas estaduais e regionais concluídos e em andamento

Como foi visto antes, a elaboração do atlas linguístico do Brasil era a principal finalidade da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa, mas, logo no início, os

---

[47] "la geolingüística moderna se encuentra en vías de transformarse en una verdadera ciencia de la variación en el sentido del término griego 'diálektos'."

pesquisadores tiveram algumas dificuldades para levar a cabo tal desejo. Segundo Aragão (2005b, p.108):

> A história da Dialetologia e da Geolinguística do Português do Brasil, sofreu, em primeiro lugar, as dificuldades que este tipo de trabalho acarreta, devido às dificuldades de se fazer pesquisas de campo num país de dimensões continentais, com meios de transporte ainda muito carentes à época, sem especialistas suficientes e dispostos a assumir tais riscos.

O próprio Antenor Nascentes (1958), já naquela época, alertava para essas dificuldades e, por isso, recomendou que os pesquisadores da área se empenhassem, primeiramente, na elaboração de atlas regionais, para depois, gradativamente, irem se dedicando ao atlas nacional. Eis as palavras de Nascentes (1958, p. 7):

> Embora seja de toda vantagem um atlas feito ao mesmo tempo para todo o país, para que o fim não fique muito distanciado do princípio, os Estados Unidos, país vasto e rico e com excelentes estradas, entregou-se à elaboração de atlas regionais, para mais tarde juntá-los no atlas geral. Assim também devemos fazer em nosso país, que é também vasto [...].

E realmente foi assim que aconteceu: antes foram elaborados os atlas regionais e só depois, a partir de 1996, é que os pesquisadores começaram a trabalhar efetivamente no atlas nacional.

Atualmente, o Brasil já possui dez Atlas Linguísticos elaborados e publicados. São eles: *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (ROSSI, ISENSEE e FERREIRA,1963), *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais* (RIBEIRO, ZÁGARI, PASSINI e GAIO, 1977), *Atlas Linguístico da Paraíba* (ARAGÃO, 1984), *Atlas Linguístico de Sergipe* (FERREIRA *et. al*., 1987), *Atlas Linguístico do Paraná* (AGUILERA, 1994), *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul* (KOCH *et. al*., 2002), *Atlas Linguístico Sonoro do Estado do Pará* (RAZKY, 2004), *Atlas Linguístico de Sergipe II* (CARDOSO, 2005), *Atlas Linguistico do Mato Grosso do Sul* (OLIVEIRA, 2007) e *Atlas Linguístico do Ceará* (BESSA et al. 2010).

3.2.2.5.1 Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB)

O APFB foi o primeiro atlas linguístico brasileiro. Ele foi publicado em 1963, sob a coordenação do professor Nelson Rossi, da Universidade Federal da Bahia. Seus co-autores foram: Dinah Maria Isensee e Carlota Ferreira.

O objetivo desse atlas foi, então, mapear a área dos falares baianos. [48] Segundo Aragão (2005b), este Atlas se estrutura da seguinte forma: a) 50 localidades, cobrindo todo o estado da Bahia; b) 100 Informantes das seguintes faixas etárias: 25 a 84 anos; c) Nível de instrução: analfabeto e semi-alfabetizados; d) homens e mulheres; e) o Questionário contém 164 questões; f) nos campos semânticos: agricultura, pecuária, anatomia e fisiologia humana, culinária e alimentação, geografia e astronomia; g) as cartas, em número de 209 compreendem 11 de identificação, 154 fonéticas e léxicas e 44 cartas resumo. Os termos vêm transcritos no interior da própria carta ou com legendas e símbolos, em preto e branco e coloridos. Algumas cartas apresentam dados etnográficos, inclusive com ilustrações.

Para os estudiosos da área, este Atlas constitui um marco nos estudos da Geografia Linguística no Brasil, não só por ter sido o primeiro trabalho a ser publicado, mas por sua fundamental importância tanto para o conhecimento do falar regional da Bahia quanto do falar nordestino. Perreira (2007, p.20) afirma que "um outro aspecto relevante na realização deste Atlas é a sua natureza metodológica: a coleta dos dados foi feita em base auditiva, sem auxílio de gravadores com os quais se realizam, atualmente, trabalhos de campo".

3.2.2.5.2 Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais (EALMG)

O Atlas Linguístico de Minas Gerais foi o segundo atlas linguístico publicado no Brasil, tendo como autores os professores Mário Roberto Lobuglio Zágari, José Ribeiro, José Passini e Antônio Gaio. O seu primeiro volume foi publicado em 1977 e os outros ainda estão em fase de preparação. Este primeiro volume está estruturado assim: a) 116 municípios mineiros, cobrindo todo o Estado; b) 83 Informantes da Faixa etária de 30 a 50 anos; c) entre analfabetos ao nível superior; d) homens e mulheres; e) o Questionário com 415 questões; f) Campos semânticos do 1º volume: a terra, folguedos infantis; g) 73 cartas, sendo 45 onomasiológicas, com dados lexicais ou léxico-fonéticos.

Segundo Pereira (2007, p.20), o EALMG concilia métodos tradicionais da pesquisa geolinguística com outros modernos, oriundos da Sociolinguística laboviana, não se restringindo, assim, mais ao informante do tipo "HARAS" (homem, adulto, rurícola,

---

[48] Falares baianos compreendem, segundo a classificação de Antenor Nascentes, os Estados da Bahia, Sergipe, norte de Minas, leste de Goiás e do atual Tocantins.

analfabeto e sedentário), mas abrindo a possibilidade de análise de outros níveis de variação linguística.

Assim, os resultados do EALMG apontam para a confirmação da existência de três falares distintos no território mineiro: o falar baiano ao norte, o falar paulista no sudeste e o falar mineiro no centro-leste.

3.2.2.5.3 Atlas Linguístico da Paraíba (ALPB)

Este foi o terceiro atlas regional publicado no Brasil. ALPB foi elaborado pelas Professoras Maria do Socorro Silva de Aragão e Cleuza Bezerra de Menezes. Dos três volumes elaborados, dois já foram publicados.

Sua rede de localidades teve 25 municípios como bases, mais 3 municípios satélites por base, totalizando assim 75 municípios satélites, cobrindo todo o Estado. Estes municípios satélites serviram para controle e convalidação dos dados obtidos, embora não apareçam individualizados nas cartas.

Foram selecionados 107 Informantes da Faixa etária de 30 a 75 anos, com nível de instrução entre analfabeto a fundamental completo, entre homens e mulheres. Em cada localidade, foram inquiridos um mínimo de três e um máximo de dez informantes.

O questionário foi composto de duas partes: a primeira com 289 questões gerais e a segunda com 588 questões específicas. A parte geral compreendia os campos semânticos: terra, homem, família, habitação e utensílios domésticos, aves e animais, plantação, atividades sociais. A específica diz respeito aos cinco principais produtos agrícolas do Estado: mandioca, cana-de-açúcar, agave, algodão e abacaxi.

Todos estes campos foram distribuídos em cartas léxicas e cartas fonéticas, intercaladas. No segundo volume, O ALPB traz uma descrição detalhada da metodologia usada, os dados histórico-geográficos, geo-econômicos e sócio-culturais das localidades, a ficha dos informantes, os informantes por localidade, a análise das formas e estruturas linguísticas encontradas nos aspectos fonético-fonológicos e morfossintáticos.

3.2.2.5.4 Atlas Linguístico de Sergipe (ALS)

O *Atlas Linguístico de Sergipe* foi o quarto atlas linguístico brasileiro. Embora tenha sido concluído em 1973, só foi publicado apenas em 1987, por causa de uma série de

problemas, inclusive financeiros. Seus autores foram os pesquisadores Carlota Ferreira, Jacyra Mota, Judith Freitas, Nadja Andrade, Nelson Rossi, Suzana Cardoso e Vera Rollemberg.

A pesquisa deste Atlas foi assim estruturada: a) 15 localidades, cobrindo todo o Estado; b) 30 Informantes da Faixa etária de 25 a 65 anos; c) nível de instrução: analfabetos e semi-analfabetos; d) sexo: homens e mulheres; e) Questionário com 700 questões; f) Campos semânticos: terra, homem, animais, vegetais.

Quantas às cartas, foram elaboradas 180, sendo 11 introdutórias e 169 cartas léxicas. Em cada carta, há a remissão à carta correspondente no *Atlas Prévio dos Falares Baianos.* Há no *ALS*, ainda, uma série de cartas conjuntas Bahia-Sergipe, com dados da Bahia, não apresentados no *APFB*.

Conforme declara Cardoso (2010), o *Atlas Linguístico de Sergipe* traz um diferencial em relação ao *Atlas Prévio dos Falares Baianos* no que se refere aos avanços dos procedimentos metodológicos. "Com eles, passa-se a ter uma visão, de certo modo extensa, do que se constitui a área dos 'falares baianos', visão essa que se torna mais ampla se conjugada ao que se registra ao norte de Minas Gerais, também área dos 'falares baianos', segundo os dados que se apresentam no EALMG". (CARDOSO, 2010, p. 156).

3.2.2.5.5 Atlas Linguístico do Paraná (ALPR)

O Atlas Linguístico do Paraná, inicialmente, foi apresentado como tese de doutorado da Professora Vanderci de Andrade Aguilera e só depois, em 1994, publicado pelo Governo do Paraná e Universidade Estadual de Londrina.

Esse Atlas compreende dois volumes: um com a apresentação e o outro com as Cartas. O volume referente à apresentação contém uma introdução, um esboço histórico da colonização paranaense, os pontos linguísticos investigados, as características dos informantes por localidade, questionário linguístico, notações fonéticas, apresentação das cartas e notas.

O trabalho está estruturado assim: a) 65 localidades, cobrindo todo o Estado; b) 130 informantes da faixa etária: 30 a 60 anos; c) nível de instrução: analfabetos e fundamental completo; d) sexo: masculino e feminino; e) questionário com 325 questões nos campos semânticos: terra e homem.

O Atlas contém 6 cartas de identificação, 92 cartas léxicas, 70 cartas fonéticas, 19 cartas isoléxicas, 10 cartas isófonas e 6 cartas anexas com a distribuição geográfica do povoamento do Paraná, do século XVII a XX. Existem notas explicativas e de análise do material coletado no verso de cada carta.

3.2.2.5.6 Atlas Linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS)

Este Atlas é resultado de um projeto coordenado pelo Professor Walter Koch e envolve os três Estados do Sul do país. Foi iniciado em 1980 e teve seus dois primeiros volumes publicados em 2002. O primeiro com a introdução e o segundo com as cartas fonéticas e morfossintáticas.

Na área Rural, foram selecionados 275 pontos: 100 no Paraná, 80 em Santa Catarina e 95 no Rio Grande do Sul. E na área Urbana, 19 pontos: 6 no Paraná, 6 em Santa Catarina e 7 no Rio Grande do Sul, perfazendo um total de 294 localidades.

Também foram escolhidos 2 informantes por cada ponto das zonas rurais e 6 por cada ponto das zonas urbanas, entre homens e mulheres, na faixa etária de 28 a 58 anos, com graus de escolaridade analfabetos ou com até a 5º ano do Ensino Fundamental.

O Atlas teve um questionário com 735 questões de caráter geral, subdivididas em mil itens, das quais algumas coincidem com os outros Atlas já publicados, e complementadas por questionário específico em cada Estado. Os outros questionários são: semântico-lexical, com 800 questões, cobrindo vários campos semânticos, o morfossintático, com 75 perguntas e o fonético-fonológico, com 26 questões. Por fim, o Atlas contém um total de 176 cartas, sendo 70 de fonética e fonologia, 104 de morfossintaxe e duas cartas auxiliares.

3.2.2.5.7 Atlas Linguístico Sonoro do Estado do Pará (ALISPA)

O ALISPA tem como autor, e também coordenador, o Professor Abdelhak Razky, da Universidade Federal do Pará. Este Atlas faz parte de um projeto maior, o Atlas Geo-Sociolinguístico do Pará, ainda em andamento.

O ALISPA foi o primeiro Atlas sonoro do Brasil, utilizando um software especializado para tal feito. Por tratar de uma tecnologia digital e informatizada para o mapeamento de dados sonoros, o ALISPA é considerado um dos Atlas mais modernos no Brasil. O próprio autor deste Atlas afirma que:

> Este modelo de atlas propicia uma descrição dialetal em que o informante não é apenas um indivíduo limitado de códigos alfabéticos que constitui transcrição fonética [...] e um mapeamento fonético diatópico e diastrático que oferece a cada instante a possibilidade de se ouvir diversas vezes um trecho sonoro, constituindo um passo importante na objetivação dos dados fonéticos que possibilitam a verificação de uma dada transcrição fonética, seja para comprovar ou aprofundar uma análise articulatória ou acústica. (RAZKY, 2003, p.175).

A pesquisa para a elaboração deste Atlas foi assim estruturada: 10 localidades pertencentes às seis Mesorregiões do Estado do Pará, com 40 Informantes, nas faixas etárias de 18 a 30 e 40 a 70 anos. O nível de instrução foi até o 5º ano do Ensino Fundamental. A pesquisa se deu com ambos os sexos.

Um questionário com 157 perguntas (o mesmo questionário do Projeto ALiB, mas com adaptações) foi aplicado em cada localidade. Esse questionário analisa as variações fonético-fonológicas do português brasileiro falado no Pará. Portanto, o objetivo principal do ALISPA foi a construção de uma fonoteca dos falares paraenses.

3.2.2.5.8 Atlas Linguístico de Sergipe II (ALS-II)

O ALS-II, primeiramente, foi desenvolvido como tese de doutorado da Professora Suzana Alice Marcelino Cardoso, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 2002, mas só foi publicado em 2005, sendo considerada uma continuação, um segundo volume do Atlas Linguístico de Sergipe (ALS), já que se utiliza de *corpus* não explorado no primeiro volume.

A rede de pontos está composta de 15 localidades, distribuídas por todas as microrregiões homogêneas do estado, contando, cada ponto, com dois informantes (1 mulher e 1 homem), escolhidos de acordo com os critérios básicos para os estudos dialetais, ou seja, os mesmos critérios adotados pelo ALIB.

O ALS-II está centrado na área semântica HOMEM e constitui-se de um conjunto de 108 cartas, das quais três são introdutórias e 105 semântico-lexicais.

Segundo Cardoso (2010, p.160), o ALS-II é considerado um atlas de segunda geração, pois adota os seguintes princípios metodológicos: apresenta um conjunto de comentários às cartas e um índice onomasiológico das formas documentadas, a que se acrescenta um glossário semasiológico. Isto significa dizer que o ALS-II não só apresenta os dados, como também intenta já uma interpretação das cartas contidas nele.

3.2.2.5.9 Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul (ALMS)

O Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul apresenta uma descrição das diversidades linguísticas das diferentes regiões do Estado. O ALMS foi organizado pelo Prof. Dercir Pedro de Oliveira e publicado em 2007, pela Editora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Foram selecionadas 32 localidades distribuídas em cinco setores (os municípios): Três Lagoas, Corumbá, Aquidauana, Campo Grande e Dourados. Em cada ponto, foram entrevistados quatro sujeitos, dois homens e duas mulheres, nativos do município ou nele residentes desde os oito anos de idade e com grau de instrução rudimentar ou escolaridade até o 5º ano do Ensino Fundamental, perfazendo um total de 128 sujeitos.

O questionário se constituiu de 557 perguntas, segmentado em aspectos fonéticos e lexicais. O aspecto morfossintático foi estudado a partir de narrativas em que os sujeitos discorriam sobre fatos que haviam marcado suas vidas.

As entrevistas foram realizadas pelo método direto e os dados transcritos fonética e grafematicamente. O programa Sistema de Processamento de Dados Geolinguísticos (SPDGL) foi utilizado nas transcrições e na elaboração das 207 cartas, 47 fonéticas, 153 semântico-lexicais e 7 morfossintáticas.

3.2.2.5.10 Atlas Linguistico do Ceará (ALECE)

A ideia de elaborar o Atlas Linguístico do Estado do Ceará surgiu em 1970, no Núcleo de Pesquisa e Especialização em Linguística, do Centro de Humanidades, do Departamento de Letras Vernáculas, da Universidade Federal do Ceará (UFC). A equipe que liderou as pesquisas deste Atlas esteve sob a coordenação do Prof. José Rogério Fontenelle Bessa.

A pesquisa teve, no total, 69 municípios selecionados dentro das microrregiões homogêneas, com características físicas, sociais e econômicas semelhantes. Um dado interessante: Fortaleza foi excluída por apresentar grande heterogeneidade linguística, e por isso não se configura como representativa da fala do Ceará. Quanto aos informantes, foram escolhidos 268, entre homens e mulheres, na faixa etária de 30 a 60 anos. O nível de instrução foi do analfabeto até o 5º ano do Ensino Fundamental.

Segundo os dados apresentados por Aragão (2008, p. 132-133), o Questionário do ALECE contém 306 questões, compreendendo 583 itens, nos Campos semânticos: natureza: tempo, o homem, parentesco, partes do corpo, funções do corpo, doenças; o homem: características físicas, tipos sociais, jogos, objetos de uso pessoal, atividades e utensílios domésticos, comida, religião, animais, outros. Foram elaboradas 223 cartas, das quais 75 lexicais e 148 fonéticas, constando-se, entre elas, as cartas de ocorrência única e de variação zero.

O ALECE só foi publicado em 2010, em dois volumes, mas o que diz respeito a sua pesquisa em andamento, Brandão (1991, p.64), já reconhecia que este Atlas não seria só um meio de conhecimento do falar cearense, mas, principalmente, um instrumento capaz de fornecer dados para a reformulação do ensino da língua portuguesa, pois se verificava e verifica-se, até hoje, que os livros didáticos e as cartilhas de alfabetização não são adequados à realidade sociocultural dos alunos.

Também outros atlas, de caráter regional, se encontram em diferenciados estágios de elaboração, tais como: Atlas Geossociolinguístico do Pará (ALIPA), Atlas linguístico do Acre (ALAC), Atlas linguístico de Rondônia (ALiRO), Atlas linguístico do Maranhão (ALiMA), Atlas linguístico do Rio Grande do Norte (ALiRN), Atlas linguístico do Mato Grosso (ALiMAT), Atlas linguístico do Espírito Santo (ALES), Atlas Linguístico Sonoro do Estado do Rio de Janeiro (ALiSon- Rio), Atlas linguístico do Estado de São Paulo (ALESP) e Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata (ALMA). A seguir, algumas breves informações sobre estes atlas:

- Atlas Geossociolinguístico do Pará (ALIPA): Abdelhak Razky é o coordenador deste Projeto que tem uma Rede de pontos com 51 localidades rurais, distribuídas pelas seis mesorregiões do Estado do Pará. Os informantes, de ambos os sexos, são distribuídos pelas zonas rural e urbana. Na zona rural, são inquiridos quatro informantes, dois homens e duas mulheres, de duas faixas etárias (18 a 30 anos e 40 a 70 anos), alfabetizados até a 5º ano. Na área urbana, informantes dos dois sexos, de três faixas etárias (15 a 25, 26 a 49 e mais de 50 anos) e três graus de escolaridade (analfabetos, com Ensino Fundamental completo e com Ensino Médio completo). Os questionários contém 257 perguntas, dividido em duas partes: uma geral — com as áreas semânticas "terra" e "homem", lendas e superstições e narrativa pessoal —, e outra dirigida a aspectos específicos da região investigada. Narrativas pessoais foram também coletadas na área urbana.

- Atlas Linguístico do Acre (ALAC): idealizado por Luísa Galvão Lessa, o atlas abrange 18 localidades, divididas em três áreas: Vale do Acre, Vale do Juruá e Vale dos Purus. A pesquisa desenvolve-se no intuito de levantar e analisar as características linguísticas e etnográficas de cinco atividades econômicas do Estado, representadas por seringueiros, agricultores, pescadores, madeireiros e pecuaristas.

Os informantes do atlas, de ambos os sexos, foram distribuídos em três faixas etárias e responderam às duas partes do questionário (uma geral, outra específica). Os dados recolhidos estão em fase de análise e já deram origem a 23 cadernos de estudos sobre a linguagem local, segundo a autora.

- Atlas Linguístico de Rondônia (ALiRO): o Projeto, segundo Altino (2007), está em fase de implementação, sob a responsabilidade de Iara Maria Teles, com 5 localidades constituindo a Rede de pontos. O Projeto pretende entrevistar 24 informantes por meio dos mesmos Questionários utilizados pelo ALiB.

- Atlas Linguístico do Maranhão (ALIMA): o Projeto é datado de 2000, mas foi iniciado em 2002, compondo a equipe responsável Conceição de Maria de Araújo Ramos, José de Ribamar Mendes Bezerra, Márcia Miguel Feitosa, Maria de Fátima Sopas Rocha, Teresinha de Jesus Baldez e Silva. A Rede de pontos é formada por 18 localidades (incluindo as 9 do ALiB), com 76 informantes (4 por ponto de inquérito e 8 na capital), selecionados com os mesmos critérios do ALiB. Quanto ao questionário, o projeto adota os do Projeto ALiB, com alguns ajustes: eliminação e acréscimo de questões. Apenas o QFF do ALiB foi mantido integralmente, sem modificações.

- Atlas Linguístico do Rio Grande do Norte (ALiRN): tem uma equipe responsável formada pela coordenadora Maria das Neves Pereira (UFERSA), pela diretora científica do Projeto Maria do Socorro Aragão (UFPB/UFC) e Silvana Moura Costa (UNP/UFRN). O Projeto tem uma Rede de pontos com 10 localidades (as cinco do ALiB com mais outras cinco), cobrindo todo o Estado, com 44 informantes (4 por ponto de inquérito e 8 na capital) e utilizando os mesmos critérios do ALiB. O projeto adota os questionários do Projeto ALiB, mas com acréscimo de algumas questões.

- Atlas Linguístico de Mato Grosso (ALiMAT): faz parte da equipe responsável deste Atlas José Leonildo Lima, Judith Albuquerque, Antônio Tadeu de Azevedo, Cássia Regina Tomanin, Liliane Batista Barros, Maria José Marques, Valéria Cardoso, Wellington Quintino e Zenaide Souza. São 22 localidades que constituem a Rede de pontos, com um total de 92 Informantes, sendo 4 por ponto de inquérito e 8 na capital. O questionário, elaborado segundo os parâmetros dos questionários do Projeto ALiB, contém 256 perguntas de natureza léxico-semântica, 159 para apuração fonético-fonológica, 124 destinadas à morfossintaxe e três temas para desenvolvimento de discurso livre.

- Atlas Linguístico do Espírito Santo (ALES): a equipe responsável é composta pela coordenadora Catarina Vaz Rodrigues (UFES), Valéria Cristina Barbosa Gabriel, Valdeciliana da Silva Ramos Andrade (Faculdades Vitória). Conta ainda com a assessoria de Vanderci de Andrade Aguilera (UEL). Neste Atlas, o Estado foi dividido em células de 5.000 km² e foram selecionados 35 pontos na zona rural, em áreas de densidade baixa ou média, representativos histórica e culturalmente, e estão previstos mais quatro centros urbanos. No que se refere aos informantes, foram escolhidos dois em cada localidade, estratificados quanto

ao sexo, com baixa escolaridade e idade entre 30 e 55 anos. Os Questionários estão distribuídos assim: Questionário Semântico-lexical, com 220 questões; Questionário Morfossintático, com seis itens; e Questionário Fonético-fonológico, com 25 questões. Os inquéritos em zona rural já foram realizados e estão em fase final de transcrição e em teste com os primeiros resultados.

- Atlas Linguístico Sonoro do Estado do Rio de Janeiro (ALiSon- Rio): segundo Almeida (2008, p. 73), o Projeto Alison-Rio foi idealizado por Cláudia de Souza Cunha. Este projeto tem o objetivo de publicar interativamente, em CD-Rom, cartas que integrarão imagem, texto e som. Ainda em fase de implantação, o projeto abarcará, ao final, 24 localidades, representando as 8 microrregiões do Estado do Rio de Janeiro. Em cada ponto de inquérito, serão entrevistados quatro informantes com no máximo o 5º ano do Ensino Fundamental, sendo um homem e uma mulher, representantes de duas faixas etárias: de 18 a 30 anos e de 50 anos em diante. Os inquéritos são executados com base na aplicação do Questionário Fonético-Fonológico do Projeto ALiB e na realização de entrevistas do tipo DID (Diálogo entre o informante e o documentador), como acontece no Projeto NURC (Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta).

- Atlas Linguístico do Estado de São Paulo (ALESP): iniciado por Pedro Caruso, tem contado com a participação de outros professores como Brian Head e Vandersí Santana. Este Atlas está composto por uma Rede de pontos com 100 localidades, com um número de 200 informantes (dois por ponto de inquérito). Já o questionário consta de 317 questões (310 referentes às áreas semânticas "terra" e "homem", seis questões relativas a lendas e superstições, uma questão sobre "relato de uma experiência pessoal"). Esse questionário foi precedido por um mais reduzido, com 50 perguntas, aplicado em inquéritos por correspondência.

.- Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata (ALMA): é um macroprojeto desenvolvido em conjunto pelas áreas de Romanística (da CAU - Christian-Albrechts-Universität de Kiel, Alemanha) e Germanística (do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil), sob a coordenação do Prof. Dr. Harald Thun (Kiel) e do Prof. Dr. Cléo V. Altenhofen (Porto Alegre), contando com o apoio financeiro da Fundação Alexander von Humboldt, no âmbito do programa de parcerias binacionais entre institutos. Este projeto tem os pressupostos teórico-metodológicos orientados pela Dialetologia pluridimensional e relacional (Thun 1996).

Segundo Altenhofen (2011), a fase atual do ALMA se ocupa com o Hunsrückisch – definido como uma coiné de contato com o português derivada historicamente do contínuo

dialetal de base francônio-renana e francônio-moselana do alemão como língua de imigração trazida ao RS a partir da primeira metade do séc. XIX.

O ALMA objetiva constituir um banco de dados linguísticos e etnográficos da variedade Hunsrückisch em contato com o português e o espanhol em uma rede de pontos, com 38 localidades, na Bacia do Prata, envolvendo 3 no Paraguai, 3 em Misiones na Argentina e 32 no sul do Brasil: 23 nos estados do Rio Grande do Sul, 6 em Santa Catarina e 3 no Paraná. Com esse *corpus*, os pesquisadores pretendem elaborar um amplo mapeamento da variação, contatos linguísticos e uso do Hunsrückisch no espaço pluridimensional da área em estudo, como verificar a competência dos falantes nas duas variedades linguísticas, a alternância de códigos, a relação oralidade/escrita etc. Quanto à entrevista, segue o princípio da pluralidade de informantes, sendo quatro entrevistas por ponto. Os informantes são escolhidos em duas gerações (de 18 a 36 e acima de 55 anos), e em duas classes: uma classe socioculturalmente mais alta (Ca) e uma outra socioculturalmente mais baixa (Cb). As entrevistas seguem um questionário-base e conversas semi-dirigidas, com dados iconográficos, incluindo a presença visual da língua na região e etno-textos.

3.2.2.6 Pesquisas dialetológicas: tendências atuais em dissertações e teses

Além de todos estes projetos, outras pesquisas têm sido realizadas também nos Programas de Pós-Graduação. O crescente e significativo número de dissertações e teses voltadas para a elaboração de um saber/fazer geolinguístico demonstra ainda mais a importância deste campo de estudo em vários níveis da língua, como as seguintes pesquisas: Atlas Linguístico do Amazonas, de Cruz (2004), Atlas Linguístico do Município de Ponta Porã – MS: um registro das línguas em contado da fronteira do Brasil com o Paraguai, de Reis (2006), Atlas Geolinguístico do Litoral Potiguar, de Pereira (2007), Atlas Linguístico do Paraná II, de Altino (2007), Atlas Fonético do Entorno da Baía da Guanabara, de Lima (2006), Projeto Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro, de Almeida (2008), Atlas Linguístico Léxico-semântico de Iguatu, de Lima (2009) e Atlas Linguístico da Mata Sul de Pernambuco, de Almeida (2009).

- Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM), de Cruz (2004): foi desenvolvido em forma de tese de Doutorado na UFRJ, sendo defendida em 2004, por Maria Luíza de Carvalho Cruz que se preocupou em controlar, de forma sistemática, as variáveis gênero e faixa etária. Assim, foram investigados 54 informantes, 6 em cada município, sendo três homens e três

mulheres, nas faixas etárias de 18 a 35 anos, 36 a 55 anos e 56 em diante, com nível de instrução até no máximo ao 5º ano do Ensino Fundamental ou analfabetos.

Os Questionários QFF e QSL são os mesmos utilizados pelo Projeto ALiB, incluindo questões que visam a apurar aspectos regionais específicos. No total, são 483 questões. O primeiro inquérito foi realizado em Manacapuru, com a aplicação de um pré-questionário, acrescentando-se ou eliminando-se questões, na versão definitiva dos questionários.

O Atlas está organizado em dois volumes, sendo que no primeiro está a apresentação, introdução e fundamentação teórico-metodológica. O segundo contém 107 cartas fonéticas e 150 cartas semântico-lexicais dos falares de nove localidades representativas das nove microrregiões do Estado do Amazonas: Barcelos (microrregião do Alto Rio Negro), Tefé (microrregião do Jutaí- Solimões-Juruá), Benjamin Constant (microrregião do Alto Solimões), Eirunepé (microrregião do Juruá), Lábrea (microrregião do Purus), Humaitá (microrregião do Madeira), Manacapuru (microrregião do Rio Negro – Solimões), Itacoatiara (microrregião Médio Amazonas) e Parintins (microrregião do Baixo Amazonas).

Nas cartas, são usados símbolos de acordo com a frequência com que ocorrem. No verso das cartas, quando necessário, apresentam-se notas a respeito da carta subsequente. Nas cartas fonéticas, há gráficos que fornecem índices percentuais relativos à produtividade de determinadas variantes. Algumas cartas trazem ilustrações. Há 41 cartas especiais, denominadas de *Derivadas* (DER), resultantes da reunião de respostas do QFF ou do QSL.

- Atlas Linguístico do Município de Ponta Porã – MS: um registro das línguas em contato da fronteira do Brasil com o Paraguai, de Reis (2006): dissertação de mestrado que teve como objetivo registrar a modalidade oral da variante sul-mato-grossense da língua portuguesa, no município de Ponta Porã, além de documentar as possíveis mudanças da língua falada e registrar as marcas de conservadorismo e bilinguismo nas línguas em contato (português, espanhol e guarani) na fronteira com o Paraguai.

- Atlas Geolinguístico do Litoral Potiguar (ALiPTG), de Pereira (2007): tese de doutorado de Maria das Neves Pereira (Universidade Federal Rural Semi-Árido - UFERSA), defendida na UFRJ, que registra, analisa e descreve as variantes linguísticas (fonético-fonológicas, léxico-semânticas e morfossintáticas), do ponto de vista diatópico e diastrático, do falar norte-riograndense na região litorânea. A Rede de pontos se constitui de 5 municípios que são Natal (capital), Touros, Macau e Areia Branca. Os 24 informantes foram escolhidos com base em alguns critérios adotados pelo Projeto ALiB e a coleta foi feita através dos

Questionários Fonético-Fonológico (QFF), Semântico-Lexical (QSL), Morfossintático (QMS) e o de narrativas livres: Questionário Semidirigido, aplicados em entrevistas *in loco*.

Este trabalho é composto de 2 volumes: O volume 1 compreende os dados histórico-geográficos do Estado Rio Grande do Norte, síntese da Geografia Linguística no Brasil, a fundamentação teórica que norteou a pesquisa, a metodologia adotada, a análise dos dados e anexos. O volume 2 contém uma pequena exposição sobre o procedimento de leitura das cartas, sobre o sistema de transcrição fonética e grafemática e 80 cartas linguísticas distribuídas da seguinte forma: 35 cartas fonéticas, 10 morfossintáticas e 35 cartas léxicas, além de oito cartas geográficas introdutórias que identificam o Estado Potiguar e as suas mesorregiões e, por fim, um conjunto de notas anexas onde se encontram algumas fichas de levantamento dos dados utilizadas para a feitura das cartas linguísticas.

- Atlas Linguístico do Paraná II (ALPR II), de Altino (2007): esta tese de doutorado que objetiva cartografar os dados coletados da pesquisa de Aguilera (1994) não contemplados no Atlas Linguístico do Paraná I, dando, assim, continuidade aos estudos iniciados por essa pesquisadora e possibilitando o acesso à totalidade dos dados coletados. Ou seja, Altino aproveita as questões não aproveitadas por Aguilera no ALPR I. Essas questões inéditas constituem 54% do questionário aplicado por Aguilera e sua equipe. Essa pesquisa se deu em uma Rede de pontos com 65 localidades inquiridas também no ALPR I. Assim, os Informantes são os mesmos do ALPR (dois em cada ponto, distribuídos quanto ao gênero), de idades entre 27 e 62 anos, analfabetos ou semi-alfabetizados.

Este trabalho se apresenta em 2 volumes: o 1º volume com introdução, análise dialectométrica, glossário, CD com apêndice (com as matrizes dos dados utilizados na dialectometria) e 3 anexos (A – Questionário: B- Rede de pontos; C-Ficha dos informantes); o 2º Volume, com 3 cartas introdutórias, cartas que apresentam informações semântico-lexicais, fonético-fonológicas e notas das ocorrências únicas. Além disso, contém a análise dialectométrica dos dados.

No campo fonético-fonológico, a título de exemplo, as seguintes pesquisas são citadas:

- Atlas Fonético do Entorno da Baía da Guanabara, de Lima (2006): dissertação de mestrado de Luciana Gomes de Lima, defendida na UFRJ. Este trabalho faz um estudo dialetológico, de cunho fonético-fonológico, com vistas à descrição da fala de quatro municípios representativos da Região Metropolitana do Estado do Rio de Janeiro: Nova Iguaçu, Duque de Caxias, Magé e Itaboraí, selecionadas segundo critérios de natureza sócio-histórico-político-cultural. Ao todo, são 24 informantes (06 em cada ponto), com escolaridade

até, no máximo, o 4º ano do Ensino Fundamental. O Questionário usado foi um fonético-fonológico, com 279 questões e elocuções livres, com entrevistas *in loco* pela própria pesquisadora. O resultado final é um conjunto de 314 cartas fonéticas, em 2 volumes.

- Projeto Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro, de Almeida (2008): tese de doutorado de Fabiana da Silva Campos Almeida, defendida na UFRJ, que trata de uma pesquisa dialetológica, de cunho fonético, que almeja a descrição de doze falares fluminenses, com base nos preceitos da Geografia Linguística, aliados a parâmetros de ordem Sociolinguística. A Rede de pontos está composta por 12 localidades: São Francisco do Itabapoana, Porciúncula, Santa Maria Madalena, Cabo Frio, Cantagalo, Cachoeiras de Macacu, Itaguaí, Parati, Valença, Três Rios, Quissamã e Resende. Ao todo, são 72 informantes (seis em cada localidade), estratificados quanto ao gênero e faixa etária (de 18 a 35 anos, de 36 a 55 anos e 56 anos em diante), com escolaridade até, no máximo, o 5º ano do Ensino Fundamental.

O Questionário fonético contem 279 questões e elocuções livres, com duração de 15 a 30 minutos. As entrevistas, realizadas *in loco* pela própria pesquisadora, foram gravadas em mini-discs com o auxílio de um aparelho MD. O resultado é um conjunto de 306 cartas fonéticas, sendo o trabalho final apresentado em 2 volumes.

Também, muitas pesquisas no nível semântico-lexical têm surgido nos últimos anos. Para comprovar mais ainda a efervecência das pesquisas dialetológicas neste nível linguístico, apresenta-se abaixo, trabalhos, por exemplo, do Nordeste e do Sul do Brasil. Do Nordeste, são:

- Atlas Linguístico Léxico-semântico de Iguatu, de Lima (2009): dissertação de mestrado que documenta a linguagem regional falada nessa localidade, com o objetivo de produzir um atlas léxico-semântico da língua falada, tanto na zona rural quanto na zona urbana da cidade pesquisada;

- Atlas Linguístico da Mata Sul de Pernambuco, de Almeida (2009): dissertação de mestrado, defendida na Universidade Federal da Paraíba, que analisa as variações léxico-semânticas da região em questão.

- Para Um Atlas Linguístico de São Francisco do Sul**:** há nesta ilha um falar específico? (ALSFS), de Guimarães (2007): é um Projeto de Tânia Braga Guimarães, que está ainda em fase inicial, sendo desenvolvido, sob a orientação de Vanderci Aguilera, como pesquisa de tese, na Universidade Estadual de Londrina. Com base no QFF e no QSL do ALiB, a doutoranda já elaborou um Questionário de 250 questões que foi aplicado, em cada um dos 9 pontos de inquérito, a quatro informantes distribuídos por gênero e duas faixas

etárias (18 a 30 e 50 a 65 anos). Dessas questões, já foram selecionadas 100 para a elaboração de 50 cartas fonéticas e 50 semântico-lexicais.

Quanto a produções do Sul, Santos (2008) faz muito bem uma trajetória da Geolinguística, com base em algumas dissertações e teses na Universidade de São Paulo. A autora começa fazendo um levantamento dos trabalhos sobre a variação diatópica que usam o método geolinguístico e, a seguir, descreve o percurso teórico-metodológico das pesquisas. Assim, Santos apresenta algumas produções a partir, principalmente de dois aspectos: proposta de análise do componente semântico-lexical e constituição de bancos de dados geolinguísticos com vistas à elaboração de atlas linguísticos.

Quanto à proposta de análise do componente semântico-lexical, a autora apresenta a dissertação de mestrado "Proposta de análise semântico-lexical da lexia nevoeiro e suas variantes lexicais em seis atlas linguísticos brasileiros", defendida por Zambo (2002). A partir dos seis atlas linguísticos, a autora focaliza as ocorrências da lexia, tomada como base, e as variantes semântico-lexicais relacionadas a ela. Busca compará-las semanticamente, agrupando-as por semelhanças e diferenças. Analisa-as nos níveis de articulação da língua, Sistema, Norma e Fala (COSERIU, 1973), estabelecendo suas relações de significação, segundo o modelo de signo linguístico de Pottier (1972) e discutido por Pais (1977) e Barbosa (1990).[49] A autora conclui que a variação das lexias, apresentada nos vários atlas, não somente revelam os usos possíveis de cada uma, como também apontam casos de relações de oposição transitiva ou disjuntiva, e de identidade total ou parcial.

No que se refere à constituição de bancos de dados semântico-lexicais com vistas à elaboração de atlas linguísticos, Santos aponta que o primeiro trabalho considerado como banco de dados semântico-lexicais é a dissertação de mestrado "Estudo com vistas a um atlas linguístico da Ilha de Santa Catarina: abordagem dos aspectos lexicais", de Imaguire (1999) que registra as variantes de alta frequência utilizadas pelos moradores da Ilha de Santa Catarina e aplica o questionário de 315 perguntas, abrangendo duas áreas semânticas: a terra e o homem. Os dados coletados nas entrevistas são analisados sob os seguintes aspectos: frequência das variantes, estruturação das lexias, uso do diminutivo e emprego de adjetivos qualificativos.

A tese de doutorado "Estudo semântico-lexical com vistas ao atlas linguístico da mesorregião do Marajó/Pará", de Silva (2002) apresenta o *corpus* da fala de 20 sujeitos, de ambos os sexos, em duas faixas etárias 18 a 25 anos e 45 a 70 anos. Os dados, resultantes da

---

[49] Obras citadas por Santos (2008).

aplicação do Questionário Semântico-Lexical do ALIB, permitem a formação de um *corpus* constituído de variantes lexicais, organizadas em tabelas, a partir dos critérios de alta frequência e distribuição regular nos cinco pontos linguísticos, por campo semântico. Silva (2002) aponta que, de um total de 207 questões, 75 variantes lexicais (independentes do índice de frequência), o equivalente a um terço, apresentam respostas coincidentes com as sugeridas no Questionário do ALIB; enquanto 132, o equivalente a dois terços, não o são. Salienta que as últimas representam as variantes lexicais características entre os marajoaras.

A dissertação de mestrado "Estudo geolinguístico de aspectos semântico-lexicais do campo semântico 'alimentação e cozinha' (questionário do ALiB) no município de Sorocaba", de Santos (2002). A autora seleciona dez pontos, partindo do centro para as extremidades, em espiral. Entrevista quatro sujeitos por ponto - um de cada sexo-, em duas faixas etárias: 18-30 anos e 45-60 anos, num total de 40 sujeitos. Utiliza o questionário semântico-lexical do Questionário do ALiB, especificamente o campo "Alimentação e Cozinha". Na análise quantitativa, anota a frequência relativa das variantes semântico-lexicais coletadas nas entrevistas, por ponto, por sexo e por idade, dispõe-nas em tabelas e, posteriormente, em cartas.

Em sua tese de doutorado "Abordagem semântico-lexical do falar sorocabano, com base no questionário do ALiB", Santos (2005) dá continuidade ao estudo geolinguístico do município de Sorocaba, abordando os demais campos semânticos do questionário semântico-lexical. Examina a ocorrência das variáveis sociolinguísticas, a saber, a idade, os strata, a escolaridade e o sexo; e, ainda, as influências étnicas quando da formação da região. Também faz igualmente a análise semântico-lexical das lexias de alta frequência, enfocando basicamente a questão da polissemia do Sistema e a da monossemia ou não do Falar (discurso), com vistas ao levantamento da Norma dos falantes da região. Ao final de cada campo semântico, aponta elementos constitutivos da norma da região.

Em sua tese de doutorado "Estudo geolinguístico de alguns municípios do litoral sul paulista: abordagem de aspectos semântico-lexicais", Imaguire (2004) aponta as variantes linguísticas usadas por sujeitos, registrando-as em cartas lexicais. Para a pesquisa, utiliza o questionário semântico-lexical do ALiB. Seleciona oito pontos e no total, entrevistam-se 72 sujeitos. Entrevista adultos nas seguintes faixas etárias: faixa etária I (de 18-30 anos), faixa etária II (de 31-49 anos)[50] e faixa etária III (de 50-65 anos). Os dados coletados são dispostos

[50] Faixa etária intermediária não utilizada pelo ALiB.

em tabelas e cartas. Nas tabelas, indicam-se as variáveis sociais investigadas na pesquisa, por ponto, com a atribuição das frequências absoluta e relativa correspondentes.

A dissertação de mestrado "Estudo geolinguístico de aspectos semântico-lexicais nas comunidades tradicionais do município de Ilhabela", de Encarnação (2005). A autora investiga quatro comunidades e entrevista seis sujeitos, na faixa etária de 50 a 65 anos. A autora utiliza a última versão do questionário semântico-lexical do Projeto ALiB, especificamente a subárea Flora. As variantes são inseridas em tabelas e documentadas em cartas. Faz a análise semântico-lexical das lexias amendoim e umbigo. Segundo a autora, pretende-se mostrar a ampliação de sentidos que as lexias adquirem e o princípio de que toda relação de sentidos conduz a uma mobilização de unidades linguísticas no plano do significado (ENCARNAÇÃO, 2005).

A tese de doutorado "Atlas semântico-lexicais de Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba – municípios do litoral norte de São Paulo", também de Encarnação (2010) descreve a norma semântico-lexical dos quatro municípios do ponto de vista geolinguístico e elabora o Atlas Semântico-Lexical do Litoral Norte do Estado de São Paulo. A pesquisadora utilizou o Questionário Semântico-Lexical (QSL), versão 2000, do Projeto ALiB - Atlas Linguístico do Brasil. Em cada um dos pontos, entrevistou adultos de 18 a 30 anos e de 50 a 65 anos, de ambos os gêneros, que tivessem estudado apenas até o 9º ano do Ensino Fundamental. Os dados colhidos durante as entrevistas geraram os histogramas, os gráficos e as tabelas, cujos registros mostram a diversidade semântico-lexical do falar da região, posteriormente documentada nos 208 cartogramas linguísticos. Ao final, obteve-se um total de 148 lexias com alta frequência (≥ 50%) e distribuição regular que revelam a norma da região.

Ainda no litoral de São Paulo, iniciam-se estudos na perspectiva sociogeolinguística em outras localidades. Por exemplo, a dissertação de mestrado "Estudo sociogeolinguístico do município de Iguape: aspectos semântico-lexicais", de Silveira (2009), registra amostras do dialeto caiçara, bolsão de tupinismos, arcaísmos e variantes lexicais peculiares. A pesquisadora procurou arrolar as lexias mais utilizadas na região não somente para lançá-las num mapa. Aplicou as questões da área Corpo Humano do Questionário semântico-lexical do Projeto ALiB, versão 2001, em três pontos do município de Iguape – Icapara, Rocio e Jairê, a doze sujeitos, quatro de cada ponto, dos dois gêneros e em duas faixas etárias, quais sejam, de 18 a 30 anos (primeira faixa) e de 66 anos em diante (segunda faixa). O trabalho faz o registro da realidade linguística desta parte muito pequena do Brasil, mas de grande importância para os estudos geolinguísticos.

A tese de doutorado "Atlas Semântico-Lexical da Região do Grande ABC", de Cristianini (2007) descreve a norma semântico-lexical da região do Grande ABC paulista, com vistas a um atlas. Cristianini aplicou o Questionário Semântico-Lexical do Projeto ALiB, versão 2001, em nove pontos da região a 36 sujeitos subdivididos em duas faixas etárias – 18 a 30 e 50 a 65 anos de idade – e nos dois gêneros – feminino e masculino. Com as respostas obtidas nas entrevistas, elaborou um banco de dados semântico-lexical, disponível em CD-ROM, e, posteriormente, foram os dados tratados e documentados cartograficamente, a fim de que se pudesse elaborar o quadro da diversidade semântico-lexical do falar da região do Grande ABC.

Por meio destas pesquisas, percebe-se que o registro dos diferentes falares regionais deixam transparecer marcas sócio-culturais representativas das diferentes regiões brasileiras. Assim, os estudos geolinguísticos no Brasil podem vir a revelar as variedades linguísticas significativas, cujo estudo pode contribuir para o resgate da história interna e externa da língua portuguesa.

3.2.2.7 Classificação dos Atlas Linguísticos

Para se ter uma compreensão melhor do percurso histórico dos atlas linguísticos, apresenta-se agora uma tipologia abordada por Cardoso. Esta pesquisadora afirma que se pode classificar os atlas linguísticos levando em consideração o espaço geográfico, a natureza dos dados e a cartografia dos dados. (CARDOSO, 2010).

Quanto ao espaço geográfico, conforme Alinei (1994, p.21), citado por Cardoso (2010, p.67), os atlas linguísticos podem ser regionais, nacionais, de grupo linguístico e continentais.

Como se sabe, o ALIB é um exemplo dos atlas nacionais, pois o mesmo tenta recobrir todo o país. Nesse tipo de atlas, "a dimensão da coleta de dados linguísticos define-se pela extensão do domínio geopolítico do país considerado e os limites linguísticos findam por serem traçados segundo os próprios limites políticos". (CARDOSO, 2010, p.68). Mas os atlas nacionais não conseguem abarcar todos os detalhes e podem, assim, reduzir a possibilidade de comparação entre os dados pesquisados. Já os atlas regionais buscam detalhar o conhecimento de regiões específicas, possibilitando o registro dos vários usos da fala que muitas vezes se contrapõem. É o caso do *Atlas Prévio dos Falares Baianos.* Para Cardoso (2010, p.74), os atlas de grupo linguístico têm o objetivo de descrever famílias de línguas, demarcando os seus espaços políticos, procurando traçar o perfil espacial do domínio da família que invade

territórios politicamente separados, identificando os seus próprios limites. Tem-se, como exemplo, o *Atlas Linguistique Roman* (ALiR). O único atlas continental elaborado até agora é o *Atlas Liguarum Europae* (ALE). A sua importância "está não apenas na metodologia de enfoque dialetal que introduz com a intercomparação de dados entre línguas as mais diversas, mas também numa redefinição de políticas de abordagem das línguas." (CARDOSO, 2010, p.73).

No tocante à natureza dos dados, os atlas classificam-se em atlas de primeira, de segunda e de terceira geração. Os atlas de primeira geração apresentam a diversidade de usos e sua distribuição espacial, com resultados acrescidos de algumas notas e ilustrações que complementam as informações sócio-linguístico-culturais. Eles não contêm interpretação de dados, mas apenas análise linguística. O *Atlas Linguístico da Paraíba* é um exemplo básico desse tipo de atlas. Além de apresentar as cartas linguísticas e os comentários, os atlas de segunda geração detêm-se nas análises interpretativas dos dados cartografados. Segundo Cardoso (2005, p.116), o *Atlas Linguístico de Sergipe II* é um bom exemplo de um atlas de segunda geração. Os atlas de terceira geração apresentam dados tradicionais nas cartas, acrescentando-lhes "dados vivos" de natureza sonora e acústico-articulatória que dão acesso à voz do próprio informante, simultaneamente com o ponto de inquérito onde ele se situa. Além disso, este tipo de atlas pode exibir, com utilização dos recursos da Internet ou de mídias, as cartas, as localidades e as respectivas ocorrências registradas. São atlas totalmente informatizados chamados "falantes", como por exemplo, o *Atlas Linguistique de La Corse* e o *Atlas Linguístico Sonoro do Pará.*

No que se refere à cartografia de dados, Cardoso (2010, p.83) afirma que "diversos tipos de apresentação de dados cartografados aparecem no curso da história dos estudos dialetais, das mais simplificadas cartas àquelas que oferecem cruzamento de dados em função de variáveis consideradas." Há, assim, cartas que indicam apenas a variação diatópica, situando as ocorrências por localidade, sem controle de informante e sem notas complementares às respostas. Mas há também cartas com informações adicionais e comentários dos informantes, dos inquiridores e dos transcritores.

Para Coseriu (1982a, p.83), as cartas linguísticas, basicamente, podem ser classificadas de acordo com os fatos linguísticos ou a maneira de apresentar o material. Conforme o enfoque dado aos fatos linguísticos, as cartas linguísticas podem ser:

a) cartas fonéticas: registram as variantes de um fonema comprovadas nos pontos investigados, ou de vários fonemas correspondentes a um único fonema mais

antigo ou também determinadas séries de fonemas que se encontram na mesma situação do ponto de vista histórico;

b) cartas lexicais: registram as palavras empregadas para expressar o mesmo conceito, levando em consideração as variações fônicas, isto é, a pronúncia peculiar de cada ponto;

c) cartas propriamente linguísticas: registram em sua integridade fônica e morfológica as expressões comprovadas em cada ponto investigado.

Conforme a maneira de apresentar o material, as cartas podem ser cartas sintéticas que implicam uma elaboração, pois estabelecem os limites das áreas correspondentes às formas típicas comprovadas ou cartas pontuais que não estabelecem tais limites e registram fielmente as formas comprovadas em todos e em cada um dos pontos pesquisados.

Já Cardoso (2010, p.85-86) aponta as cartas motivacionais que priorizam as relações entre as línguas descritas, estabelecendo correlações entre os dados, procurando princípios gerais que unem grupos de respostas ou perseguindo relações mais aprofundadas no campo semântico ou etimológico.

Por fim, como afirma Silva (2003), os trabalhos dialetológicos se inserem em dois grandes grupos: trabalhos de análise, com apresentação de trabalhos conclusivos, e trabalhos de descrição de realidades dialetais, que vão instrumentar análises e conclusões sobre a realidade em foco. Em qualquer um dos casos, o levantamento de cunho dialetológico é um retrato de um estado de língua, num dado momento, num certo espaço geográfico, levando em consideração o contexto social como também a Sociolinguística leva em conta.

4 METODOLOGIA DA PESQUISA EM FOCO

Para a realização desta pesquisa, seguiram-se os preceitos da Geolinguística, método da Dialetologia. Assim, conforme já foi visto anteriormente, Ferreira e Cardoso (1994) definem quatro etapas da pesquisa dialetológica que são a preparação da pesquisa, a execução do trabalho, a exegese de todo material coletado e análise das cartas e a divulgação dos resultados. Neste presente capítulo, expõem-se as etapas que foram percorridas para a realização do Atlas Linguístico do Centro-Oeste Potiguar.

Vale salientar que, sempre quando foi possível, a metodologia dessa pesquisa baseou-se nas orientações metodológicas adotadas pelo Projeto *Atlas Linguístico do Brasil* - ALiB, considerando, claro, os dados socioeconômicos e culturais particulares do estado e, principalmente, da região pesquisada.

Primeiramente, antes de iniciar a pesquisa geolinguística propriamente dita, fez-se uma pesquisa bibliográfica e documental, com o intuito de realizar um mapeamento histórico-geográfico e o levantamento de indicadores sociais da região. Ou seja, desenvolveu-se um conjunto de estudos preliminares da história, da geografia e da vida econômica e sócio-cultural das localidades, que consistiram na pesquisa bibliográfica e documental especializada. A pesquisa bibliográfica foi feita a partir do seguinte material:

a) livros, teses, dissertações, artigos sobre linguística, Dialetologia, Geolinguística, Sociolinguística;
b) livros, teses, dissertações, artigos sobre trabalhos dialetológicos;
c) livros sobre história, geografia, economia, sociologia do RN e da região a ser pesquisada.

A pesquisa documental consistiu em pesquisar documentos antigos e atuais sobre as localidades pesquisadas (dados geográficos, históricos, econômicos, culturais e sociais pertinentes à pesquisa). Para isso, consultaram-se os documentos produzidos pelas seguintes instituições:

a) Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE;
b) Secretaria de Estado do Planejamento e das Finanças e Instituto de Desenvolvimento Econômico;
c) Instituto de Desenvolvimento Sustentável e Meio Ambiente do RN – IDEMA;
d) Prefeituras dos municípios pesquisados.

Todos esses estudos prévios deram suporte na hora da seleção da rede de pontos, na escolha dos informantes, na elaboração do questionário, no estabelecimento dos métodos e técnicas utilizados na coleta dos dados.

Na fase seguinte, fez-se a seleção dos informantes pesquisados, de acordo com determinadas variáveis sociais, como gênero, faixa etária e escolaridade.

Depois, realizou-se a coleta dos dados que consistiu na aplicação de um questionário estruturado, em entrevista *in loco*. Em seguida, efetuou-se a transcrição e o arquivamento em um banco de dados dos itens relativos às respostas aos questionários. Desse procedimento, resultam as cartas.

A seguir, apresentam-se, de forma mais detalhada, os passos que essa pesquisa tomou para realizar a coleta dos dados e constituição do *corpus*.

4.1 Escolha dos Pontos de inquéritos

Chama-se de ponto de inquérito uma localidade em que se recolhem os dados de natureza dialetal. Para Ferreira e Cardoso (1994, p.24), a escolha da localidade se define a partir de um conjunto de caracteres que a demarcam e a distinguem de outras áreas. Tais critérios podem ser a situação geográfica, a história, as interferências de que tem sido objeto, a situação econômica atual e passada, a sua relação com as demais áreas a serem pesquisadas (quando for o caso), tipo de povoamento e sua situação demográfica. Estes critérios básicos foram levados em consideração na hora da escolha dos pontos de inquéritos da pesquisa do Atlas Linguístico do Centro-Oeste Potiguar, a seguir.

Segundo o IBGE, o Estado do Rio Grande do Norte tem uma área de 53 km², com 167 municípios e 3.168.027 habitantes (IBGE, 2010). Numa divisão mais recente do IBGE, este Estado, como foi visto anteriormente, possui quatro mesorregiões: a Mesorregião do Leste Potiguar, a Mesorregião do Agreste Potiguar, a Mesorregião Central Potiguar e a Mesorregião do Oeste Potiguar, cada uma subdividida em Microrregiões.

Como já se tem alguns trabalhos dialetológicos no Rio Grande do Norte, uns concluídos, como o de Pereira (2007), no litoral, e outros já em andamento, como os do ALiRN e do ALiB para o RN, julgou-se oportuno também levar a cabo a proposta de realizar uma pesquisa numa área em que ainda os trabalhos dialetais não foram concluídos ou sequer começados. Então, nesta pesquisa, foram selecionados oito pontos de inquéritos: quatro da Mesorregião Central Potiguar e quatro da Mesorregião do Oeste Potiguar. Estas duas

mesorregiões foram denominadas, para efeito didático, de região Centro-Oeste Potiguar. As localidades escolhidas foram as seguintes:

Quadro 8 – Pontos de inquérito por mesorregião

Mesorregião	Pontos de Inquéritos
Oeste Potiguar	Mossoró
	Apodi
	Pau dos Ferros
	Janduís
Central Potiguar	Macau
	Angicos
	Currais Novos
	Caicó
Total	8

Fonte: IBGE (2010).

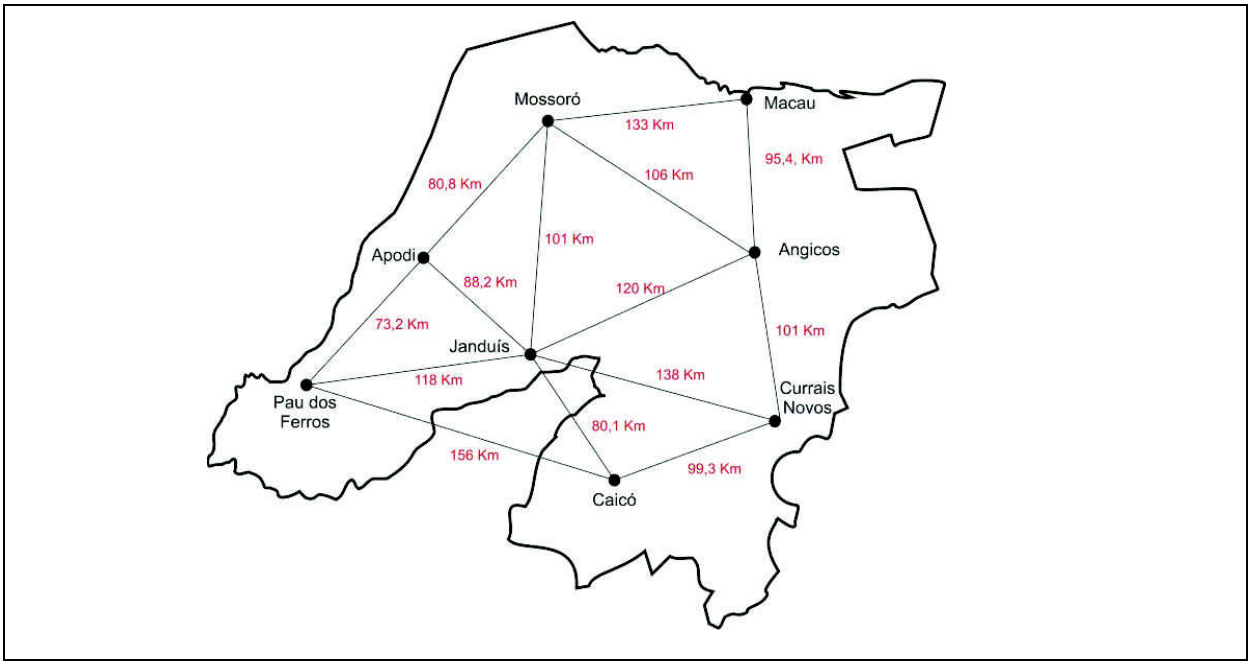
O critério básico para a escolha das localidades pesquisadas foi o da importância dos aspectos demográficos, históricos, geográficos, políticos, econômicos e culturais e a influência delas sobre os outros municípios da região. Segundo o IBGE (2008), os centros urbanos maiores influenciam mais ou menos os centros menores. Com isso, pode-se também constatar que a maneira como os centros urbanos mais populosos de uma região falam pode influenciar mais ou menos a maneira como falam os centros menos populosos e menos influentes[51]. A partir desse critério, foram escolhidos cinco pontos, considerados hierarquicamente, como nas pesquisas do IBGE. Mossoró, que é a cidade mais populosa e a

[51] Segundo o IBGE (2008), as cidades foram classificadas em cinco grandes níveis, por sua vez subdivididos em dois ou três subníveis, a saber: **1º) Metrópoles** – são os 12 principais centros urbanos do País, que caracterizam-se por seu grande porte e por fortes relacionamentos entre si, além de, em geral, possuírem extensa área de influência direta. O conjunto foi dividido em três subníveis, segundo a extensão territorial e a intensidade destas relações: a) **Grande metrópole nacional** – São Paulo, com 19,5 milhões de habitantes, em 2007; b) **Metrópole nacional** – Rio de Janeiro e Brasília, com população de 11,8 milhões e 3,2 milhões em 2007, respectivamente. Juntamente com São Paulo, constituem foco para centros localizados em todo o País; e c) **Metrópole** – Manaus, Belém, Fortaleza, Recife, Salvador, Belo Horizonte, Curitiba, Goiânia e Porto Alegre, com população variando de 1,6 (Manaus) a 5,1 milhões (Belo Horizonte); **2º) Capital regional** – são 70 centros com capacidade de gestão no nível imediatamente inferior ao das metrópoles e têm área de influência de âmbito regional, sendo referidas como destino, para um conjunto de atividades, por grande número de municípios. Os grupos das Capitais regionais são os seguintes: a) **Capital regional A** – constituído por 11 cidades, com medianas de 955 mil habitantes; b) **Capital regional B** – constituído por 20 cidades, com medianas de 435 mil habitantes; e c) **Capital regional C** – constituído por 39 cidades com medianas de 250 mil habitantes; **3º) Centro sub-regional** – integram este nível 169 centros com atividades de gestão menos complexas e têm área de atuação mais reduzida, e seus relacionamentos com centros externos à sua própria rede dão-se, em geral, apenas com as três metrópoles nacionais. Estão subdivididos em: **a) Centro sub-regional A** – constituído por 85 cidades, com medianas de 95 mil habitantes; e **b) Centro sub-regional B** – constituído por 79 cidades, com medianas de 71 mil habitantes; **4º Centro de zona** – nível formado por 556 cidades de menor porte e com atuação restrita à sua área imediata. Subdivide-se em: **a) Centro de zona A** – 192 cidades, com medianas de 45 mil habitantes; e **b) Centro de zona B** – 364 cidades, com medianas de 23 mil habitantes; 5º) **Centro local** – são as 4.473 cidades cuja centralidade e atuação não extrapolam os limites do seu município, tendo população dominantemente inferior a 10 mil habitantes.

que mais influencia as outras da região, chamada, pelo IBGE, de Capital Sub-regional C, ligada diretamente à Natal e à Fortaleza. Com níveis menores de influência, vêm Caicó e Pau dos Ferros, os Centros Sub-regionais A e Currais Novos, o Centro Sub-regional B, influenciadas diretamente pela Capital do Estado, Natal. Além disso, tem-se Apodi, o centro de Zona B, recebendo influências diretamente de Mossoró. Os centros locais, Janduís, Angicos e Macau foram as três localidades escolhidas para completarem o número dos pontos de inquéritos. Janduís recebe influência diretamente de Mossoró e Angicos recebe de Açu[52] que, por sua vez, recebe influência diretamente de Mossoró. Macau, segundo o IBGE, recebe influência diretamente de Natal. Desse modo, os pontos da pesquisa ficaram assim constituídos: quatro centros urbanos mais influentes da região e quatro centros locais, com menos influência e equidistantes, em relação aos primeiros e com menos população em relação a Mossoró, a cidade mais influente do Centro-Oeste Potiguar, de acordo com o IBGE.

Adotou-se, também, o critério da equidistância aproximada. Ou seja, todas as localidades foram distribuídas de uma maneira que abrangesse todo Centro-Oeste Potiguar, com uma distância entre elas, de pelo menos, 70 km, como a figura abaixo:

Figura 25 – Distância entre os pontos da Pesquisa



[52] Apesar de Açu, um **Centro Sub-regional B**, está distante de Mossoró 73,3 Km, obedecendo, assim ao critério da equidistância, nesta pesquisa, Açu não foi escolhido como ponto de inquérito. Isso se deu para que a distribuição dos centros fosse representativa nas duas mesorregiões. Desse modo, em cada uma delas, foram escolhidos dois centros mais influentes e dois centro menos influentes. Como foi preciso acrescentar um outro ponto, optou-se pelo município de Angicos que recebe influências diretamente de Açu, mas que fica 106 Km de distância de Mossoró, o maior centro de influências do Centro-Oeste Potiguar.

Fonte: Google Maps. Disponível: http://maps.google.com.br/maps?ct=reset. Acesso em 5 de outubro de 2011.

A escolha destes critérios possibilitou o surgimento das seguintes implicações:

a) a distribuição geográfica das localidades do Centro-Oeste, levando em consideração os limites com o Litoral e a Mesorregião do Agreste Potiguar, como também com os extremos do estado do RN com os estados do Ceará e da Paraíba;

b) o estabelecimento da representatividade das duas mesorregiões e da maioria de suas respectivas microrregiões que formam o Centro-Oeste Potiguar:

Quadro 9 - Distribuição Mesorregional e Microrregional da Rede de Pontos

Mesorregião	Microrregião	Pontos de Inquéritos
Oeste Potiguar[53]	Mossoró	Mossoró
	Vale do Açu	----------
	Médio Oeste	Janduís
	Chapada do Apodi	Apodi
	Umarizal	----------
	Pau dos Ferros	Pau dos Ferros
	Serra de São Miguel	----------
Central Potiguar[54]	Macau	Macau
	Angicos	Angicos
	Serra de Santana	----------
	Seridó Oriental	Currais Novos
	Seridó Ocidental	Caicó
Total	12	8

Fonte: IBGE (2010).

A divisão regional do Estado em Microrregiões homogêneas agrupa municípios com características físicas, sociais e econômicas de certa homogeneidade. A preocupação é saber se estas características afetam diretamente a maneira como as pessoas falam em cada uma dessas áreas. Uma representatividade de mais de 65%, como é o caso do estudo em questão, pode proporcionar uma visão de como isso se dá em tais áreas que constituem, em boa parte, o Centro-Oeste do Rio Grande do Norte.

c) a manutenção dos seguintes pontos de pesquisas anteriores, como: Mossoró, Pau dos Ferros e Angicos, propostos por Nascentes (1958), pelo Comitê

[53] As três menores microrregiões, em área territorial (Pau dos Ferros, Serra de São Miguel e Umarizal), da Mesorregião do Oeste Potiguar, formam o chamado Alto Oeste Potiguar e foram representadas apenas por uma localidade, Pau dos Ferros, a maior desta região.

[54] Nenhuma cidade da Microrregião de Serra de Santana foi escolhida por questões práticas quanto aos critérios da influência de centros urbanos e da distância em relação aos pontos primeiramente determinados.

Nacional do Projeto ALiB e pelo ALiRN; e Caicó, das Pesquisas de Nascentes e ALIB. Além disso, tem-se Apodi, apenas da proposta de Nascentes.

d) a necessidade de ampliar a rede de pontos apresentada pelas propostas anteriores, considerando a diversidade linguística do Estado do Rio Grande do Norte e a necessidade de estudos mais específicos do falar potiguar. Assim, as localidades acrescidas foram: Janduís e Currais Novos;

Para que se tenha uma visão geral dos pontos de inquéritos escolhidos no âmbito desta pesquisa, abaixo, aponta-se o confronto de algumas propostas de pontos para o Centro-Oeste Potiguar: Nascentes[55] (1958) propõe 14 pontos dos quais 4 pontos também são apresentados na proposta do ALIB e 5 pontos na do ALiRN. Entre o ALIB e o ALiRN, há uma coincidência de 3 pontos por serem os mesmos escolhidos por Nascentes. Quanto à proposta desta pesquisa aqui, há coincidências em 6 localidades com os pontos de Nascentes, 4 com pontos do ALiB, 4 do ALiRN e 1 do ALiPTG. Além desses pontos, foram acrescentados mais 2 localidades na proposta apresentada aqui:

Quadro 10 - Confronto entre os pontos de Nascentes, os do ALiB, os do ALiRN e os da Pesquisa em foco.

Pontos	Nascentes	ALiB	ALiRN	ALiPTG	Pesquisa em foco
Areia Branca	X	----------	----------	X	----------
Mossoró	X	X	X	----------	X
Apodi	X	----------	----------	----------	X
Pau dos Ferros	X	X	X	----------	X
Martins	X	----------	----------	----------	----------
Caraúbas	X	----------	X	----------	----------
Açu	X	----------	----------	----------	----------
Macau	X	----------	X	X	X
Serra Negra	X	----------	----------	----------	----------
Angicos	X	X	X	----------	X
Caicó	X	X		----------	X
Jardim	X	----------	----------	----------	----------
Santana do Matos	X	----------	----------	----------	----------
Jardim de Angicos	X	----------	----------	----------	----------
Janduís	----------	----------	----------	----------	X
Currais Novos	----------	----------	----------	----------	X
Total	14	4	5	2	8

Fonte: Pereira (2007).

A partir desta escolha, um questionamento pode surgir: por que foram acrescentados mais dois pontos na pesquisa? Isto aconteceu porque é certo que outros estudos dialetológicos podem muito bem pesquisar outras localidades que ainda não foram focalizadas, levando, assim, em consideração, a necessidade de avançar em estudos mais específicos do falar da região, por causa das influências geográficas, geracionais e culturais

[55] A maioria dos Atlas publicados ou em fase de publicação, como é o caso também do Atlas Linguístico do RN, tem levado em conta as sugestões de Nascentes (1958).

pelas quais essa região passa. Assim, além da necessidade de ampliar a rede de pontos da pesquisa em foco, as localidades Janduís e Currais Novos foram acrescentadas, estrategicamente, por causa da posição geográfica em que elas se encontram na região e pela distância dessas localidades em relação às outras já selecionadas.

Aqui, vale salientar que a escolha das localidades da pesquisa se deu também a partir de estudos preliminares dos aspectos geográficos, demográficos, históricos, sociais e culturais da região do Centro-Oeste Potiguar, etapa fundamental para início da pesquisa dialetológica e para um bom desenrolar das etapas seguintes, como a seleção dos informantes.

4.2 Seleção dos informantes

Nesta pesquisa, denomina-se informante ou sujeito o indivíduo que responde ao questionário e que fornece os dados que constituem *o corpus* da pesquisa. Para Cardoso (1994. p.27), o "perfil do informante de quem se quer apurar dados, convém ser claramente delineado com vista a estabelecer-se um perfeito controle de variáveis que permitam, com menor margem de desvios, a intercomparação dos dados escolhidos."

Assim, baseados nos critérios adotados pelo Projeto ALiB e na Dialetologia Pluridimensional, foram selecionados 32 (trinta e dois) informantes em toda área que corresponde ao centro-oeste Potiguar, nos oito pontos escolhidos para pesquisa dialetal.

4.2.1 Critérios para escolha dos sujeitos

Os critérios para escolha dos informantes foram os seguintes:

a) **sexo:** para Silva Neto (1957, p. 29), "[...] é de bom alvitre inquirir, em cada lugar e sempre que possível, um homem e uma mulher". Baseado neste preceito, para cada ponto escolhido, optou-se entrevistar dois homens e duas mulheres (um homem e uma mulher de cada geração), fazendo um total de 4 informantes por localidade;

b) **faixa etária**: foi distribuída em duas gerações: G1 (geração de jovens de 18 a 32 anos) e G2 (geração de adultos entre 48 a 62 anos). Para cada ponto, foram selecionados dois informantes da G1 e dois da G2. A escolha dessas faixas se justifica porque pessoas de faixas etárias mais distanciadas permitem confrontar mais adequadamente os usos que fazem da língua, o que propicia a análise da variação e da mudança linguísticas, mais evidenciadas quanto mais

distantes forem as faixas etárias. Além disso, documentar três diferentes faixas etárias demandaria mais tempo, podendo assim prejudicar o término da pesquisa.

c) **escolaridade**[56]**:** na pesquisa em foco, foram escolhidos os informantes com escolaridade igual ou inferior ao 9º ano do Ensino Fundamental[57].

Além disso, na seleção dos informantes, levaram-se em consideração outros critérios considerados também importantes no âmbito da Dialetologia. Estes critérios dizem respeito à naturalidade, ao tempo de residência, à profissão e à dicção dos informantes:

d) eles deveriam ser naturais das localidades selecionadas e terem pais e cônjuges nascidos também da mesma região;

e) não deveriam ter se afastado da localidade em que nasceram, por mais de um terço de sua vida;

f) não terem uma profissão que exija a necessidade de mobilidade e de linguagens marcadas, como, por exemplo, os caminhoneiros, que viajam muito por outras regiões, como também os professores, os artistas e os locutores que podem ter linguagens monitoradas por ser a fala o seu instrumento de trabalho;

g) os informantes também não deveriam apresentar problemas de dentição e de fonação;

h) serem conhecedores da comunidade em que vivem.

Agora, com base na Ficha dos Informantes, apresenta-se a descrição de todos os sujeitos entrevistados, da seguinte maneira:

Quadro 11 – Descrição do perfil dos entrevistados

Ponto/infor.	Sigla/Inf.	Sexo	Idade	Esc.	Est. Civil[58]	Profis.	Natural	Permanência
MO1	RSF	H	21	8º ano	S	Desempregado	Mossoró	Sempre morou em Mossoró
MO2	CVS	M	28	9º ano	S	Doméstica	Mossoró	8 meses em Upanema
MO3	JRP	H	49	6º ano	C	Autônomo	Mossoró	Sempre morou em Mossoró
MO4	AMS	M	52	5º ano	C	Dona de casa	Mossoró	Sempre morou em Mossoró

[56] A renda econômica dos informantes não foi adotada como variável, pois julga-se que os comportamentos linguísticos relativamente não estão determinados pelo poder econômico do falante.

[57] A princípio, pensou-se em selecionar apenas indivíduos com o 9º ano de escolaridade, para garantir uma maior homogenidade nos resultados dessa variável, mas isso não foi possível por causa da grande dificuldade em encontrar os informantes com o perfil exigido. Por isso, optou-se por ampliar o critério também para informantes com escolaridade inferior ao 9º ano.

[58] As letras **S** corresponde a solteito(a), **C** a casado(a) e **V** a viúvo(a).

AP1	ASS	H	21	9º ano	S	ASG	Apodi	Sempre morou em Apodi
AP2	MSCS	M	32	2º ano	C	Pescadora	Apodi	Sempre morou em Apodi
AP3	SFS	H	48	4º ano	S	Pescador	Apodi	3 anos em São Miguel
AP4	RIS	M	48	8º ano	C	Dona de Casa	Apodi	7 anos num sítio próximo
PF1	IBQN	H	32	9º ano	C	Ajudante	Pau dos Ferros	Morou pouco tempo em Pau dos Ferros
PF2	CVS	M	29	9º ano	S	Funcionária Pública	Pau dos Ferros	Morou pouco tempo em Pau dos Ferros
PF3	RLC	H	50	9º ano	C	Funcionário Público	Pau dos Ferros	Morou pouco tempo em Pau dos Ferros
PF4	LMSB	M	48	9º ano	V	Agricultora	Janduís	Morou pouco tempo em Augusto Severo
JA1	ETS	H	28	9º ano	S	Pedreiro	Janduís	Sempre morou em Janduís
JA2	IFA	M	19	9º ano	S	Estudante	Janduís	Sempre morou em Janduís
JA3	JMA	H	48	6º ano	C	Agricultor	Janduís	Sempre morou em Janduís
JA4	ASA	M	50	5º ano	C	Dona de casa	Janduís	Morou pouco tempo em Natal
MA1	FBP	H	24	6º ano	S	Lixador	Macau	Sempre morou em Macau
MA2	FDGA	M	25	9º ano	S	Dona de casa	Macau	Morou pouco tempo em Fortaleza
MA3	SMS	H	55	7º ano	C	Aposentado	Macau	Sempre morou em Macau
MA4	AMNS	M	49	6º ano	D	Dona de casa	Macau	Morou pouco tempo em Natal
AN1	AFAC	H	32	7º ano	C	Motorista	Angicos	Sempre morou em Angicos
AN2	TMSRJ	M	21	9º ano	C	Estudante	Angicos	Sempre morou em Angicos
AN3	JRB	H	48	9º ano	S	Vigilante	Angicos	Sempre morou em Angicos
AN4	ESS	M	53	6º ano	C	Costureira	Angicos	Morou 3 anos em Fortaleza
CN1	RSL	H	29	8º ano	C	Agricultor	Currais Novos	Sempre morou em Currais Novos
CN2	ATMS	M	27	9º ano	C	Dona de casa	Currais Novos	Sempre morou em Currais Novos
CN3	IML	H	55	4º ano	C	Artesão	Currais Novos	Morou pouco Cruzeta
CN4	MGMP	M	58	9º ano	C	Dona de casa	Currais Novos	Sempre morou em Currais Novos
CA1	JWB	H	28	9º ano	C	Caixa	Caicó	Sempre morou em Caicó
CA2	RJMM	M	31	9º	C	Recepcionista	Caicó	Sempre morou

				ano				em Caicó
CA3	IML	H	54	9º ano	C	Eletricista	Caicó	Sempre morou em Caicó
CA4	MSA	M	55	9º ano	C	Dona de casa	Caicó	Sempre morou em Caicó

Fonte: Elaborado pelo Autor.

Portanto, as entrevistas com todos os 32 informantes foram feitas de acordo com os critérios aqui pré-estabelecidos.

4.3 A coleta de dados

A recolha dos dados da pesquisa foi realizada através da aplicação dos questionários, primeiramente, em caráter experimental em quatro cidades (Upanema, Porto do Mangue, Jucurutu e Patu), com 16 informantes, ao todo. Com isso, pôde-se rever algumas decisões de ordem metodológica de como aplicar tais questionários e ter alguns direcionamentos que nortearam a coleta definitiva.

O material linguístico coletado nos oito pontos de inquérito, resultante da aplicação de questionários, constitui, portanto, o *corpus* de análise. No que se refere à coleta dos dados, algumas especificações são feitas a seguir.

4.3.1 Instrumentos da Pesquisa: fichas e questionários para as entrevistas

O preenchimento das fichas de identificação dos informantes e das fichas das localidades[59] foi muito importante, pois possibilitou um direcionamento coerente na hora de escolher os sujeitos desta pesquisa, sem falar dos dados históricos e sócio-econômicos recolhidos das cidades pesquisadas, fator relevante numa pesquisa dialetal.

Outro instrumento de trabalho indispensável na pesquisa foi o questionário. Com ele, pôde-se recolher os dados linguísticos nos níveis fonéticos e lexicais, como ocorre em outras pesquisas de campo dialetais. Segundo Encarnação (2010, p.114), "a importância dos questionários estruturados para a pesquisa dialetológica é reconhecida pelos dialetólogos e geolinguistas, pois sua aplicação permite a homogeneização dos procedimentos de coleta de dados necessária à pesquisa dentro dos moldes científicos."

[59] Ver os anexos de todos os modelos de fichas que foram utilizados na pesquisa.

Muitas foram as propostas de elaboração de questionários que surgiram através de várias pesquisas realizadas no âmbito da Dialetologia e da Geolinguística, como as propostas de Serafim da Silva Neto e Antenor Nascentes. Com o objetivo de retratar a diversidade linguística nacional, o Projeto ALiB também elaborou três tipos de questionários específicos, que são organizados por níveis de análise linguística, a saber: o Questionário Fonético-Fonológico (QFF), com 159 questões, o Questionário Semântico-Lexical (QSL), com 202 questões e o Questionário Morfossintático (QMS), com 49 questões. Além desses questionários, são utilizadas também questões referentes à pragmática, relato pessoal e relato não-pessoal, comentário e descrição como temas para o registro de discursos semidirigidos, perguntas de natureza metalinguística e o texto "Parábola dos Sete Vimes" para leitura, conforme aponta o Comitê Nacional do Projeto ALiB (2001).

Para a coleta dos dados da pesquisa aqui em foco, adotou-se, como base, alguns modelos dos questionários do Projeto ALiB: o Questionário Fonético-Fonológico (QFF) e o Questionário Semântico-Lexical (QSL). Mas a adoção foi feita com algumas adaptações, como por exemplo, no formato das perguntas e na ordem de sua apresentação. Além disso, nem todas as questões do ALiB foram utilizadas. No geral, com base no ALiB, a coleta da pesquisa foi feita através dos Questionários Fonético-Fonológico e Semântico-Lexical.

4.3.1.1 O Questionário Fonético-Fonológico (QFF)

De acordo com a opinião assumida pelo Projeto ALiB[60], neste tipo de questionário, para uma boa coleta, é importante que o informante dê, como resposta, o termo específico da questão, embora com as variações de forma de ordem fônica. Assim, se no lugar de "ESTRADA", o informante responde "PISTA" ou "RUA" para a questão "Por onde os carros passam para irem de uma cidade para outra?" (Questão 67, do ALiB), tal resposta não atende aos objetivos do QFF.

Na pesquisa, o Questionário Fonético-Fonológico foi constituído de 98 questões cujas respostas representaram algumas formas variantes do falar do Centro-Oeste potiguar no que se refere à mudança e à variação dos fonemas ou sequências de fonemas vocálicos ou consonânticos. Essas questões foram dispostas de forma aleatórias.

Algumas questões foram adaptadas do Questionário do ALIB (2001) e outras de questionários de pesquisas anteriores tais como Bessa et al. (1982), Cardoso (2002) e Lima

---

[60] Veja o site http://www.ici.ufba.br/twiki/bin/view/ALiB/MetodologiaQuestionarios.

(2006). Às vezes, sofreram algum tipo de ajuste para que os informantes não tivessem nenhuma dúvida sobre o que estava sendo perguntado.

4.3.1.2 O Questionário Semântico-Lexical (QSL)

Segundo o Comitê Nacional do Projeto ALiB, esse tipo de questionário tem como objetivo documentar o registro coloquial do falante, procurando retratar as formas de emprego mais gerais da comunidade pesquisada, sem, com isso, priorizar regionalismos, arcaísmos ou linguagens especiais de certos grupos. E, diferentemente do QFF, no QSL, pretende-se que o informante responda com a(s) palavra(s) que conhece para o conceito pedido. Embora, no questionário, apresente-se uma ou mais possibilidades de respostas (também chamadas de temas), essas não restringem as respostas dos informantes, mas servem tão somente para guiar os inquiridores na realização dos inquéritos.[61]

Nesta pesquisa, o QSL foi constituído de 172 perguntas, tendo como base o questionário semântico-lexical do ALiB[62]. Porém, algumas questões também foi reformulada, para facilitar a obtenção das respostas dos informantes.

Além disso, essas questões foram distribuídas em campos semânticos, com base na organização apresentada no ALIB e no modelo teórico do Sistema de Conceitos, de Hallig e Wartburg (1963), citado por Queiroz (2006). Oferecendo suporte e orientação para obras lexicográficas, tal sistema propõe a divisão conceitual do mundo em três grandes categorias: A – Universo; B – Homem; C – Relações entre universo e homem. Com base neste sistema, o questionário semântico-lexical desta pesquisa apresenta-se dividido em 13 campos semânticos da seguinte forma:

Quadro 12 – Campos Semânticos da Pesquisa

I - Acidentes geográficos (questões 1 a 9);
II - Fenômenos atmosféricos (questões 10 a 18);
III - Astros e tempo (questões 19 a 25);
IV - Vida Rural (questões 26 a 32);
V – Flora (questões 33 a 38);
VI - Fauna (questões 39 a 56);

[61] Veja o site http://www.ici.ufba.br/twiki/bin/view/ALiB/MetodologiaQuestionarios.
[62] Algumas questões também foram adaptadas dos questionários da pesquisa de Encarnação (2005) e de Reis (2006).

VII – Corpo Humano a) Partes do Corpo (questões 57 a 74); b) Características Físicas (questões 75 a 86); c) Funções do Corpo Humano (questões 87 a 91); d) Doenças mais comuns e vícios (questões 92 a 104);
VIII – A vida em Sociedade a) Ciclos da Vida (questões 105 a 120); b) Comportamento Social (questões 121 a 133);
IX – Habitação, alimentação, utensílios e objetos em geral (questões 134 a 143);
X - Vestuário e Acessórios (questões 144 a 149);
XI - Jogos e Diversões Infantis (questões 150 a 161);
XII - Vida Urbana (questões 162 a 168);
XIII - Religião e Crenças (questões 169 a 172).

Mesmo com o número elevado de questões desse questionário, não se tem como abarcar todas as variantes utilizadas em cada área. O que se pretendeu, aqui, foi registrar o maior número possível de variantes semântico-lexicais faladas na região pesquisada, a partir destas questões.

Vale salientar que, para auxiliar a obtenção dos dados, em algumas questões, utilizou-se de gravuras[63], apresentando certos objetos sobre os quais os informantes deveriam ser indagados. Isso ajudou muito na pesquisa, pois quando o informante não entendia a pergunta, logo mostrava-se a figura e este conseguia, na maioria das vezes, responder satisfatoriamente.

4.3.2 Natureza das entrevistas e equipamentos

Quanto ao tipo de aplicação do questionário, ou seja, no que se refere ao tipo de entrevista, esta foi direta, *in loco,* com os 32 informantes dos oito municípios da região do Centro-Oeste Potiguar. A técnica de trabalho *in loco* permitiu um melhor contato entre pesquisador e informantes. Primeiramente, os dados foram gravados em Mp3player (gravador digital) para, só depois, serem registrados pelo documentador. Comprovou-se que a pesquisa *in loco* é realmente mais segura, pois nos permitiu tirar dúvidas e fazer observações.

Na pesquisa de campo, a entrevista foi conduzida de forma espontânea. Cada informante foi entrevistado separadamente. É o que Radtke & Thun (1996, p. 40) chamam de pluralidade sucessiva, em oposição à pluralidade simultânea, em que se realiza a entrevista na presença de vários informantes que se complementam e se corrigem entre si.

---

[63] A *realia* adotada pelo Projeto ALiB não foi utilizada.

Quanto ao local de aplicação do questionário, todas as entrevistas aconteceram na própria residência dos informantes. Antes da aplicação, explicou-se aos informantes que a entrevista fazia parte da pesquisa de doutorado que tinha como objetivo conhecer um pouco "as coisas do lugar". Só depois era revelado como os resultados seriam utilizados para a elaboração de um atlas linguístico. Neste momento, era lido o "Termo de Consentimento Livre". Todos os informantes concordaram que os dados obtidos nas entrevistas fossem usados na pesquisa. Ao terminar as entrevistas, após cada viagem, o material gráfico, sonoro, fotográfico, foi imediatamente identificado e arquivado tecnicamente para evitar perdas e para dar acesso à realização do devido tratamento dos dados da pesquisa.

Essas entrevistas foram registradas no gravador digital Panasonic RR-US551. Este aparelho de MP3 permitiu armazenar digitalmente as entrevistas para o computador. Depois, as entrevistas foram identificadas com seus respectivos informantes e, para o momento da transcrição, reproduzidas no Software Audacity 1.3 Beta.

4.4 Transcrição, organização e arquivamento dos dados

Depois da coleta de dados, foram realizados o arquivamento e a transcrição desse material, de modo a garantir o tratamento e a elaboração das cartas do Atlas Linguístico do Centro-Oeste Potiguar.

4.4.1 Transcrição dos dados

A transcrição é a cópia, a reprodução por escrito das entrevistas feitas na pesquisa de campo. O *corpus* desta pesquisa foi transcrito de forma fonética para as respostas das questões fonéticas e grafemática e ortográfica para as respostas das questões lexicais.

A transcrição fonética foi feita com base no Alfabeto Fonético Internacional (IPA), com um número reduzido de sinais e diacríticos, para facilitar a leitura do trabalho. Nas QFF, a transcrição fonética foi realizada no item fonético de cada resposta, como também no item que vem antes e no que vem depois dele.

Já a transcrição grafemática foi feita em todos os itens da fala do informante, pois, mesmo que o enfoque estivesse apenas no item lexical de uma determinada questão, entende-se que estes dados coletados já servirão para outras futuras pesquisas.

O tipo de transcrição grafemática, segundo Gomes (2007), é uma tentativa de representar, o mais possível, a fala, por exemplo, *menino* (forma ortográfica) e *mininu* (forma

grafemática). Para a transcrição grafemática, foi utilizada a proposta simplifica apresentada por Aguilera (2004):

a) devem ser utilizadas as normas de pontuação em vigor;

b) os números devem ser escritos por extenso;

c) não se utilizam abreviaturas, transcrevendo-as por extenso e, explicando-as, quando necessário, entre parêntesis;

d) devem ser respresentados grafematicamente os fatos fonéticos que não requeiram sinais especiais de transcrição e que reflitam variações diastráticas e diafásicas consideradas muito importantes, tais como:

- apagamento de consoantes finais, como em cantá, colhê, melhó;
- outros casos de apagamento em formas contractas, como pro (para o), dum (de um);
- apagamento de sílabas em formas como em: ta (está), tiver (estiver), sabo (sábado);
- acréscimo de fonemas ou sílabas, como em: avoar (voar), maisi (mais).

Em todas as entrevistas foram gravadas tanto as falas dos sujeitos como as do pesquisador, porém, apenas foram transcritas as respostas dos informantes.

A partir da transcrição grafemática é que foi realizada a transcrição ortográfica registrada nas cartas léxicas. A exemplo de Cristianni (2007), quando necessário e, dependendo da especificidade da questão, fizeram-se alguns ajustes, com base no processo de lematização que, para Lebart e Salem (1994), citado por Cúrcio (2006), é um processo que permite reagrupar nas mesmas unidades as formas gráficas que correspondam às diferentes flexões de um mesmo lema: as formas verbais ao infinitivo, os substantivos e os adjetivos ao masculino singular, como por exemplo, na QSL 19 (... o começo da noite?), 3 informantes responderam “anoitecendo” e 1 respondeu “escurecendo”. Essas respostas foram registras na carta correspondente como “anoitecer” e “escurecer”. Na QSL 81 (... a pessoa que fala pelo nariz?), a resposta “fanhosa”, dada por único informante foi registrada como “fanhoso”.

4.4.2 Organização e arquivamento dos dados

Procurou-se organizar todos os dados coletados durante as entrevistas de forma que o posterior tratamento desses dados possa contribuir ainda mais com uma visão consistente da realidade dialetal do Centro-Oeste Potiguar.

Todos os dados registrados foram dispostos em apostilas denominadas de "Fichas de levantamento de dados", obedecendo ao tipo de transcrição adequada para cada questão.

Estas fichas estão compostas dos seguintes elementos: tipo de questionário, no caso, Questionário Fonético-Fonológico e Questionário Semântico-Lexical, o número da pergunta dispostas na ordem crescente, juntamente com o tema e, numa linha abaixo, a questão propriamente dita. Em seguida, tem-se um quadro cujos títulos das colunas são: informante (representado pelo nome da localidade abreviado e um número entre 1 e 4), variante-tema (variante tomada como base da questão), outras variantes (que não são variante-tema, mas que tem o mesmo significado aproximado da variante-tema), ocorrências únicas (variantes que tem o mesmo significado das outras, mas que tiveram apenas uma incidência), outras respostas diferentes (respostas consideradas com pouco ou nenhuma relação semântica com a questão).[64] Também a ficha está composta de espaço para registrar as atitudes dos informantes no momento da devida resposta, bem como algumas observações, caso seja necessário. A atualização dessa ficha facilitou o momento da elaboração das cartas.

Depois de levantados e registrados as respostas no banco de dados, foram elaboradas as cartas linguísticas que proporcionam a visualização de todos os registros feitos nesta pesquisa.

4.5 Elaboração do Atlas

O Atlas Linguístico do Centro-Oeste Potiguar está composto dos seguintes tipos de cartas: as cartas geográficas, com o objetivo de situar a região administrativa no Estado de RN e no Brasil, e as cartas propriamente linguísticas.

As cartas geográficas são cartas que identificam geograficamente o estado do RN e as mesorregiões Central e do Oeste Potiguar. São estas as cartas geográficas:

- Mapa do RN no Brasil;
- Mapa do RN no Nordeste;
- Mesorregiões Oficiais;
- Mapa da Rede de Pontos do Atlas Linguístico do Centro-Oeste Potiguar.

[64] Para isso, foi realizada consulta em dois dicionários da língua portuguesa, Ferreira (2010) e Houaiss (2001), versão eletrônica, para verificar se o sentido dado como resposta coincidia com o sentido apresentado nos tais dicionários.

As cartas linguísticas mostram a realidade diatópica e diastrática de um determinado fenômeno linguístico presente na região Centro-Oeste Potiguar. Os tipos de cartas elaboradas foram as cartas fonéticas e as cartas léxicas.

As cartas fonéticas registram as variantes de um fonema ou dos vários fonemas, comprovadas nos pontos investigados. Foram elaboradas 63 cartas que representam as formas variantes do falar do Centro-Oeste potiguar no que refere à mudança e à variação fonéticas. Já as cartas léxicas registram os vocábulos usados para expressar o mesmo conceito, independentemente da variação fônica comprovada em cada ponto. Foram elaboradas 84 cartas léxicas.

4.5.1 Critérios de elaboração das cartas linguísticas

De um total de 98 questões do QFF, foram elaboradas 63 cartas fonéticas. Para a elaboração dessas cartas fonéticas foram adotados alguns critérios, como: frequência da ocorrência, distribuição regular e número de variantes fonéticas do item:

a) frequência da ocorrência: a resposta tem que ser igual ou superior a 50% das ocorrências da questão, isto é, ter um número de ocorrências igual ou acima de 16, que equivale à metade dos informantes desta pesquisa. Neste caso, na maioria das vezes, o item escolhido foi o primeiro mais frequente, mas, em alguns casos, o segundo também foi selecionado. Por exemplo, as cartas fonéticas 19 (abóbora), com 15 ocorrências, e 20 (jerimum), com 13 ocorrências, ambas elaboradas a partir da questão 25 do QFF;

b) distribuição regular: o item deve estar presente em todos os pontos, ou seja, ser dado com resposta, pelo menos, por um dos informantes de cada ponto.

c) número de variantes fonéticas: o item escolhido deve ter, no mínimo, duas variantes fonéticas e que uma desta não seja uma ocorrência única.

Especificamente, surgiram dois motivos para que de algumas Questões do QFF não fossem elaboradas cartas fonéticas:

1º) a questão ter apenas uma variante fonética com, praticamente, 100% de frequência, ou seja, todos 32 informantes terem respondido apenas uma variante e esta ser a resposta-tema, como, por exemplo, nas questões abaixo:

Quadro 13 – Questões e respostas fonéticas com 100% de frequência.

QUESTÃO-TEMA	RESPOSTA-TEMA
QFF 1- CASA	[ˈkaza]
QFF 32 - RATO	[ˈhata]

QFF 58 - COROA	[koˈɾoa]
QFF 63 – CORAÇÃO	[kɔɾaˈsãw]
QFF 64 – COSTAS	[ˈkostas]
QFF 67 – CASPA	[ˈkaspa]

2º) a questão ter apenas duas variantes fonéticas, sendo que uma delas é a resposta-tema e a outra uma ocorrência única, já que as ocorrências únicas não são registradas nas cartas. As questões que se configuram assim são:

Quadro 14 – Questões com apenas duas respostas fonéticas (resposta-tema e ocorrência única).

QUESTÃO-TEMA	RESPOSTAS
QFF 38 - DIA	31 informantes responderam [ˈdia] e apenas um respondeu [ˈdʒia]
QFF 59 - OLHO	31 informantes responderam [ˈɔʎu] e apenas um respondeu [ˈoljus]
QFF 75 - GENRO	31 informantes responderam [ˈʒẽhu] e apenas um respondeu [ˈʒehu]

Quanto às questões do QSL, que tinha um total de 172, a partir delas foram elaboradas 84 cartas léxicas. 32 Questões do QSL não foram selecionadas para tal procedimento. Para isso, foram adotados também os critérios de frequência da ocorrência, distribuição regular e número de variantes lexicais de, no mínimo, três.

No processo de seleção das questões que seriam utilizadas para confecção das cartas léxicas, ocorreram também as seguintes particularidades:

1º) Questões com apenas uma variante lexical com 100% de frequência e distribuição regular, isto é, uma variante dada como resposta por todos os informantes e em todos os pontos. Foi o caso, por exemplo, das seguintes questões:

Quadro 15 – Variantes lexicais com 100% de frequência e distribuição regular.

Variante	Ocorrência	Frequência (%)	Questão	Tema
onda	32	100	QSL7	onda de mar
trovão	32	100	QSL12	trovão
urubu	32	100	QSL39	urubu
beija-flor	32	100	QSL40	beija-flor
chulé	32	100	QSL90	chulé
gêmeos	32	100	QSL112	gêmeos
aborto	32	100	QSL113	aborto
namorados	32	100	QSL118	namorados
telha	32	100	QSL134	telha
canjica	32	100	QSL135	canjica
pão	32	100	QSL139	pão francês

cueca	32	100	QSL144	cueca
calcinha	32	100	QSL145	calcinha
ônibus	32	100	QSL162	ônibus urbano

2º) questões que têm como resposta apenas uma variante lexical e que não foi dada por todos os informantes, mesmo que tenha alta frequência e distribuição regular. Exemplos:

Quadro 16 – Questões com respostas lexicais com alta frequência.

Variante	Ocorrência	Frequência	Questão	Tema
ontem	30	94	QSL24	ontem
amendoim	29	91	QSL37	amendoim
banguela	31	97	QSL79	banguela
remela	30	94	QSL87	remela
cócegas	31	97	QSL91	cócegas
terçol	31	97	QSL92	terçol
catarata	30	94	QSL94	catarata
menopausa	25	78	QSL106	menopausa
resguardo	29	91	QSL111	resguardo
meio-fio	27	84	QSL164	meio-fio

3º) questões com algum ponto de inquérito sem as respostas dos quatro informantes. Fazem parte deste grupo as seguintes questões:

Quadro 17 – Questões com respostas lexicais sem distribuição regular.

Questão	Tema	Nº de Ocorrência das variantes	Abstenções	Pontos sem resposta
QSL2	margem do rio	15	7	Macau
QSL3	nascente	20	7	Macau
QSL4	foz	12	17	Janduís e Macau
QSL14	tromba d'água	15	8	Macau
QSL29	canga	12	19	Pau dos Ferros e Macau
QSL56	sanguessuga	11	11	Mossoró, Pau dos Ferros e Macau
QSL61	pálpebras	13	19	Macau

Com esse procedimento, pode-se perceber, assim, que, tanto no nível fonético quanto no lexical, na seleção dos temas das cartas, foram utilizados os critérios da representatividade do vocábulo para o falar da região e a riqueza da variação fonética e léxica.

5 ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

5.1 Notas para leitura das cartas linguísticas

Para a elaboração das cartas geográficas e linguísticas do Atlas Linguístico do Centro-Oeste Potiguar, utilizou-se o Programa Microsoft Office PowerPoint 2007. Depois de testar vários programas gráficos, apenas este atendeu às necessidades específicas que o processo de elaboração exigiu.

As cartas linguísticas foram compostas pelos seguintes elementos:

a) no cabeçalho de cada carta, na parte superior à esquerda, encontra-se o nome do Atlas da pesquisa: Atlas Linguístico do Centro-Oeste Potiguar;

b) à direita do título do Atlas, estão os seguintes dados: a identificação da carta (fonética ou léxica) e o seu número em algarismos arábicos. Abaixo, também à direita, encontra-se o tema da carta;

c) logo abaixo do título, alinhado à esquerda, vem a indicação do tipo de questionário (QFF, para o questionário fonético-fonológico, e QSL, para o questionário semântico-lexical), juntamente com o seu número correspondente, seguidos de dois pontos e acompanhados pela devida pergunta por extenso;

d) no centro da carta, situa-se o mapa do Centro-Oeste Potiguar, correspondendo às mesorregiões Central e do Oeste do Rio Grande do Norte. Esse mapa contem os pontos de inquérito enumerados de 1 a 8. Ou seja, cada número representa as localidades que constituíram a rede de pontos. Nas cartas só aparecem o número. Essa numeração foi feita na seguinte ordem:

Quadro 18 – Ordem da Rede de pontos

Pontos	Localidades
Ponto 1	Mossoró
Ponto 2	Apodi
Ponto 3	Pau dos Ferros
Ponto 4	Janduís
Ponto 5	Macau
Ponto 6	Angicos
Ponto 7	Currais Novos
Ponto 8	Caicó

e) Em cada ponto, tem uma cruz, formando 4 espaços onde se registra as respostas dos 32 informantes.

f) abaixo do mapa do Centro-Oeste Potiguar, alinhada à esquerda, encontra-se a legenda das variáveis sociais, em forma de cruz, referente à distribuição sequencial dos informantes nos pontos pesquisados.

Quadro 19- Representação das dimensões diagenérica e diageracional da pesquisa.

HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

Cada espaço é preenchido levando em consideração as variáveis adotadas nesta pesquisa. Quanto à variável diagenérica, à esquerda da linha vertical da cruz, equivalem às respostas dos homens e à direita corresponde às respostas das mulheres, conforme o modelo abaixo:

Quadro 20 - Representação da dimensão diagenérica da pesquisa.

Homem	**Mulher**
1	2
3	4

Na dimensão diageracional, encontram-se as gerações G1 (geração mais nova, entre 18 a 32 anos) e G2 (geração mais velha, entre 48 a 62 anos), como é mostrado a seguir:

Quadro 21 - Representação da dimensão diageracional da pesquisa.

G1	1	2
G2	3	4

Assim, os quatro espaços da cruz representam os quatro informantes pesquisados em cada ponto da pesquisa, apresentando, desse modo, quatro mapas simultâneos, para o levantamento sistemático dos dados. Como foi visto anteriormente, foram escolhidos estes limites de gerações, baseados em Cardoso e Mota (2001). As mesmas afirmam que pessoas de

gerações mais distanciadas permitem confrontar mais adequadamente os usos que fazem da língua, o que propicia a análise da variação e da mudança linguísticas.

g) à direita do mapa do Centro-Oeste Potiguar, encontra-se a legenda das variantes, como também das abstenções. Estas últimas estão representadas pelo símbolo do conjunto vazio "∅". Já as variantes, propriamente dita, podem ser representadas por círculos, quadrados, triângulos, losangos, estrelas e corações[65], seguindo essa ordem de apresentação, mas cada um com 6 cores intercaladas que foram configuradas a partir do modelo de cores RGB,[66] conforme especificadas abaixo:

Quadro 22 – Configuração das cores dos símbolos no modelo RGB.

R:0 G:0 B:0	R:0 G:112 B:192	R:218 G:37 B:29	R:0 G:122 B:55	R:126 G:58 B:100	R:242 G:186 B:0

A partir daí é que foi definida a seguinte ordem de apresentação desses símbolos:

Quadro 23 – Ordem de apresentação dos símbolos no modelo RGB.

1º	●
2º	■
3º	▲
4º	◆
5º	★
6º	♥
7º	●
8º	■
9º	▲
10º	◆

A utilização desses símbolos, na constituição das legendas, é totalmente arbitrária, ou seja, não há nenhuma relação entre os símbolos e os fenômenos linguísticos. São apenas símbolos que podem ser iguais em várias cartas, no entanto, em cada uma delas, eles vão ter sentidos diferentes, conforme a resposta dada e o número de variantes encontradas;

h) Vale salientar que quando, no lugar dos símbolos, estiverem os espaços em branco, isso significa que o informante respondeu a questão com **Ocorrências Únicas** ou com **Outras**

---

[65] Os símbolos foram selecionados da fonte ***Carta S***, no tamanho 12.

[66] O modelo de cores RGB é um modelo aditivo no qual o vermelho, o verde e o azul (usados em modelos aditivos de luzes) são combinados de várias maneiras para reproduzir outras cores. O nome do modelo e a abreviação RGB vêm das três cores primárias: vermelho, verde e azul (Red, Green e Blue, em inglês).

Respostas Diferentes. Estes tipos de respostas são registrados em forma de notas, como se verá;

g) abaixo da legenda das variantes, são apresentados os gráficos que mostram, de forma sucinta, a frequência das variantes em cada carta. Nesses gráficos, cada variante válida, como também as abstenções, quando for o caso, são compostas por duas barras, uma representando o número de ocorrência e a outra, simbolizando o seu percentual. Acima das barras, constam os seus valores e abaixo a identificação das variantes fonéticas ou lexicais.

i) Por fim, quando for o caso, abaixo dos gráficos são apontadas algumas notas. Nelas são registradas as Ocorrências Únicas, Outras Respostas Diferentes (semanticamente da questão), como também algumas observações pertinentes.

Aqui, o tratamento cartográfico desse atlas, tem por objetivo facilitar a compreensão de como as variações estão distribuídas nos pontos de inquérito selecionados. Portanto, ao ler uma carta linguística, o interessado tem a oportunidade de ter um conhecimento panorâmico, objetivo e, ao mesmo tempo, eficiente da realidade linguística dos fenômenos da pesquisa em questão.

5.2 Cartas Geográficas

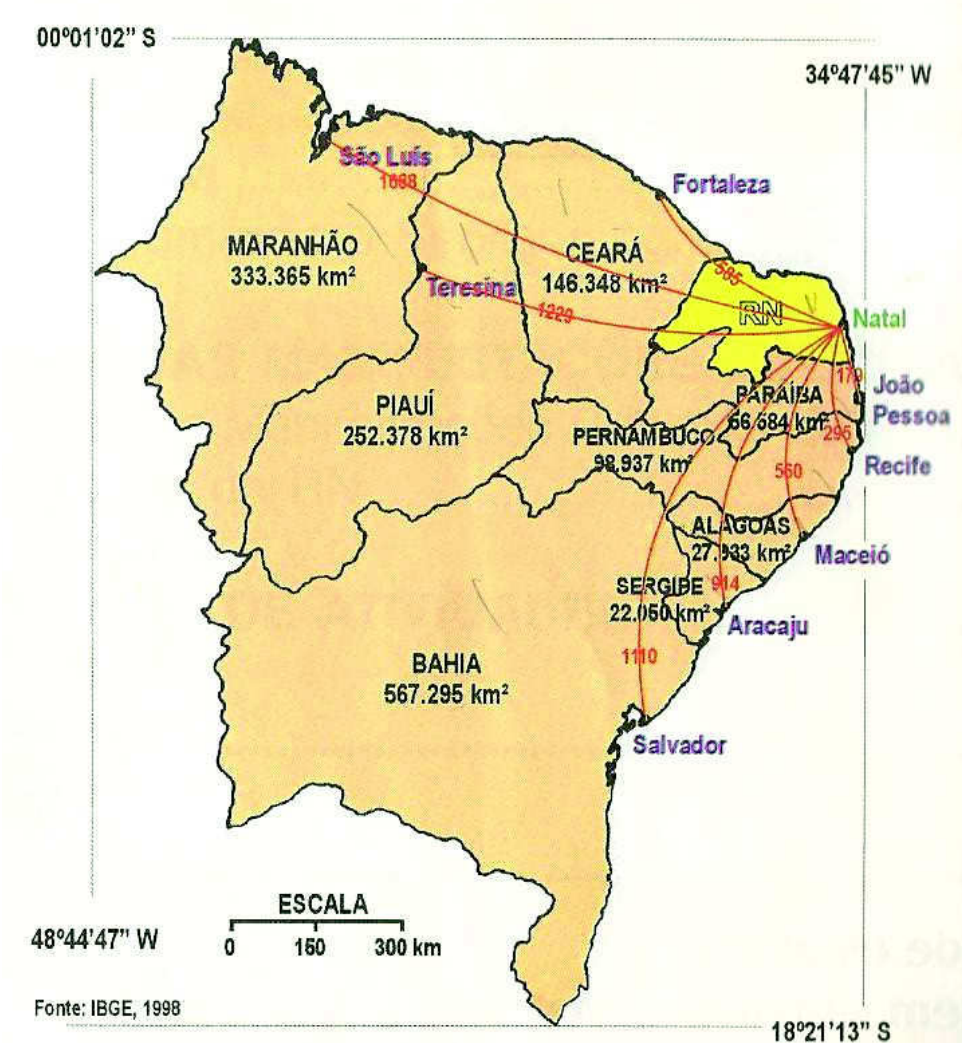
5.2.1 Rio Grande do Norte no Brasil

Figura 26 - Mapa do Rio Grande do Norte no Brasil.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Rio_Grande_do_Norte_in_Brazil.svg

5.2.2 Rio Grande do Norte no Nordeste

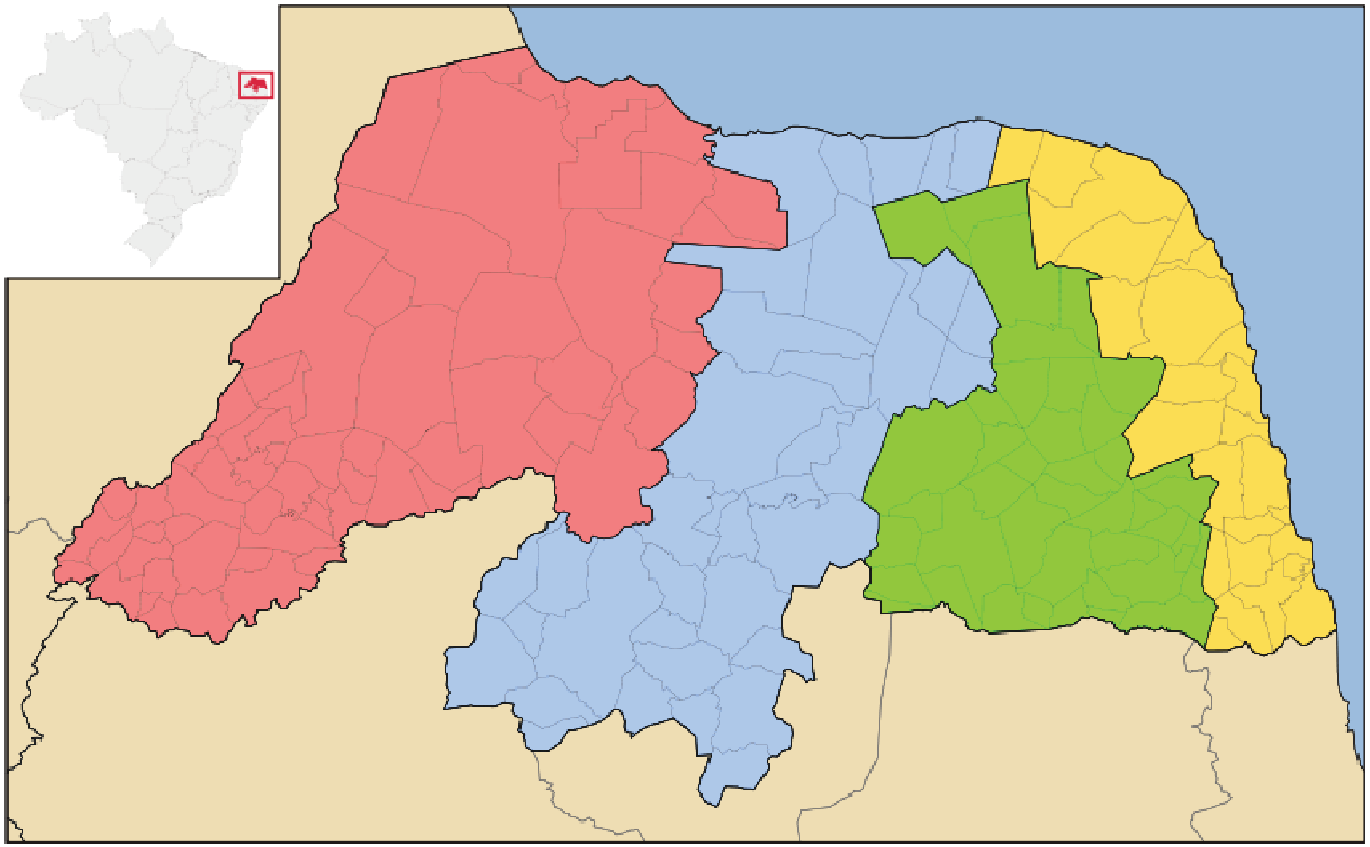
Figura 27 - Mapa do Rio Grande do Norte no Nordeste.



Fonte: Felipe e Carvalho (1999, p. 6).

5.2.3 Mesorregiões do Rio Grande do Norte

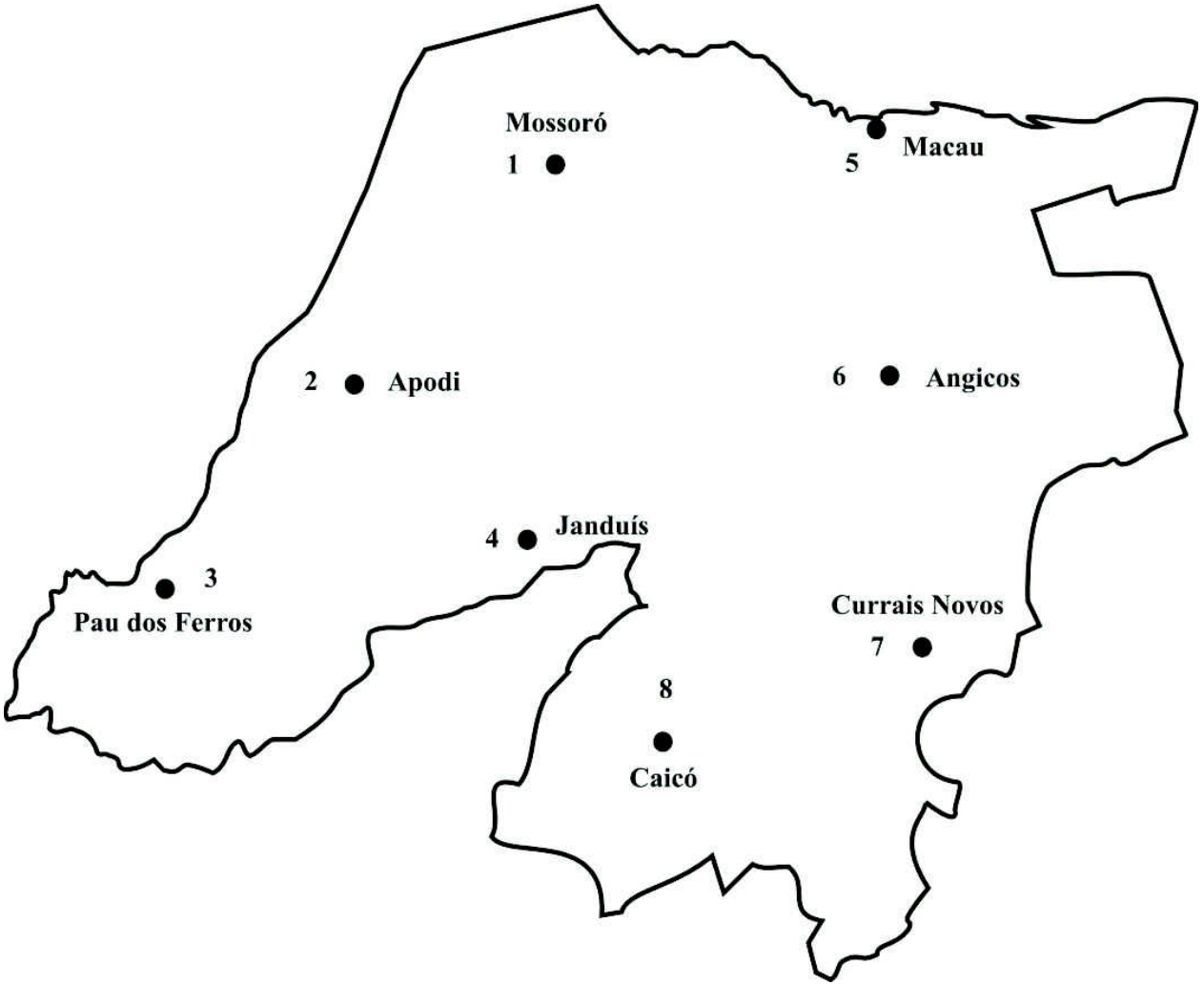
Figura 28 - Mapa das Mesorregiões do Rio Grande do Norte.



Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:RioGrandedoNorte_Mesoregions.svg

5.2.4 Rede de Pontos do Centro-Oeste Potiguar

Figura 29 – Mapa da Região Centro-Oeste Potiguar.



Adaptação e elaboração: Moises Batista da Silva.

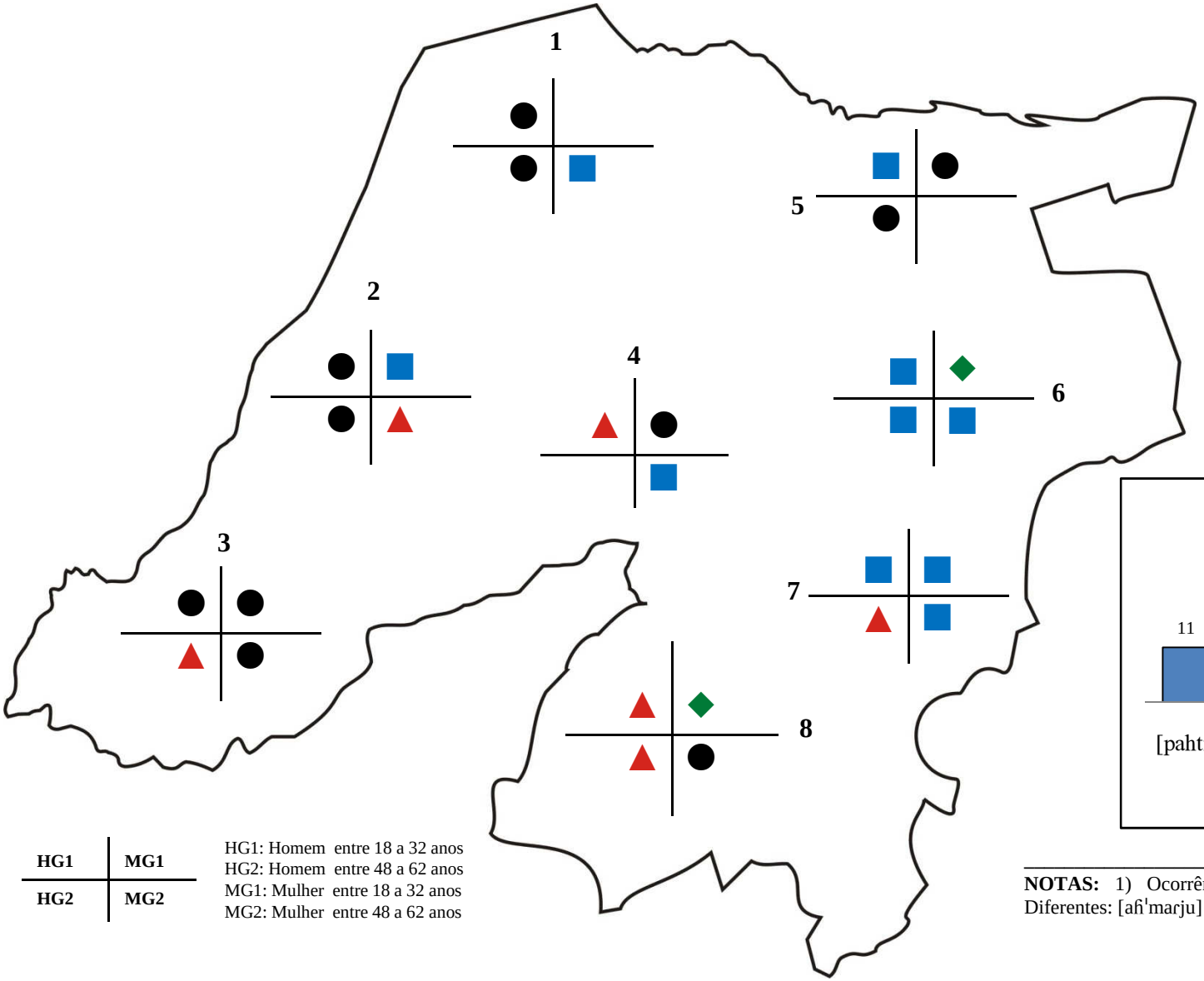
5.3 Cartas Linguísticas

5.3.1 Cartas Fonéticas

ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

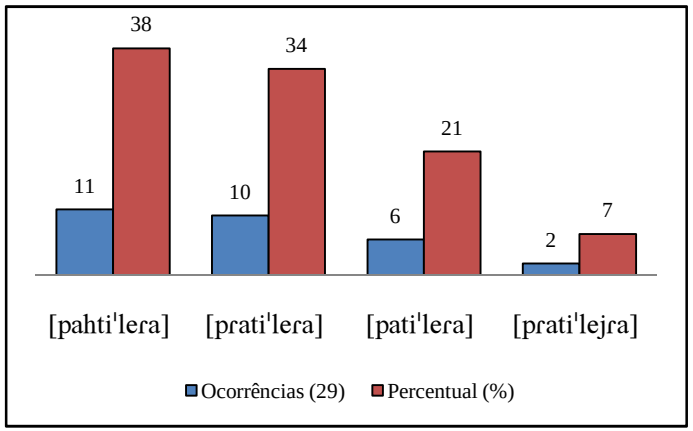
Carta Fonética 1
PRATELEIRA

QFF2: ... aquilo assim (mímica), onde se colocam objetos na cozinha ou produtos para vender no supermercado, mercearias etc.?



LEGENDA

- ● [pahtiˈlera]
- ■ [pratiˈlera]
- ▲ [patiˈlera]
- ◆ [pratiˈlejra]



HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

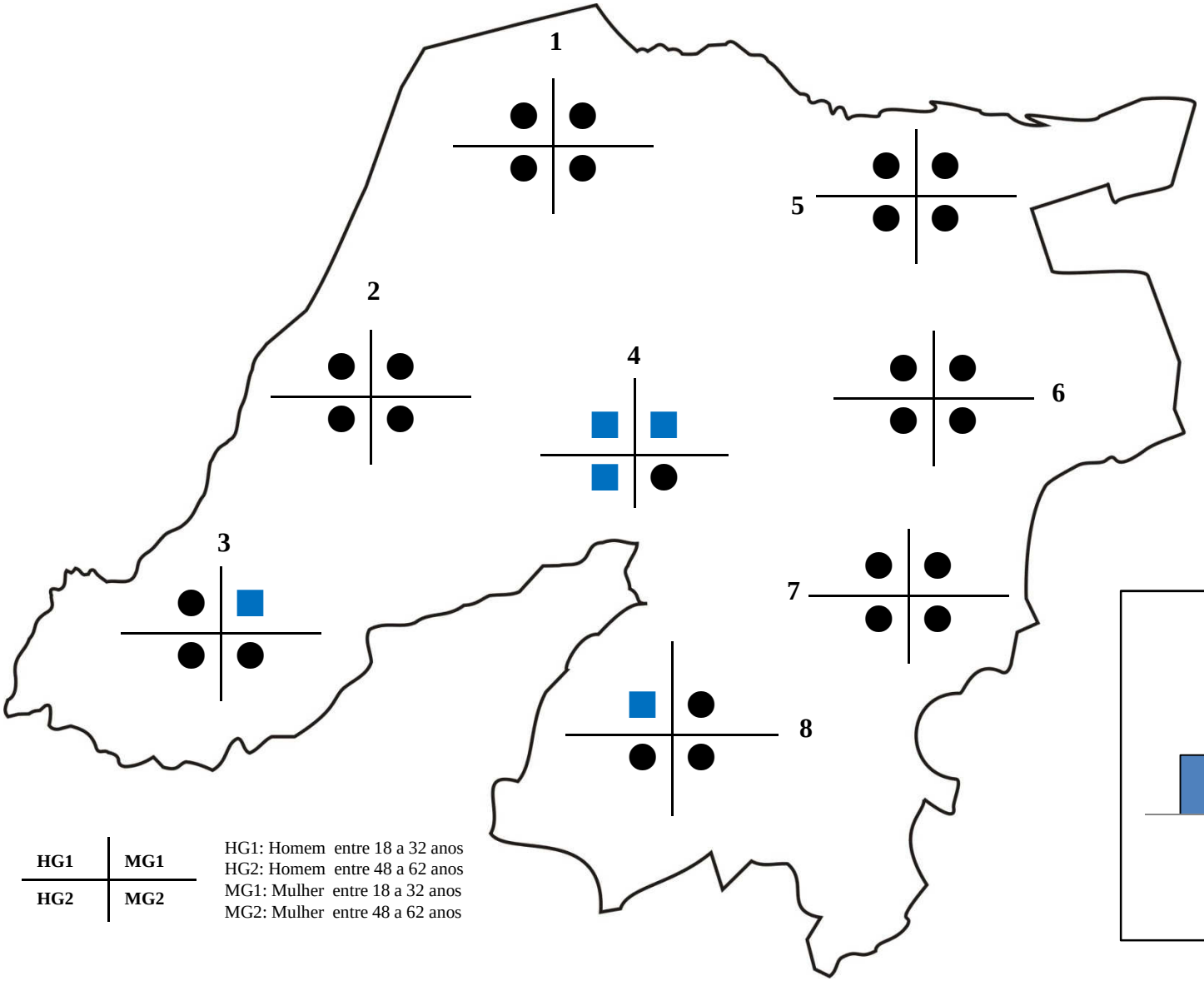
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

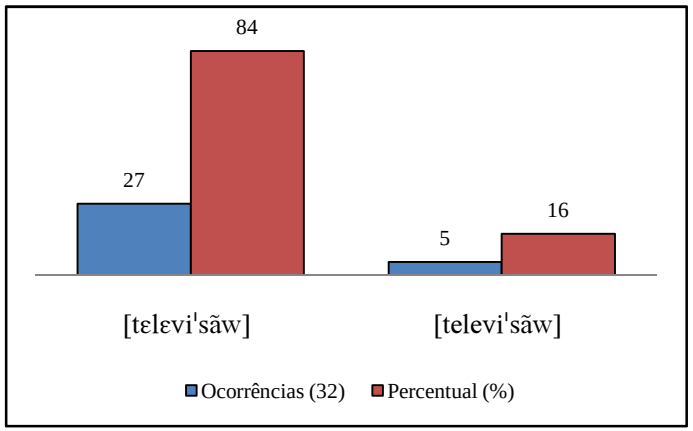
NOTAS: 1) Ocorrências Únicas: [patriˈlera] (MA4); 2) Outras Respostas Diferentes: [aɲˈmarju] (JA4, AN2);[aɲˈmaru] (JA3).

ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta Fonética 2
TELEVISÃO

QFF3: ... aquele aparelho onde se pode ver novela, jogo, programa?





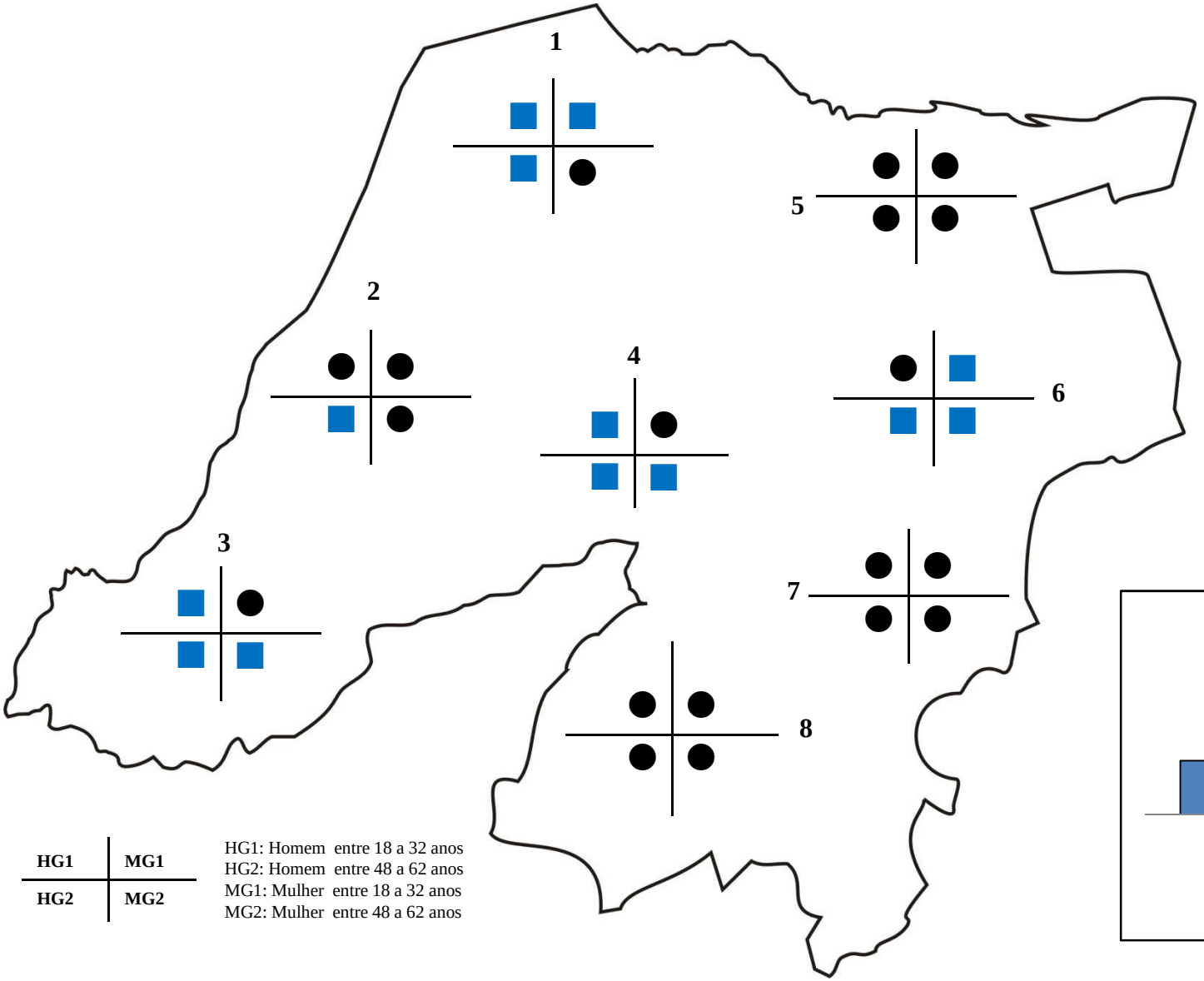
HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta Fonética 3
CAIXA

QFF4: Quando a gente compra uma TV, ela vem da loja dentro de uma _____.



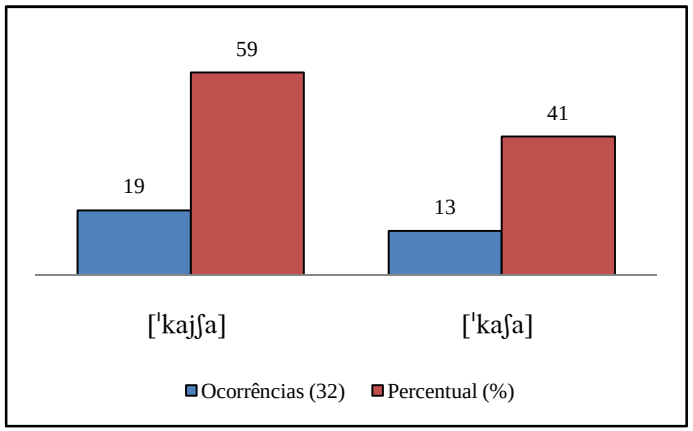
LEGENDA

● [ˈkajʃa]

■ [ˈkaʃa]

HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

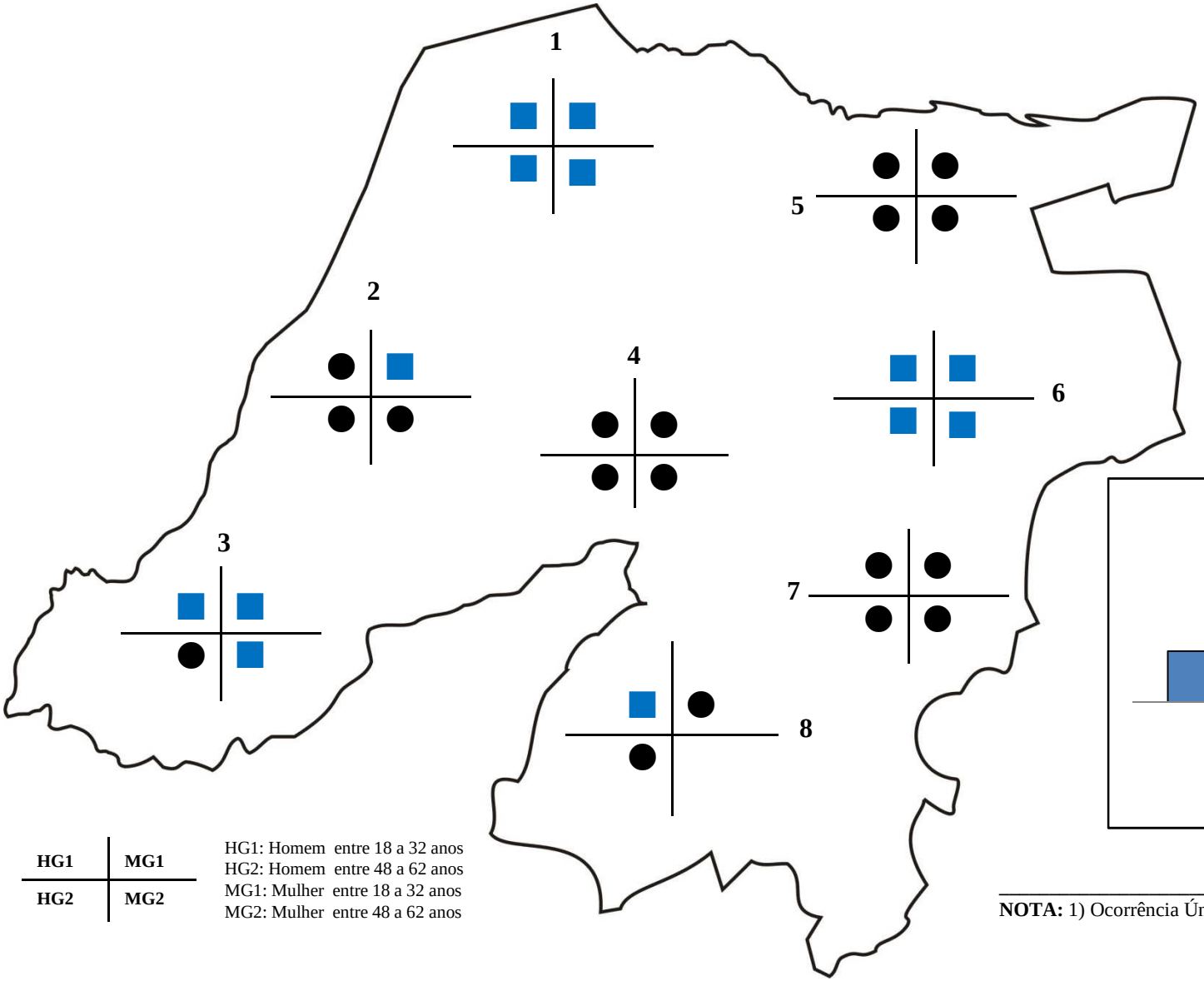
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos



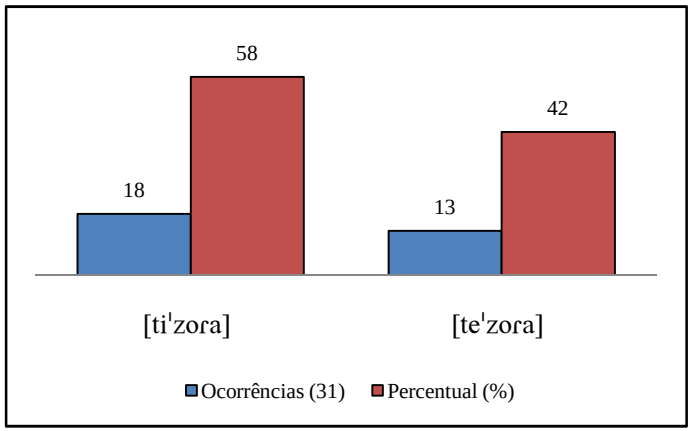
ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta Fonética 4
TESOURA

QFF5: ...o objetivo com que se corta tecido?



LEGENDA
● [tiˈzora]
■ [teˈzora]



HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

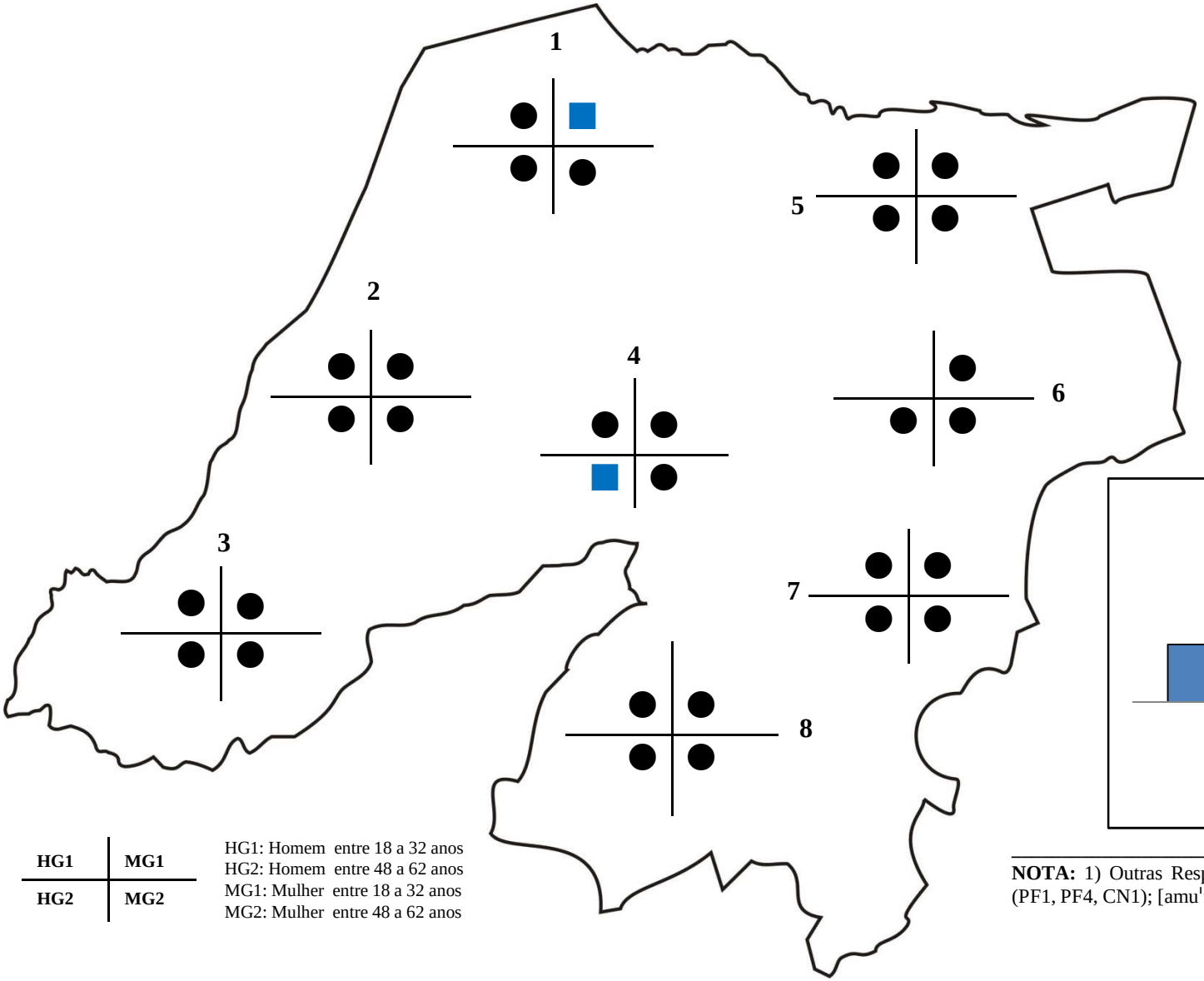
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

NOTA: 1) Ocorrência Única: [teˈzowɾa] (CA4).

ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta Fonética 5
TRAVESSEIRO

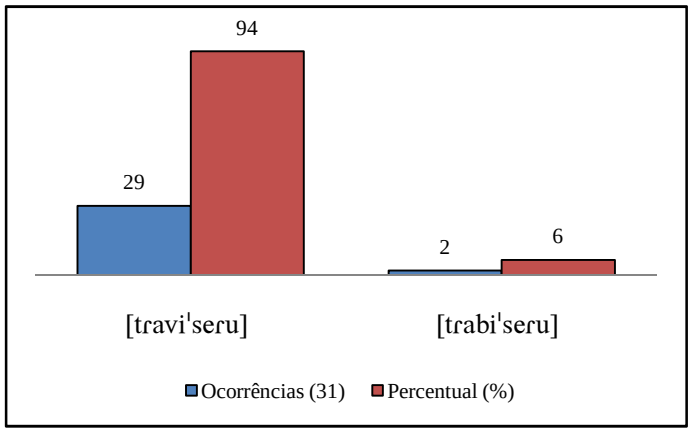
QFF6: ... aquilo onde se recosta a cabeça para dormir na cama?



LEGENDA

● [travi'seru]

■ [trabi'seru]



HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

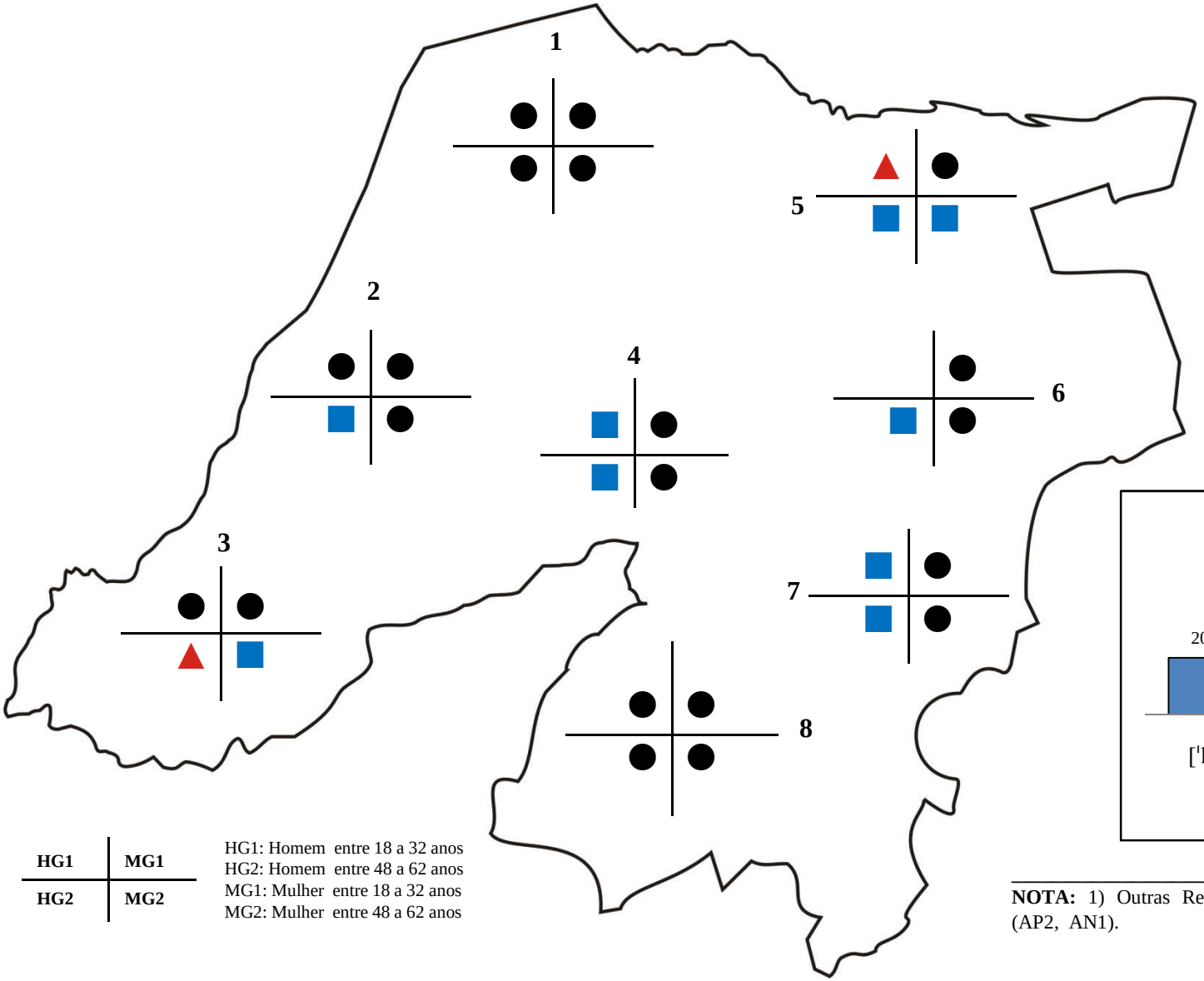
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

NOTA: 1) Outras Respostas Diferentes: [awmo'fada] (AN1, AN2); [awmu'fada] (PF1, PF4, CN1); [amu'fada] (CN3); [mu'fada] (AP4, JA1).

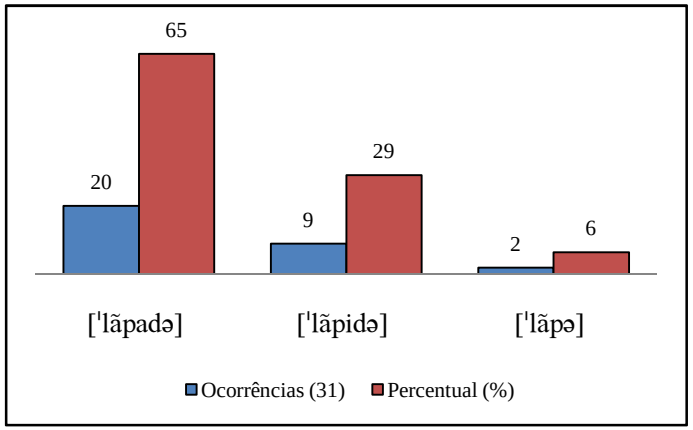
ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta Fonética 6
LÂMPADA

QFF8: O que ilumina uma casa e tem que ser trocada quando queima? (Apontar).



LEGENDA
- ● [ˈlãpada]
- ■ [ˈlãpida]
- ▲ [ˈlãpa]



HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

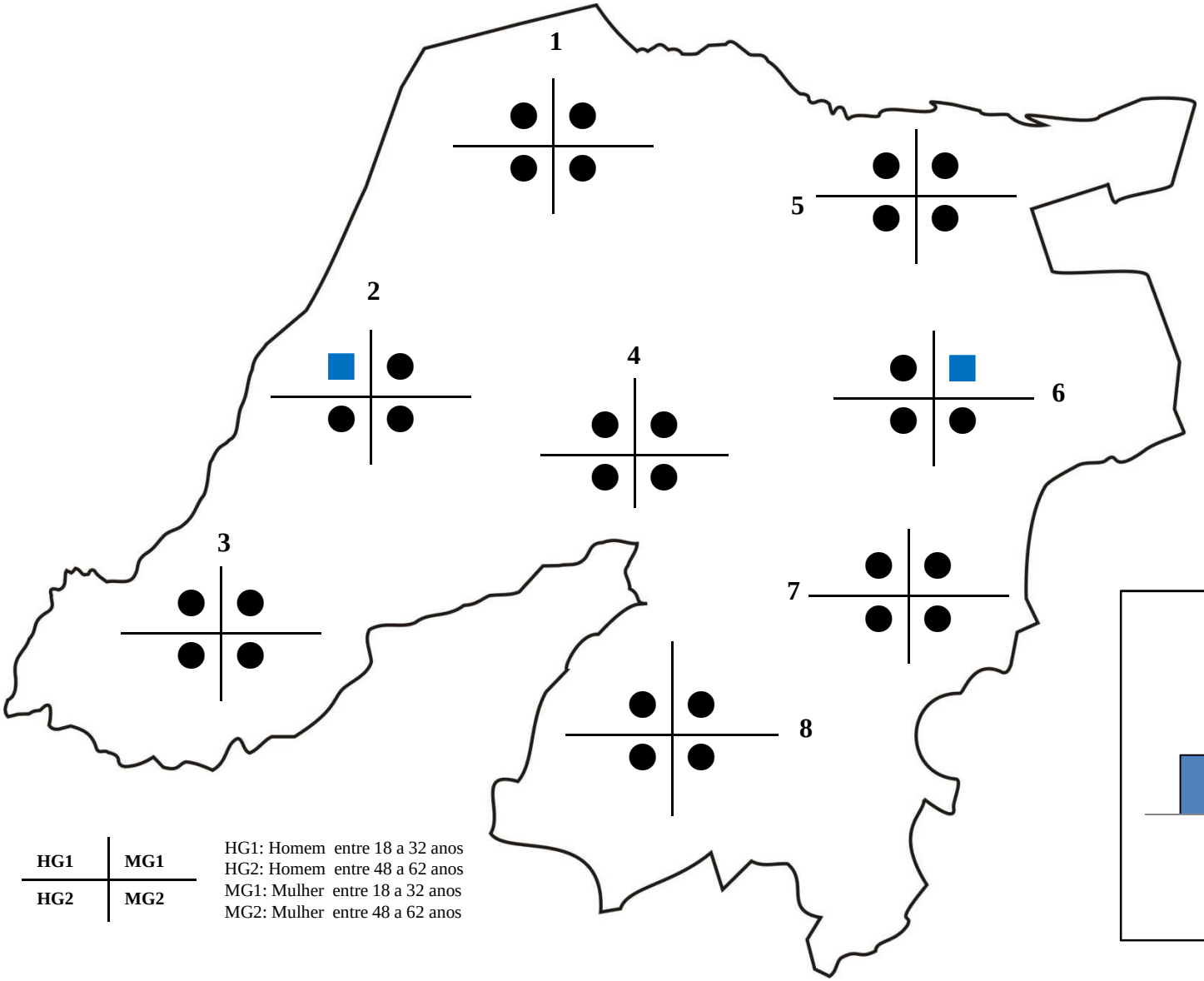
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

NOTA: 1) Outras Respostas Diferentes: [ˈlujs] (AP1, AP2, AN1); [floɾɛˈsẽti] (AP2, AN1).

ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta Fonética 7
TORNEIRA

QFF9: ... aquilo que se abre quando se quer lavar as mãos numa pia?



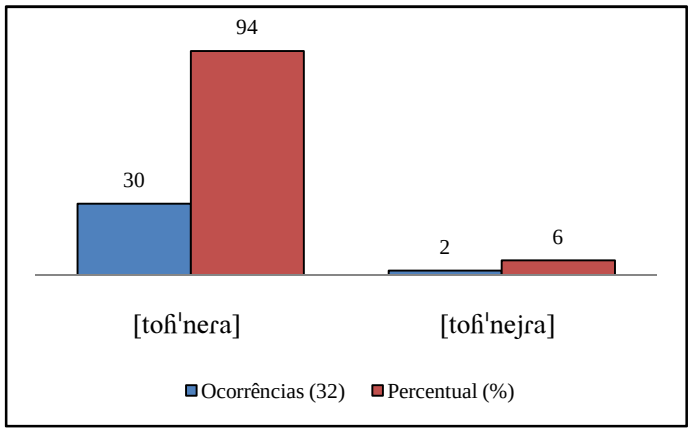
LEGENDA

● [toɦˈnera]

■ [toɦˈnejɾa]

HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

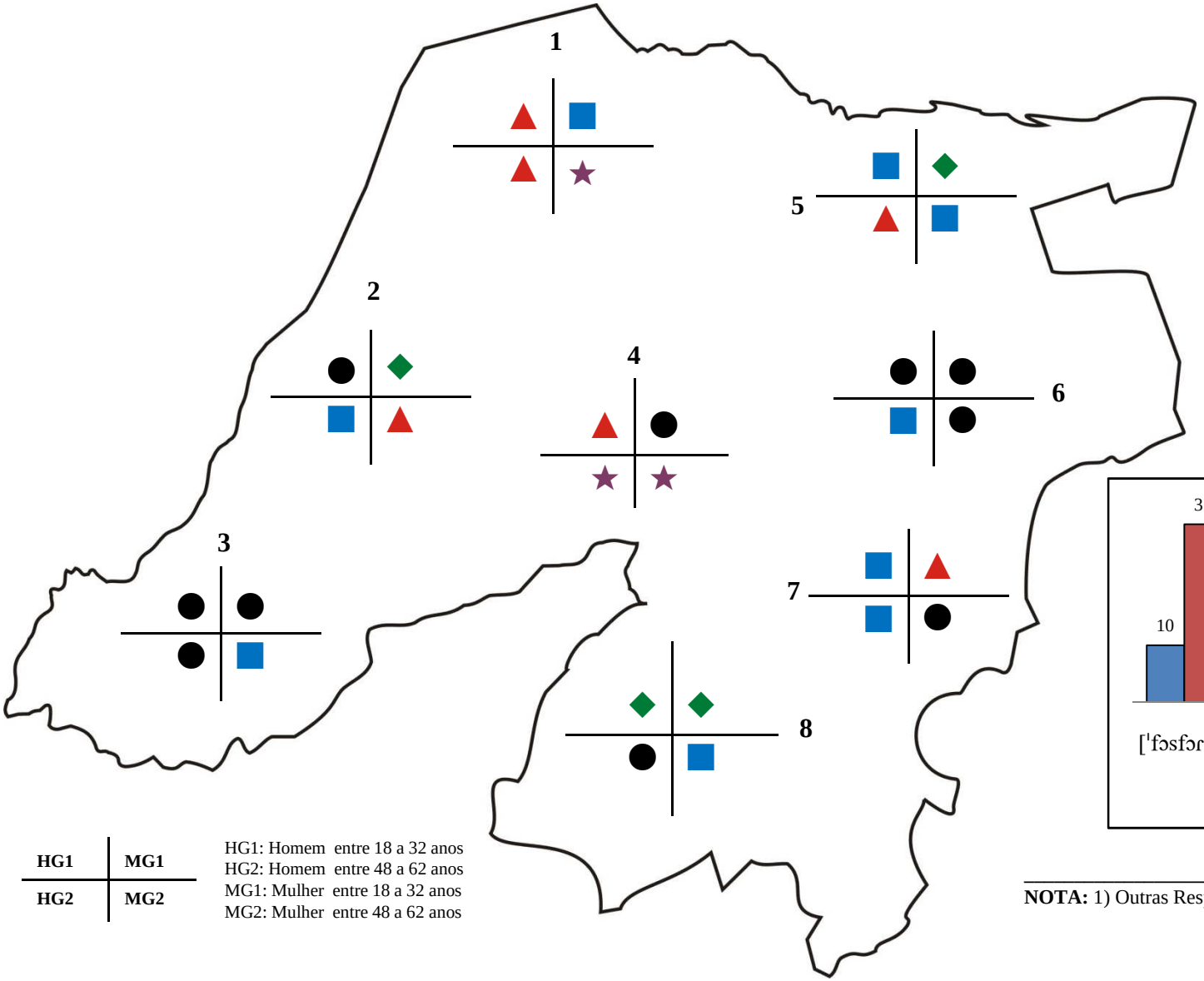
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos



ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

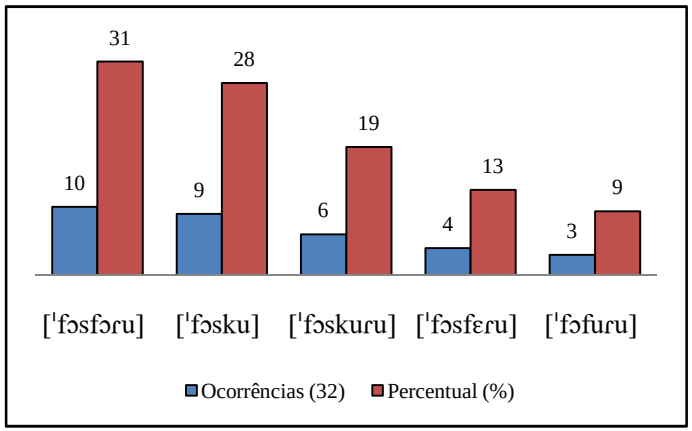
Carta Fonética 8
FÓSFORO

QFF10: ... aquilo palitinho que acende o fogo?



LEGENDA

- ● [ˈfɔsfɔɾu]
- ■ [ˈfɔsku]
- ▲ [ˈfɔskuɾu]
- ◆ [ˈfɔsfɛɾu]
- ★ [ˈfɔfuɾu]



HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

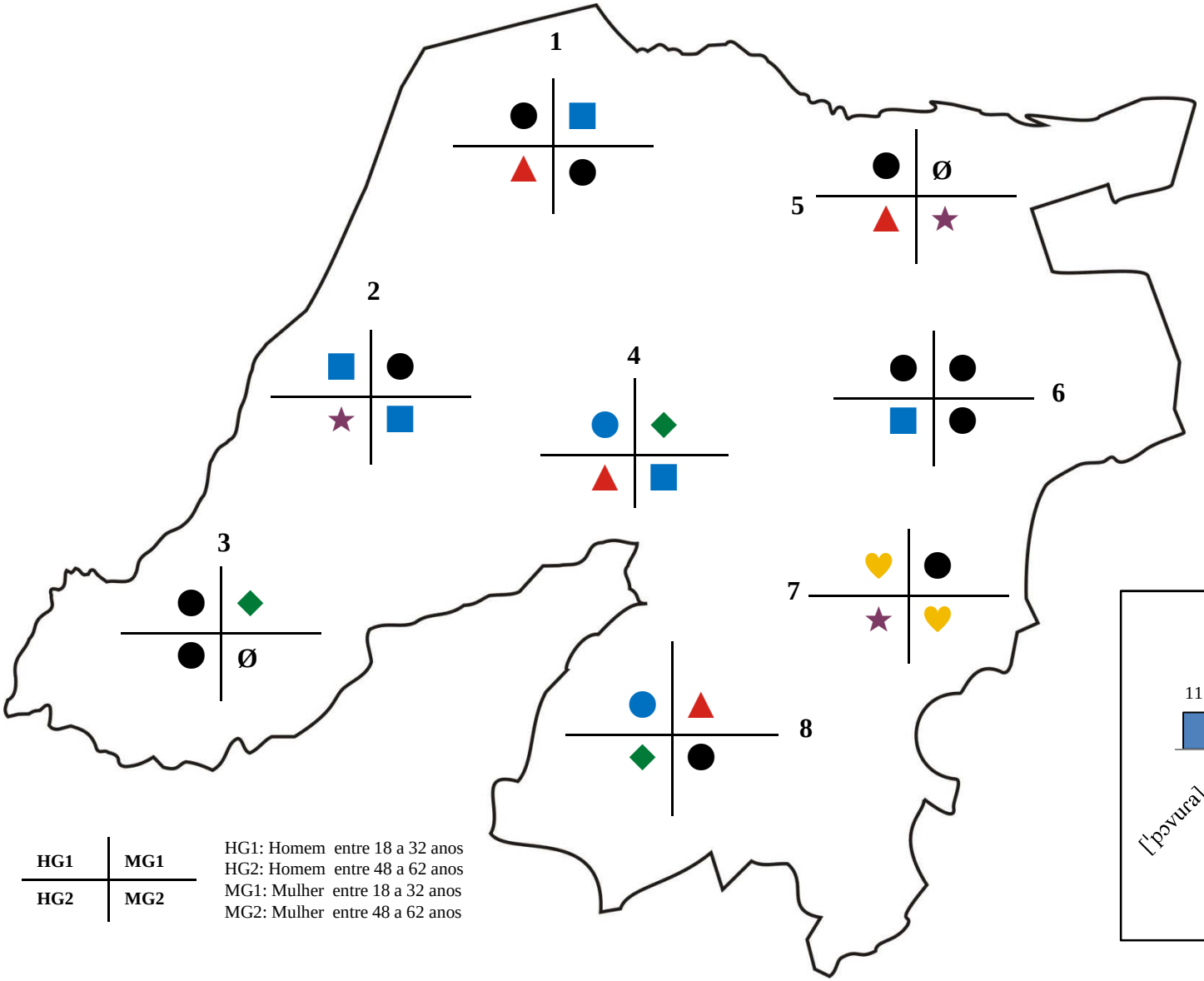
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

NOTA: 1) Outras Respostas Diferentes: [ˈfogu] (PF1, PF3, JA1).

ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

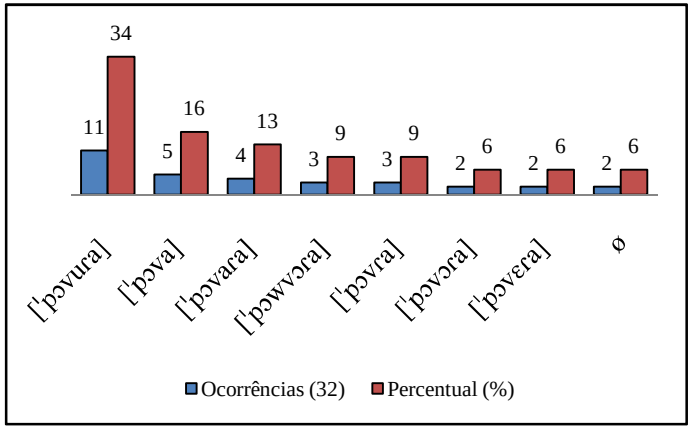
Carta Fonética 9
PÓLVORA

QFF11: Do que é feito os fogos de artifícios?



LEGENDA

- ● [ˈpɔvuɾa]
- ■ [ˈpɔva]
- ▲ [ˈpɔvaɾa]
- ◆ [ˈpɔwvɔɾa]
- ★ [ˈpɔvɾa]
- ♥ [ˈpɔvɔɾa]
- ● [ˈpɔvɛɾa]
- Ø abstenções



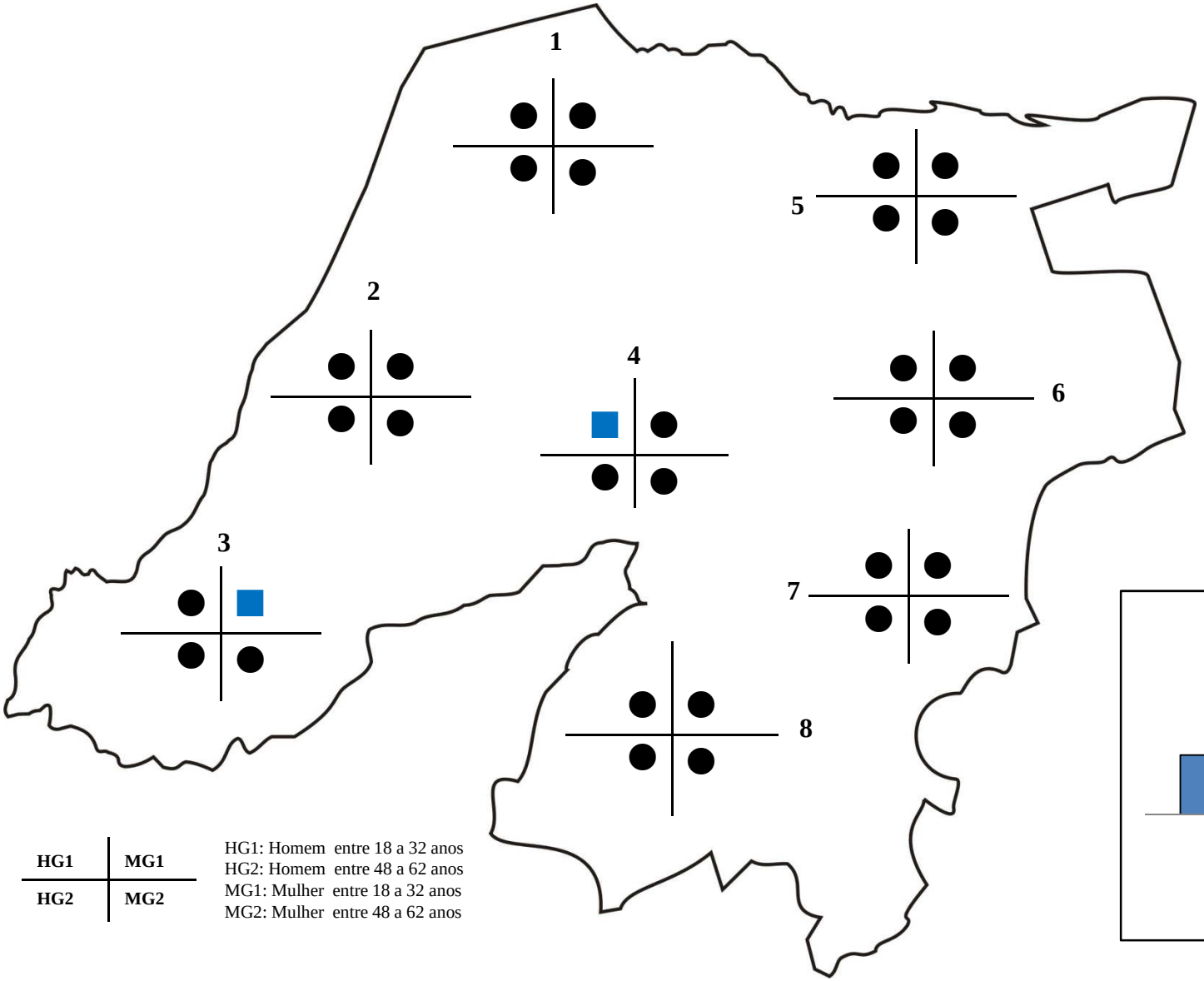
HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta Fonética 10
ALMOÇO

QFF13: ... a refeição que se faz, geralmente, ao meio-dia?



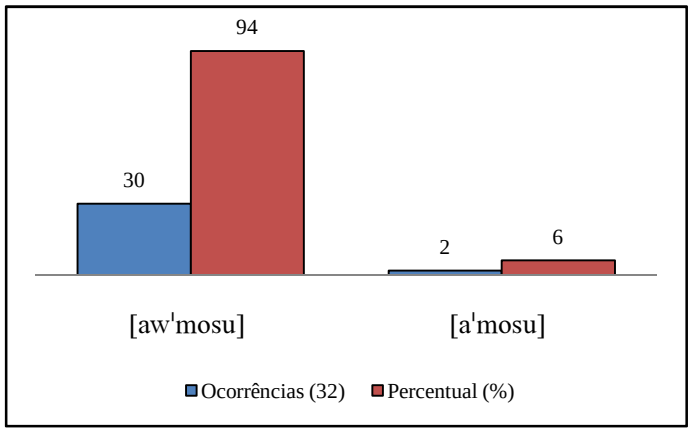
LEGENDA

● [awˈmosu]

■ [aˈmosu]

HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

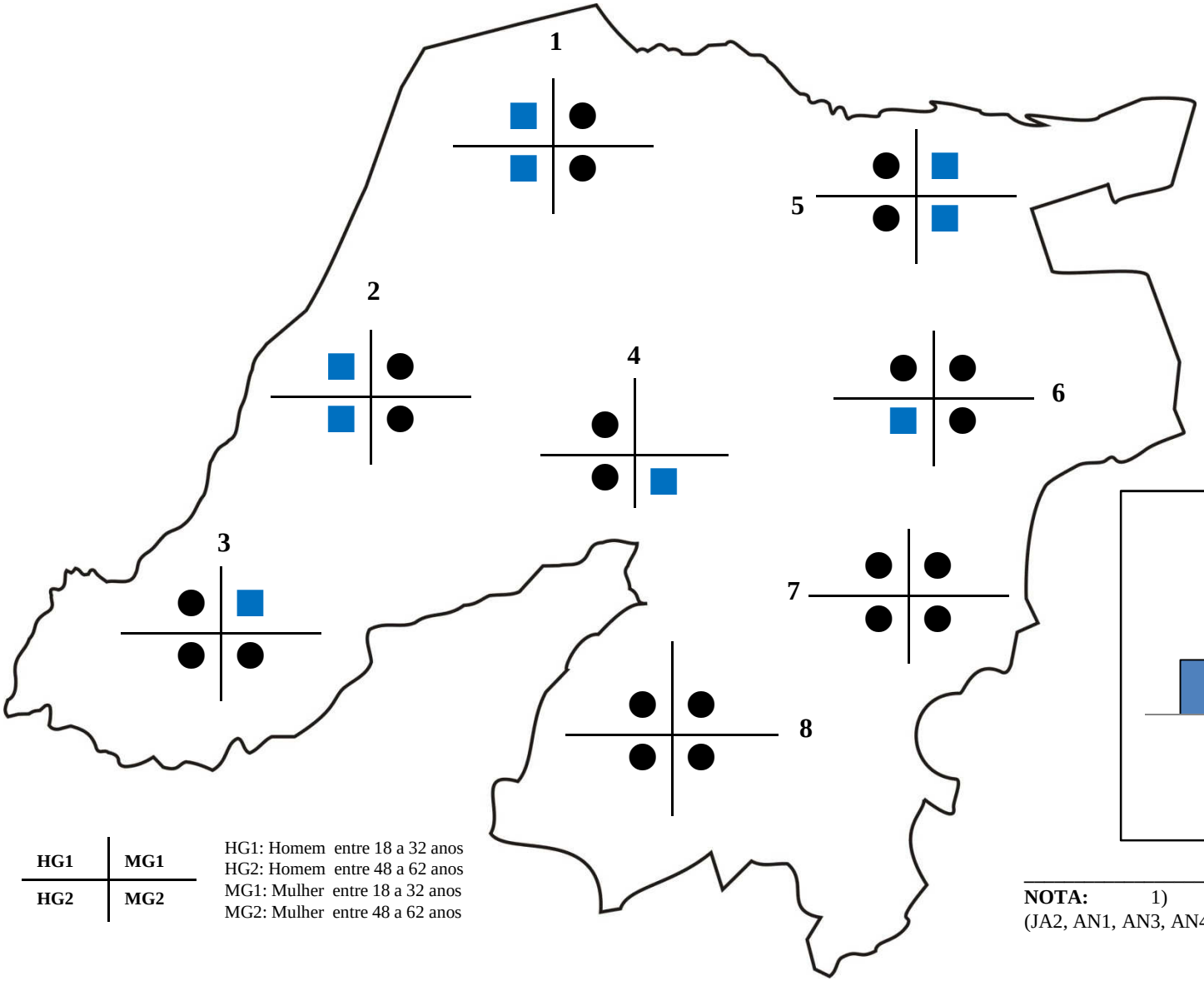
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos



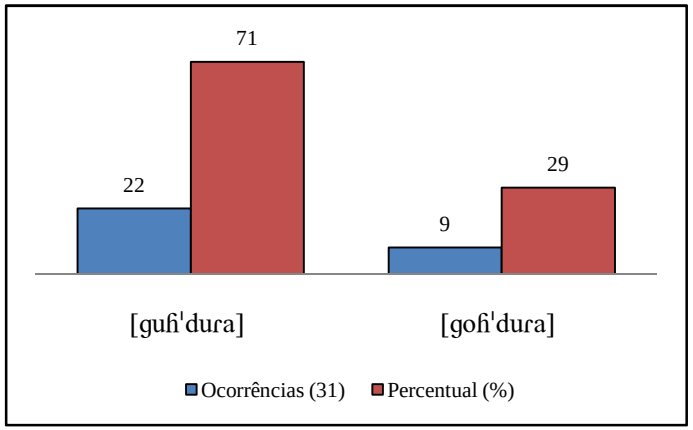
ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta Fonética 11
GORDURA

QFF16: A carne de porco não é magra porque tem_____.



LEGENDA
● [guɦˈdura]
■ [goɦˈdura]



HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

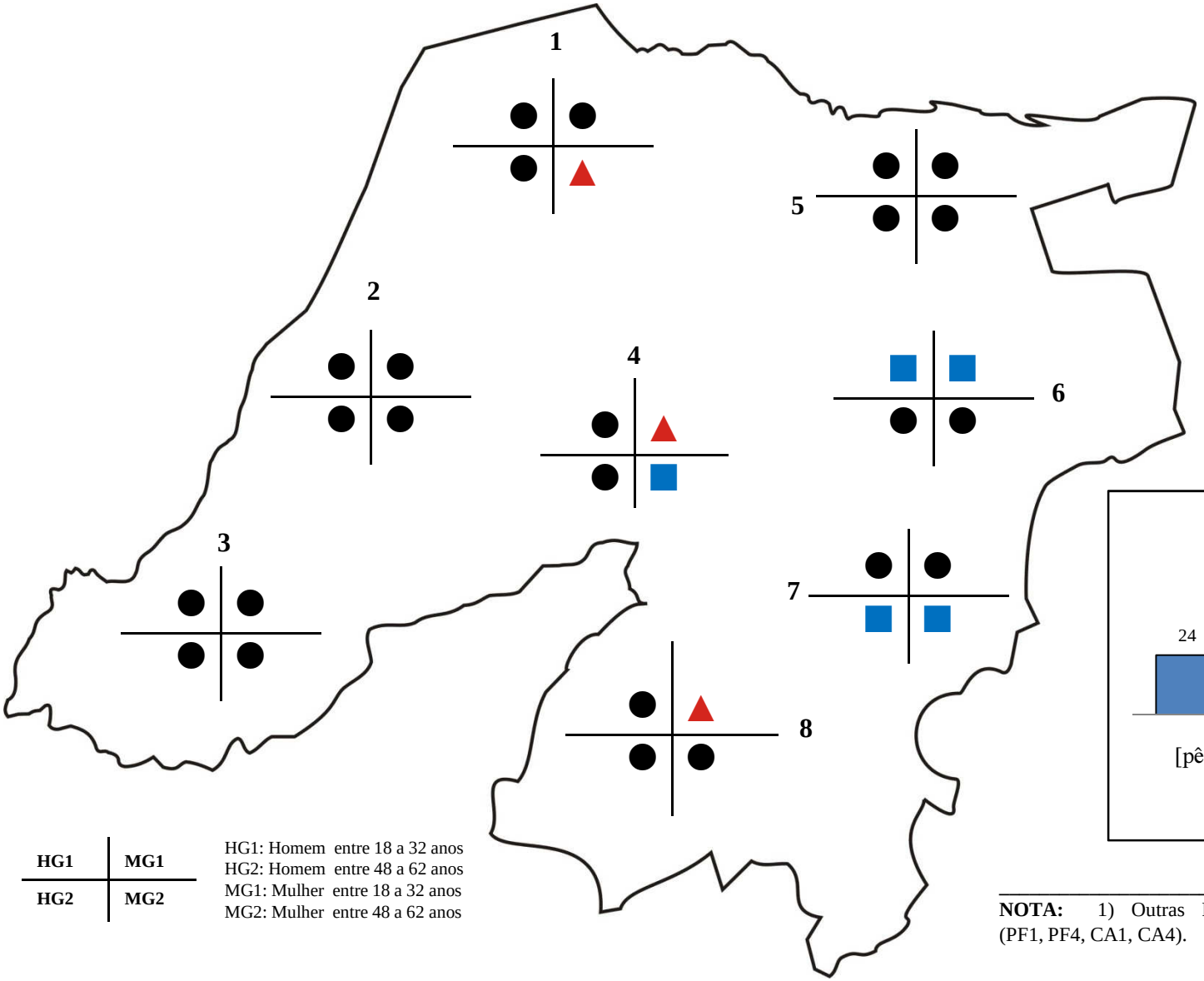
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

NOTA: 1) Outras Respostas Diferentes: [tojˈsĩ] (JA2, AN1, AN3, AN4, CN3, CA2); [bãja] (AN3).

ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

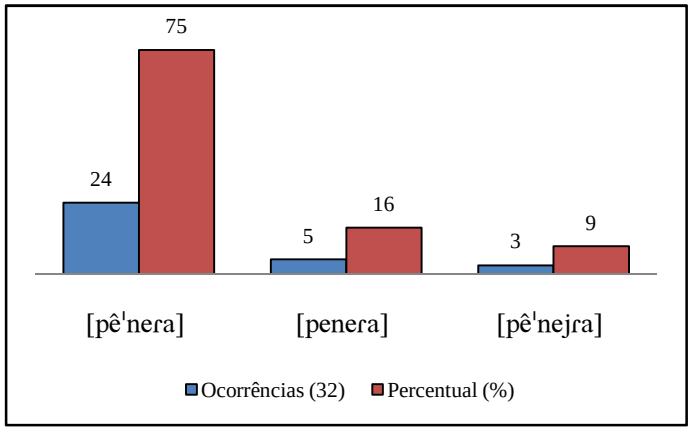
Carta Fonética 12
PENEIRA

QFF17: ... aquele objeto que se usa na cozinha para passar farinha? (mímica)



LEGENDA

- ● [pêˈneɾa]
- ■ [peneɾa]
- ▲ [pêˈnejɾa]



HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

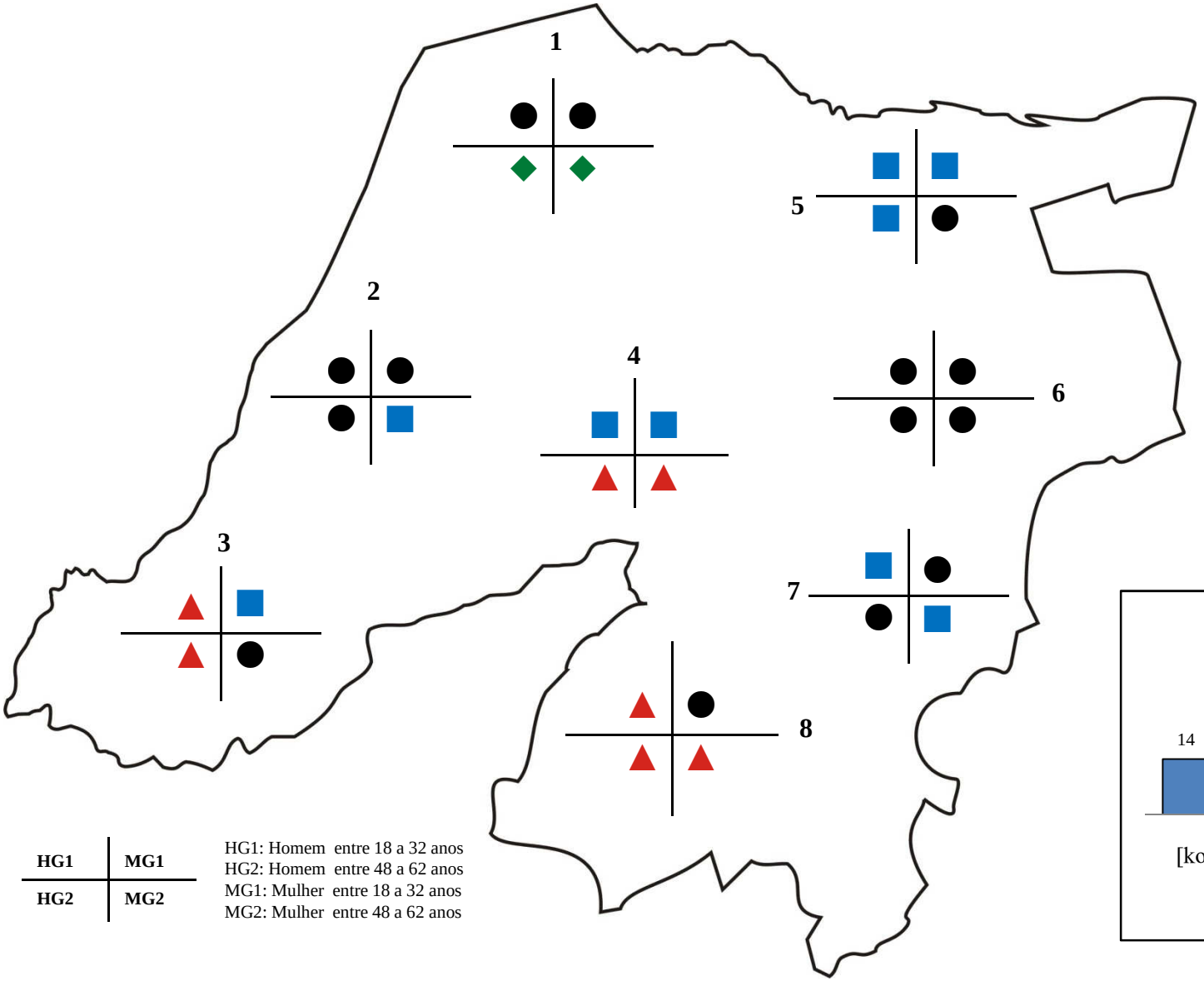
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

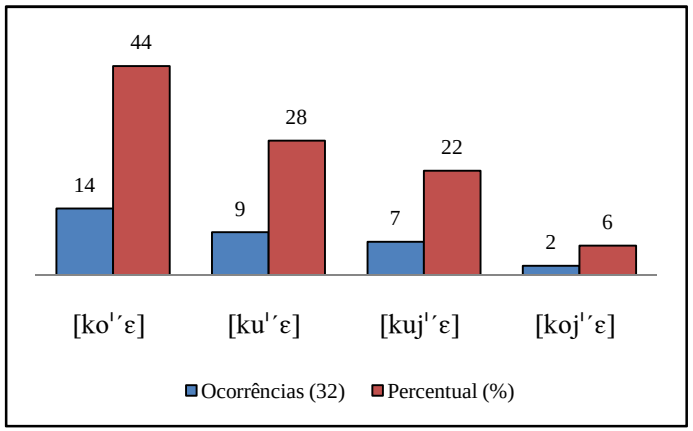
NOTA: 1) Outras Respostas Diferentes: [aɾaˈpẽba] (MO3) ; [aɾuˈpẽba] (PF1, PF4, CA1, CA4).

ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta Fonética 13
COLHER

QFF18: Qual o nome do talher que se usa para tomar sopa?





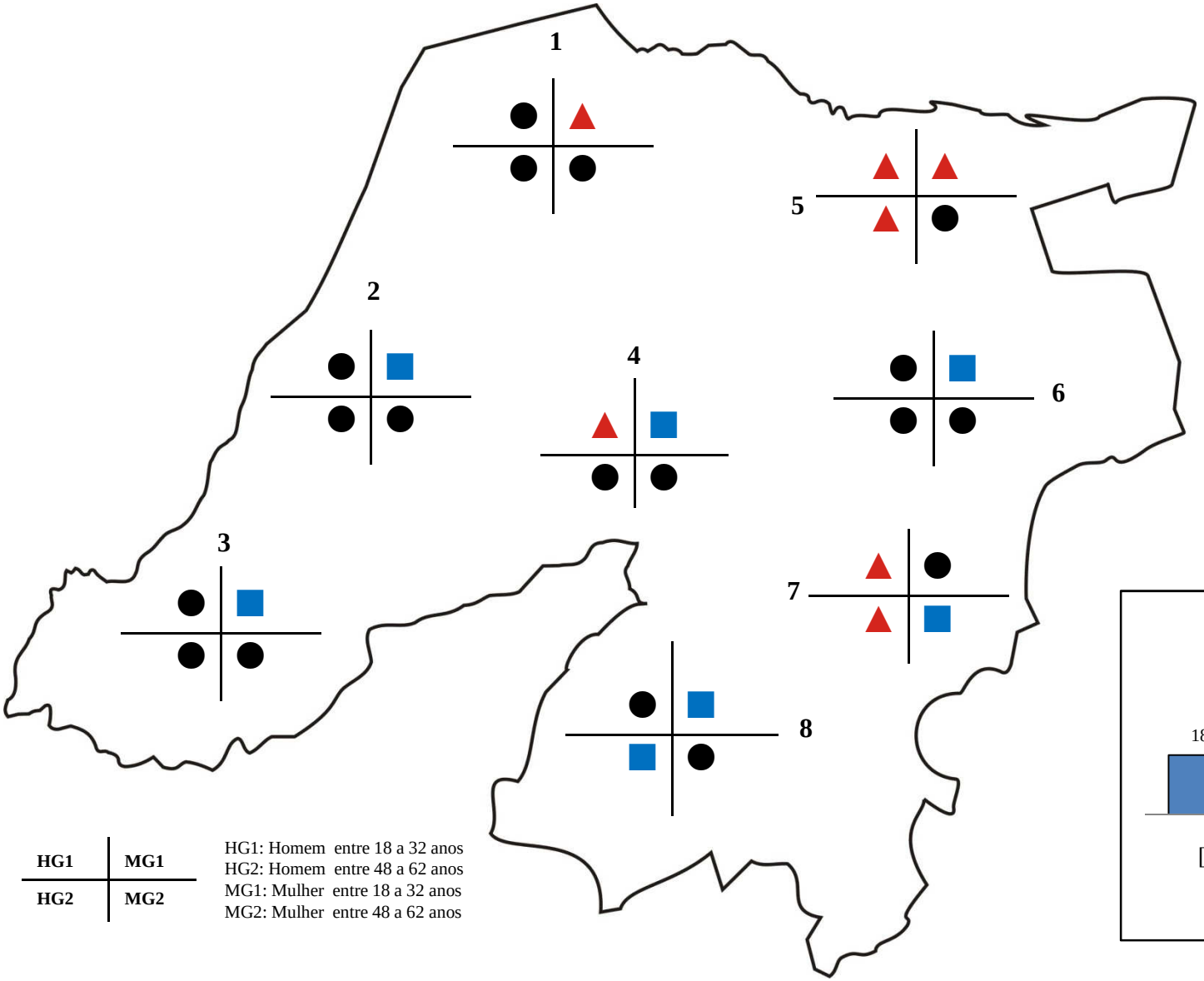
HG1	MG1
HG2	MG2

HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta Fonética 14
GARFO

QFF19: O que é que se usa para espetar a carne?

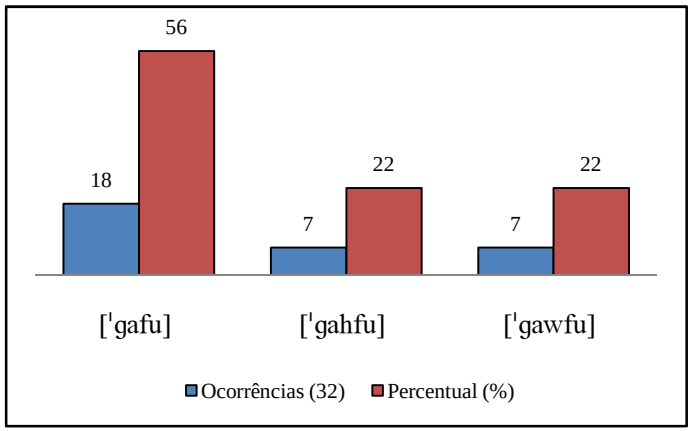


LEGENDA

- ● ['gafu]
- ■ ['gahfu]
- ▲ ['gawfu]

HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

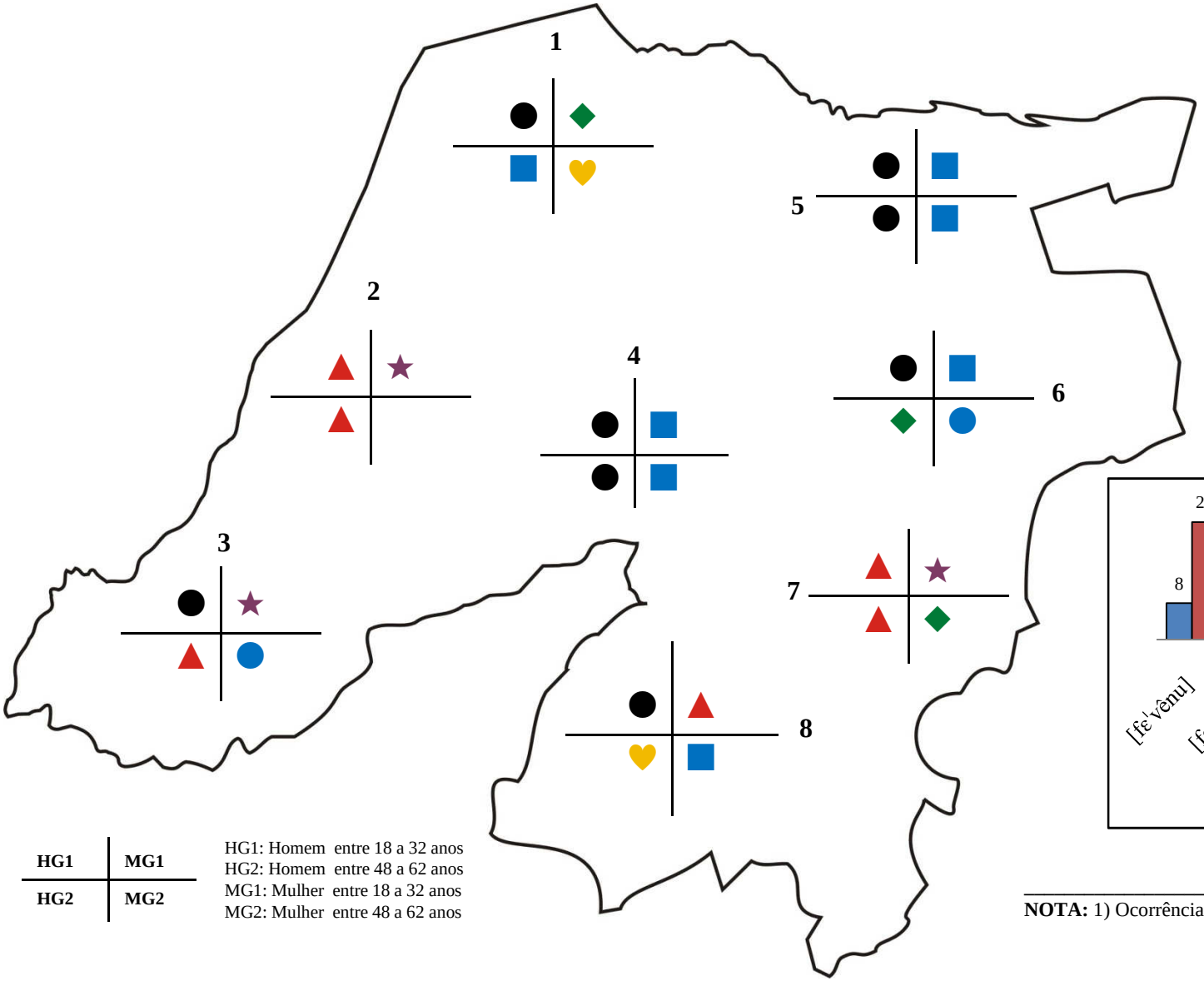
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos



ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

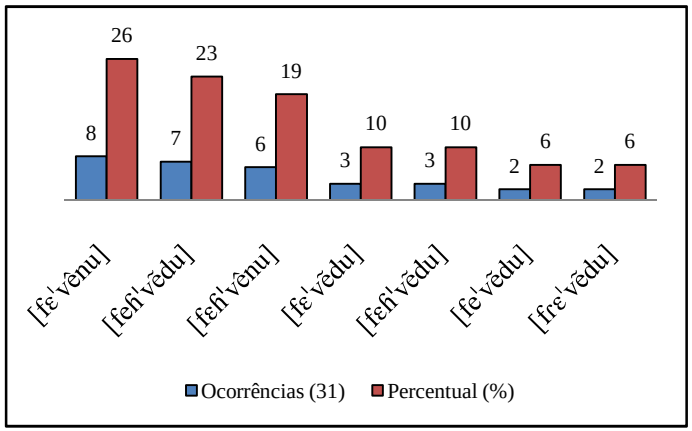
Carta Fonética 15
FERVENDO

QFF20: Quando a água da panela está quente, cheia de bolinhas, como é que se diz que ela está ... ?



LEGENDA

- ● [fɛˈvênu]
- ■ [feɦˈvẽdu]
- ▲ [fɛɦˈvênu]
- ◆ [fɛˈvẽdu]
- ★ [fɛɦˈvẽdu]
- ♥ [feˈvẽdu]
- ● [frɛˈvẽdu]



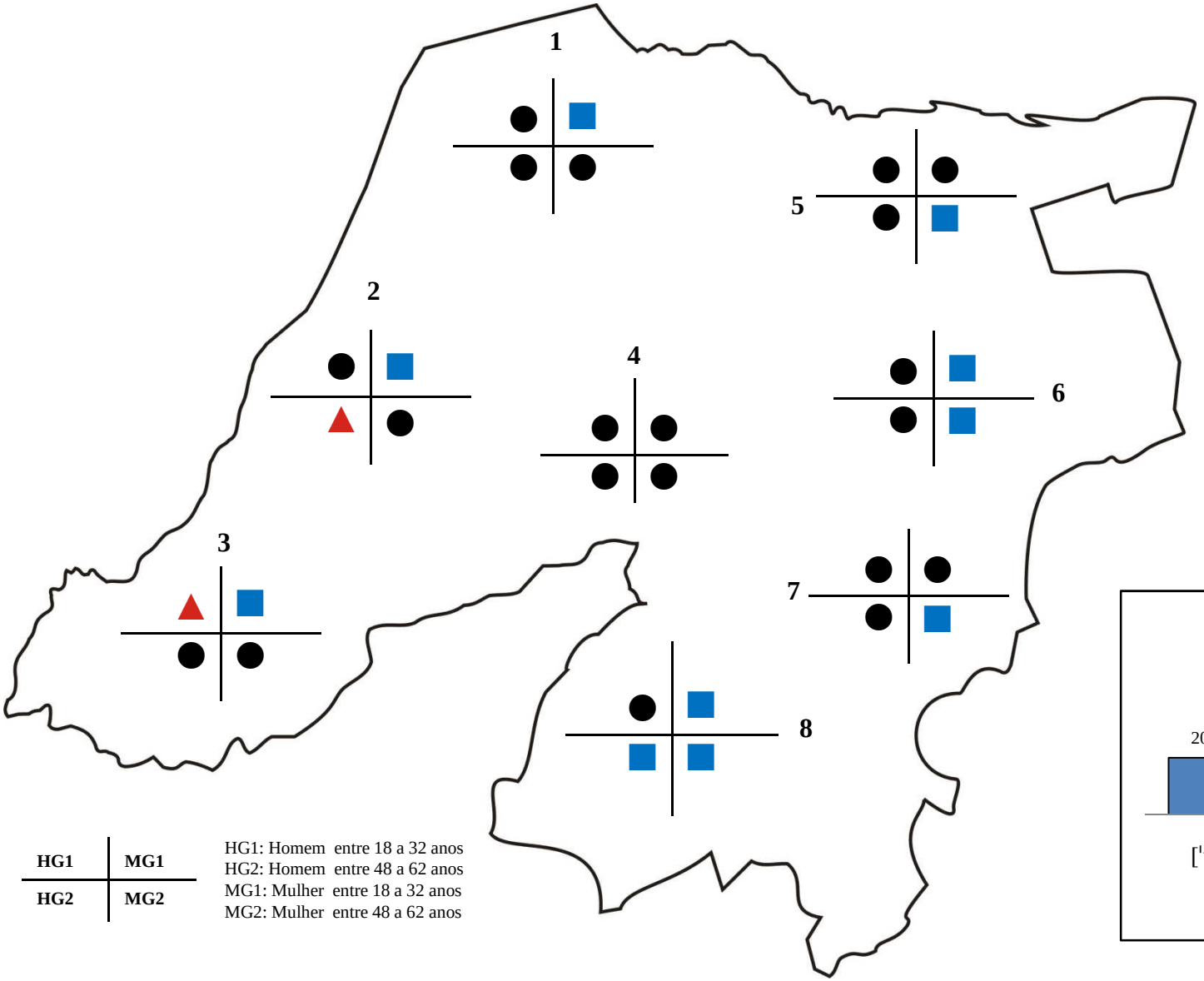
HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

NOTA: 1) Ocorrência Única: [fɛwˈvẽdu] (AP4).

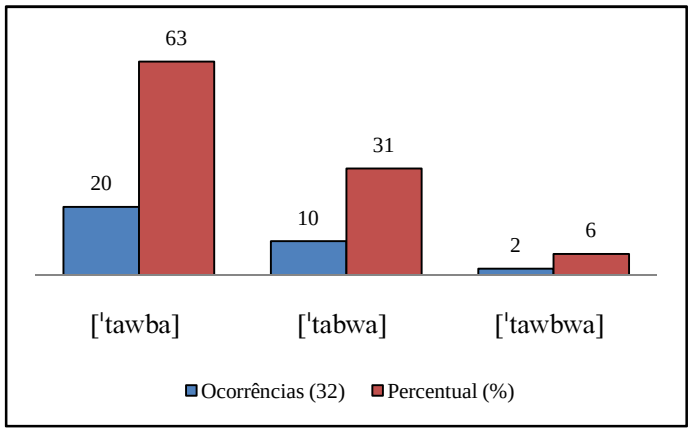
ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

QFF21: ... aquele pedaço de madeira que usamos na hora de cortar a carne?



LEGENDA

- ● [ˈtawba]
- ■ [ˈtabwa]
- ▲ [ˈtawbwa]



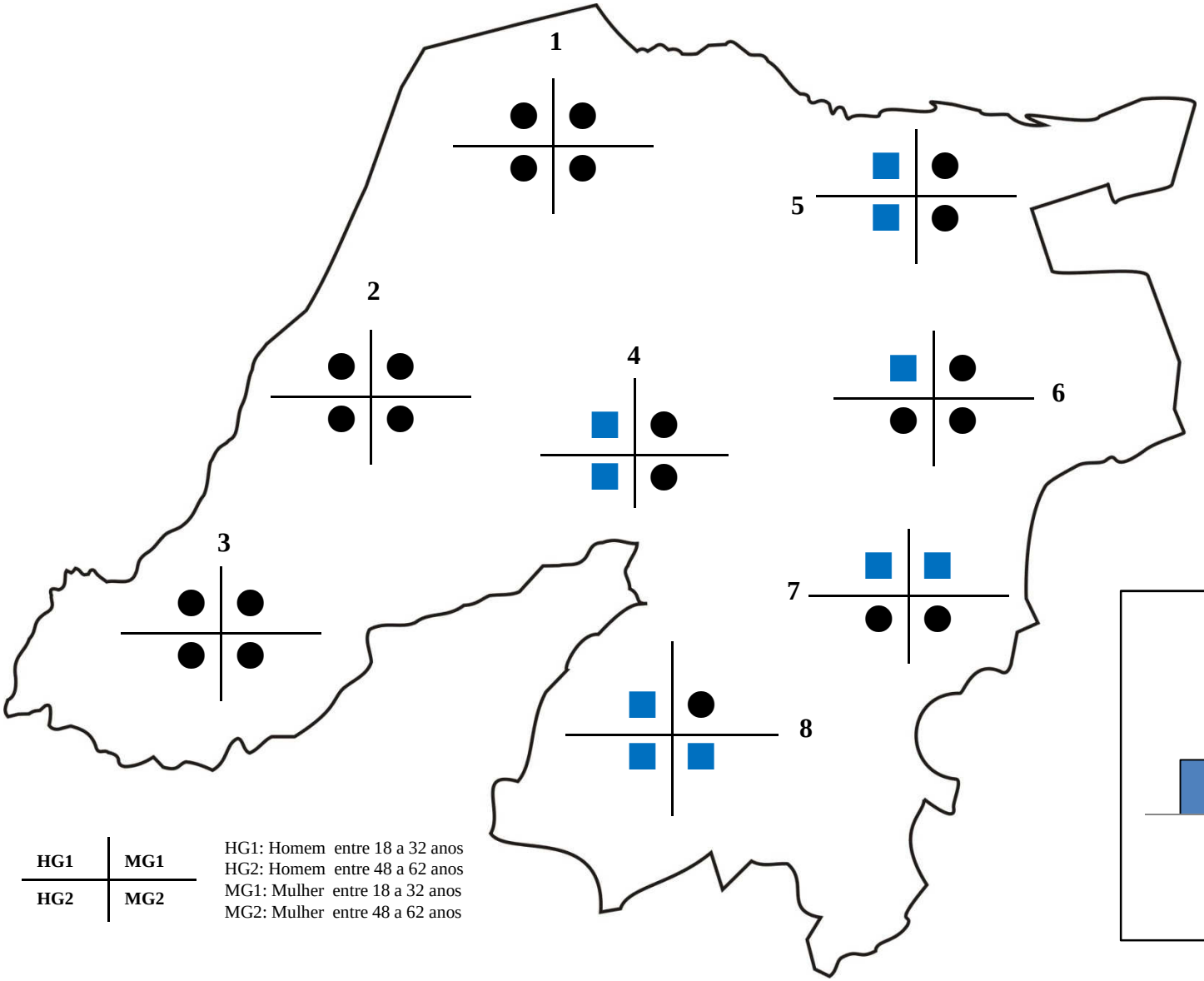
HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

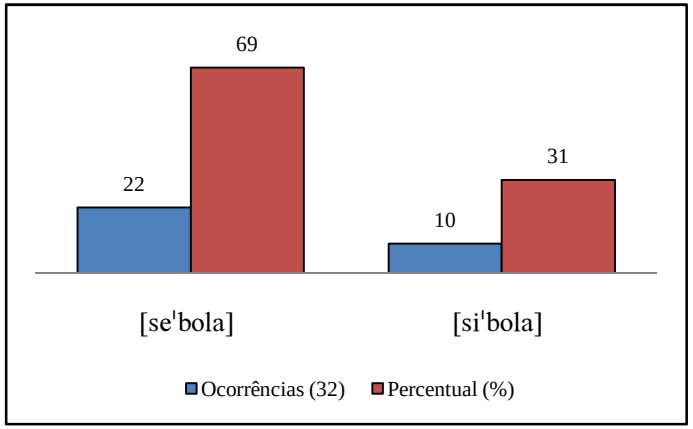
ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta Fonética 17
CEBOLA

QFF23: ... um tempero de comida que quando se está cortando se chora?



LEGENDA
● [se'bola]
■ [si'bola]



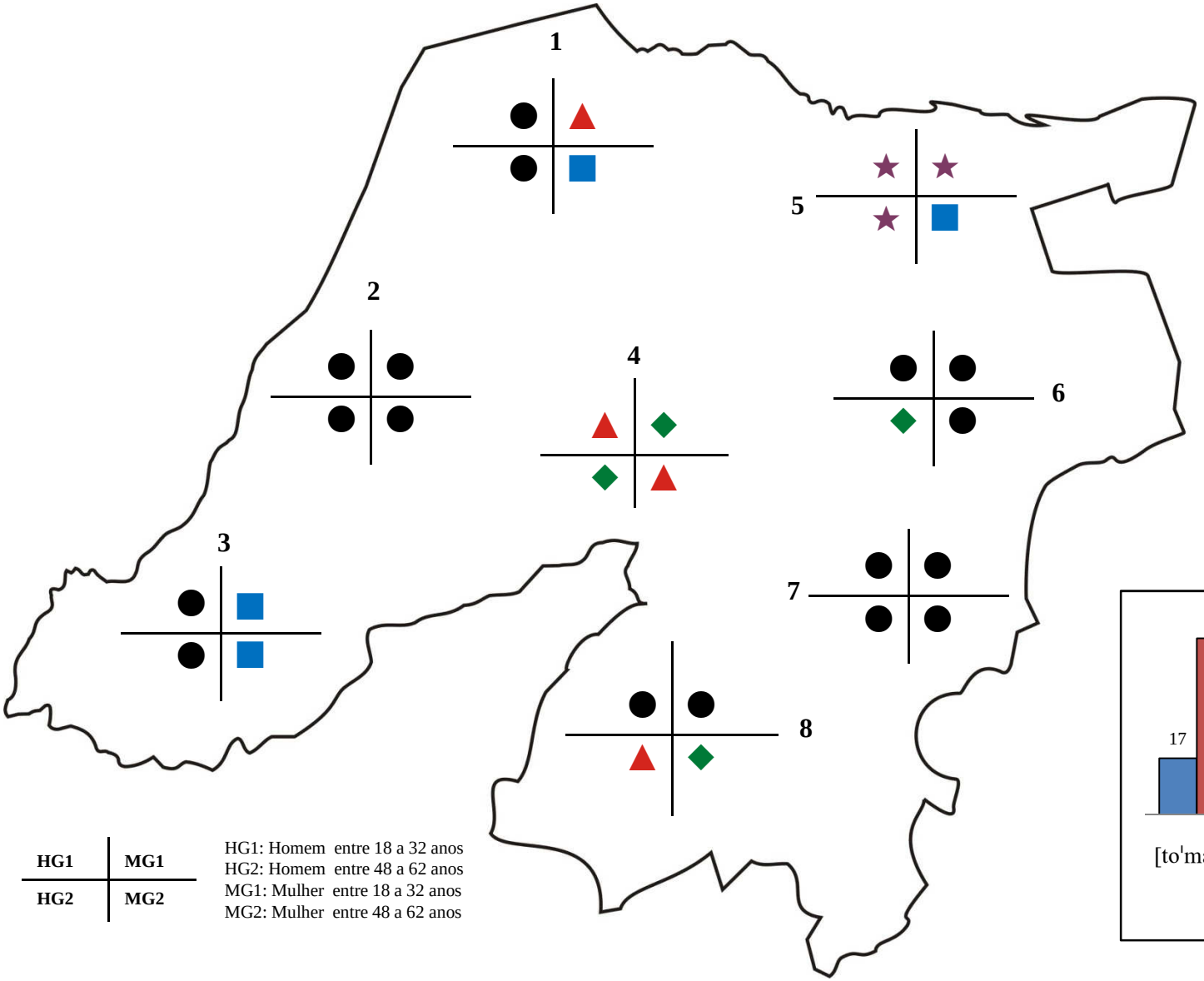
HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta Fonética 18
TOMATE

QFF24: ... aquilo vermelho que se vende na feira e que se usa para preparar o molho do macarrão?

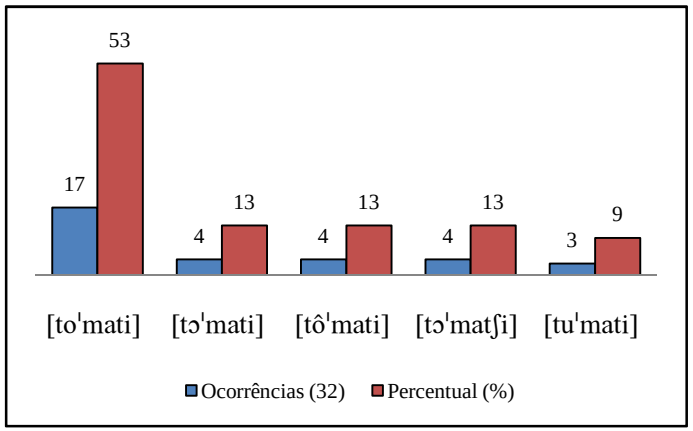


LEGENDA

- ● [toˈmati]
- ■ [tɔˈmati]
- ▲ [tôˈmati]
- ◆ [tɔˈmatʃi]
- ★ [tuˈmati]

HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

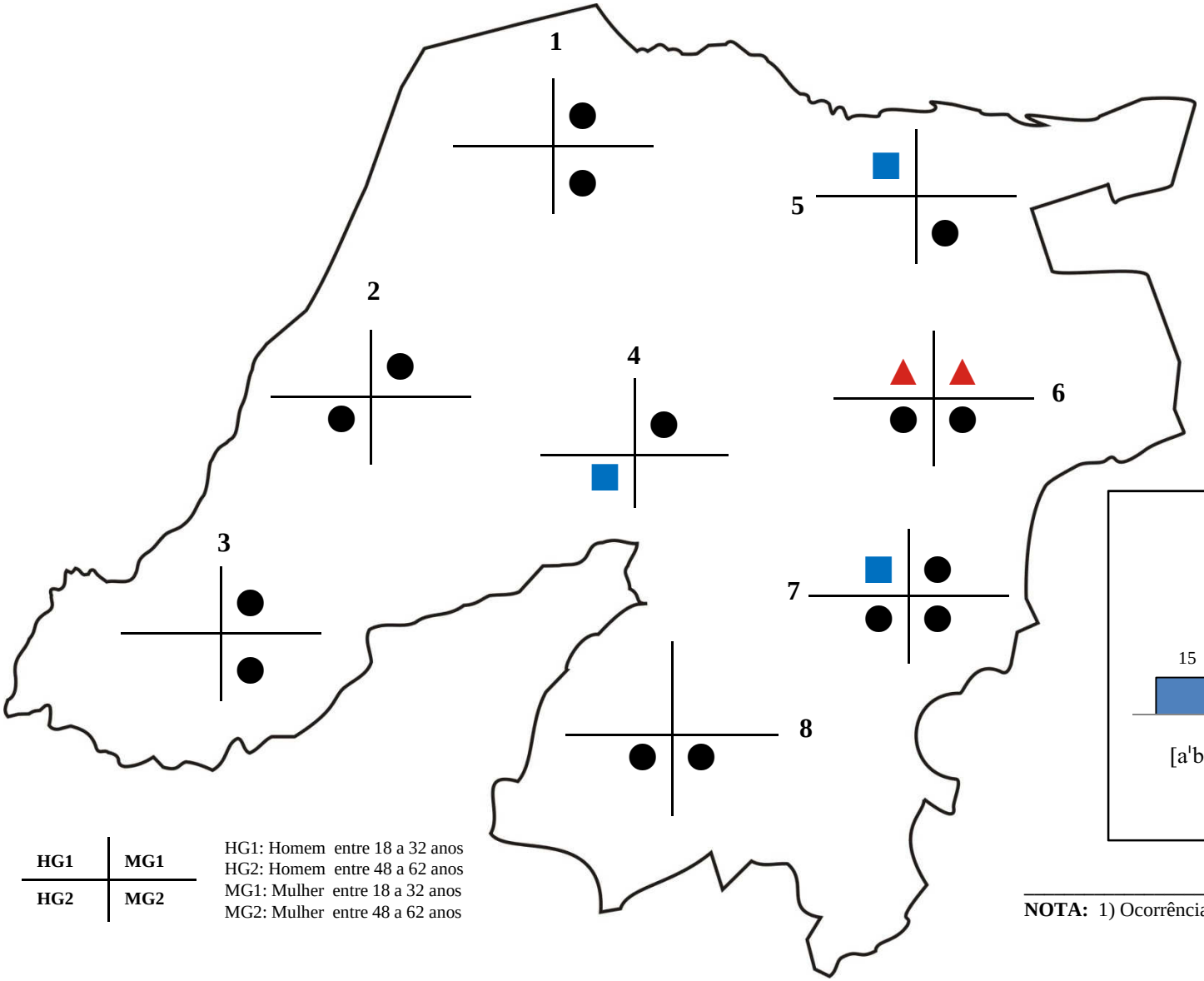
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos



ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

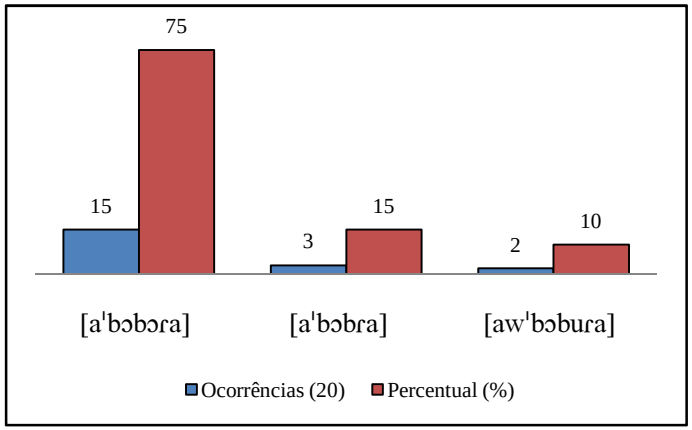
Carta Fonética 19
ABÓBORA

QFF25: ... o fruto grande que dá no chão, com uma casca grossa amarelho-avermelhada por dentro e que serve pra comer?



LEGENDA

- ● [aˈbɔbɔɾa]
- ■ [aˈbɔbɾa]
- ▲ [awˈbɔbuɾa]



HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

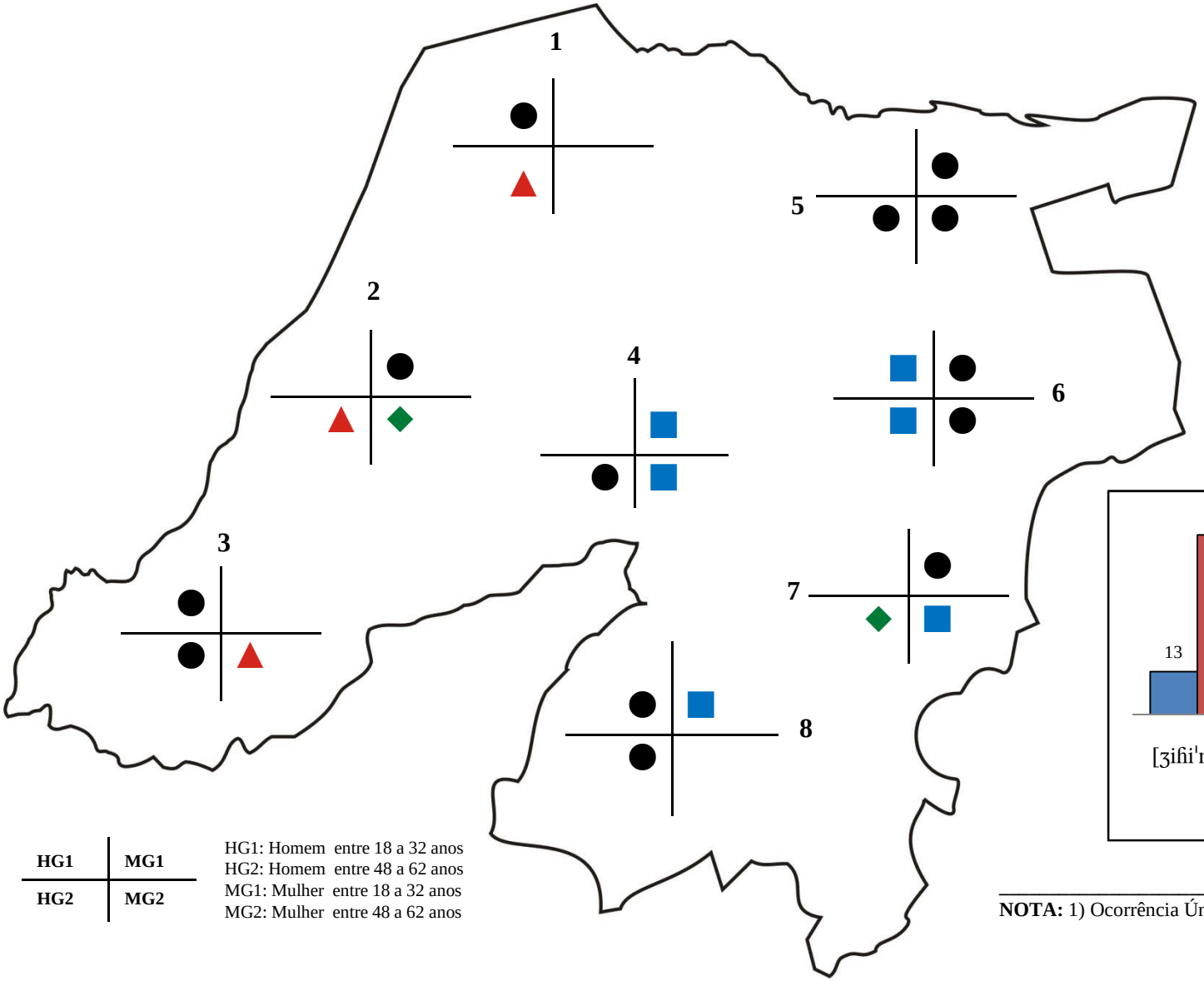
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

NOTA: 1) Ocorrência Única: [aˈbɔva] (AP1).

ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

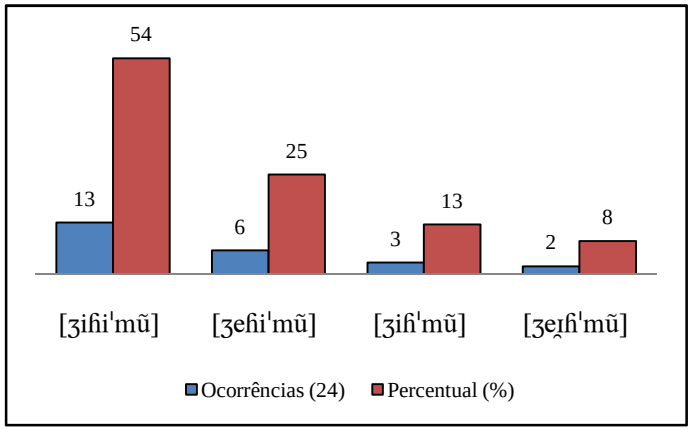
Carta Fonética 20
JERIMUM

QFF25: ... o fruto grande que dá no chão, com uma casca grossa amarelho-avermelhada por dentro e que serve pra comer?



LEGENDA

- ● [ʒiɦiˈmũ]
- ■ [ʒeɦiˈmũ]
- ▲ [ʒiɦˈmũ]
- ◆ [ʒejɦˈmũ]



HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

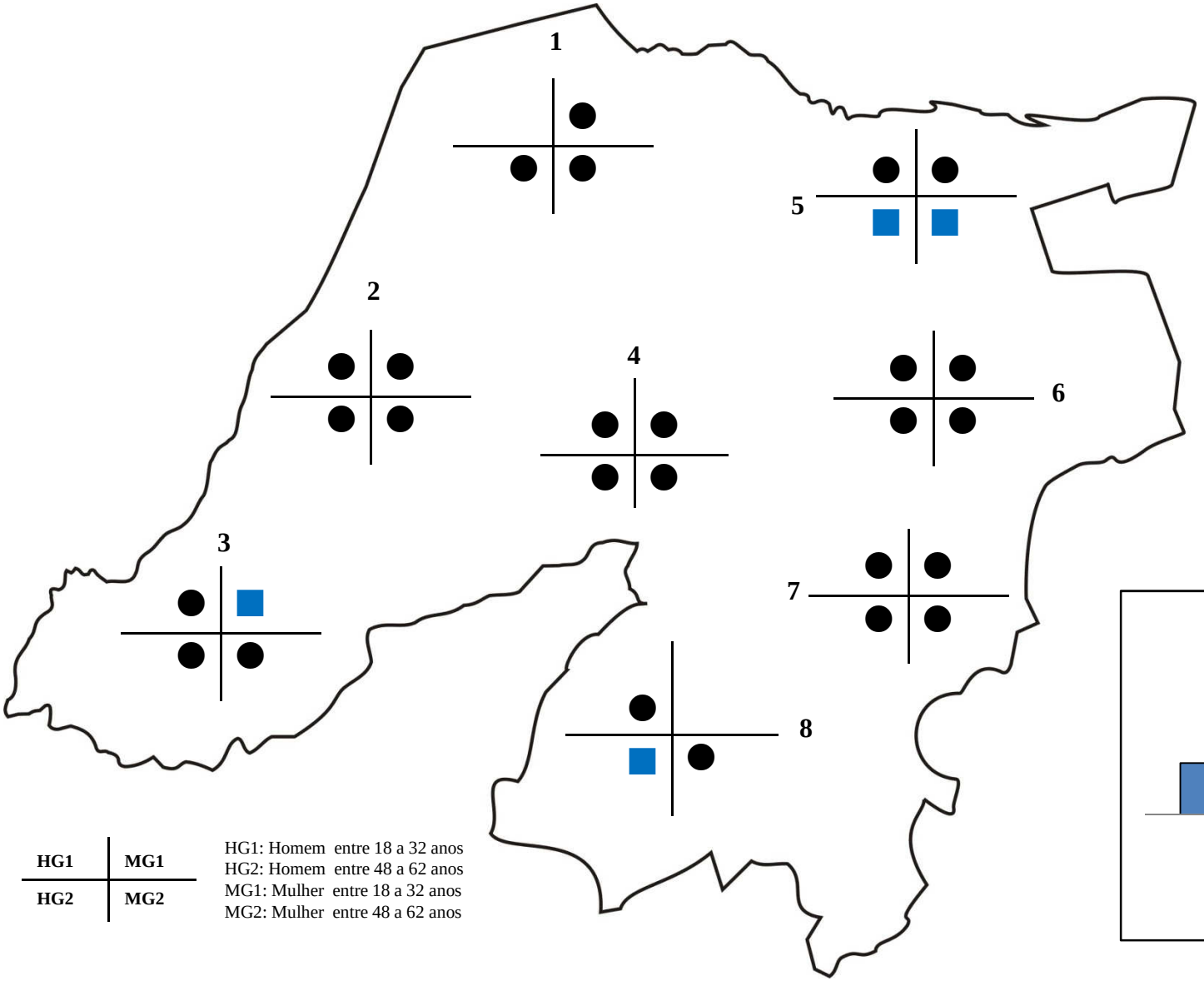
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

NOTA: 1) Ocorrência Única: [ʒiˈmũ] (JA1).

ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta Fonética 21
MANTEIGA

QFF26: ... aquilo que se passa no pão e se faz da nata do leite?



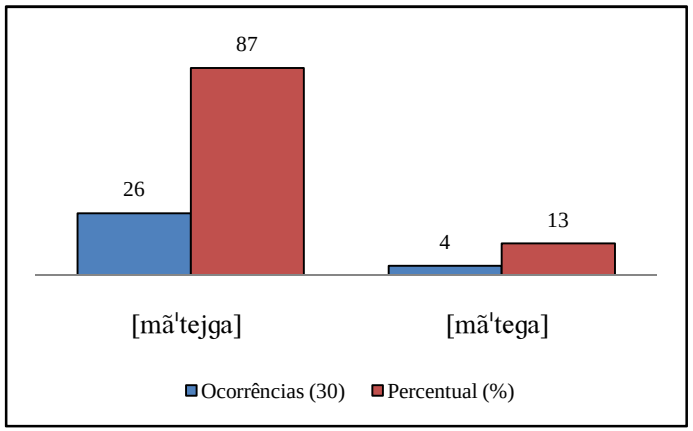
LEGENDA

● [mãˈtejga]

■ [mãˈtega]

HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

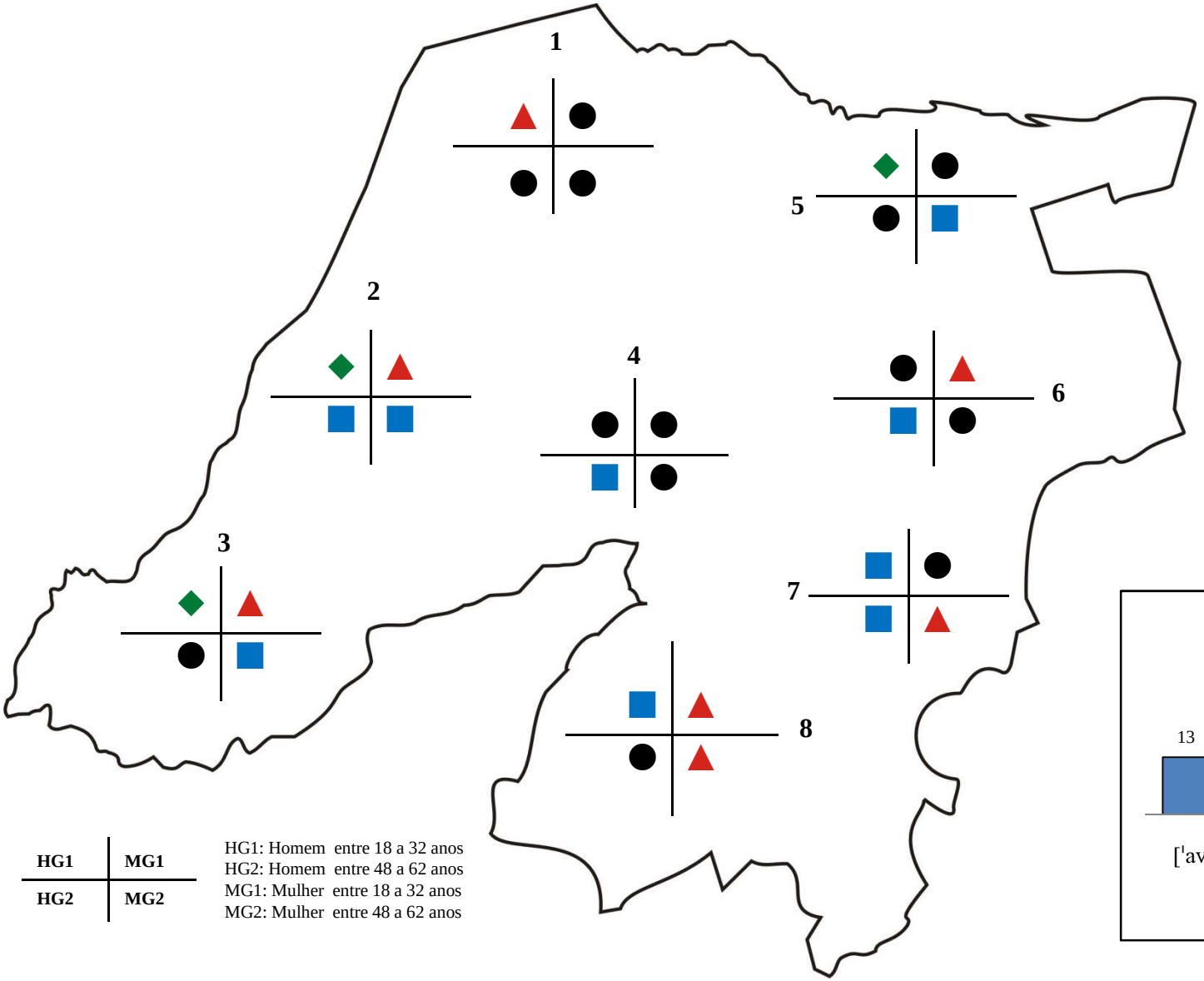
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos



ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta Fonética 22
ÁRVORE

QFF27: ... aquilo que dá sombra e frutos e serve de moradia para muitos animais?

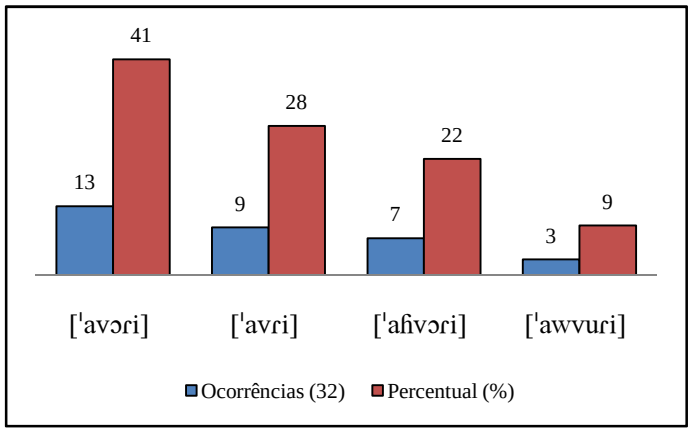


LEGENDA

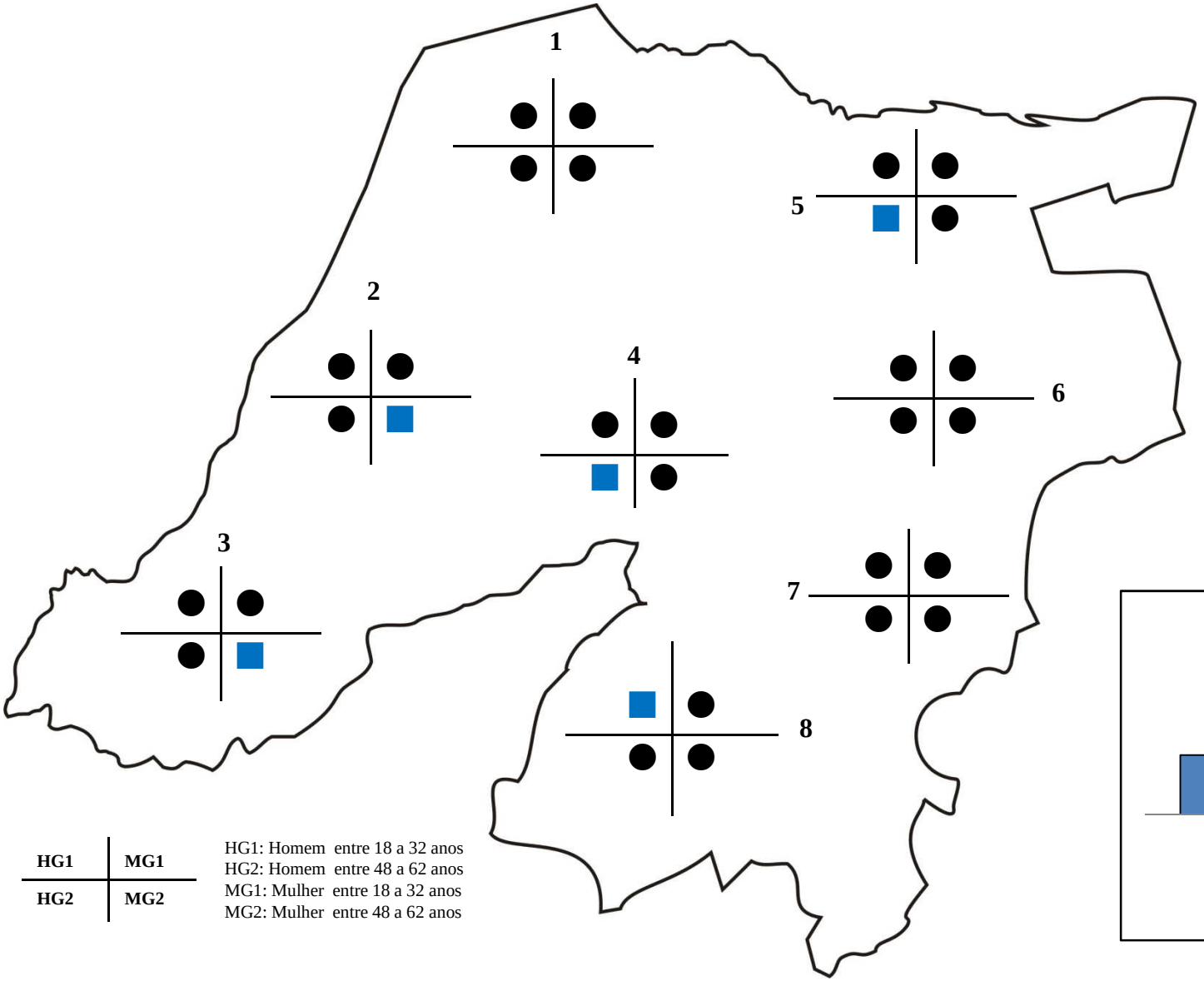
- ● [ˈavɔɾi]
- ■ [ˈavɾi]
- ▲ [ˈaɦvɔɾi]
- ◆ [ˈawvuɾi]

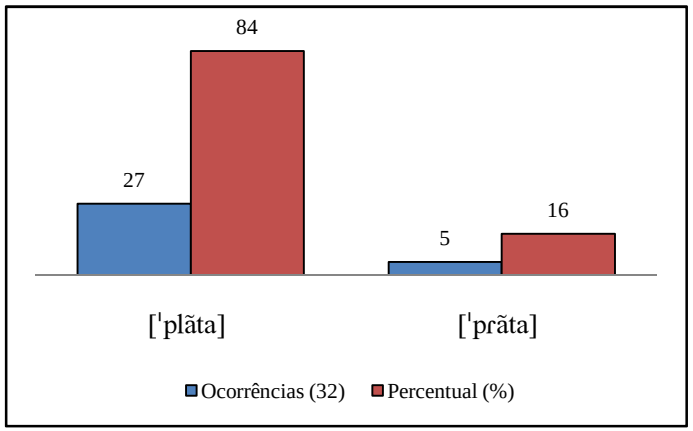
HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos



QFF28: Costuma-se dizer: Só colhe quem ....

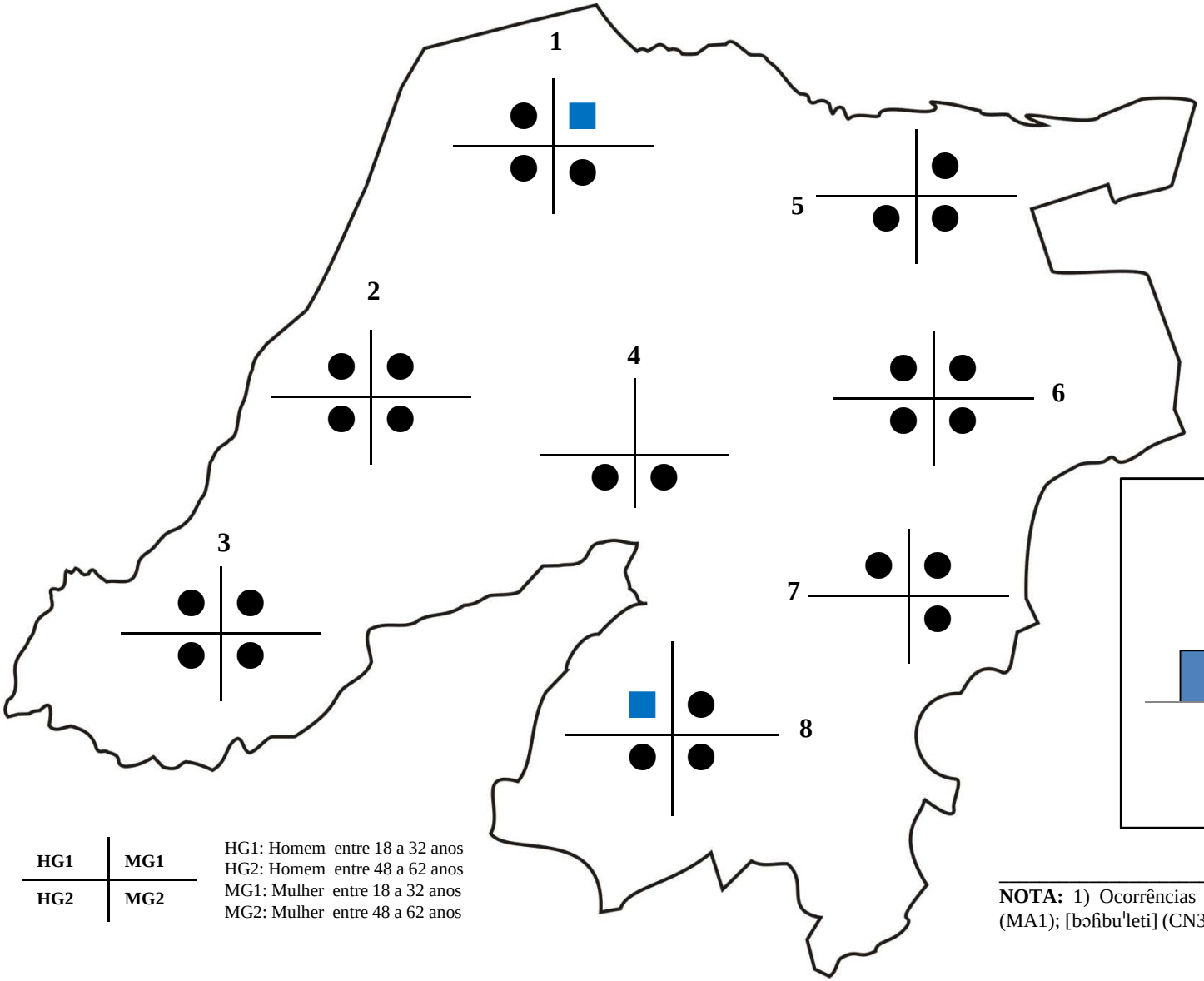




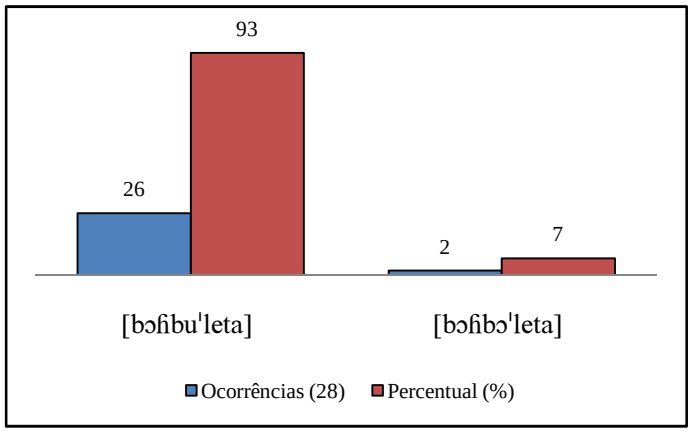
ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta Fonética 24
BORBOLETA

QFF30: ... um bichinho que voa e tem as asas bonitas e coloridas?



LEGENDA
● [bɔɦbuˈleta]
■ [bɔɦbɔˈleta]



HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

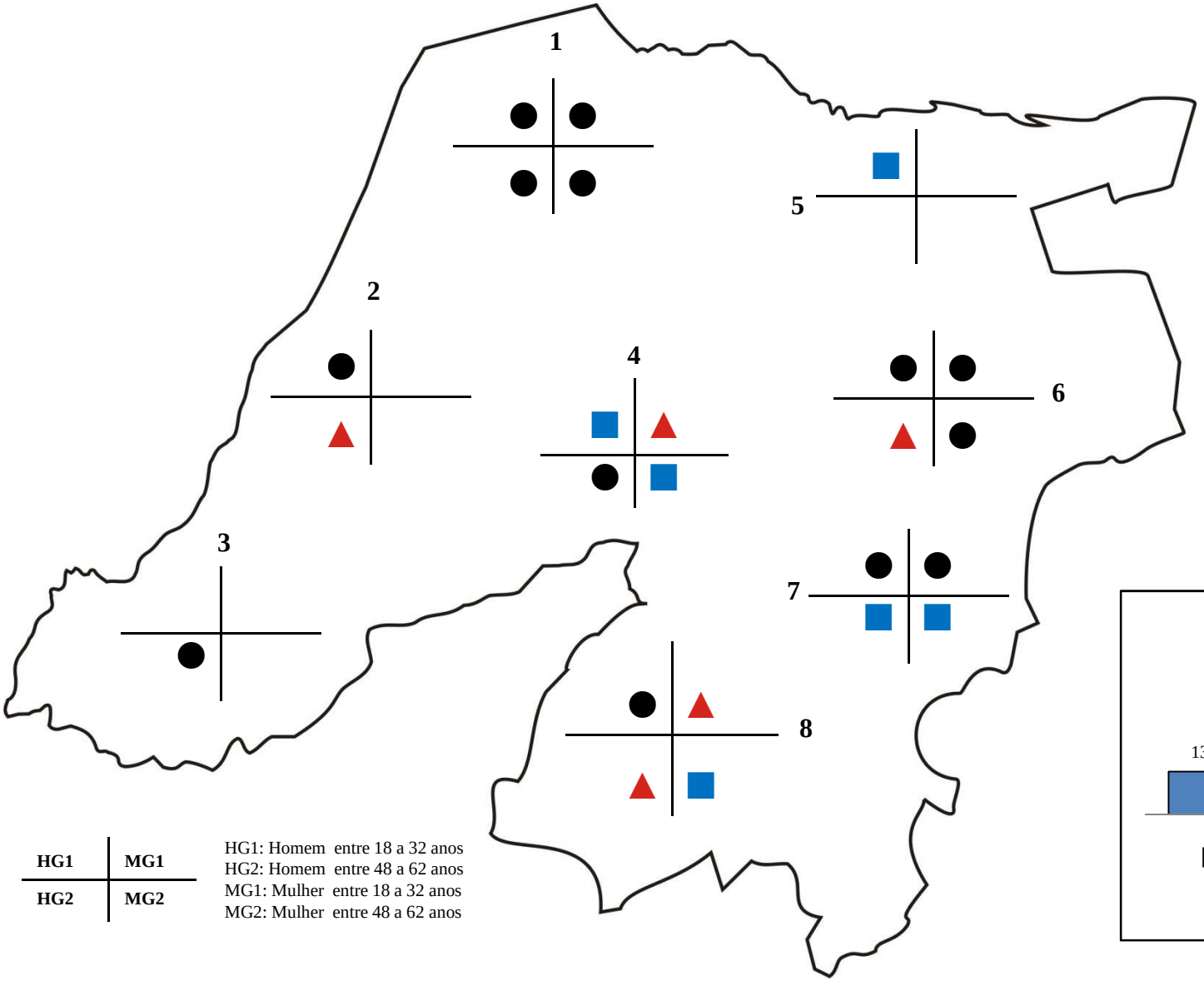
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

NOTA: 1) Ocorrências Únicas: [boɦboˈleta] (JA2); [bɔbuˈleta] (JA1); [barbɔˈleta] (MA1); [bɔɦbuˈleti] (CN3).

ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

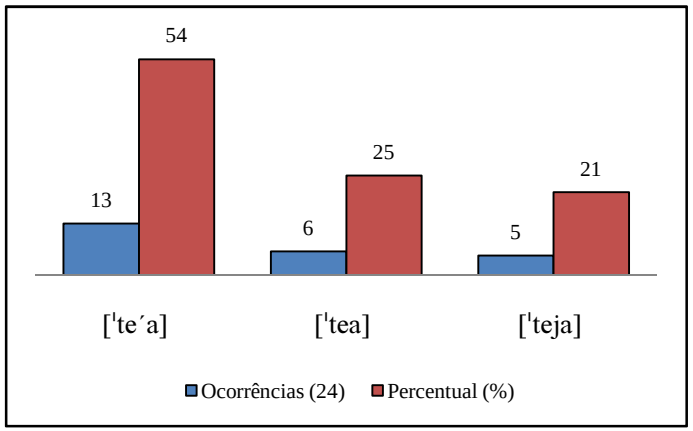
Carta Fonética 25
TEIA

QFF31: ... aquilo que a aranha faz nas paredes?



LEGENDA

- ● [ˈteʎa]
- ■ [ˈtea]
- ▲ [ˈteja]



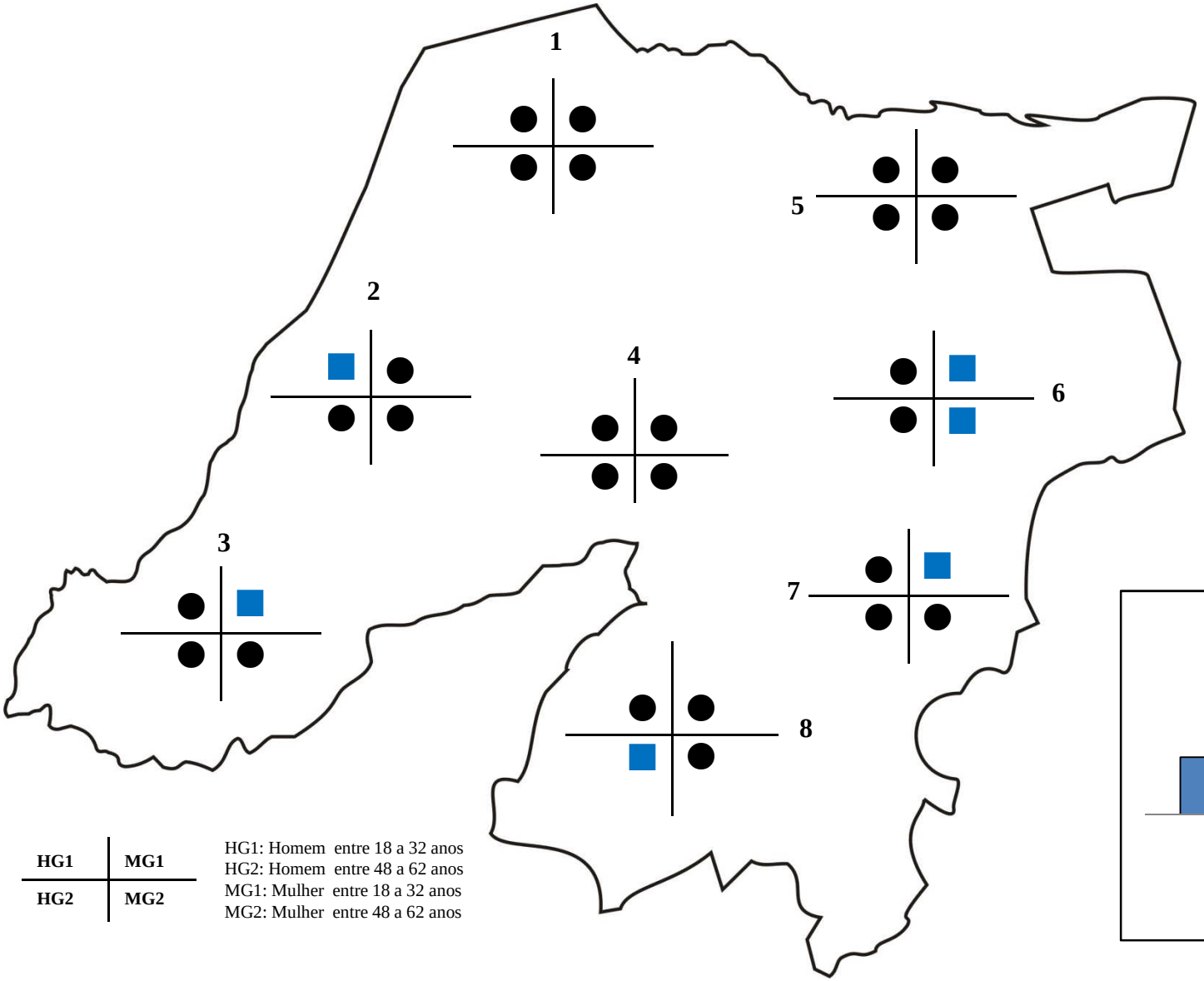
HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta Fonética 26
PEIXE

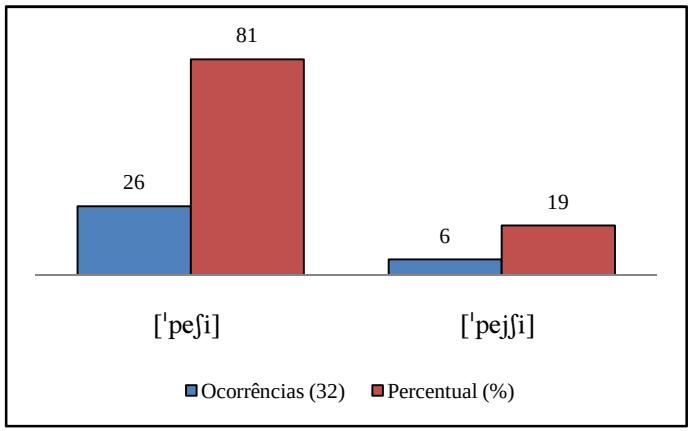
QFF34: O que se pesca nos rios, no mar?



LEGENDA

● [ˈpeʃi]

■ [ˈpejʃi]



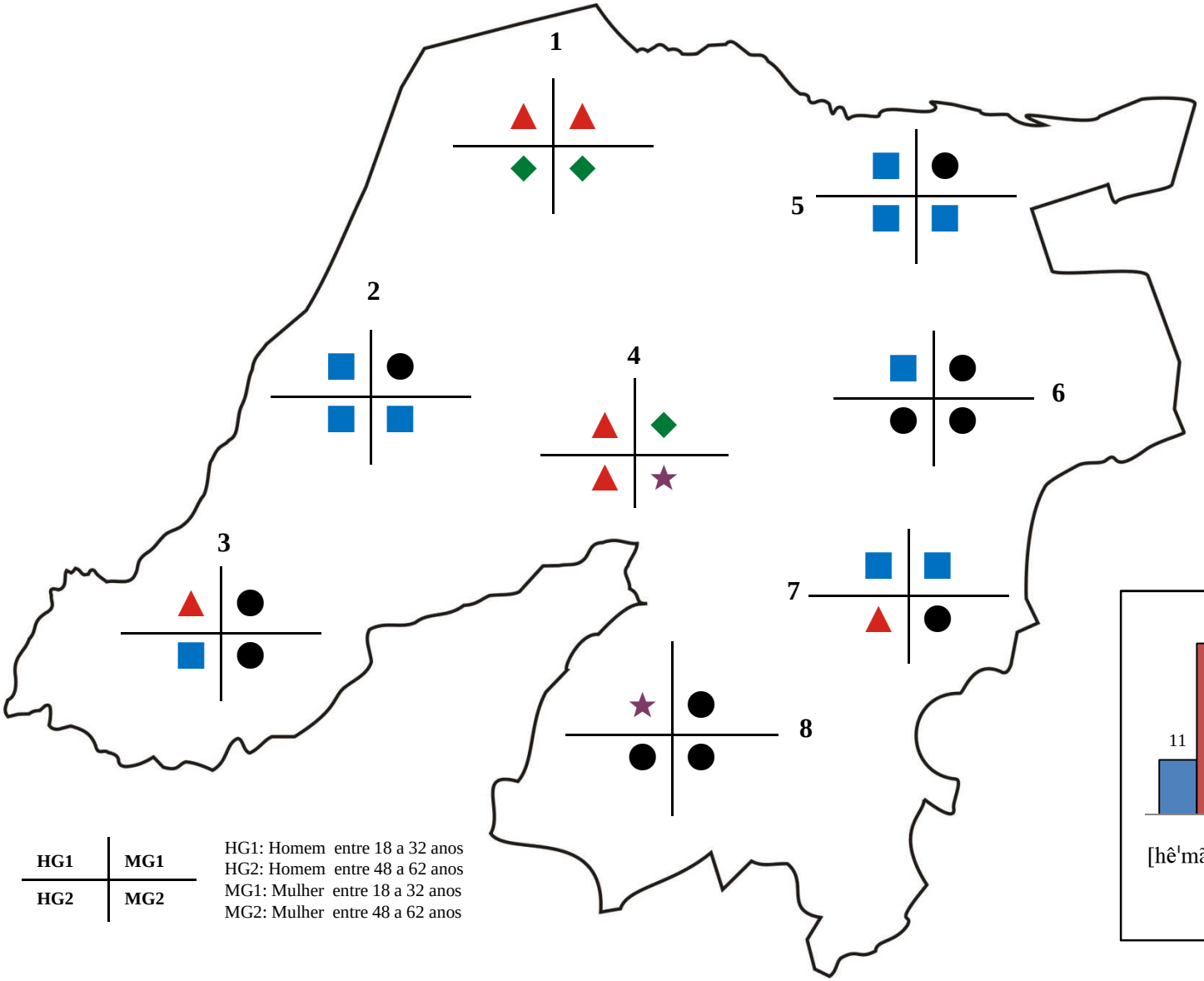
HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

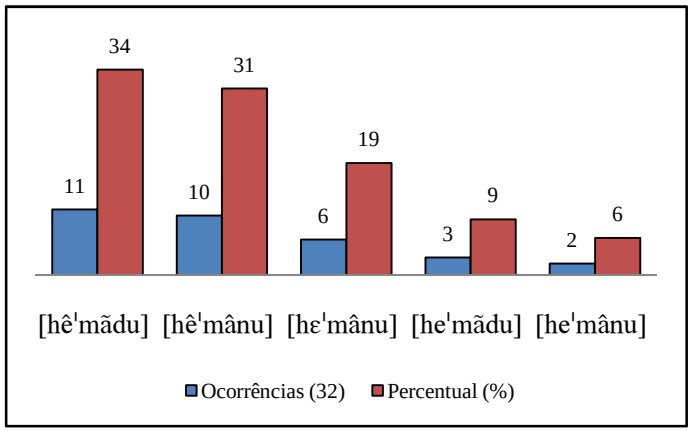
Carta Fonética 27
REMANDO

QFF35: Quando se faz assim (mímica) numa canoa, numa embarcação, está se fazendo o quê?



LEGENDA

- ● [hêˈmãdu]
- ■ [hêˈmânu]
- ▲ [hɛˈmânu]
- ◆ [heˈmãdu]
- ★ [heˈmânu]

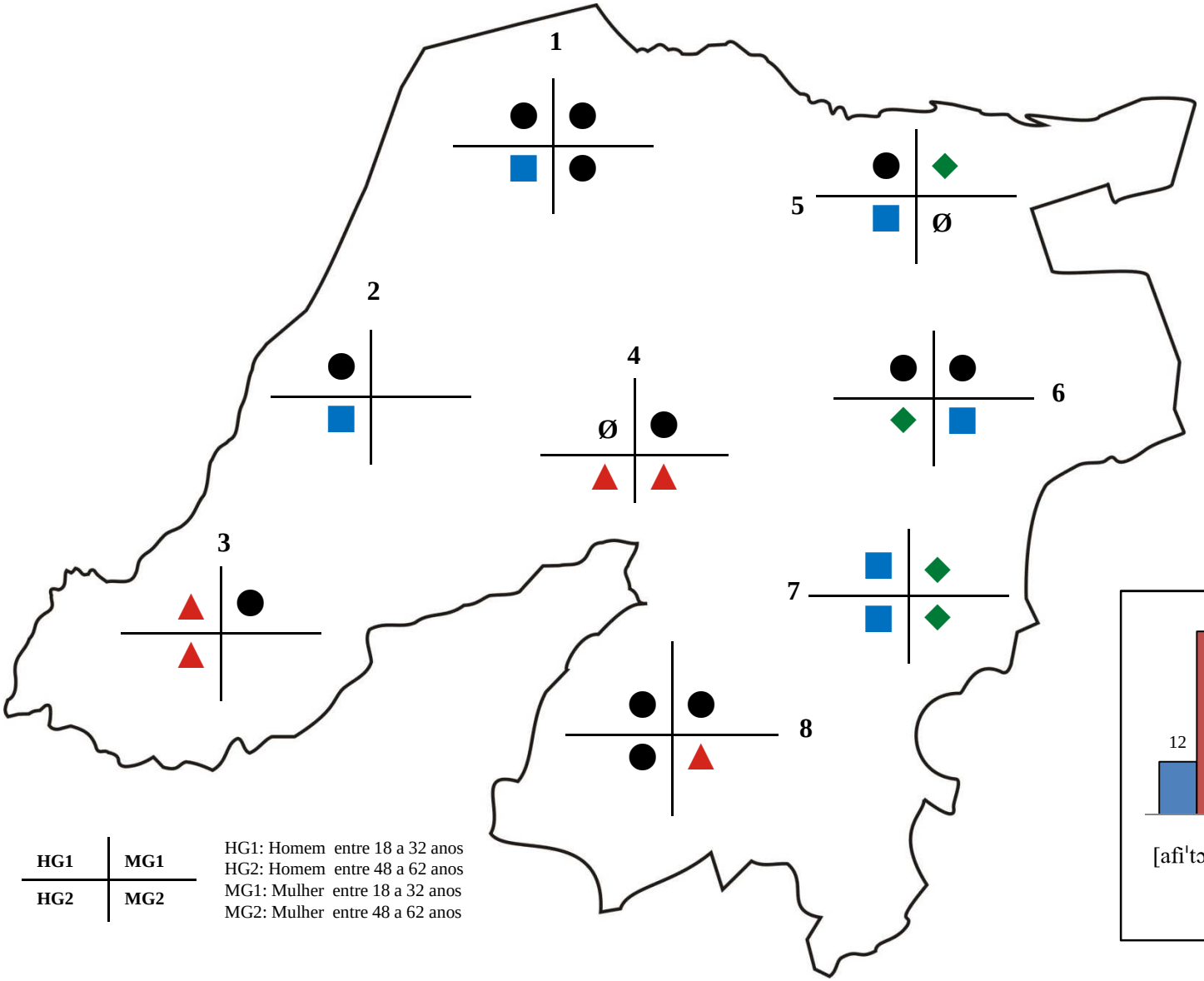


HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

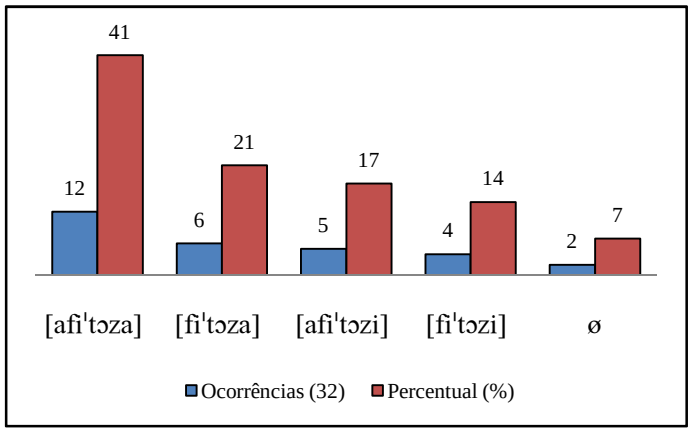
ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

QFF37: ... uma febre causada por vírus, muito contagiosa, que dá no gado, em geral, na boca?



LEGENDA

- ● [afiˈtɔza]
- ■ [fiˈtɔza]
- ▲ [afiˈtɔzi]
- ◆ [fiˈtɔzi]
- Ø abstenções



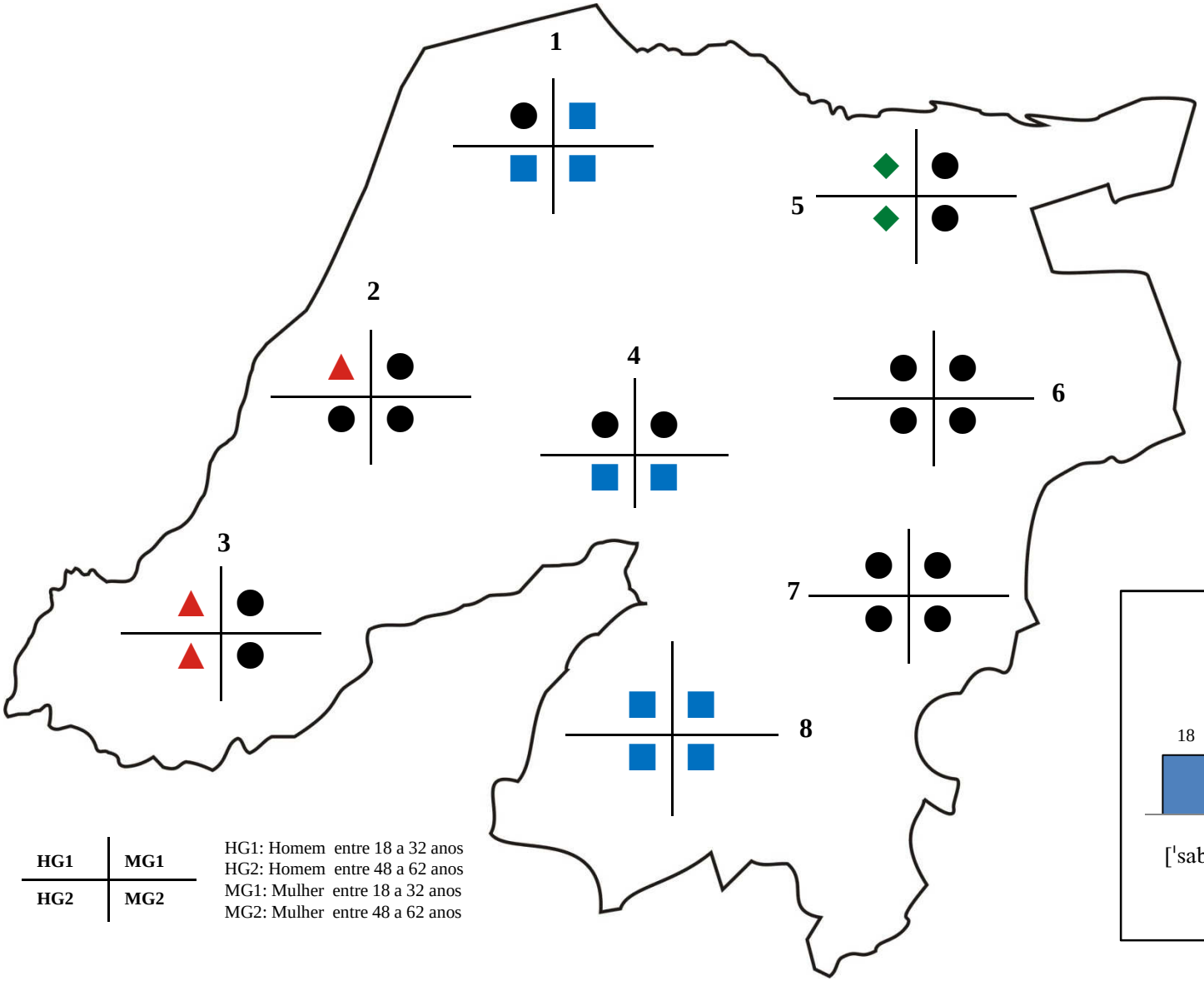
HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

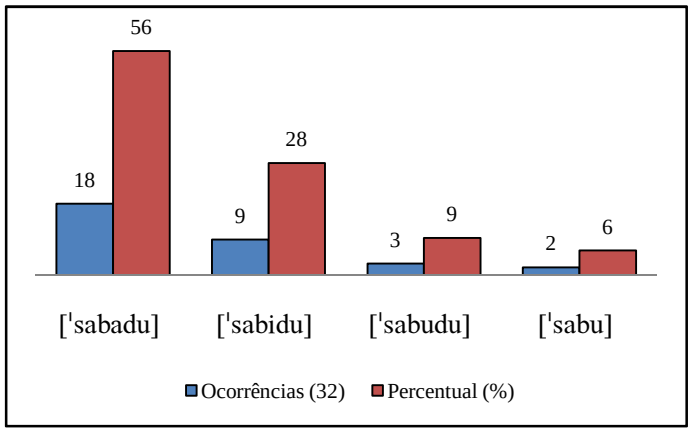
Carta Fonética 29
SÁBADO

QFF40: ... o dia que vem depois de sexta-feira?



LEGENDA

- ● ['sabadu]
- ■ ['sabidu]
- ▲ ['sabudu]
- ◆ ['sabu]



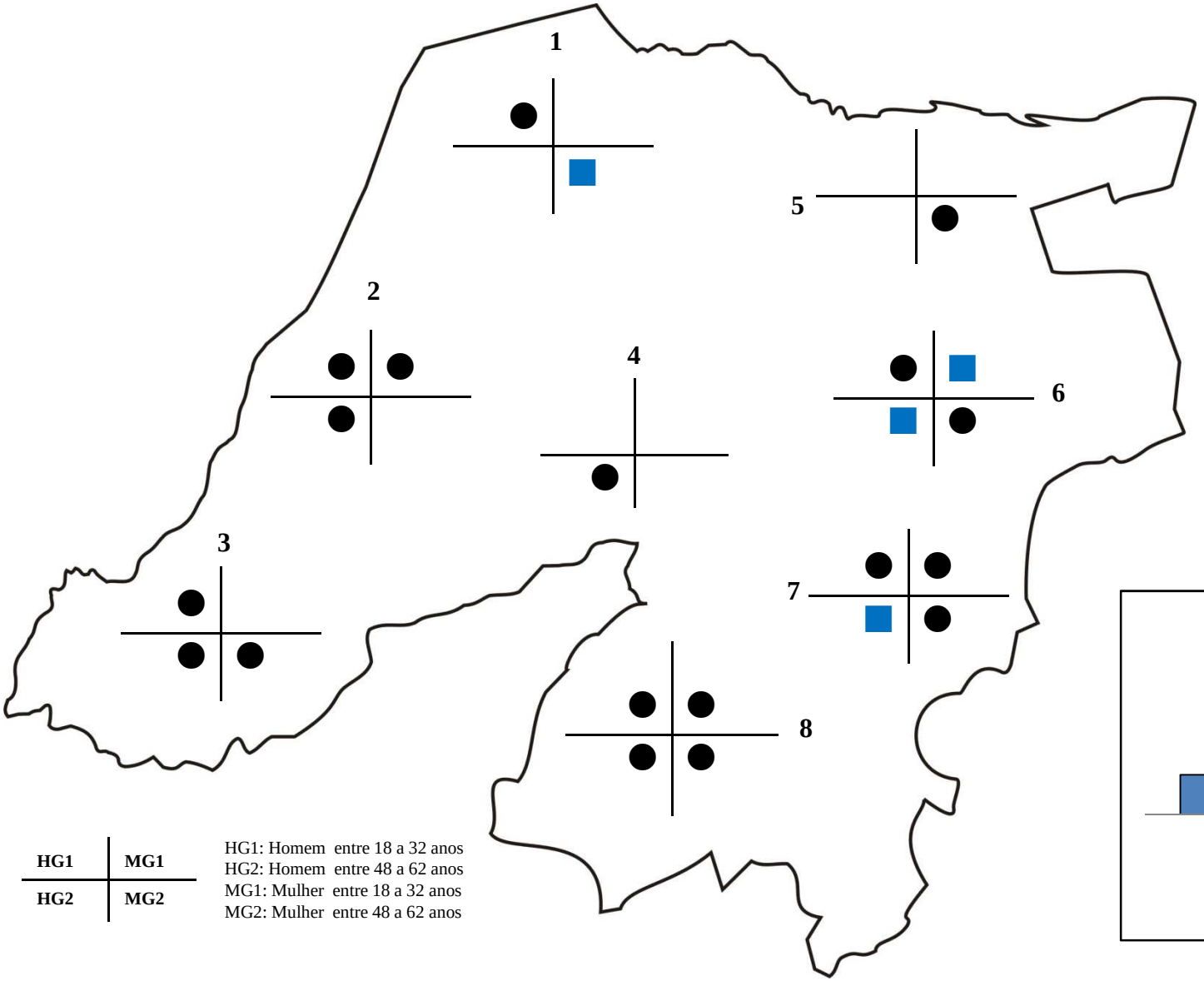
HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

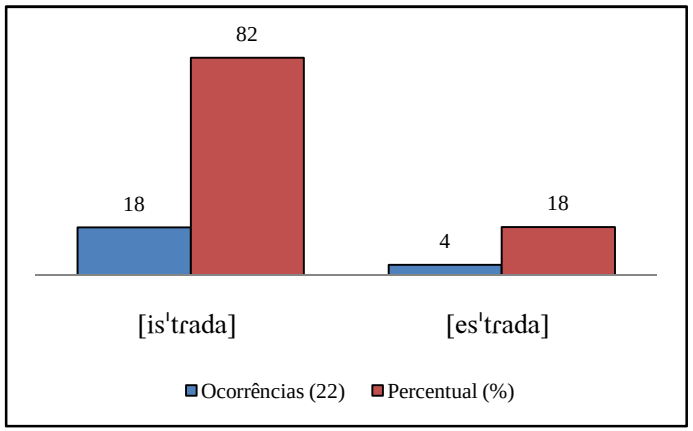
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta Fonética 30
ESTRADA

QFF43: Por onde os carros passam para irem de uma cidade para outra?





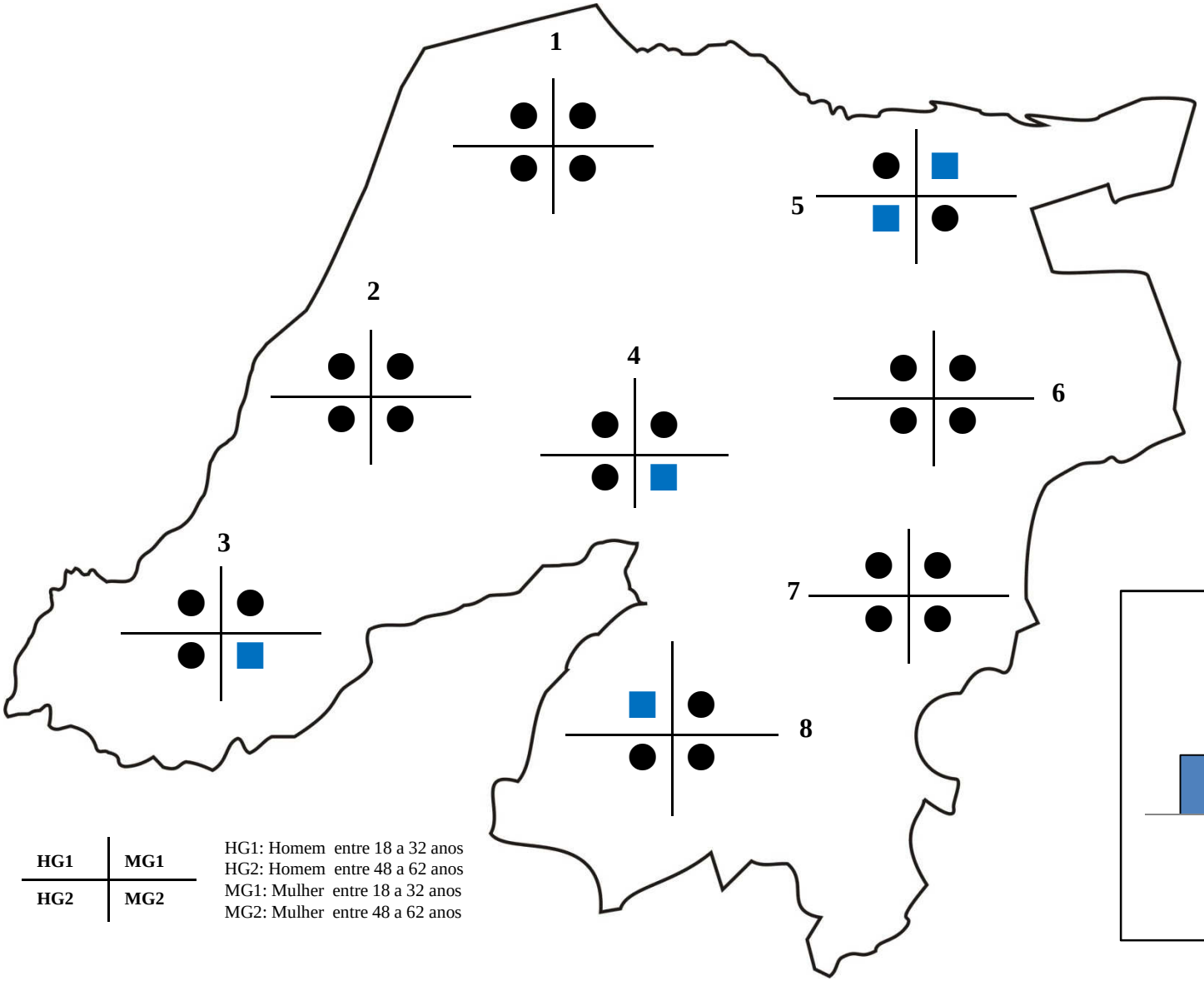
HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

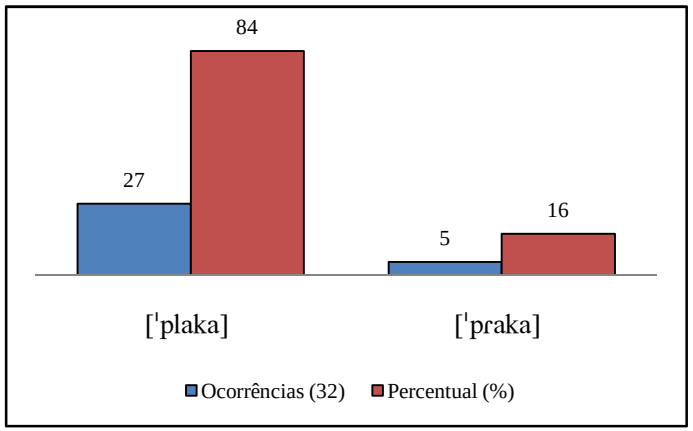
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta Fonética 31
PLACA

QFF44: ... a chapinha, com números, que se põe nos pára-choques dos carros para identificar?





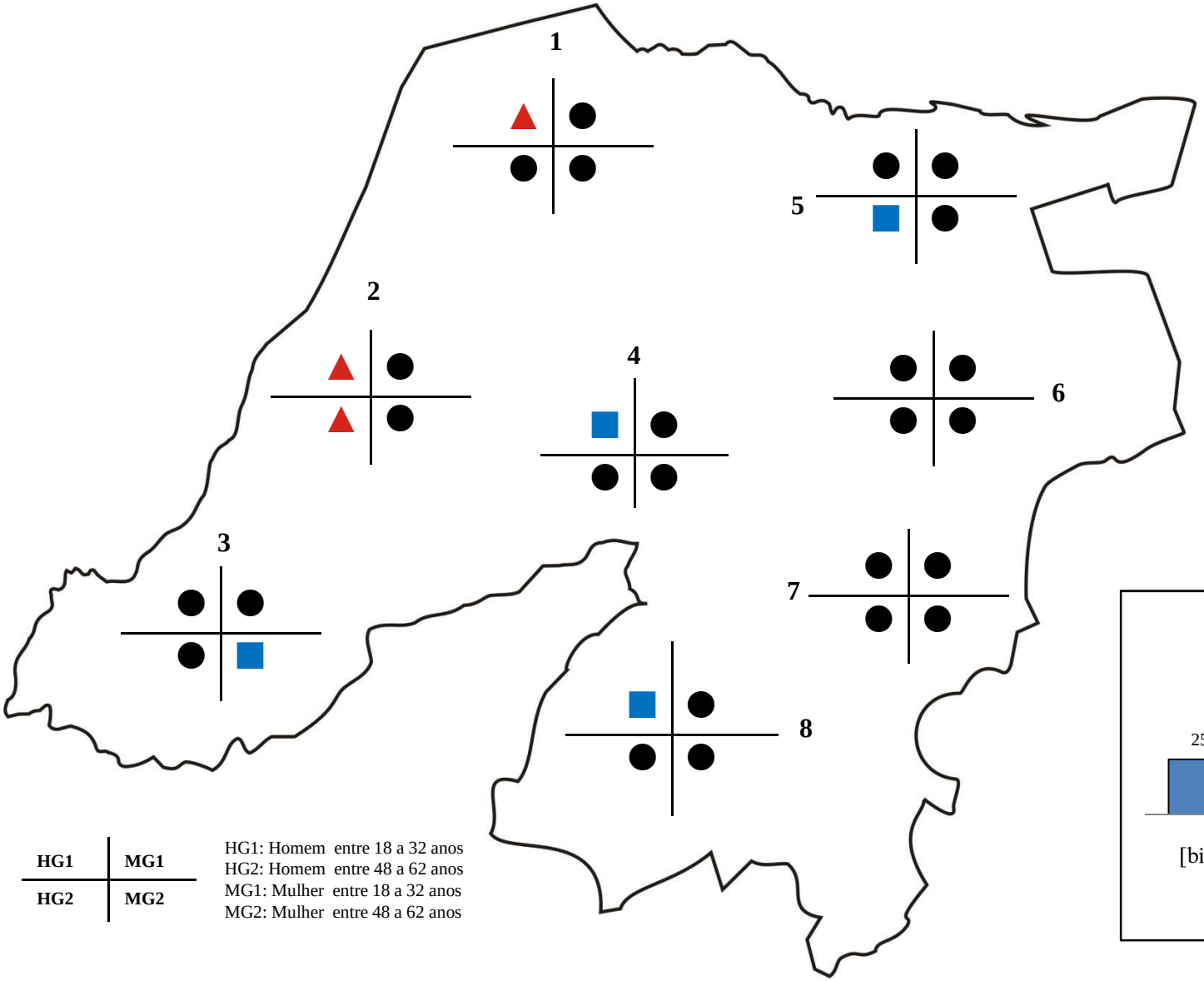
HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta Fonética 32
BICICLETA

QFF45: ... o meio de transporte de duas rodas grandes que a gente precisa pedalar?

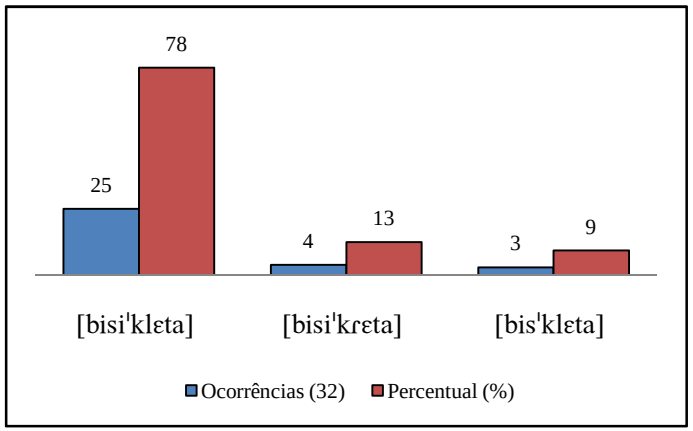


LEGENDA

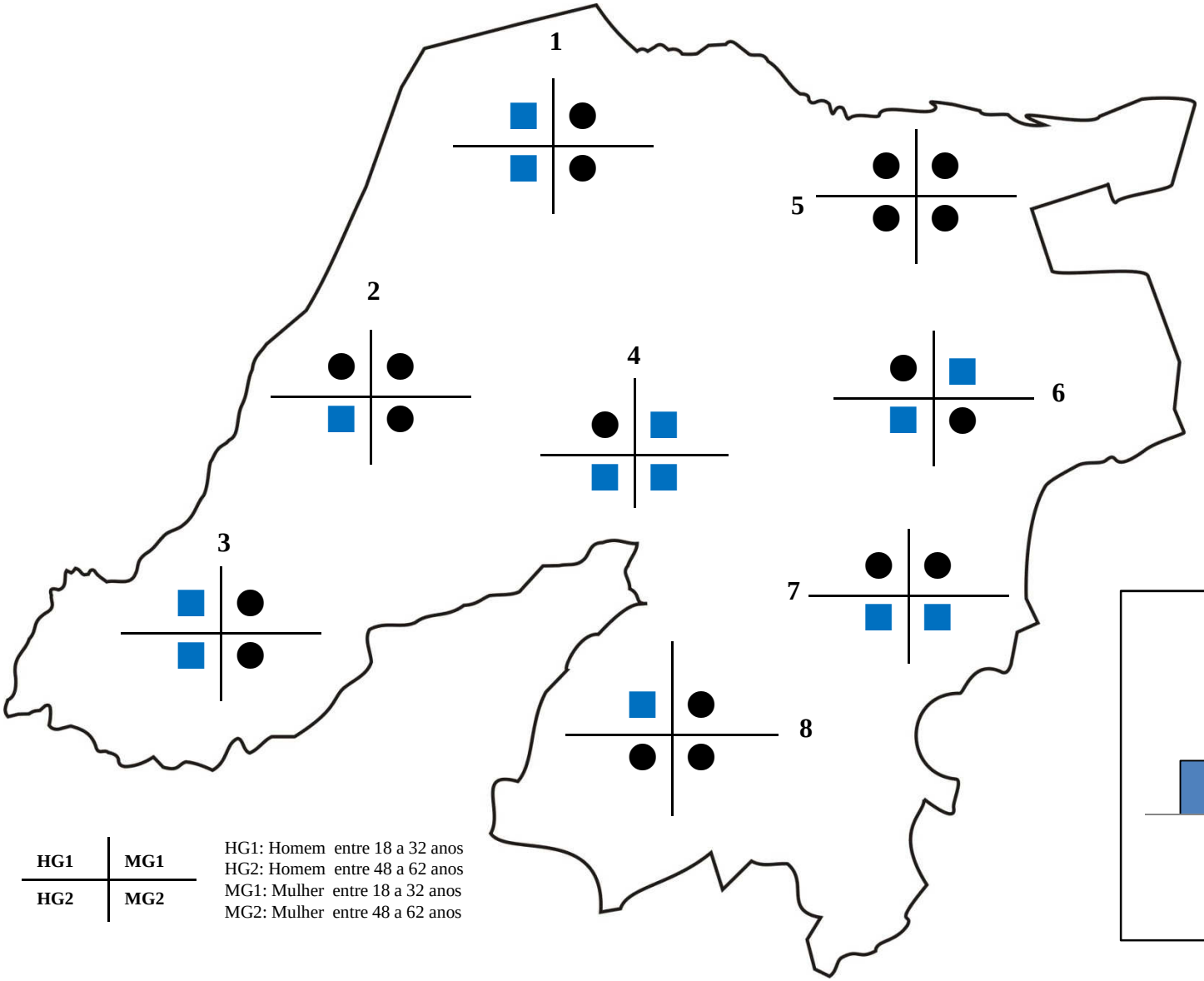
- ● [bisiˈkleta]
- ■ [bisiˈkɾeta]
- ▲ [bisˈkleta]

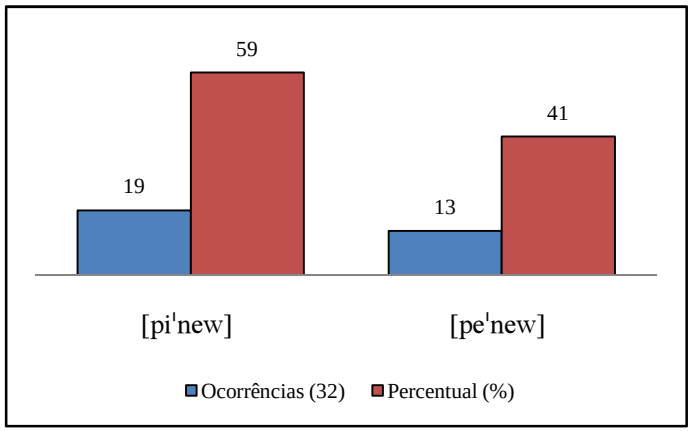
HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos



QFF46: O nome da roda de borracha que existe no carro, que às vezes fura e se esvazia?

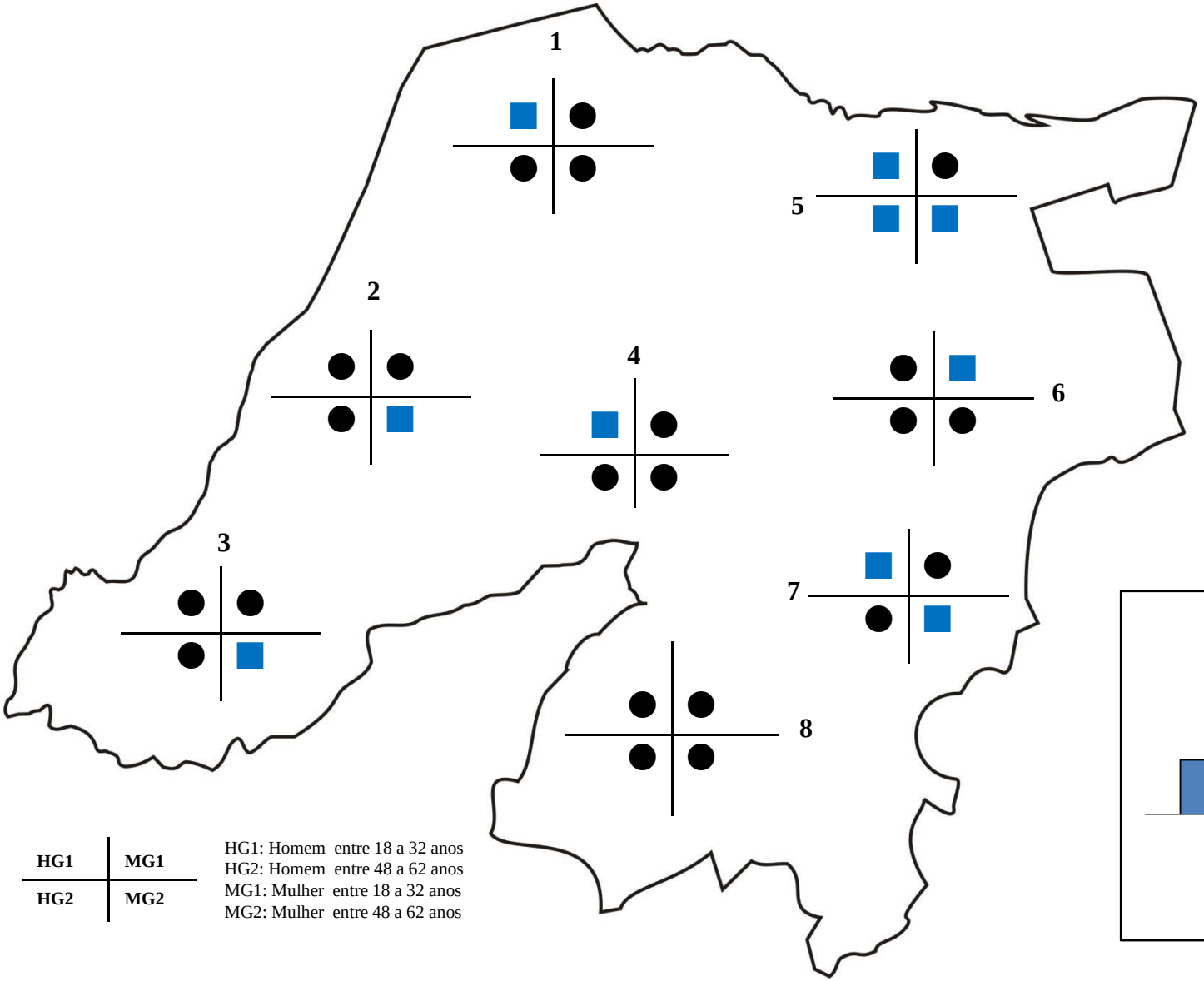




ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta Fonética 34
VIDRO

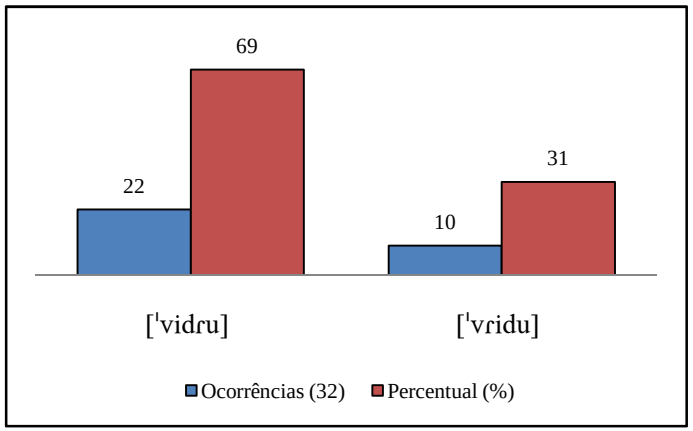
QFF47: Quando um copo se quebra, ficam no chão cacos de _____.



LEGENDA
● [ˈvidɾu]
■ [ˈvɾidu]

HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

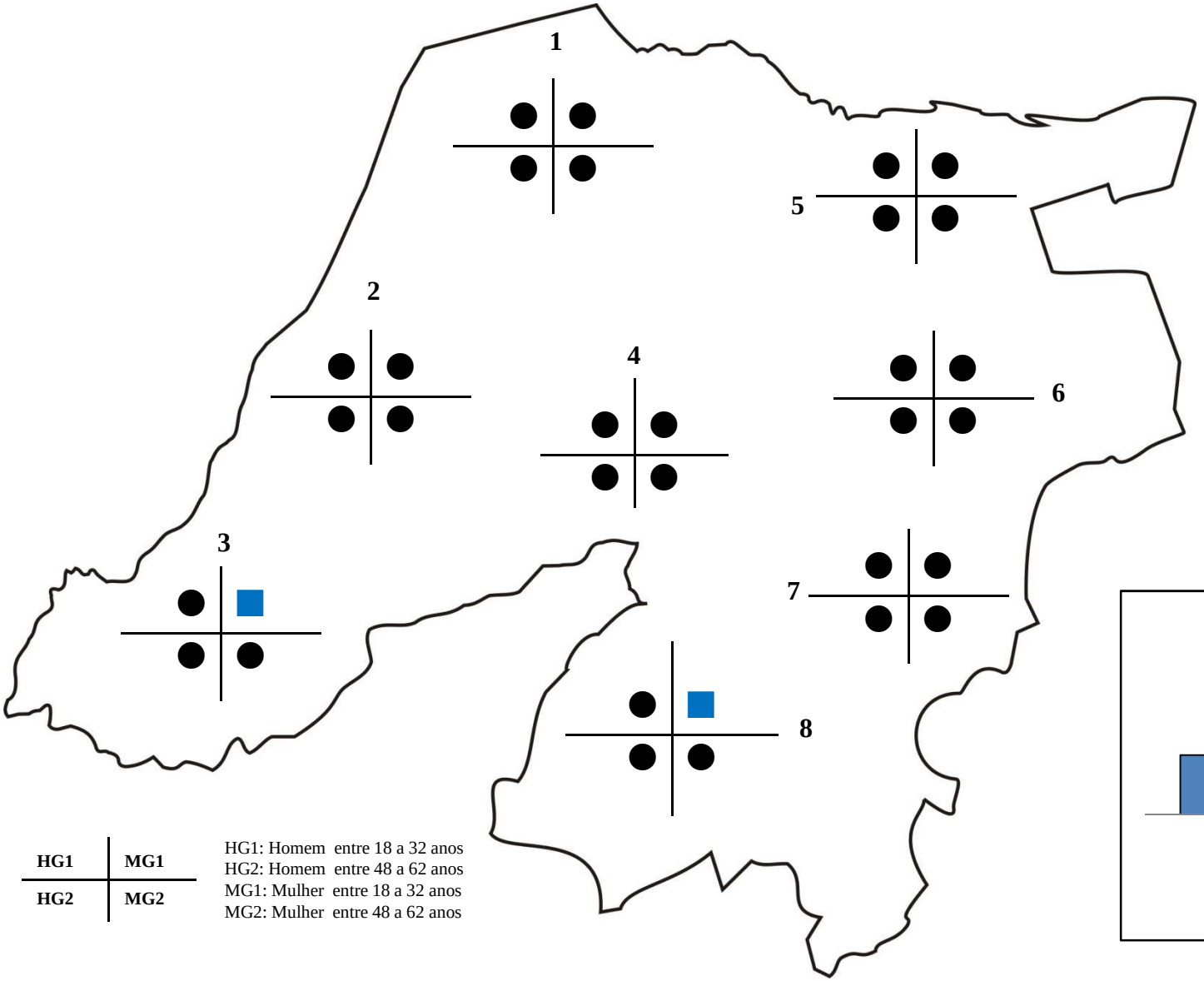
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos



ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta Fonética 35
PASSAGEM

QFF48: Para andar de ônibus, é preciso pagar o quê?



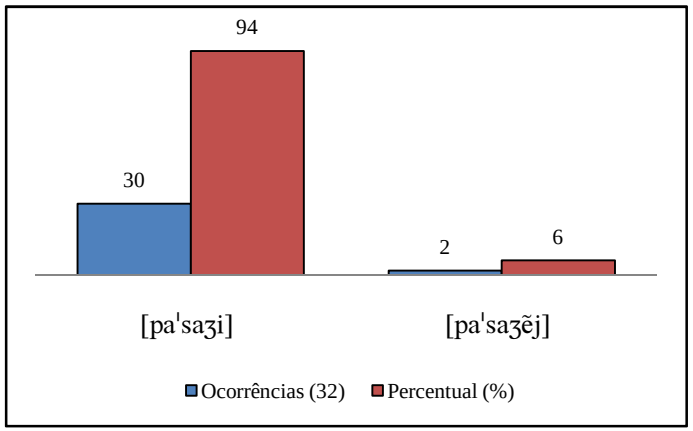
LEGENDA

● [paˈsaʒi]

■ [paˈsaʒẽj]

HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

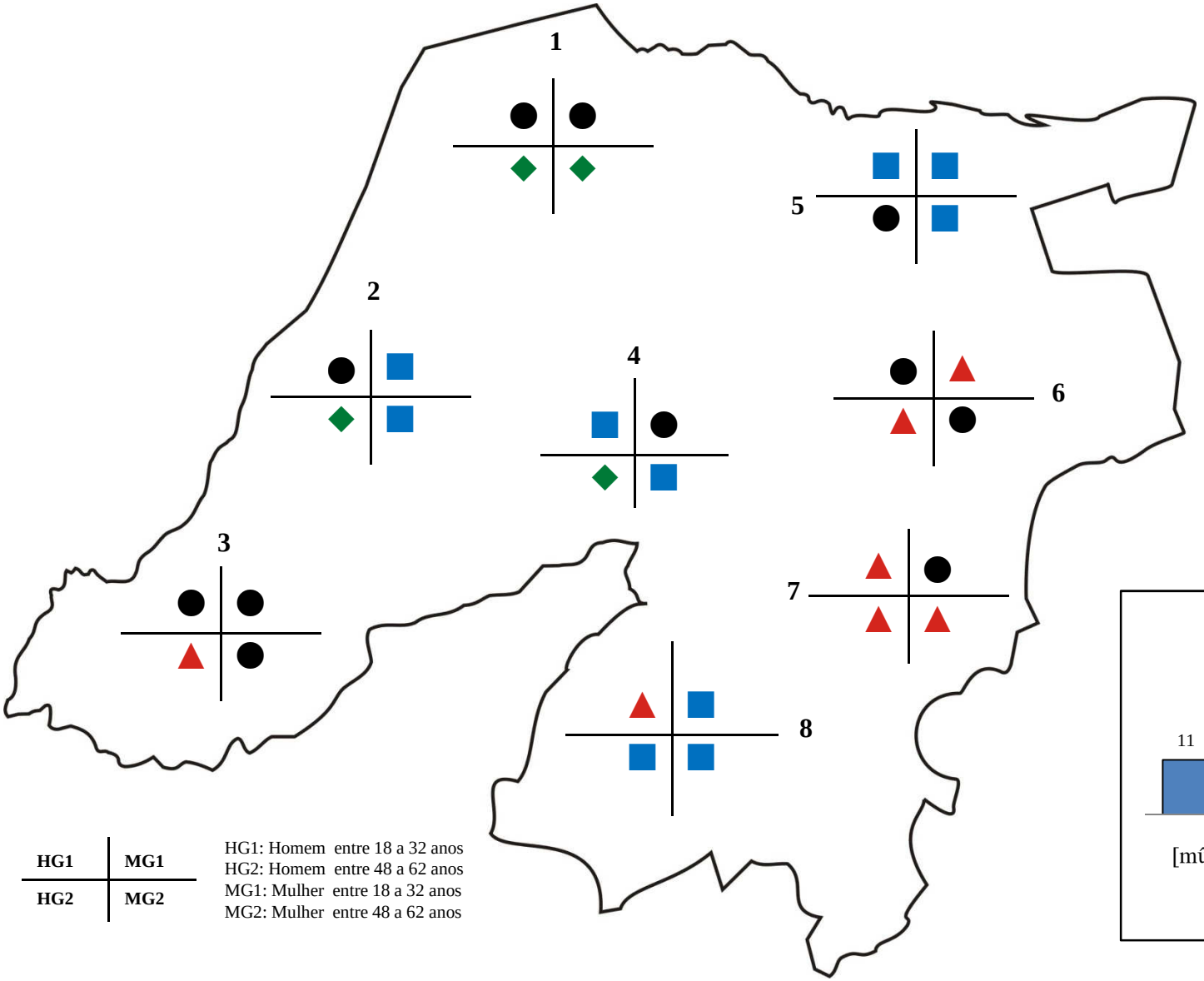
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos



ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

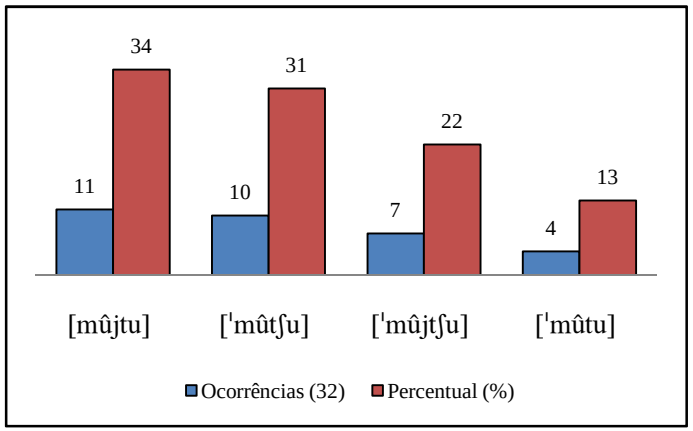
Carta Fonética 36
MUITO

QFF49: O contrário de pouco é ... ?



LEGENDA

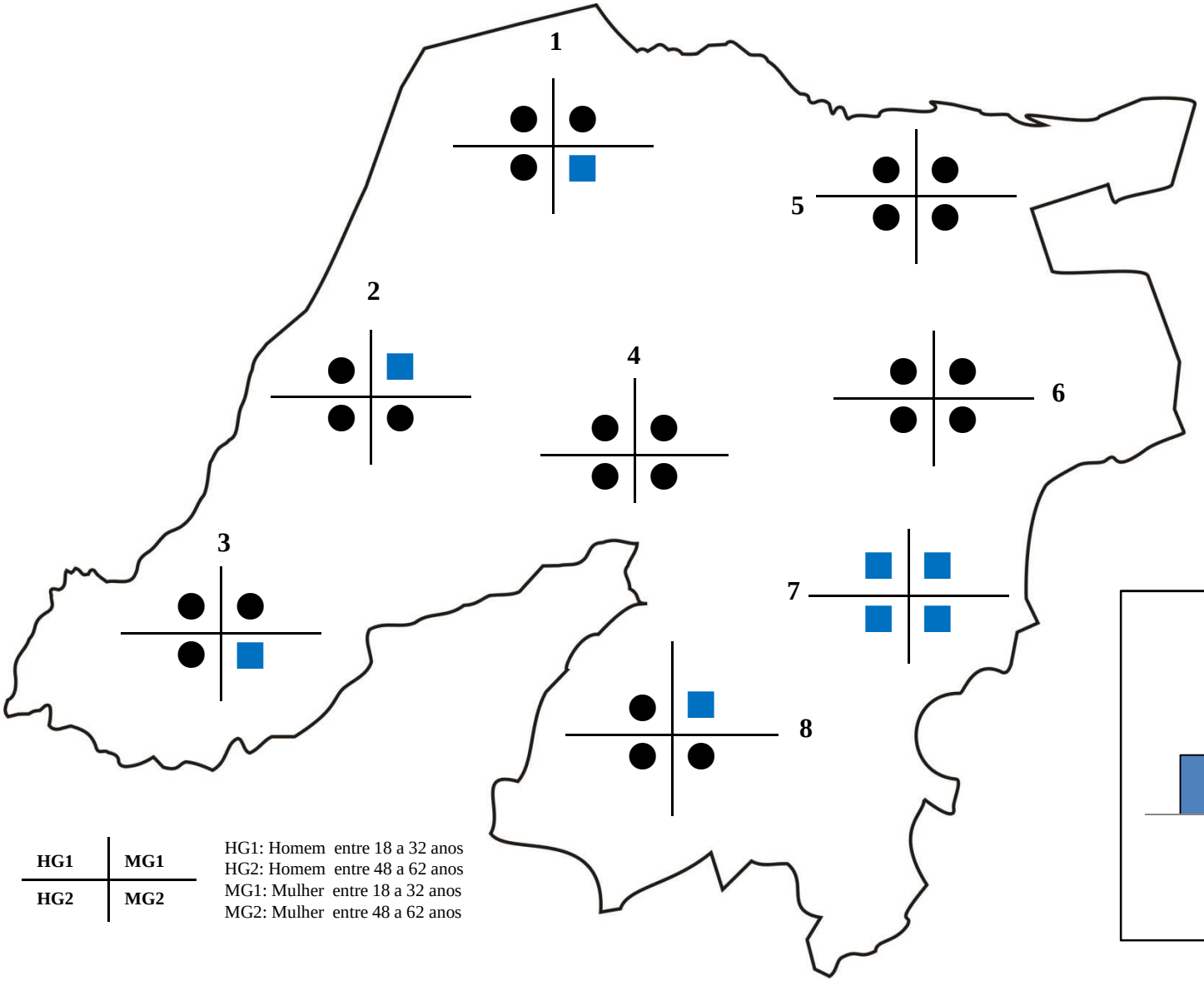
- ● [mûjtu]
- ■ [ˈmûtʃu]
- ▲ [ˈmûjtʃu]
- ◆ [ˈmûtu]



HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

QFF51: Quando uma pessoa é mandada embora do trabalho, ela perdeu o ...?



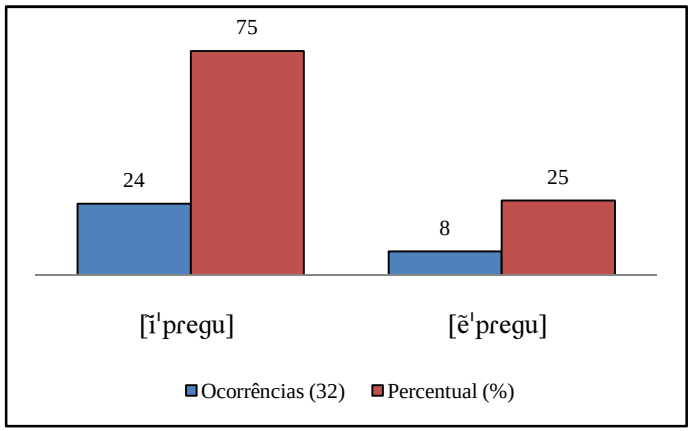
LEGENDA

● [ĩˈpregu]

■ [ẽˈpregu]

HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

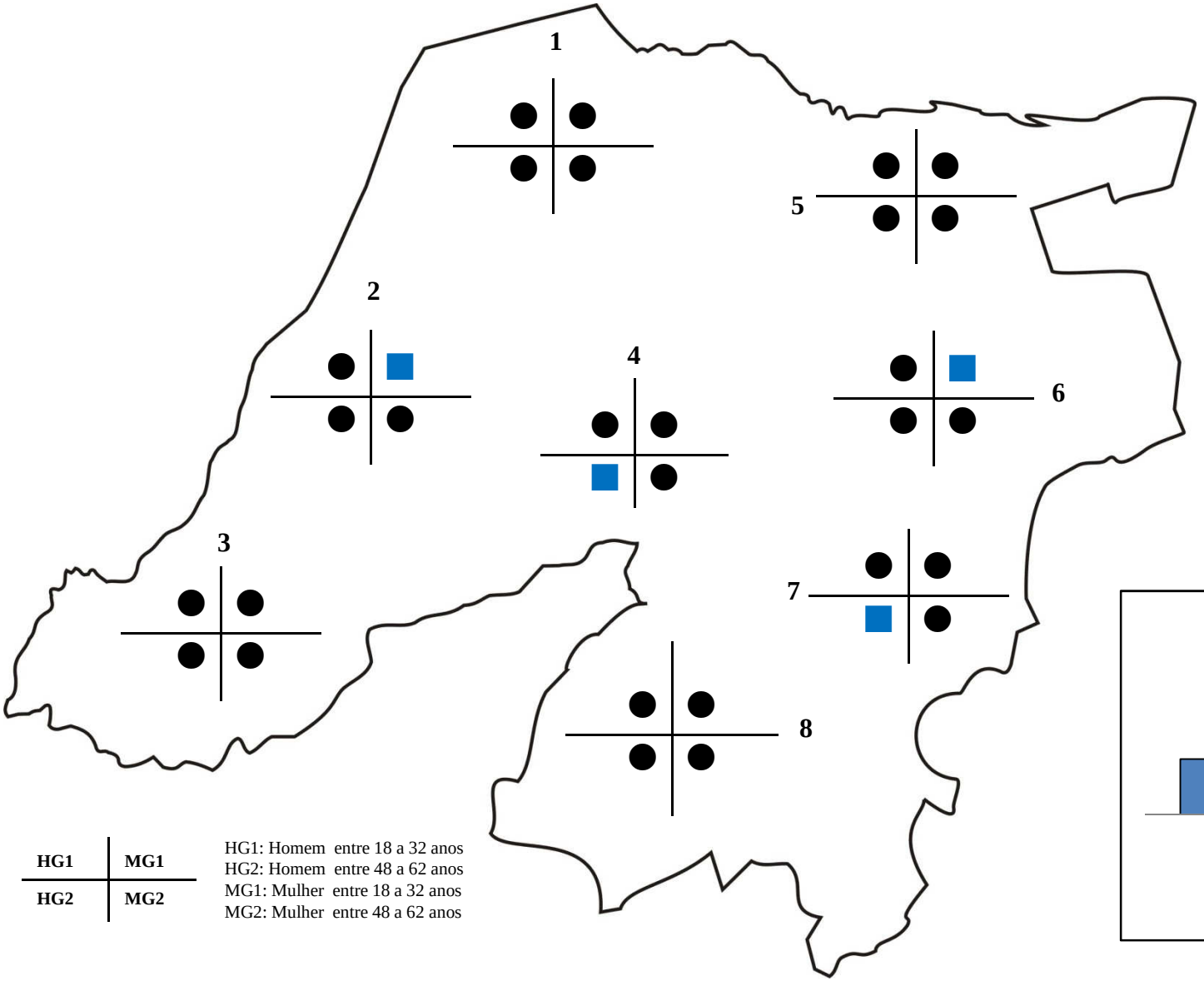
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos



ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta Fonética 38
CORREIO

QFF52: Qual o local onde envia e recebe cartas?



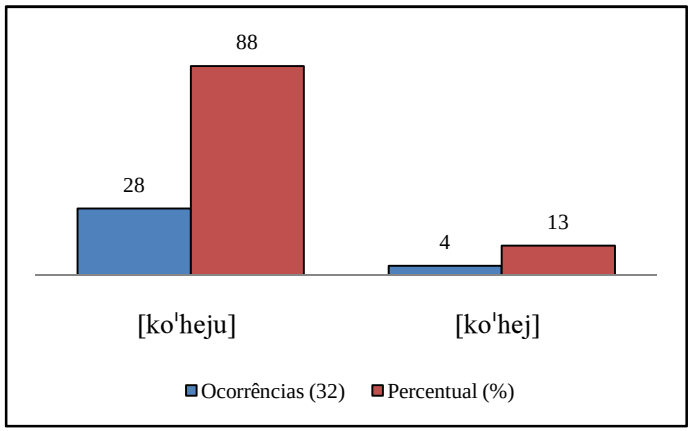
LEGENDA

● [koˈheju]

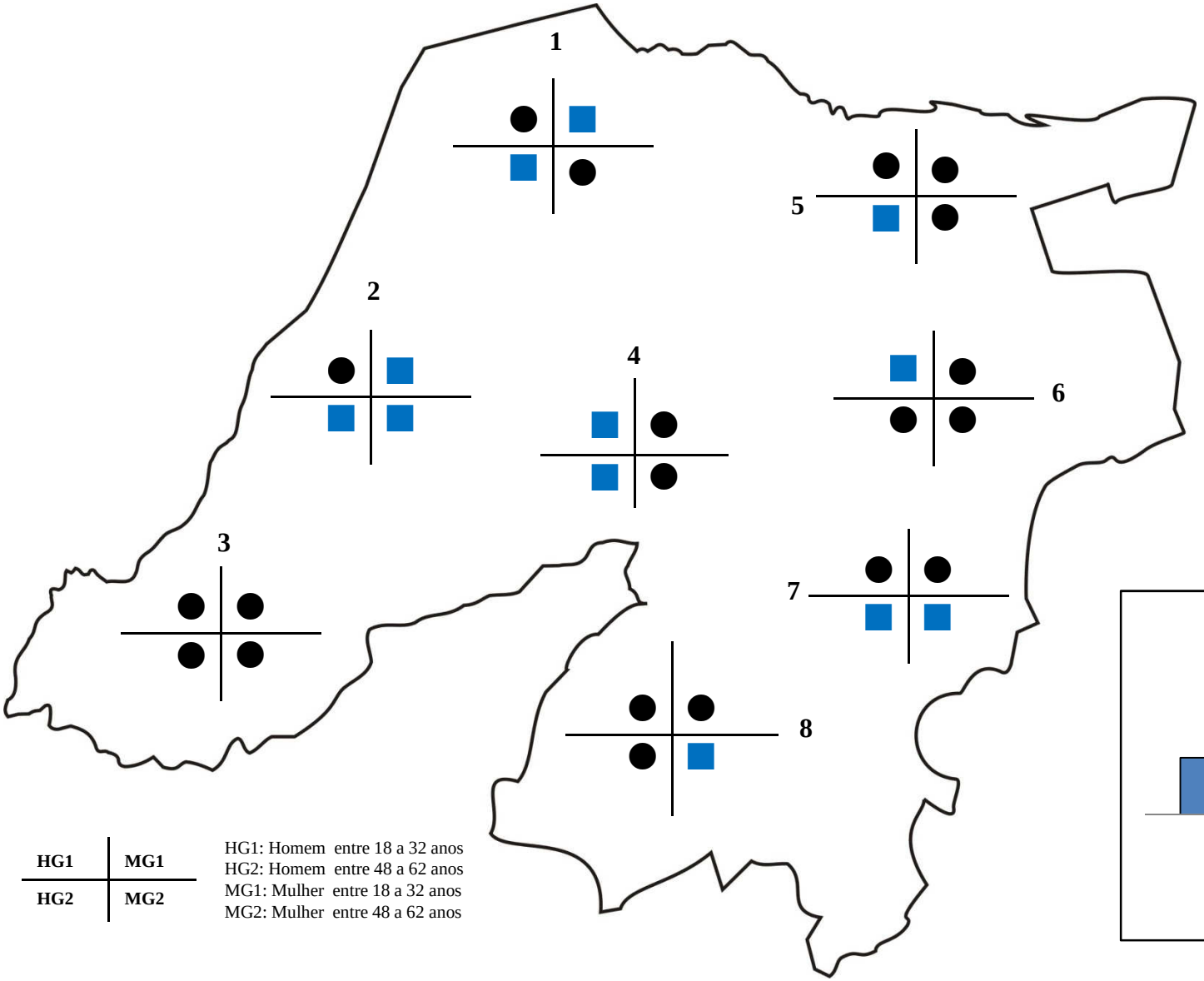
■ [koˈhej]

HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos



QFF53: Que profissional se pode contratar para defender os interesses na Justiça?



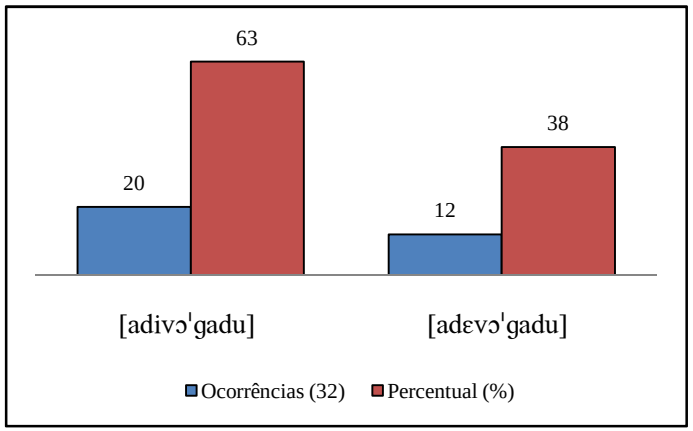
LEGENDA

● [adivɔˈgadu]

■ [adɛvɔˈgadu]

HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

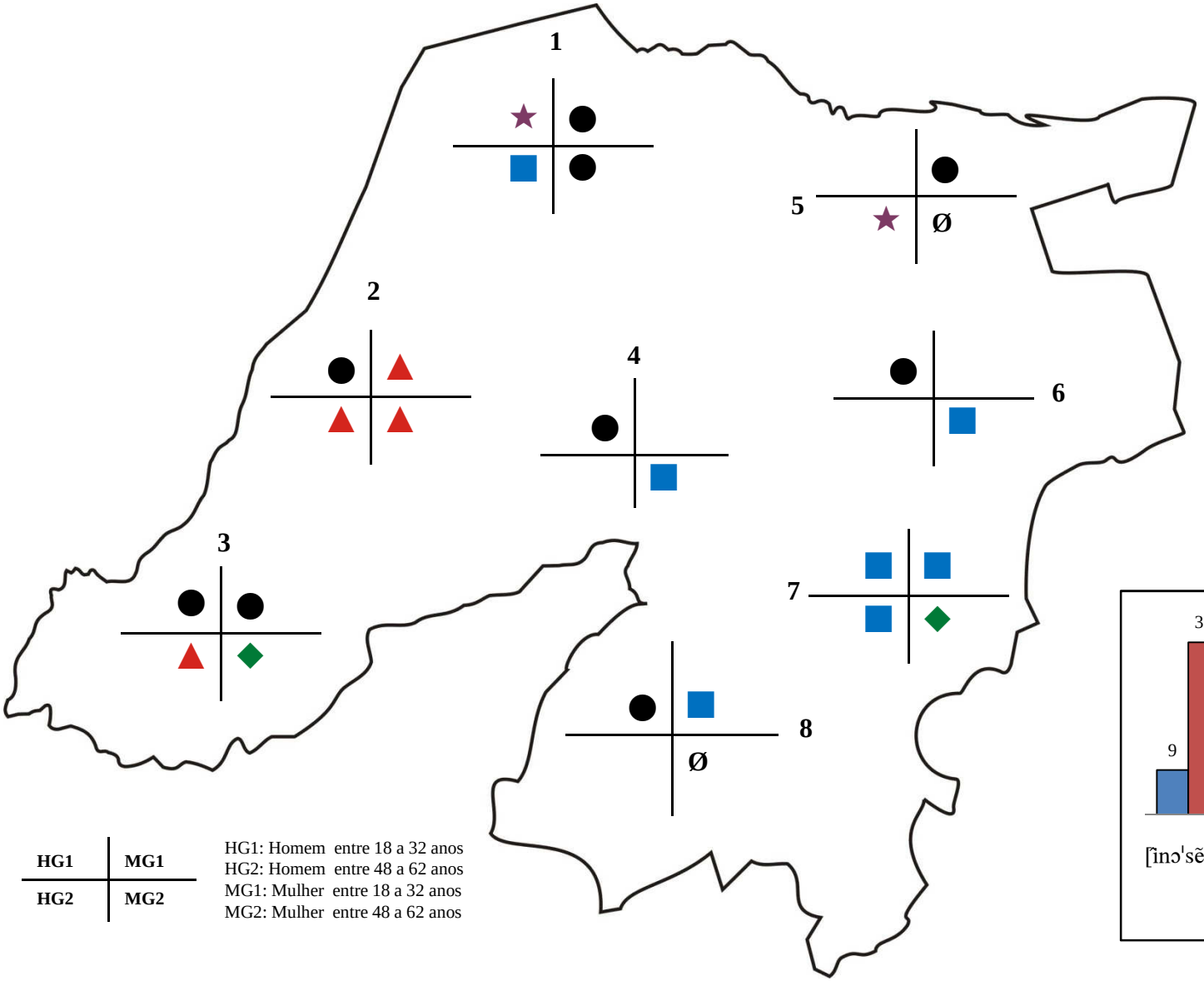
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos



ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta Fonética 40
INOCENTE

QFF54: Quando uma pessoa é acusada daquilo que ela não praticou, se diz que ela é o quê?

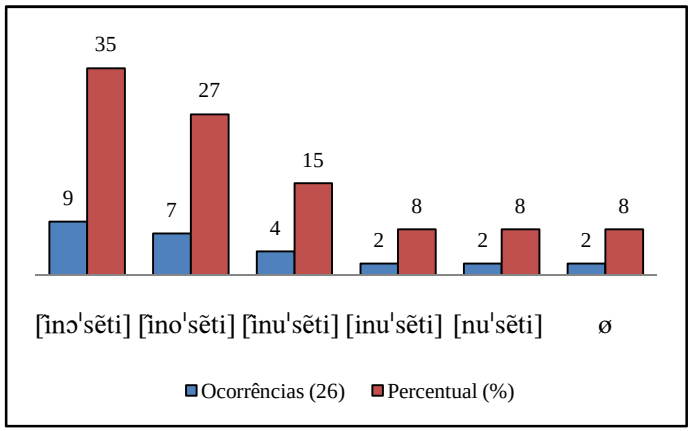


LEGENDA

- ● [înɔˈsẽti]
- ■ [înoˈsẽti]
- ▲ [înuˈsẽti]
- ◆ [inuˈsẽti]
- ★ [nuˈsẽti]
- Ø abstenções

HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

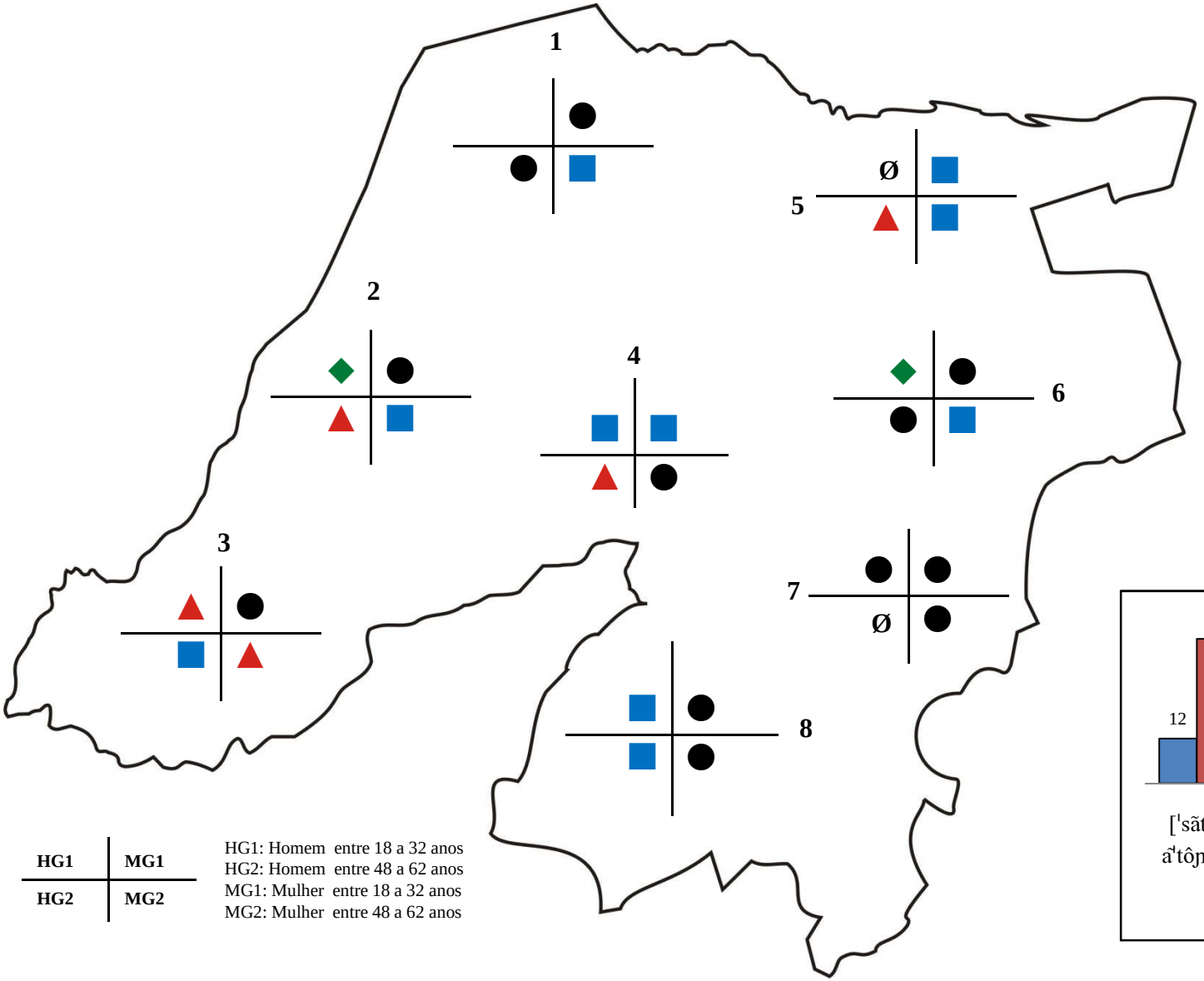
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos



ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

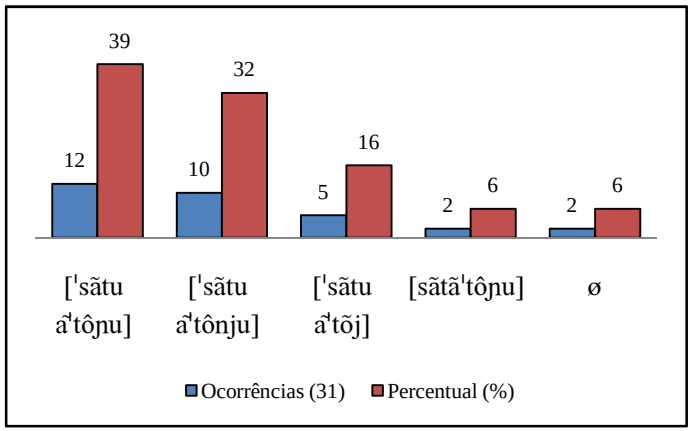
Carta Fonética 41
SANTO ANTÔNIO

QFF56: ... o santo casamenteiro que se festeja a 13 de junho?



LEGENDA

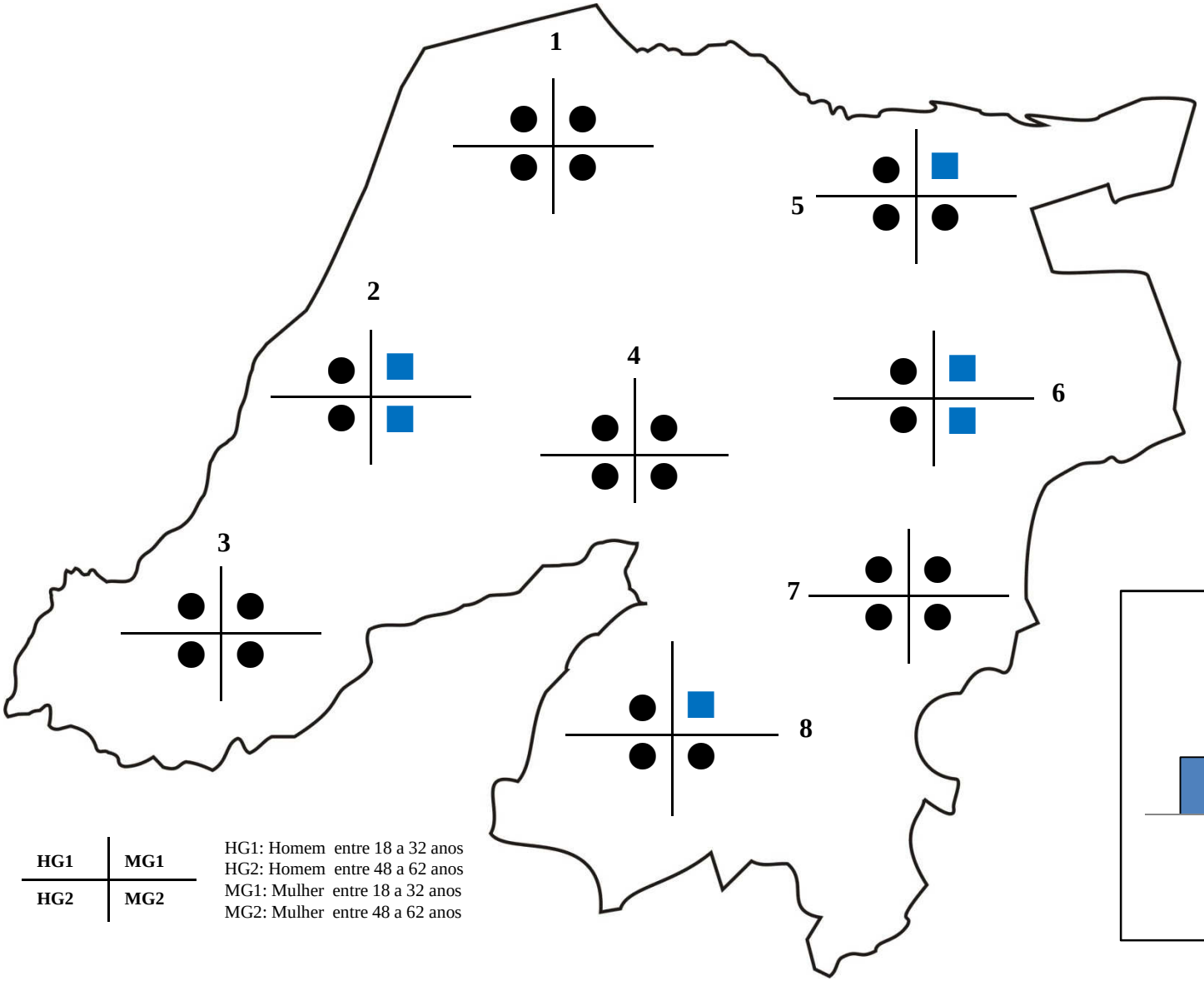
- ● [ˈsãtu aˈtôɲu]
- ■ [ˈsãtu aˈtônju]
- ▲ [ˈsãtu aˈtõj]
- ◆ [sãtãˈtôɲu]
- Ø abstenções

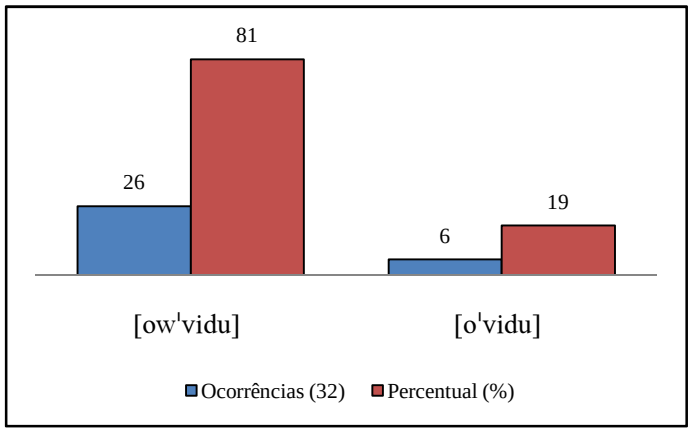


HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

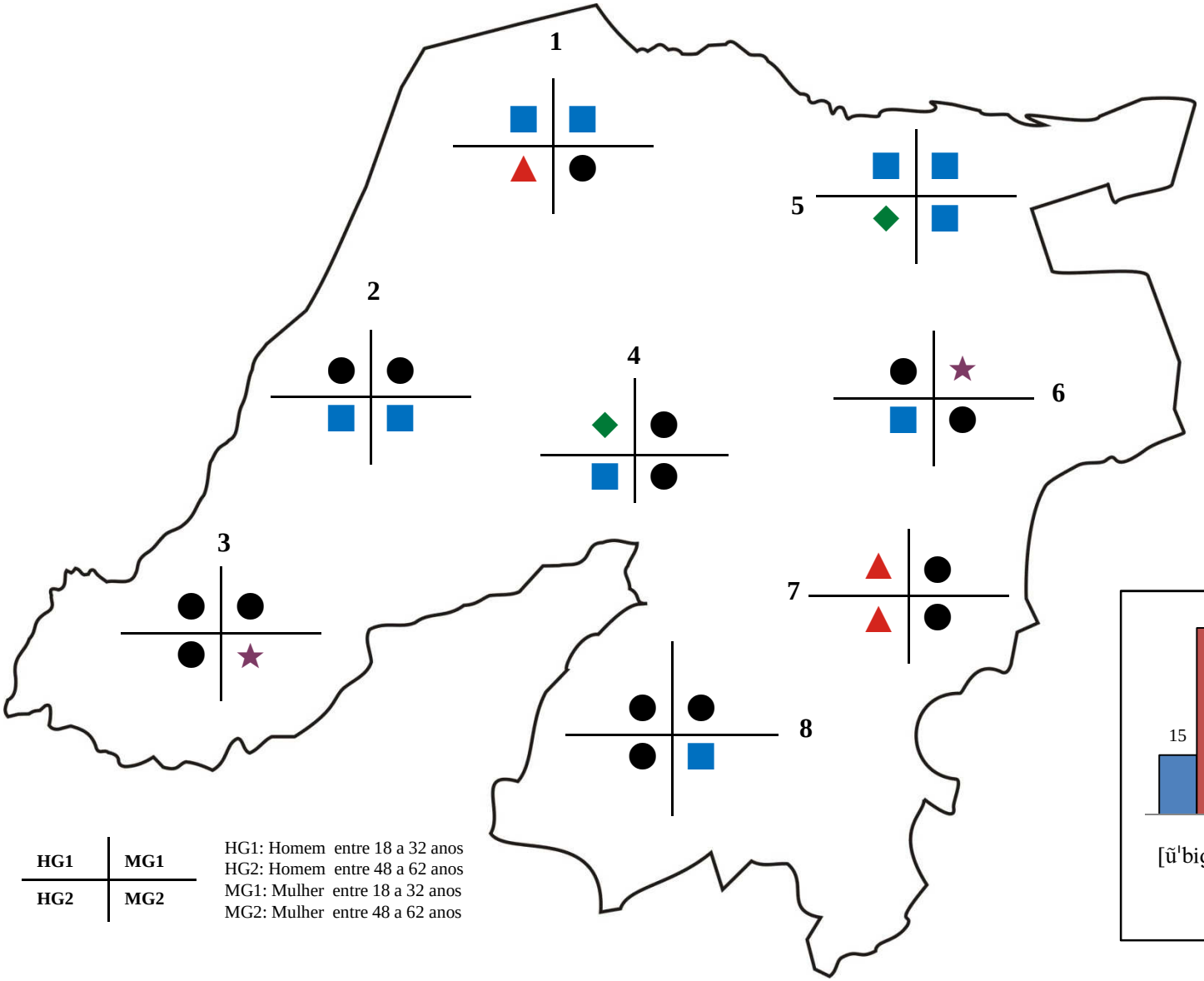
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

QFF61: ... esta parte? (apontar).



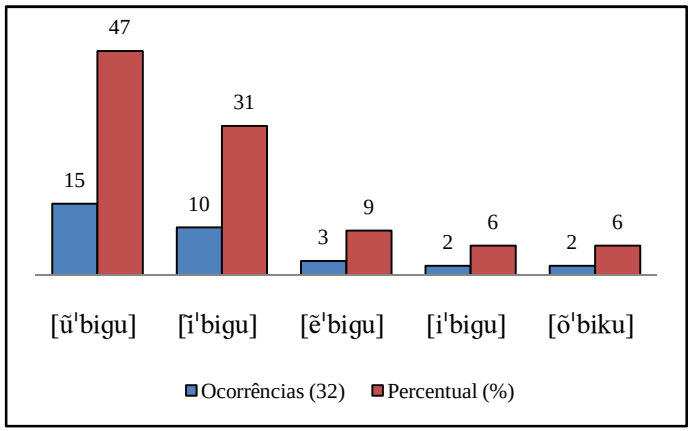


QFF65: ... aquele buraquinho que se tem no meio da barriga?



LEGENDA

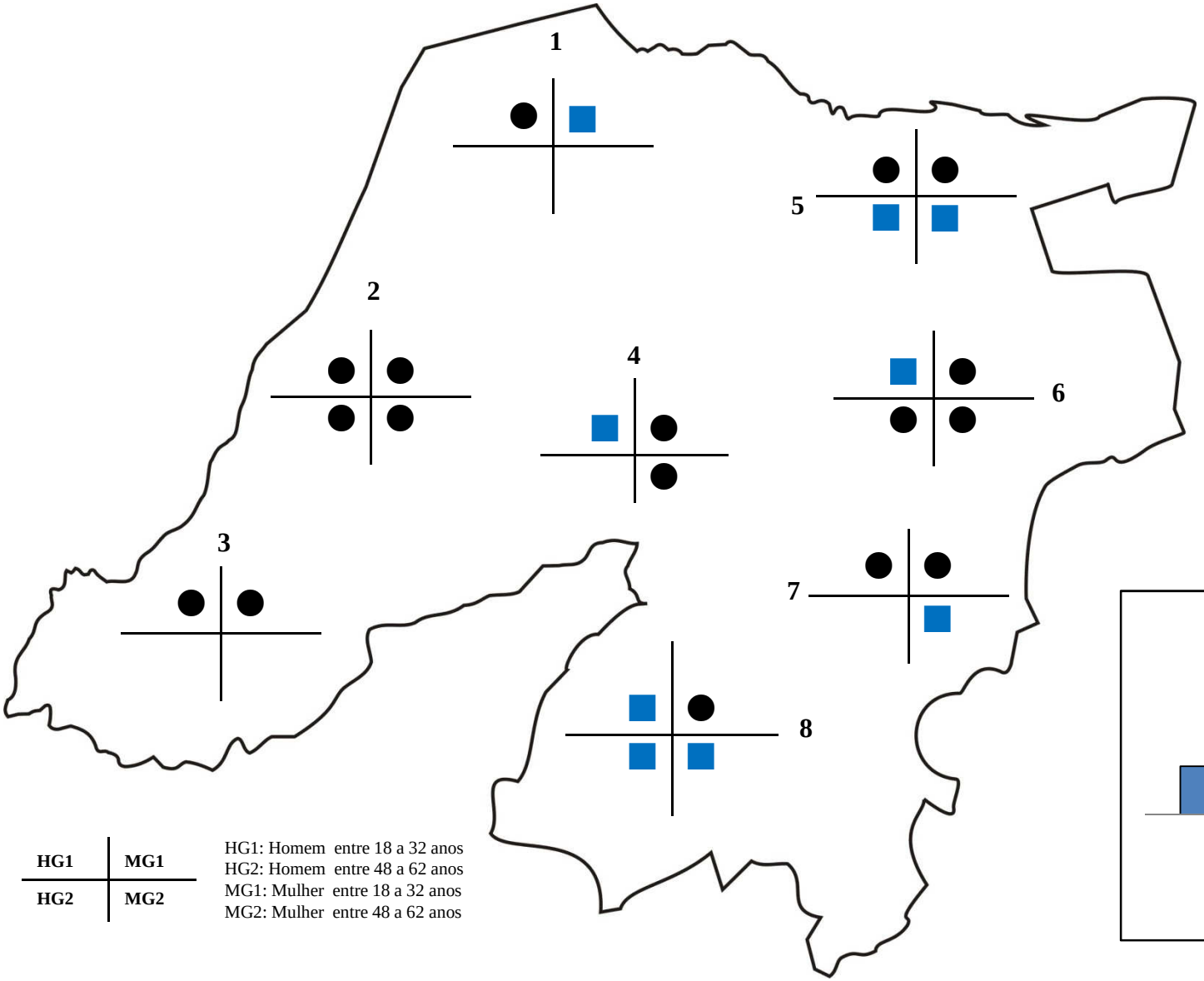
- ● [ũˈbigu]
- ■ [ĩˈbigu]
- ▲ [ẽˈbigu]
- ◆ [iˈbigu]
- ★ [õˈbiku]

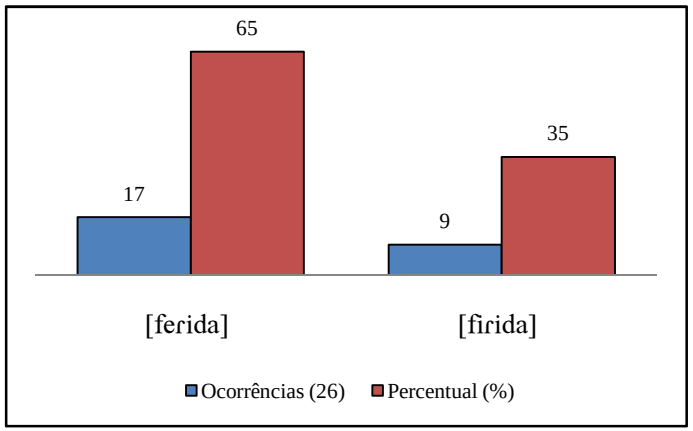


HG1	MG1
HG2	MG2

HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

QFF66: Quando alguém cai e arranca uma parte da pele do braço, do joelho, forma o quê?

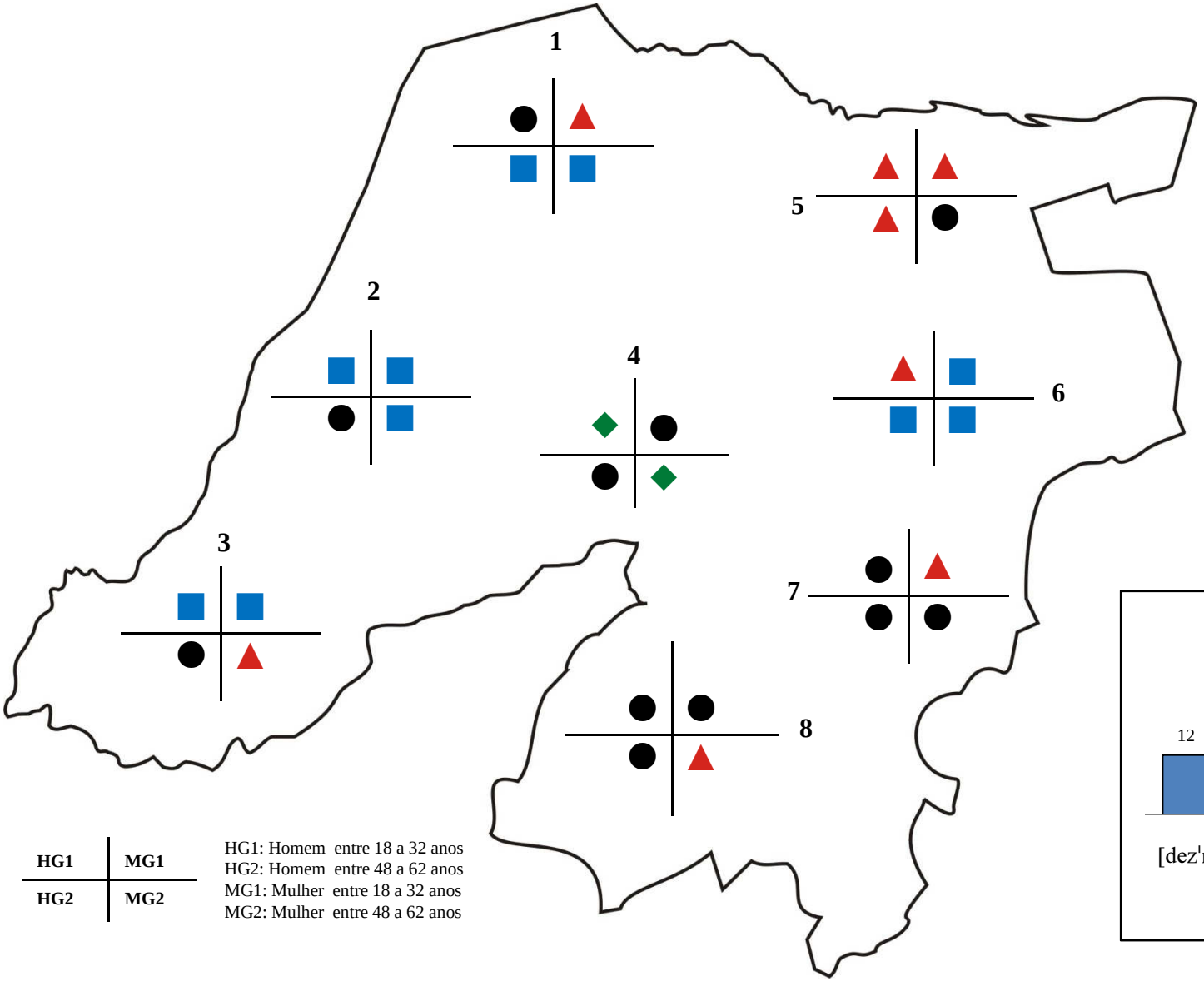




ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta Fonética 45
DESMAIO

QFF69: Alguém, que passou mal, caiu e perdeu os sentidos, teve um ...?

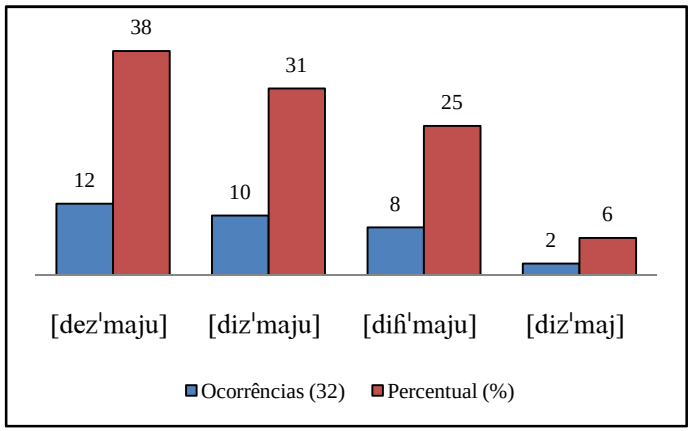


LEGENDA

- ● [dezˈmaju]
- ■ [dizˈmaju]
- ▲ [diɲˈmaju]
- ◆ [dizˈmaj]

HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

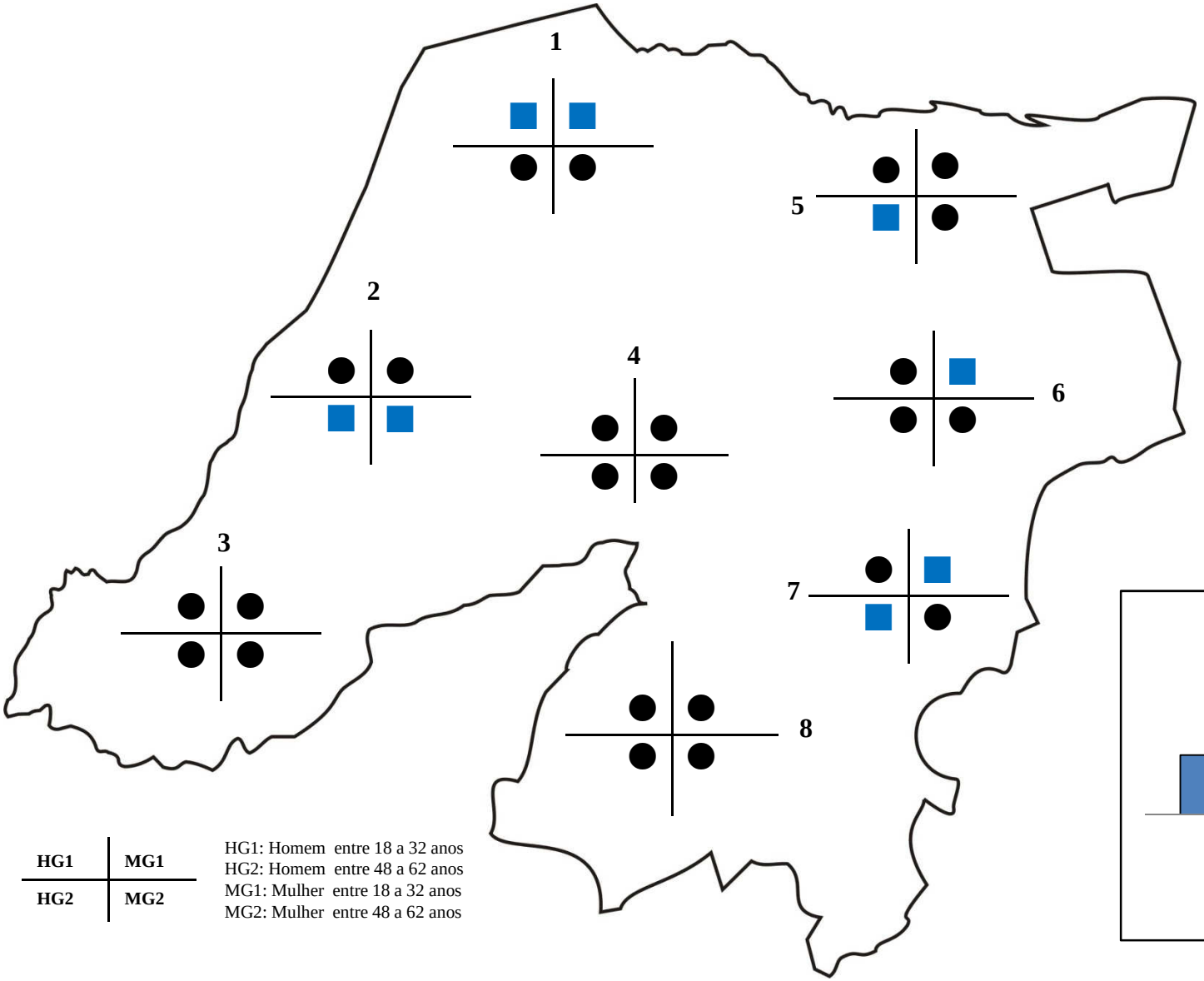
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos



ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta Fonética 46
VÔMITO

QFF70: O que é que a pessoa faz sair pela boca, quando comeu e a comida fez mal?



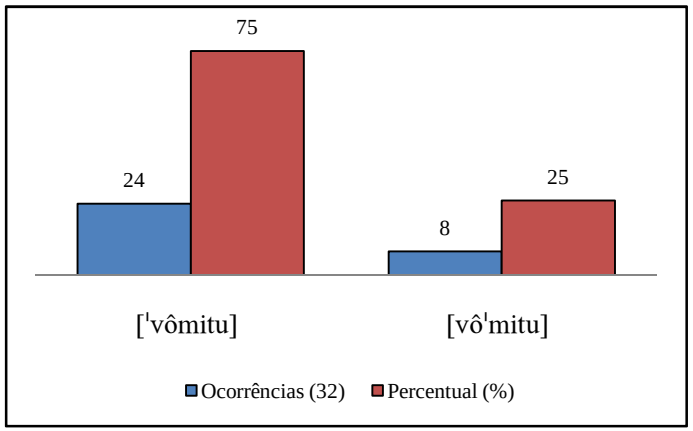
LEGENDA

● [ˈvômitu]

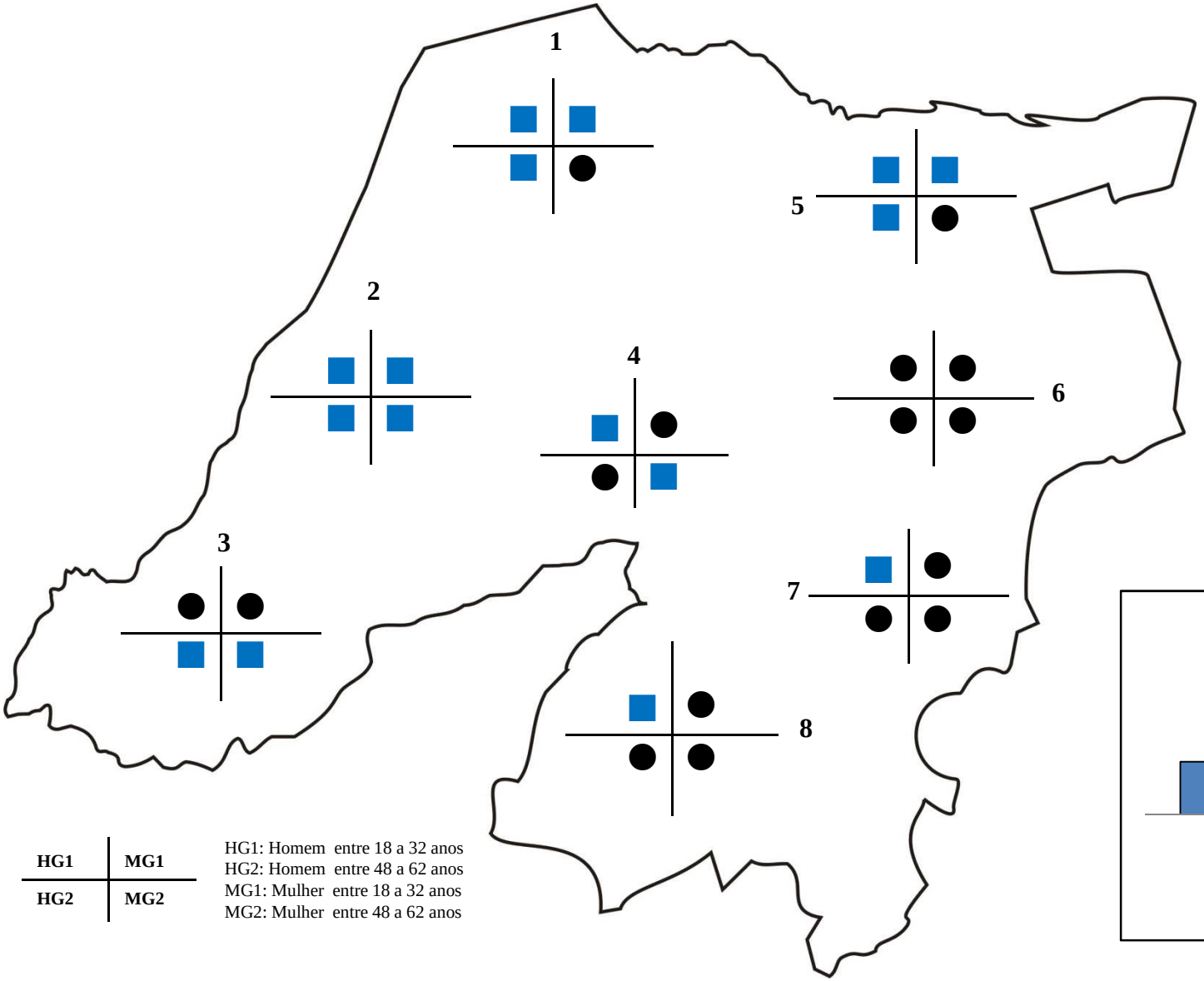
■ [vôˈmitu]

HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos



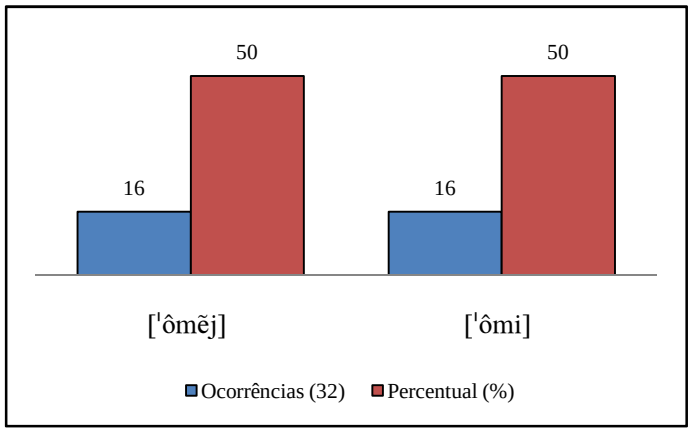
QFF71: Adão foi o primeiro ...?



LEGENDA

● [ˈômẽj]

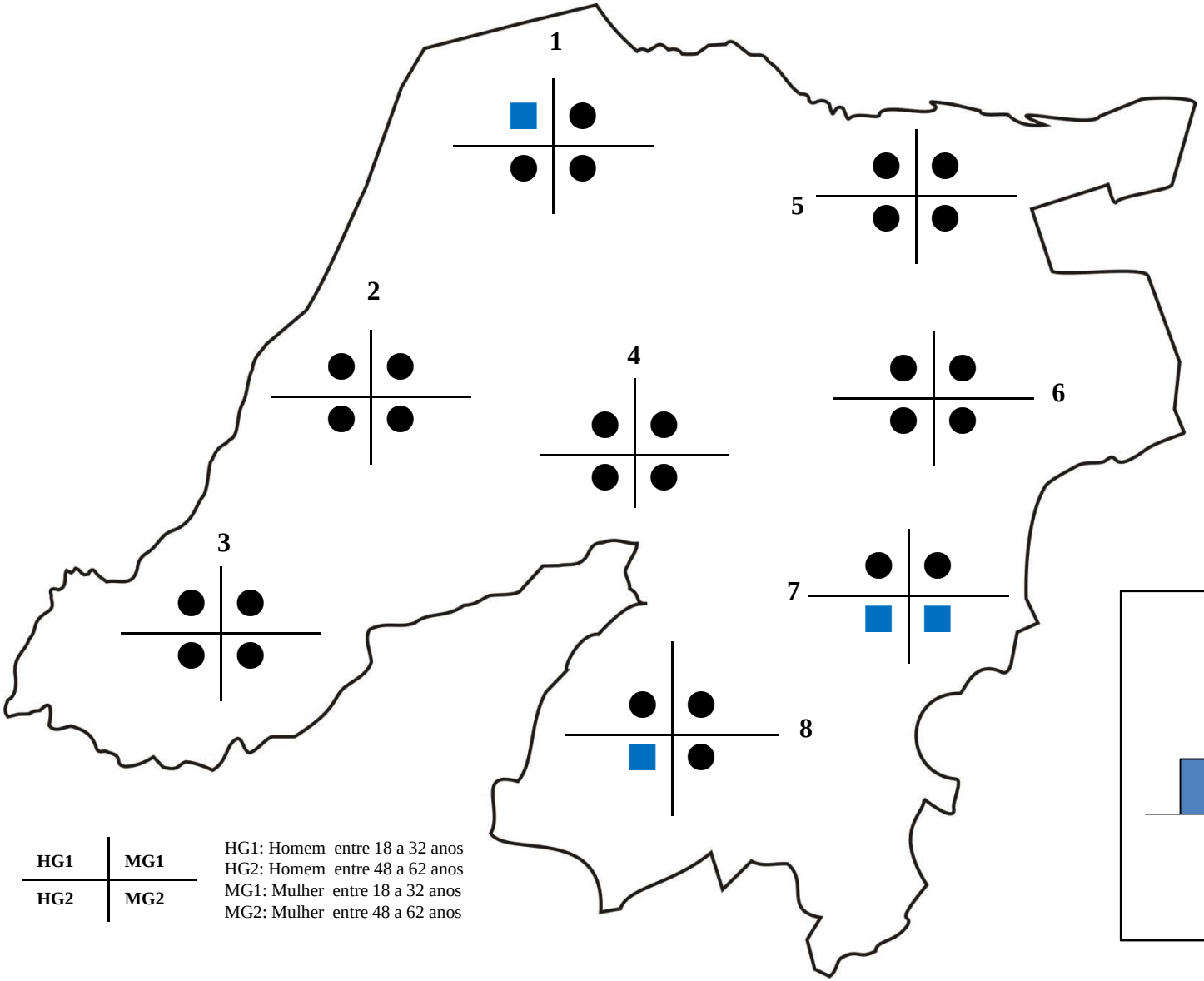
■ [ˈômi]



HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

QFF73: Pai, mãe e filhos juntos formam o quê?



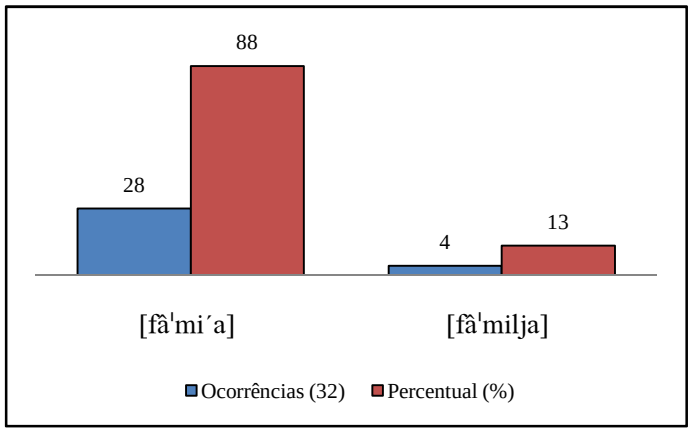
LEGENDA

● [fâˈmiʎa]

■ [fâˈmilja]

HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

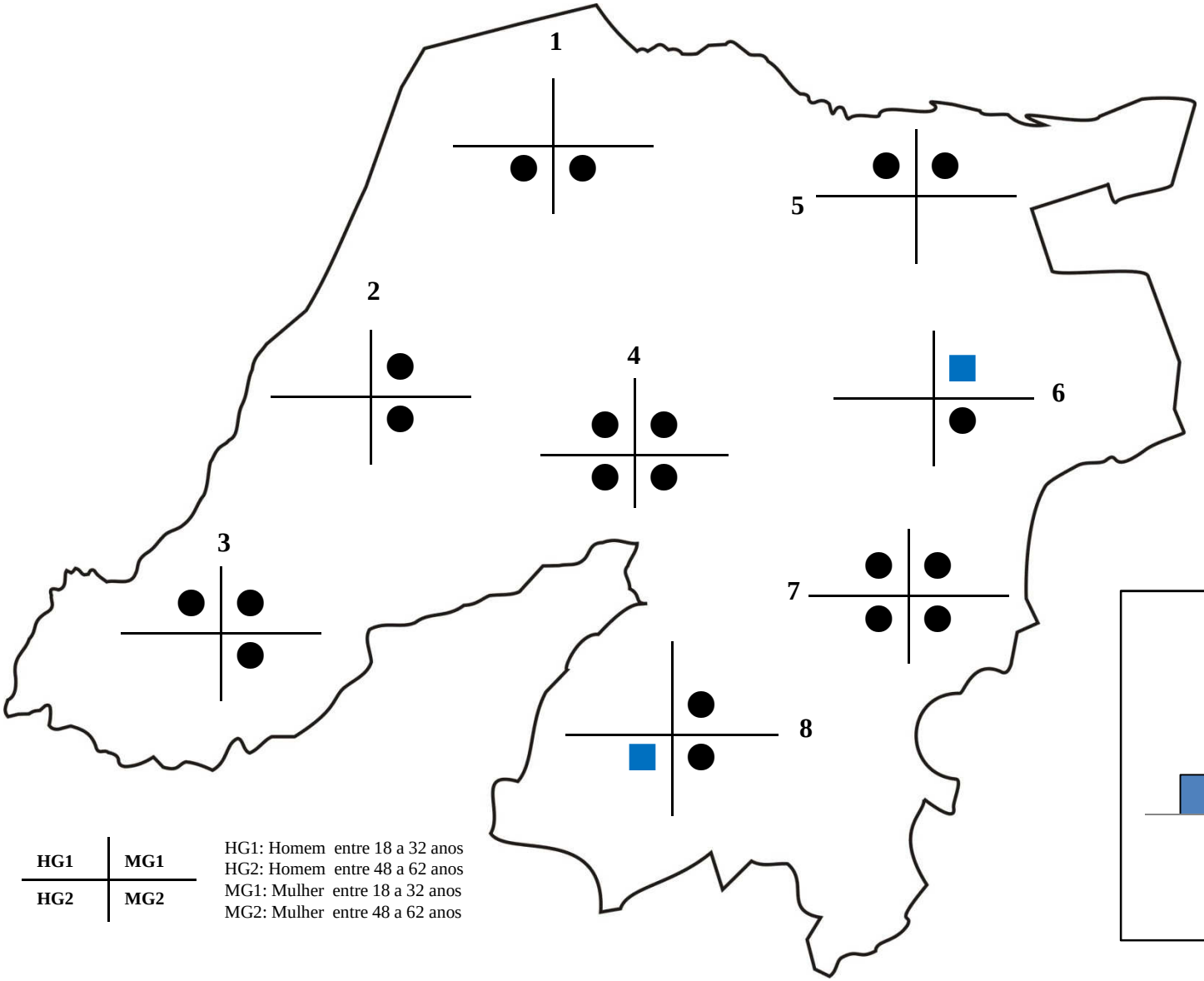
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos



ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta Fonética 49
LOUCO

QFF76: ... A pessoa que internada do hospício?



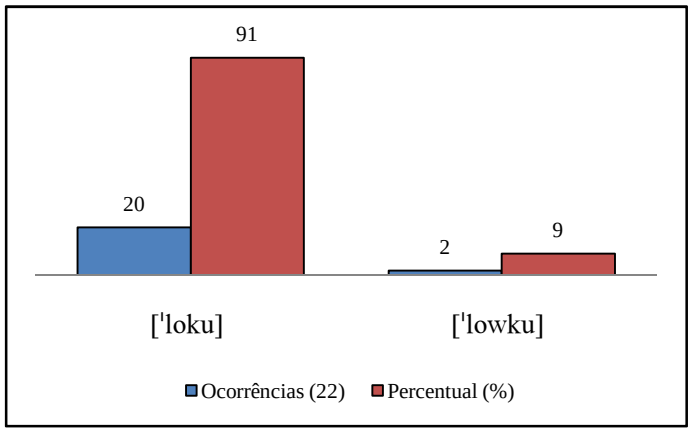
LEGENDA

● [ˈloku]

■ [ˈlowku]

HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

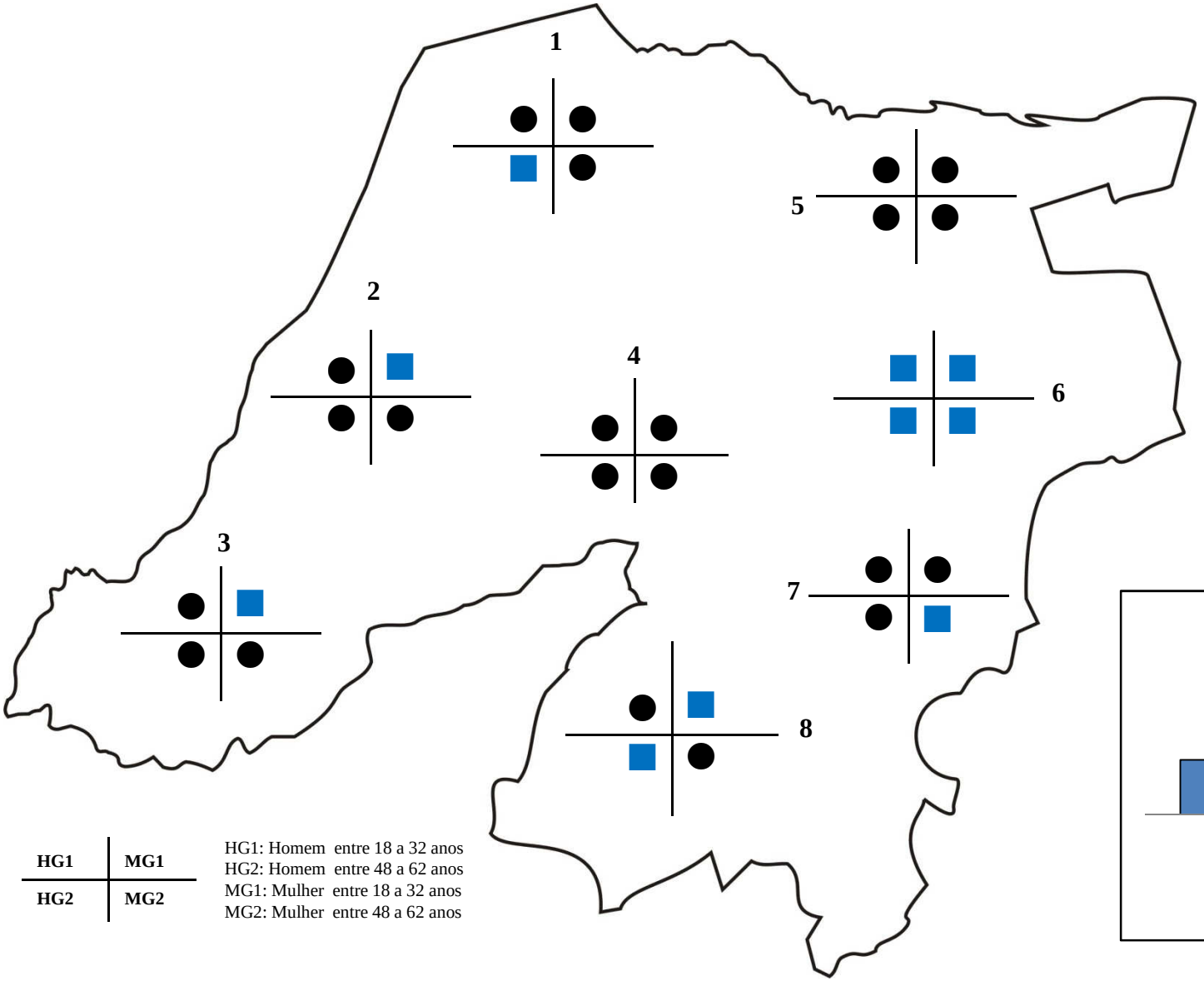
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos



ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta Fonética 50
MEIA

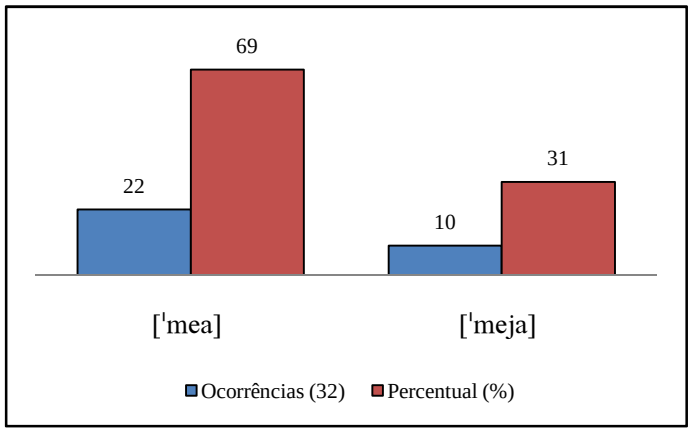
QFF78: Aquilo que se usa no pé antes de calçar o sapato?



LEGENDA
● [ˈmea]
■ [ˈmeja]

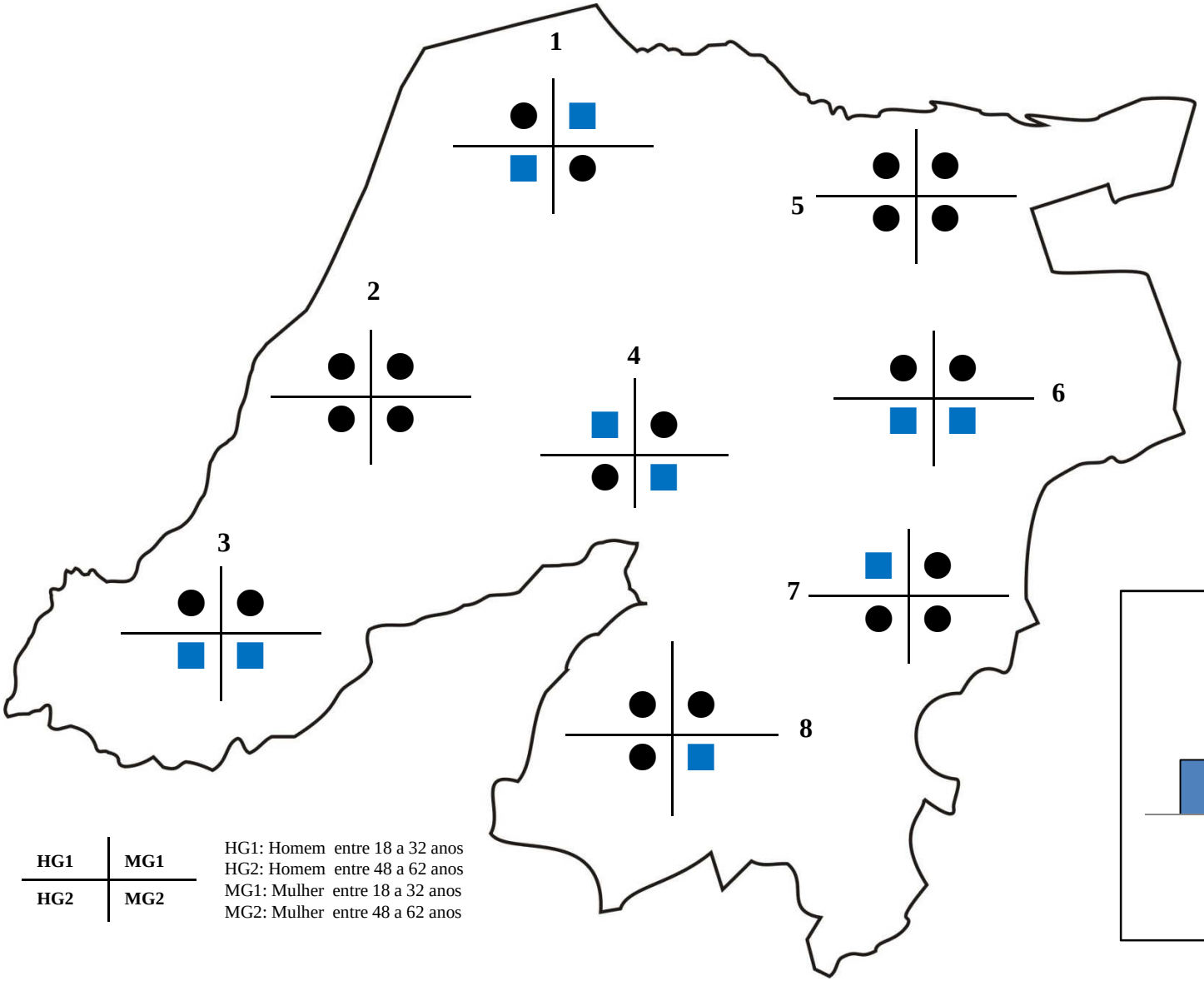
HG1	MG1
HG2	MG2

HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos



ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

QFF80: O que é que se usa aqui no dedo? (apontar)



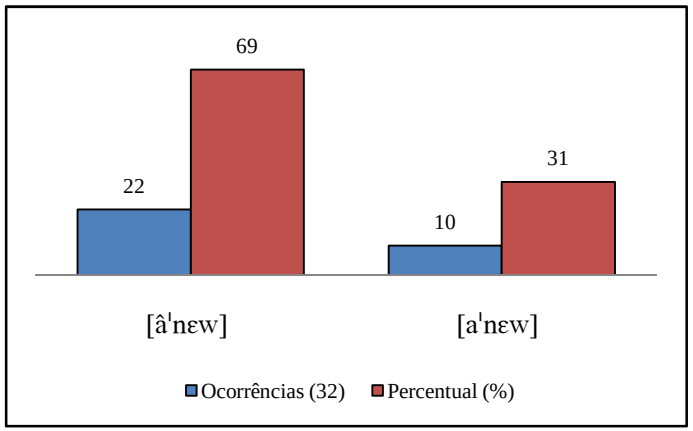
LEGENDA

● [âˈnɛw]

■ [aˈnɛw]

HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

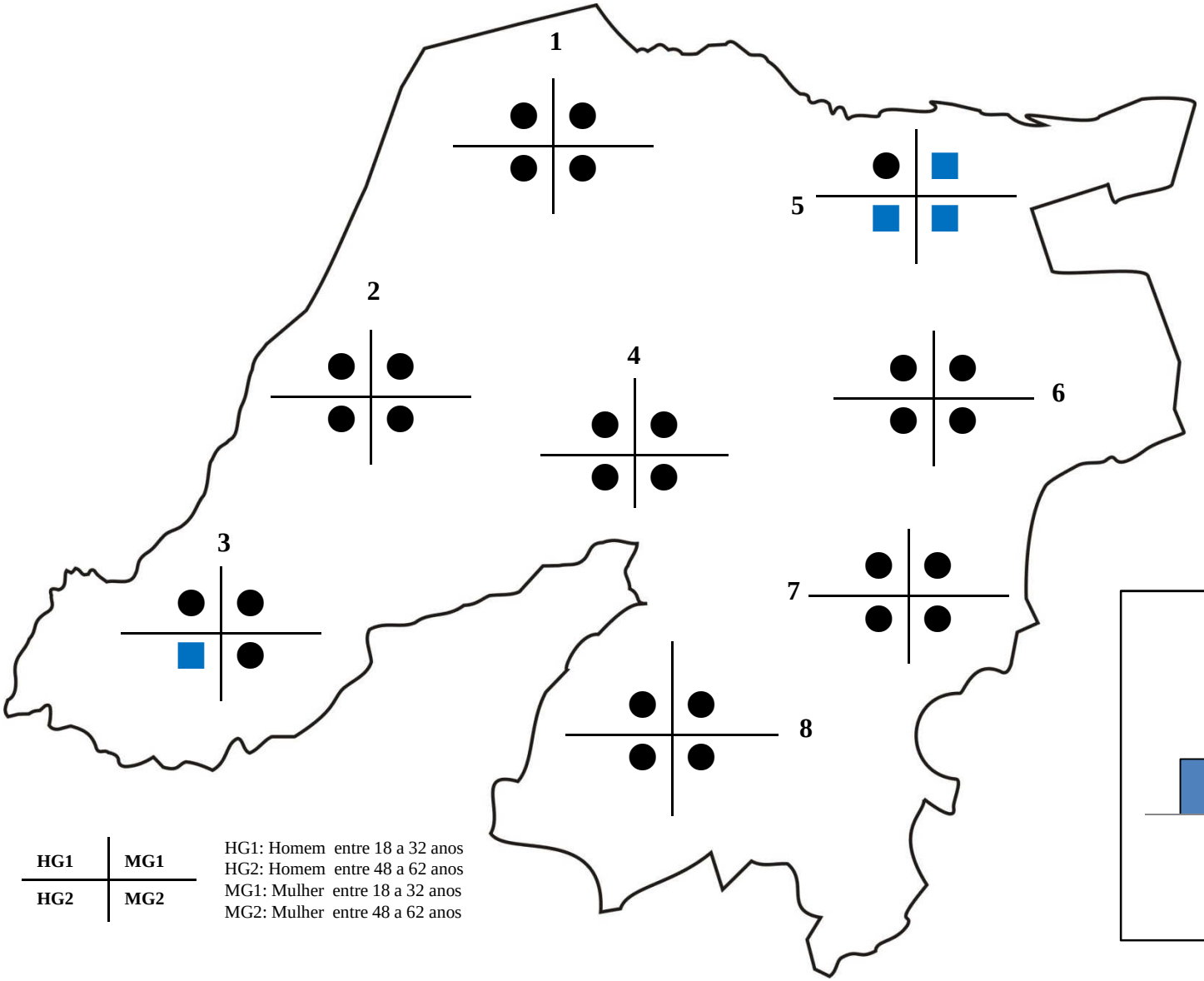
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos



ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta Fonética 52
PERFUME

QFF81: ... aquilo que a pessoa usa para ficar cheirosa?



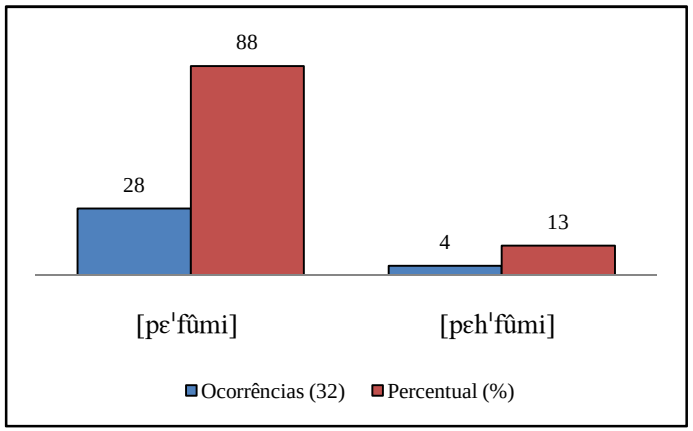
LEGENDA

● [pɛˈfûmi]

■ [pɛhˈfûmi]

HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

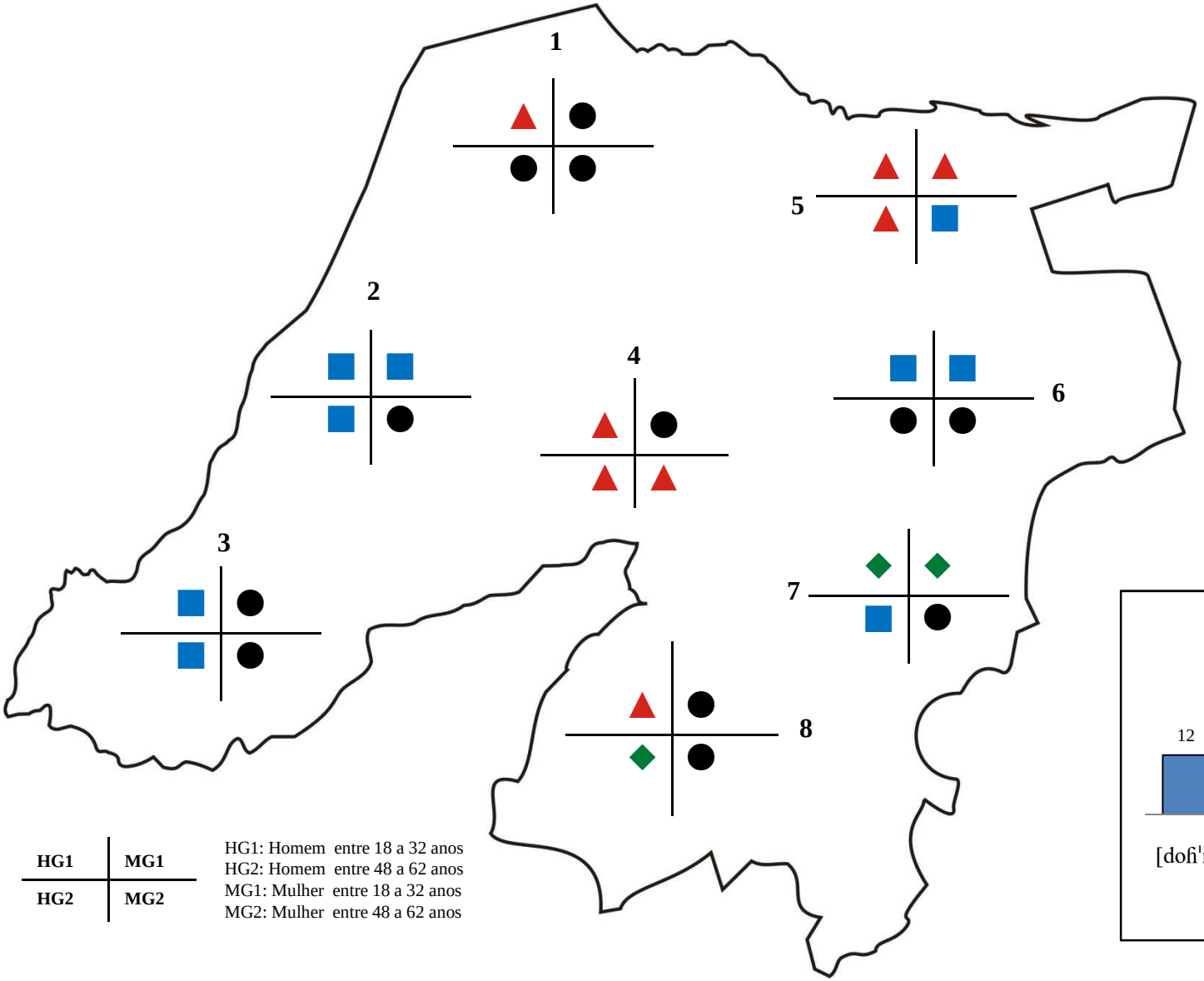
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos



ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

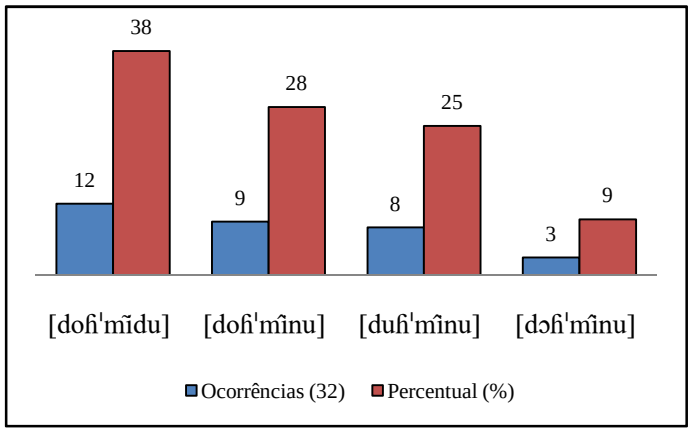
Carta Fonética 53
DORMINDO

QFF82: A pessoa que não está acordada, está ... ? (mímica).



LEGENDA

- ● [doɦˈmĩdu]
- ■ [doɦˈmînu]
- ▲ [duɦˈmînu]
- ◆ [dɔɦˈmînu]

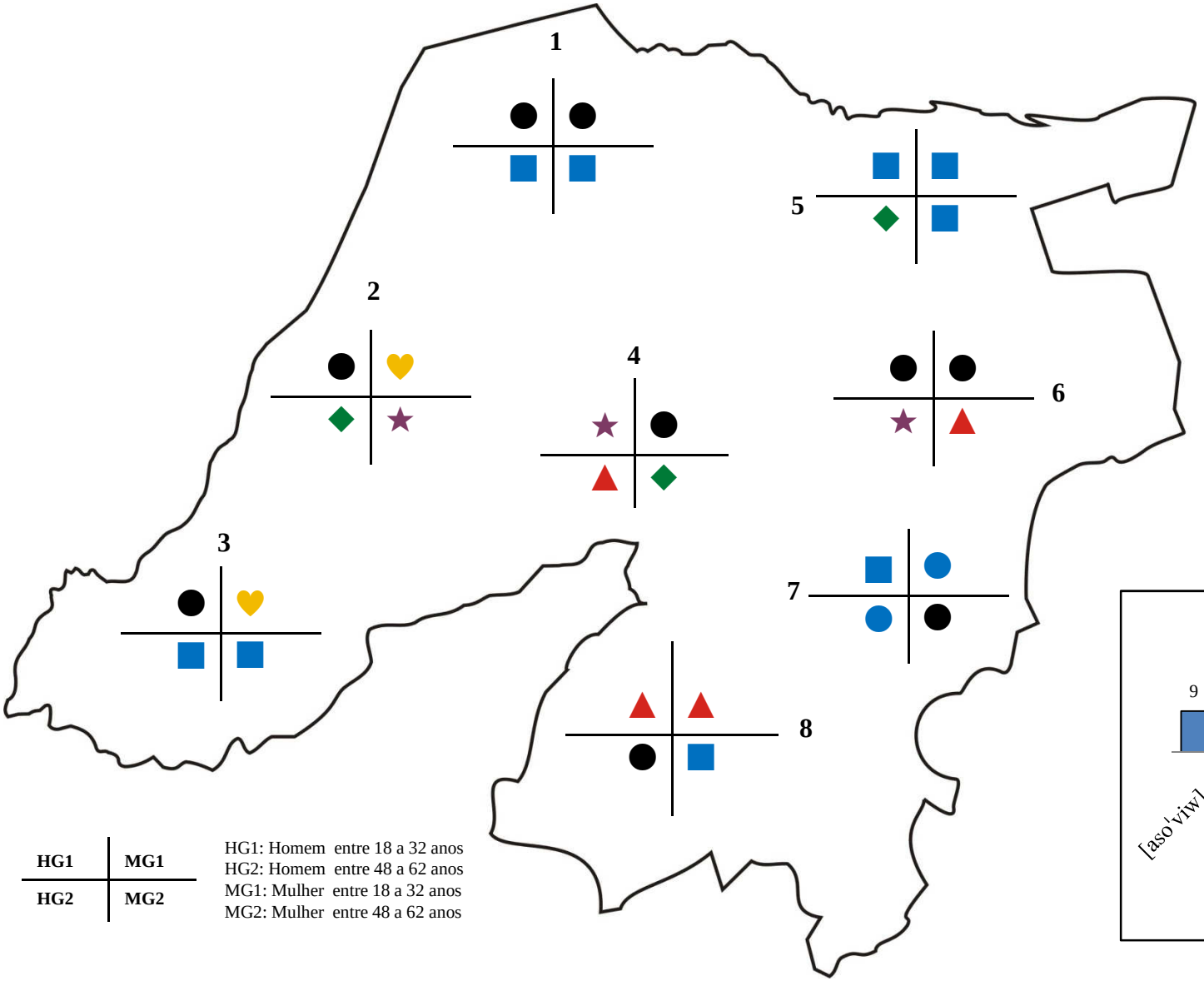


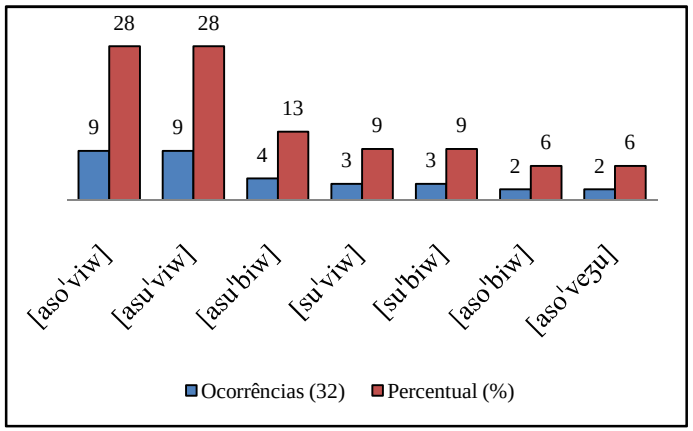
HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

QFF83: Quando faço assim (assobiar), eu estou produzindo um ...?

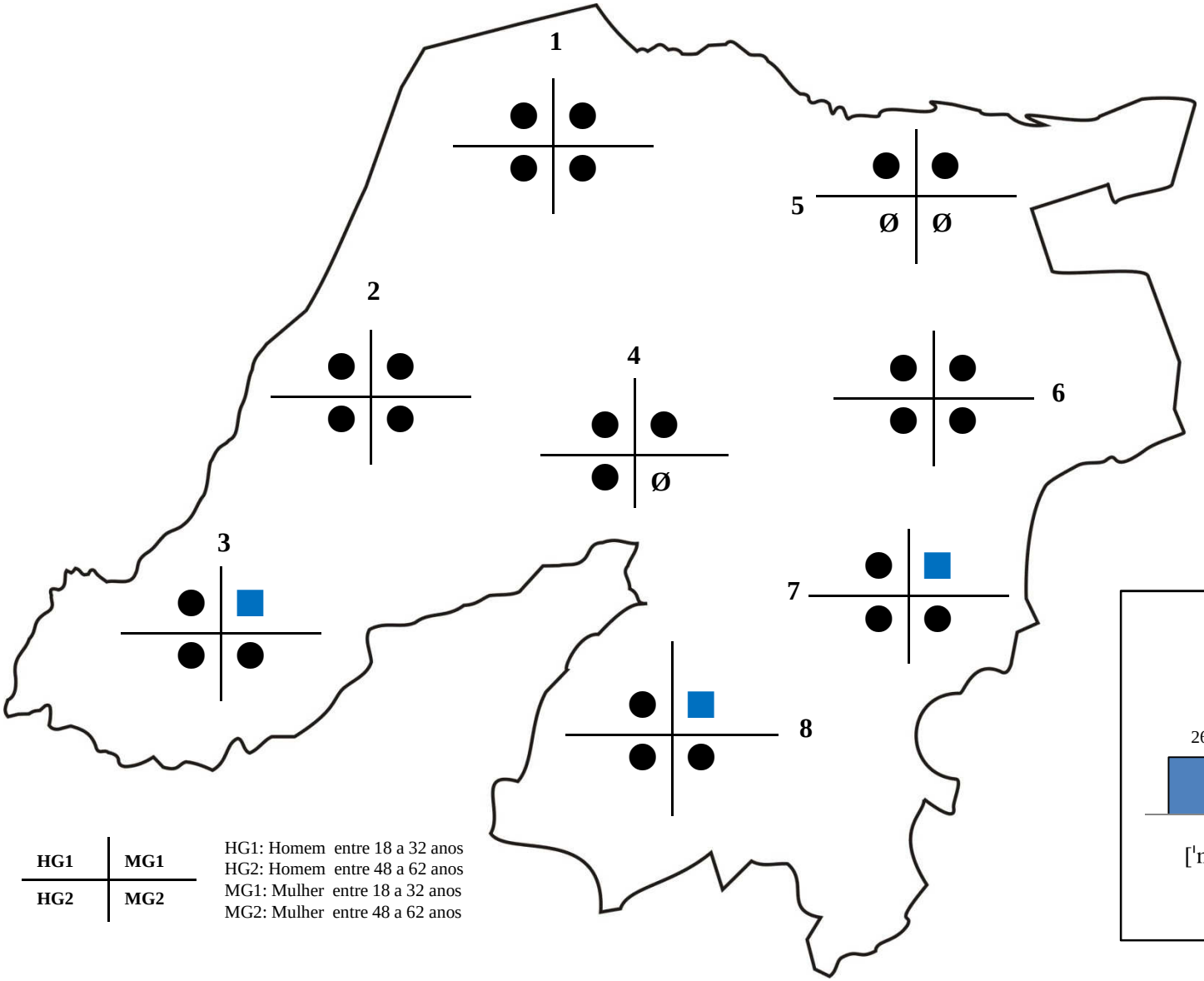




ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta Fonética 55
MESMO

QFF85: Quem só tem um par de sapatos não pode usar outros, por isso, todos os dias usa o ...?

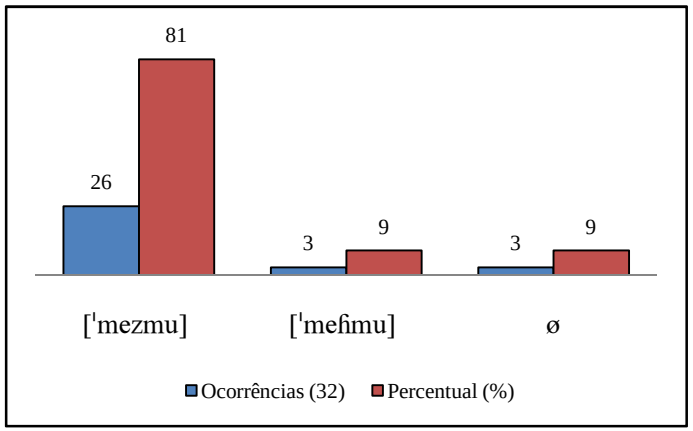


LEGENDA

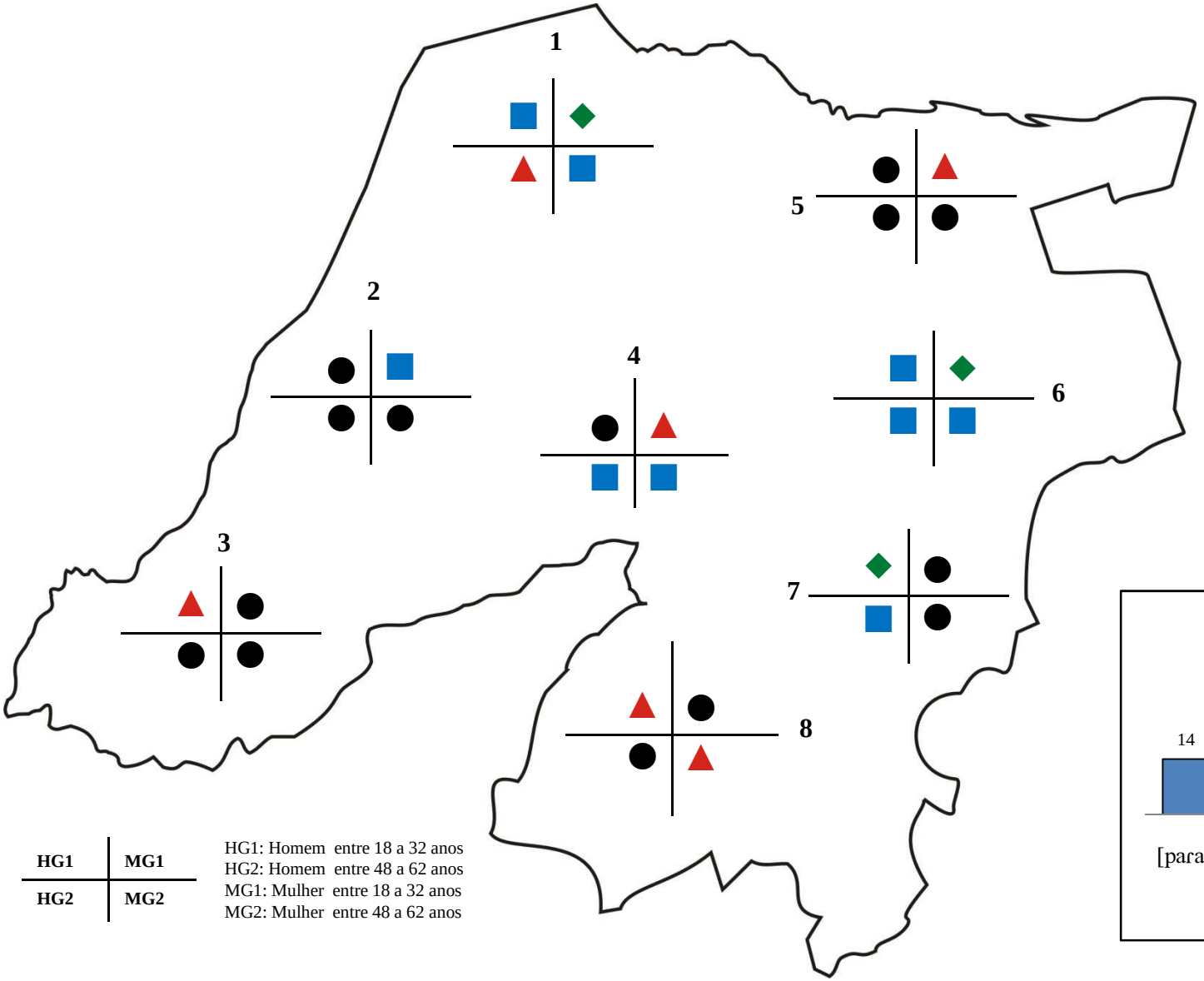
● [ˈmezmu]
■ [ˈmeɦmu]
Ø abstenções

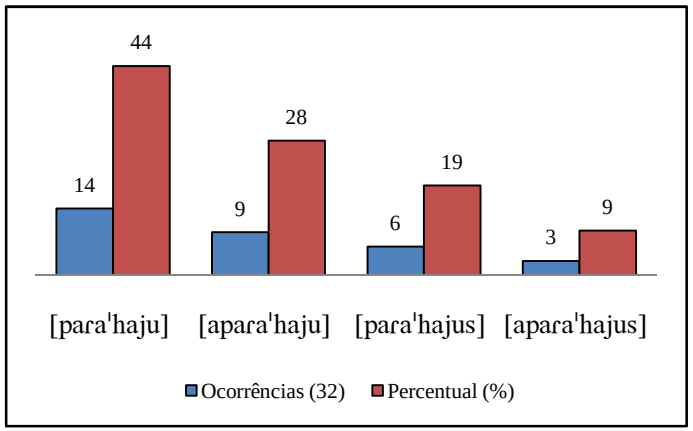
HG1	MG1
HG2	MG2

HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

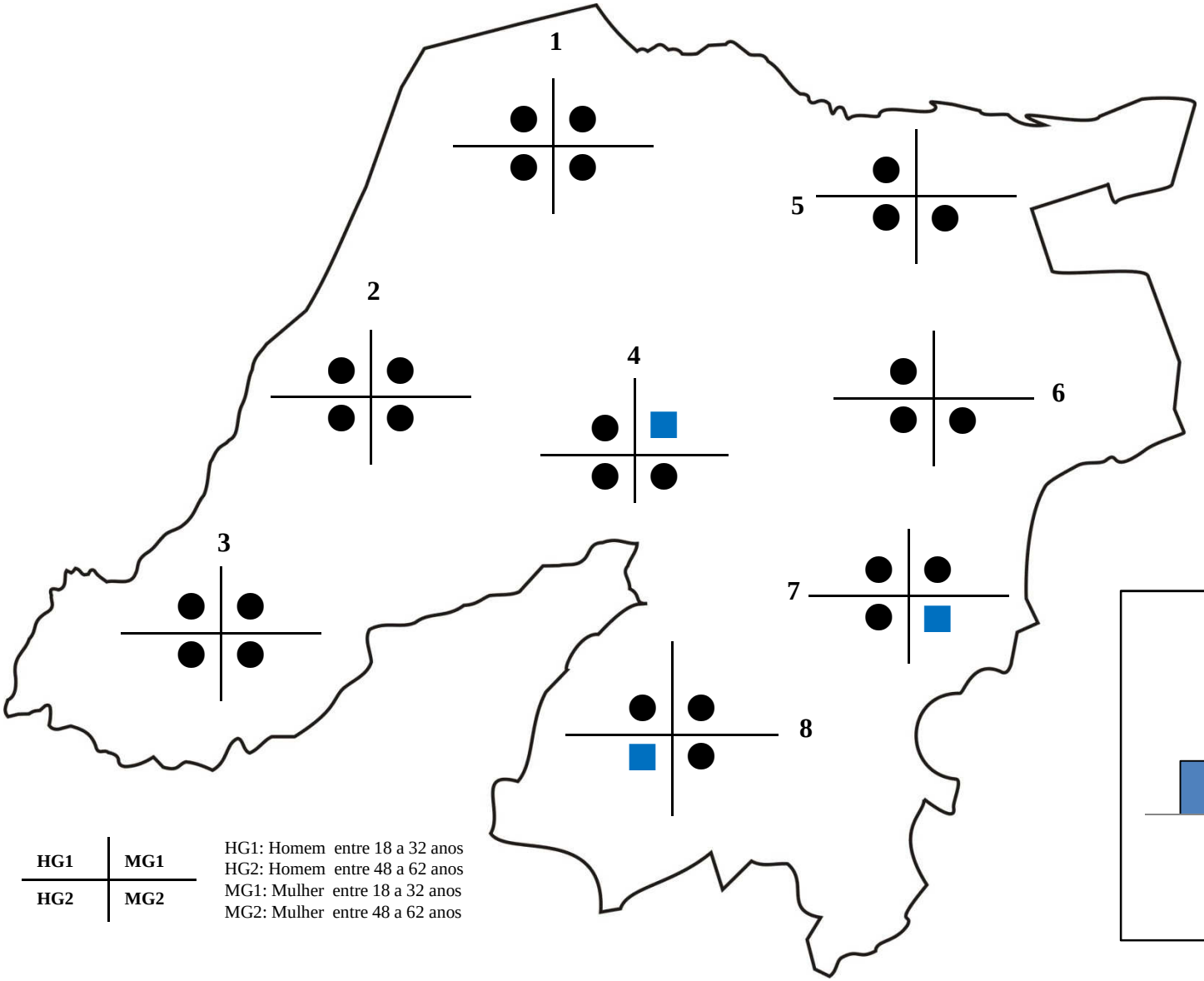


QFF88: Como se chama aquela haste de metal colocada encima de prédios que protege contra as descargas elétricas atmosféricas?





QFF89: ... a mancha que algumas frutas podem deixar em nossa roupa?



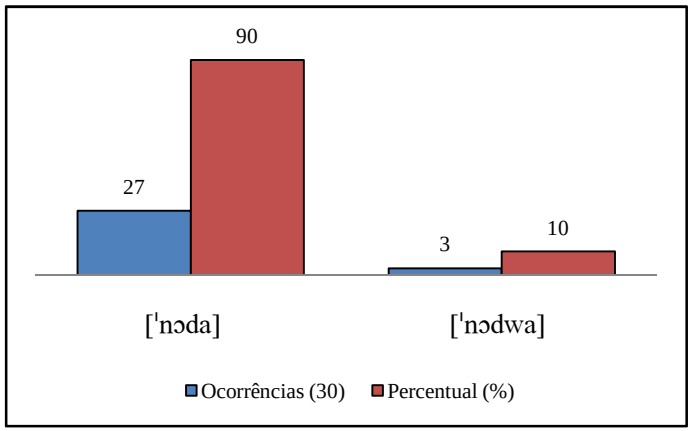
LEGENDA

● [ˈnɔda]

■ [ˈnɔdwa]

HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

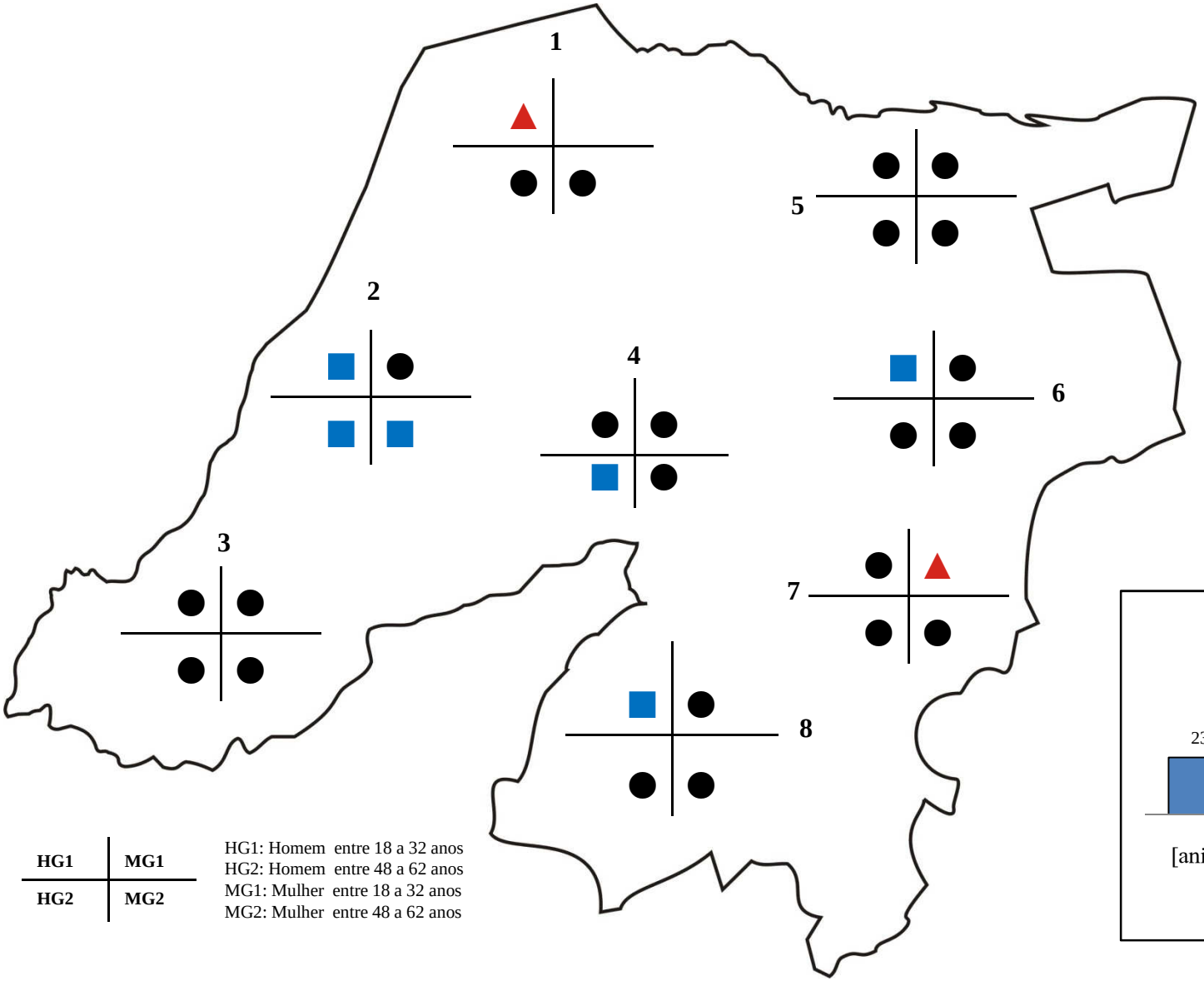
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos



ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta Fonética 58
ANIVERSÁRIO

QFF90: Todos os anos, no dia em que nascemos, comemoramos o nosso _____.

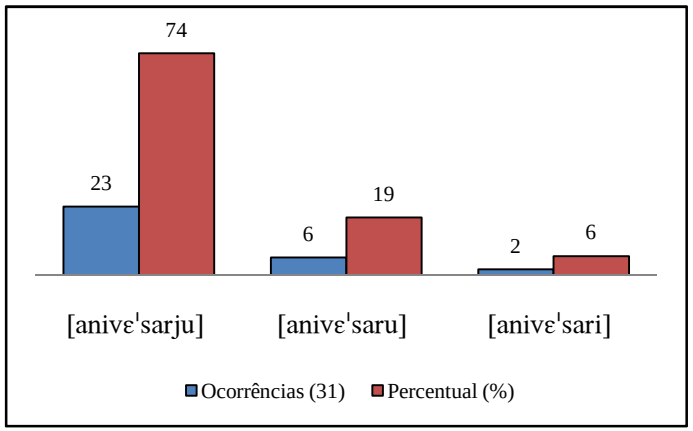


LEGENDA

- ● [anivɛˈsarju]
- ■ [anivɛˈsaru]
- ▲ [anivɛˈsari]

HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

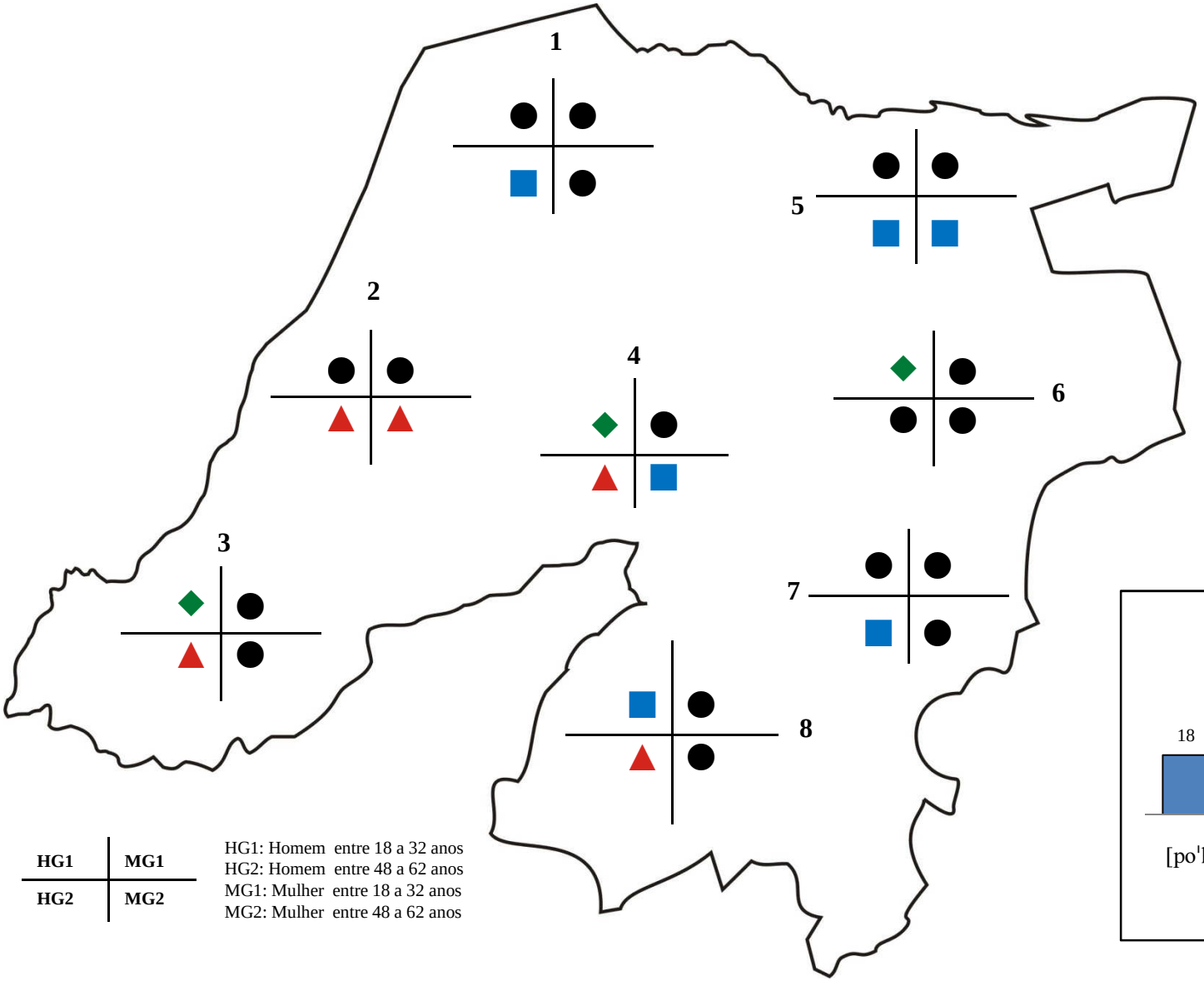
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos



ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta Fonética 59
POLÍCIA

QFF92: Quando você vê um ladrão, quando acontece um crime, você chama a ... ?

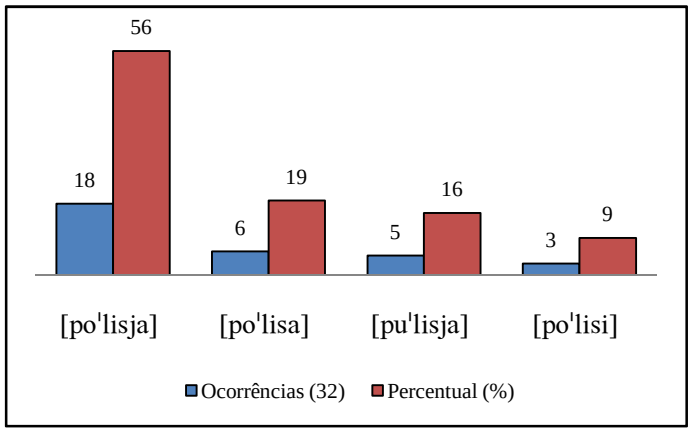


LEGENDA

- ● [po'lisja]
- ■ [po'lisa]
- ▲ [pu'lisja]
- ◆ [po'lisi]

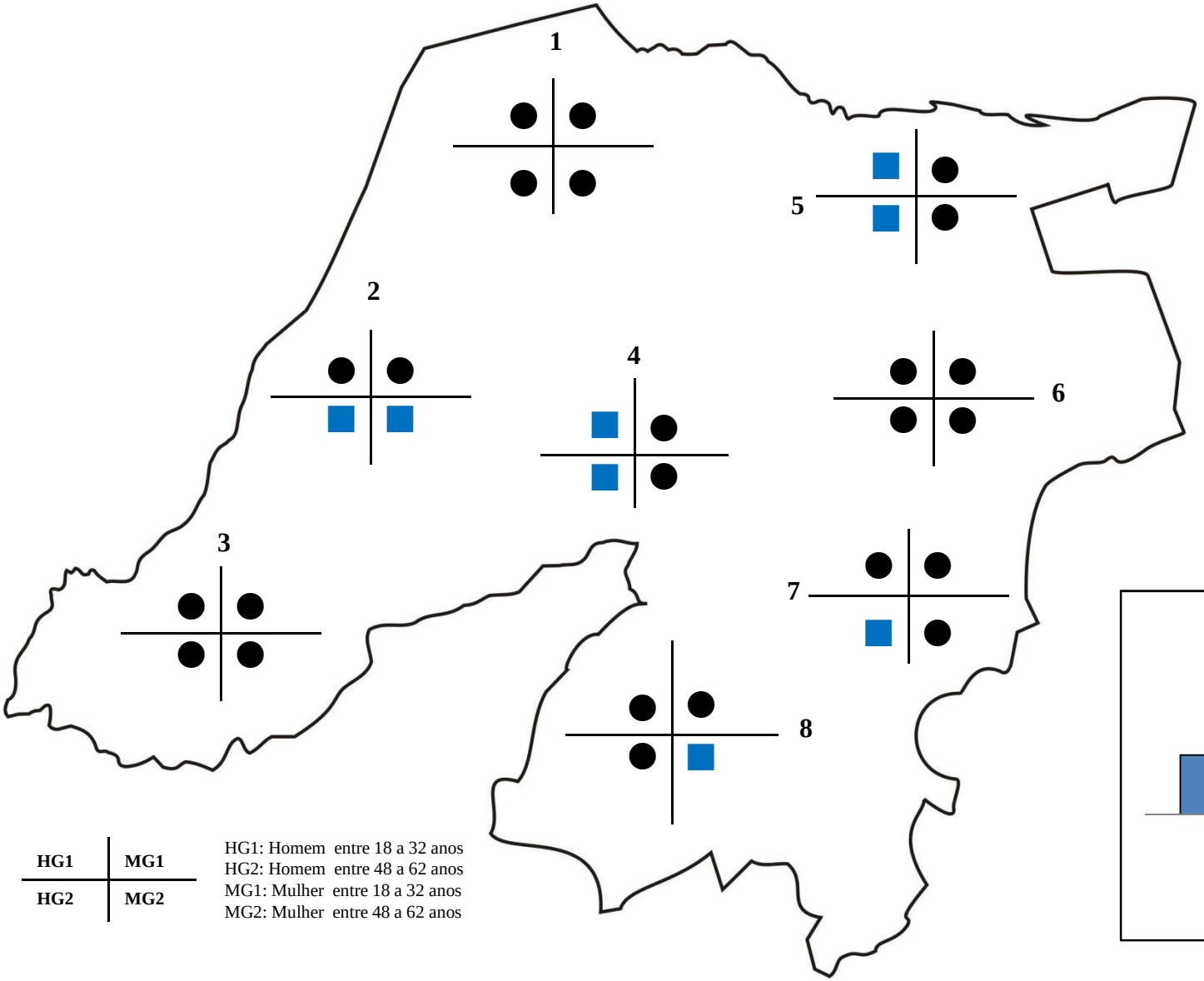
HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

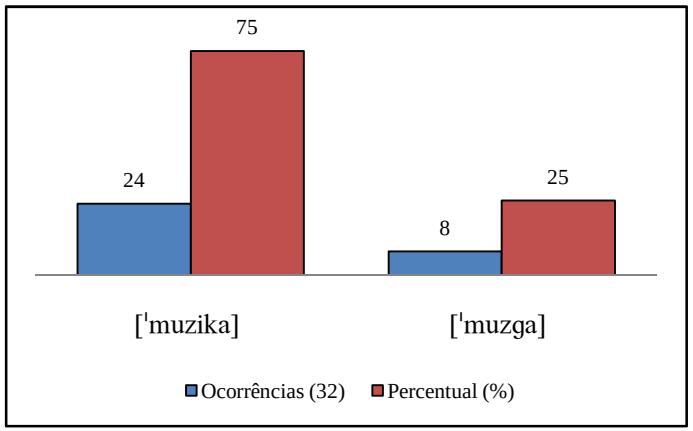
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos



ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

QFF93: As rádios dão notícias e tocam _____?





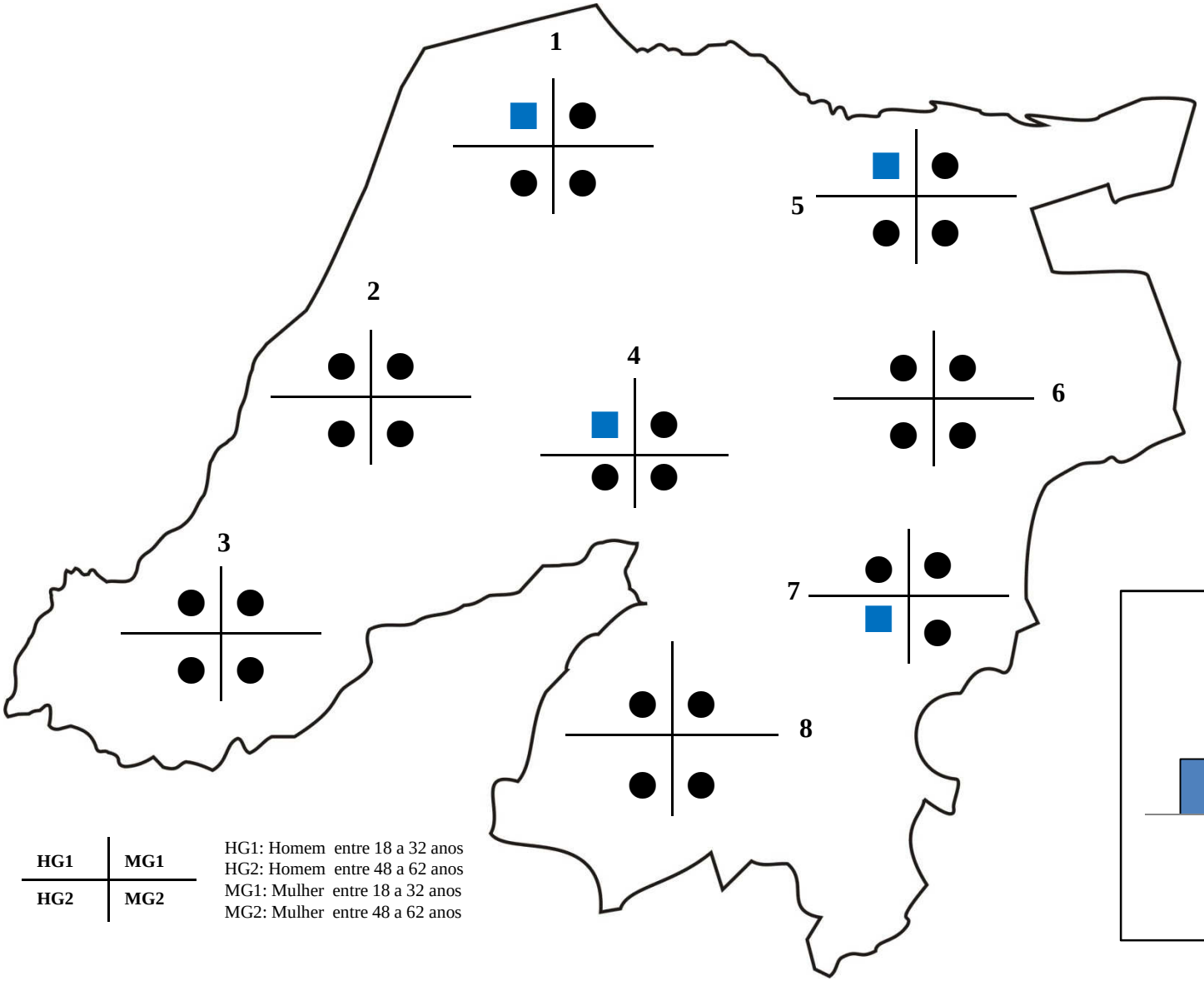
HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta Fonética 61
IGREJA

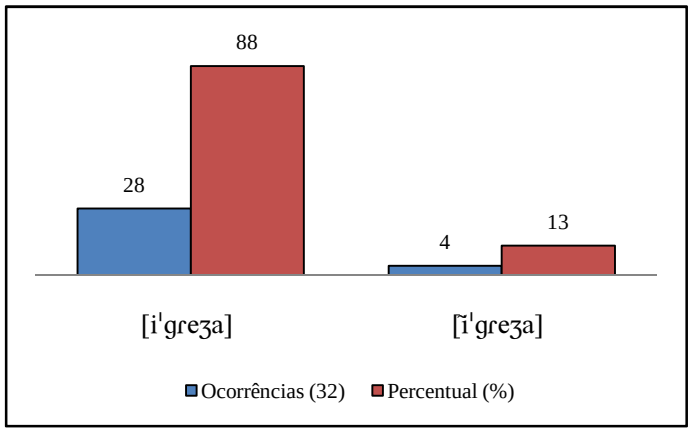
QFF95: ... o lugar onde as pessoas vão pra assistem à missa?



LEGENDA

● [iˈgɾeʒa]

■ [ĩˈgɾeʒa]



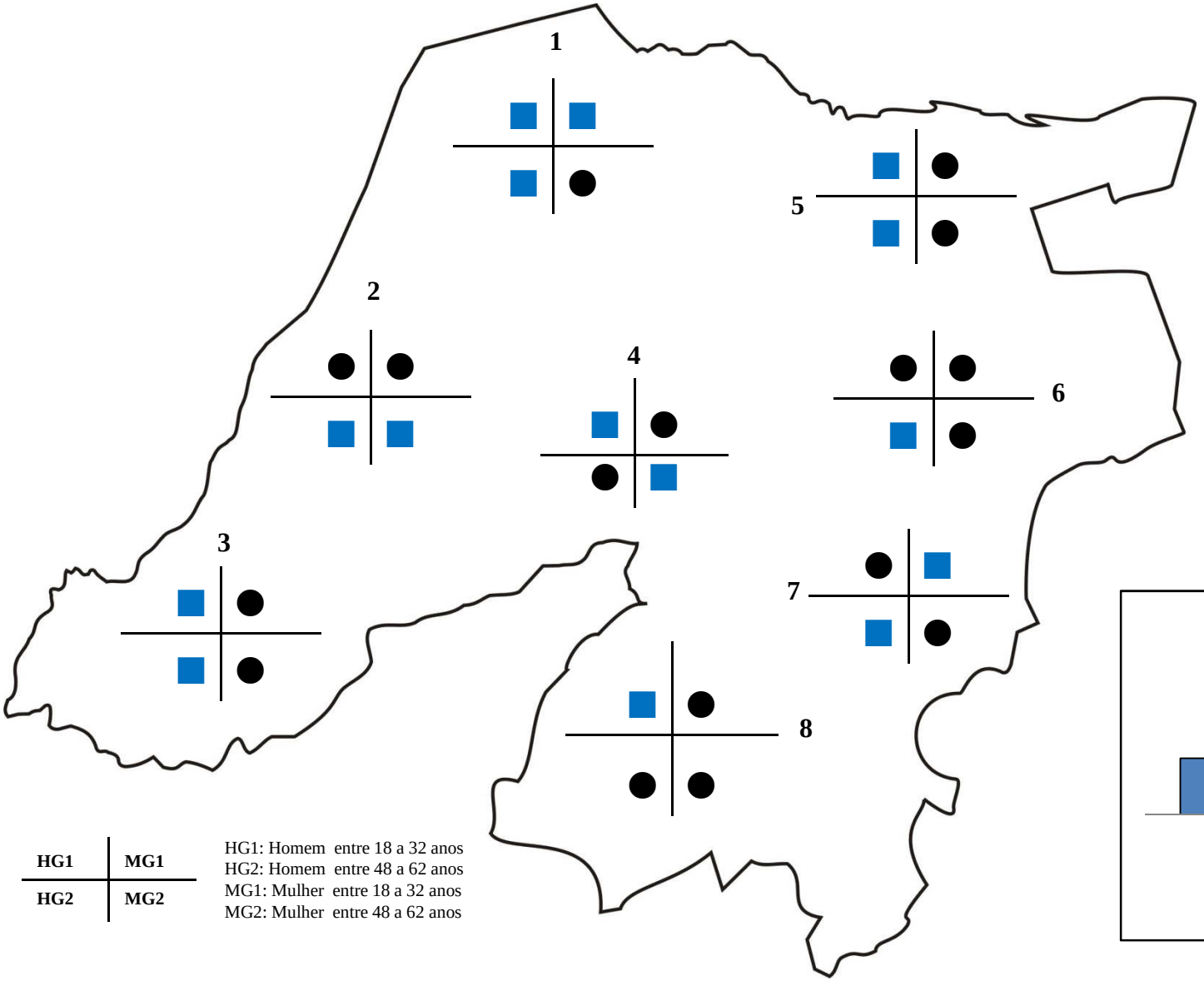
HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta Fonética 62
PAIXÃO

QFF96: ... a sexta-feira santa também é chamada de sexta-feira da ...?



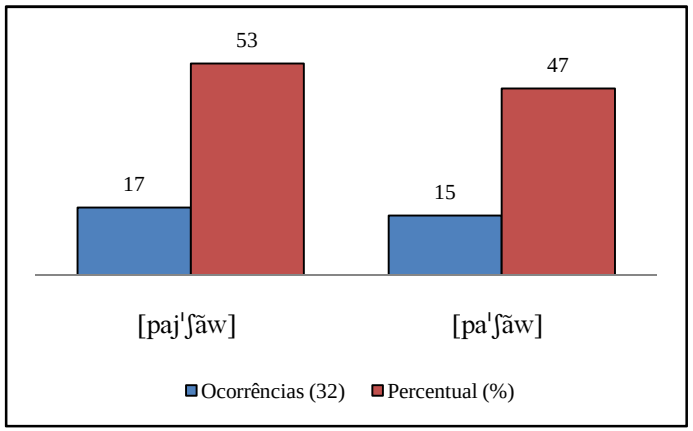
LEGENDA

● [paj'ʃãw]

■ [pa'ʃãw]

HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

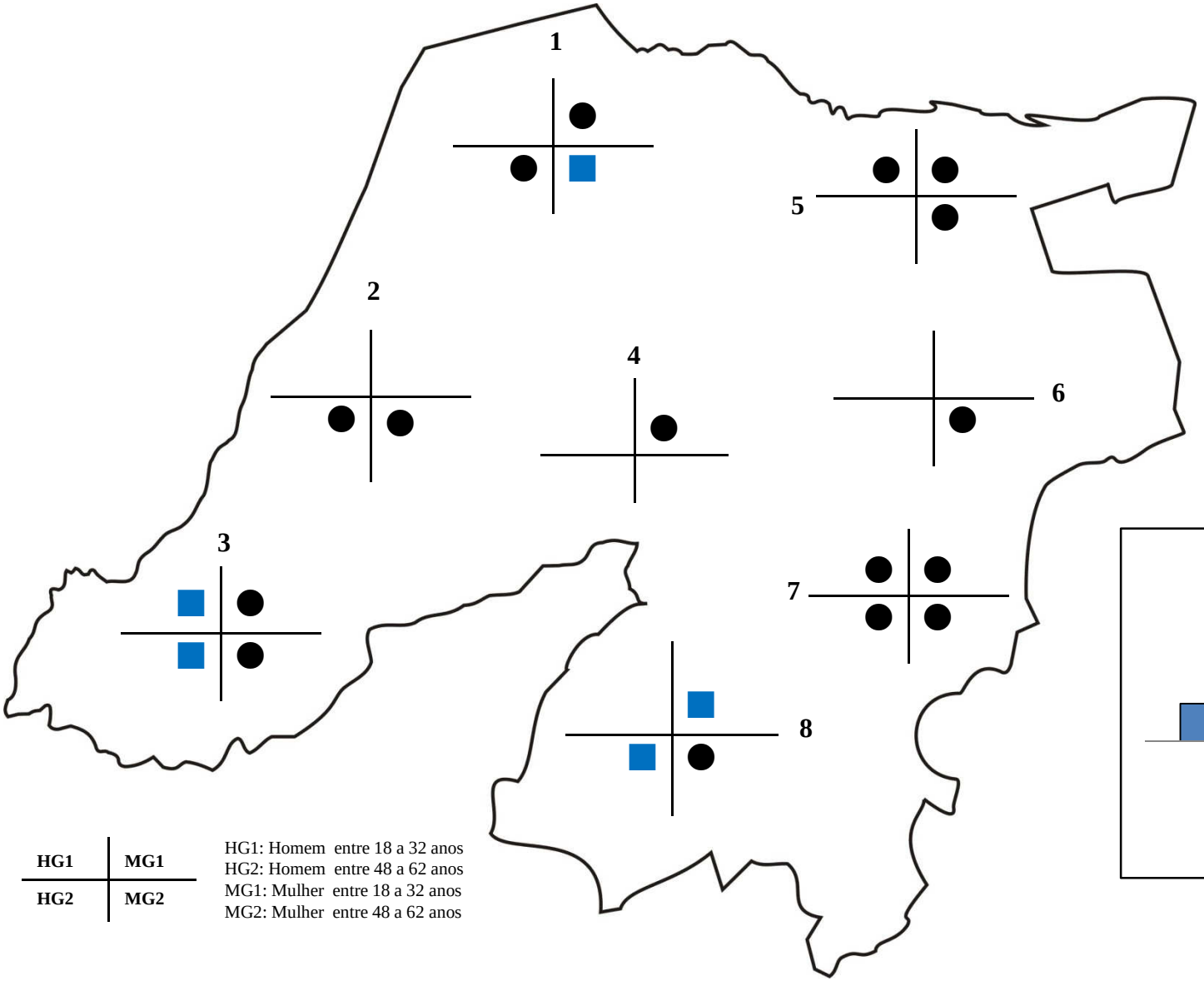
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos



ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta Fonética 63
SALOBRA

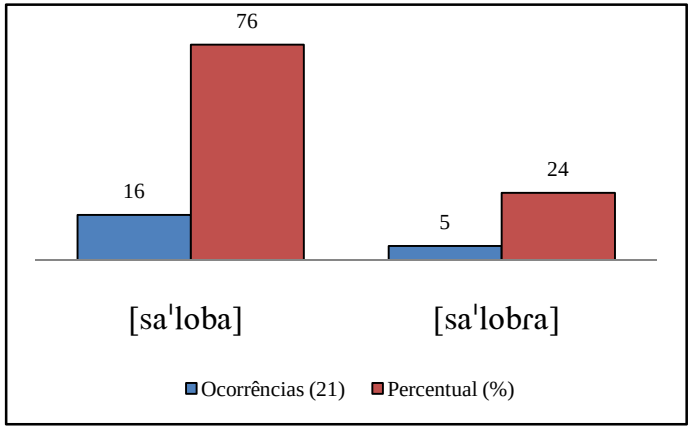
QFF98: Qual o nome da água que é salgada e tem um gosto ruim?



LEGENDA

● [saˈloba]

■ [saˈlobra]



HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

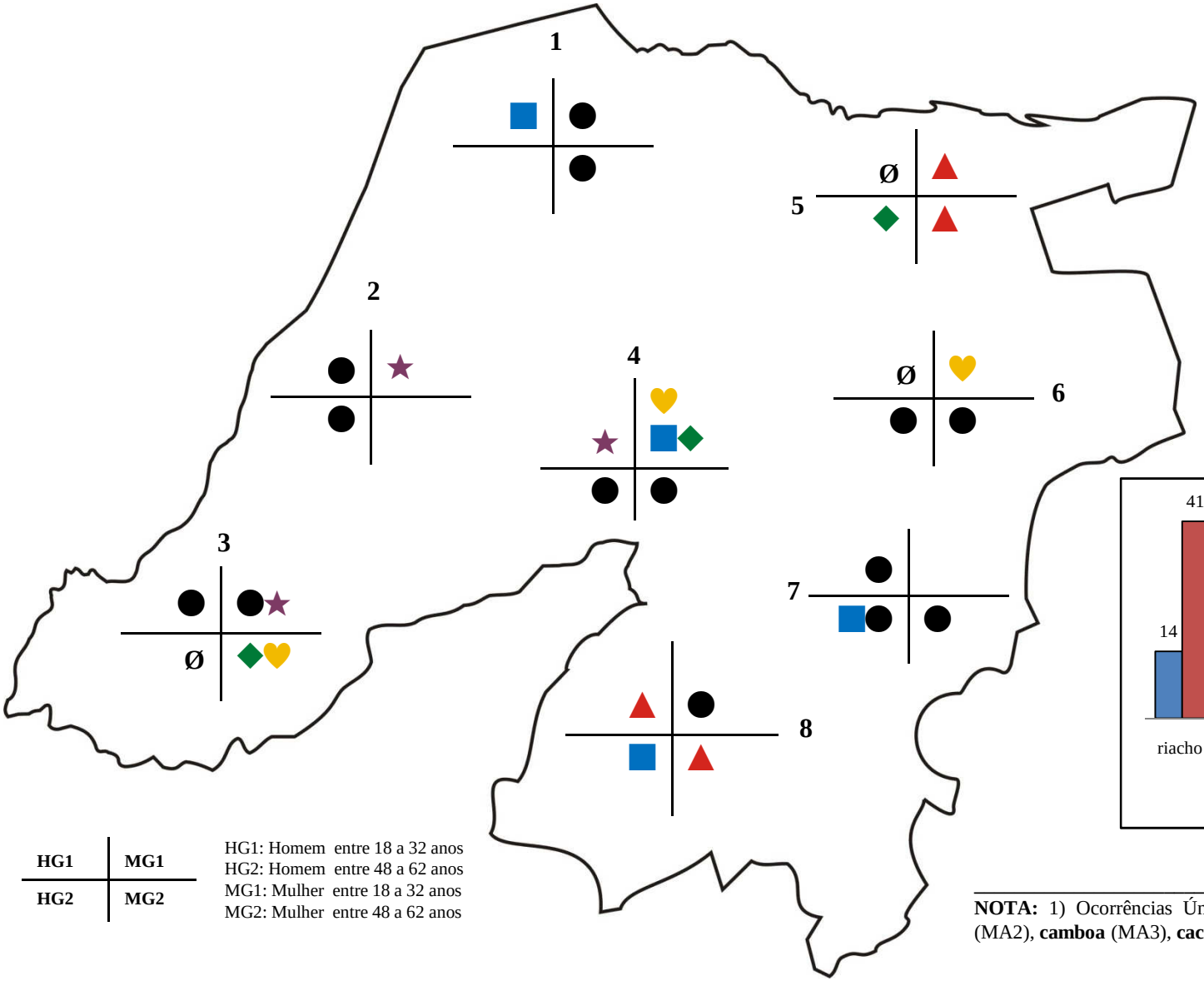
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

5.3.2 Cartas Léxicas

ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

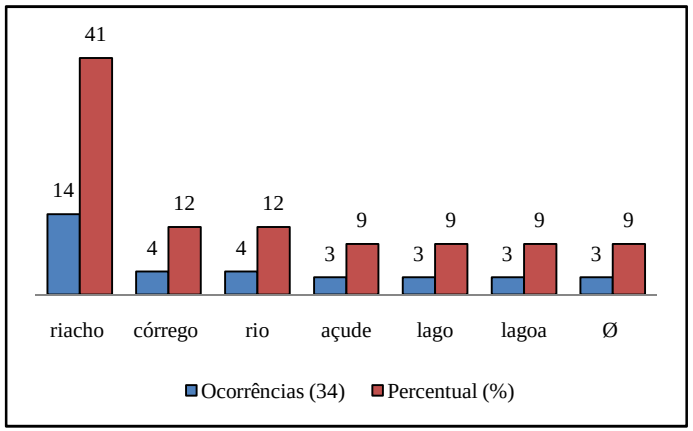
Carta Léxica 1
CÓRREGO

QSL 1: ... rio pequeno e estreito, de mais ou menos três metros de largura?



LEGENDA

- ● riacho
- ■ córrego
- ▲ rio
- ◆ açude
- ★ lago
- ♥ lagoa
- Ø abstenções



HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

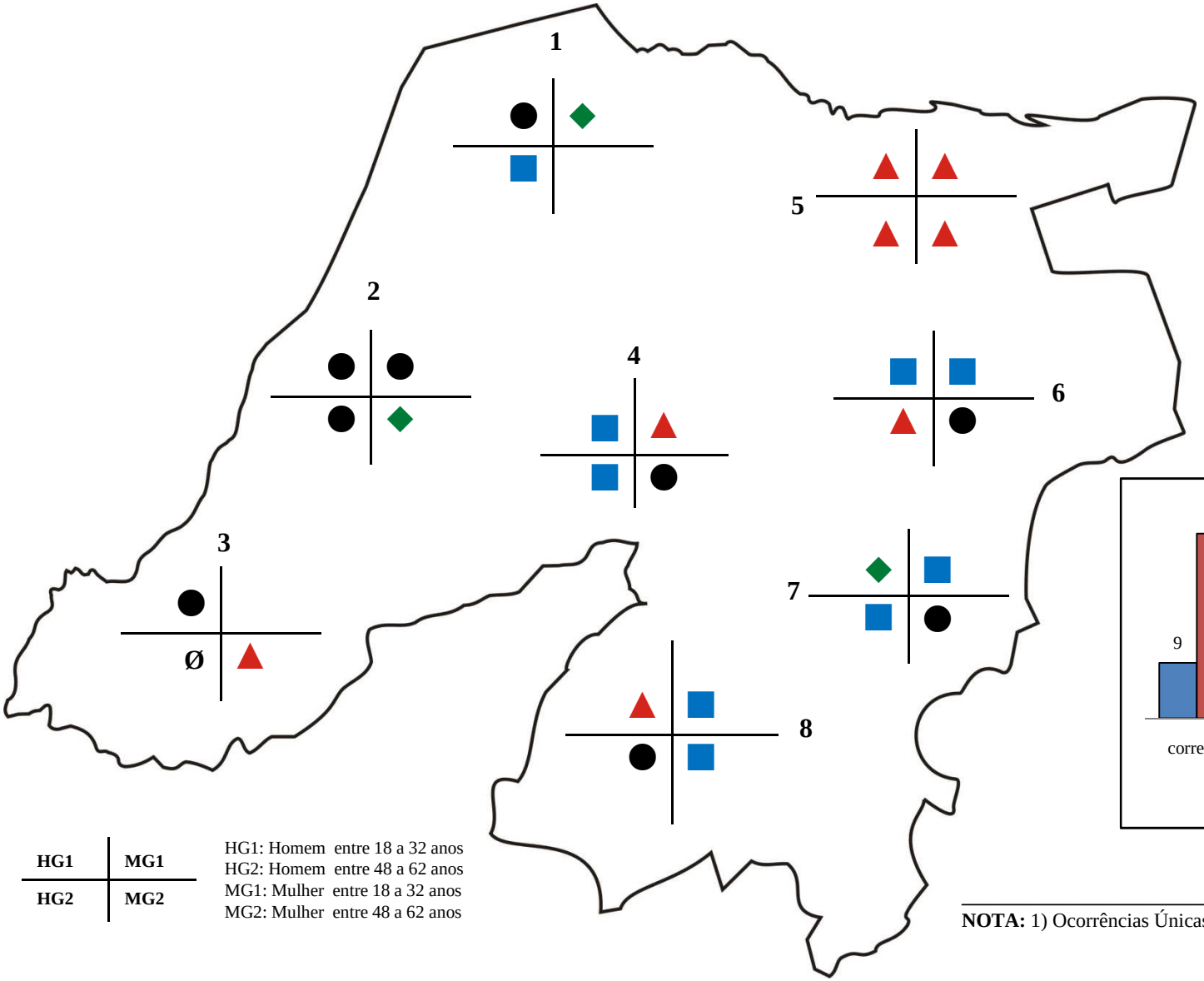
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

NOTA: 1) Ocorrências Únicas: **levada** e **valeta** (MO3), **corrente** (AP4), **poço** (MA2), **camboa** (MA3), **cacimba** e **lagoinha** (CN2).

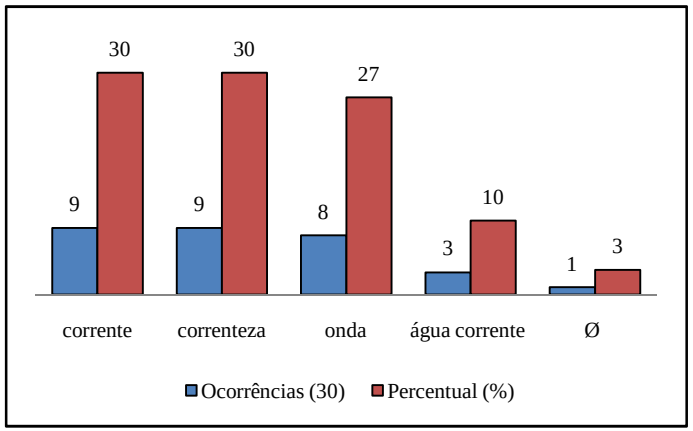
ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta Léxica 2
ONDA DE RIO

QSL 5: ... o movimento da água do rio?



LEGENDA
- ● corrente
- ■ correnteza
- ▲ onda
- ◆ água corrente
- Ø abstenções



HG1	MG1
HG2	MG2

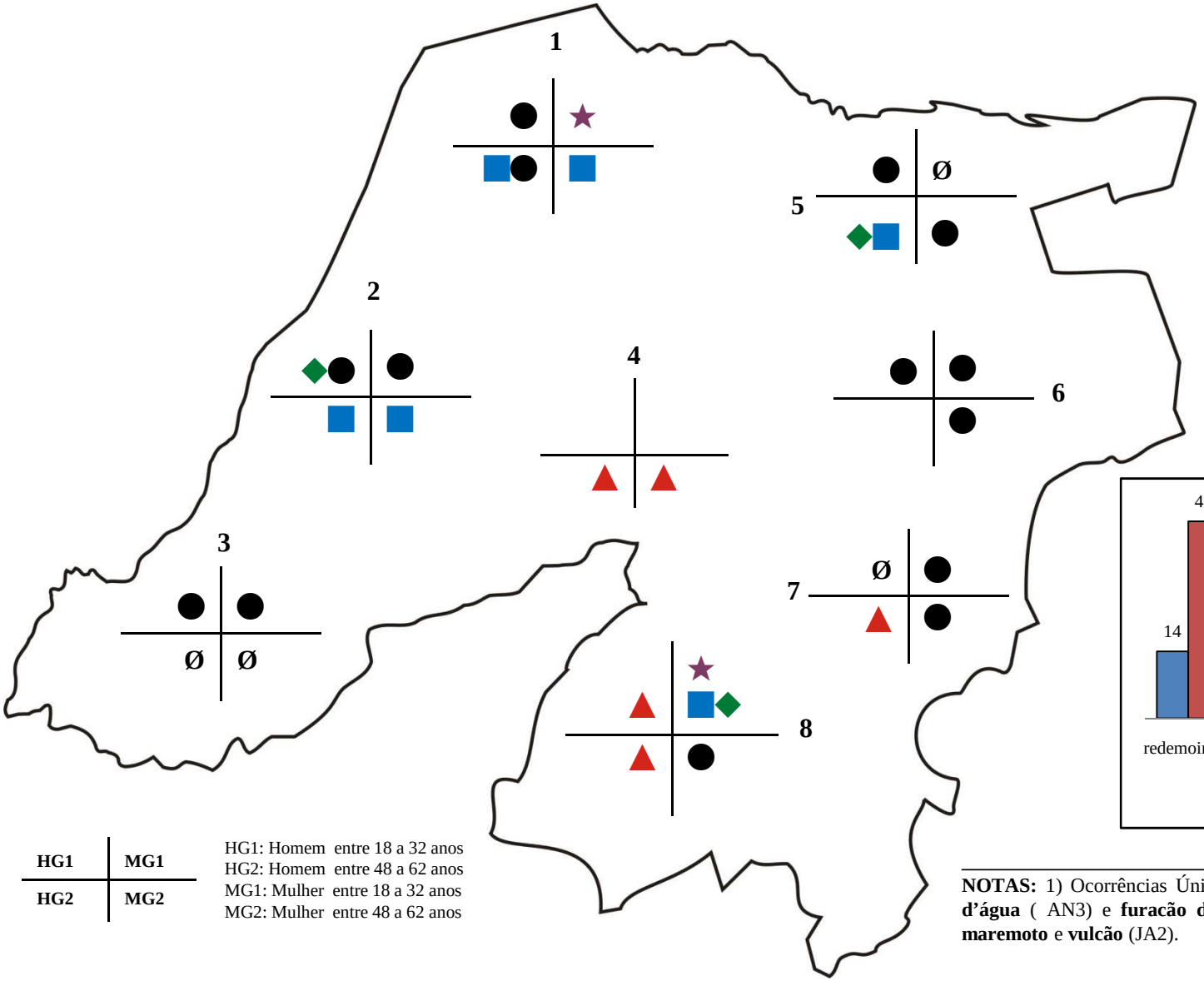
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

NOTA: 1) Ocorrências Únicas: **mareta** (MO4) e **balanço** (PF2).

ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

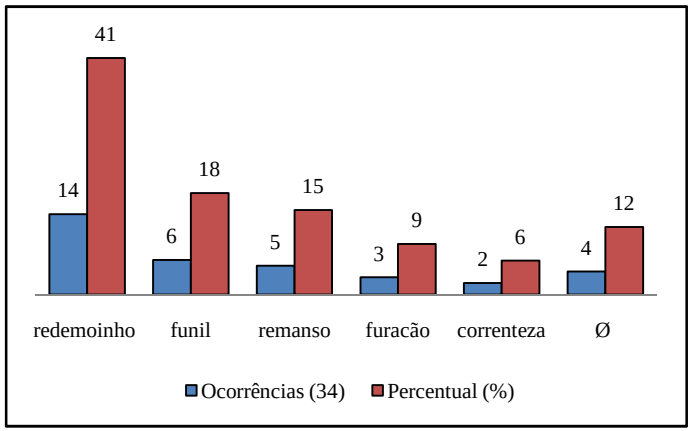
Carta Léxica 3
REDEMOINHO (DE ÁGUA)

QSL 6: ... quando a água começa a girar, num rio, a gente diz que tem um ... ?



LEGENDA

- ● redemoinho
- ■ funil
- ▲ remanso
- ◆ furacão
- ★ correnteza
- Ø abstenções



HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

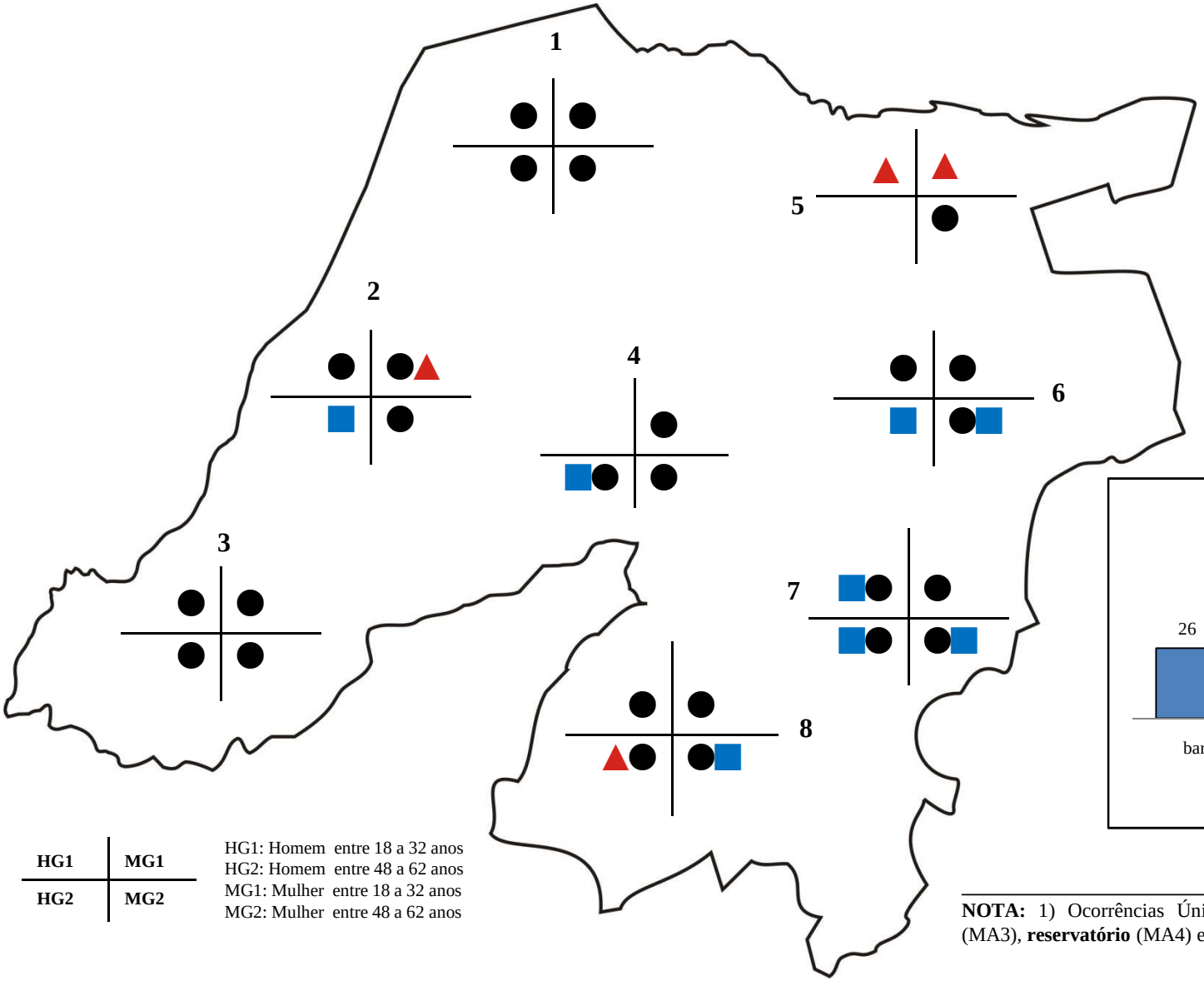
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

NOTAS: 1) Ocorrências Únicas: **furacão no mar** (JA1), **parafuso** (JA3), **moinho d'água** (AN3) e **furacão dentro d'água** (CN2); 2) Outras Respostas Diferentes: **maremoto** e **vulcão** (JA2).

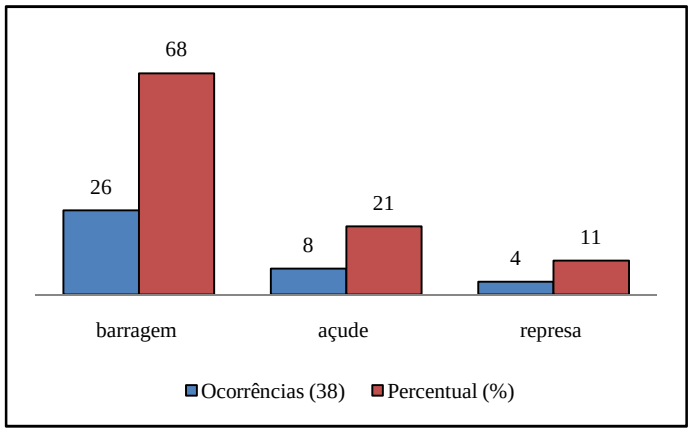
ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta Léxica 4
AÇUDE

QSL 9: ... a construção que retém a água dos rios pra serem utilizadas depois?



LEGENDA
- barragem
- açude
- represa



HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

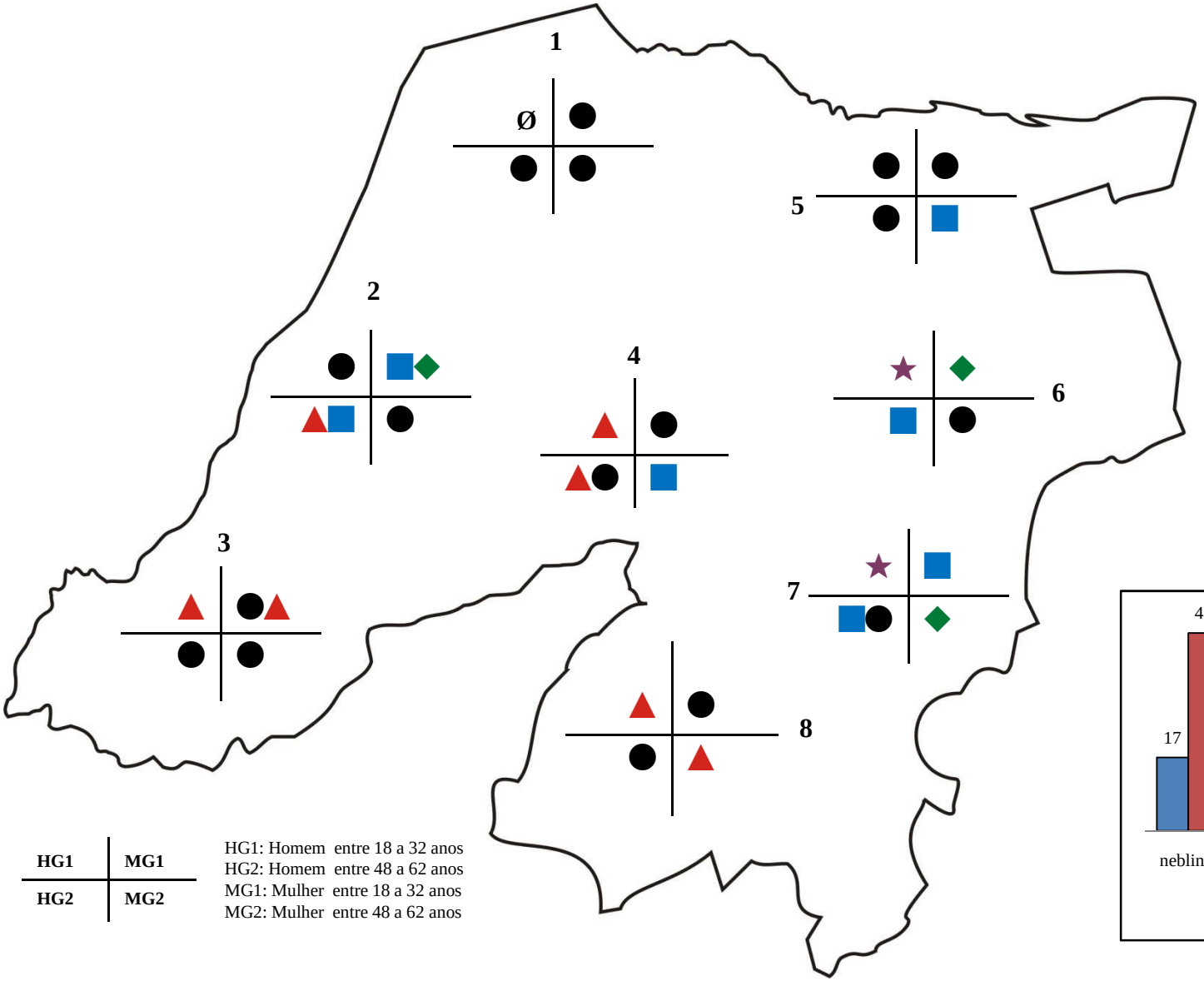
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

NOTA: 1) Ocorrências Únicas: **usina** (JA1), **cisterna** e **tanque** (JA4), **viveiro** (MA3), **reservatório** (MA4) e **barreiro** (CN1).

ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

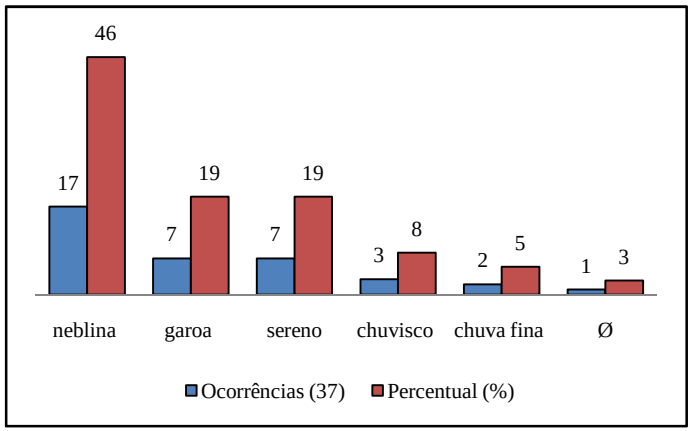
Carta Léxica 5
GAROA

QSL 15: ... uma chuva bem fininha?



LEGENDA

- ● neblina
- ■ garoa
- ▲ sereno
- ◆ chuvisco
- ★ chuva fina
- Ø abstenções



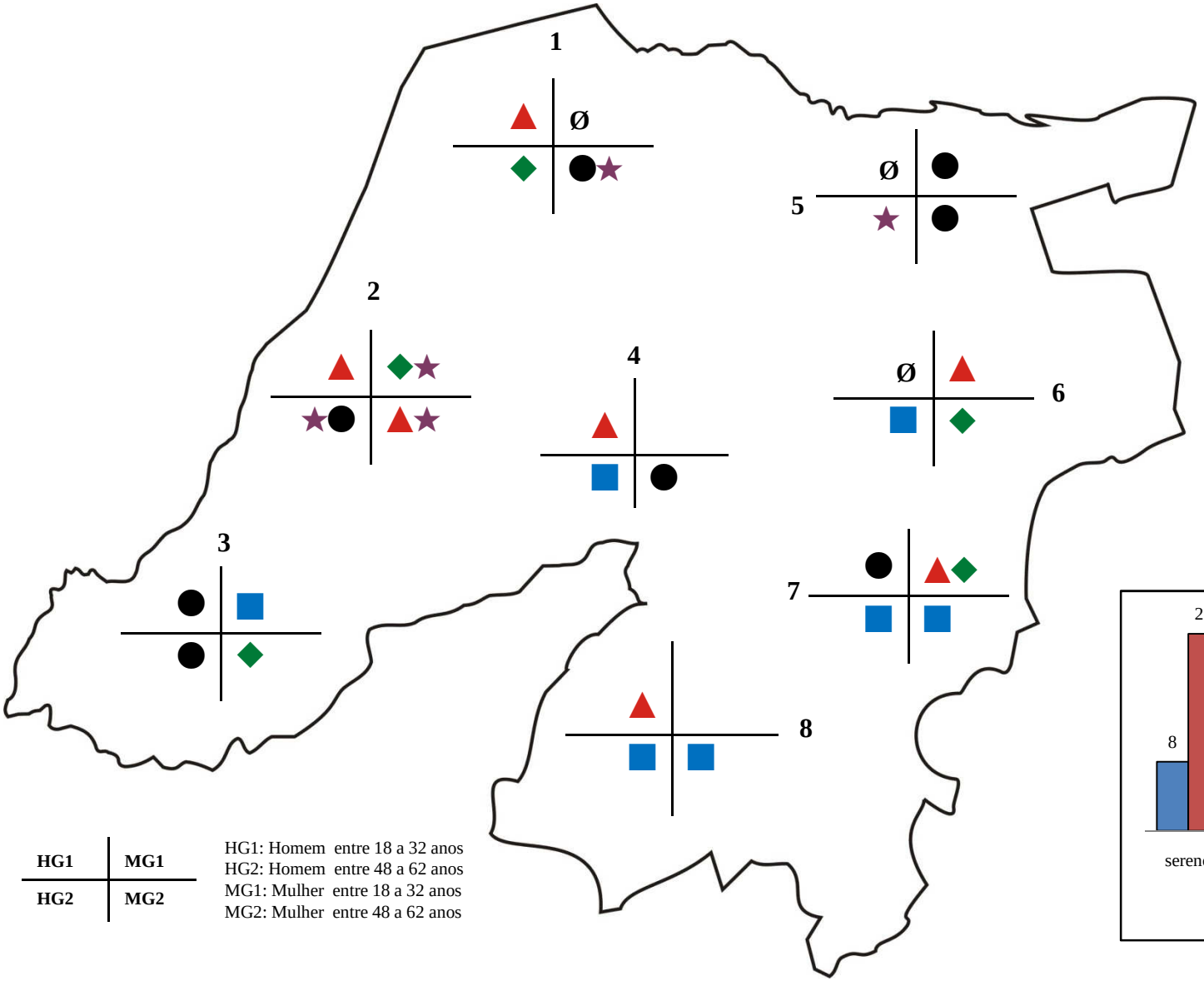
HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

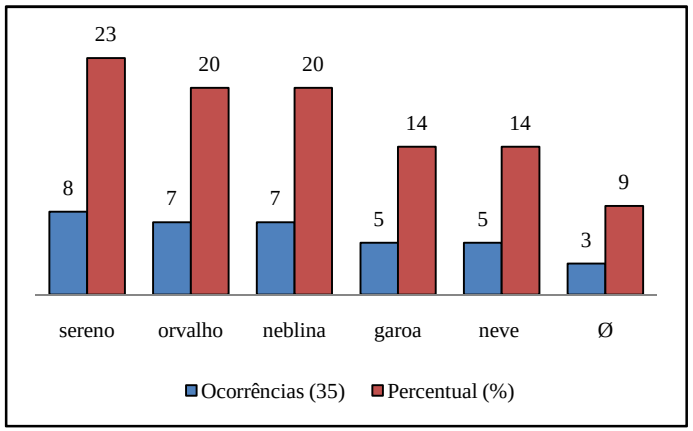
Carta Léxica 6
ORVALHO

QSL 17: ... aquilo que molha a grama de manhã cedo?



LEGENDA

- ● sereno
- ■ orvalho
- ▲ neblina
- ◆ garoa
- ★ neve
- Ø abstenções



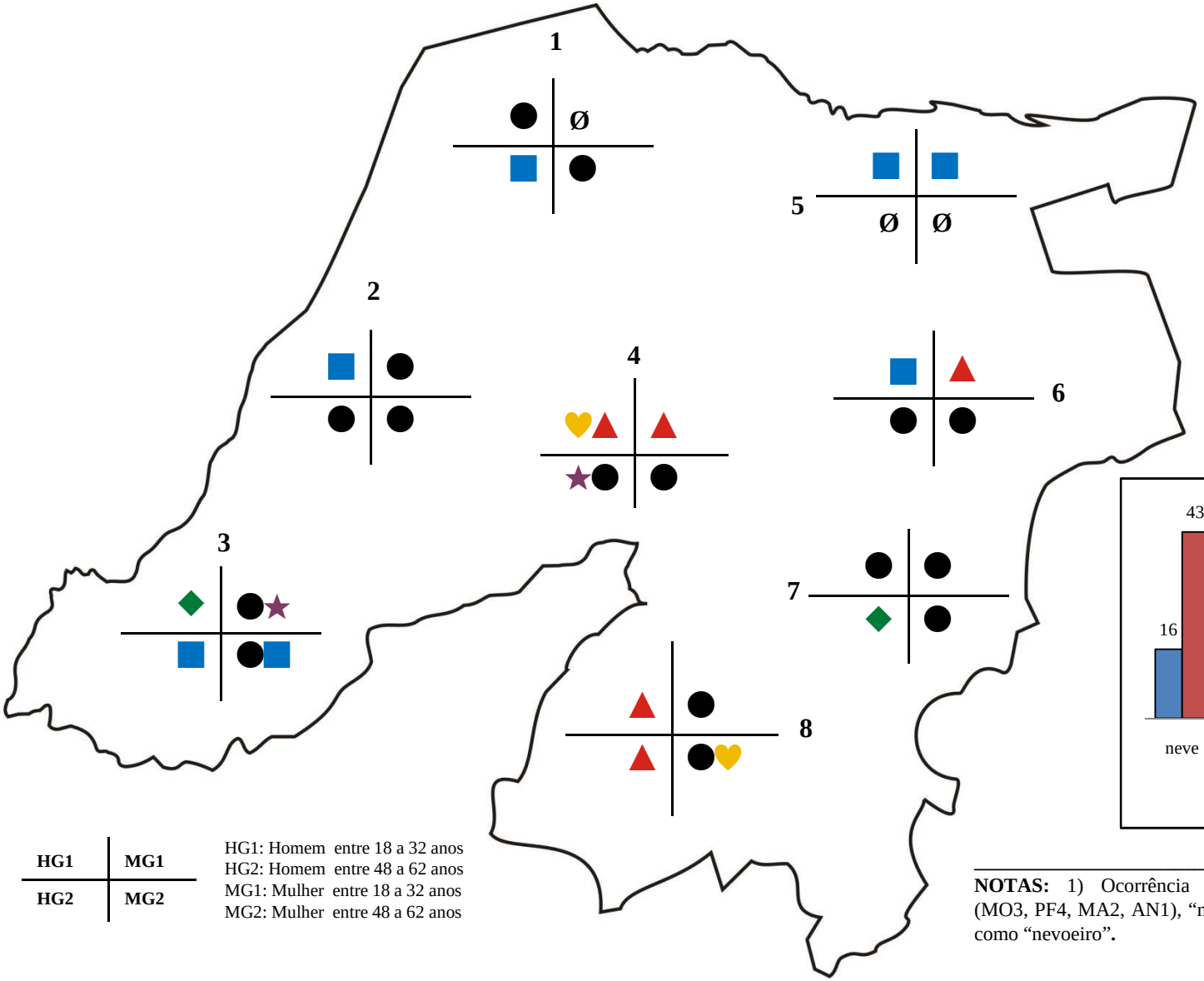
HG1	MG1
HG2	MG2

HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

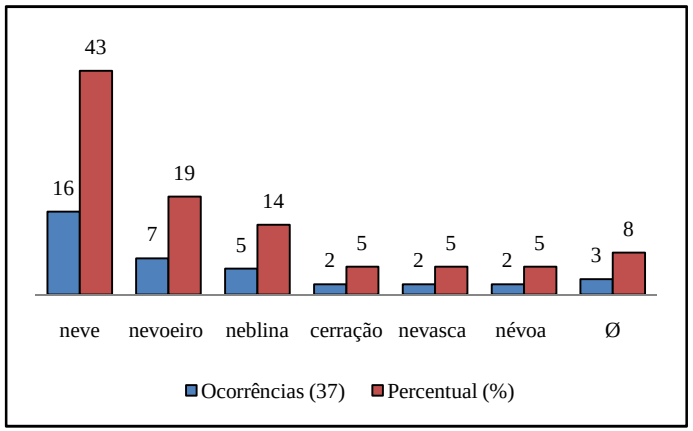
Carta Léxica 7
NEVOEIRO

QSL 18: ... aquilo parecido com fumaça que, nas estradas, impede os motoristas de enxergarem?



LEGENDA

- ● neve
- ■ nevoeiro
- ▲ neblina
- ◆ cerração
- ★ nevasca
- ♥ névoa
- Ø abstenções



HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

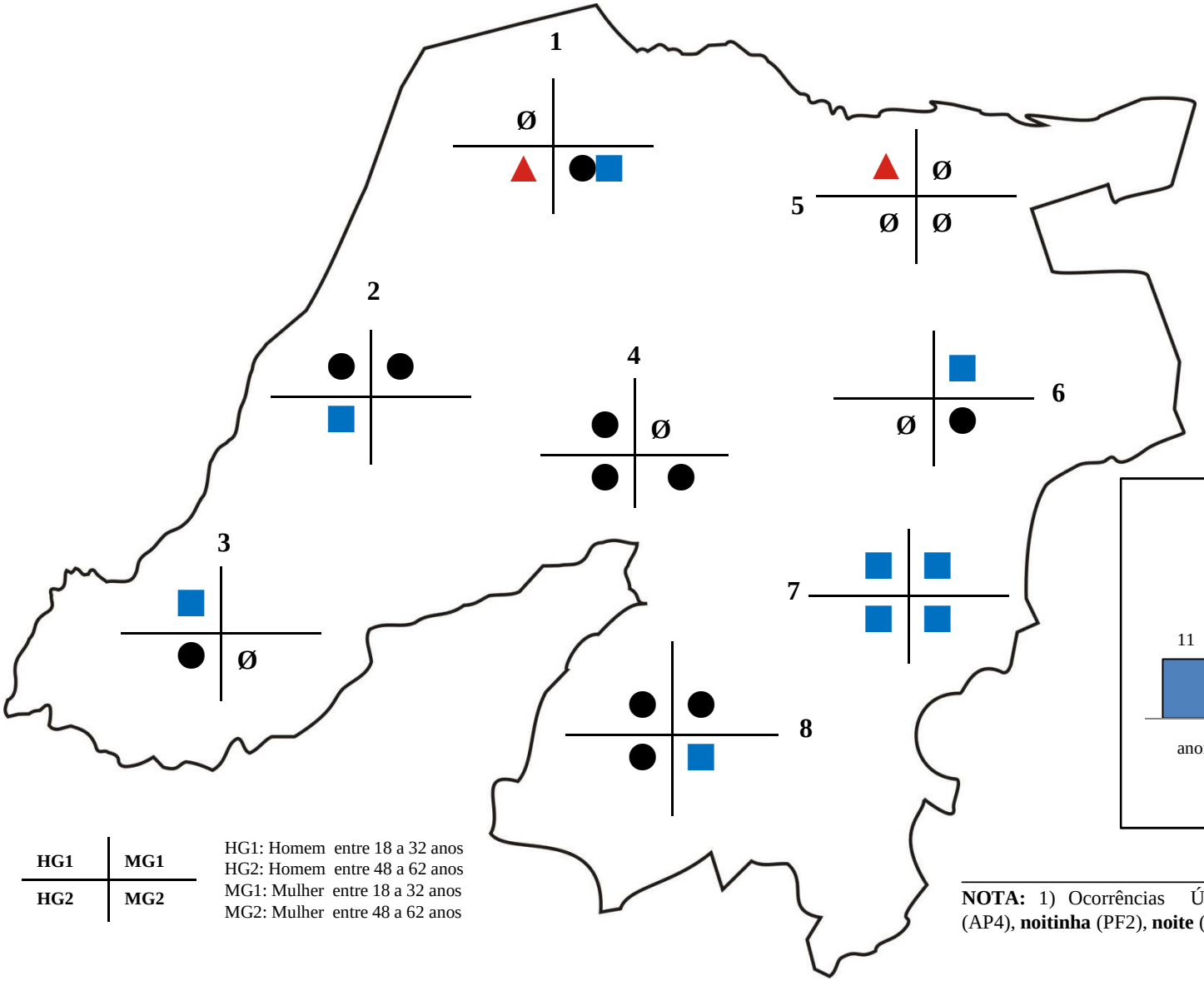
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

NOTAS: 1) Ocorrência Única: **fumaça** (CN4); 2) As respostas "nevuero" (MO3, PF4, MA2, AN1), "nivuero" (PF3, MA1) e "nuvuero" (AP1) foram registradas como "nevoeiro".

ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

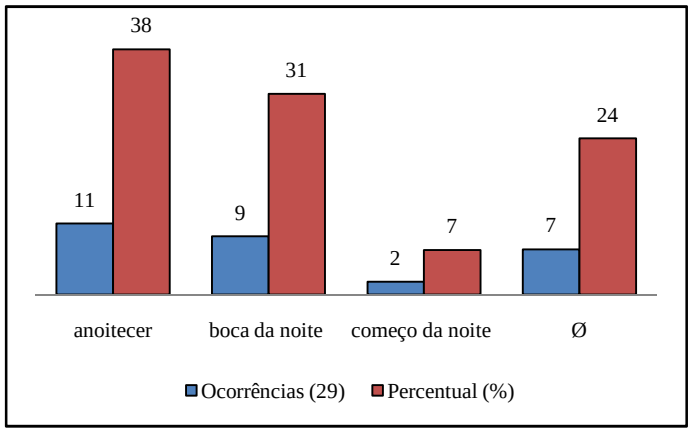
Carta Léxica 8
ANOITECER

QSL 19: ... o começo da noite?



LEGENDA

- ● anoitecer
- ■ boca da noite
- ▲ começo da noite
- Ø abstenções



HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

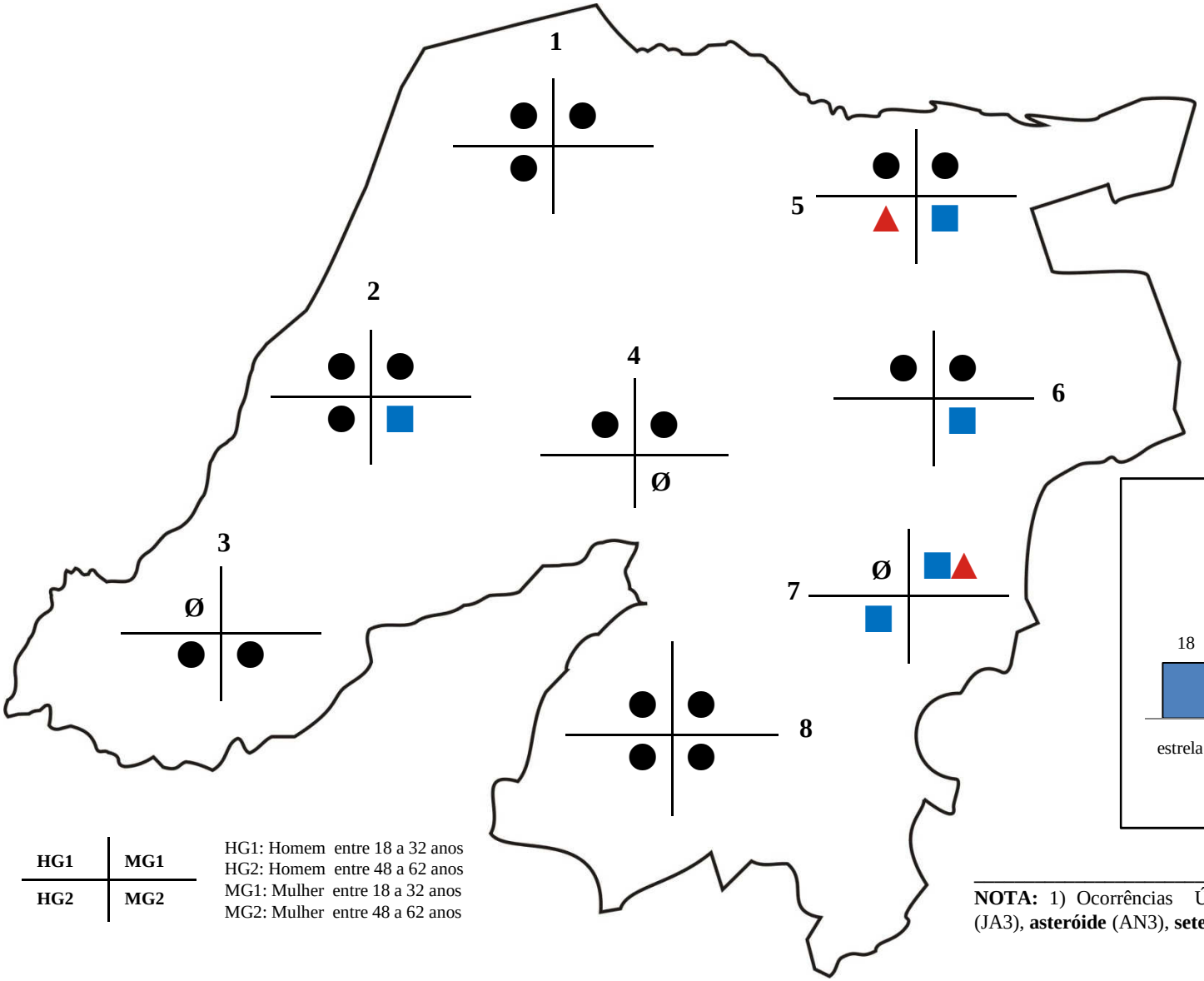
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

NOTA: 1) Ocorrências Únicas: **tarde** (MO2), **ficou de noite** e **escurecer** (AP4), **noitinha** (PF2), **noite** (AN1) e **tardizinha** (CA1).

ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

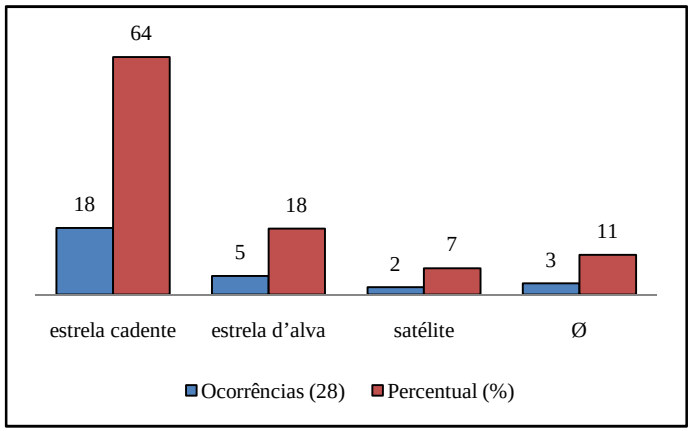
Carta Léxica 9
ESTRELA CADENTE

QSL 22: ... Aquela estrela que se desloca no céu, assim (mímica) e faz um rico de luz?



LEGENDA

- ● estrela cadente
- ■ estrela d'alva
- ▲ satélite
- Ø abstenções



HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

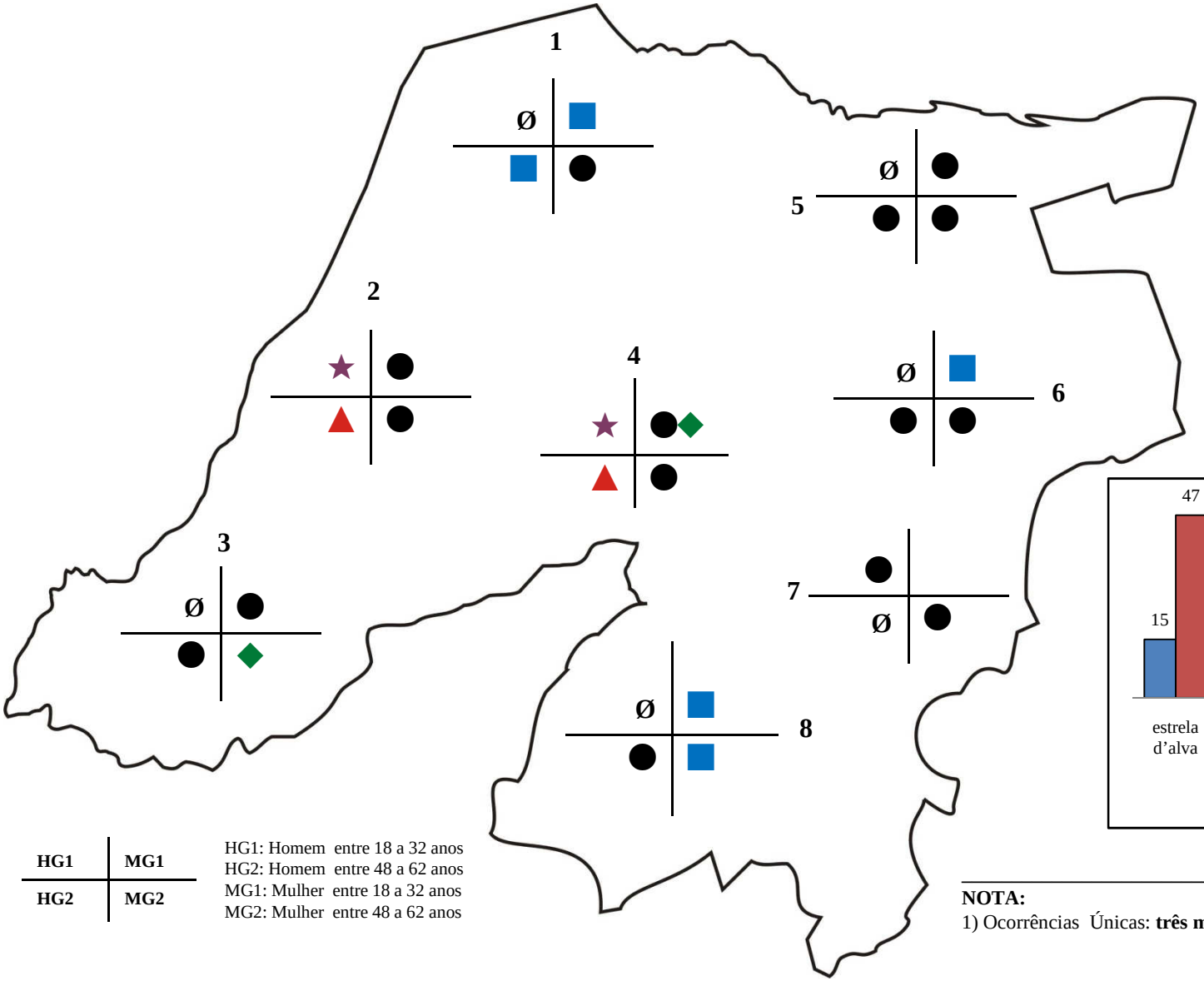
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

NOTA: 1) Ocorrências Únicas: **faísca** (MO4), **estrela de Davi** (PF2), **cometa** (JA3), **asteróide** (AN3), **sete estrelas** (CN3) e **zelação** (CN4).

ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

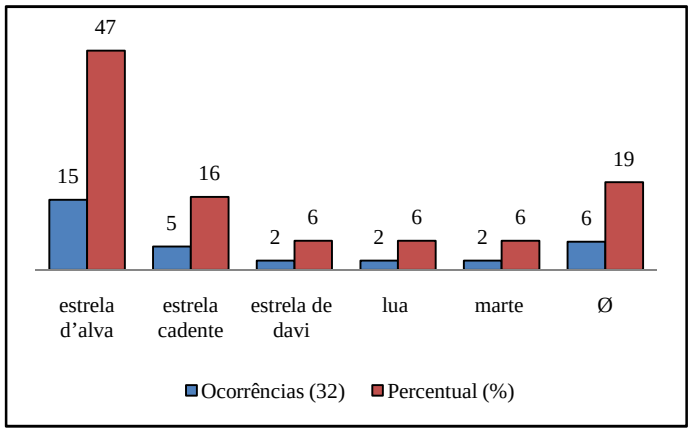
Carta Léxica 10
ESTRELA D'ALVA

QSL 23: ... aquela estrela grande que brilha muito e aparece antes do nascer do sol e depois pôr-do-sol?



LEGENDA

- ● estrela d'alva
- ■ estrela cadente
- ▲ estrela de davi
- ◆ lua
- ★ marte
- Ø abstenções



HG1	MG1
HG2	MG2

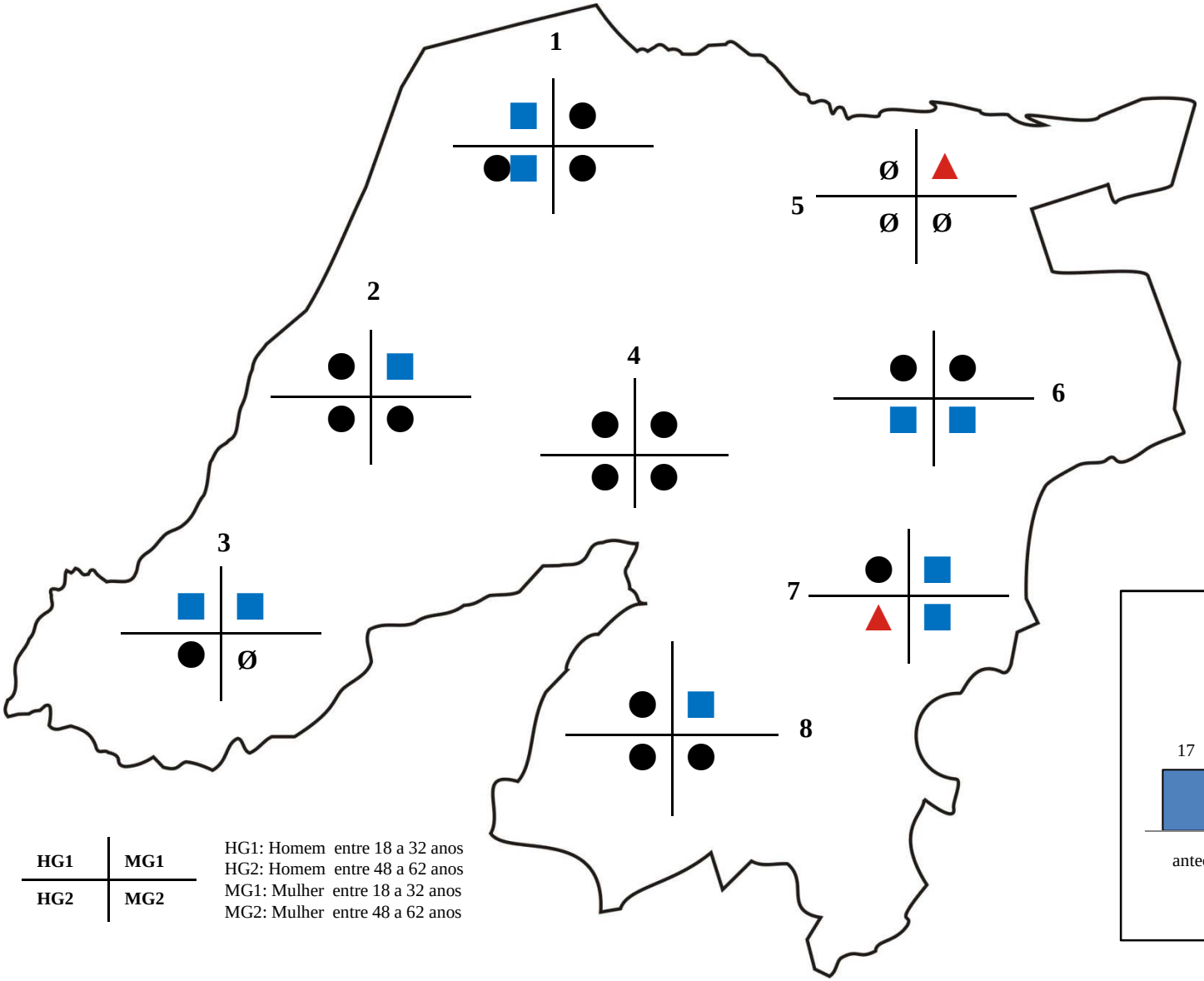
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

NOTA:
1) Ocorrências Únicas: **três marias** (CN2) e **estrela-guia** (CA4).

ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

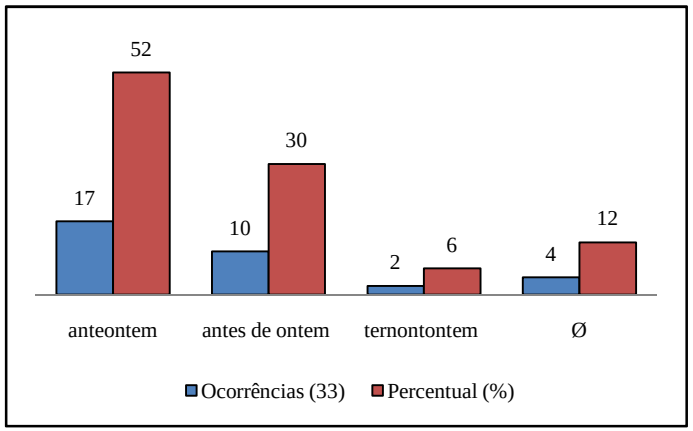
Carta Léxica 11
ANTEONTEM

QSL 25: ... o dia que foi antes de ontem?



LEGENDA

- ● anteontem
- ■ antes de ontem
- ▲ ternontontem
- Ø abstenções



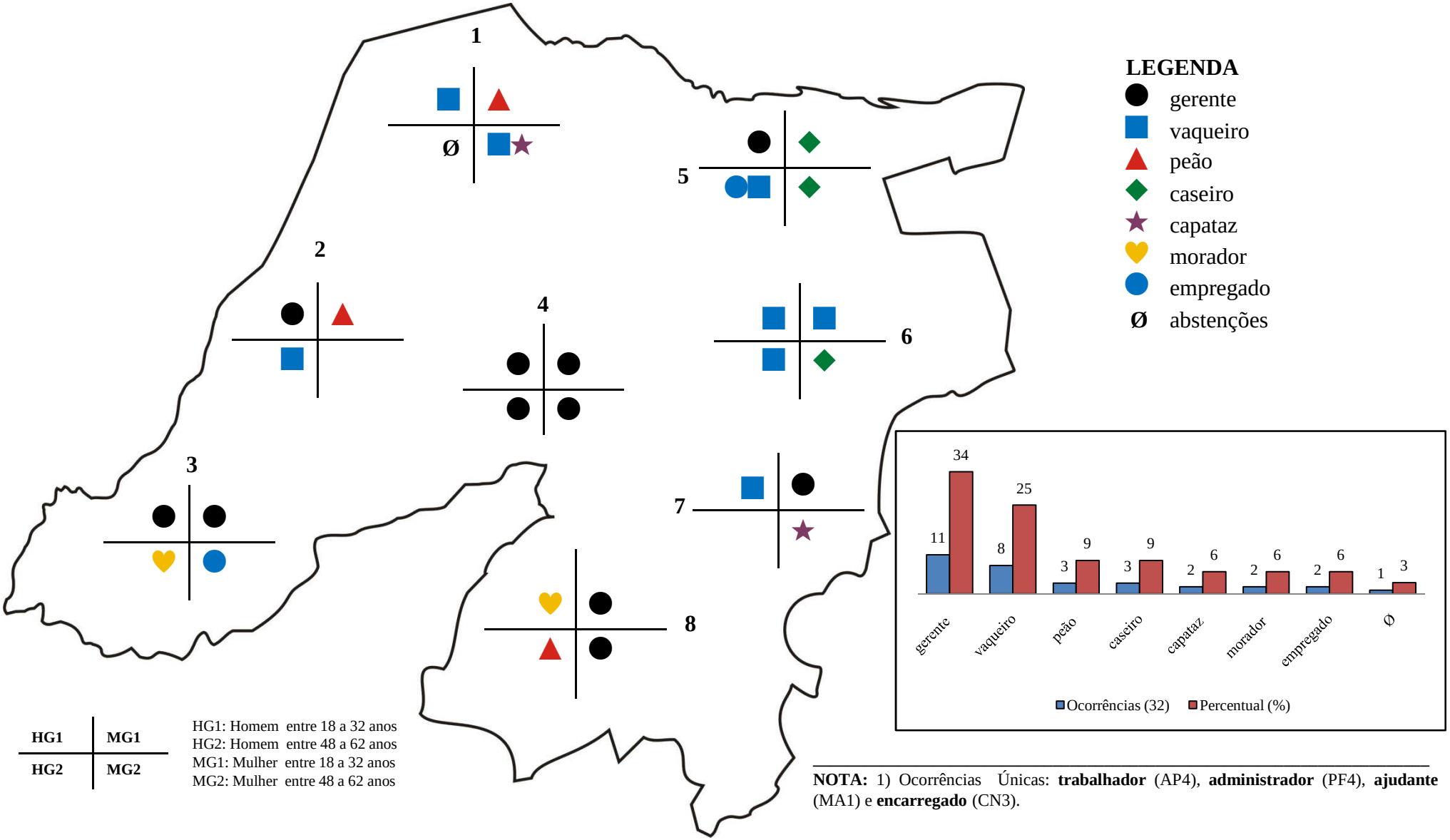
HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta Léxica 12
CAPATAZ

QSL 26: ... a pessoa que cuida da fazenda quando o dono não está?

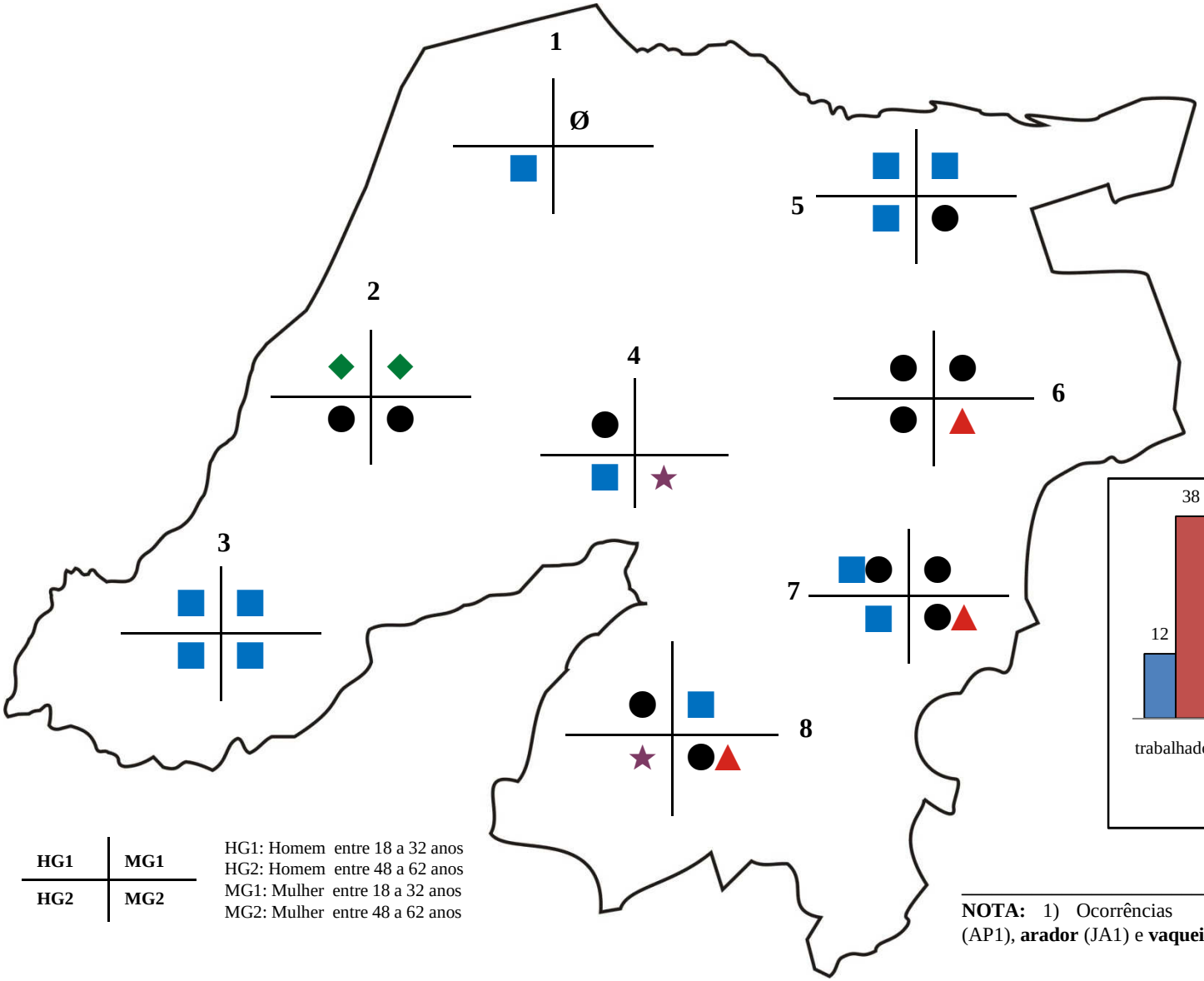


NOTA: 1) Ocorrências Únicas: **trabalhador** (AP4), **administrador** (PF4), **ajudante** (MA1) e **encarregado** (CN3).

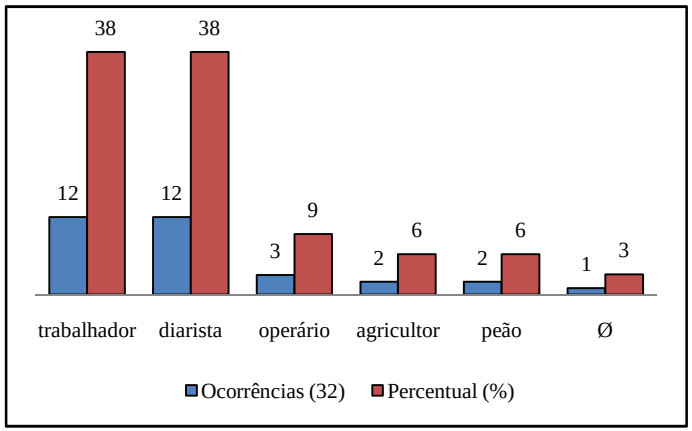
ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta Léxica 13
TRABALHADOR DE ENXADA EM ROÇA ALHEIA

QSL 27: ... o homem que é contratado para trabalhar na roça de outro e recebe por dia de trabalho?



LEGENDA
- ● trabalhador
- ■ diarista
- ▲ operário
- ◆ agricultor
- ★ peão
- Ø abstenções



HG1	MG1
HG2	MG2

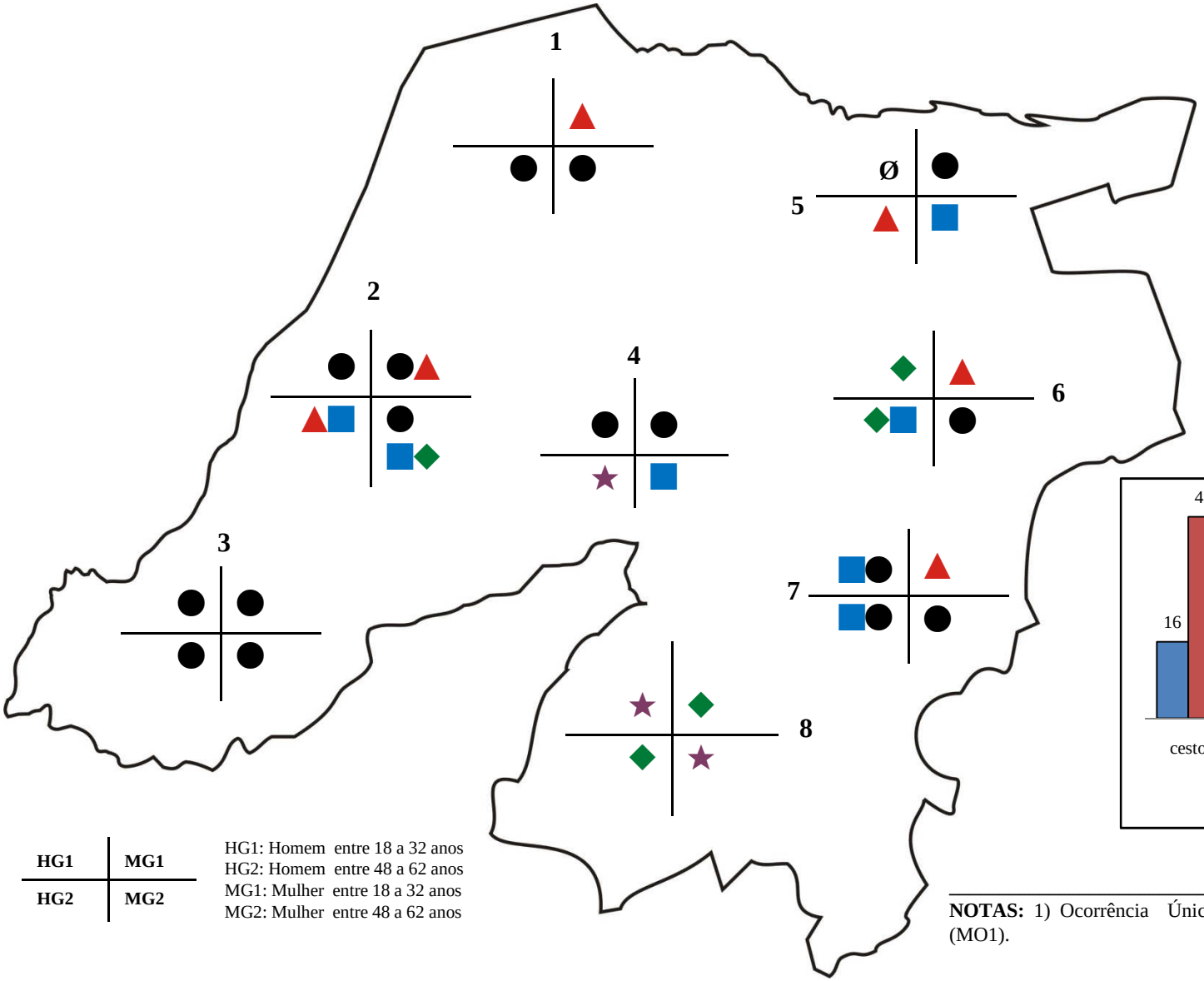
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

NOTA: 1) Ocorrências Únicas: **lavrador** (MO1), **roceiro** (MO4), **caseiro** (AP1), **arador** (JA1) e **vaqueiro** (JA2).

ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

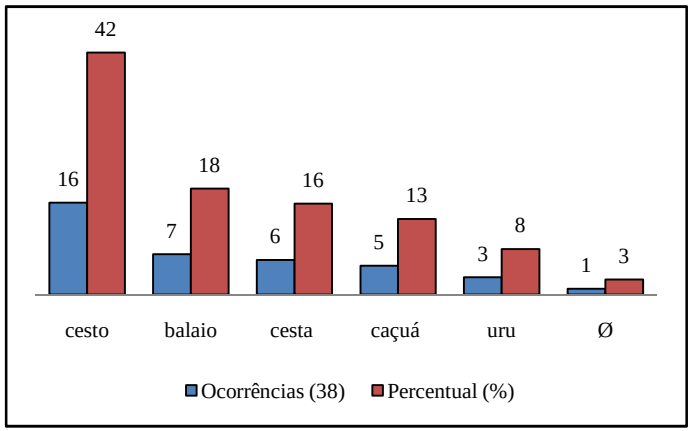
Carta Léxica 14
BALAIO

QSL 30: ... aquele objeto de cipó traçado que serve para levar coisas no lombo do cavalo ou burro?



LEGENDA

- ● cesto
- ■ balaio
- ▲ cesta
- ◆ caçuá
- ★ uru
- Ø abstenções



HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

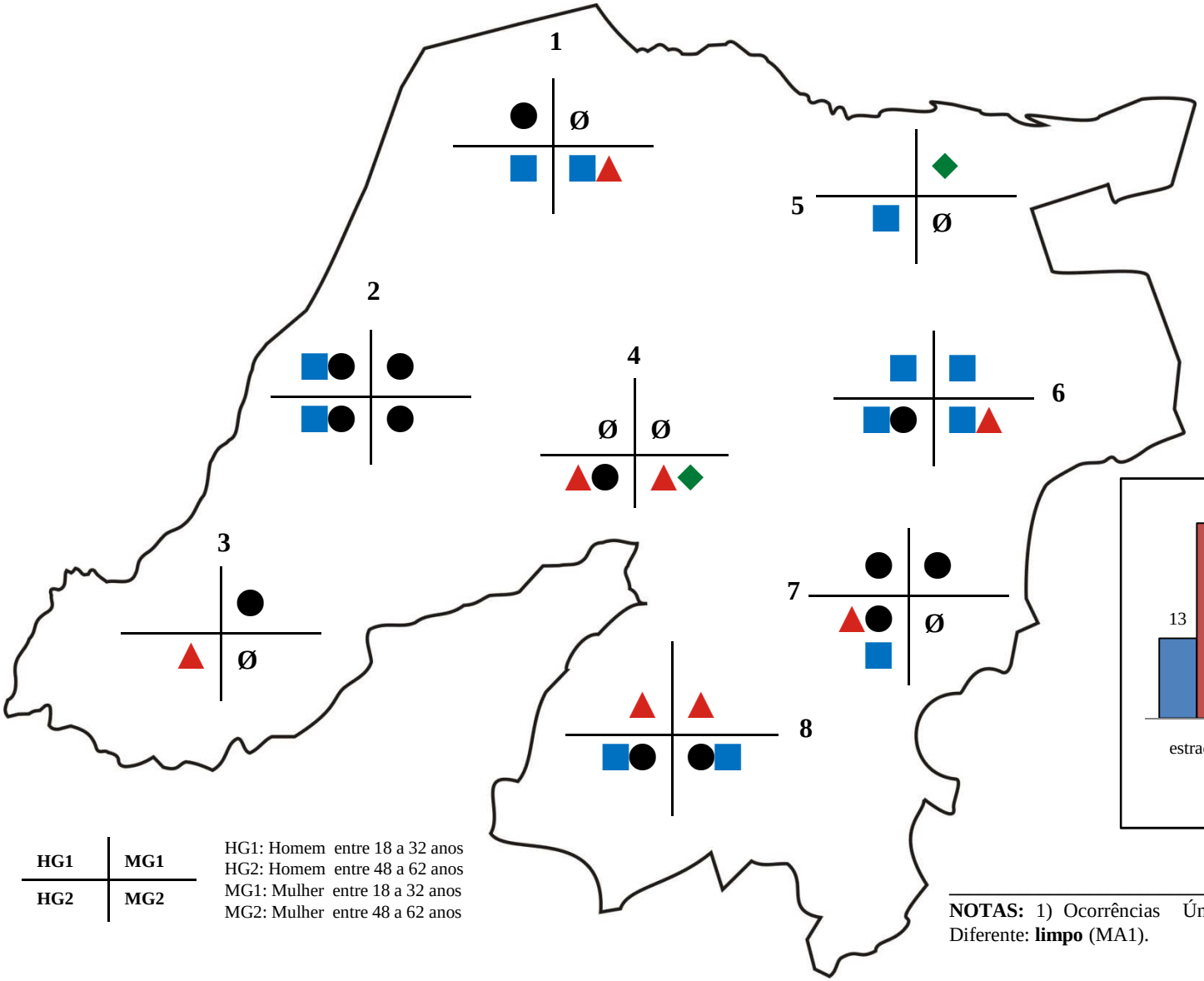
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

NOTAS: 1) Ocorrência Única: **bornal** (MO4); 2) Outra Resposta Diferente: **balde** (MO1).

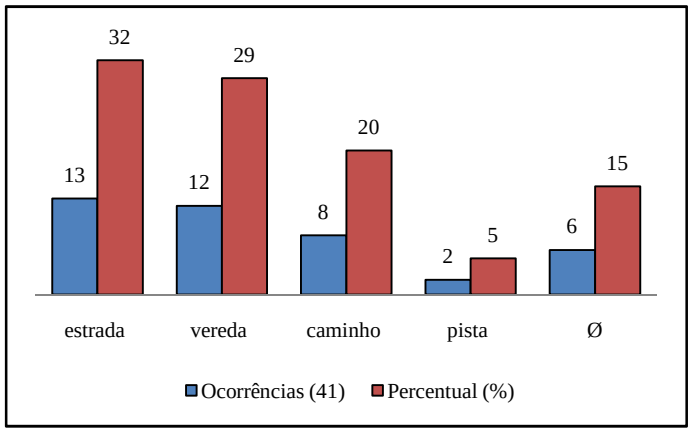
ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta Léxica 15
CAMINHO

QSL 31: ... o caminho onde não cresce mais grama, de tanto o animal ou o homem passarem por ali?



LEGENDA
- ● estrada
- ■ vereda
- ▲ caminho
- ◆ pista
- Ø abstenções



HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

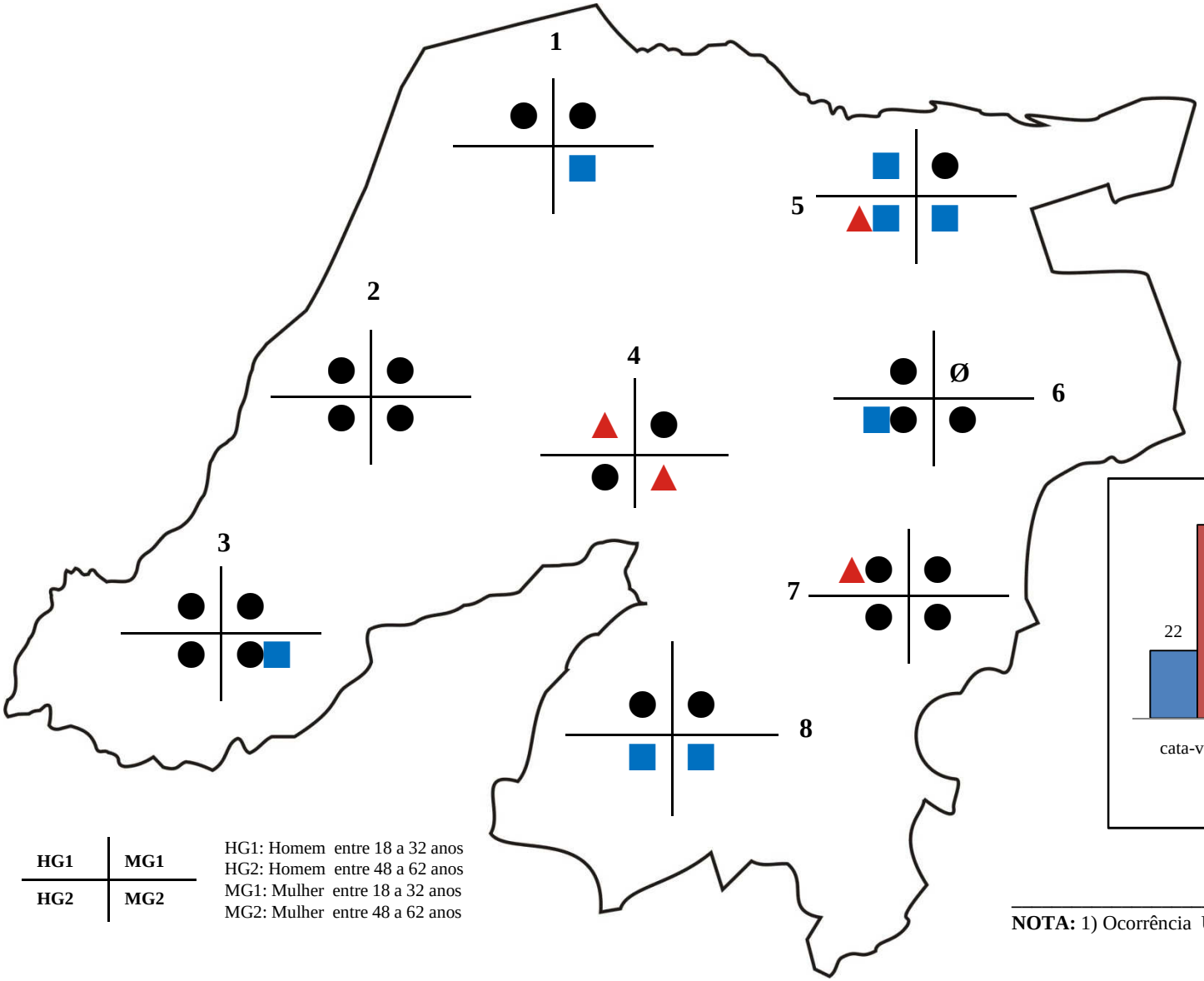
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

NOTAS: 1) Ocorrências Únicas: **trilha** (PF1) e **rastro** (CN1); 2) Outra Resposta Diferente: **limpo** (MA1).

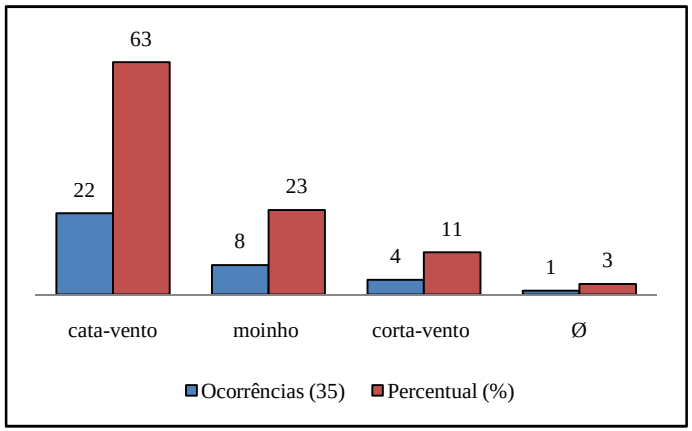
ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta Léxica 16
CATA-VENTO

QSL 32: ... aquilo montado numa torre metálica ou de madeira que aproveita a força do ar pra tirar água de poço?



LEGENDA
- ● cata-vento
- ■ moinho
- ▲ corta-vento
- Ø abstenções



HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

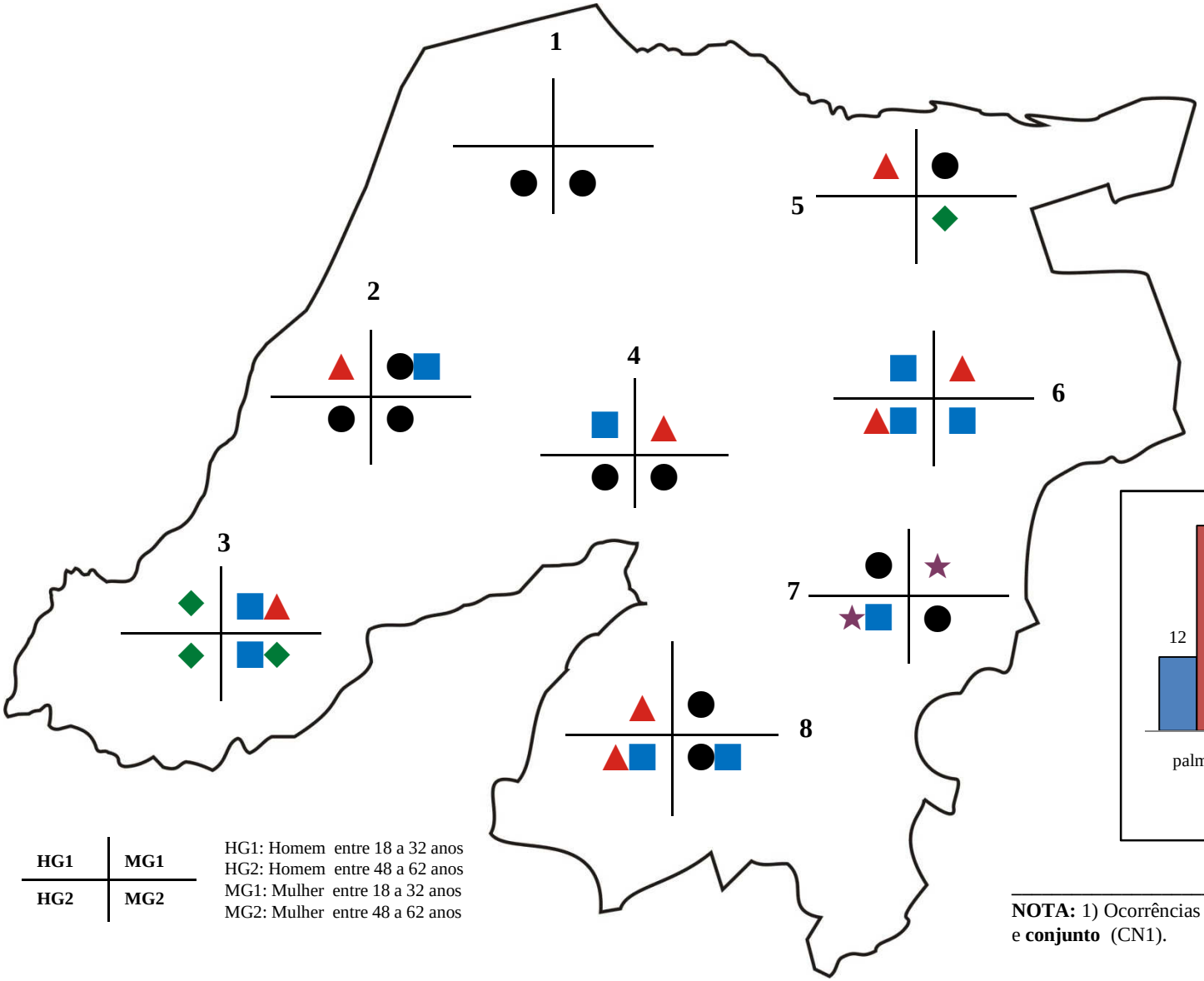
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

NOTA: 1) Ocorrência Única: **redemoinho** (MO3).

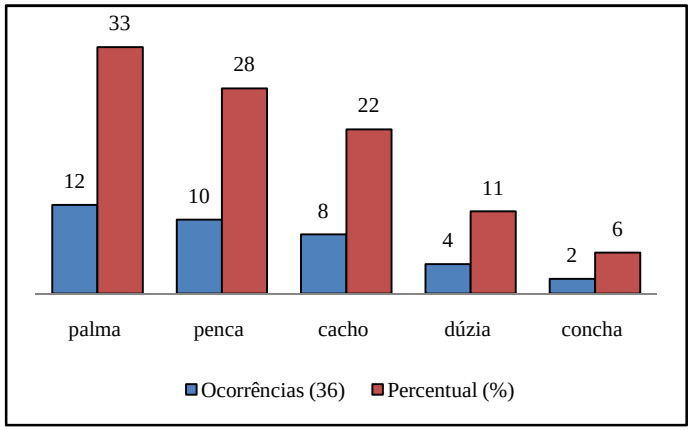
ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta Léxica 17
PENCA

QSL 34: ... cada parte que se corta do cacho da bananeira para pôr para amadurecer?



LEGENDA
- palma
- penca
- cacho
- dúzia
- concha



HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

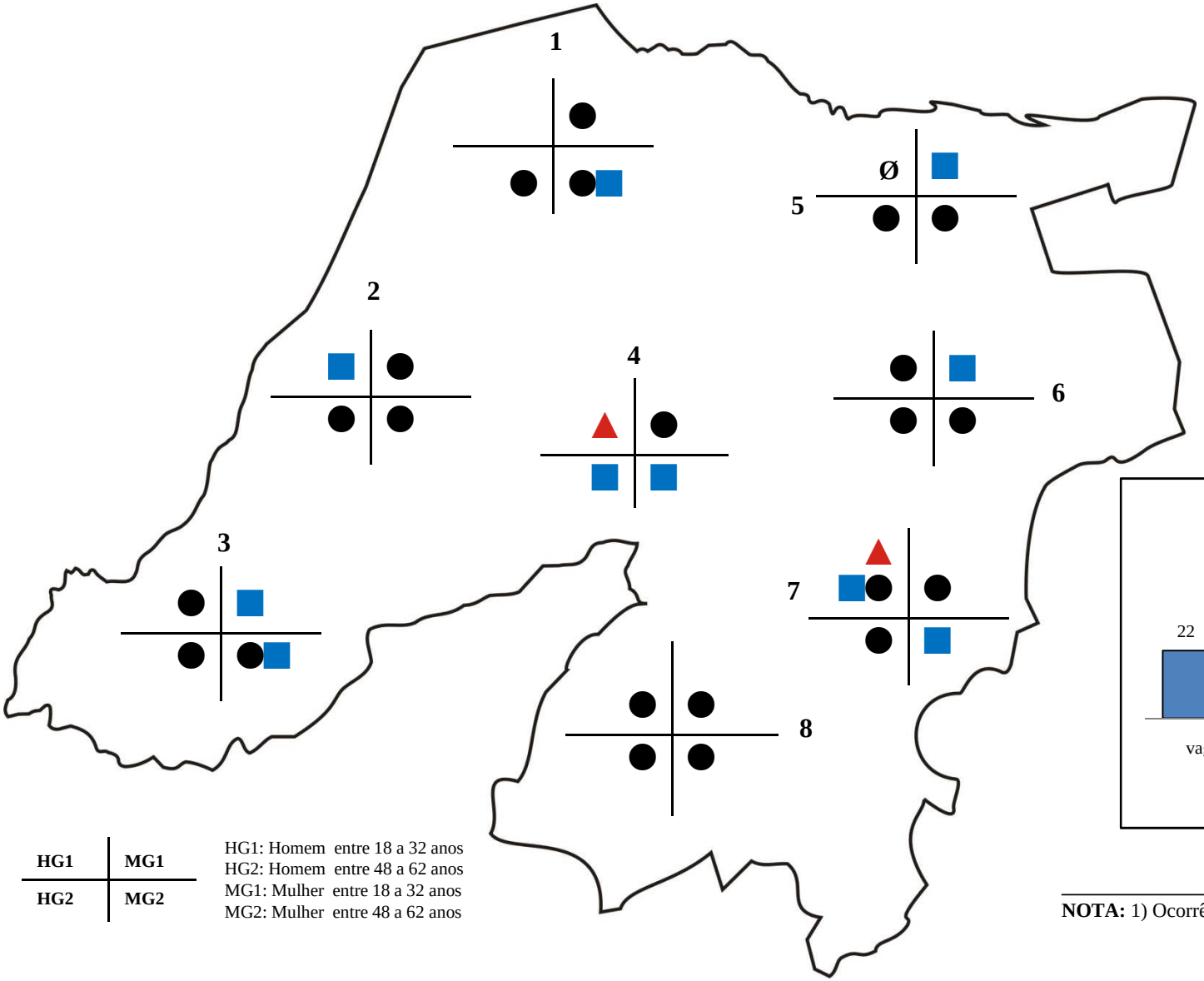
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

NOTA: 1) Ocorrências Únicas: **palha** (MO1), **banana-maçã** (MO2), **grupo** (MA3) e **conjunto** (CN1).

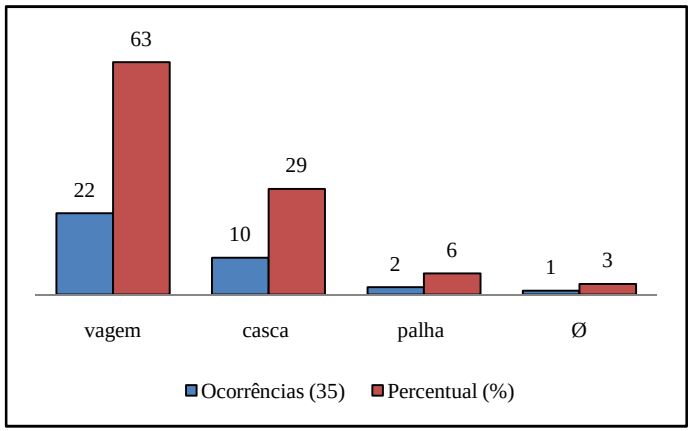
ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta Léxica 18
VAGEM

QSL 35: Onde é que ficam os grãos do feijão, no pé, antes de serem colhidos?



LEGENDA
- ● vagem
- ■ casca
- ▲ palha
- Ø abstenções



HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

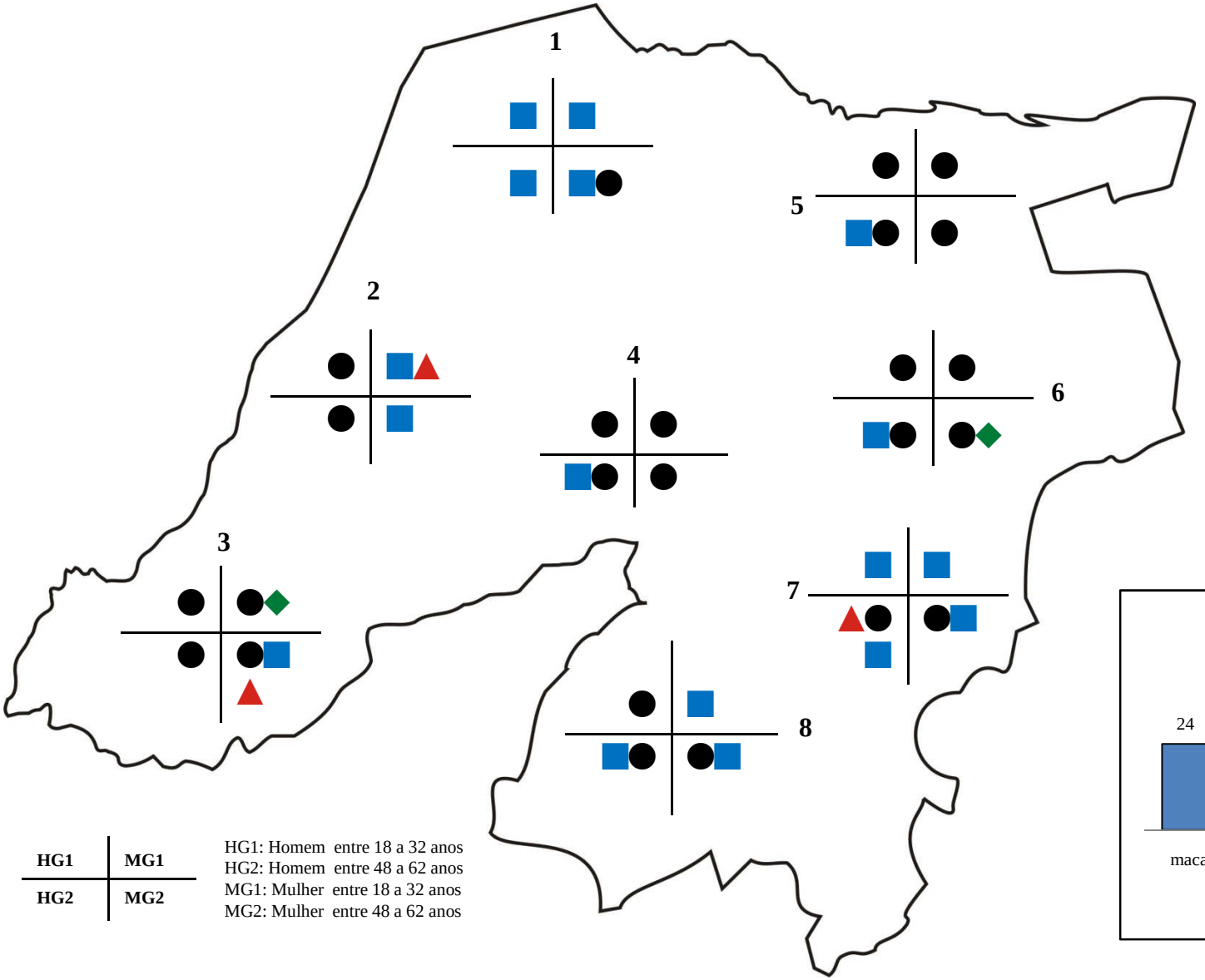
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

NOTA: 1) Ocorrências Únicas: **bainha** (MO1).

ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta Léxica 19
MANDIOCA

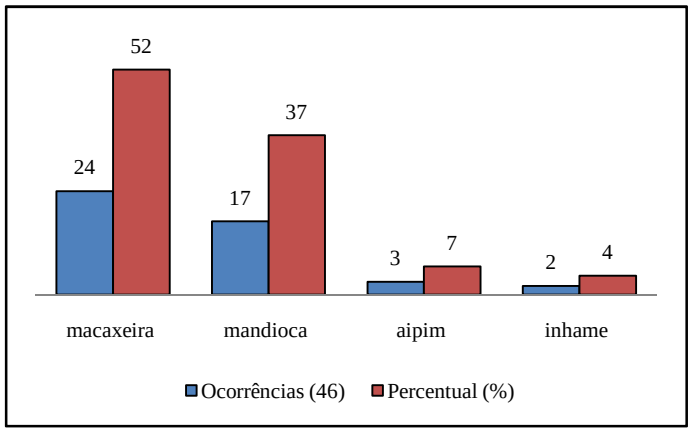
QSL 36: ... aquela raiz branca por dentro, coberta por uma casca, marrom, que se cozinha para comer?



LEGENDA
- macaxeira
- mandioca
- aipim
- inhame

HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

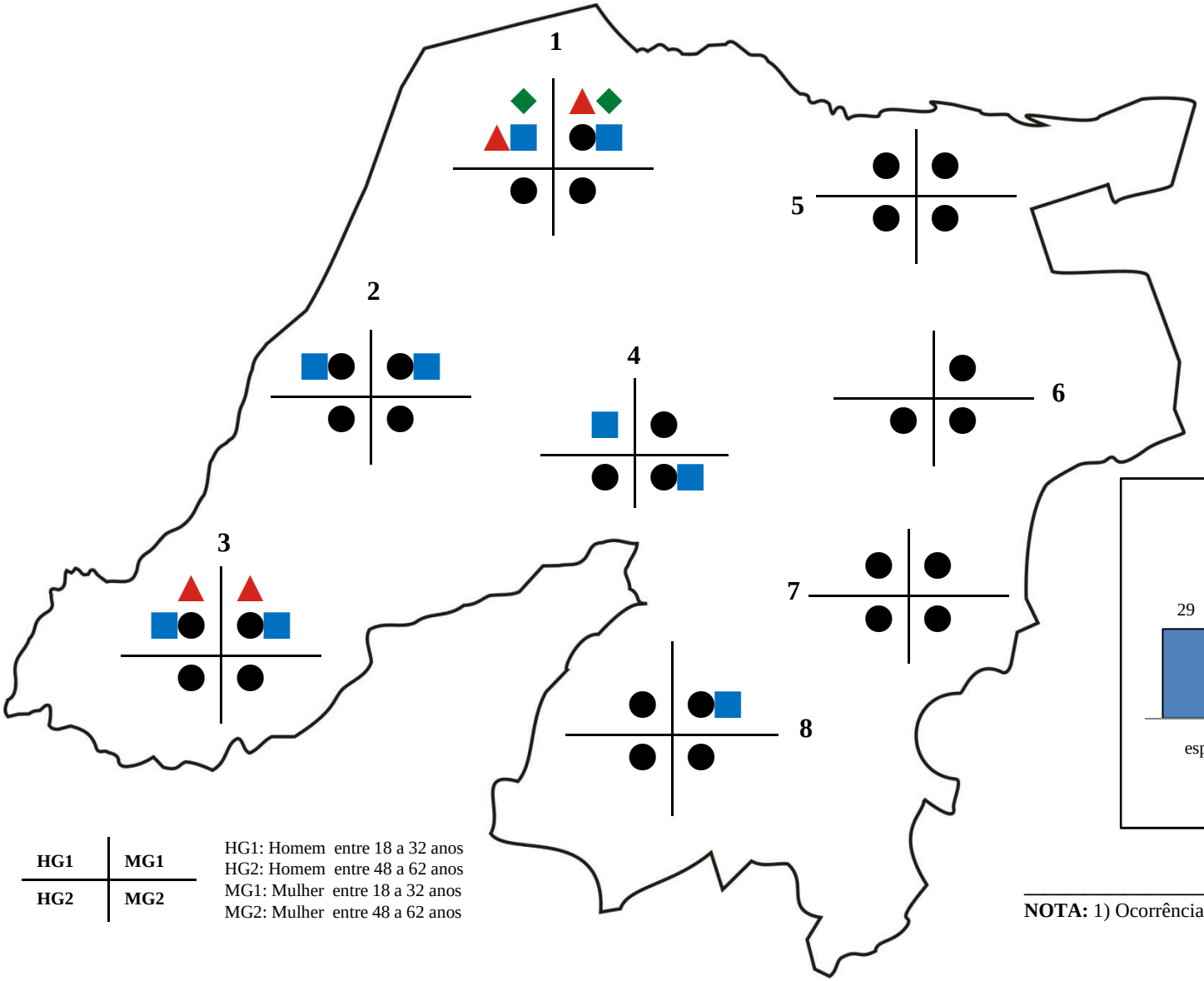
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos



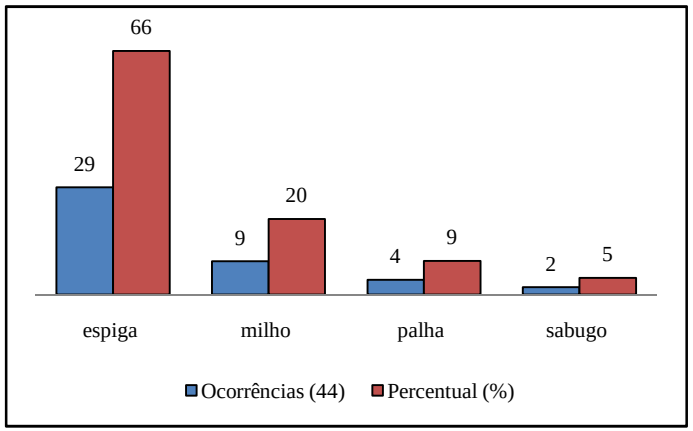
ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta Léxica 20
ESPIGA

QSL 38: Quando se vai colher o milho, o que e se tira do pé?



LEGENDA
- espiga
- milho
- palha
- sabugo



HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

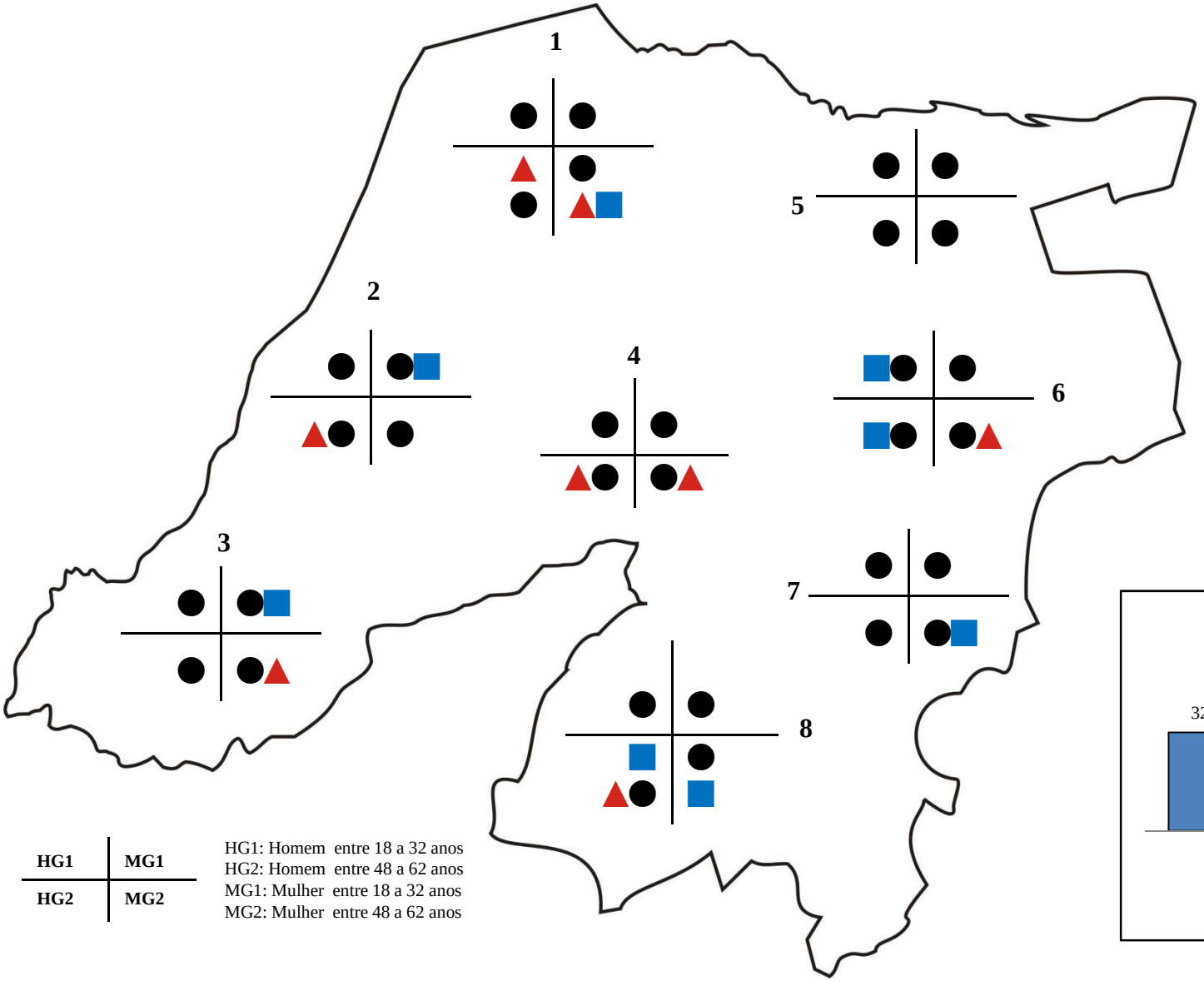
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

NOTA: 1) Ocorrências Únicas: **grão** e **caroço** (JA4) e **boneca** (AN1).

ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta Léxica 21
GUINÉ

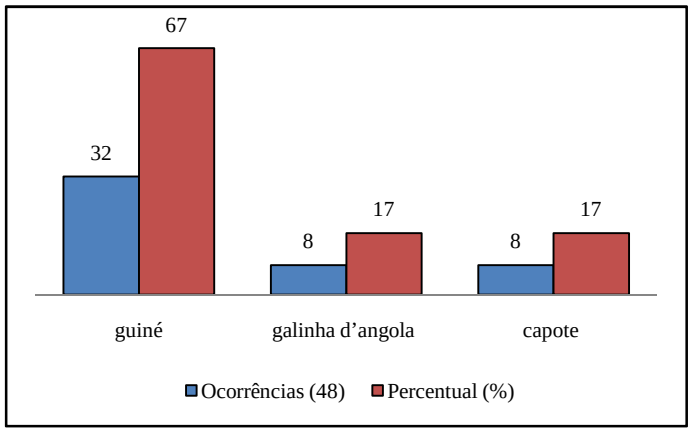
QSL 42: ... a ave parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas?



LEGENDA
- ● guiné
- ■ galinha d'angola
- ▲ capote

HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

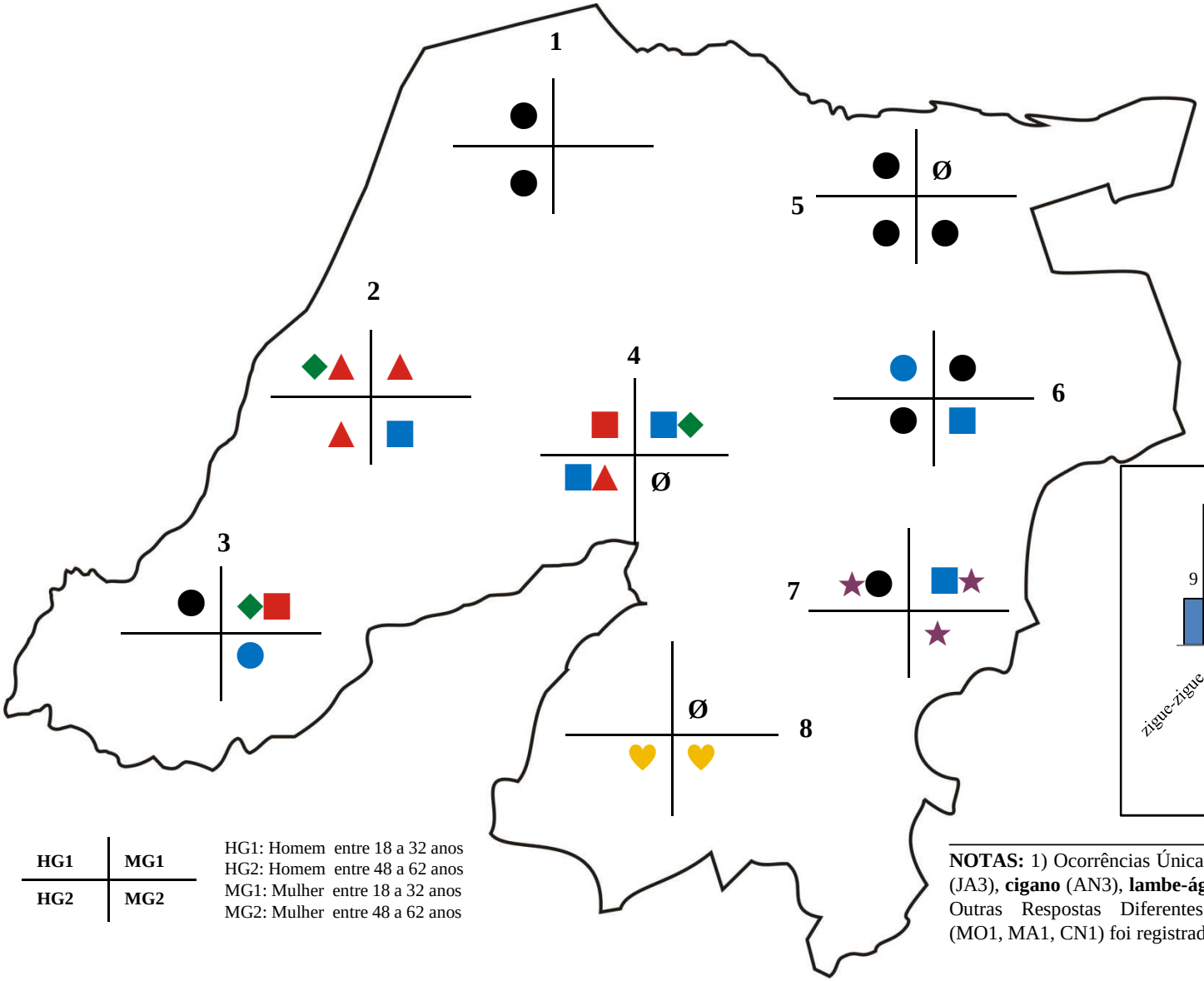
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos



ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

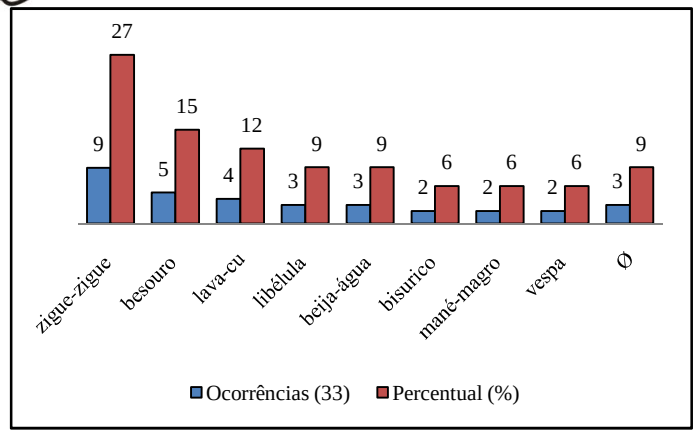
Carta Léxica 22
LIBÉLULA

QSL 44: ... o inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparentes, que voa e bate a parte traseira na água?



LEGENDA

- ● zigue-zigue
- ■ besouro
- ▲ lava-cu
- ◆ libélula
- ★ beija-água
- ♥ bisurico
- ● mané-magro
- ■ vespa
- Ø abstenções



HG1	MG1
HG2	MG2

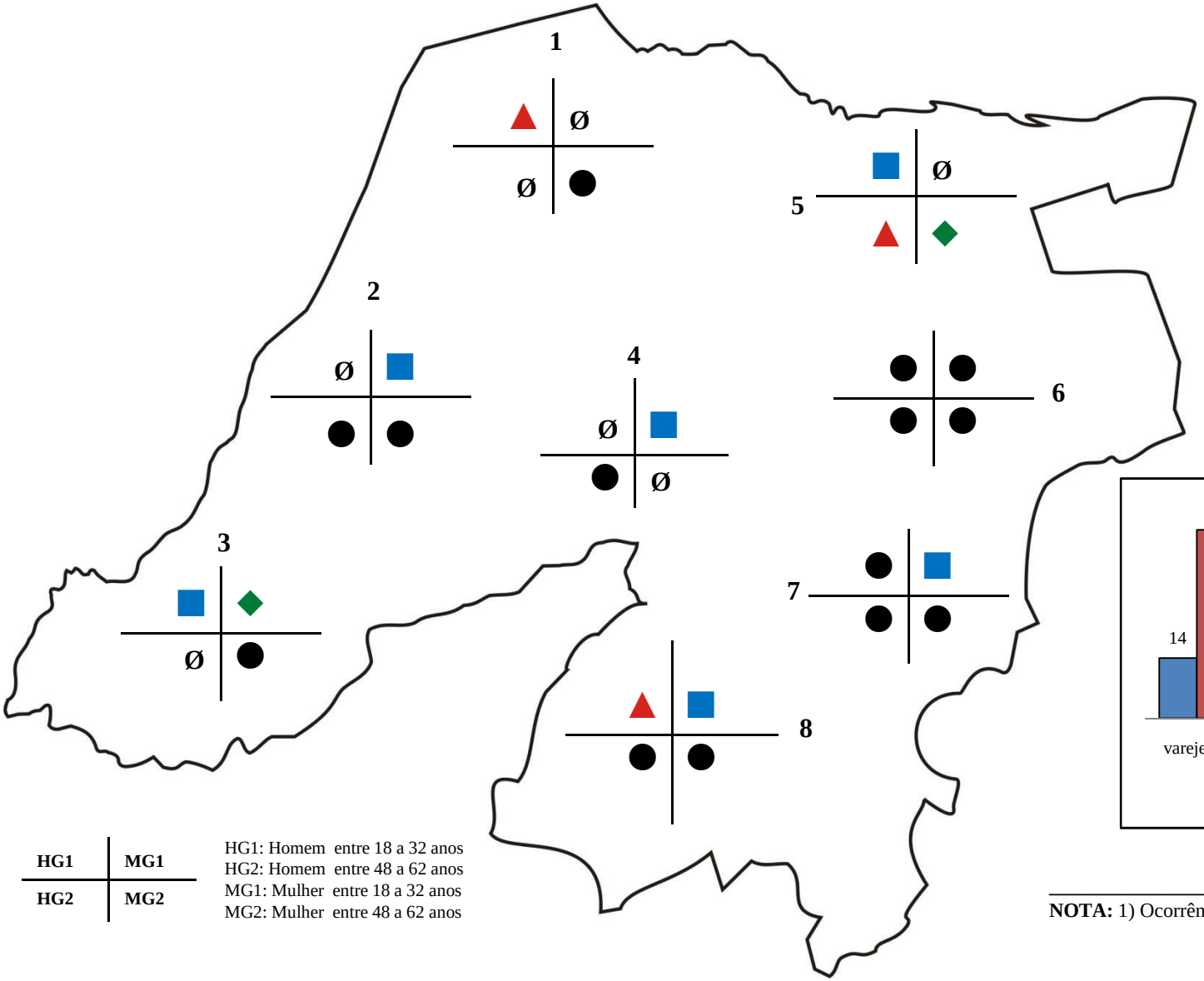
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

NOTAS: 1) Ocorrências Únicas: **cabra-cega** (MO4), **cobra-cega** (PF3), **cavalo-marinho** (JA3), **cigano** (AN3), **lambe-água** (AN4), **bunda-n'água** (CN3) e **helicóptero** (CA1).; 2) Outras Respostas Diferentes: **gafanhoto** (MO2); 3) A resposta "zigue-zague" (MO1, MA1, CN1) foi registrada "zigue-zigue".

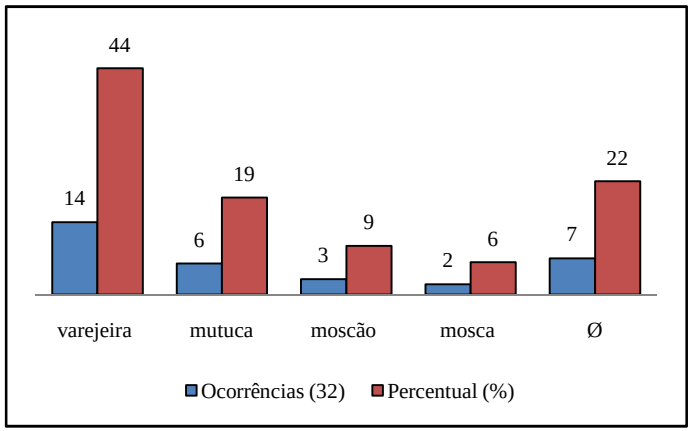
ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta Léxica 23
MOSCA VAREJEIRA

QSL 47: ... um tipo de mosca grande, esverdeada, que faz um barulho quando voa?



LEGENDA
- ● varejeira
- ■ mutuca
- ▲ moscão
- ◆ mosca
- Ø abstenções



HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

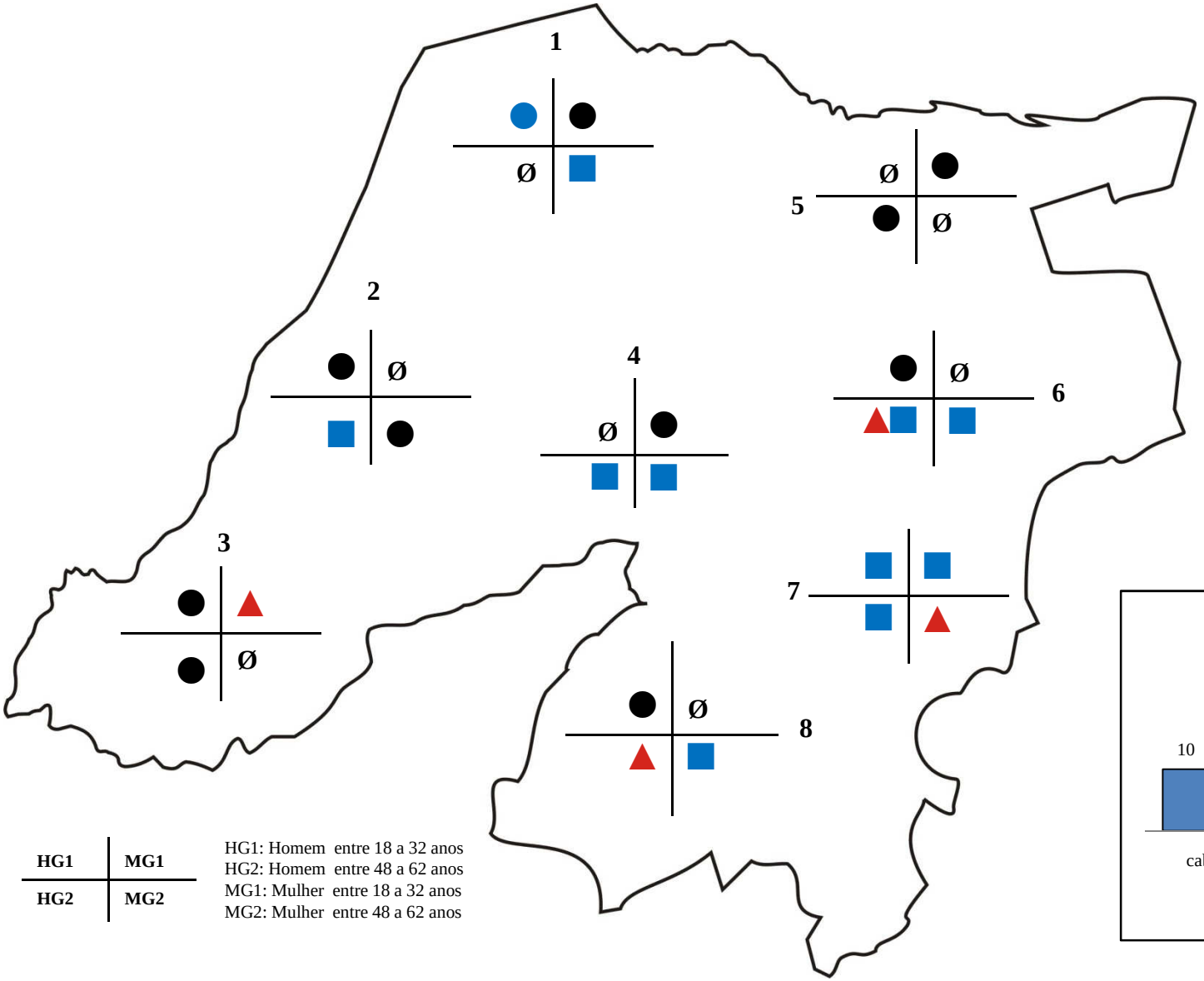
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

NOTA: 1) Ocorrências Únicas: **mosquito** (PF1).

ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta Léxica 24
CRINA DO PESCOÇO

QSL 48: ... o cabelo em cima do pescoço do cavalo?

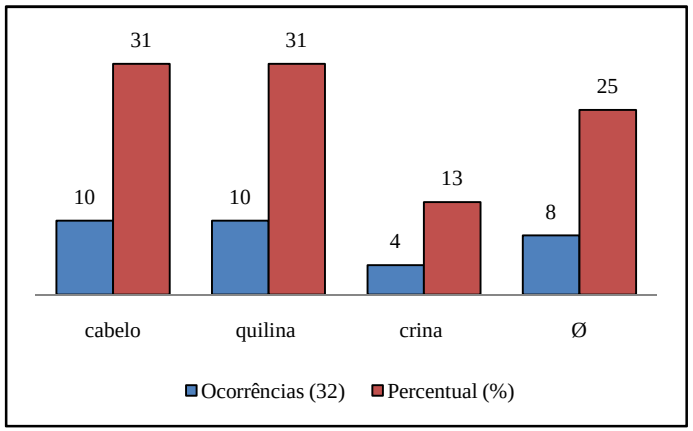


LEGANDA

- ● cabelo
- ■ quilina
- ▲ crina
- Ø abstenções

HG1	MG1
HG2	MG2

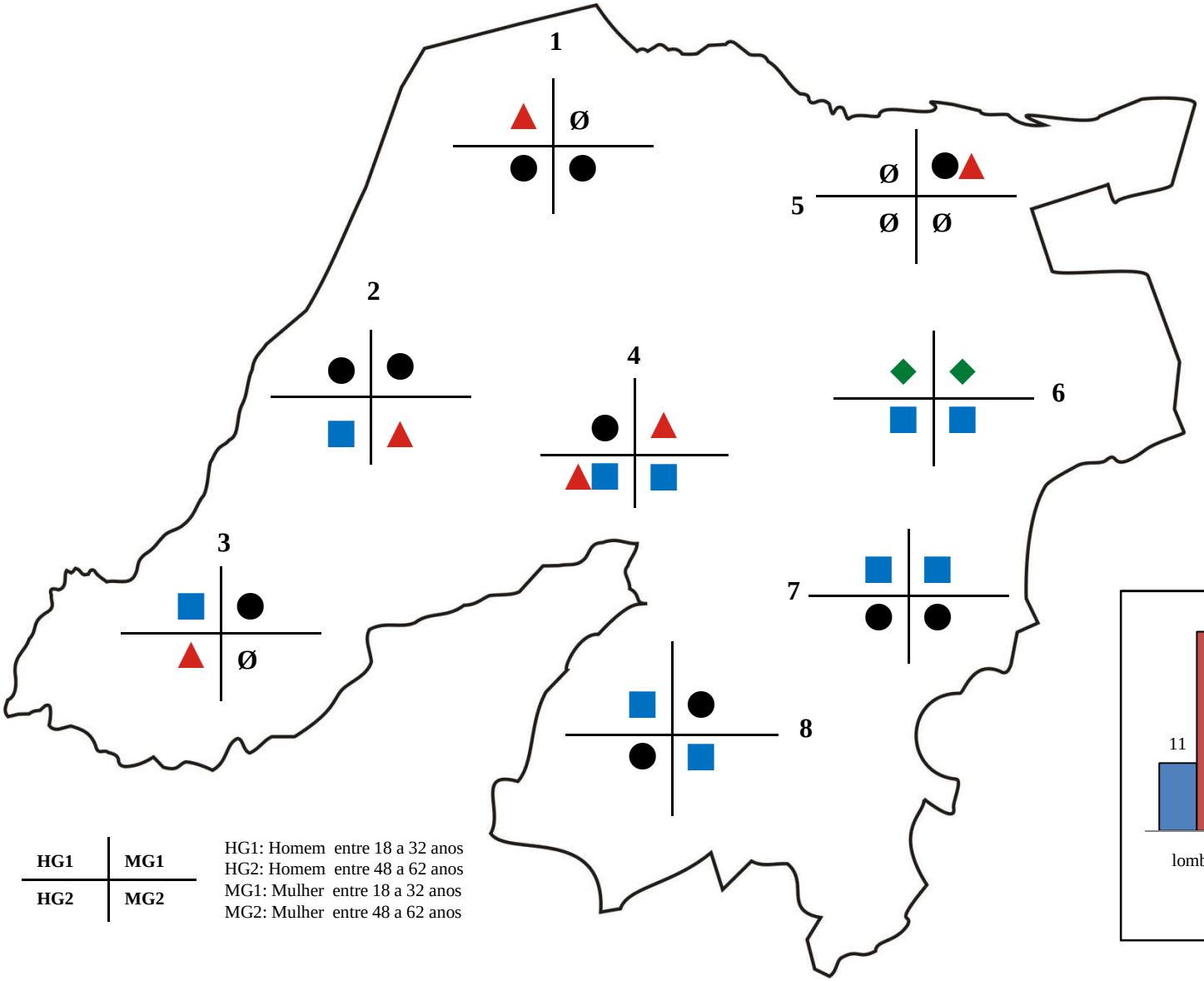
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos



ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

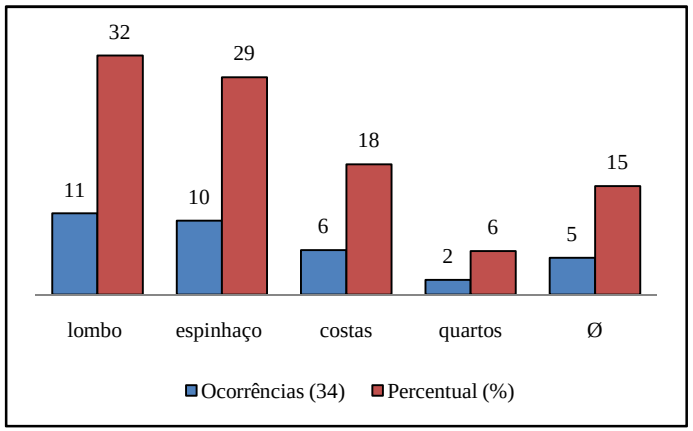
Carta L éxica 25
LOMBO

QSL 49: ...a parte do cavalo onde vai a sela?



LEGANDA

- ● lombo
- ■ espinhaço
- ▲ costas
- ◆ quartos
- Ø abstenções



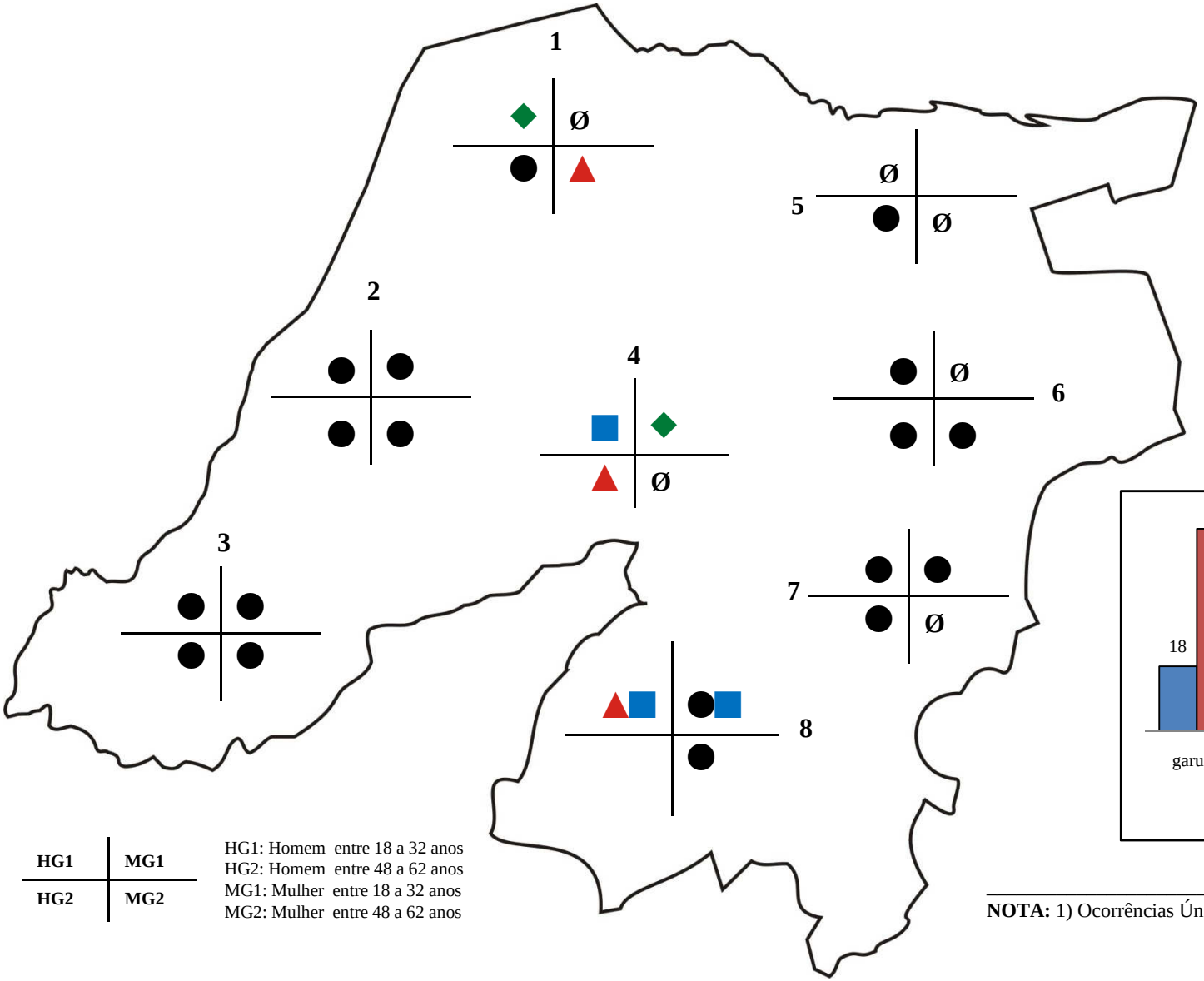
HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

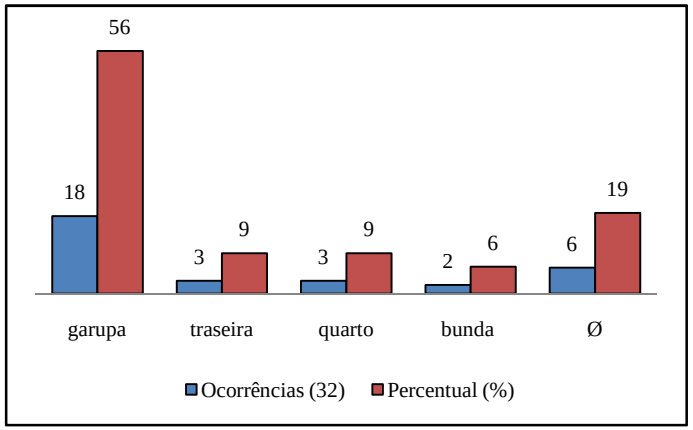
Carta Léxica 26
GARUPA

QSL 50: ... a parte larga atrás do lombo?



LEGENDA

- garupa
- traseira
- quarto
- bunda
- Ø abstenções



HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

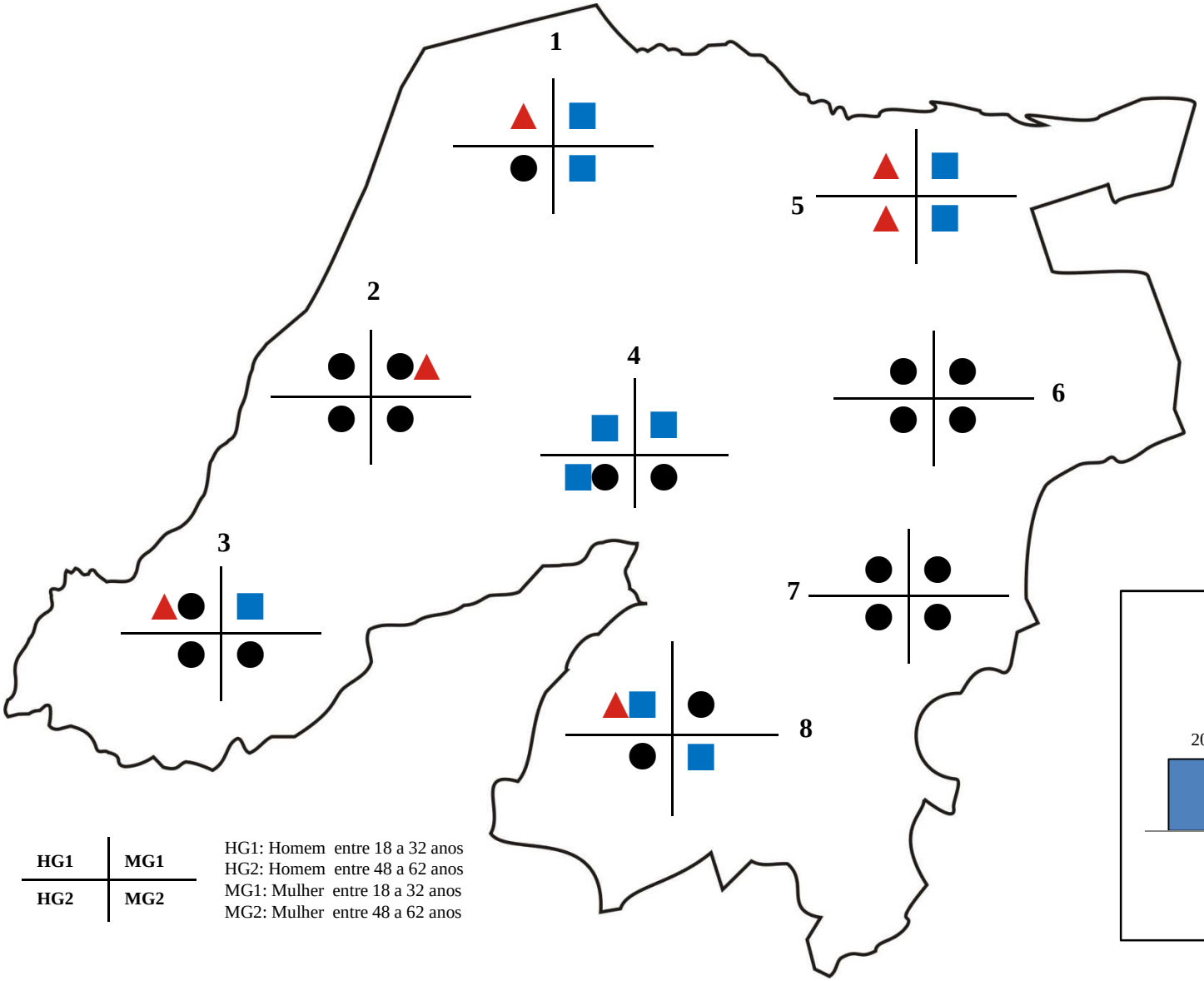
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

NOTA: 1) Ocorrências Únicas: **bumbum** (MA2) e **anca** (CA3).

ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta Léxica 27
ÚBERE

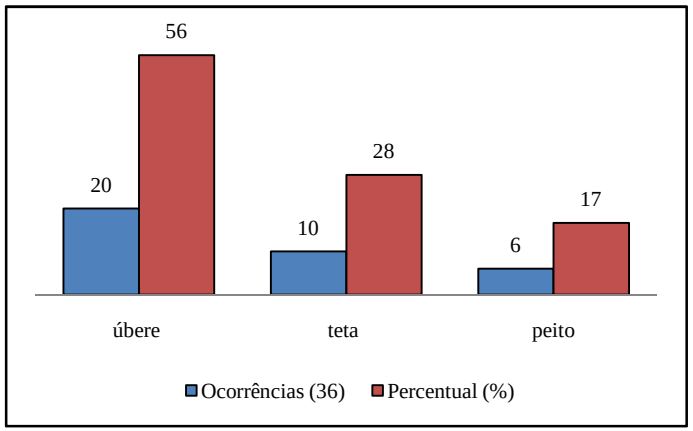
QSL 52: Em que parte da vaca fica o leite?



LEGENDA
- úbere
- teta
- peito

HG1	MG1
HG2	MG2

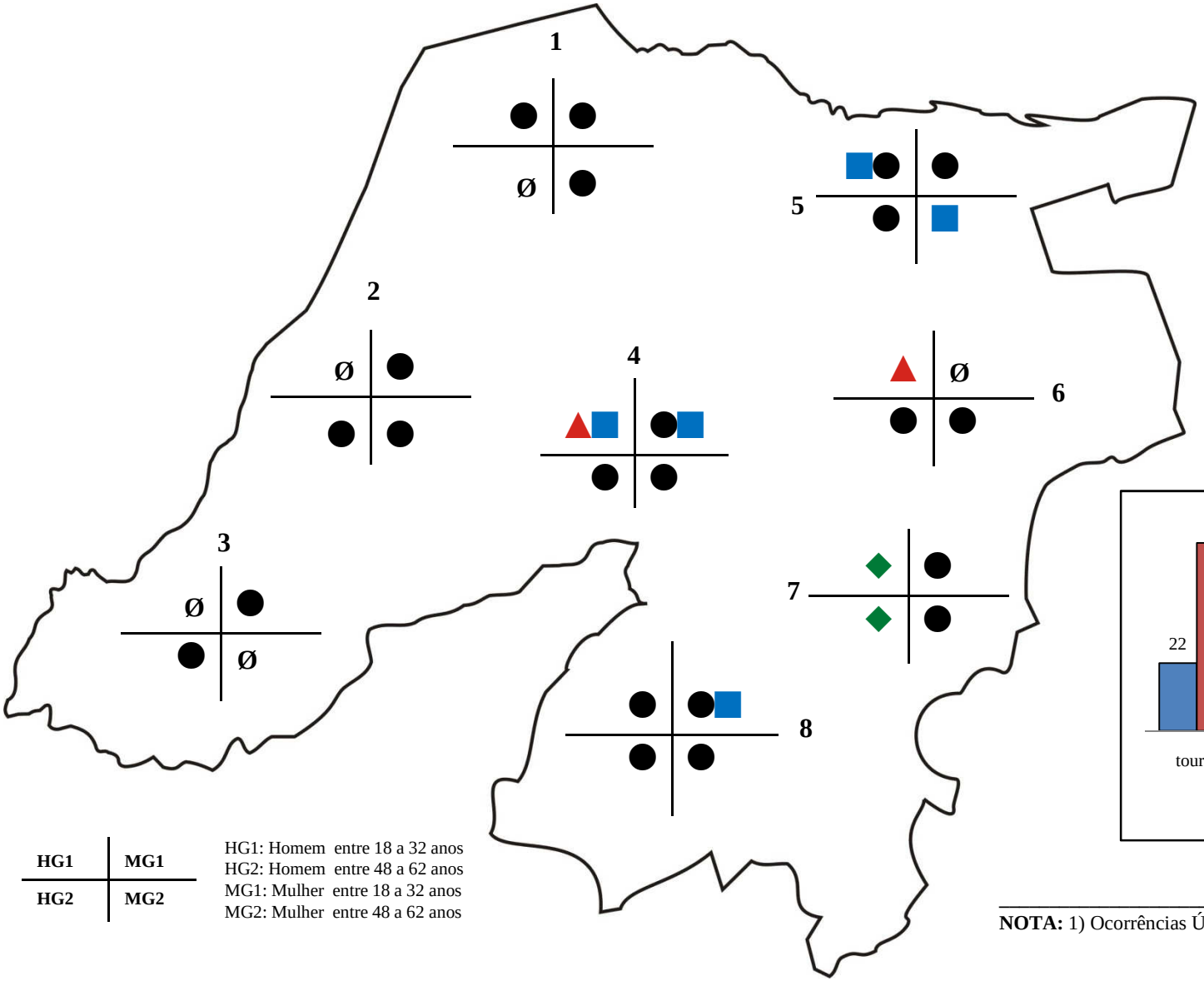
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos



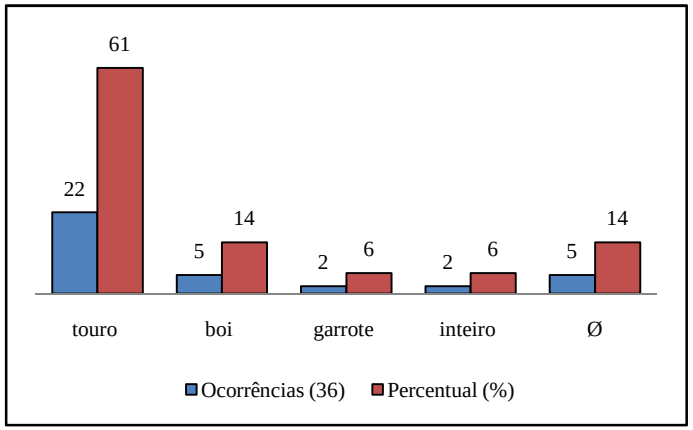
ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta Léxica 28
TOURO

QSL 53: Como é chamado o macho reprodutor da espécie bovina?



LEGENDA
- ● touro
- ■ boi
- ▲ garrote
- ◆ inteiro
- Ø abstenções



HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

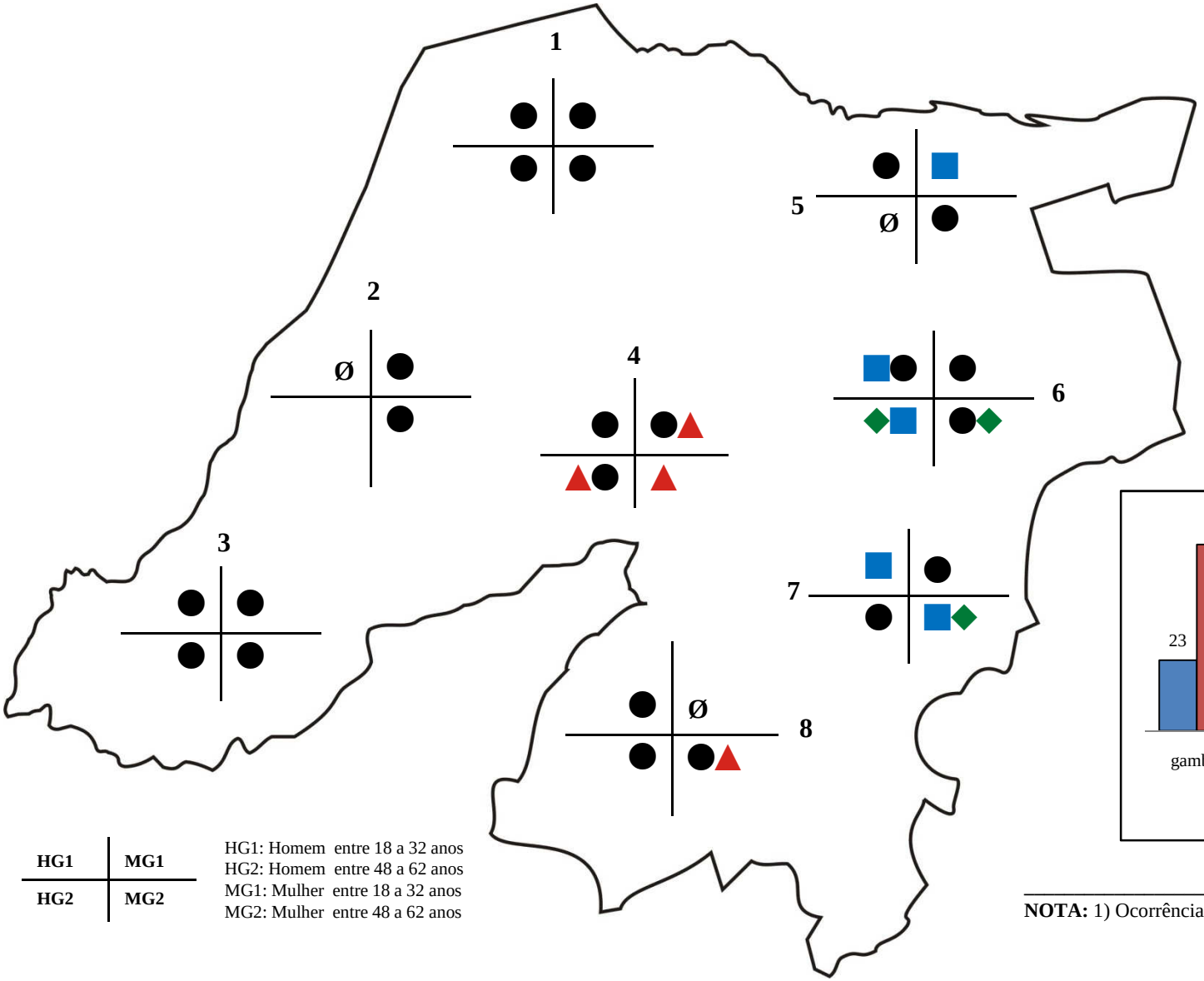
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

NOTA: 1) Ocorrências Únicas: **reprodutor** (AN1) e **pai do curral** (AN3).

ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

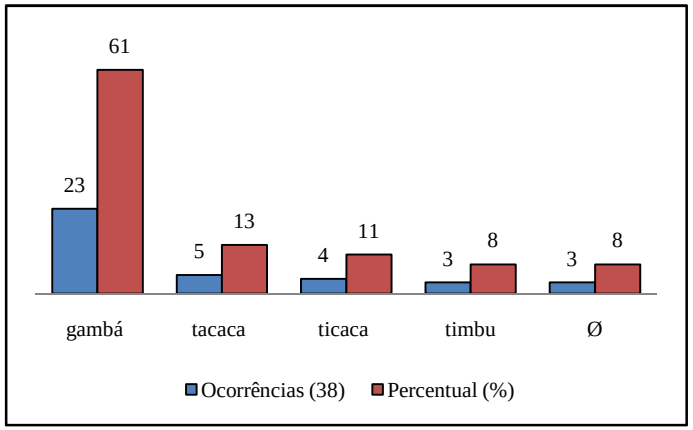
Carta Léxica 29
GAMBÁ

QSL 54: ... o bicho que solta um cheiro ruim quando se sente ameaçado?



LEGENDA

- ● gambá
- ■ tacaca
- ▲ ticaca
- ◆ timbu
- Ø abstenções



HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

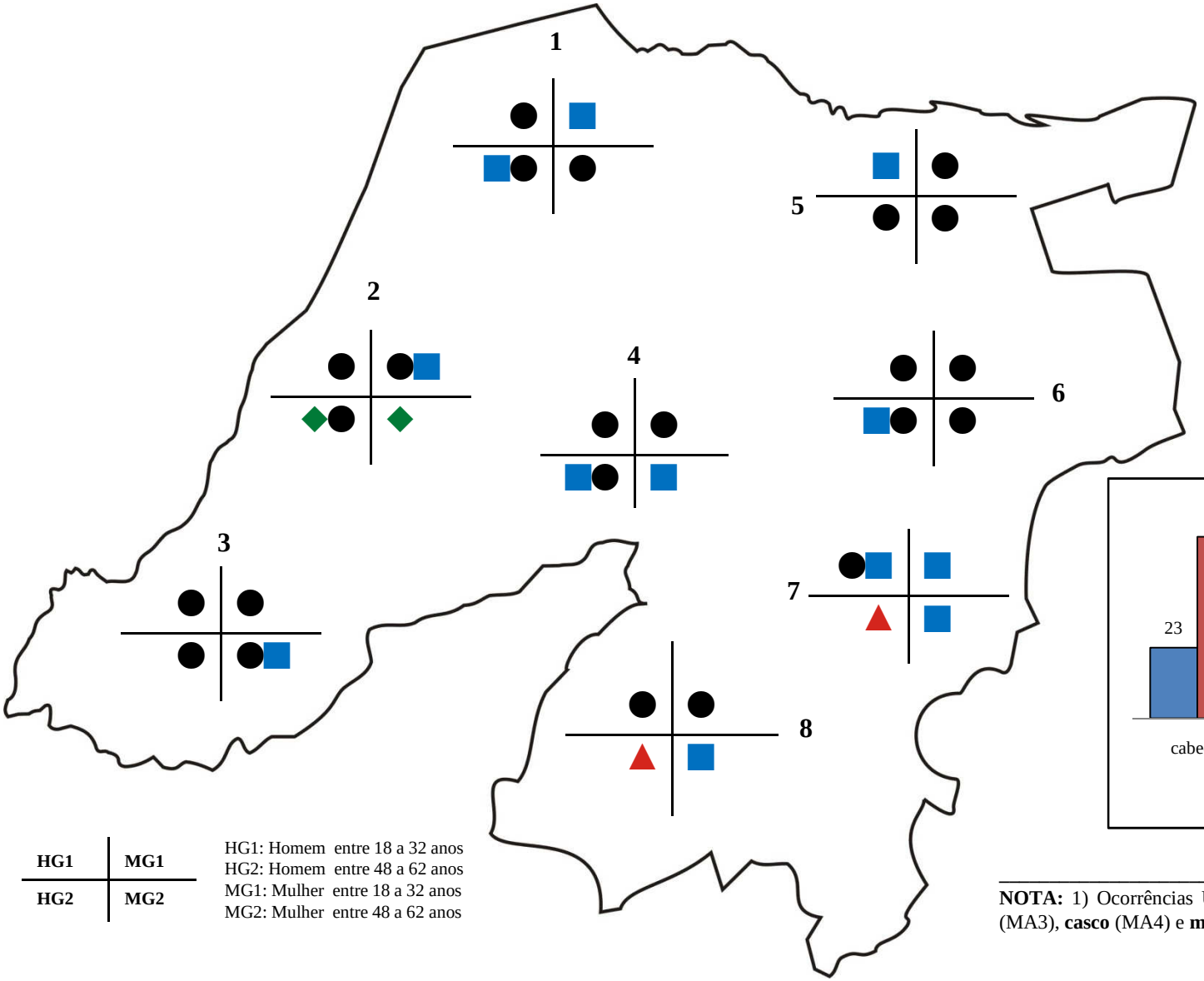
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

NOTA: 1) Ocorrências Únicas: **girita** (AP3), **maricau** e **richinho** (AP4).

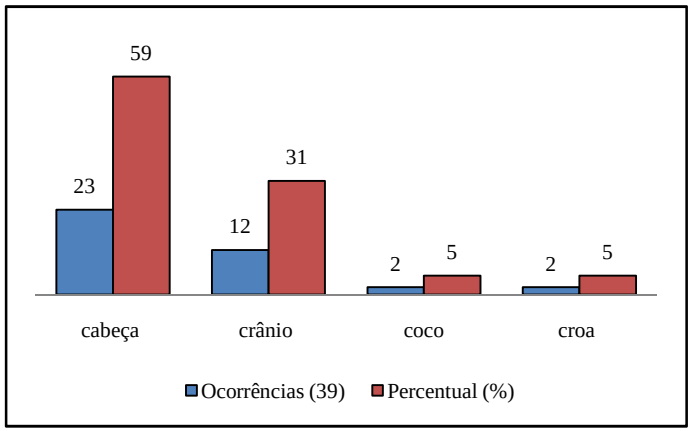
ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta Léxica 30
CABEÇA

QSL 57: Os nomes que se dá a esta parte do corpo em tom de brincadeira? (Apontar).



LEGENDA
- ● cabeça
- ■ crânio
- ▲ coco
- ◆ croa



HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

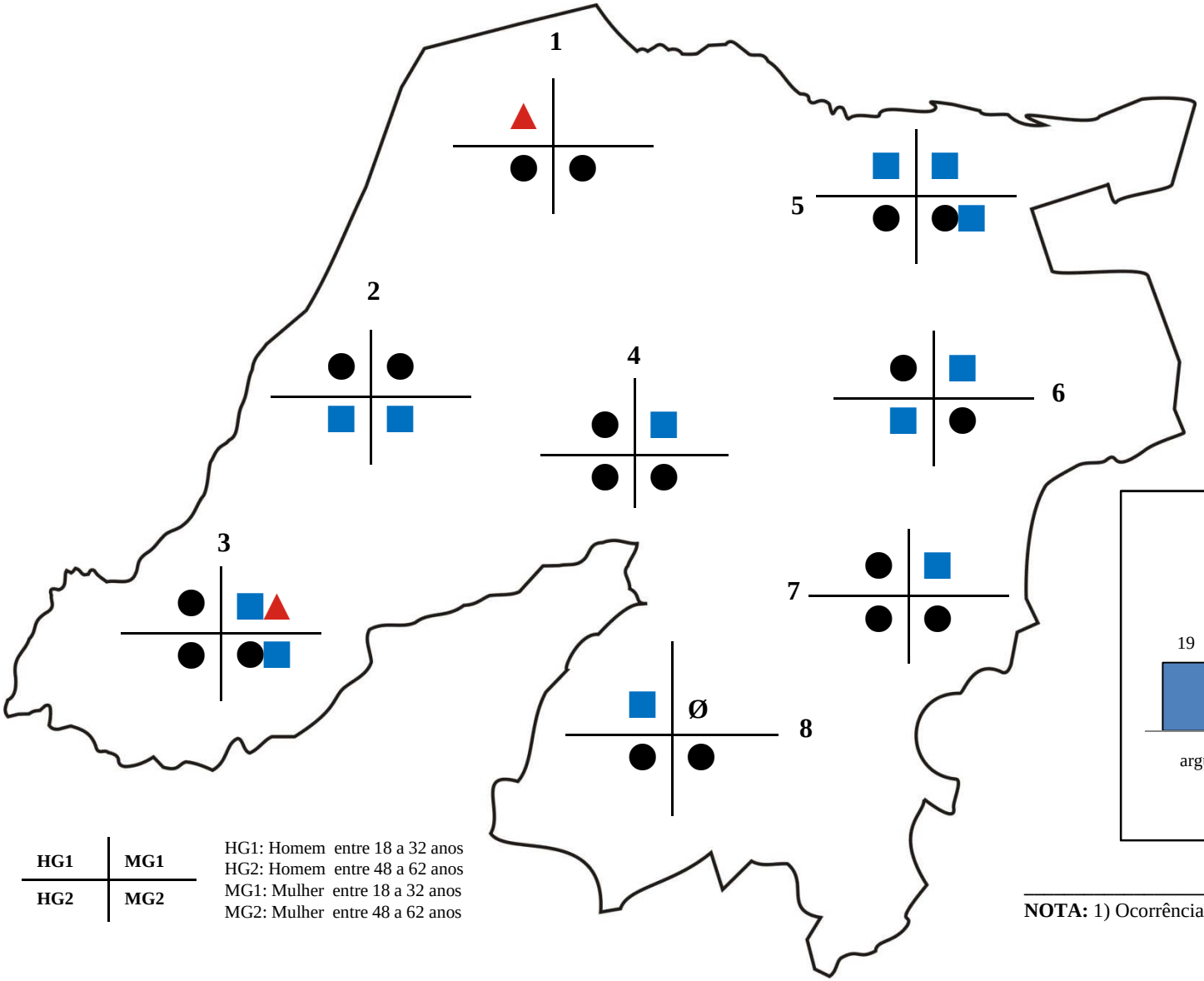
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

NOTA: 1) Ocorrências Únicas: **couro cabeludo** (MO4), **cérebro** (AP1), **quengo** (MA3), **casco** (MA4) e **moleira** (AN4).

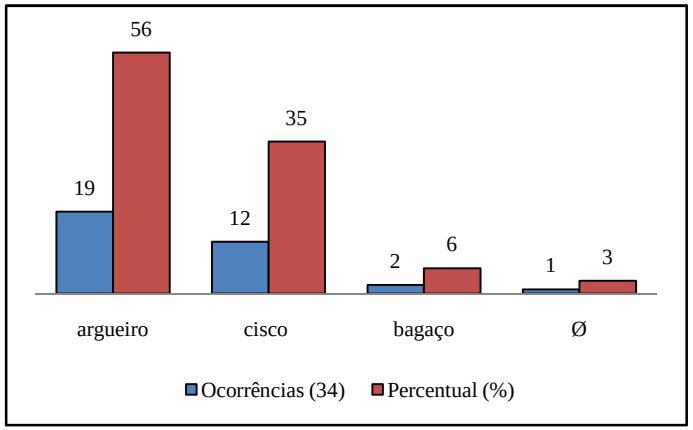
ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta L éxica 31
CISCO

QSL 62: ... alguma coisinha que cai no olho e fica incomodando?



LEGENDA
- ● argueiro
- ■ cisco
- ▲ bagaço
- Ø abstenções



HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

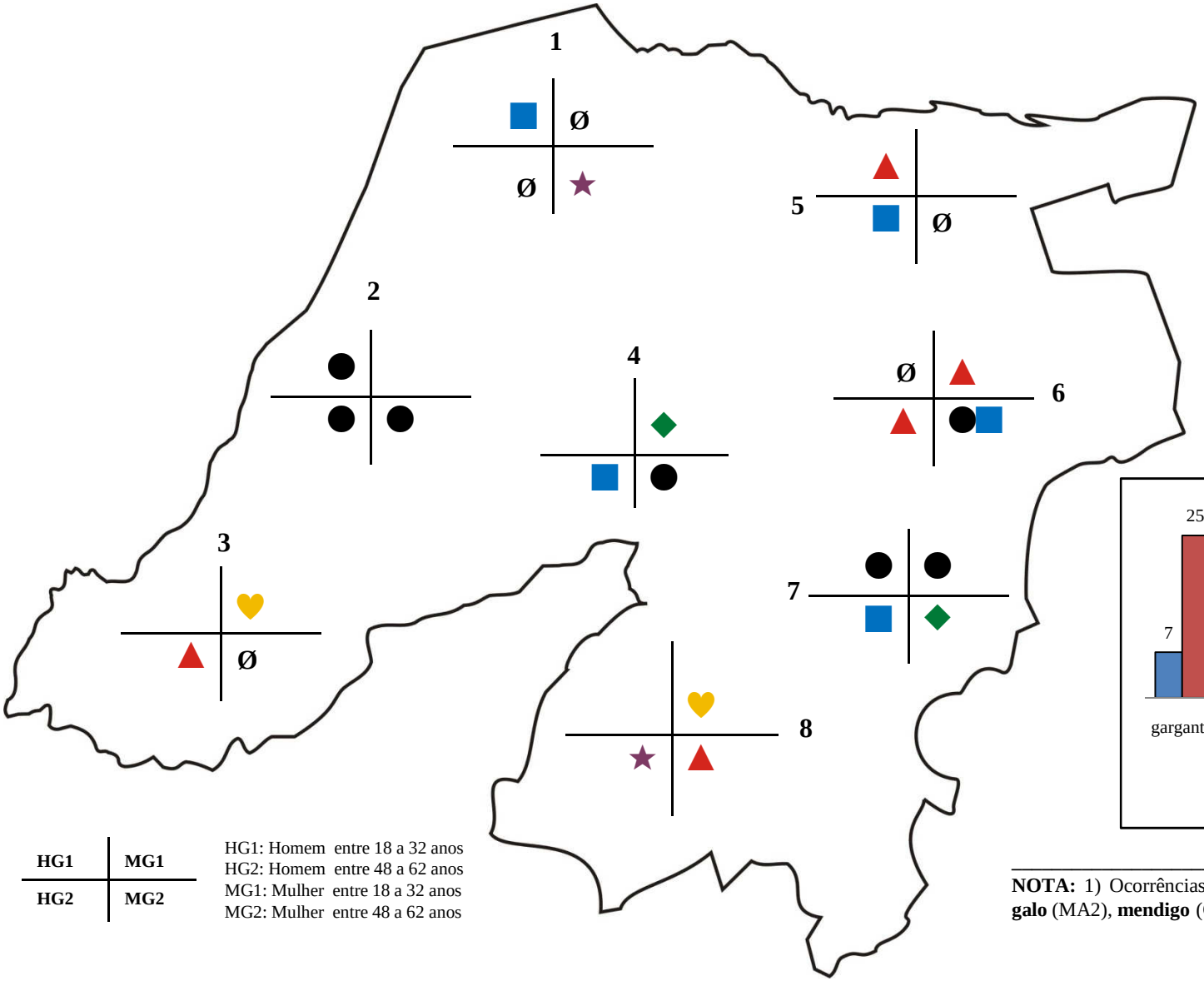
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

NOTA: 1) Ocorrências Únicas: **pelo** (MO2).

ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

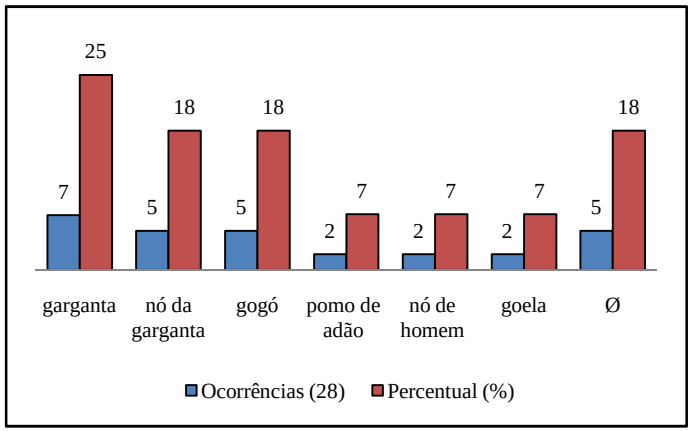
Carta Léxica 32
POMO DE ADÃO

QSL 65: ... este caroço no pescoço do homem? (Apontar).



LEGENDA

- ● garganta
- ■ nó da garganta
- ▲ gogó
- ◆ pomo de adão
- ★ nó de homem
- ♥ goela
- Ø abstenções



HG1	MG1
HG2	MG2

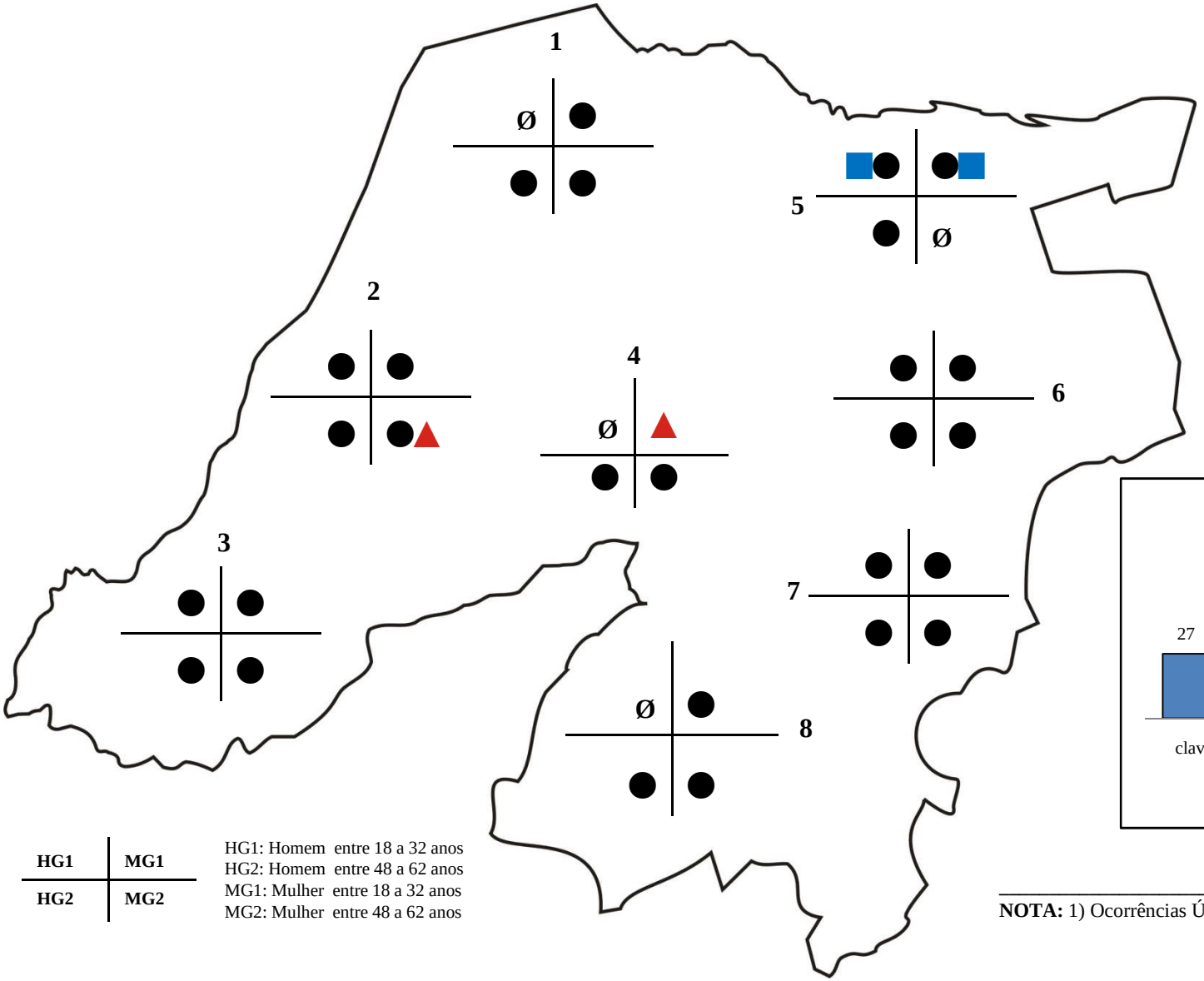
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

NOTA: 1) Ocorrências Únicas: **garguelo** (AP2), **goto** (PF1), **nó** (JA1), **osso do galo** (MA2), **mendigo** (CN1), **campainha** (CN3) e **osso do pescoço** (CA1).

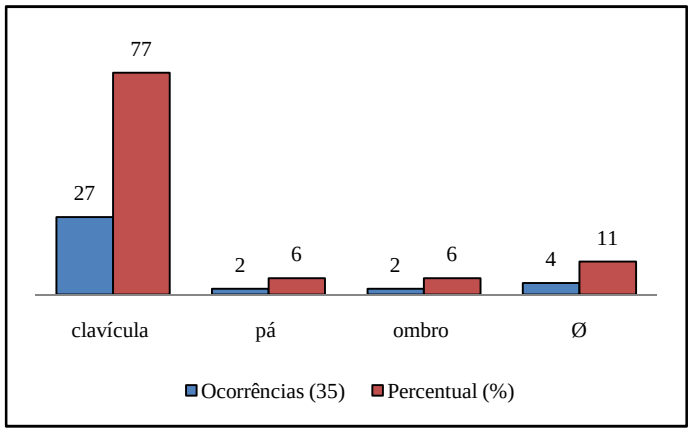
ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta Léxica 33
CLAVÍCULA

QSL 66: ... o osso que vai do pescoço até o ombro? (Apontar).



LEGENDA
- clavícula
- pá
- ombro
- Ø abstenções



HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

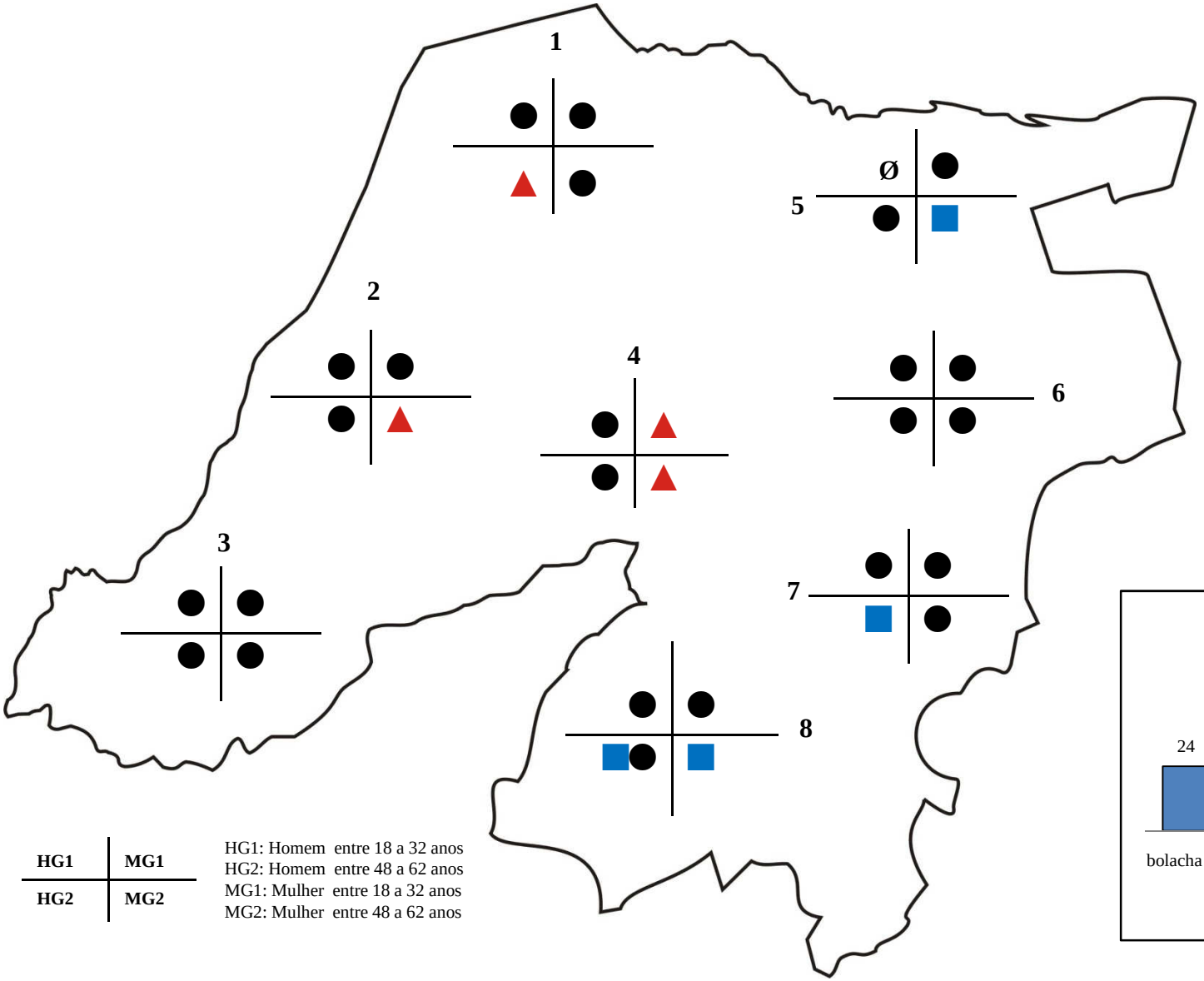
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

NOTA: 1) Ocorrências Únicas: **vão** (AP3).

ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta Léxica 34
RÓTULA

QSL 71: ... o osso redondo que fica na frente do joelho?

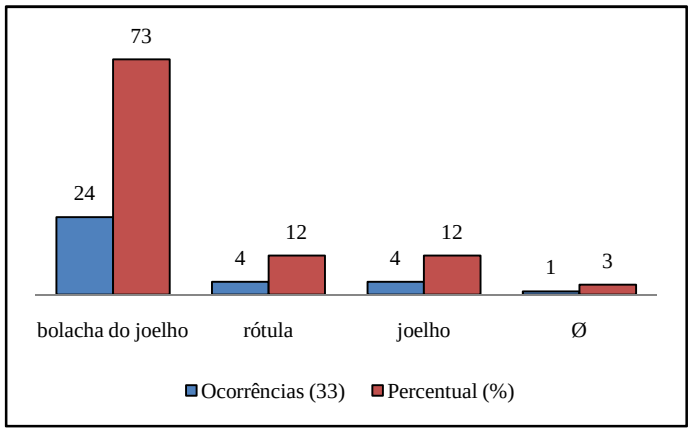


LEGENDA

- ● bolacha do joelho
- ■ rótula
- ▲ joelho
- Ø abstenções

HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

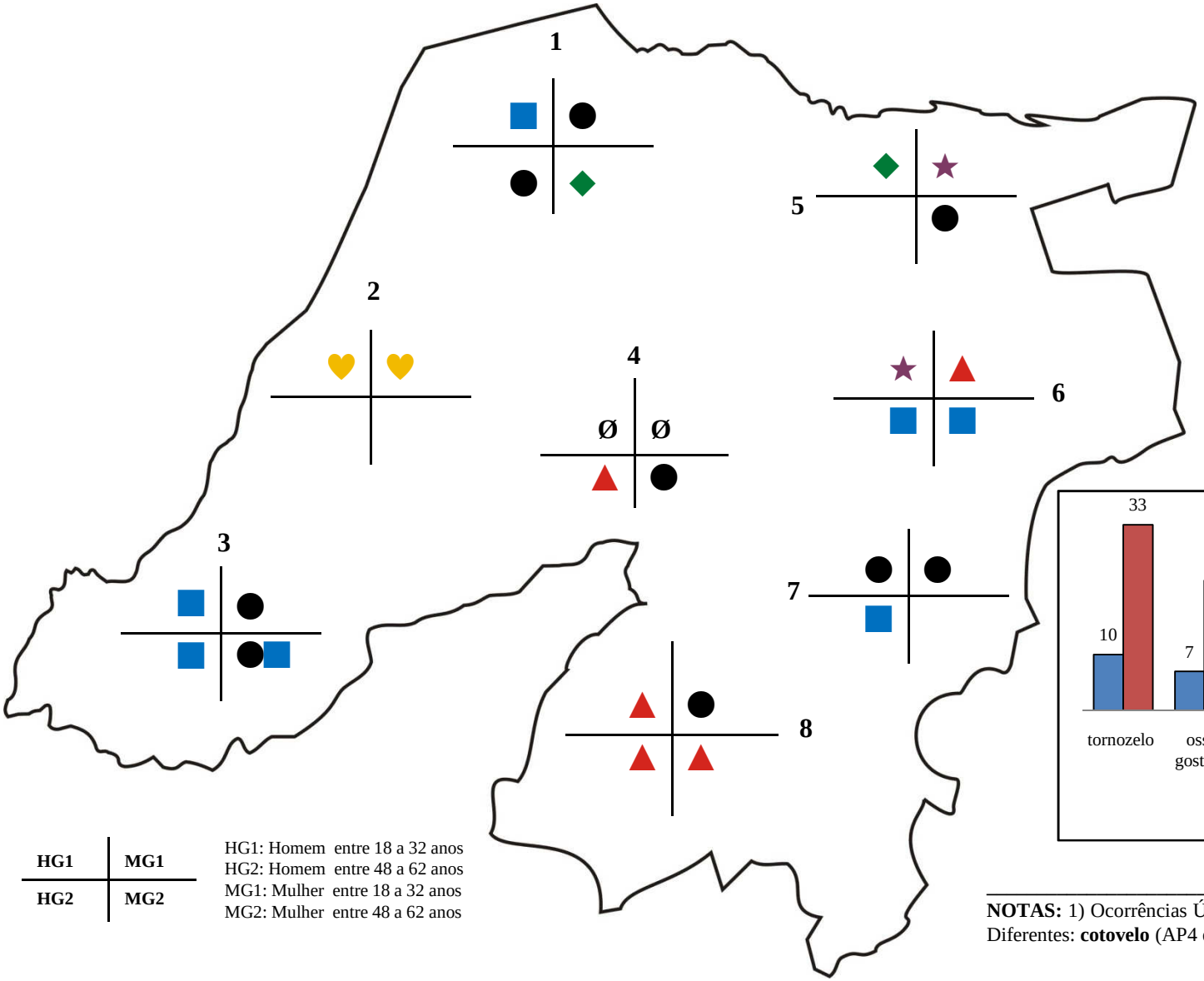
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos



ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

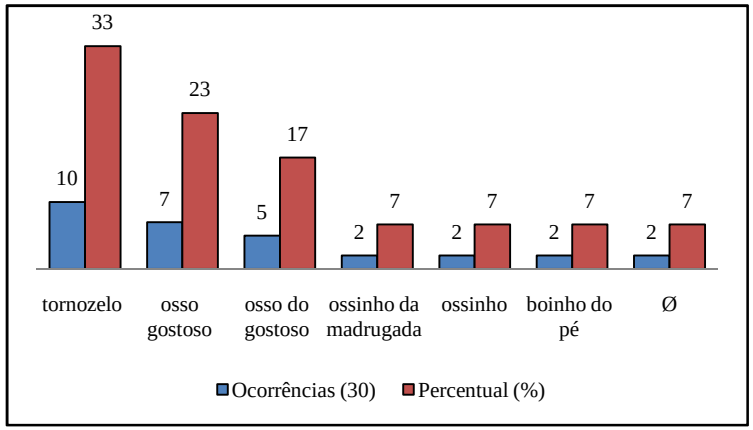
Carta Léxica 35
OSSO DO TORNOZELO

QSL 73: E isto? (mostrar).



LEGENDA

- ● tornozelo
- ■ osso gostoso
- ▲ osso do gostoso
- ◆ ossinho da madrugada
- ★ ossinho
- ♥ boinho do pé
- Ø abstenções



HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

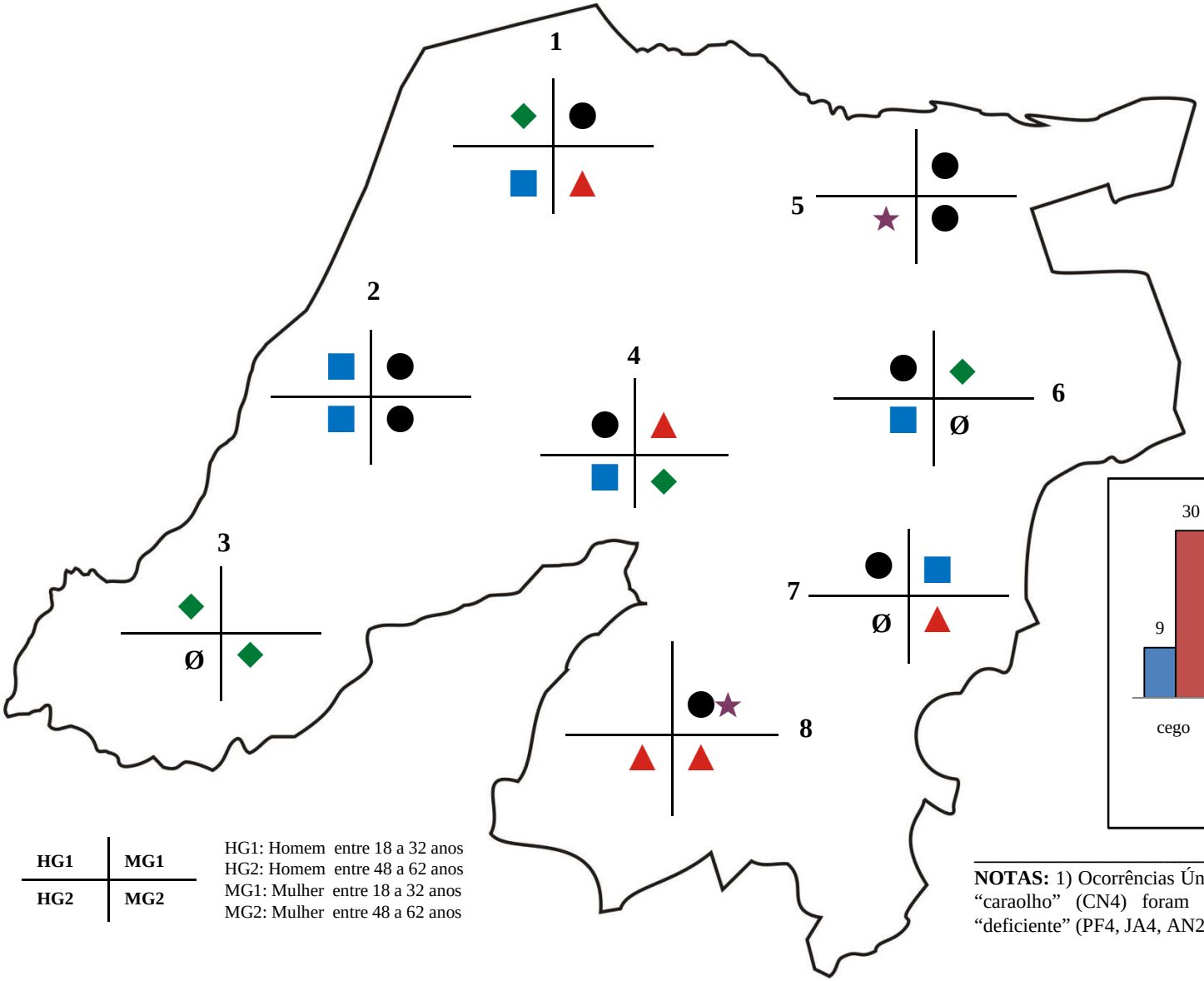
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

NOTAS: 1) Ocorrências Únicas: **mocotó**(AP3) e **tendão (**CN4); 2) Outras Respostas Diferentes: **cotovelo** (AP4 e MA3).

ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

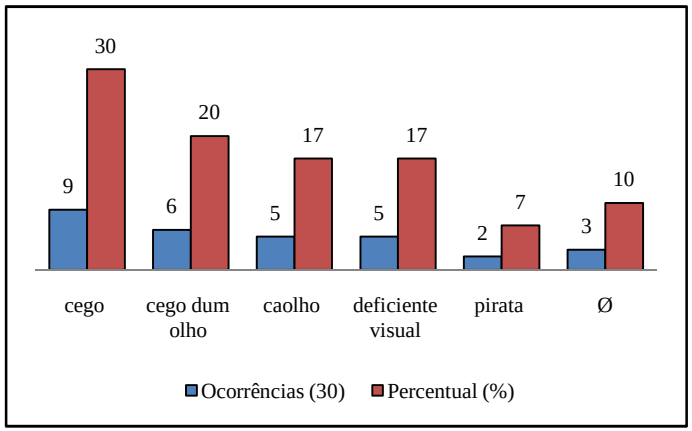
Carta Léxica 36
CAOLHO

QSL 75: ... a pessoa que só enxerga com um olho?



LEGENDA

- ● cego
- ■ cego dum olho
- ▲ caolho
- ◆ deficiente visual
- ★ pirata
- Ø abstenções



HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

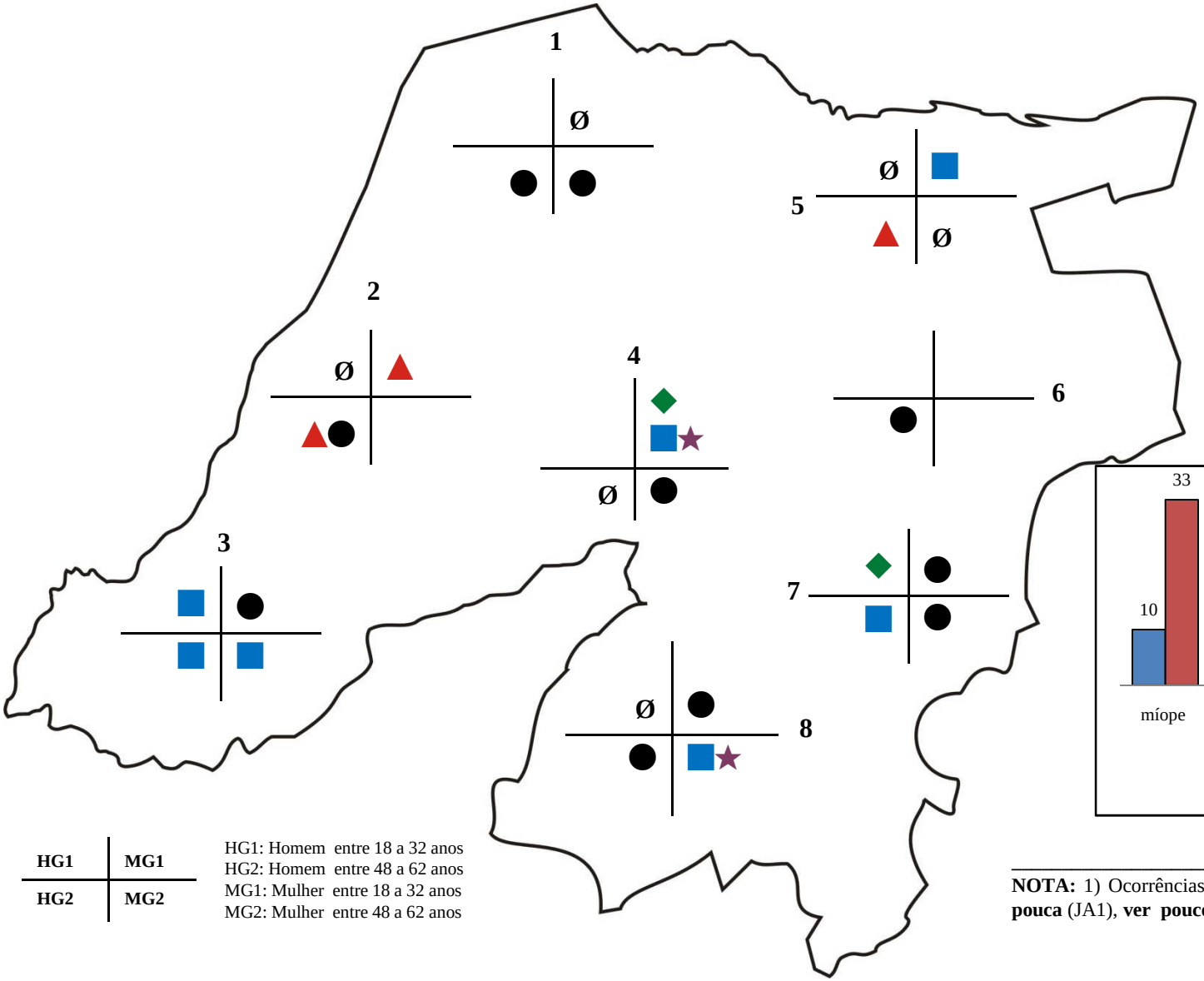
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

NOTAS: 1) Ocorrências Únicas: **quase sego** (PF2); 2) As respostas “caraoio” (CA4) e “caraolho” (CN4) foram registras nas cartas como “caolho”. Para a resposta “deficiente” (PF4, JA4, AN2) foi registrado “deficiente visual”.

ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

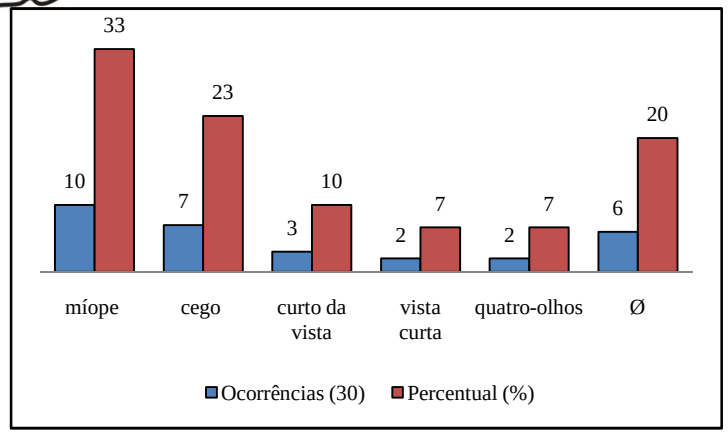
Carta Léxica 37
MÍOPE

QSL 77: ... a pessoa que não enxerga longe, e tem que usar óculos?



LEGENDA

- ● míope
- ■ cego
- ▲ curto da vista
- ◆ vista curta
- ★ quatro-olhos
- Ø abstenções



HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

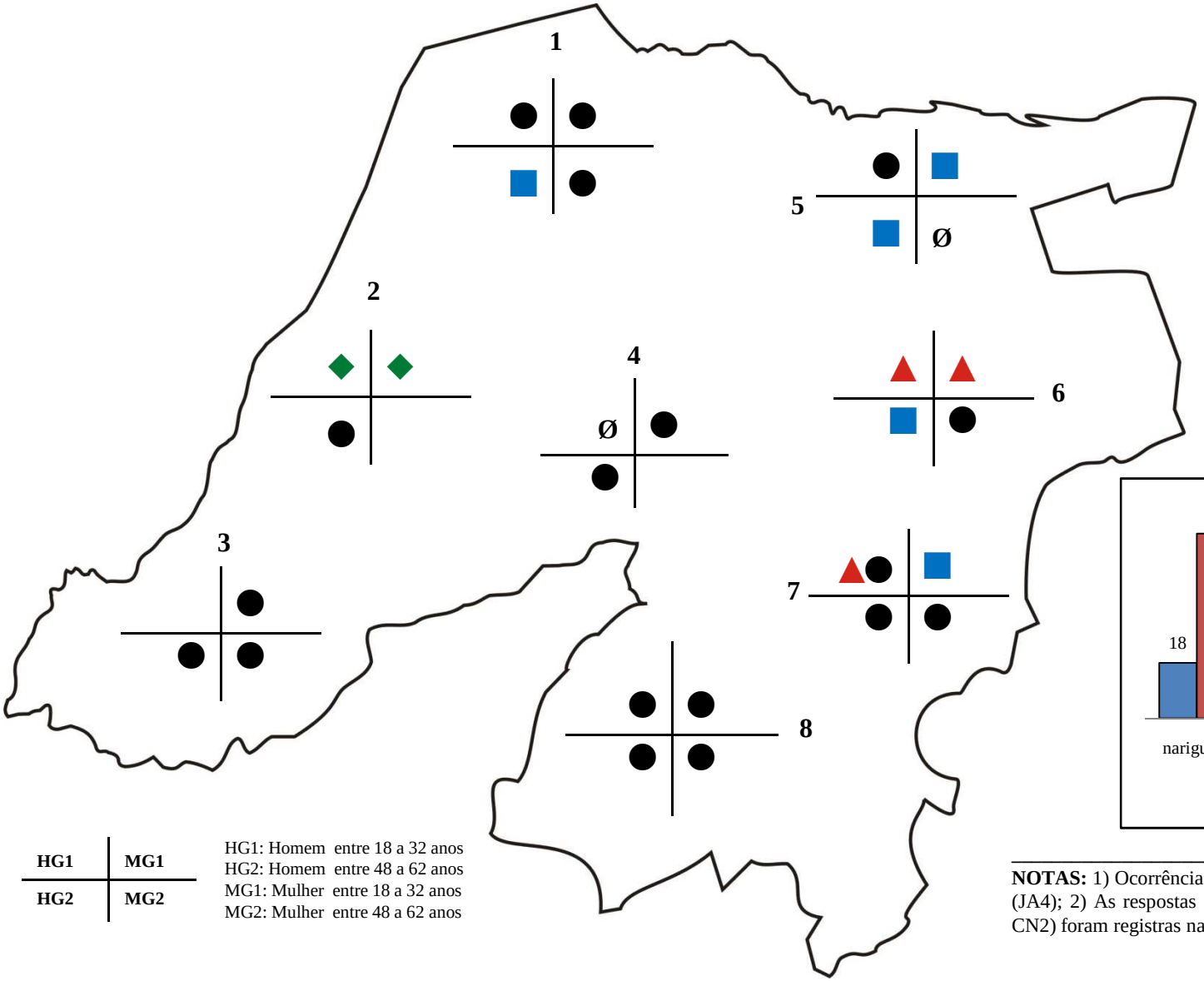
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

NOTA: 1) Ocorrências Únicas: **doente da vista** (MO1), **vista ruim** (AP4), **visão pouca** (JA1), **ver pouco** (AN1), **tem dificuldade** (AN2) e **meio sego** (AN4).

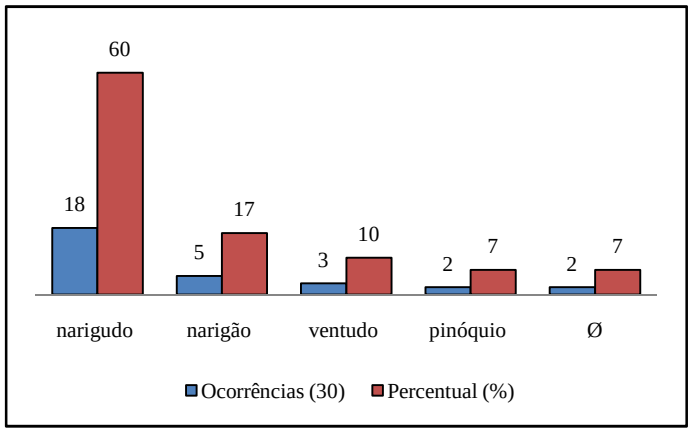
ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta Léxica 38
NARIGUDO

QSL 78: E quem tem o nariz muito grande?



LEGENDA
- ● narigudo
- ■ narigão
- ▲ ventudo
- ◆ pinóquio
- Ø abstenções



HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

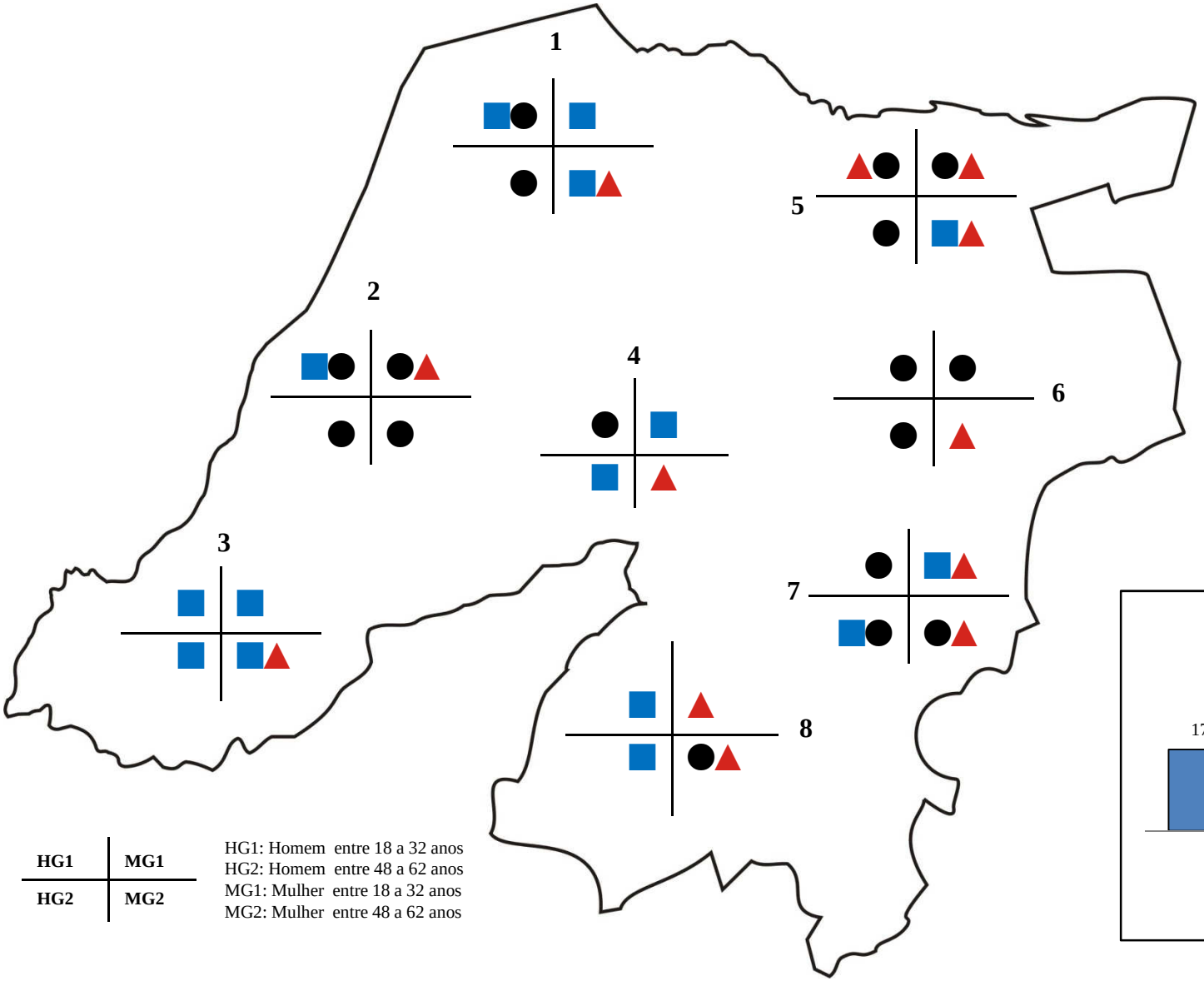
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

NOTAS: 1) Ocorrências Únicas: **venta grande** (AP4), **ventão** (PF1) e nariz grande (JA4); 2) As respostas "narizudo" (AP3 e CN1) e "narizão" (MO3, MA3, AN3 e CN2) foram registras nas cartas como "narigudo" e "narigão" , respectivamente.

ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta Léxica 39
DENTADURA

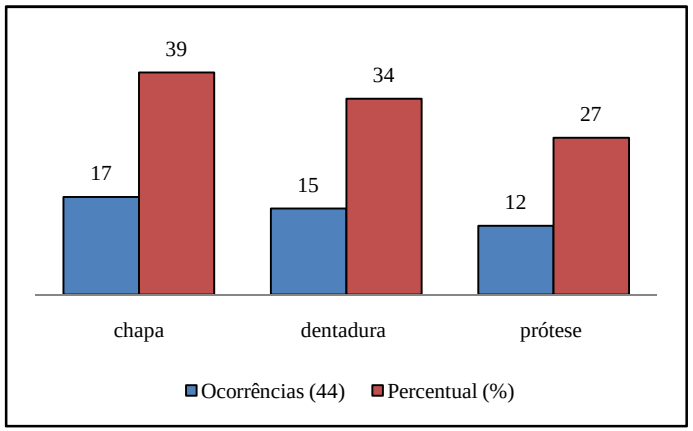
QSL 80: ... aquilo que as pessoas sem dentes usam no lugar dos dentes?



LEGENDA
- ● chapa
- ■ dentadura
- ▲ prótese

HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

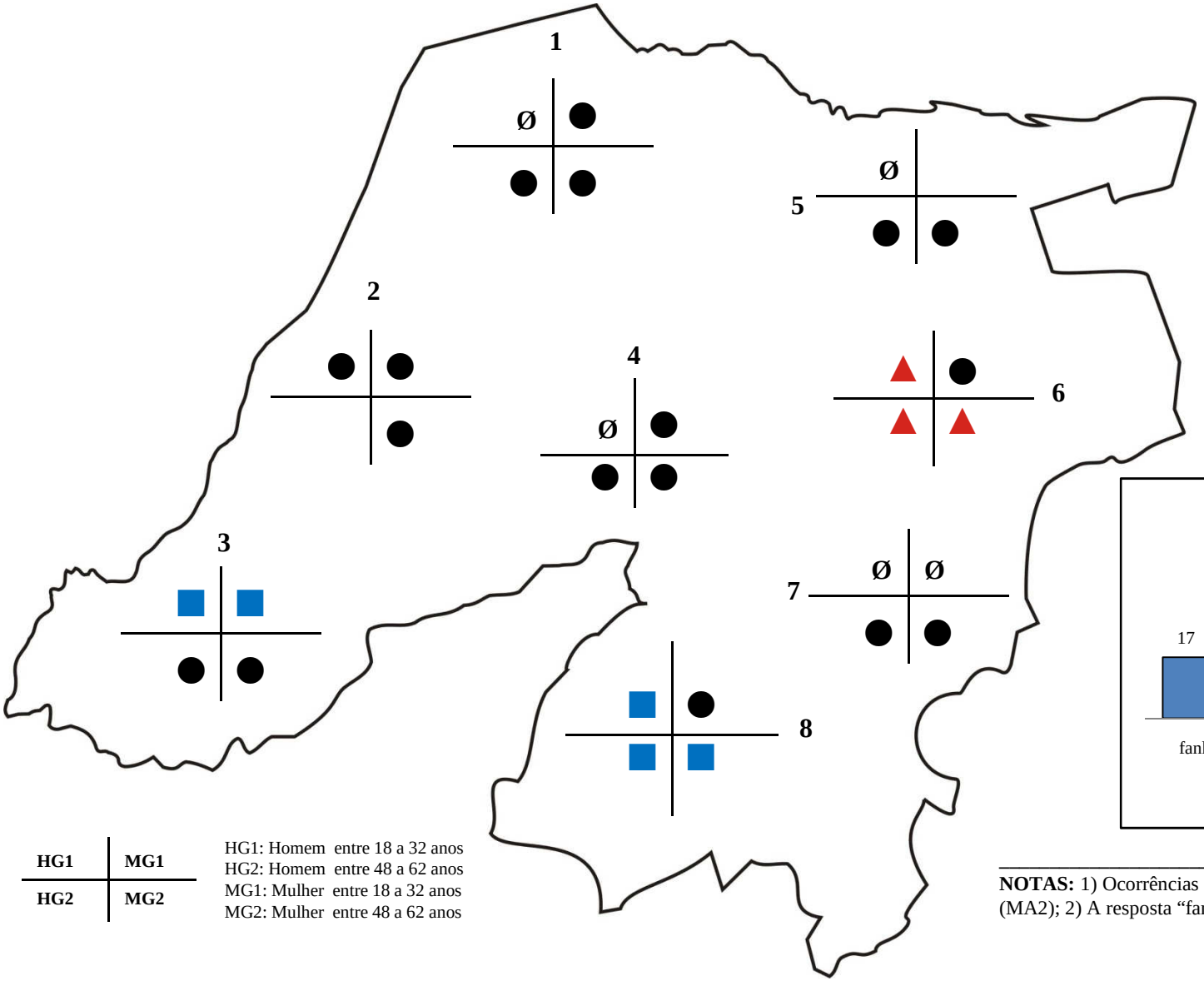
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos



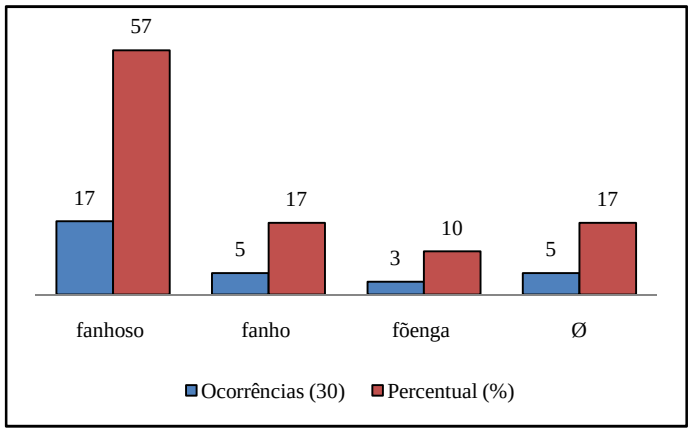
ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta Léxica 40
FANHOSO

QSL 81: ... a pessoa que fala pelo nariz? (Imitar).



LEGENDA
- ● fanhoso
- ■ fanho
- ▲ fõenga
- Ø abstenções



HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

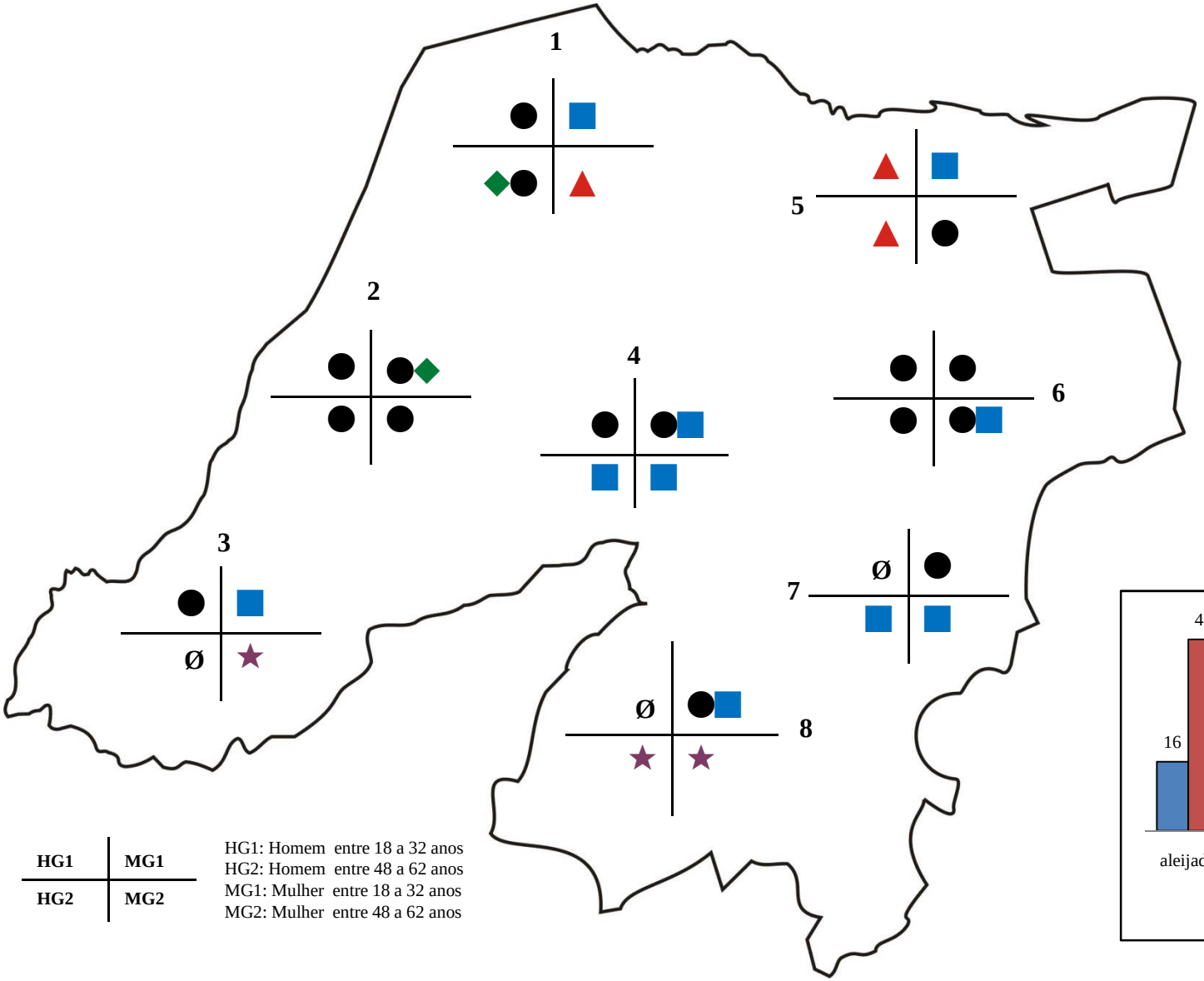
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

NOTAS: 1) Ocorrências Únicas: **fala por dentro das ventas** (AP3) e **fala pelo nariz** (MA2); 2) A resposta "fanhosa" (CA2) foi registrada "fanhoso".

ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

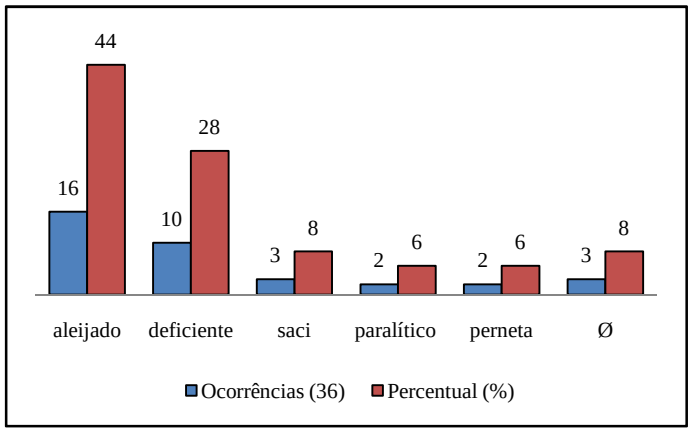
Carta Léxica 41
PERNETA

QSL 84: ... a pessoa que só tem uma perna?



LEGENDA

- ● aleijado
- ■ deficiente
- ▲ saci
- ◆ paralítico
- ★ perneta
- Ø abstenções



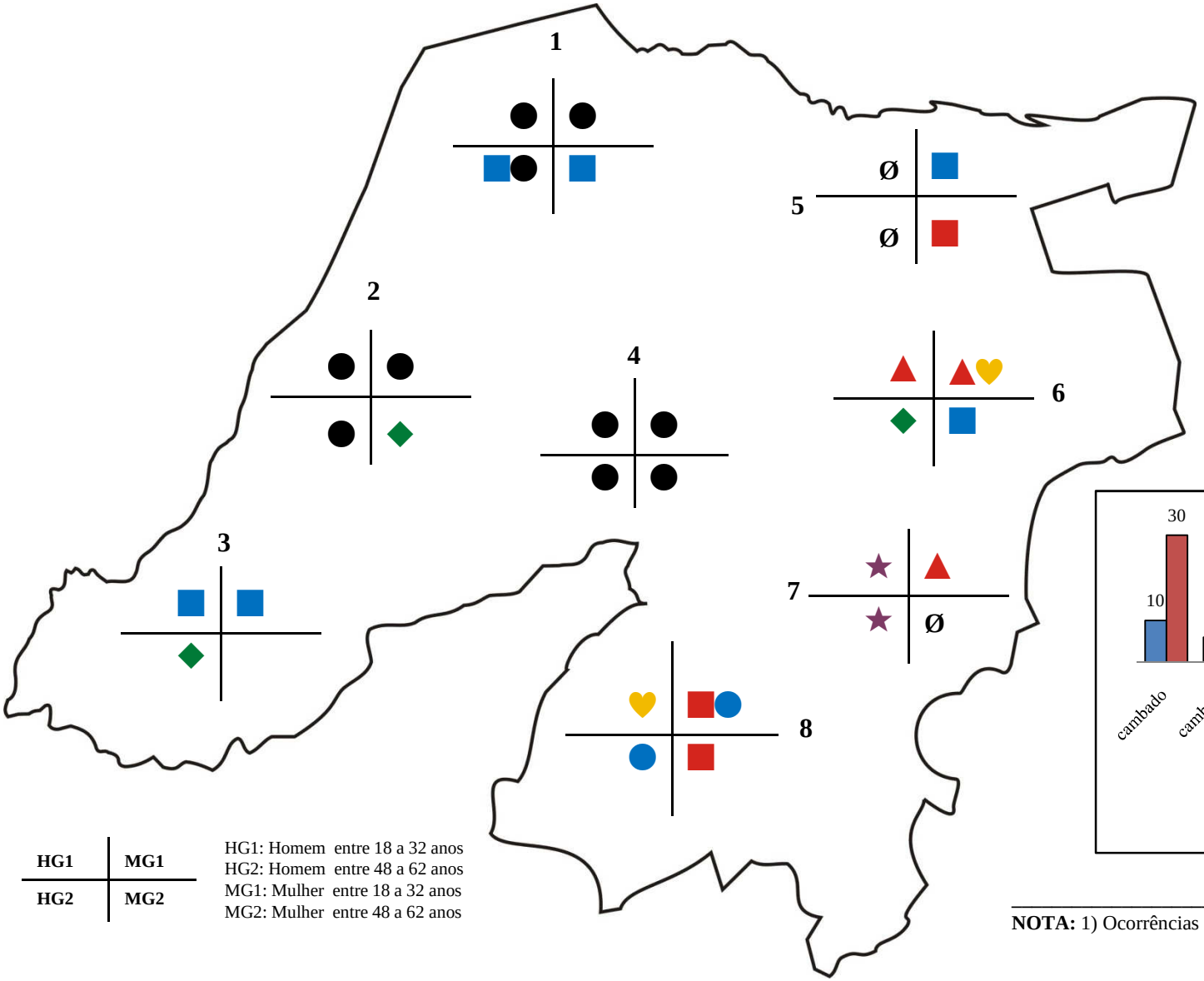
HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

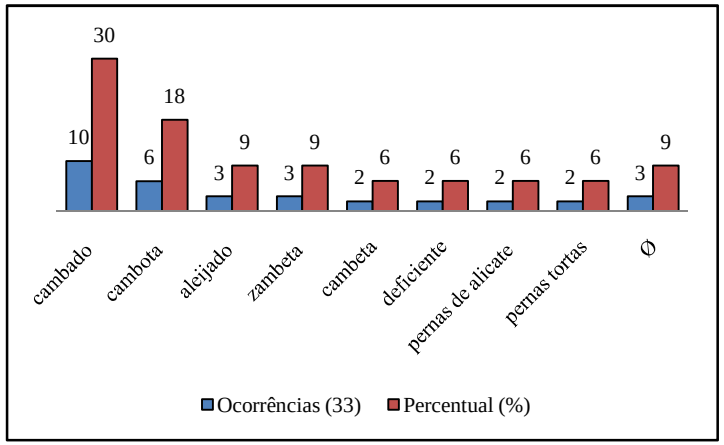
Carta Léxica 42
CAMBOTA

QSL 86: ... a pessoa de pernas curvas para dentro? (Mímica).



LEGENDA

- ● cambado
- ■ cambota
- ▲ aleijado
- ◆ zambeta
- ★ cambeta
- ♥ deficiente
- ● pernas de alicate
- ■ pernas tortas
- Ø abstenções



HG1	MG1
HG2	MG2

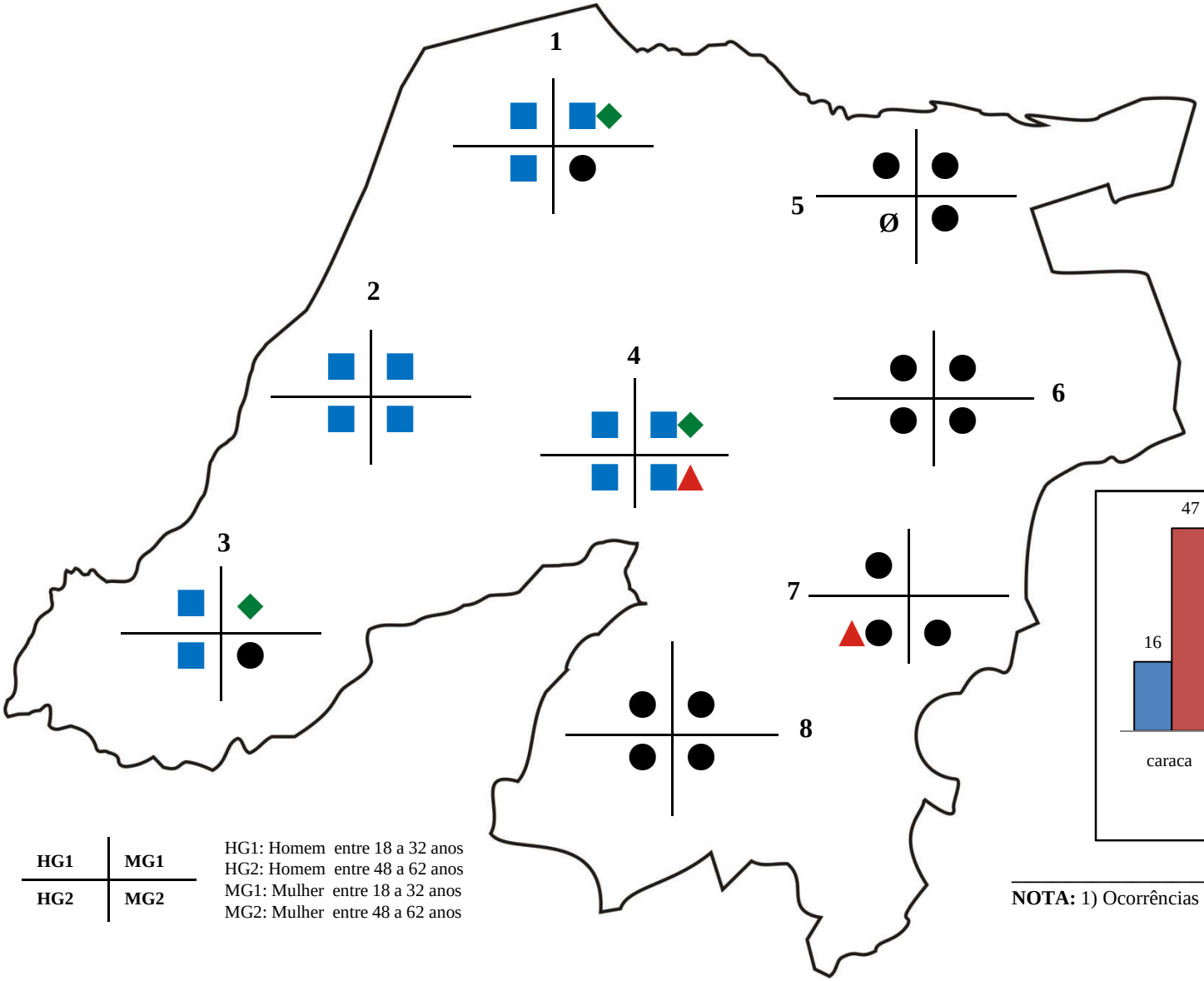
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

NOTA: 1) Ocorrências Únicas: **aberto** (AP1) e **selada** (PF4).

ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

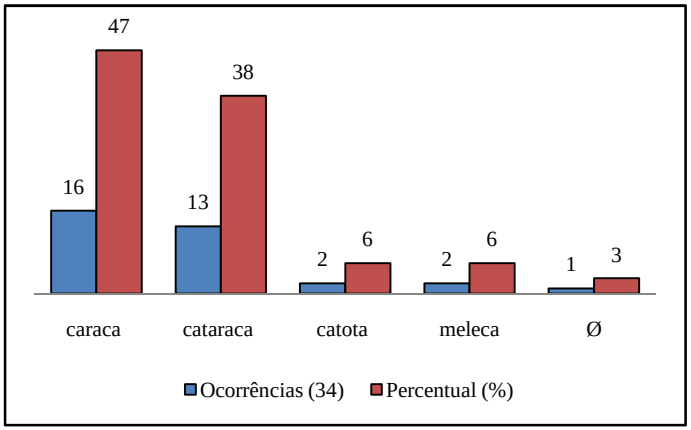
Carta Léxica 43
MELECA

QSL 88: ... a sujeirinha que se tira do nariz com o dedo?



LEGENDA

- ● caraca
- ■ cataraca
- ▲ catota
- ◆ meleca
- Ø abstenções



HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

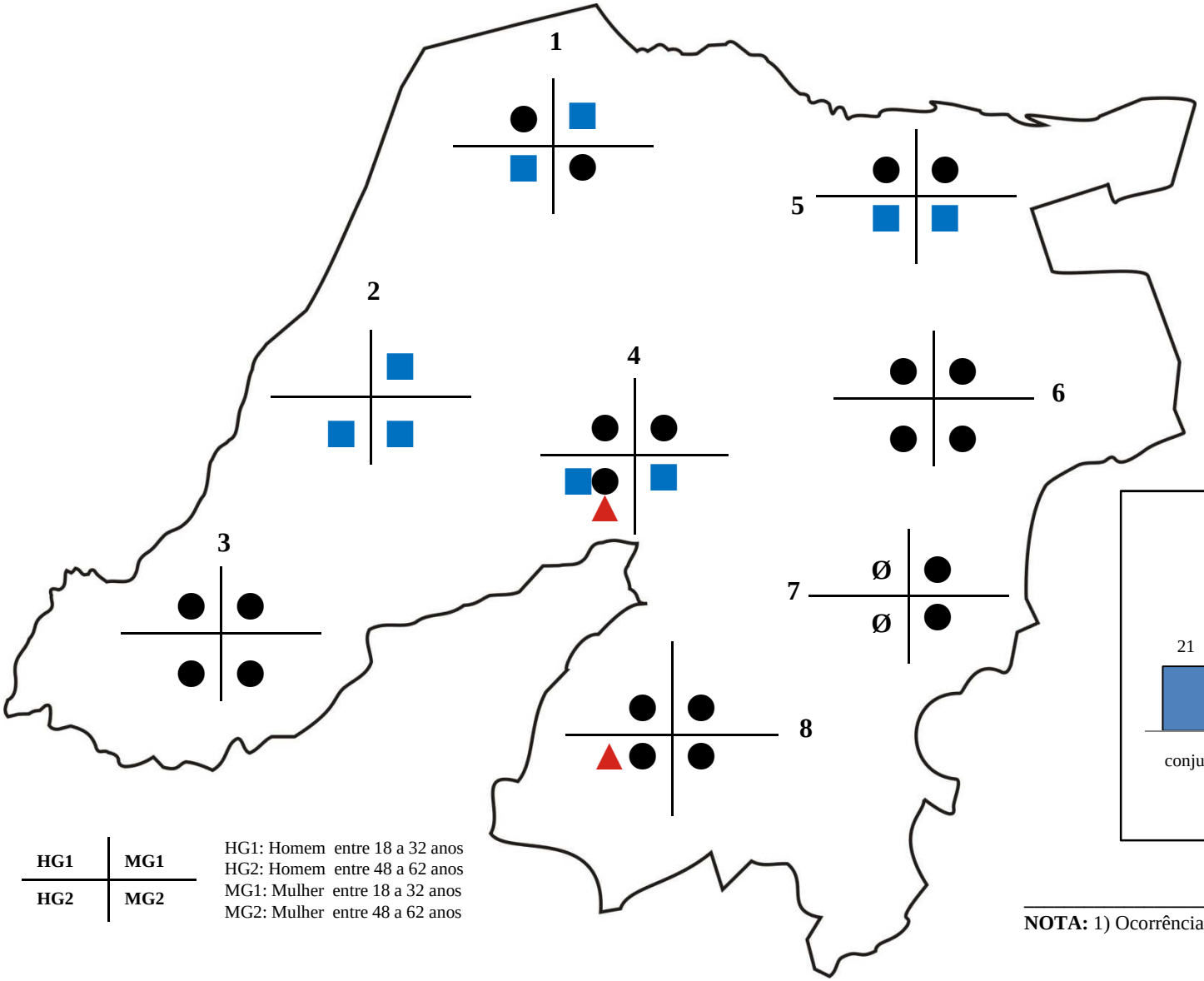
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

NOTA: 1) Ocorrências Únicas: **peteca** (CN2) e **sera** (CN4).

ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

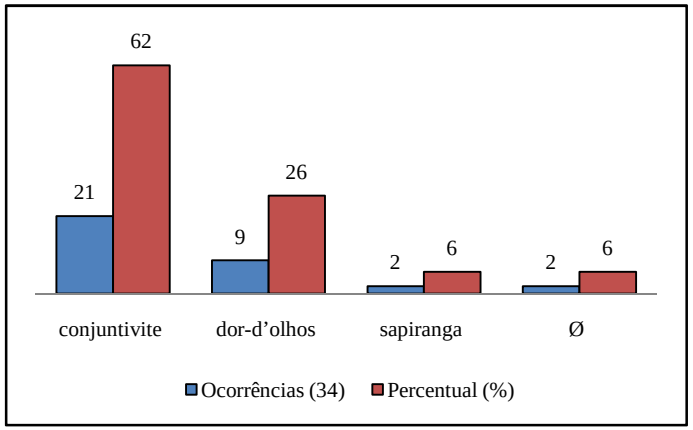
Carta Léxica 44
CONJUNTIVITE

QSL 93: ... a inflamação que deixa os olhos avermelhados, inchados e grudados?



LEGENDA

- ● conjuntivite
- ■ dor-d'olhos
- ▲ sapiranga
- Ø abstenções



HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

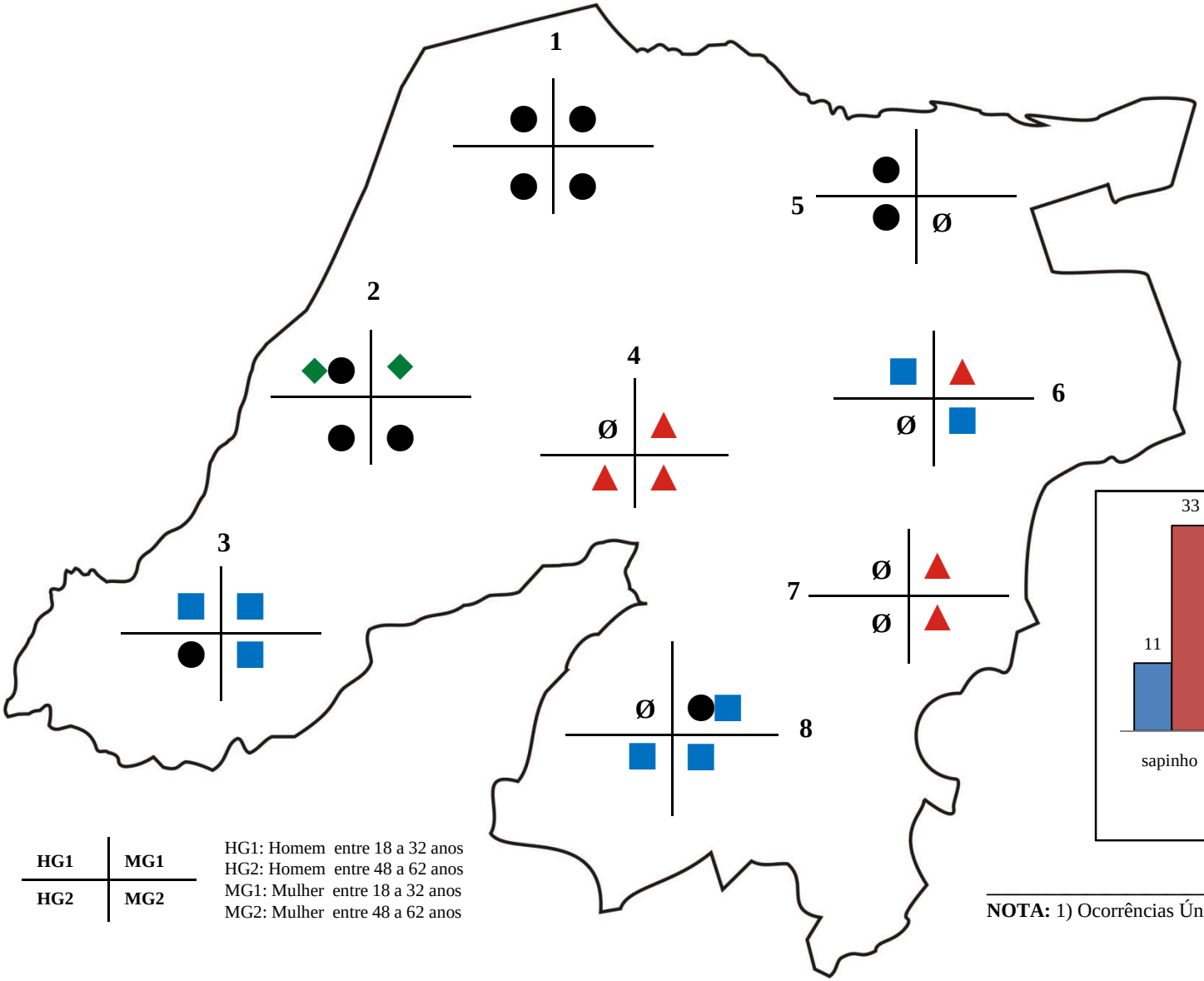
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

NOTA: 1) Ocorrências Únicas: **gata-sega** (AP1).

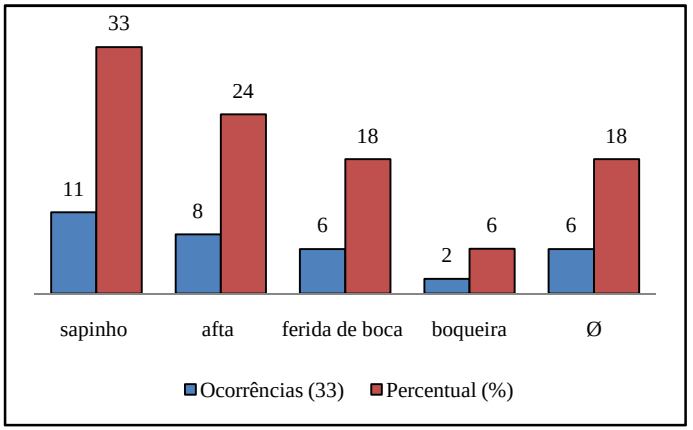
ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta Léxica 45
SAPINHO

QSL 95: ... doença que enche a boca de coisinhas brancas?



LEGENDA
- ● sapinho
- ■ afta
- ▲ ferida de boca
- ◆ boqueira
- Ø abstenções



HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

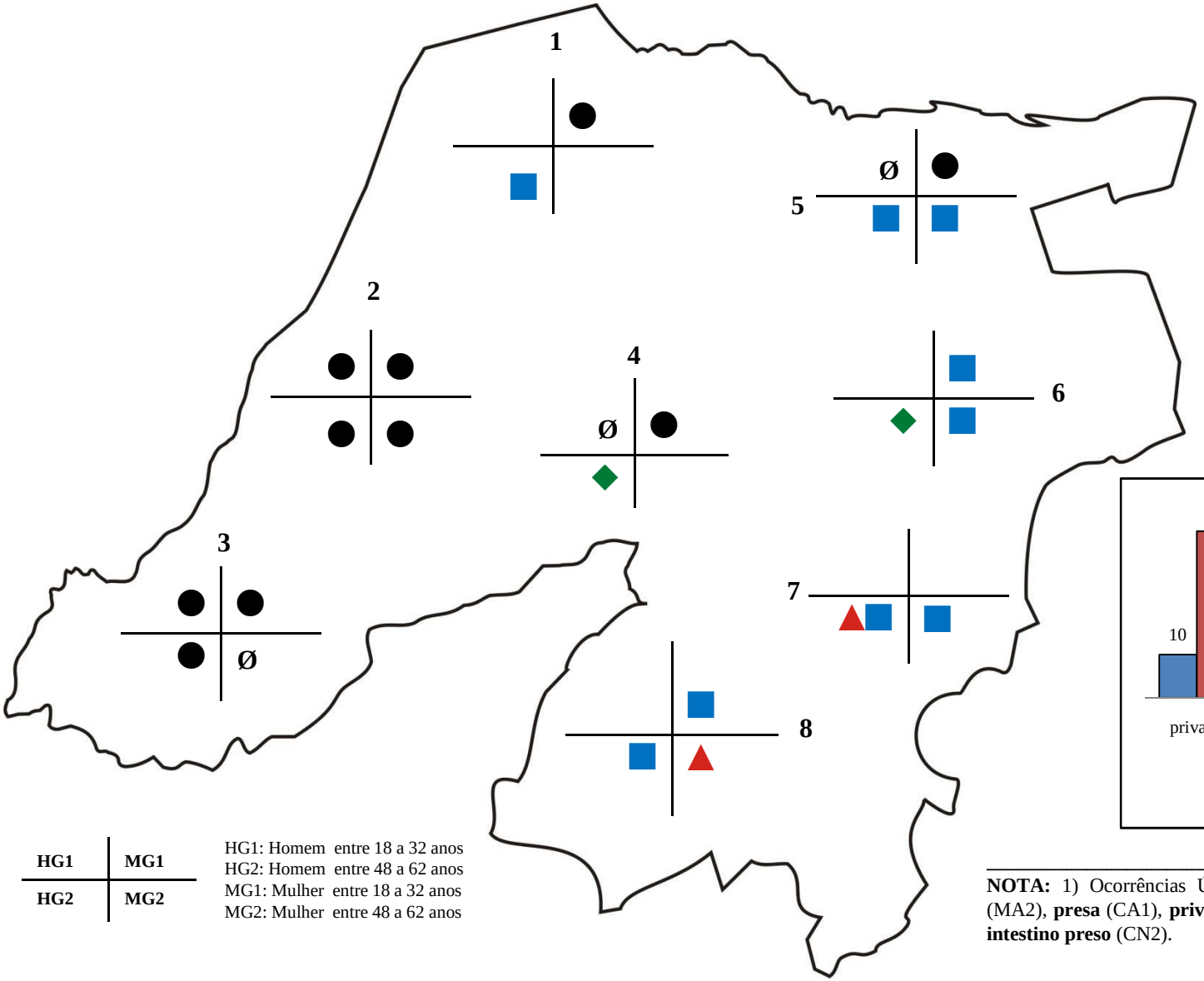
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

NOTA: 1) Ocorrências Únicas: **doença de boca** (AP3) e **feridinha branca** (MA2).

ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

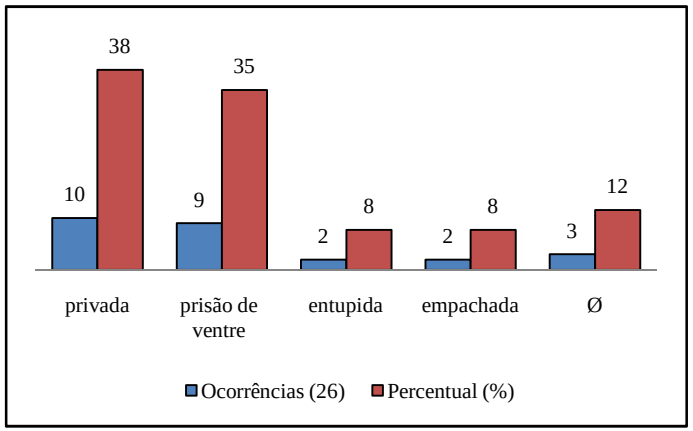
Carta Léxica 46
PRISÃO DE VENTRE

QSL 96: O que se diz que a pessoa tem quando ela não consegue evacuar, soltar ventos?



LEGENDA

- ● privada
- ■ prisão de ventre
- ▲ entupida
- ◆ empachada
- Ø abstenções



HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

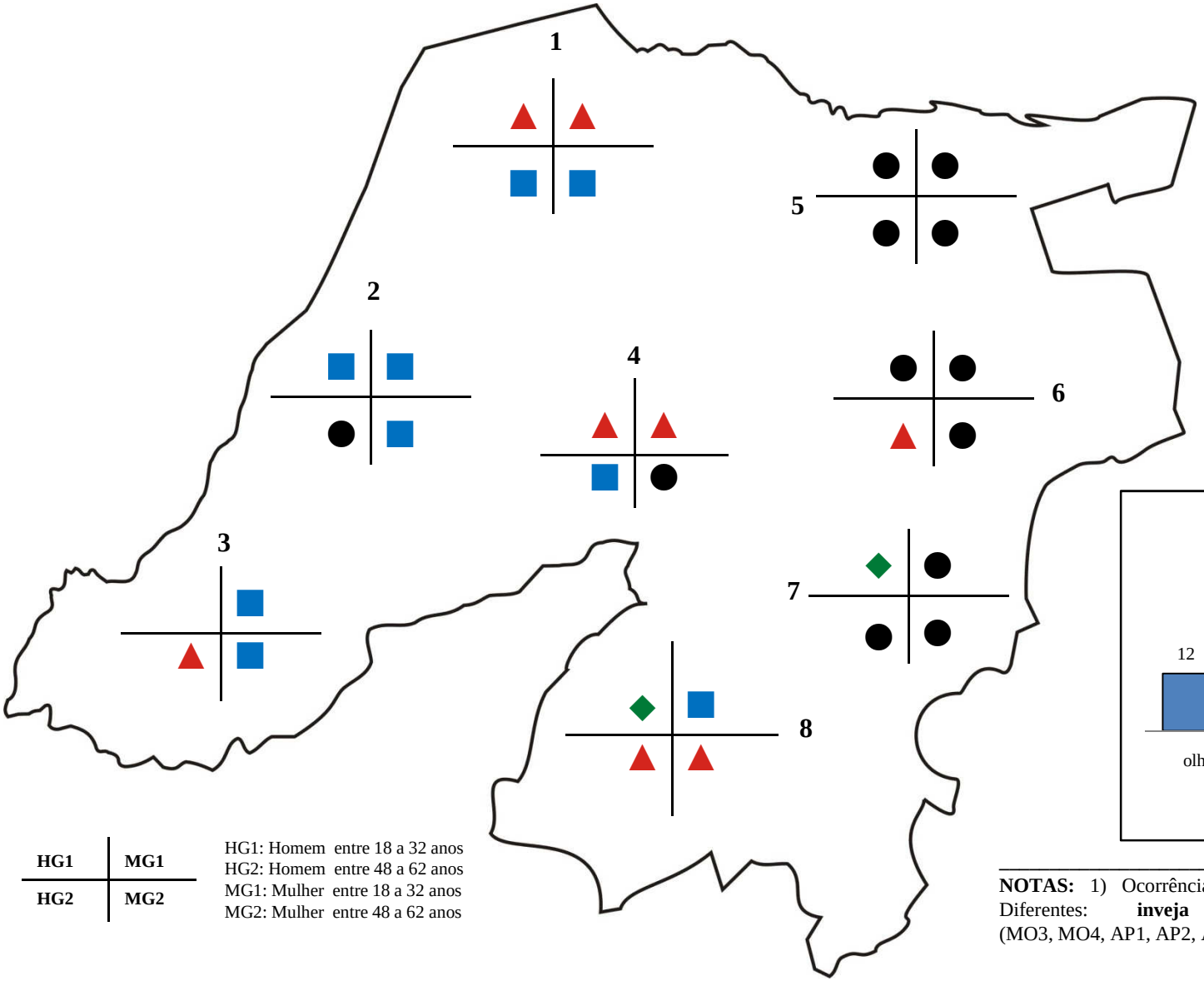
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

NOTA: 1) Ocorrências Únicas: **tapada** (MO1), **empanzinada** (MO4), **enturida** (MA2), **presa** (CA1), **privação** (JA4), **barriga inchada** (AN1), **má digestão** (CN1) e **intestino preso** (CN2).

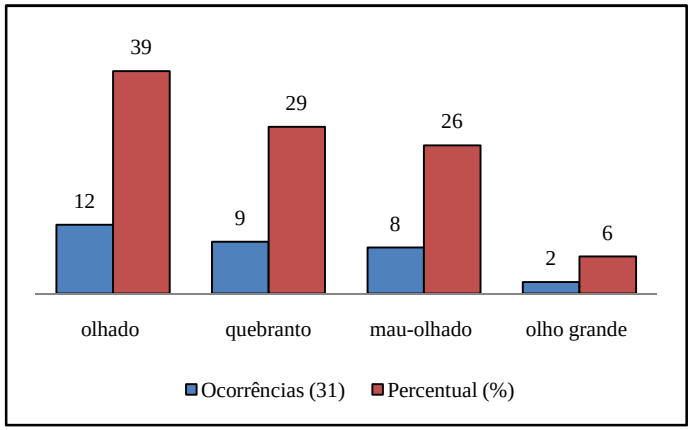
ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta Léxica 47
MAU-OLHADO

QSL 101: ... a doença que é provocada pelo olhar de certas pessoas?



LEGENDA
- olhado
- quebranto
- mau-olhado
- olho grande



HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

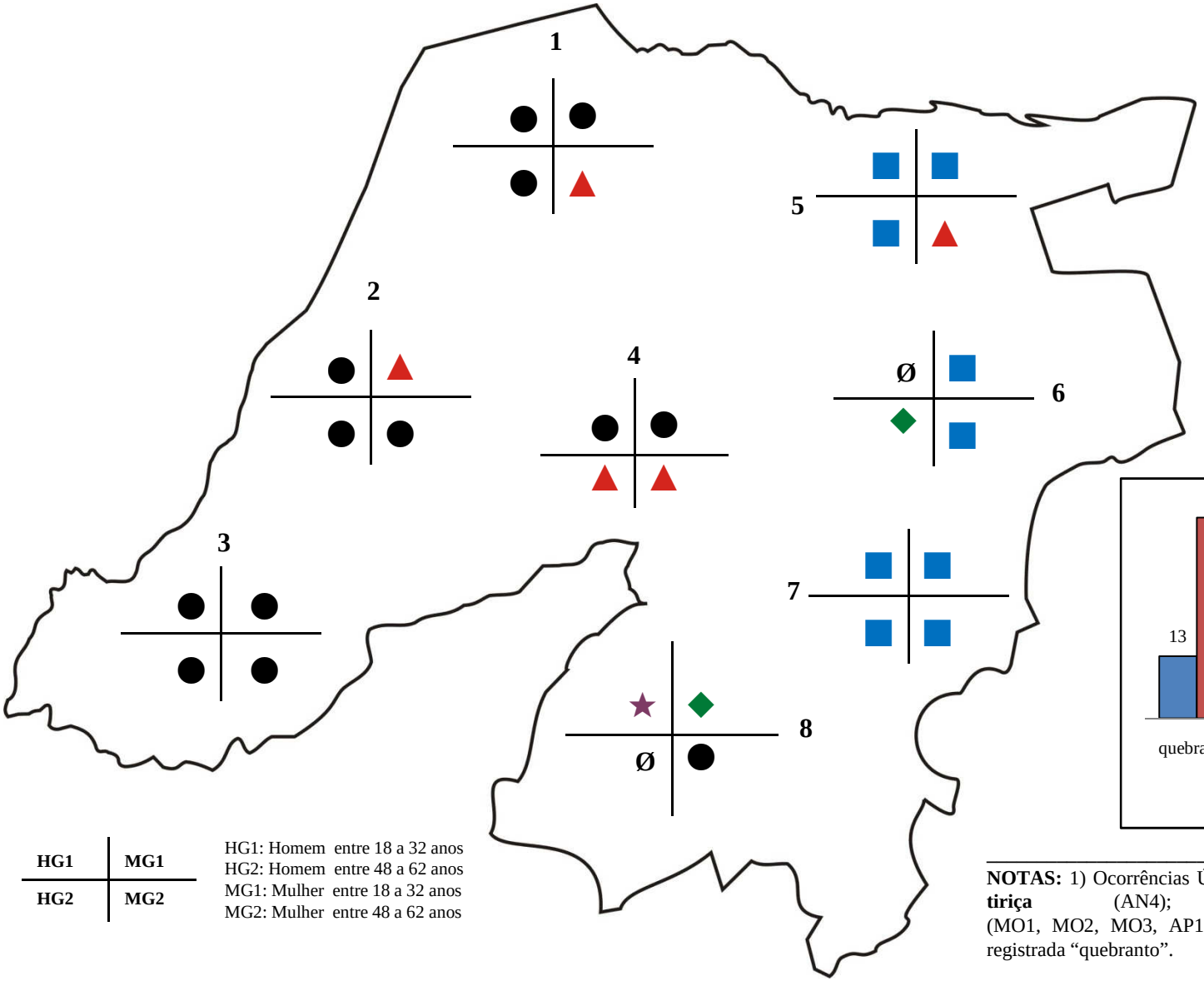
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

NOTAS: 1) Ocorrências Únicas: **olho gordo** (CA2); 2) Outras Respostas Diferentes: **inveja** (PF1); 3) A resposta "quebrante" (MO3, MO4, AP1, AP2, AP4, PF4, JA3, CA2) foi registrada "quebranto".

ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

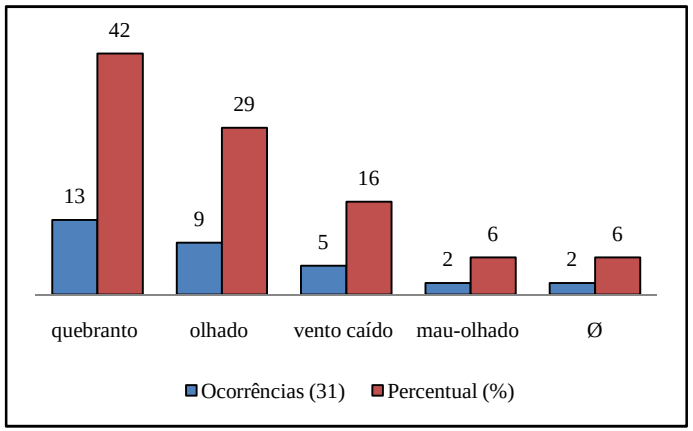
Carta Léxica 48
QUEBRANTO

QSL 102 Quando a criança fica meio tristonha e suas fezes ficam esverdeadas, se diz que ela está com... ?



LEGENDA

- ● quebranto
- ■ olhado
- ▲ vento caído
- ◆ mau-olhado
- Ø abstenções



HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

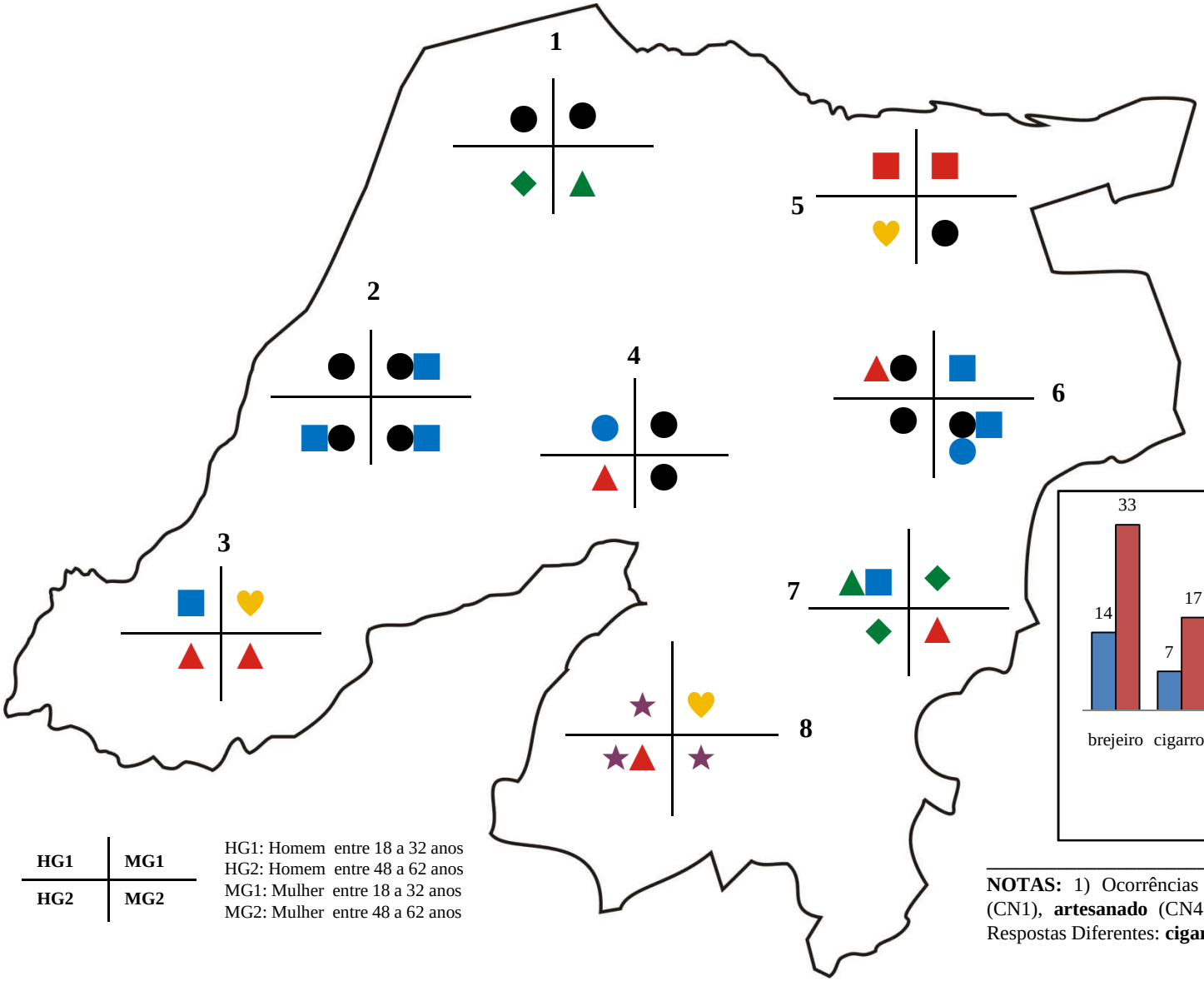
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

NOTAS: 1) Ocorrências Únicas: **esmorecido** (CA1); 2) Outras Respostas Diferentes: **tiriça** (AN4); 3) A resposta "quebrante" (MO1, MO2, MO3, AP1, AP3, AP4, PF1, PF2, PF3, PF4, JA1, JA2, CA4) foi registrada "quebranto".

ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

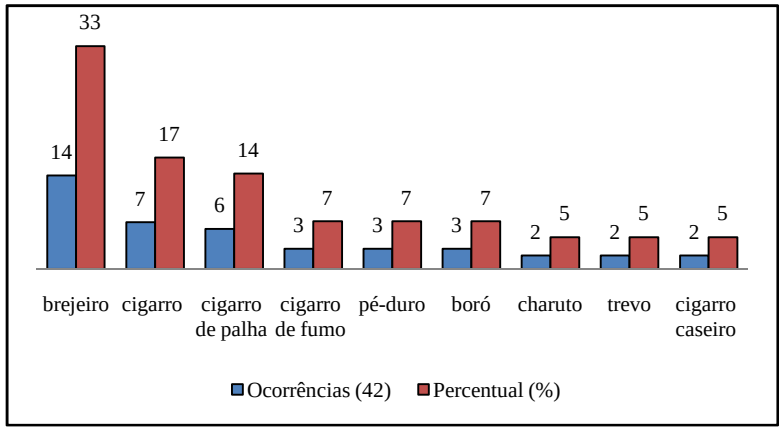
Carta Léxica 49
CIGARRO DE PALHA

QSL 103: ... o cigarro que as pessoas faziam antigamente, enrolado à mão?



LEGENDA

- ● brejeiro
- ■ cigarro
- ▲ cigarro de palha
- ◆ cigarro de fumo
- ★ pé-duro
- ♥ boró
- ● charuto
- ■ trevo
- ▲ cigarro caseiro



HG1	MG1
HG2	MG2

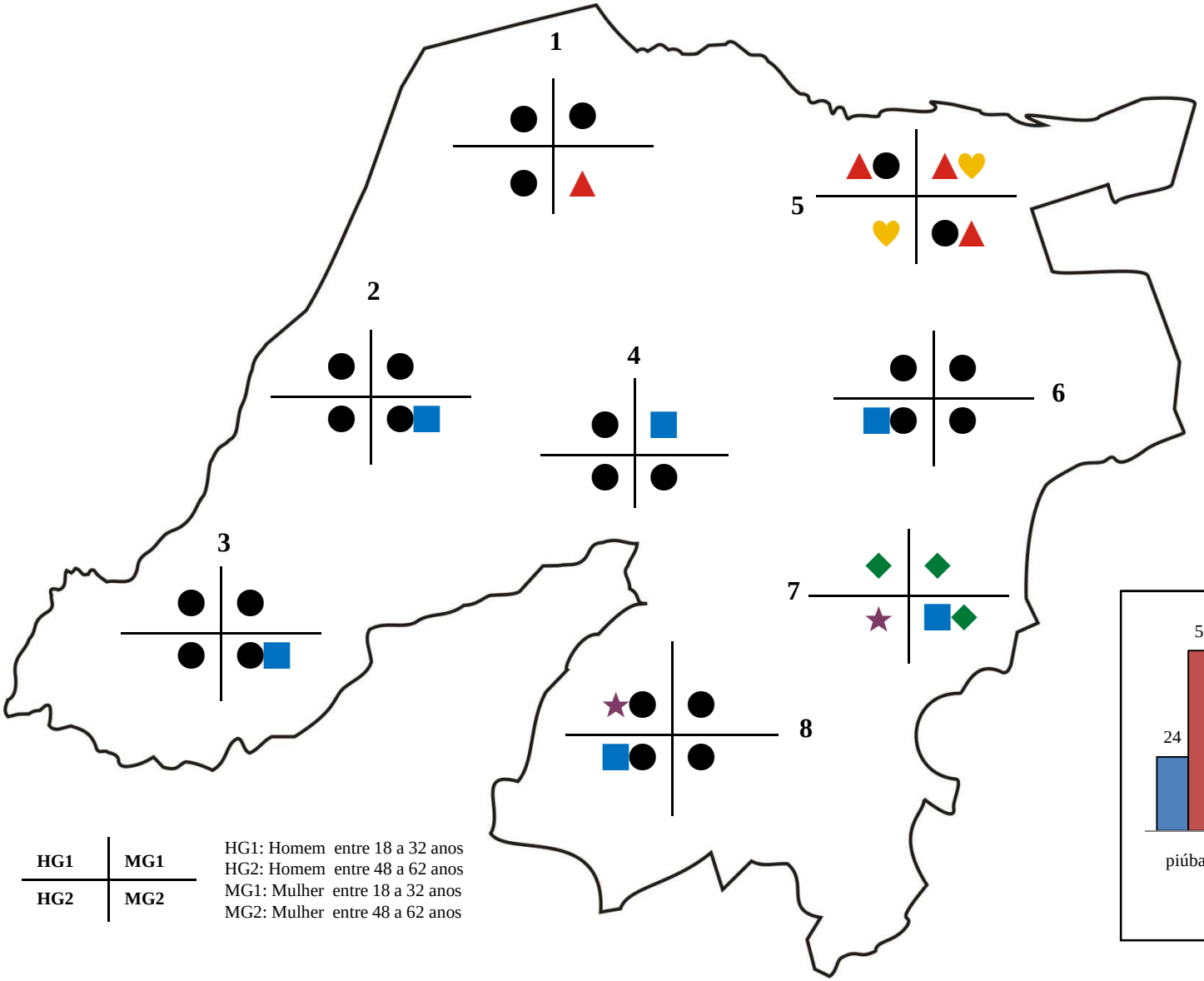
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

NOTAS: 1) Ocorrências Únicas: **tabaco** (MO2), **papelino** (MO3), **pé de burro** (CN1), **artesanado** (CN4), **cigarro de folha** (CA2) e **pacaia** (CA4); 2) Outras Respostas Diferentes: **cigarro de maconha** (MA1 e MA2).

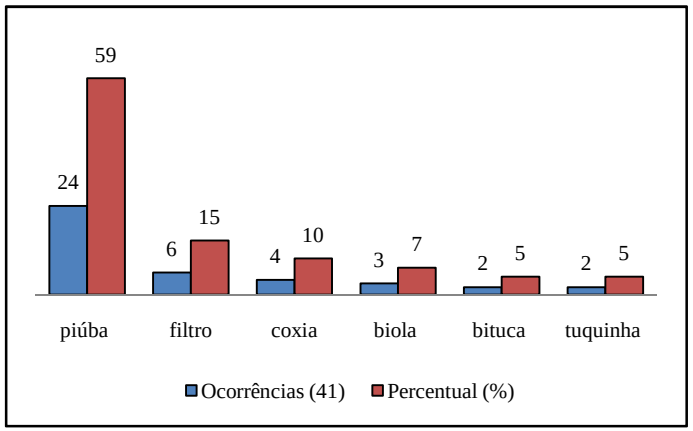
ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta Léxica 50
TOCO DE CIGARRO

QSL 104: ...o resto do cigarro que se joga fora?



LEGENDA
- piúba
- filtro
- coxia
- biola
- bituca
- tuquinha



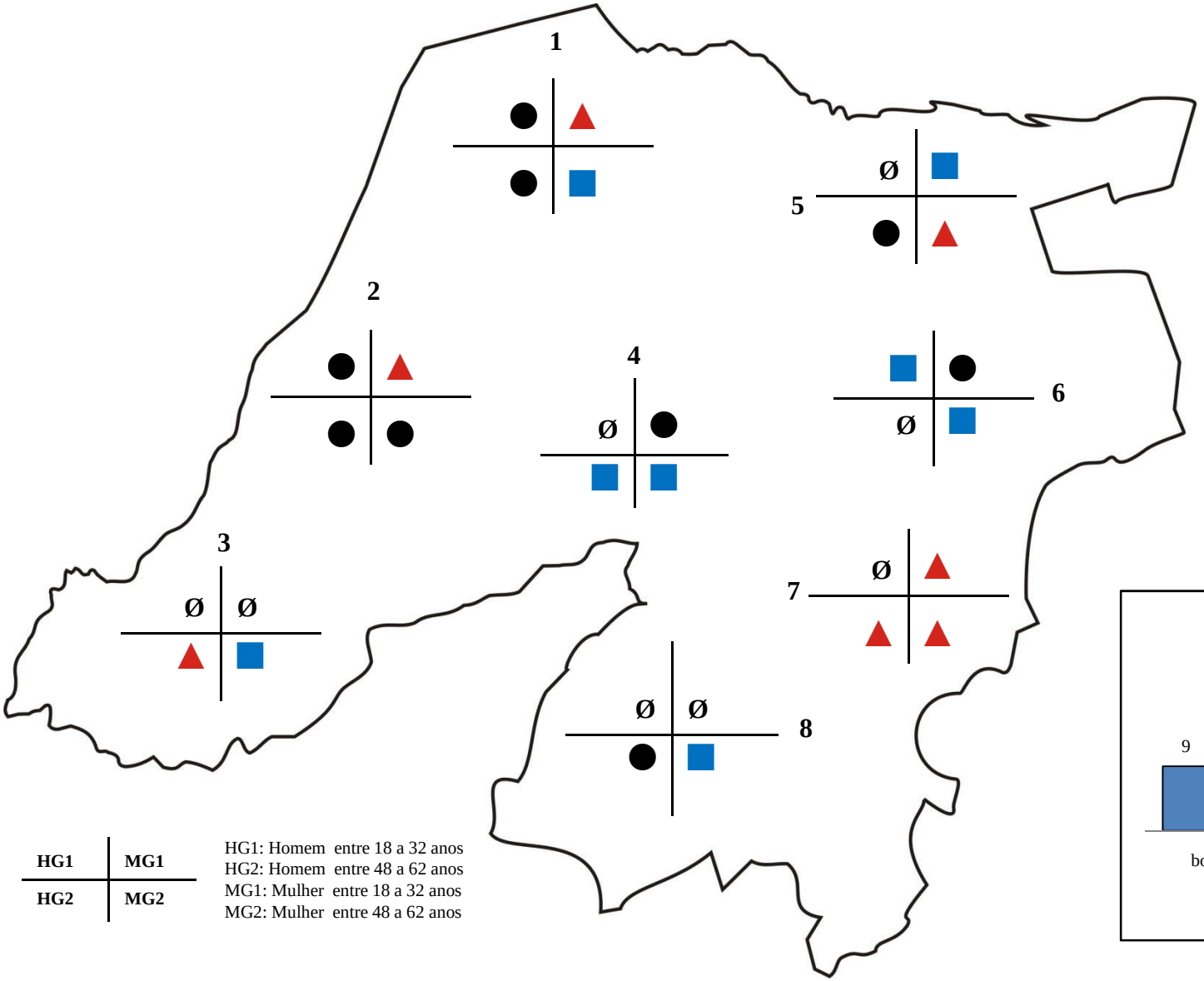
HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

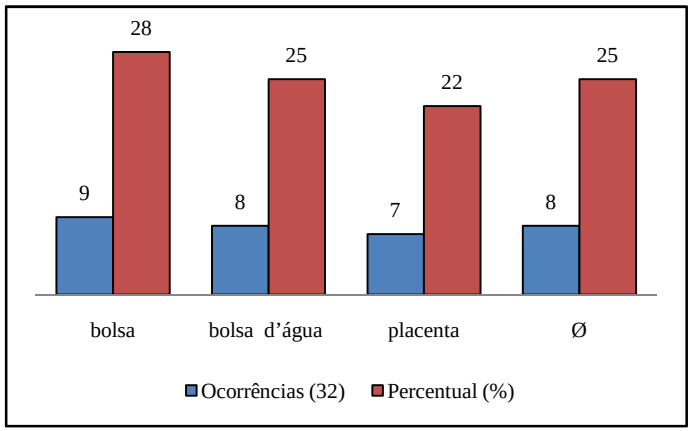
Carta Léxica 51
PLACENTA

QSL 110: Como se chama aquela bolsa que ao arrebentar a criança nasce?



LEGENDA

- ● bolsa
- ■ bolsa d'água
- ▲ placenta
- Ø abstenções



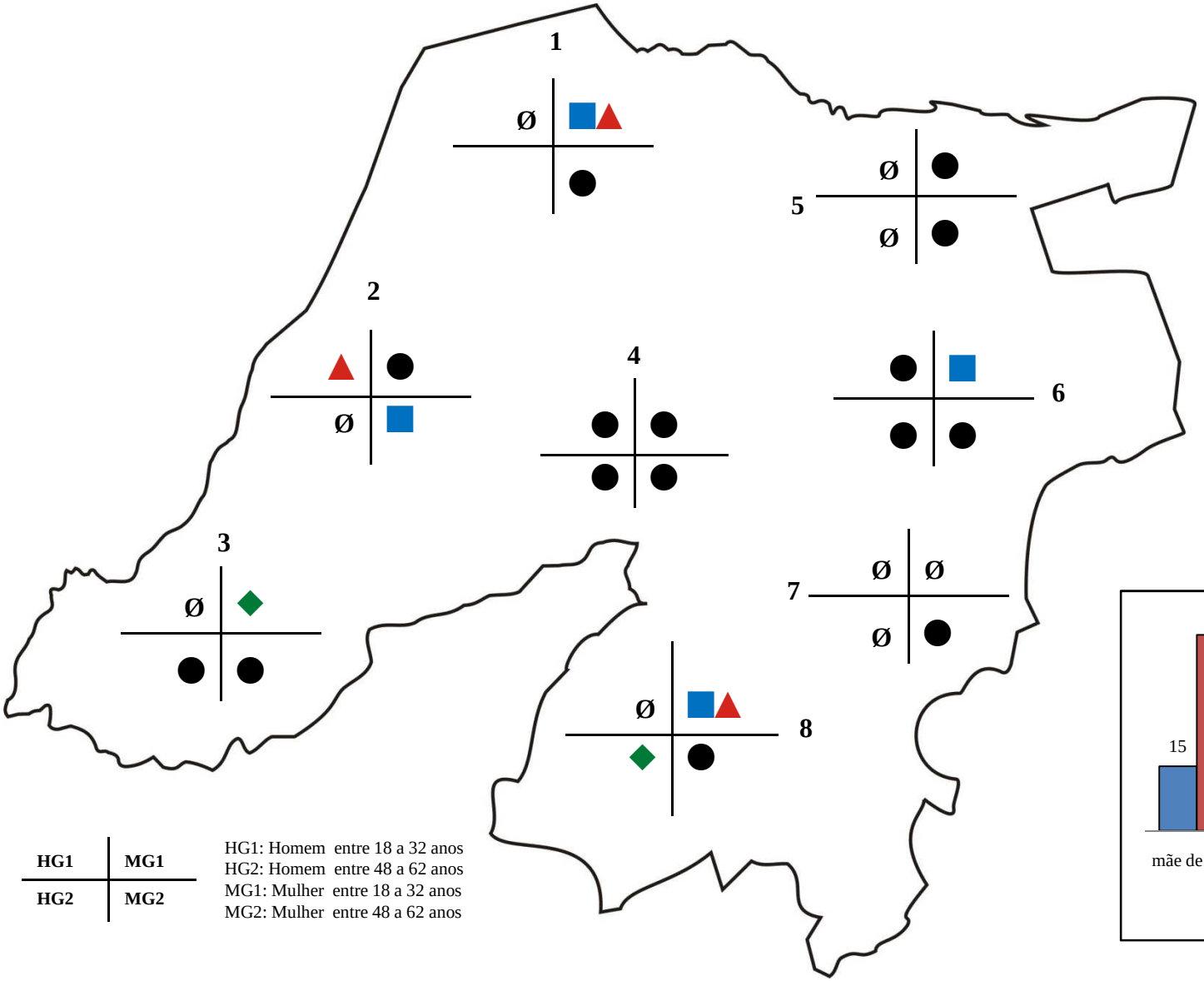
HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta Léxica 52
AMA DE LEITE

QSL 114: ... a mulher que amamenta a criança que não é dela?

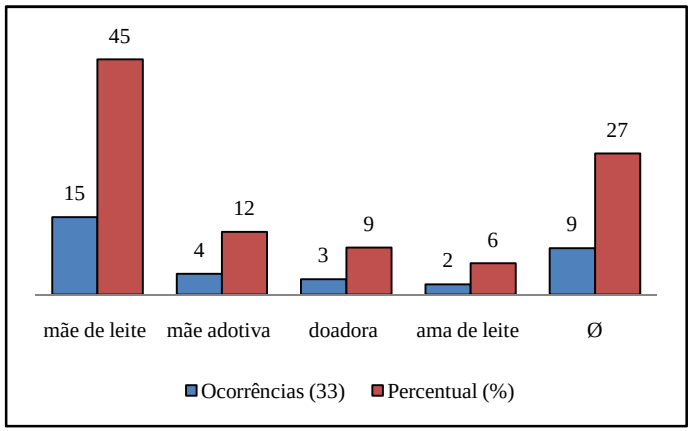


LEGENDA

- ● mãe de leite
- ■ mãe adotiva
- ▲ doadora
- ◆ ama de leite
- Ø abstenções

HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

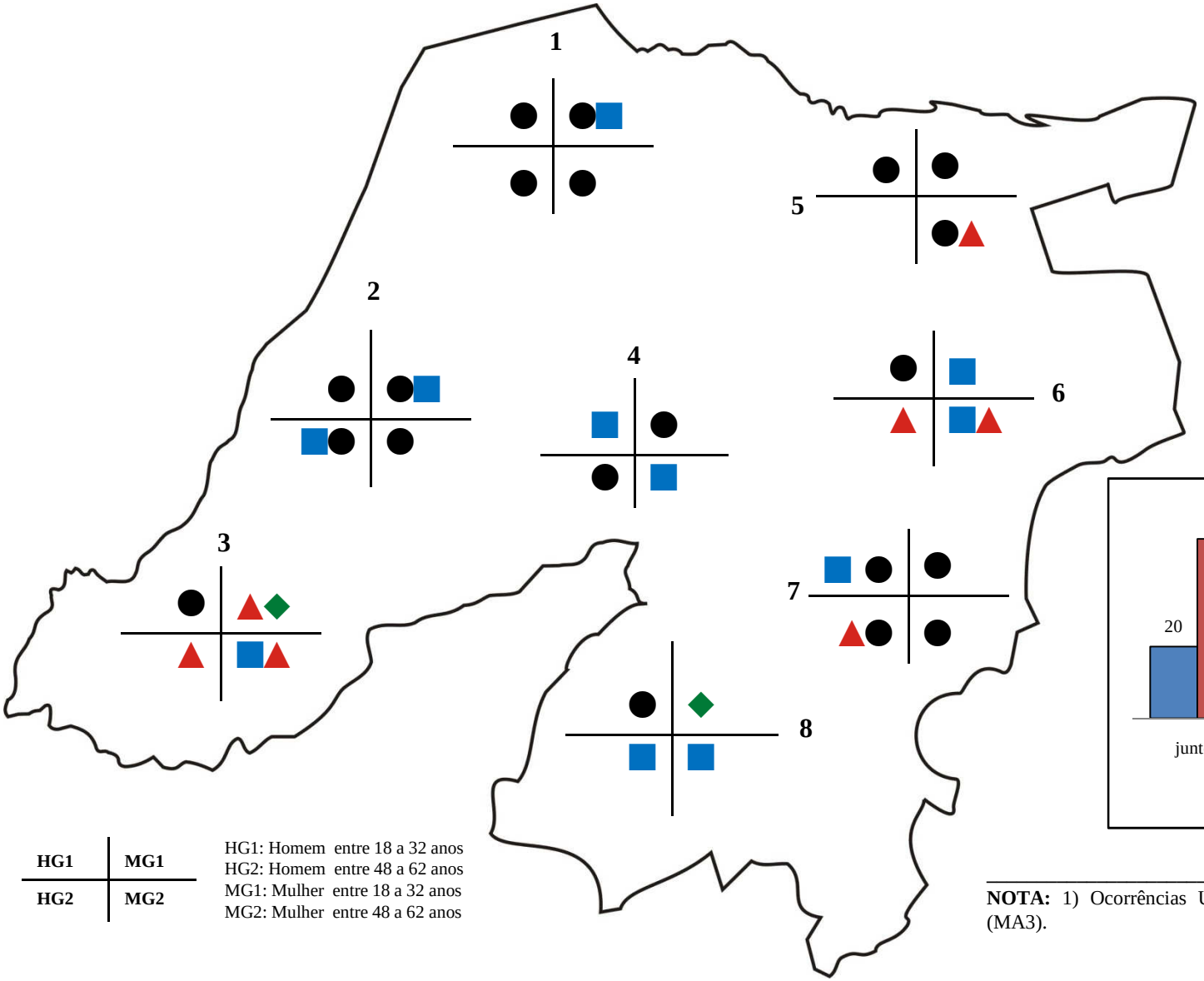
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos



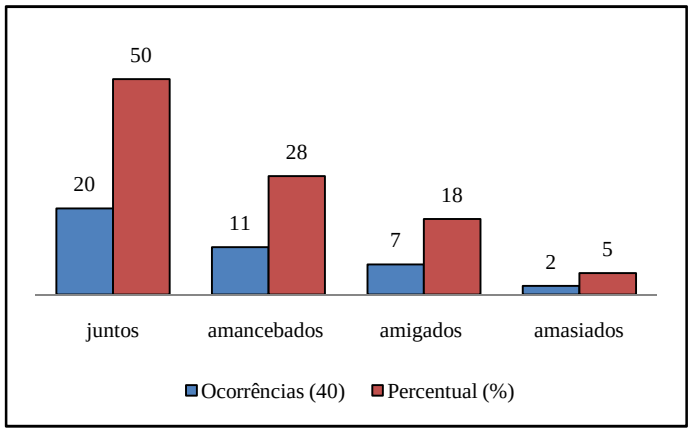
ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta Léxica 53
AMASIADOS

QSL 119: Quando um homem e uma mulher vivem juntos sem serem casados, eles são o quê?



LEGENDA
- juntos
- amancebados
- amigados
- amasiados



HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

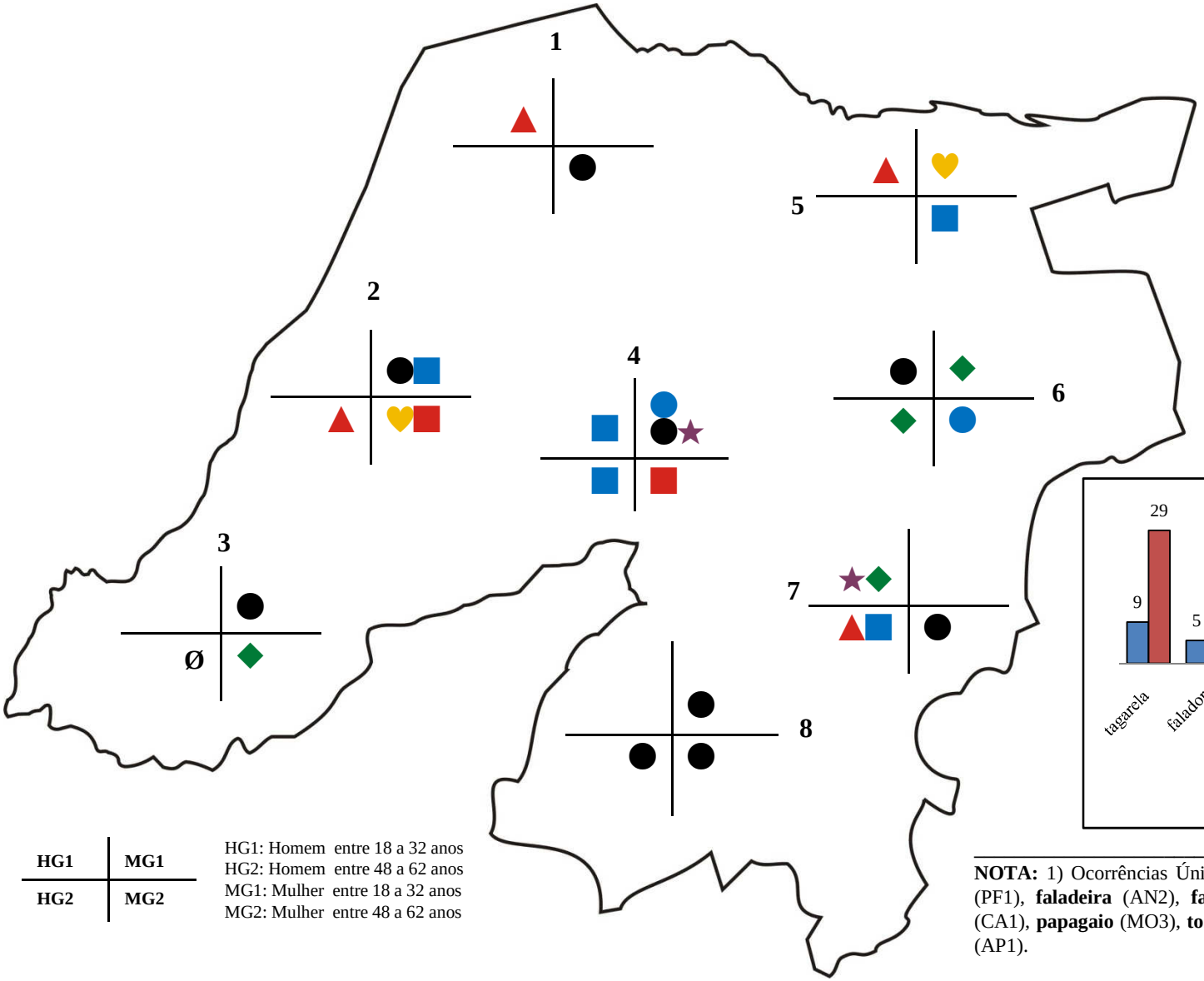
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

NOTA: 1) Ocorrências Únicas: **cônjuge** (AP2), **amante** (AP4) e **companheiro** (MA3).

ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

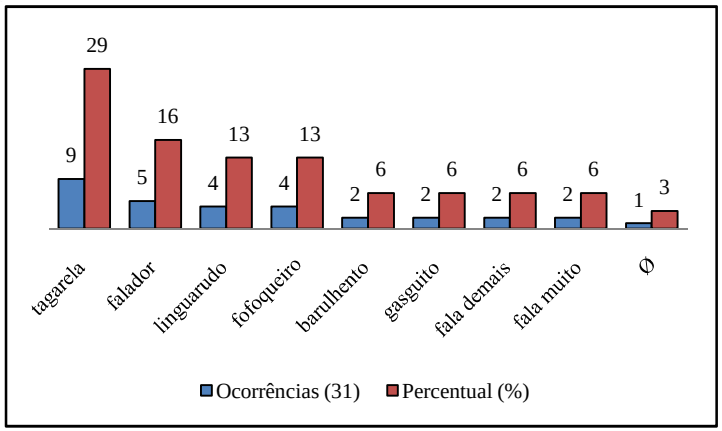
Carta Léxica 54
TAGARELA

QSL 121: ... a pessoa que fala demais?



LEGENDA

- ● tagarela
- ■ falador
- ▲ linguarudo
- ◆ fofoqueiro
- ★ barulhento
- ♥ gasguito
- ● fala demais
- ■ fala muito
- Ø abstenções

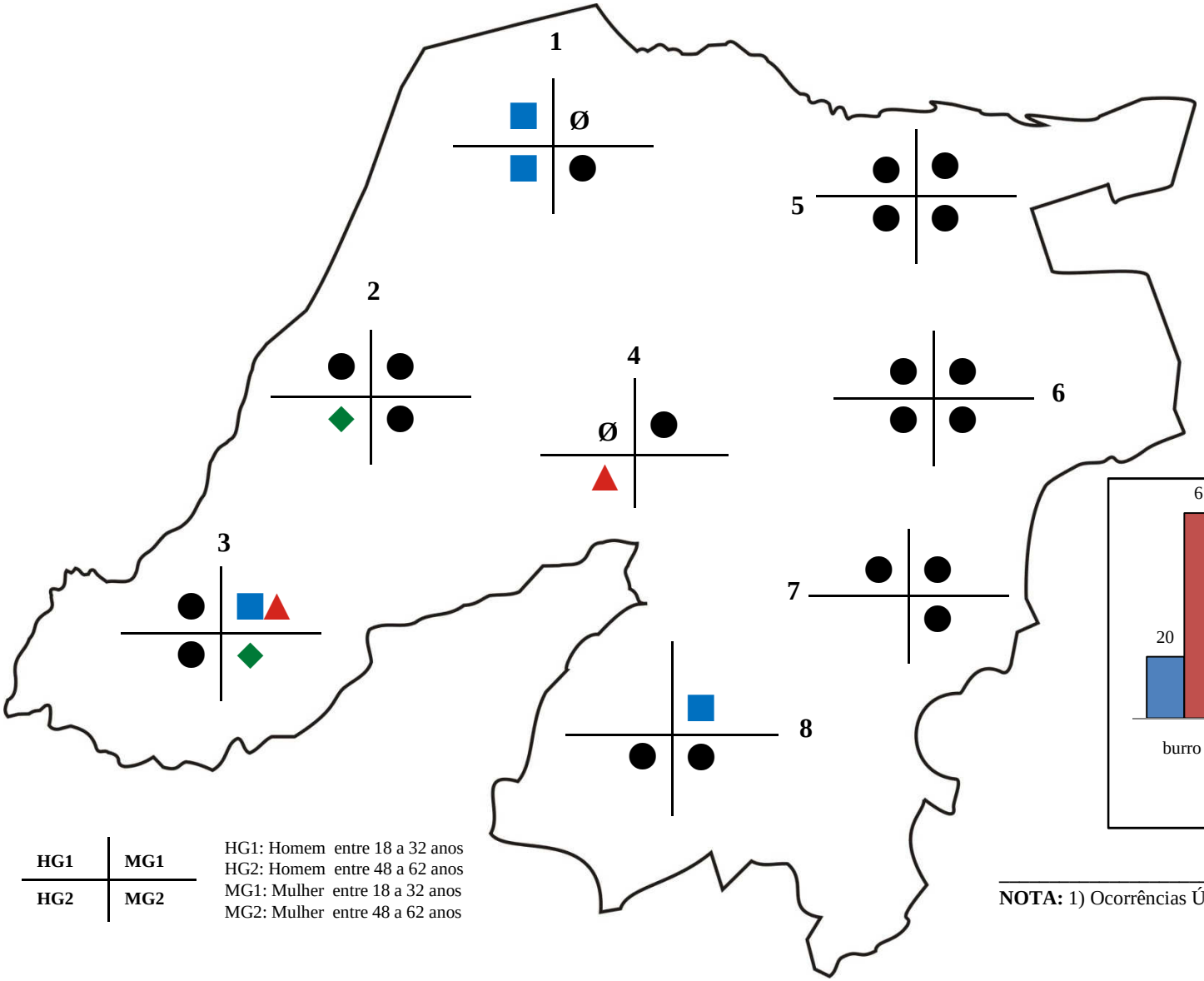


HG1	MG1
HG2	MG2

HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

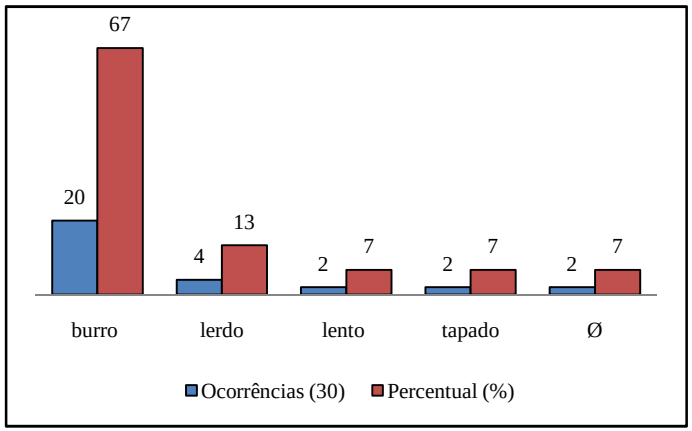
NOTA: 1) Ocorrências Únicas: **badaladeira** (MO2), **bocuda** (MA2), **conversador** (PF1), **faladeira** (AN2), **falante** (MA3), **fifi** (CA2), **fuxiqueiro** (PF1), **matraga** (CA1), **papagaio** (MO3), **toma água de chocalho** (CN2), **zoador** (CN1) e **zoadento** (AP1).

QSL 122: ... a pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas e não entende nada?



LEGENDA

- burro
- lerdo
- lento
- tapado
- Ø abstenções



HG1	MG1
HG2	MG2

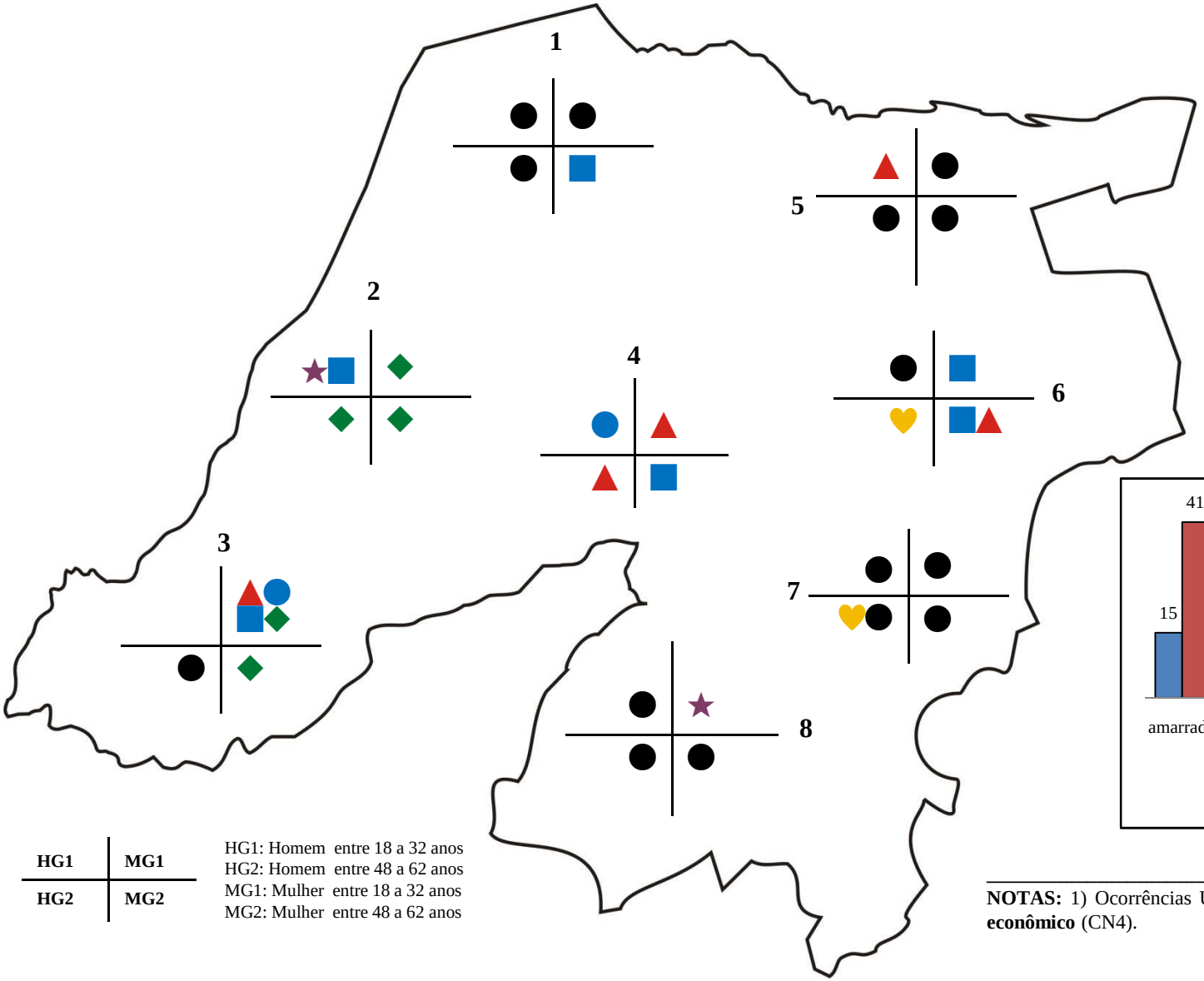
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

NOTA: 1) Ocorrências Únicas: **sem memória** (JA4), **rudo** (CN3) e **leso** (CA1).

ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

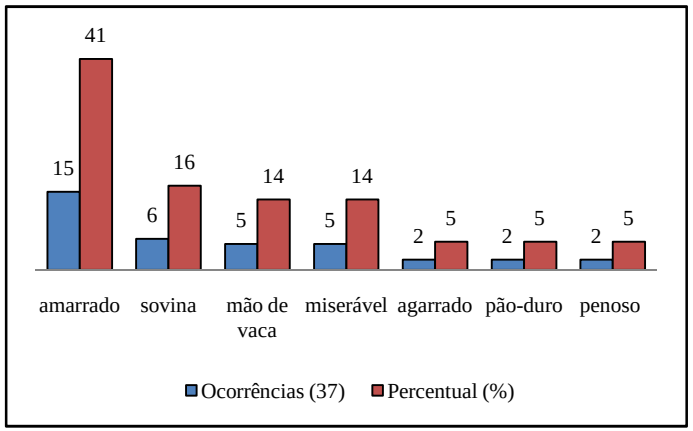
Carta Léxica 56
SOVINA

QSL 123: ... a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro?



LEGENDA

- amarrado
- sovina
- mão de vaca
- miserável
- agarrado
- pão-duro
- penoso



HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

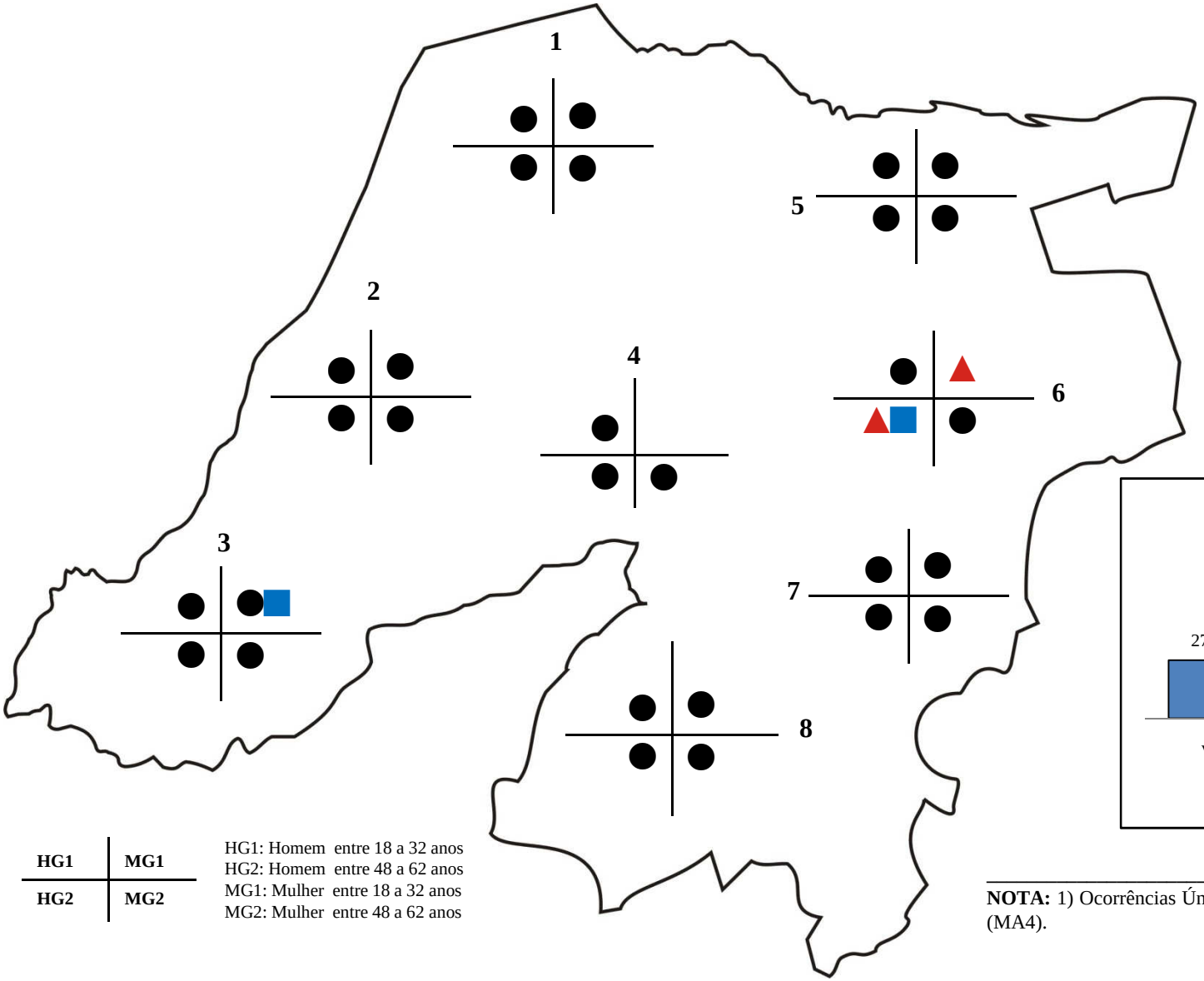
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

NOTAS: 1) Ocorrências Únicas: **marreteiro** e **seguro** (PF1), **canguinha** (MA4) e **econômico** (CN4).

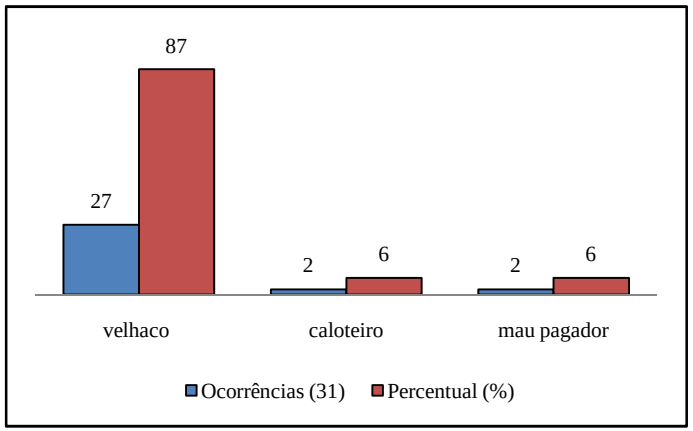
ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta Léxica 57
VELHACO

QSL 124: ...a pessoa que deixa suas contas penduradas?



LEGENDA
- ● velhaco
- ■ caloteiro
- ▲ mau pagador



HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

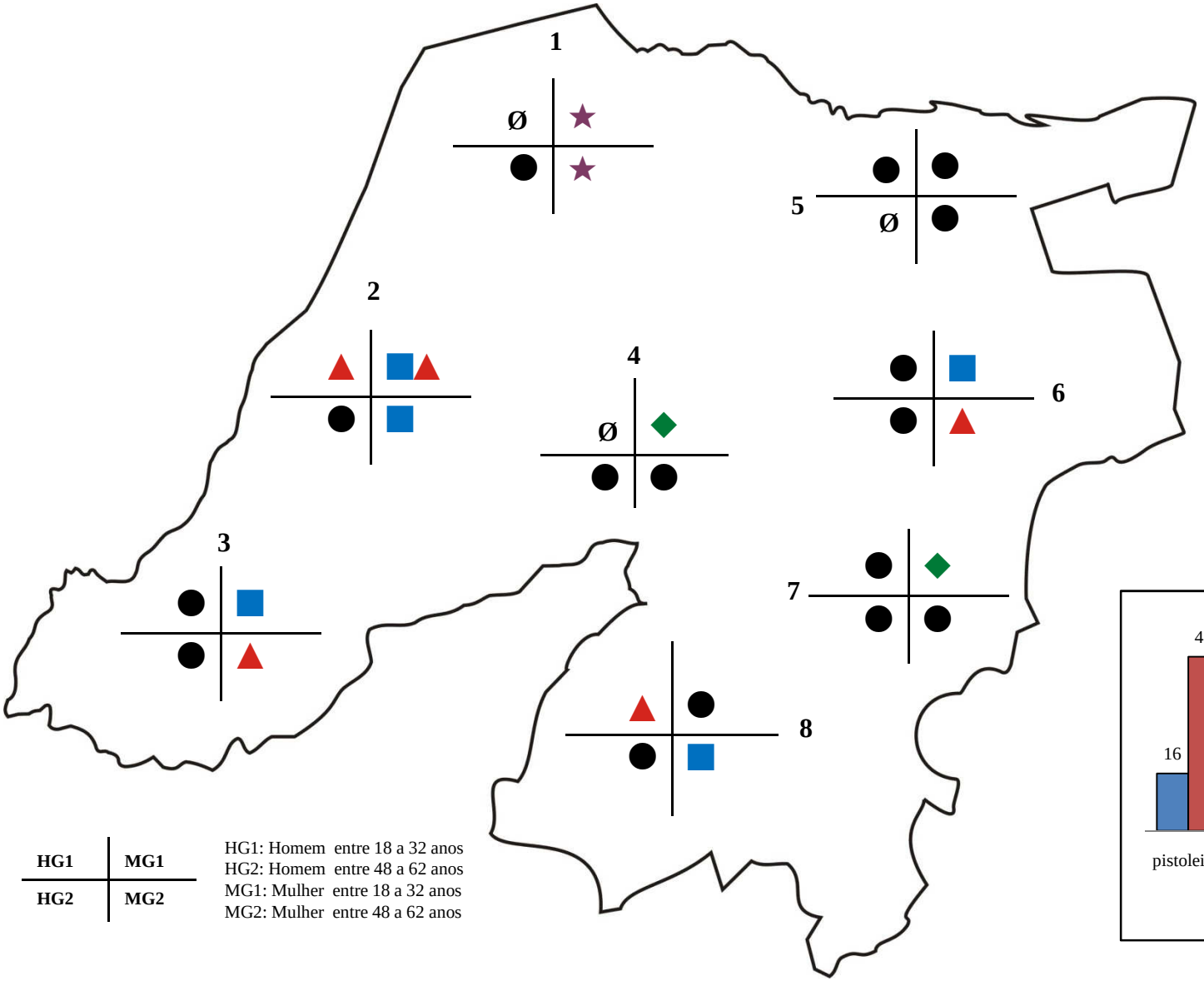
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

NOTA: 1) Ocorrências Únicas: **mão de vaca** (JA2), **enrolão** (MA3) e **trambiqueiro** (MA4).

ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

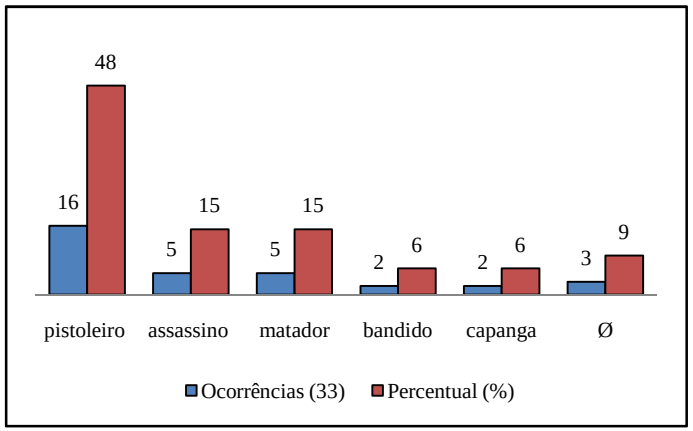
Carta Léxica 58
ASSASSINO PAGO

QSL 125: ...a pessoa que é paga para matar alguém?



LEGENDA

- ● pistoleiro
- ■ assassino
- ▲ matador
- ◆ bandido
- ★ capanga
- Ø abstenções



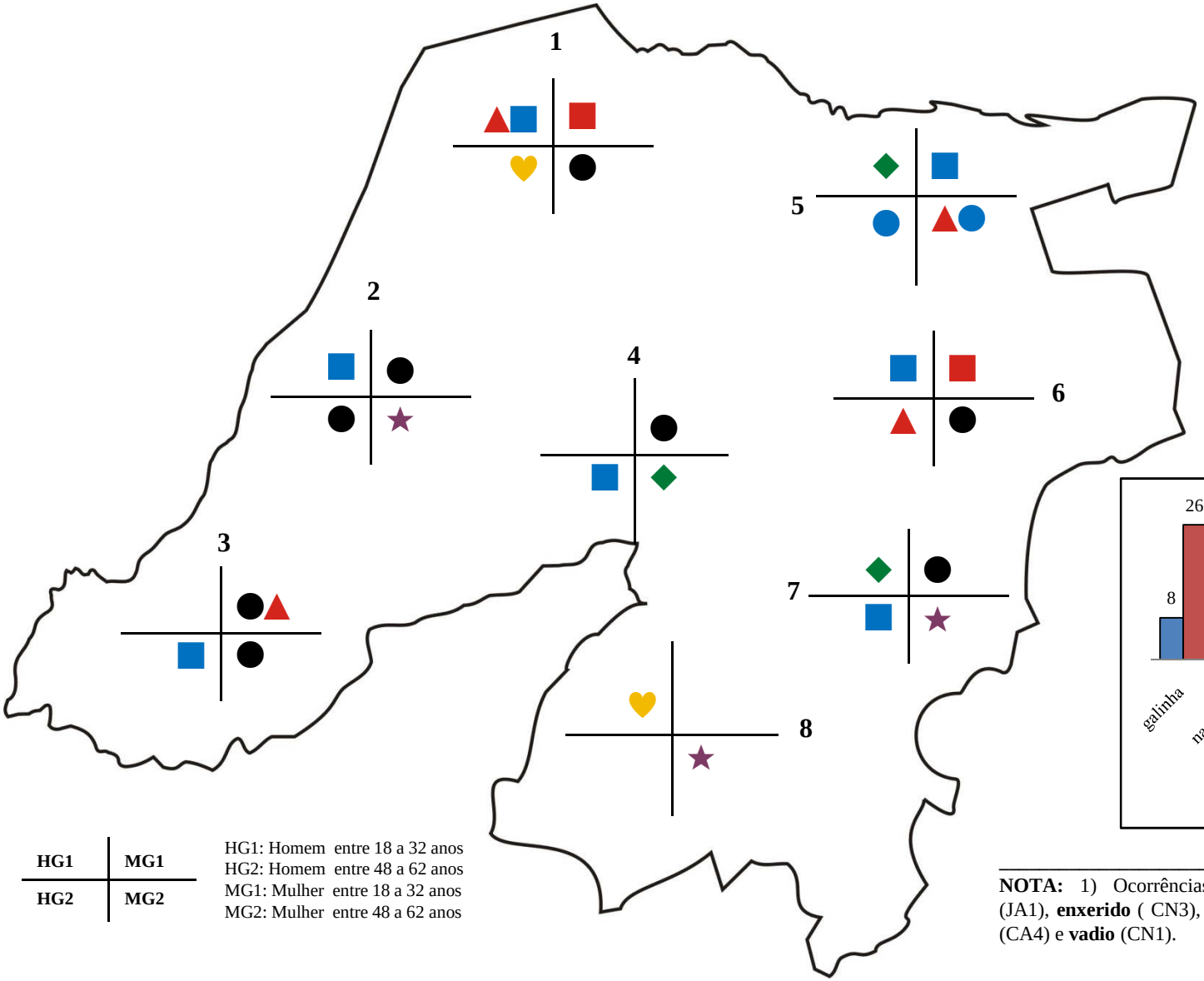
HG1	MG1
HG2	MG2

HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

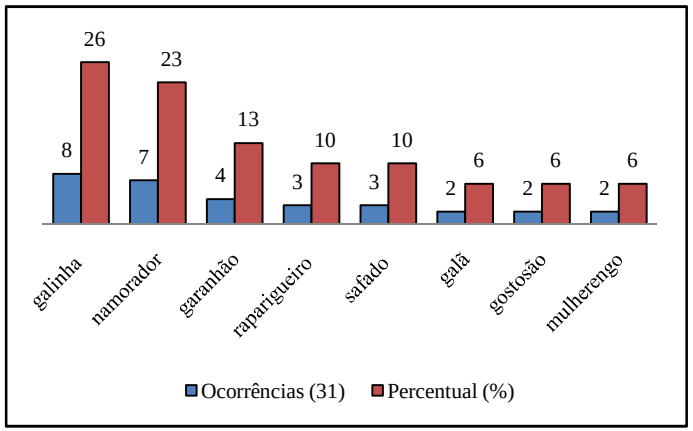
Carta Léxica 59
GALINHA

QSL 127: ... o homem que namora várias mulheres ao mesmo tempo?



LEGENDA

- galinha
- namorador
- garanhão
- raparigueiro
- safado
- galã
- gostosão
- mulherengo



HG1	MG1
HG2	MG2

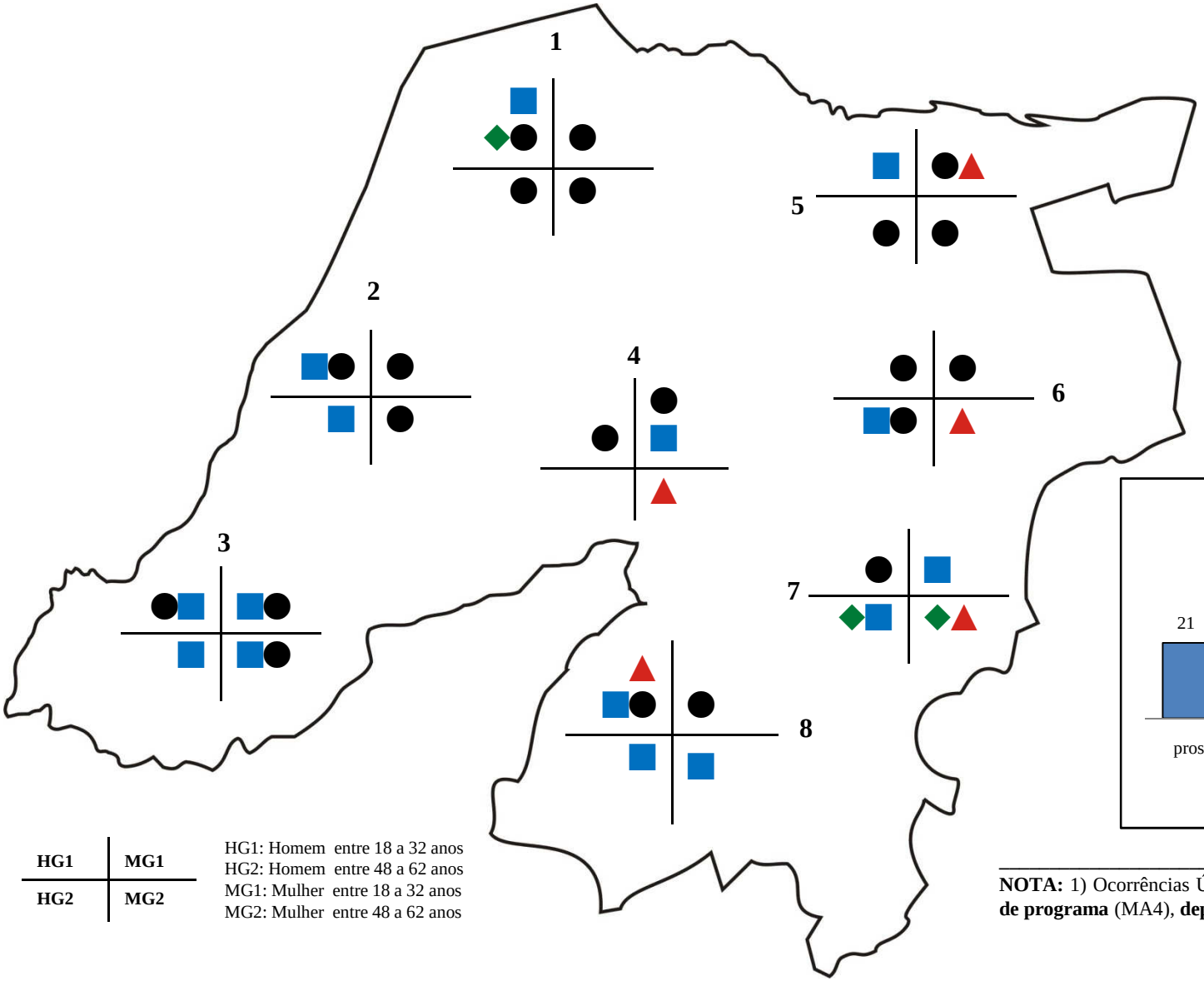
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

NOTA: 1) Ocorrências Únicas: **artista** (CA3), **cachorro** (CA2), **cantador** (JA1), **enxerido** (CN3), **folgado** (PF2), **galo** (PF1), **ricardão** (JA3), **sem-vergonha** (CA4) e **vadio** (CN1).

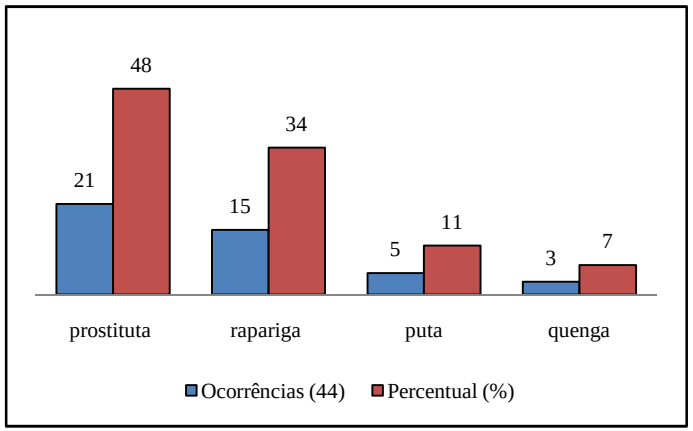
ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta Léxica 60
PROSTITUTA

QSL 128: .... a mulher que vende o seu corpo sexualmente?



LEGENDA
- ● prostituta
- ■ rapariga
- ▲ puta
- ◆ quenga



HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

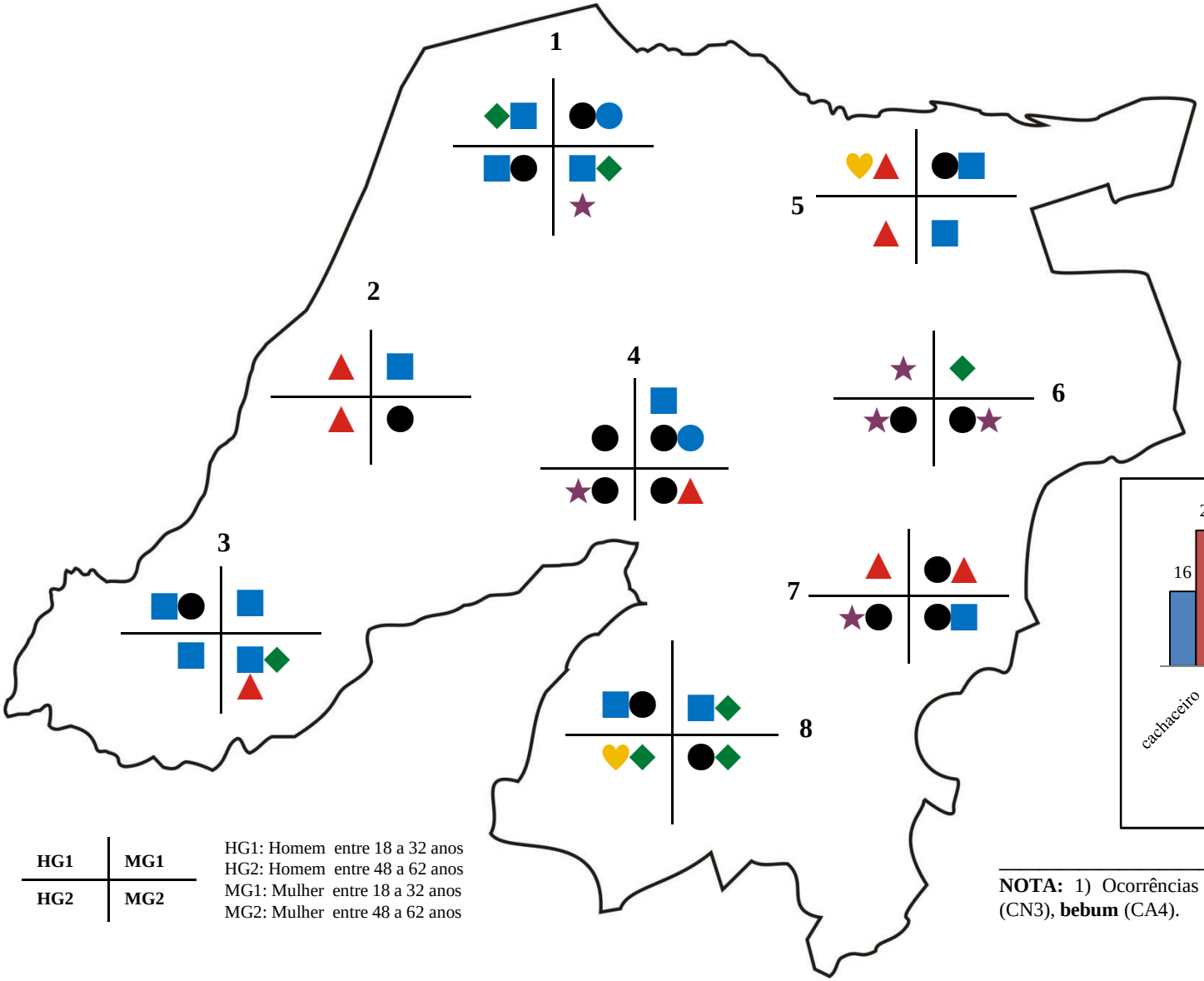
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

NOTA: 1) Ocorrências Únicas: **devassa** (PF2), **mulher de programa** (JA3), **garota de programa** (MA4), **depravada** e **vulgar** (CA3).

ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

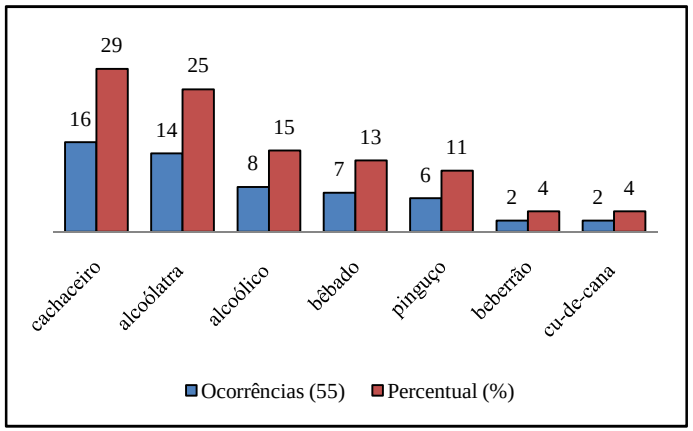
Carta Léxica 61
BÊBADO

QSL 129: Que nomes dão a uma pessoa que bebe demais?



LEGENDA

- ● cachaceiro
- ■ alcoólatra
- ▲ alcoólico
- ◆ bêbado
- ★ pinguço
- ♥ beberrão
- ● cu-de-cana



HG1	MG1
HG2	MG2

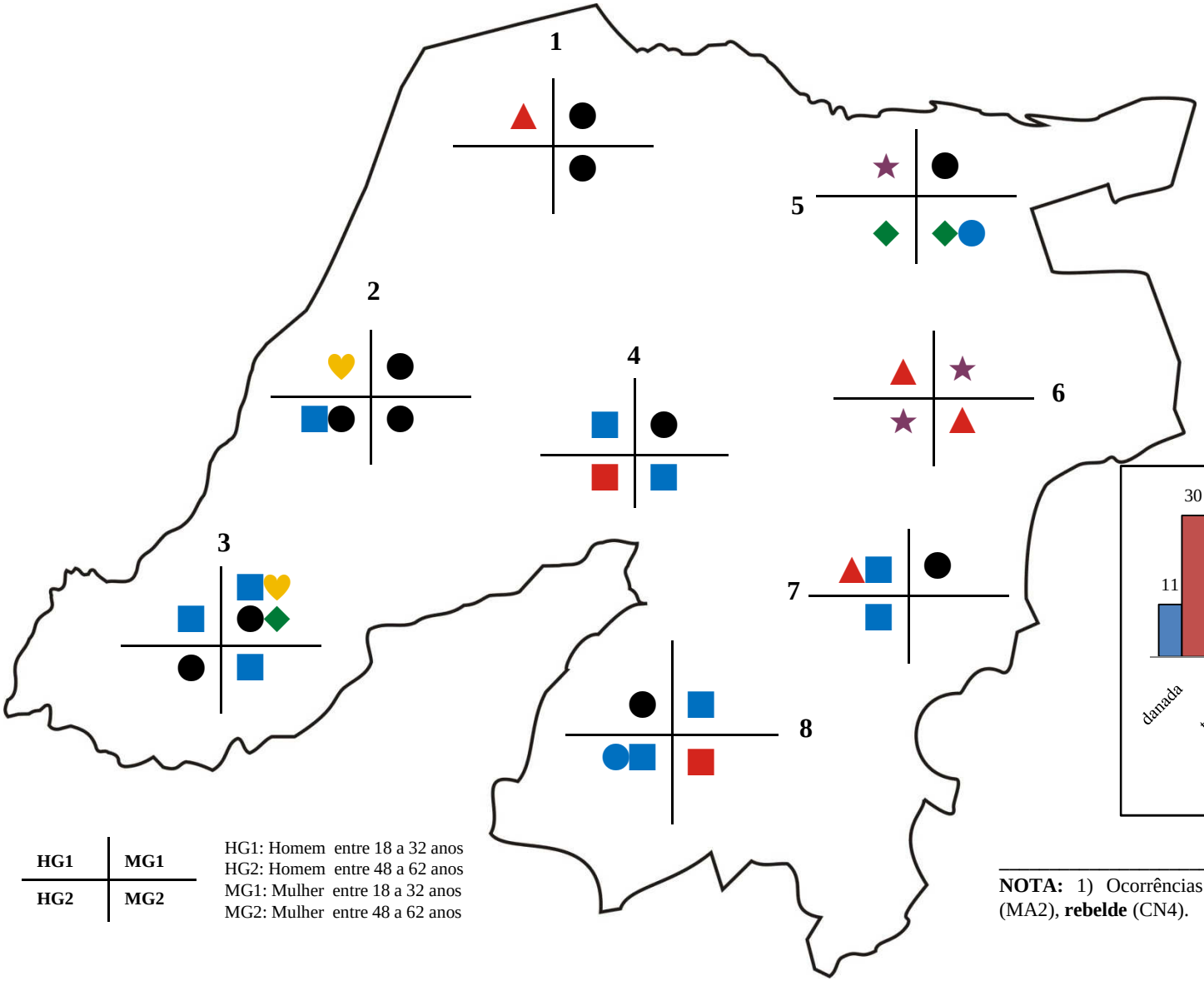
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

NOTA: 1) Ocorrências Únicas: **pingunceira** (MO2), **biriteiro** (MO3), **bebunço** (CN3), **bebum** (CA4).

ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

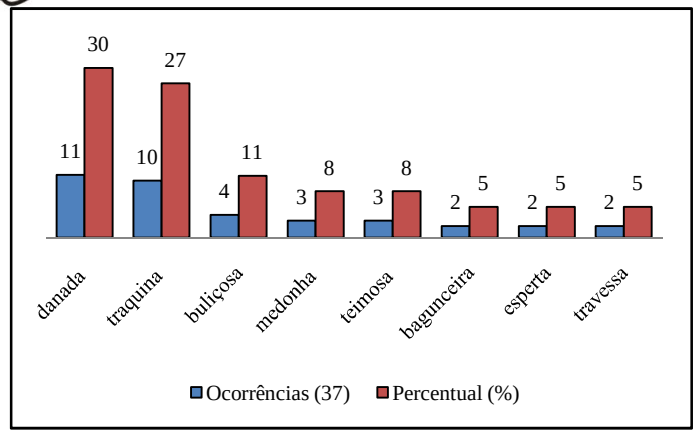
Carta Léxica 62
TRAQUINA

QSL 130: ... uma criança que faz artes e mexe em tudo?



LEGENDA

- danada
- traquina
- buliçosa
- medonha
- teimosa
- bagunceira
- esperta
- travessa



HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

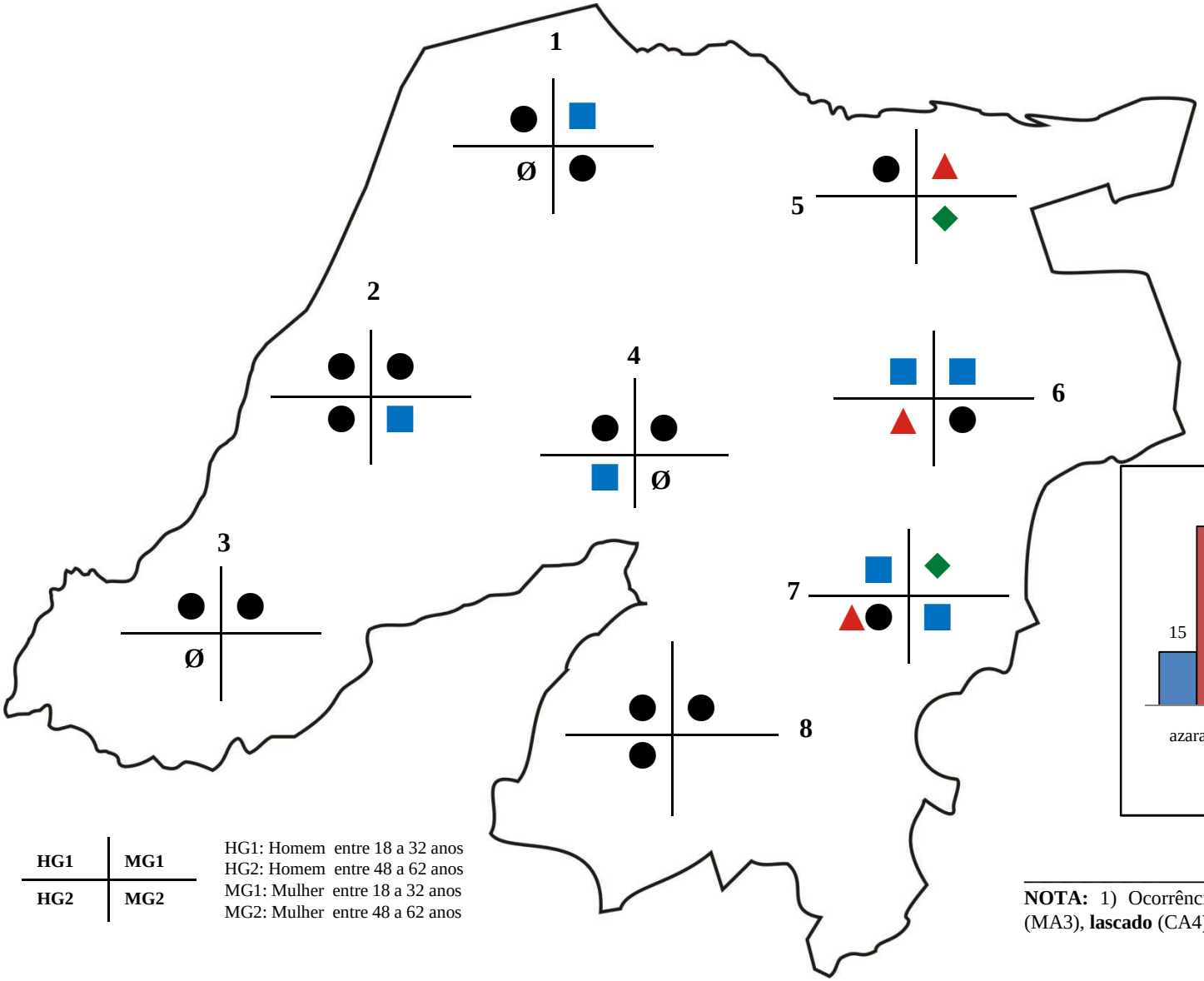
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

NOTA: 1) Ocorrências Únicas: **pestinha** (MO3), **levada** (MA1), **çom pitoco** (MA2), **rebelde** (CN4).

ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

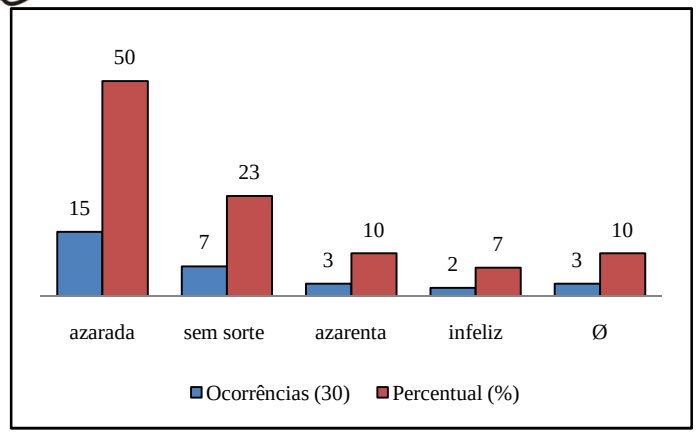
Carta Léxica 63
AZARADA

QSL 131: ... uma pessoa sem sorte?



LEGENDA

- azarada
- sem sorte
- azarenta
- infeliz
- Ø abstenções



HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

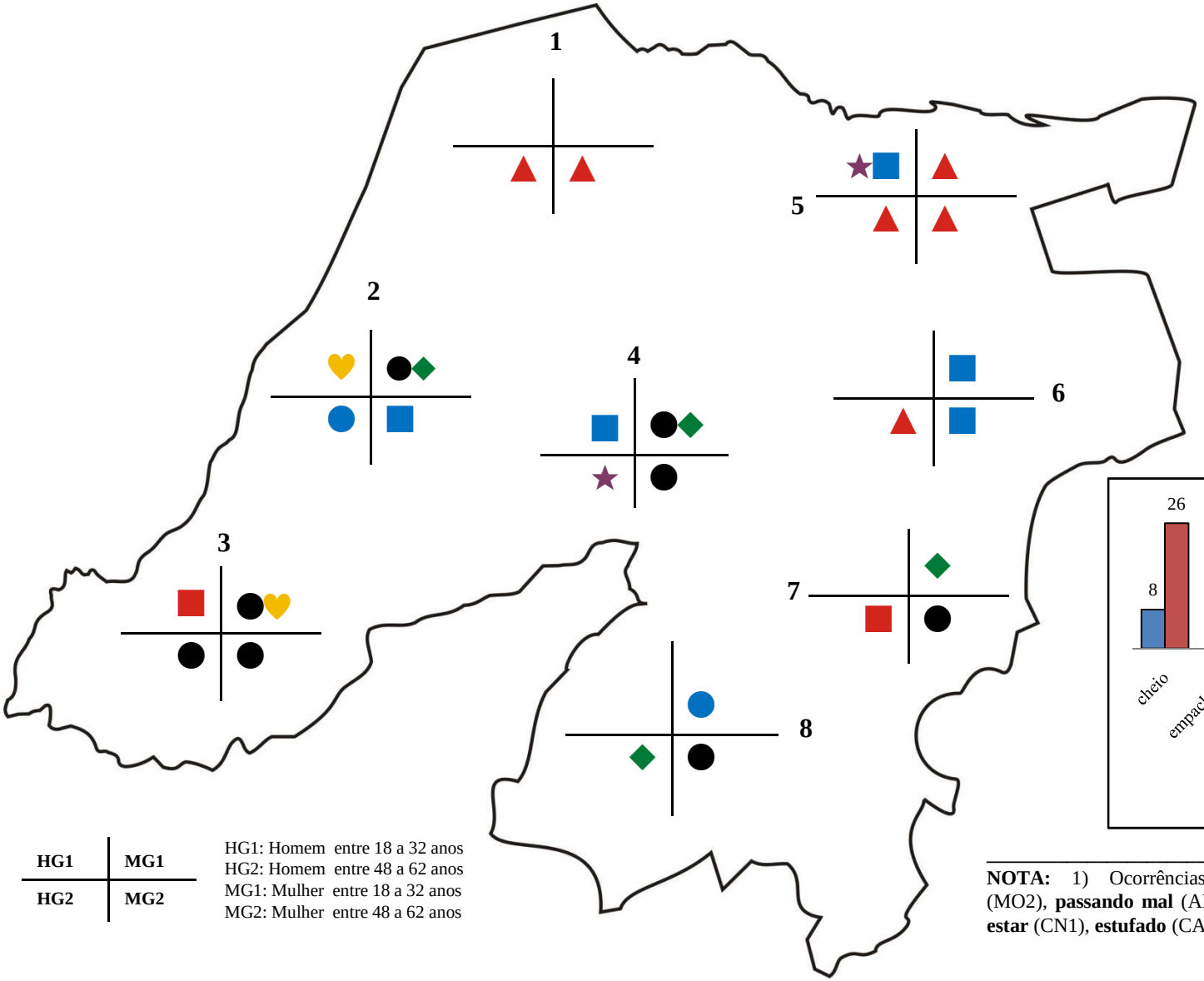
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

NOTA: 1) Ocorrências Únicas: **estrela apagada** (PF4), **nasceu atravessado** (MA3), **lascado** (CA4).

ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

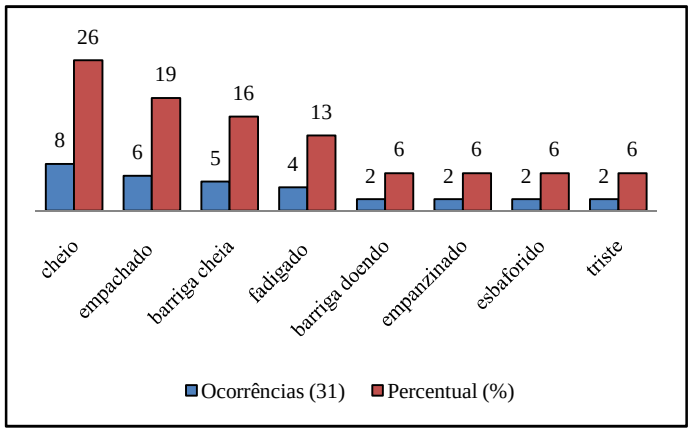
Carta Léxica 64
EMPANTURRADO

QSL 132: Quando uma pessoa acha que comeu demais, ela diz: Comi tanto que estou_____.



LEGENDA

- cheio
- empachado
- barriga cheia
- fadigado
- barriga doendo
- empanzinado
- esbaforido
- triste



HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

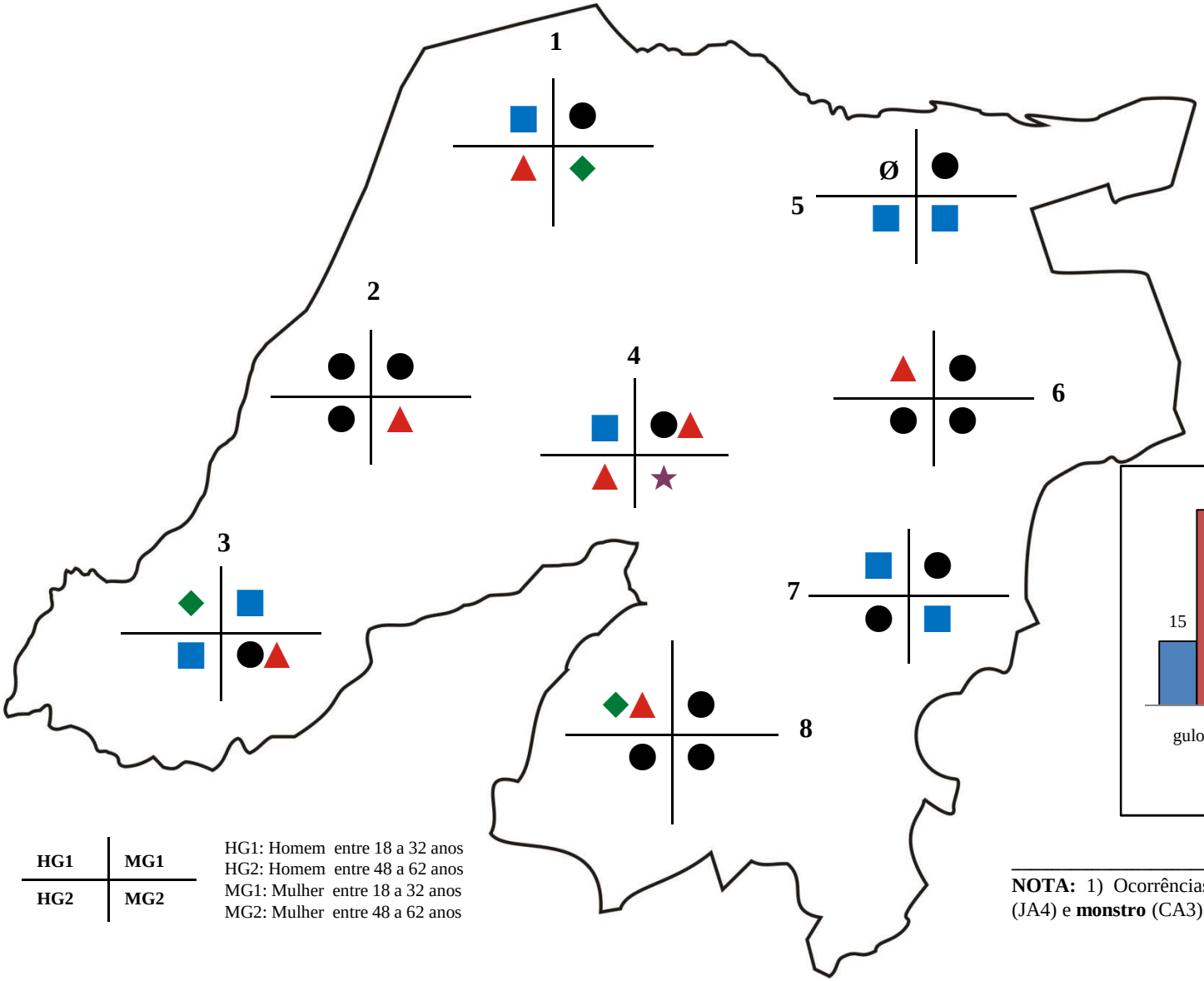
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

NOTA: 1) Ocorrências Únicas: **com dor na barriga** (MO1), **farto** (MO2), **passando mal** (AP2), **barriga inchada** (AN1), **doente** (AN4), **com mal-estar** (CN1), **estufado** (CA1), **aifando** (CA4).

ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

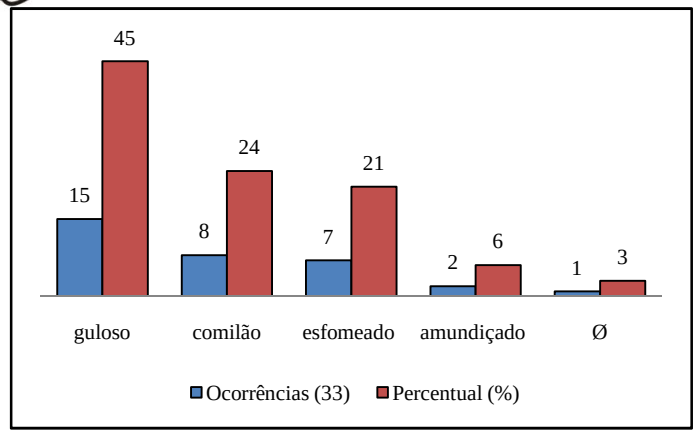
Carta Léxica 65
GLUTÃO

QSL 133: ... uma pessoa que normalmente come demais?



LEGENDA

- ● guloso
- ■ comilão
- ▲ esfomeado
- ◆ amundiçado
- Ø abstenções



HG1	MG1
HG2	MG2

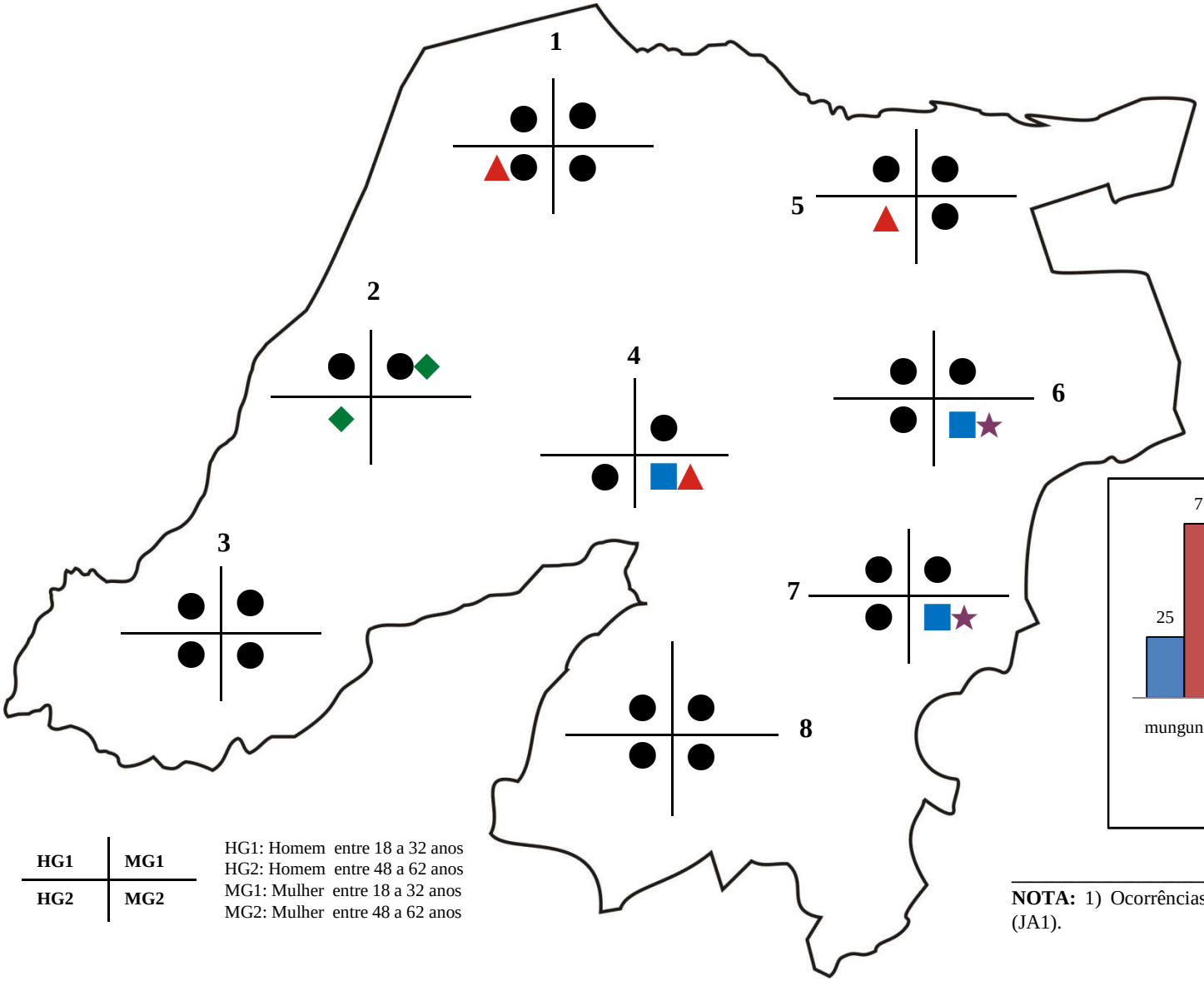
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

NOTA: 1) Ocorrências Únicas: **exagerado** (MO4), **acavalado** (PF1), **comedor** (JA4) e **monstro** (CA3).

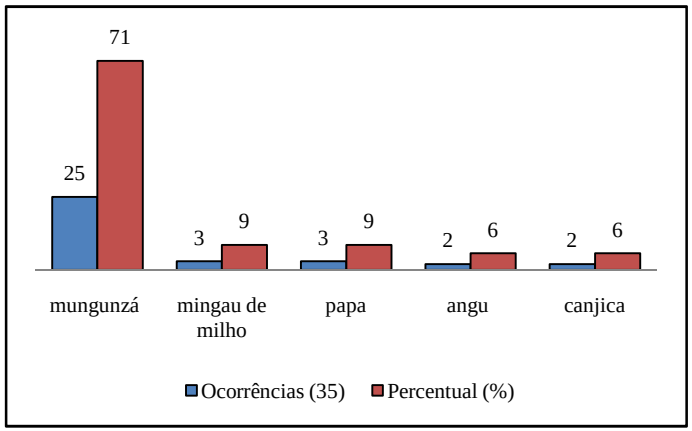
ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta Léxica 66
MUNGUNZÁ

QSL 136: ... aquele alimento feito com grãos de milho brancos, coco e canela?



LEGENDA
- ● mungunzá
- ■ mingau de milho
- ▲ papa
- ◆ angu
- ★ canjica



HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

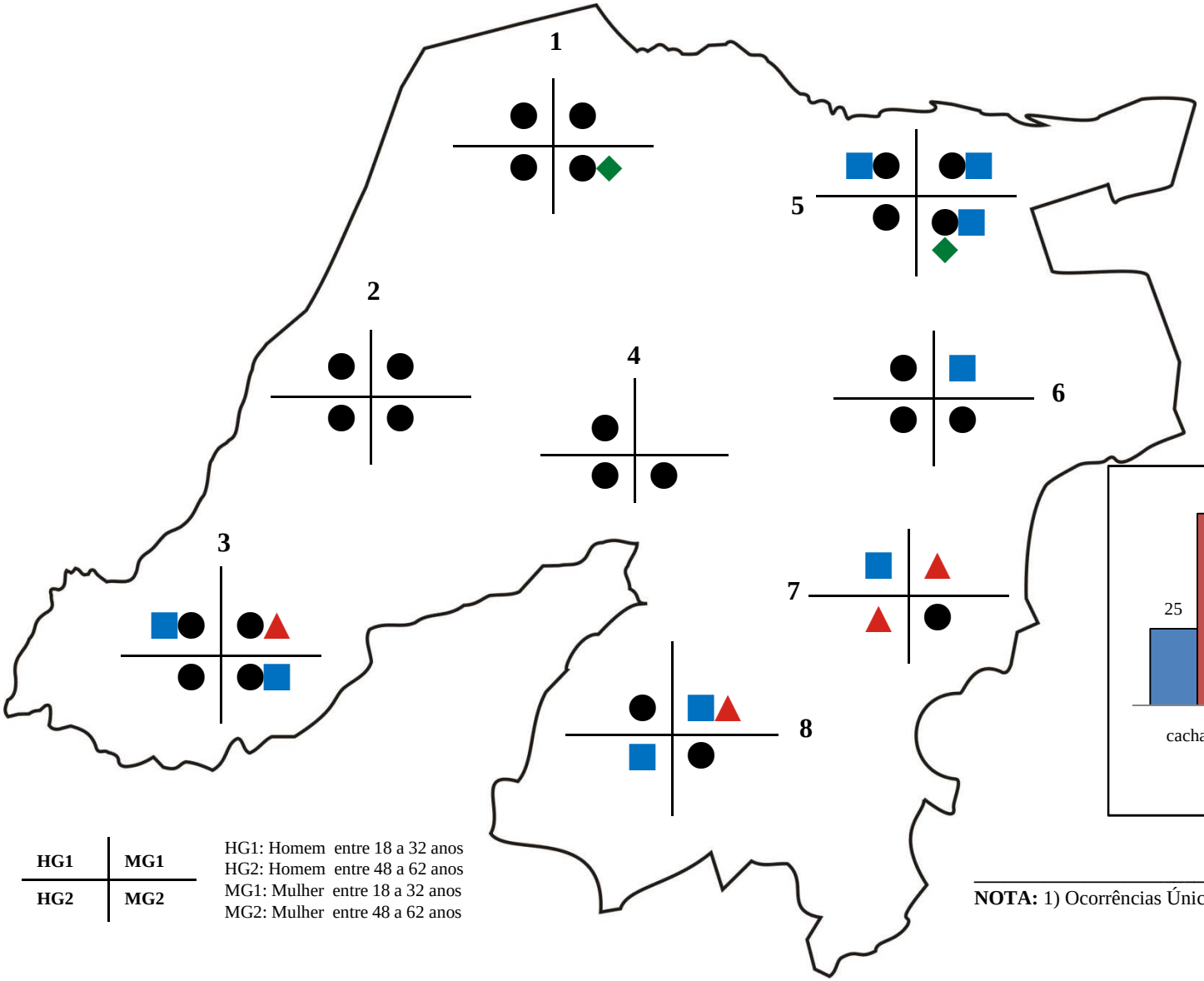
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

NOTA: 1) Ocorrências Únicas: **quarenta** (AP4), **xerém** (PF4) e **milho cozido** (JA1).

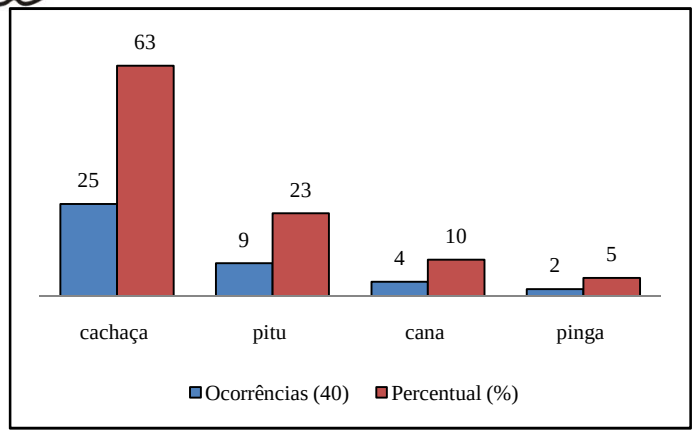
ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta Léxica 67
AGUARDENTE

QSL 137: ... a bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar.



LEGENDA
- cachaça
- pitu
- cana
- pinga



HG1	MG1
HG2	MG2

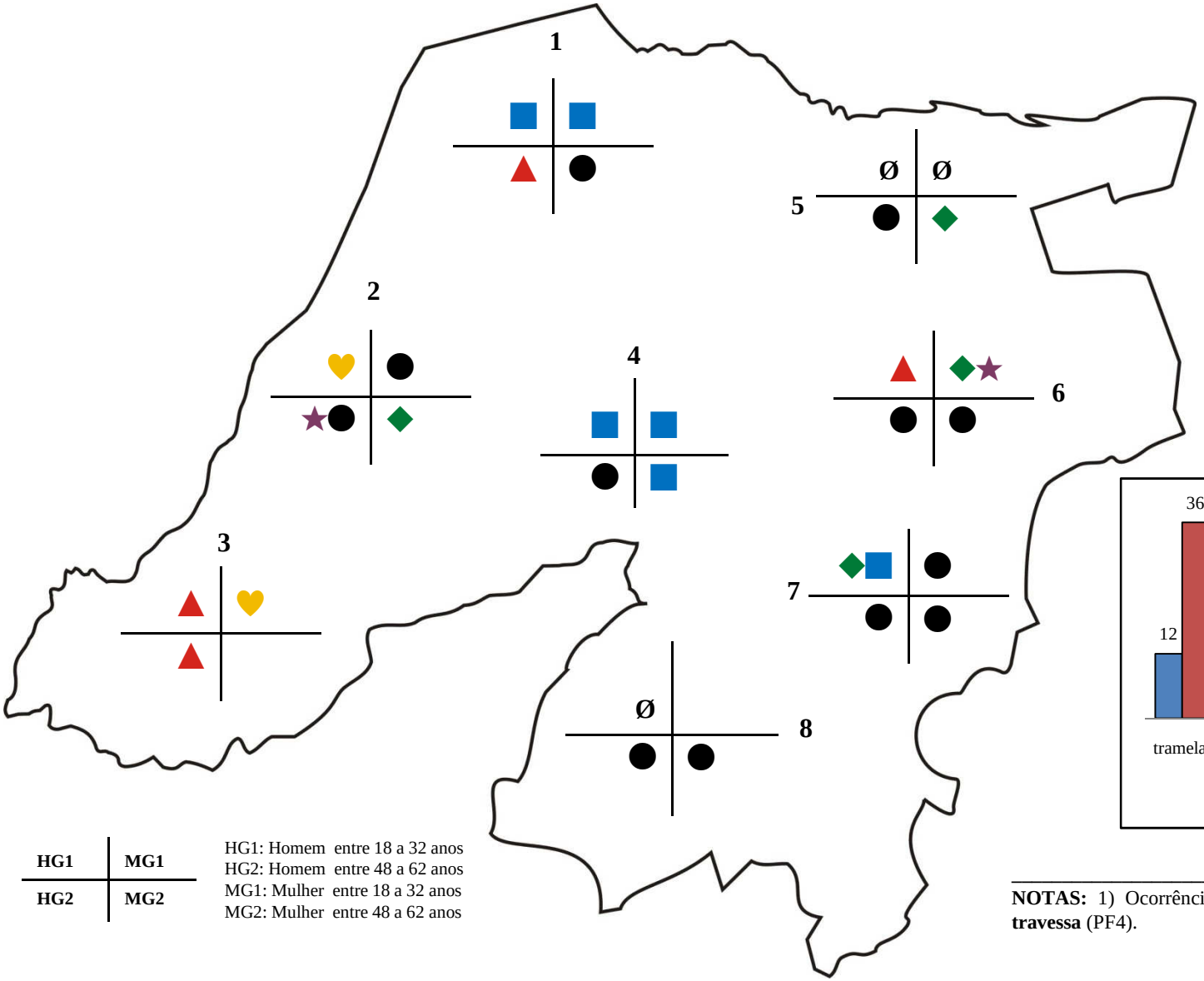
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

NOTA: 1) Ocorrências Únicas: **aguardente** (JA2) e **cinquenta e um** (MA3).

ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

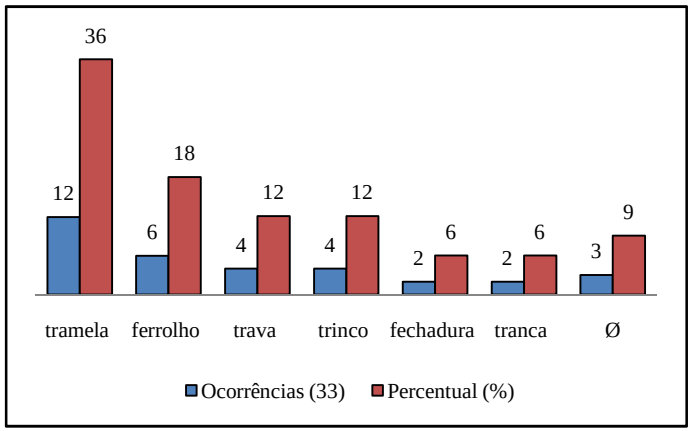
Carta Léxica 68
TRAMELA

QSL 140: ... aquela pecinha de madeira, que gira ao redor de um prego, para fechar porta, janela...?



LEGENDA

- ● tramela
- ■ ferrolho
- ▲ trava
- ◆ trinco
- ★ fechadura
- ♥ tranca
- Ø abstenções



HG1	MG1
HG2	MG2

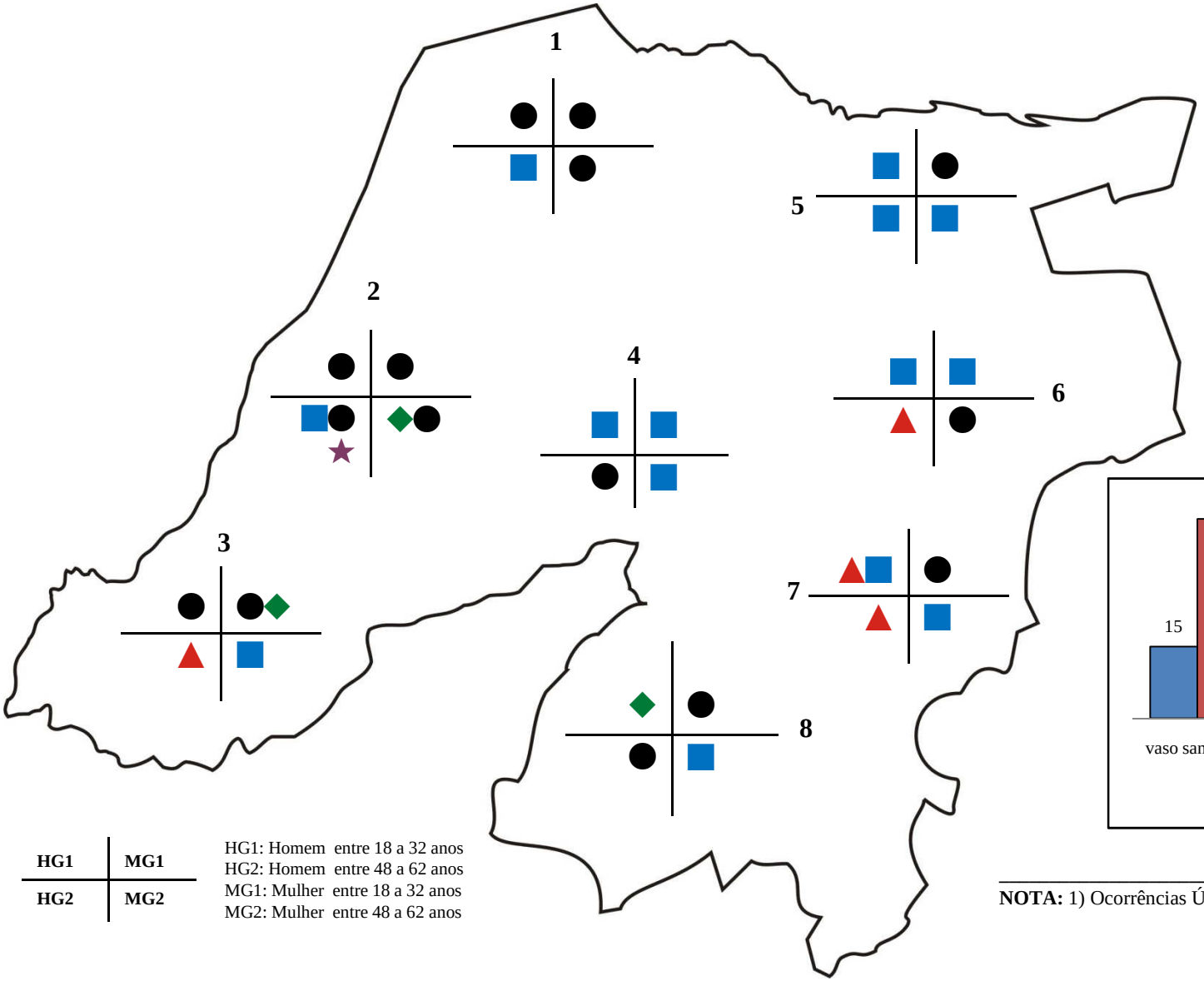
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

NOTAS: 1) Ocorrências Únicas: **cepo** (CA2); 2) Outras Respostas Diferentes: **travessa** (PF4).

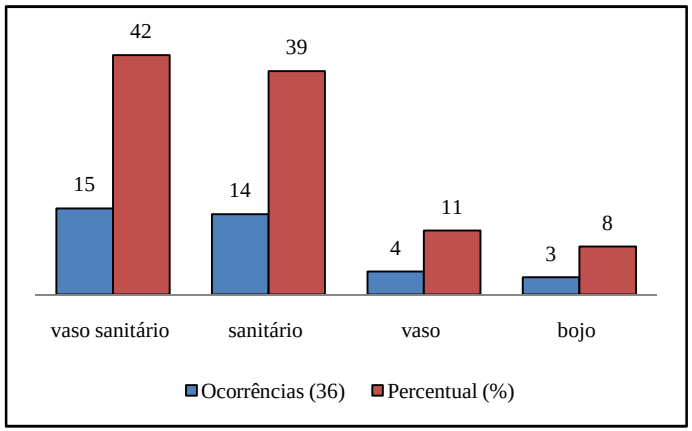
ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta Léxica 69
VASO SANITÁRIO

QSL 143: Quando se vai ao banheiro, onde é que a pessoa senta para fazer as necessidades?



LEGENDA
- vaso sanitário
- sanitário
- vaso
- bojo



HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

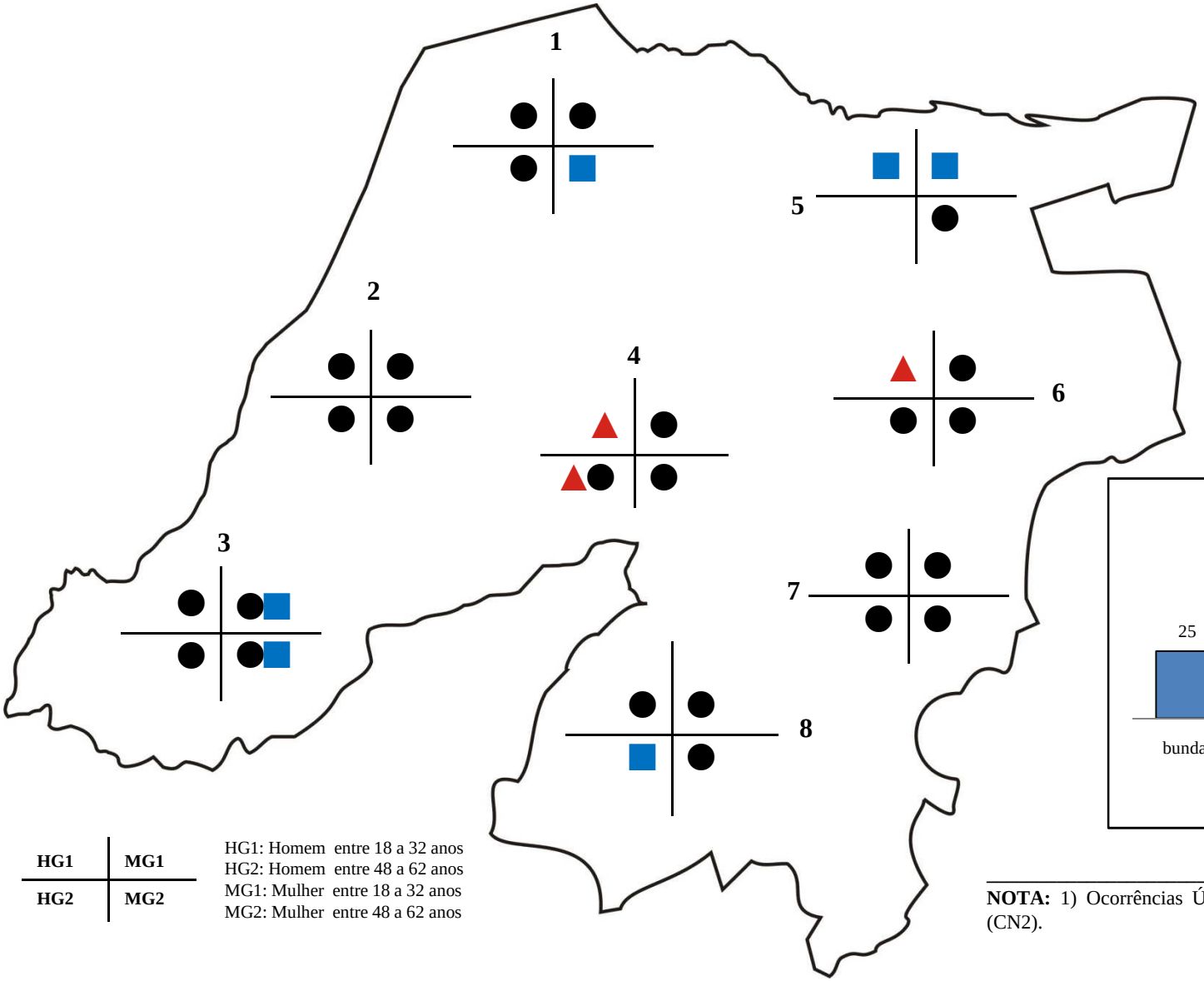
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

NOTA: 1) Ocorrências Únicas: **aparelho** (AP3).

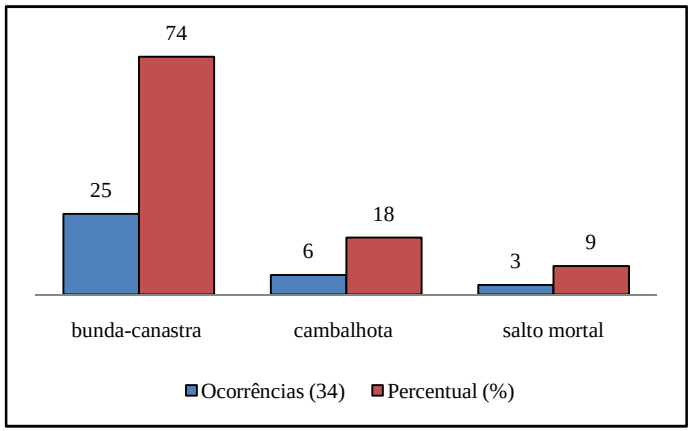
ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta Léxica 70
CAMBALHOTA

QSL 150: ... a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado? (Mímica) .



LEGENDA
- ● bunda-canastra
- ■ cambalhota
- ▲ salto mortal



HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

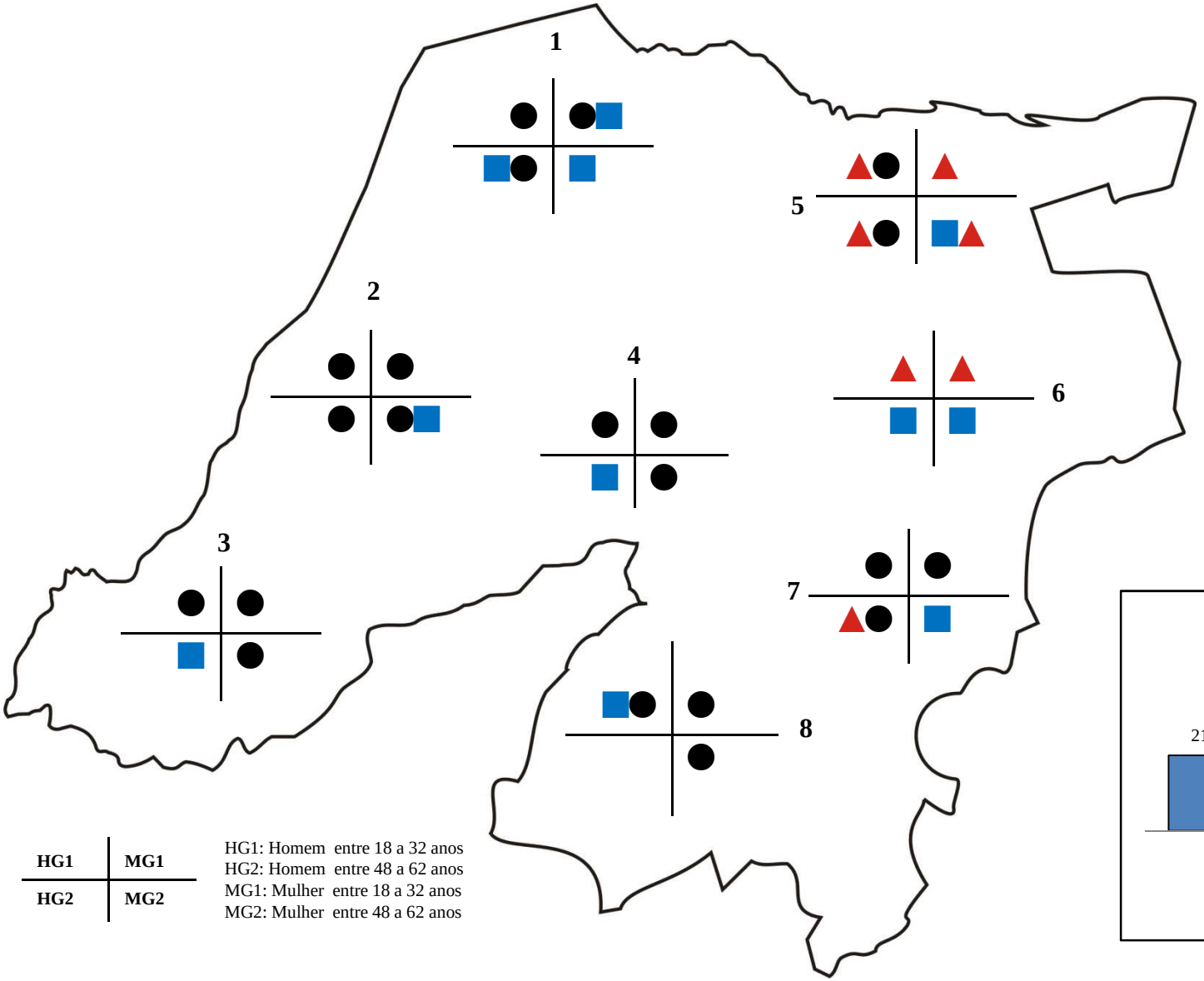
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

NOTA: 1) Ocorrências Únicas: **vira-cangalha** e **rolamento** (MA3) e **trampolim** (CN2).

ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta Léxica 71
BOLINHA DE GUDE

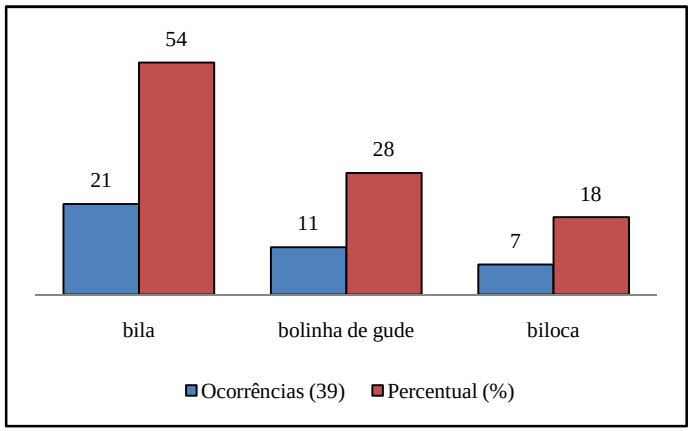
QSL 151: ... as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?



LEGENDA
- ● bila
- ■ bolinha de gude
- ▲ biloca

HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

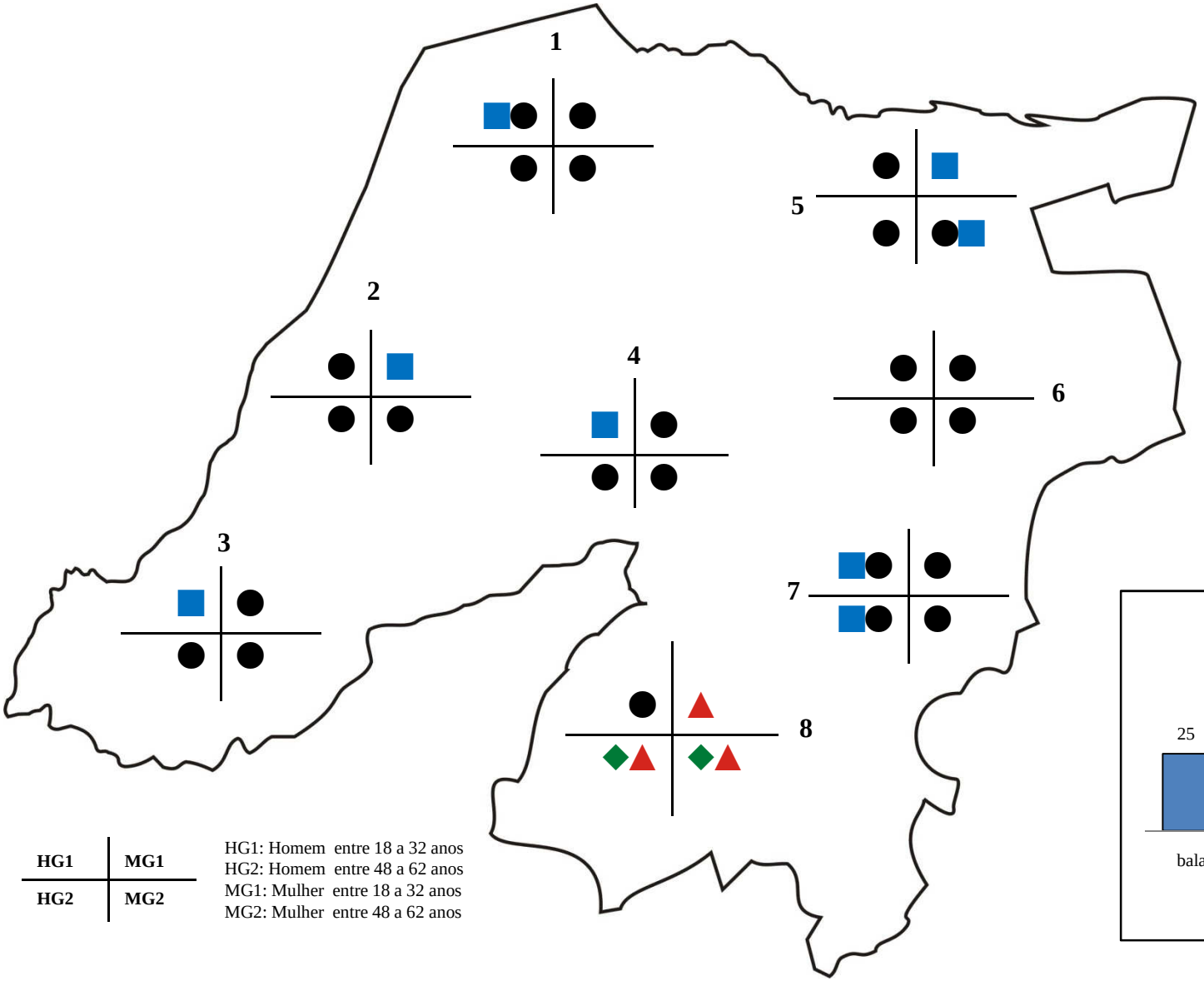
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

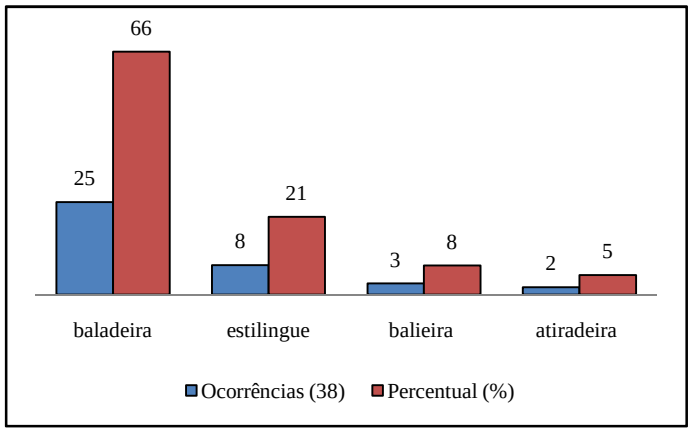


ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta Léxica 72
ESTILINGUE

QSL 152: ...o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha (mímica), que os meninos usam para matar passarinho?





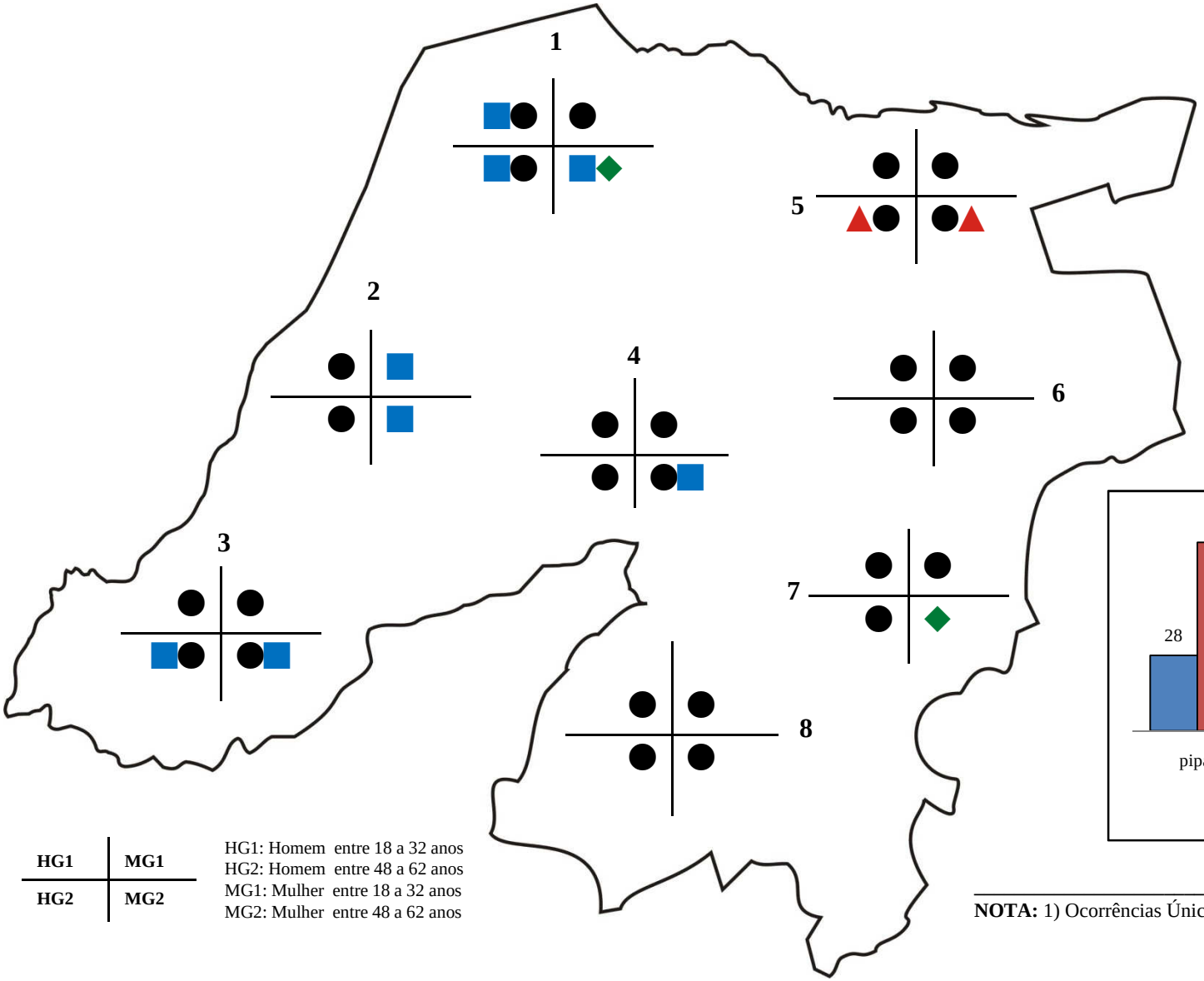
HG1	MG1
HG2	MG2

HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

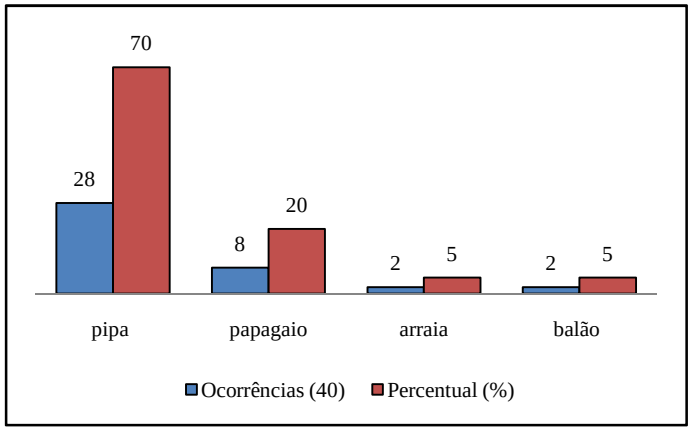
ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta Léxica 73
PIPA

QSL 153: ...o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha (mímica), que os meninos usam para matar passarinho?



LEGENDA
- pipa
- papagaio
- arraia
- balão



HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

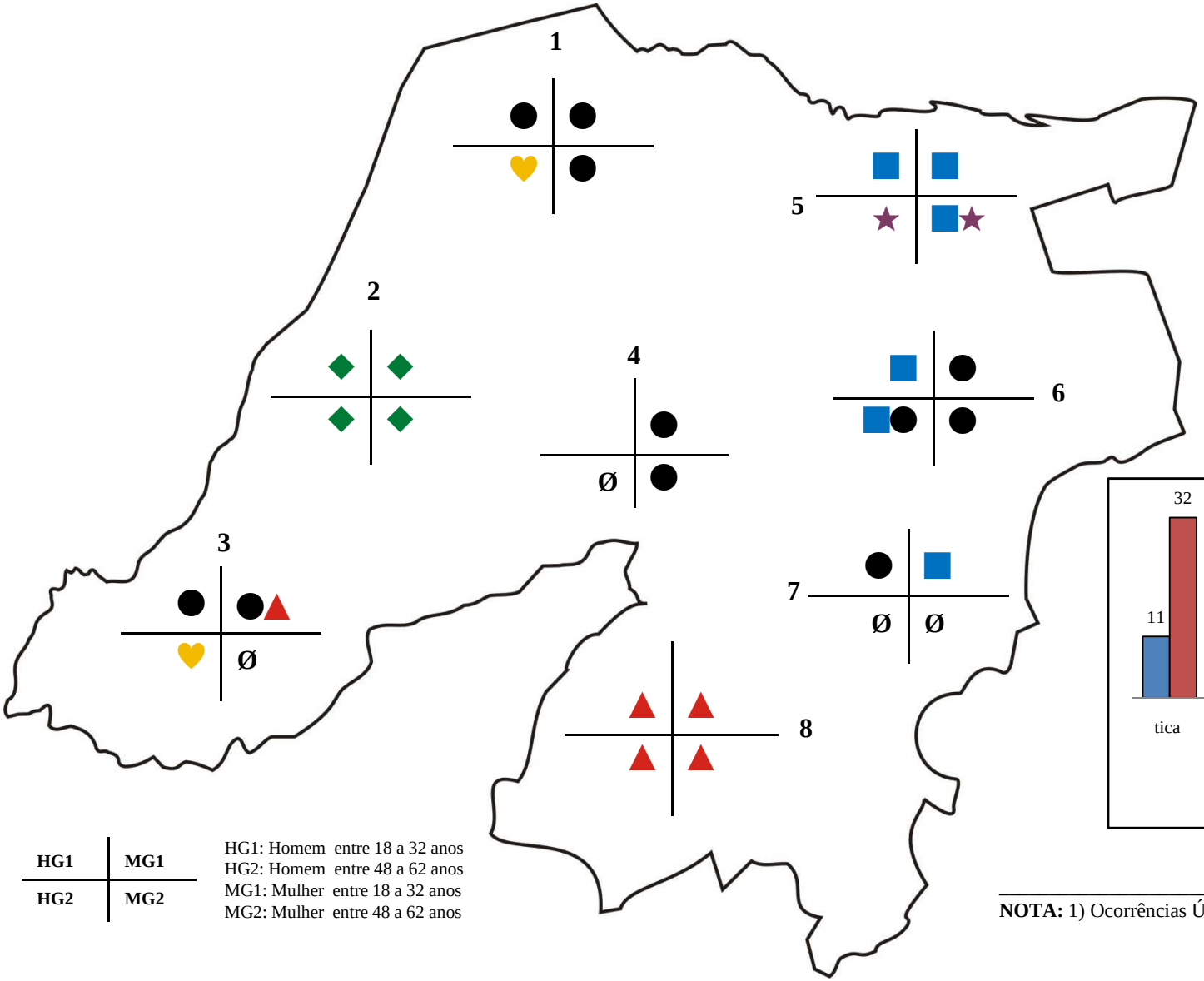
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

NOTA: 1) Ocorrências Únicas: **asa-delta** (PF4) e **coruja** (CA2).

ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

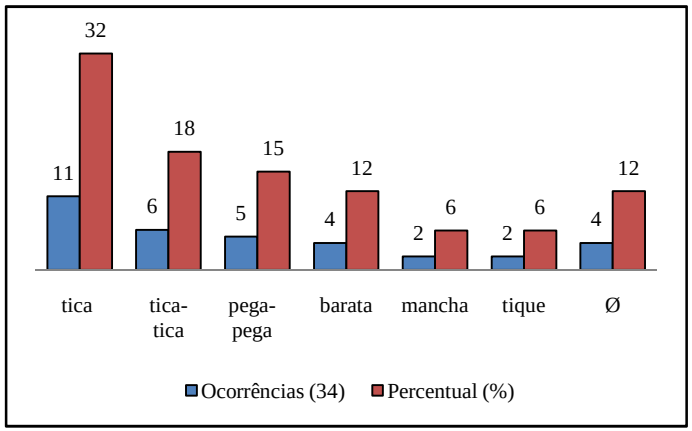
Carta Léxica 74
PEGA-PEGA

QSL 156: ... uma brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas, antes que alcance um ponto combinado?



LEGENDA

- ● tica
- ■ tica-tica
- ▲ pega-pega
- ◆ barata
- ★ mancha
- ♥ tique
- Ø abstenções



HG1	MG1
HG2	MG2

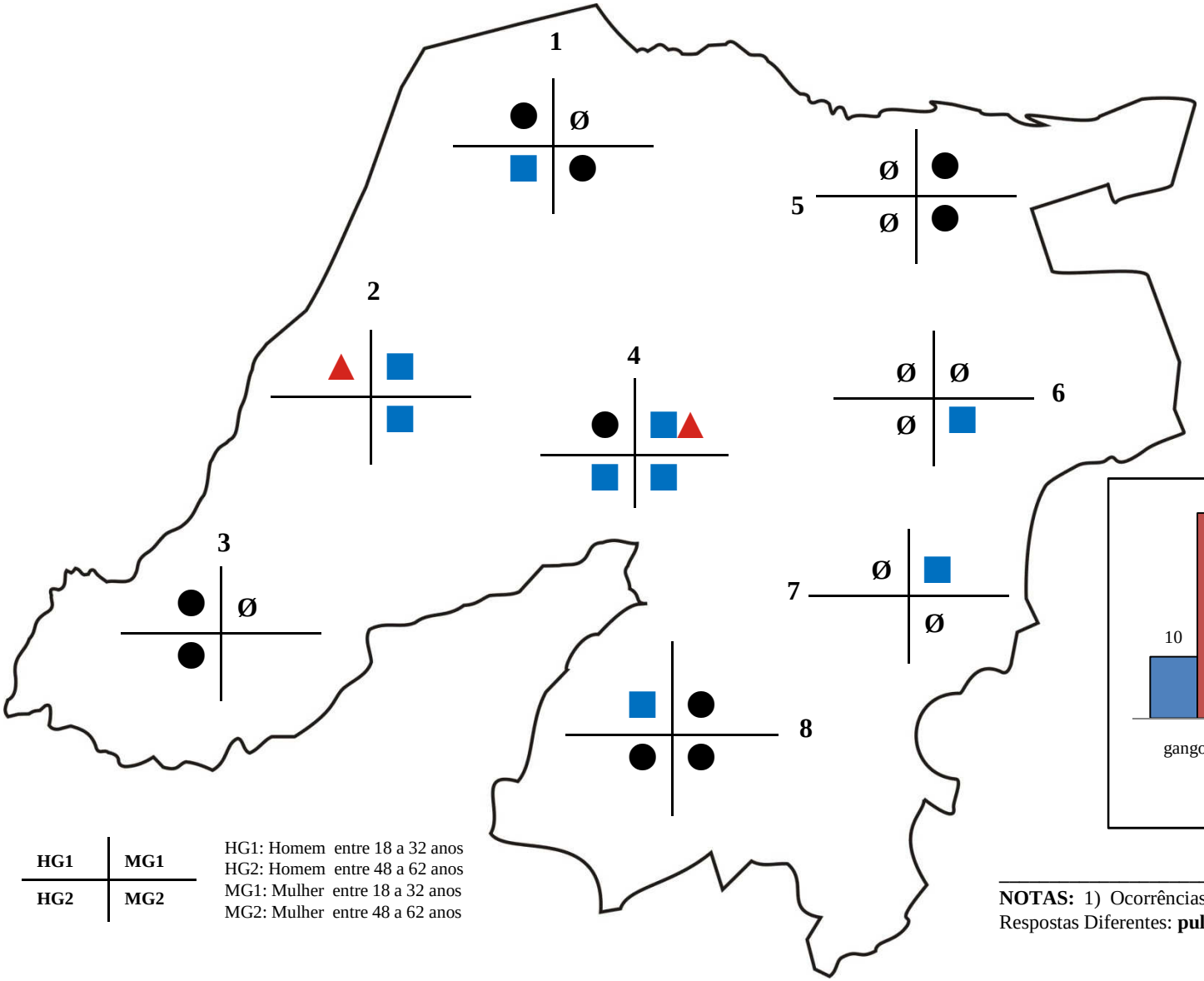
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

NOTA: 1) Ocorrências Únicas: **roda** (JA1).

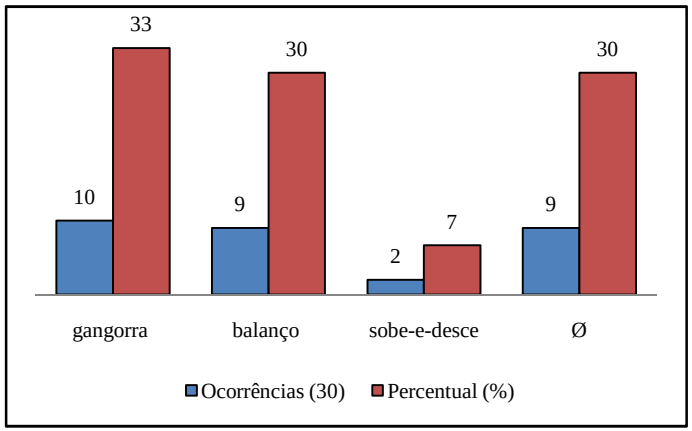
ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta Léxica 75
GANGORRA

QSL 157: ... uma tábua apoiada no meio onde cada criança se senta numa ponta e ficam se subindo e descendo? (Mímica).



LEGENDA
- ● gangorra
- ■ balanço
- ▲ sobe-e-desce
- Ø abstenções



HG1	MG1
HG2	MG2

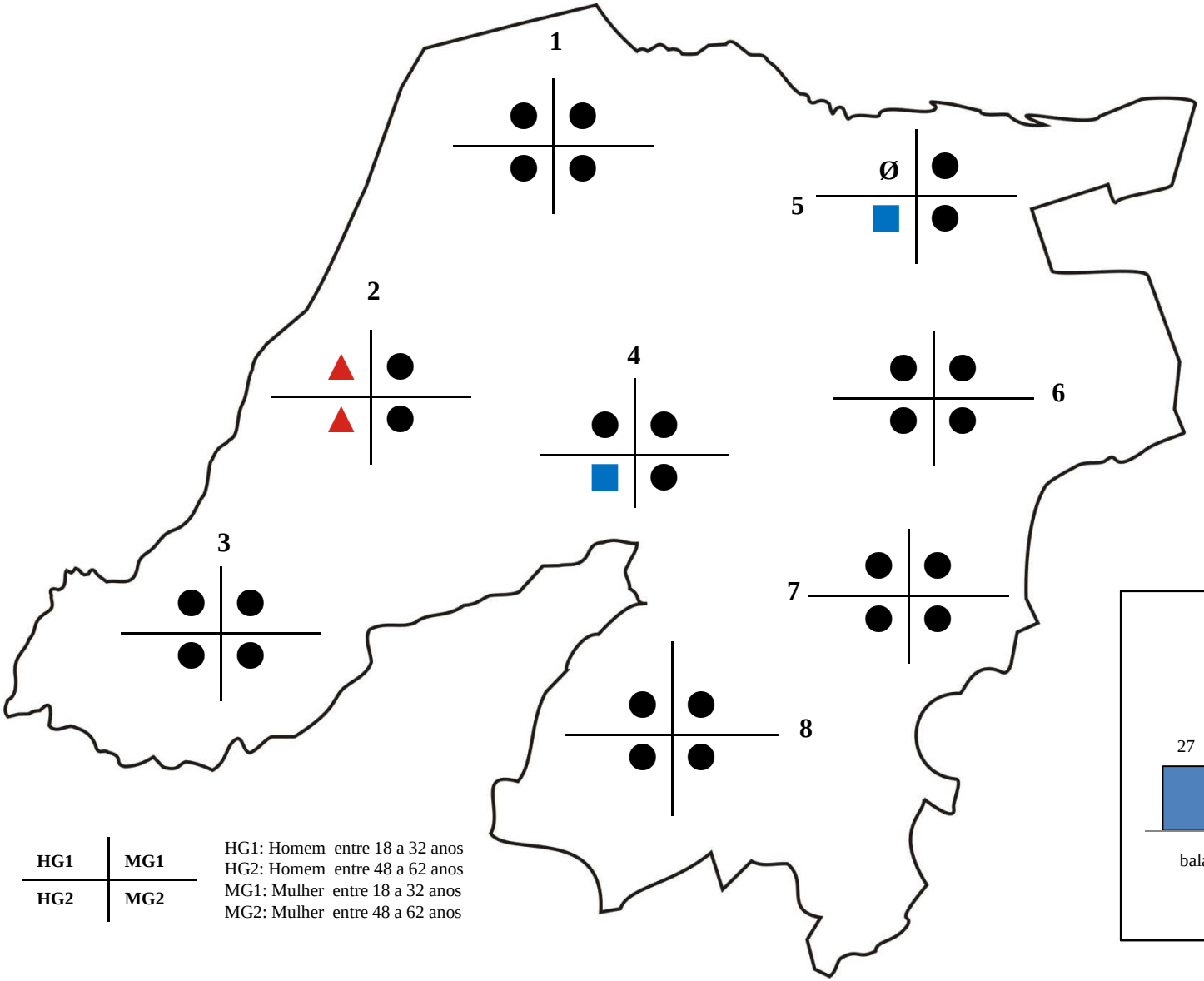
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

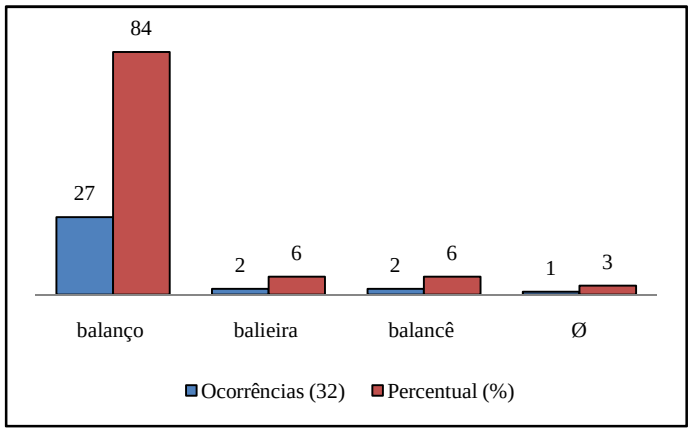
NOTAS: 1) Ocorrências Únicas: **balancê** (AP3) e **galamarte** (CN3); 2) Outras Respostas Diferentes: **pula-pula** (PF4).

ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta Léxica 76
BALANÇO

QSL 158: ...uma tábua, pendurada em cordas, onde uma criança se senta e se move para frente e para trás? (Mímica)

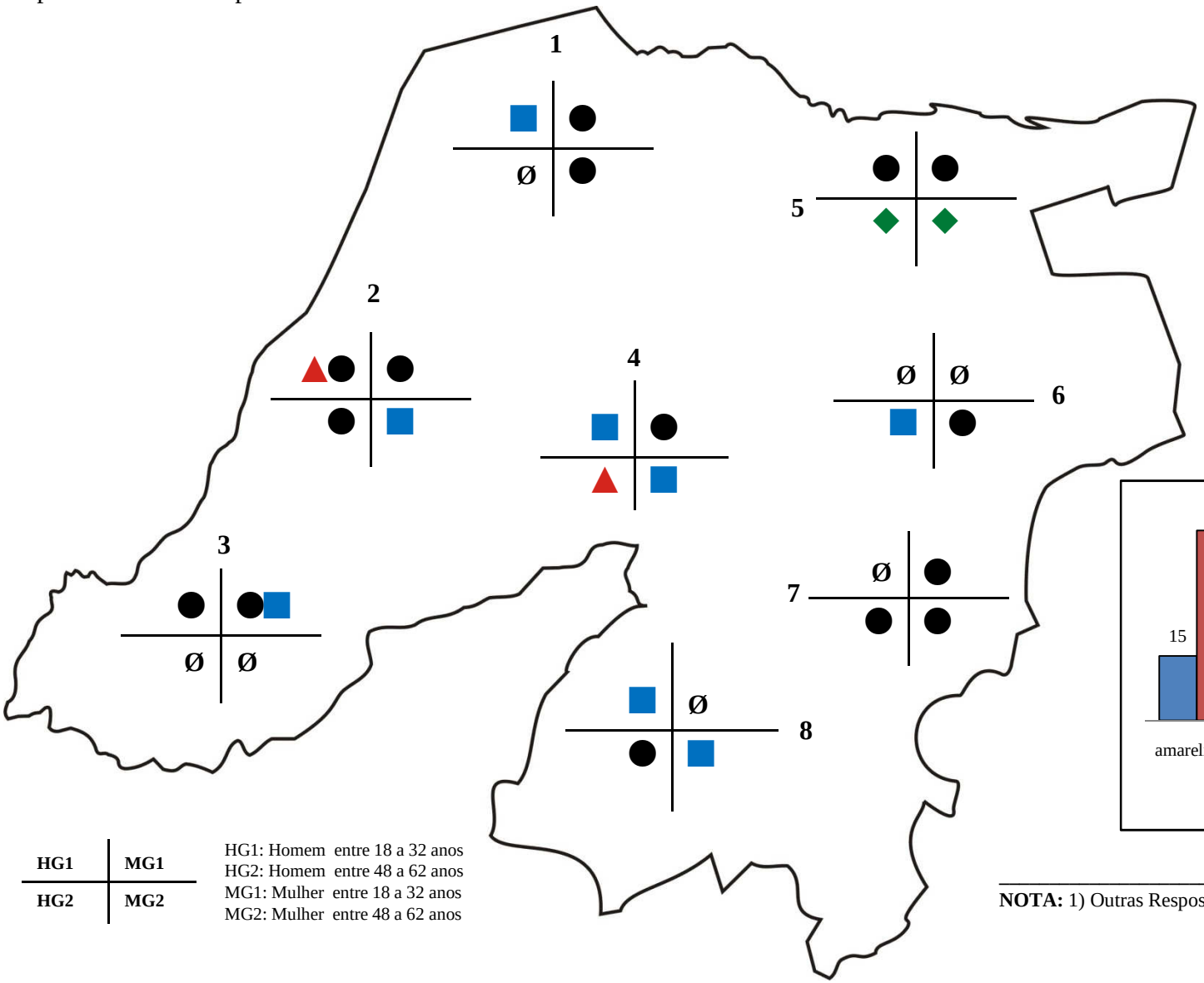




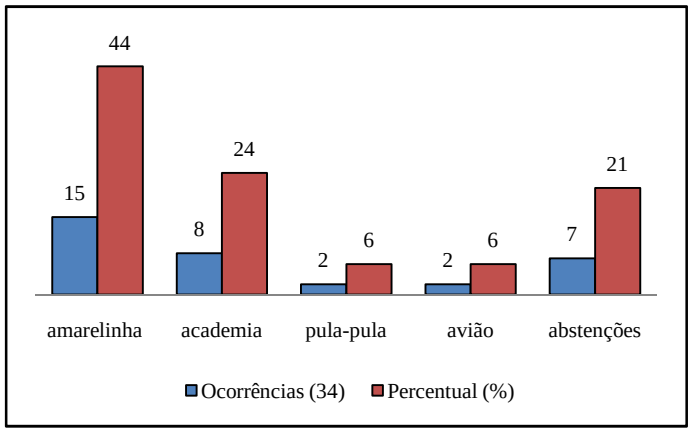
ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta Léxica 77
AMARELINHA

QSL 159: ...a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formado por quadrados numerados, jogam uma pedrinha (mímica) e vão pulando com uma perna só?



LEGENDA
- ● amarelinha
- ■ academia
- ▲ pula-pula
- ◆ avião
- Ø abstenções



HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

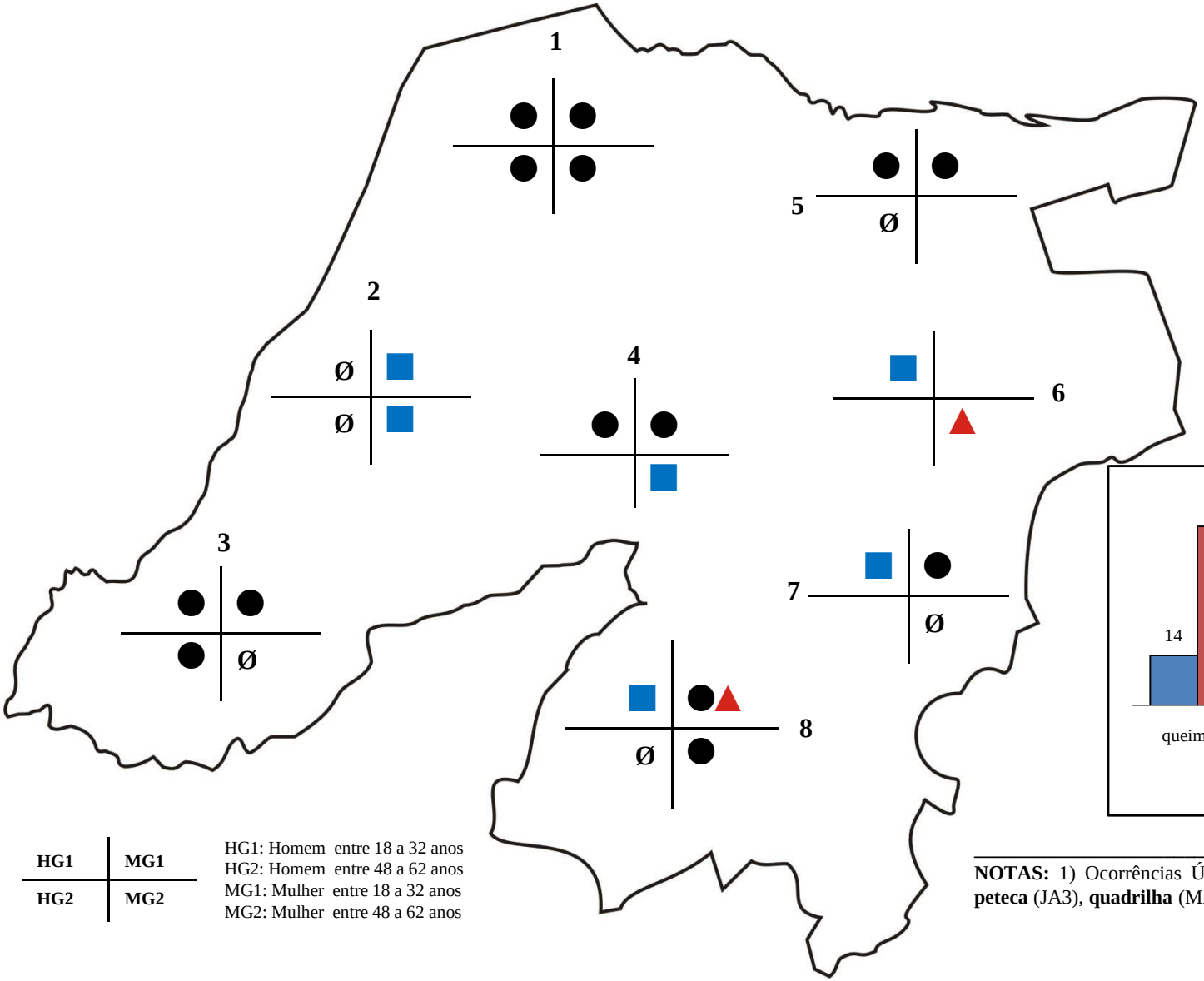
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

NOTA: 1) Outras Respostas Diferentes: **carrossel** (AP1) e **quadrilha** (AN3).

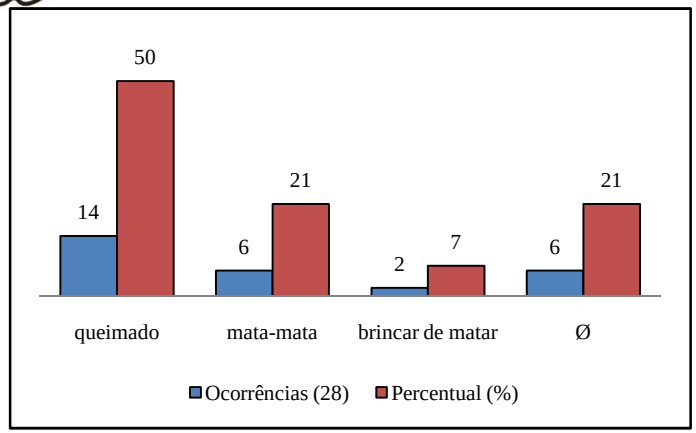
ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta Léxica 78
QUEIMADO

QSL 160: ... a brincadeira em que uma turma de crianças fica de um lado e outra fica de outro e tentam acertar umas às outras com uma bolinha?



LEGENDA
- ● queimado
- ■ mata-mata
- ▲ brincar de matar
- Ø abstenções



HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

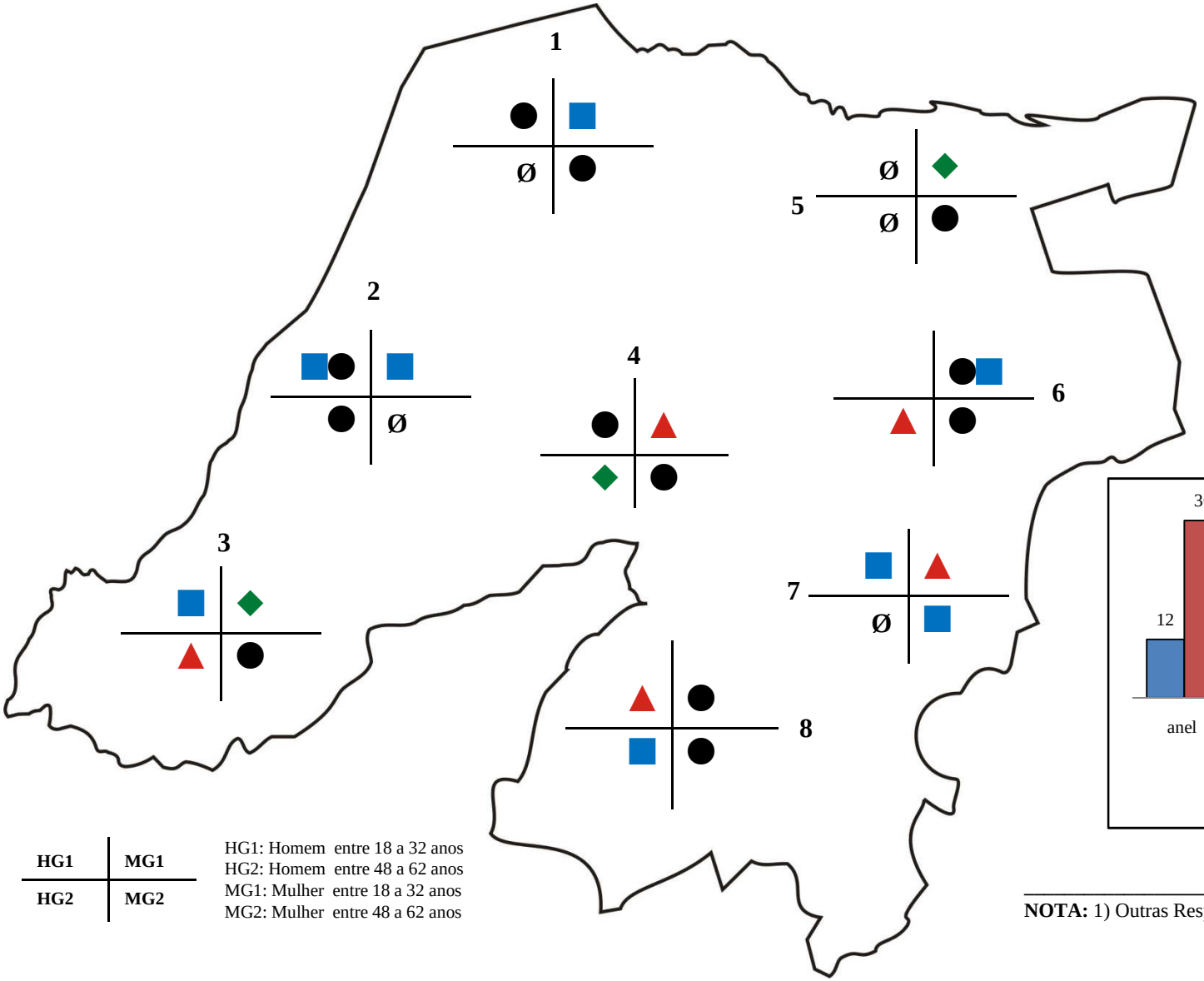
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

NOTAS: 1) Ocorrências Únicas: **queima** (AN3); 2) Outras Respostas Diferentes: **peteca** (JA3), **quadrilha** (MA2), **sete pecados** (MA4 e AN2) e **vôlei** (CN3).

ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

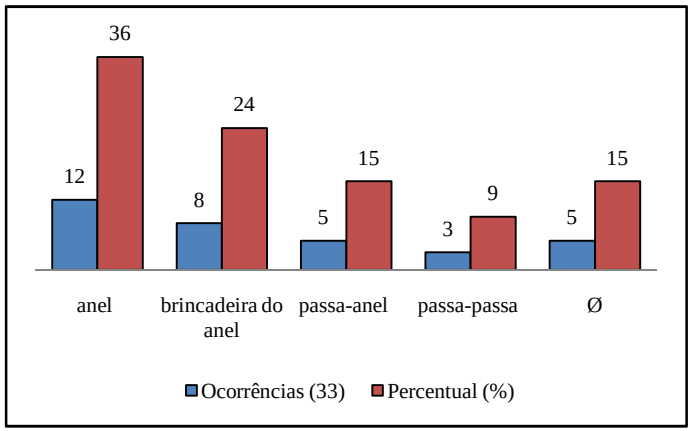
Carta Léxica 79
PASSA-ANEL

QSL 161: ... uma brincadeira em que uma criança, com um pequeno objeto entre as mãos, passa de criança a criança, deixando o objeto com uma delas?



LEGENDA

- ● anel
- ■ brincadeira do anel
- ▲ passa-anel
- ◆ passa-passa
- Ø abstenções



HG1	MG1
HG2	MG2

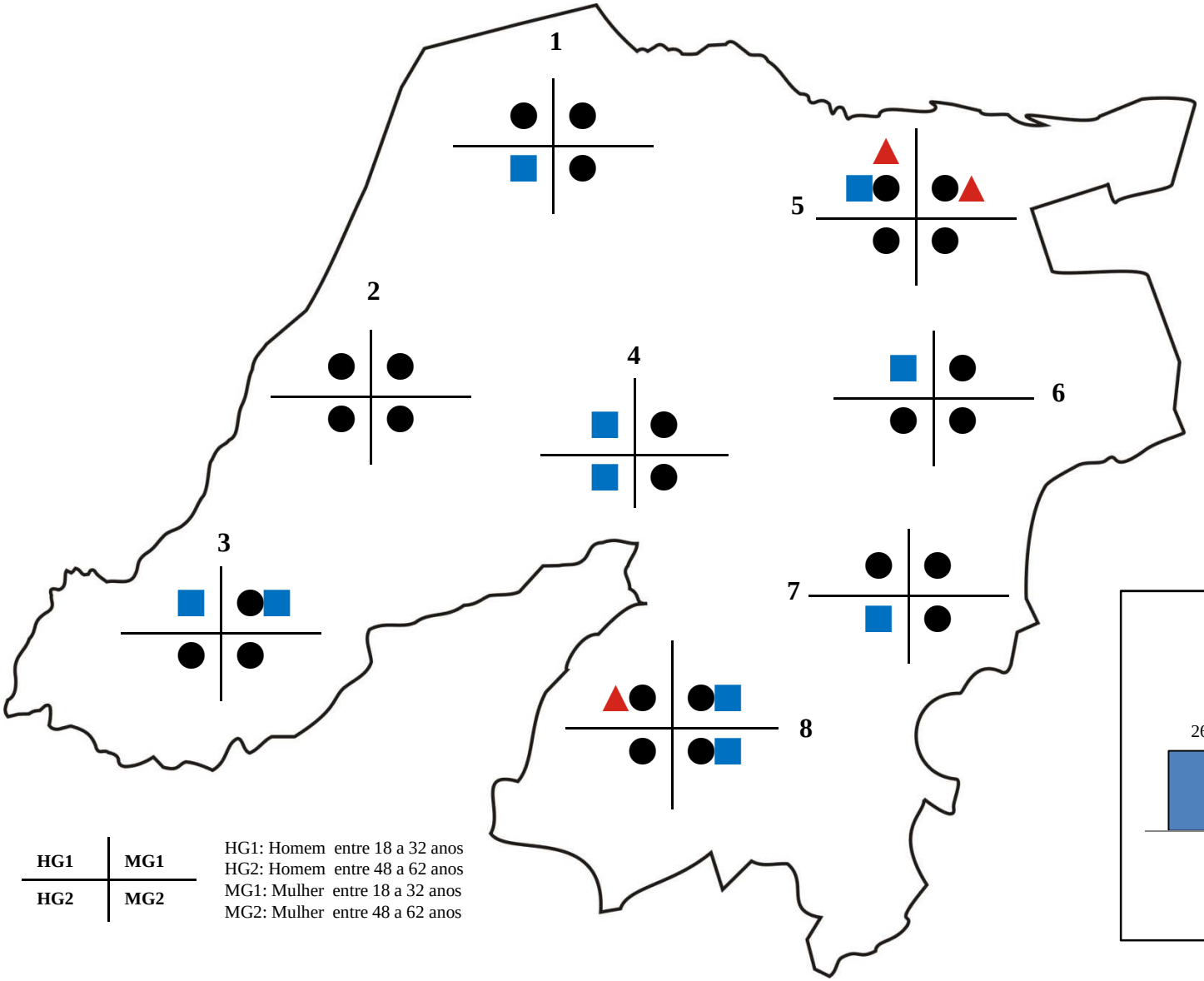
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

NOTA: 1) Outras Respostas Diferentes: **batata** (AN1).

ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta Léxica 80
SEMÁFORO

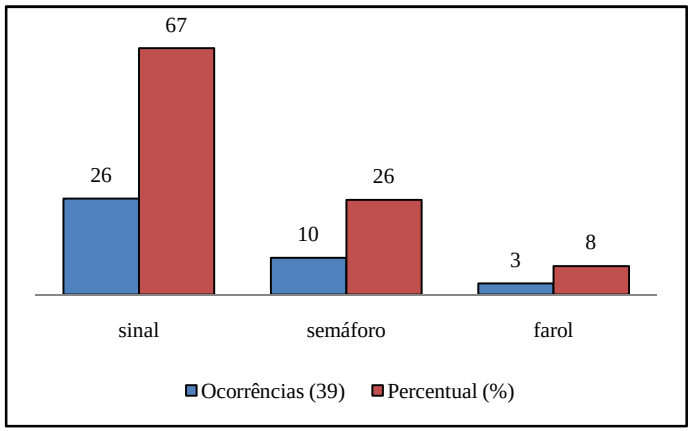
QSL 165: Na cidade, o que costuma ter em cruzamentos movimentados, com luz vermelha, verde e amarela?



LEGENDA
- ● sinal
- ■ semáforo
- ▲ farol

HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

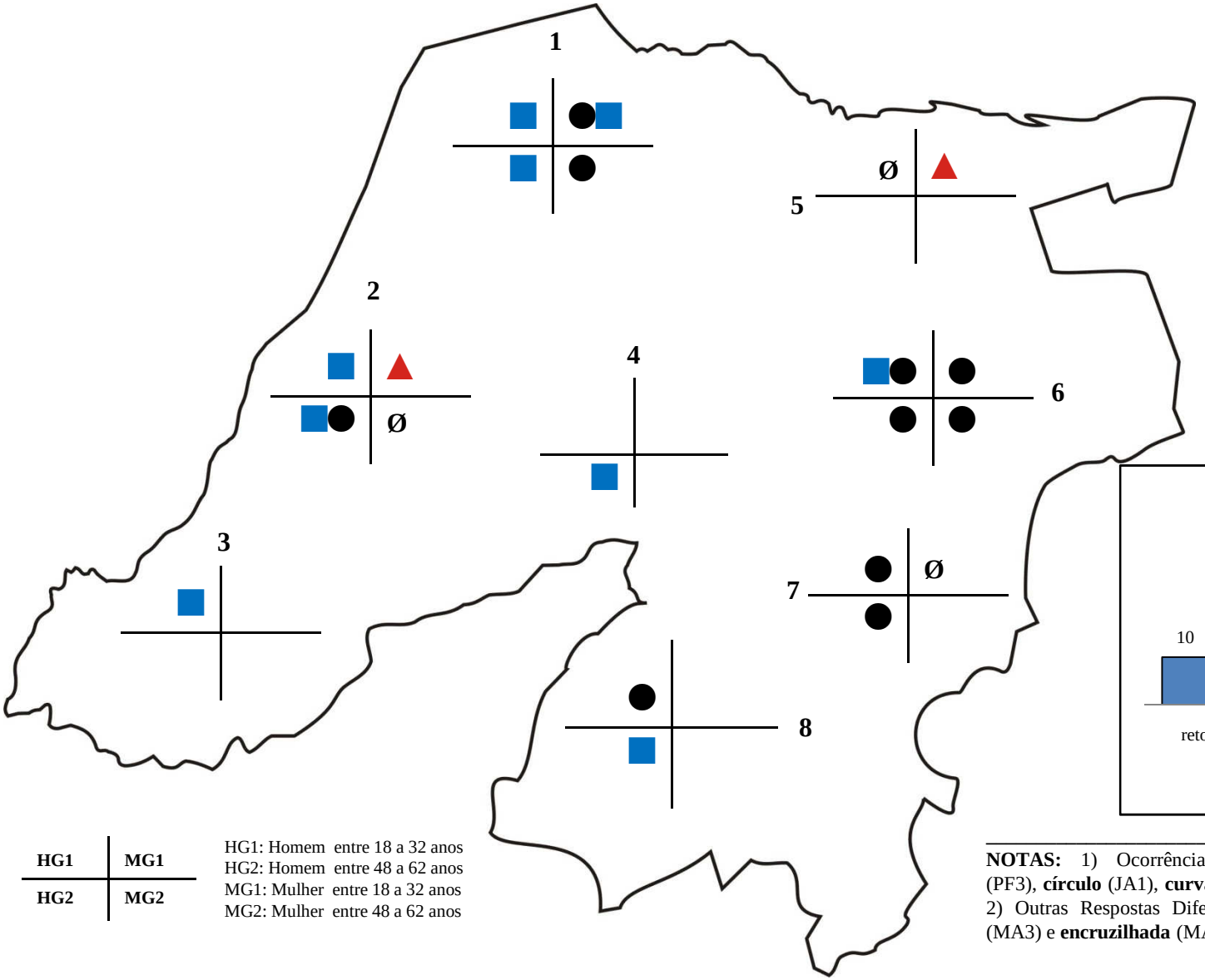
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos



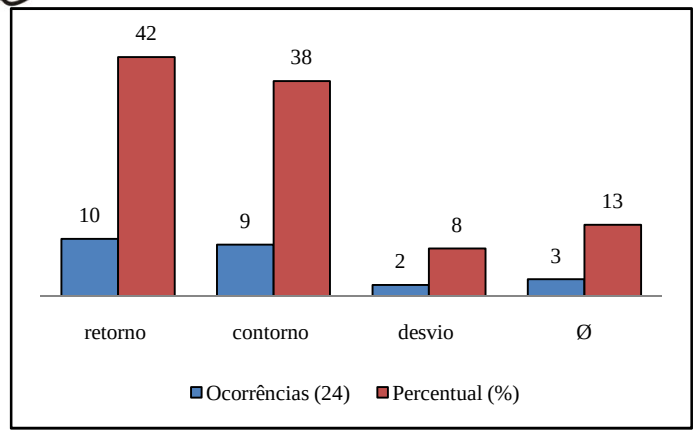
ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta Léxica 81
ROTATÓRIA

QSL167: ... aquele trecho da rua ou da estrada que é circular, que os carros têm que contornar para evitar o cruzamento direto?



LEGENDA
- ● retorno
- ■ contorno
- ▲ desvio
- Ø abstenções



HG1	MG1
HG2	MG2

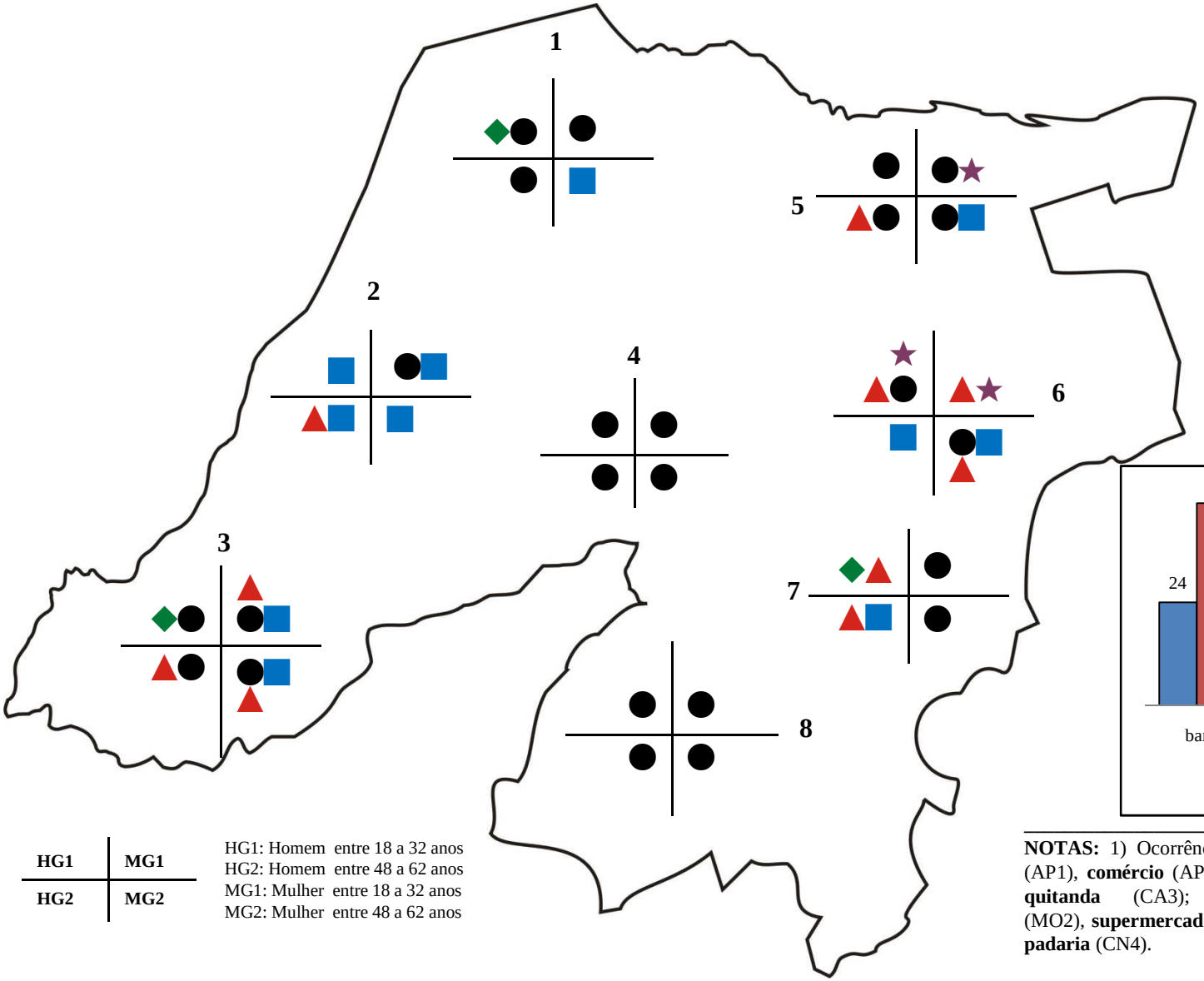
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

NOTAS: 1) Ocorrências Únicas: **rotatória** (AP1), **pista** (PF2), **rotativa** (PF3), **círculo** (JA1), **curva** (JA4), **anel viário** (CN4), **girador** (CA2), **trevo** (CA4); 2) Outras Respostas Diferentes: **passarela** (PF4), **travessia** (JA2), **cruzamento** (MA3) e **encruzilhada** (MA4).

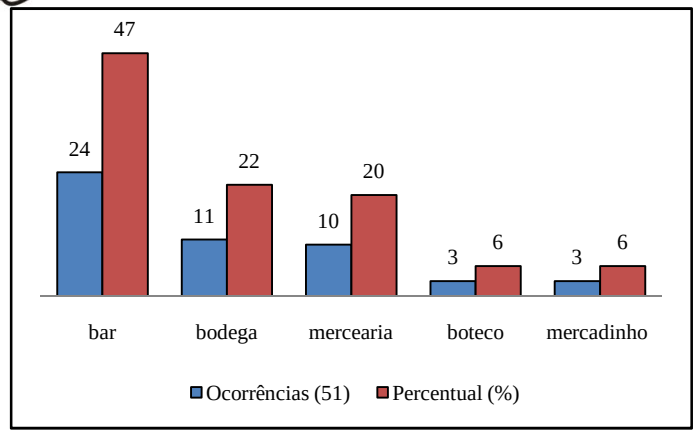
ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta Léxica 82
BODEGA

QSL 168 ...um lugar pequeno, com um balcão , onde os homens costumam ir beber aguardente e onde também se pode comprar alguma outra coisa?



LEGENDA
- bar
- bodega
- mercearia
- boteco
- mercadinho



HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

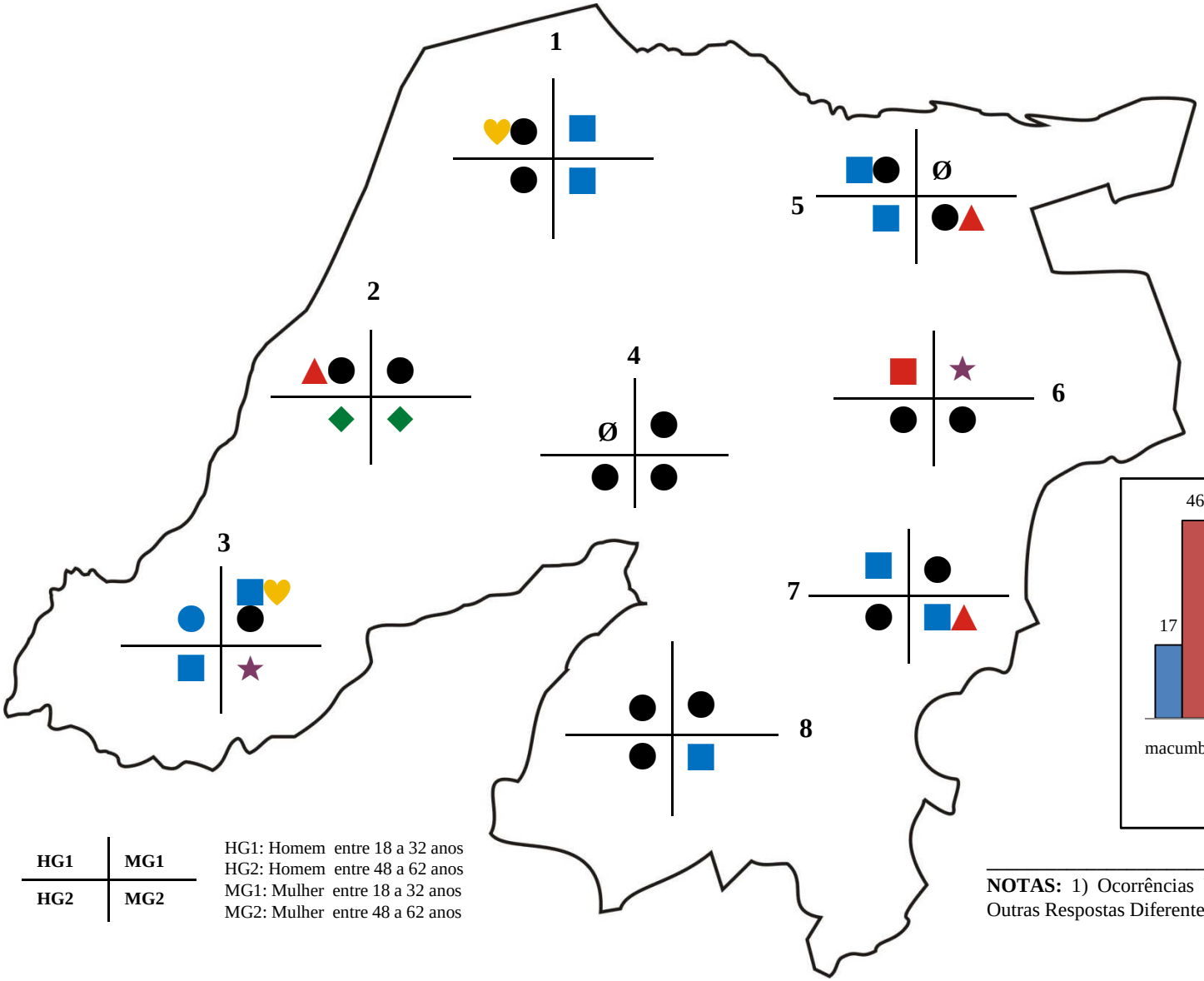
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

NOTAS: 1) Ocorrências Únicas: **mini-box** e **mercantinho** (MO1), **mercantil** (AP1), **comércio** (AP2), **armarinho** (MA1), **botequim** (MA3), **venda** (AN3) e **quitanda** (CA3); 2) Outras Respostas Diferentes: **restaurante** (MO2), **supermercado** (PF4, AP1, MA2, CN2, CN3, CN4), **lanchonete** (CN2) e **padaria** (CN4).

ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

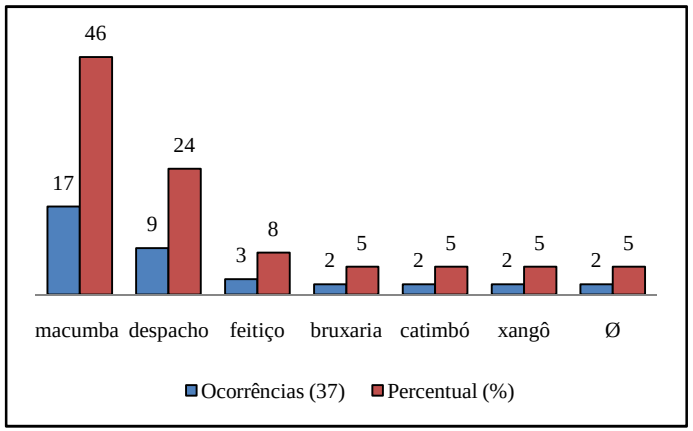
Carta Léxica 83
FEITIÇO

QSL 171: O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, em encruzilhadas?



LEGENDA

- ● macumba
- ■ despacho
- ▲ feitiço
- ◆ bruxaria
- ★ catimbó
- ♥ xangô
- Ø abstenções



HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

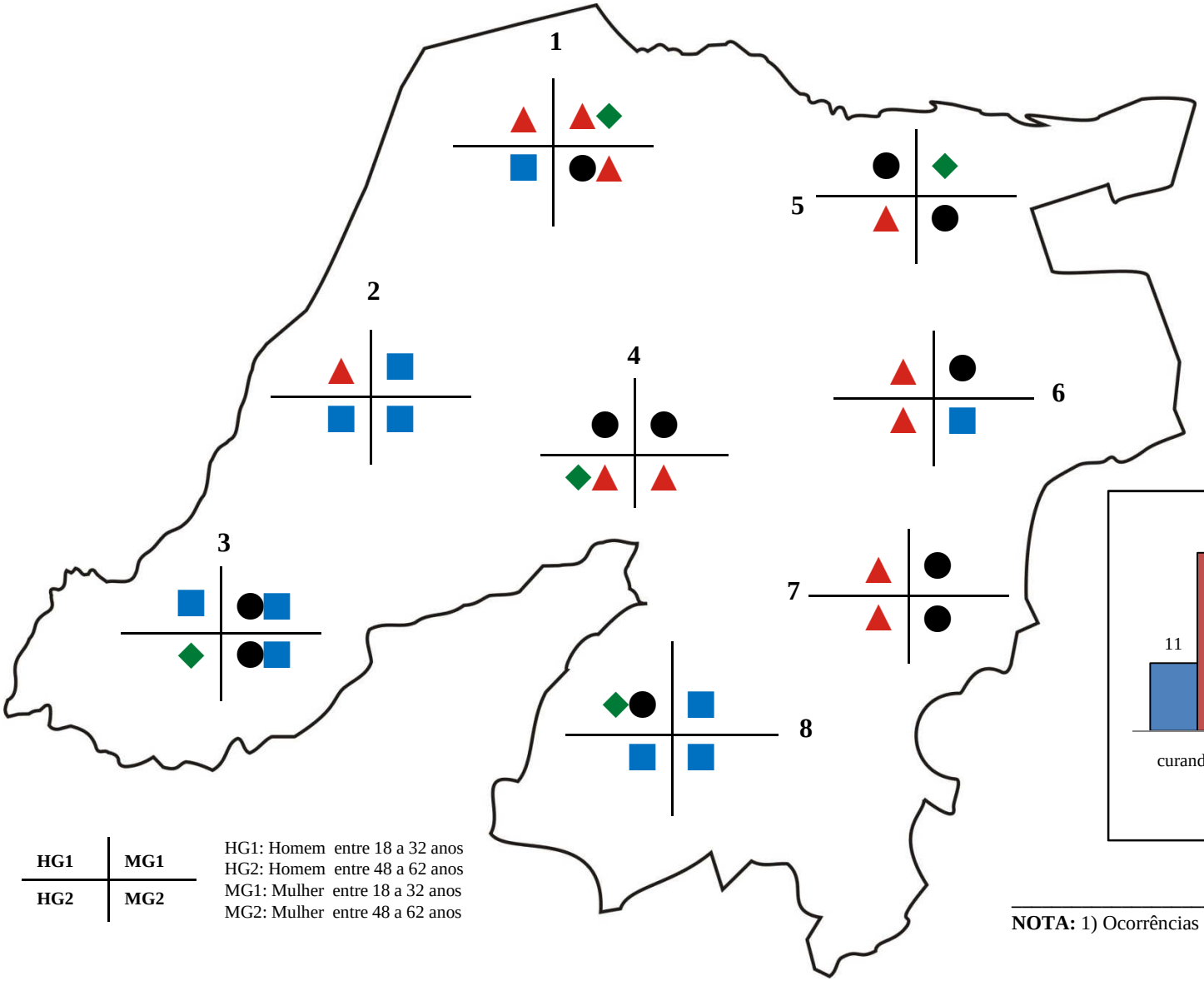
HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

NOTAS: 1) Ocorrências Únicas: **mal** (PF1), **ebó** (PF2) e **magia negra** (AN1); 2) Outras Respostas Diferentes: **fofoca** (PF1) e **galinha preta** (PF3).

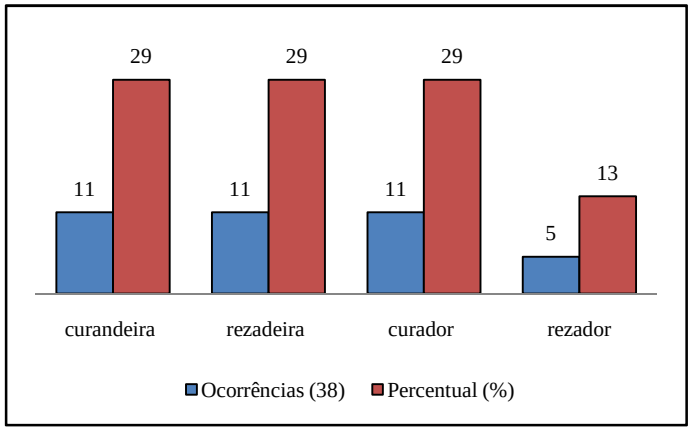
ATLAS LINGUÍSTICO DO CENTRO-OESTE POTIGUAR

Carta Léxica 84
BENZEDEIRA

QSL 172: ... a pessoa que tira o mau-olhado com rezas, geralmente com galho de planta?



LEGENDA
- curandeira
- rezadeira
- curador
- rezador



HG1	**MG1**
HG2	**MG2**

HG1: Homem entre 18 a 32 anos
HG2: Homem entre 48 a 62 anos
MG1: Mulher entre 18 a 32 anos
MG2: Mulher entre 48 a 62 anos

NOTA: 1) Ocorrências Únicas: **benzedor** (CN3).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização do fazer dialetológico desta pesquisa, que teve como propósito maior a elaboração do Atlas Linguístico do Centro-Oeste do Rio Grande do Norte, possibilitou algumas reflexões a cerca da língua e sua relação com o espaço e a sociedade.

Por tudo o que foi vivenciado, principalmente no contato direto com os sujeitos, nas entrevistas aplicadas desta pesquisa, pôde-se perceber que os falantes, não só tem direito de falar, como também de refletir sobre o que eles falam. A tarefa de responder às entrevistas foi um exercício fundamental de reflexão da própria língua, pois refletir e entender como se fala é compreender o próprio jeito de ser e enxergar o mundo e as coisas que estão ao seu redor. É dar sentido à vida em sociedade, pela língua que se fala. E quando os indivíduos são enraizados plenamente no lugar em que se vive, a maneira como eles falam torna-se muito mais evidente. A forma como eles falam revelam quem eles são. Isso foi comprovado na prática.

Além disso, conhecer a realidade linguística de um determinado povo faz com que o pesquisador reconheça que a língua e suas formas de falar são patrimônio histórico-cultural da sociedade que precisa sempre ser perpetuado através do seu registro. Cada sociedade, cada região, cada lugar tem seu jeito próprio de falar e de designar as coisas, produzindo uma riqueza enorme de variantes linguísticas. Ou seja, as relações sociais, e a própria estrutura da sociedade e o lugar onde se vive, podem influenciar ou determinar a estrutura da língua ou seu comportamento, mas, em contrapartida, como mesmo aponta Wardhaugh (2006), a língua também pode influenciar a sociedade.

O propósito de elaboração do atlas em questão só foi possível graças à metodologia adota. O levantamento dos dados históricos, políticos, econômicos, culturais e sociais relativos às localidades proporcionou não só um conhecimento geral sobre a região, mas também um entendimento maior da realidade sócio-cutural dos informantes da pesquisa e de sua interação pela língua com as variadas formas de dizer e significar a comunidade linguística ao qual eles pertencem.

Desse modo, os critérios rígidos para escolha das localidades e dos informantes foram muito importantes para o pontapé inicial da pesquisa. A escolha dos oito Pontos de Inquéritos teve, como base, os estudos do IBGE a respeito da hierarquia das influências que umas cidades têm sobre outras, bem como a equidistância.

Quanto aos sujeitos da pesquisa, a opção de entrevistar quatro informantes por localidade, dois homens e duas mulheres, sendo um homem e uma mulher de cada geração

(Geração 1, de 18 a 32 anos e Geração 2, de 48 a 62 anos), todos com escolaridade igual ou inferior ao 9º ano do Ensino Fundamental, foi suficiente para que se pudesse alcançar os objetivos propostos de descrever e registrar em cartas linguísticas as variantes fonéticas e lexicais da região pesquisada.

Mas quem realiza um trabalho dialetológico sabe que não é uma tarefa muito fácil levar a cabo uma pesquisa de campo em várias localidades, com uma rigorosa seleção de sujeitos. Encontrar os informantes com o perfil desejado, embora tenha conseguido, foi uma das grandes dificuldades na pesquisa. Às vezes, quando encontrava alguém que preenchia uns requisitos, não preenchia noutros. Isso se deu logo no início da busca pelos informantes em cada cidade. No entanto, graças à ajuda de algumas pessoas com as quais o pesquisador entrava em contato, isso foi resolvido sem prejuízo para a pesquisa.

Além disso, este tipo de pesquisa, geralmente, nos grandes projetos, como por exemplo, no nacional e nos regionais, não é feito apenas por um pesquisador e sim, por uma equipe em que divide os afazeres, que, por sinal, são muitos. Neste trabalho em foco, além da pesquisa de campo, a fase de transcrição, organização dos dados e elaboração das cartas foi um procedimento também muito árduo, pois exigiu do pesquisador acuidade auditiva, conhecimentos fonéticos, experiências em arquivamento de textos e em computação gráfica. Tudo isso foi muito penoso, pois o pesquisador teve que gastar um bom tempo, meses até, para estudar sobre tais exigências e obter os conhecimentos necessários para que o trabalho em questão pudesse ser concluído de maneira satisfatória.

Esta pesquisa, bem como o próprio Atlas proposto a partir dela, foram concluídos, mas não acabados. Eles têm suas limitações e suas particularidades. A partir das 98 questões fonéticas e das 172 lexicais, são apresentadas 147 cartas linguísticas, 63 cartas fonéticas e 84 cartas léxicas, que se constituem apenas uma amostra de uma boa parte do material confeccionado sobre a realidade linguística na região pesquisada. Na verdade, o total real de cartas elaboradas foram 229 (88 fonéticas e 141 léxicas), mas como se reconhece que, num atlas linguístico, há muito por fazer e que algumas cartas se configuram mais produtivas que outras, optou-se, então, por deixar apenas as 147 cartas que apresentaram um maior número de variantes, com uma frequência maior que 50% e com distribuição regular. As cartas “descartadas” serão objeto de estudo em futuras pesquisas.

Aliás, realmente, este trabalho produziu um vasto material. A partir da base de dados que registra as variações fonéticas e semântico-lexicais das localidades pesquisadas, podem ser elaboradas outras cartas linguísticas, glossários e dicionários da fala da região. Também, futuramente, pode-se realizar um tratamento quantitativo e análises das variantes

linguísticas (fonéticas e léxico-semânticas), registradas nas cartas, a partir do ponto de vista diatópico, diagenérico (diassexual) e diageracional.

Não só com as cartas já elaboradas, mas também com todo material coletado, futuramente, poderão ser analisados, por exemplo, alguns fenômenos fonéticos fonéticos. Quanto ao vocalismo, podem ser analisados: a) realização das vogais médias pré-tônicas /e/ e /o/, como em [isˈpiga] e [buˈlaʃa]; b) síncope de vogais pós-tônicas mediais em palavras proparoxítonas (desproparoxitonização), como em [kaˈviklu] e [ˈkɔskas]; c) apagamento da semivogal em ditongos orais decrescentes, como em [ˈkaʃa], [ˈpeʃi] e [oˈvidu]; d) ausência de traço nasal em final átono (fenômeno de desnasalização), como em [baˈhagi]; e) ditongação antes de /s/ e /z/ em sílabas finais tônicas, como em [ˈpajs] e [aˈhojs]; f) monotongação de ditongos átonos crescentes em posição final, como em [poˈlisa] e g) nasalidade: [pêˈneɾa]. Quanto à variação dos fonemas consonantais ou sequência consonântica, também são passíveis de futuras análises os seguintes fenômenos: a) africação de /t/ e /d/; b) alternância de /l/ por /r/ em encontros consonantais ou em final de sílaba, como o rotacismo em [ˈpɾaka]; c) ocorrência de metátese, troca de posição de um segmento dentro de uma palavra (Silva (2011, p.152), como em [laɦgaˈtiʃa] e [ˈtawba]; d) realização das palatais /ʎ/ e o /ɲ /, em despalatalização, iotização e apagamento, como nos exemplos: [muˈlɛ], [ˈteja], [bãj]; e) presença de vogal entre os grupos consonantais dv, ft e pn, como em [adivɔˈgadu], [afiˈtɔza] e [piˈnew]; f) assimilação de /d/ em /-nd/, em gerúndio e substantivo, como em [heˈmânu] e [mâniˈɔka]; g) realização de /r/ em contextos diferentes, como apagamento em final de palavra: [koˈʎɛ], [moˈhe] e h) realização de /b/ e /v/, como em [vɛˈhuga] e [bɛˈhuga].

Além disso, os dados semântico-lexicais também poderão ser quantificados e analisados, levando-se em consideração os campos semânticos escolhidos. Segundo Biderman (1989), dentre os níveis da língua, o léxico é um dos mais afetados por influências externas. É através do léxico que a herança cultural de uma sociedade se perpetua, sintetizando aspectos da vida, dos valores e das crenças de uma comunidade social (BIDERMAN, 1989).

Desse modo, o léxico registrado do Centro-Oeste Potiguar poderá ser comparado com os dicionários gerais e os glossários de termos populares da região. Nesse procedimento, as palavras encontradas nesta pesquisa, poderão passar por uma verificação se elas são dicionarizadas ou não, se têm o mesmo sentido dos repertórios lexicográficos ou não. De início, pode-se afirmar que várias palavras registradas na pesquisa não são registradas em

dicionários de renome nacional, como o de Ferreira (2010), e, às vezes, quando estão presentes em dicionários, não tem o mesmo sentido dado por certos informantes, configurando, assim, a possibilidade do surgimento, na região pesquisada, de neologismos lexicais e semânticos, como é o caso dos respectivos exemplos, a seguir: uma das variantes lexicais registradas na Carta Léxica 22 (**libélula**) foi a nova palavra "beija-água" e na Carta Léxica 49 (**cigarro de palha**) foi registrado o neologismo semântico "pé-duro."[67]

Por todo trabalho realizado, a visão que se tem é que uma pesquisa sobre as variantes faladas no Centro-Oeste Potiguar trará grandes contribuições para a região e para todo o Estado do RN, pois um trabalho desse tipo oferece um imenso volume de dados, permitindo que as informações, com base na realidade documentada pela pesquisa, sejam sempre atualizadas, por exemplo, em livros didáticos adequados à realidade cultural da região, pois um atlas linguístico regional é uma ferramenta muito importante também no âmbito das políticas linguísticas. Na própria sala de aula, o conhecimento da realidade linguística pode ser constantemente aprofundado pelos professores, levando os alunos ao domínio da variante culta, sem desprestigiar os seus falares de origem, contribuindo, assim para o ensino eficiente e eficaz da língua materna na região. Portanto, a elaboração deste Atlas Linguístico do Centro-Oeste Potiguar será de grande valia para professores, estudiosos e pesquisadores que se interessam pelos estudos diatópicos e diastráticos dos falares regionais, aqui, especificamente, do Centro-Oeste do Rio Grande do Norte.

Nesse contexto, para se dar conta da realidade linguística, no que concerne a situações reais de uso do português do Brasil, no Rio Grande do Norte e, mais particularamente, na região Centro-Oeste, ressalta-se a importância de futuros estudos sociolinguísticos e dialetológicos que, certamente, oferecerão um melhor conhecimento dos fatores sociolinguísticos-culturais que determinam as mudanças e variações do falar potiguar e consequentemente, do português do Brasil, cujo estudo constitui mais uma contribuição para a execução de novos atlas linguísticos.

---

[67] A Carta Léxica 22 (**libélula**) e a Carta Léxica 49 (**cigarro de palha**) são duas cartas que tiveram um grande número de variantes lexicais (8 e 9, respectivamente).

REFERÊNCIAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade. **A geolinguística no Brasil:** caminhos e perspectivas. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 1998.

_____. As conquistas do Atlas Linguístico do Brasil: um balanço no início do século XXI. In: SILVA, D. E. G. II Encontro Nacional do Grupo de Estudos da Linguagem do Centro - Oeste. Integração linguística, étnica e social. **Atas.** Brasília: Oficina Editorial do Instituto de Letras da UnB, 2004. v. III. p. 877-843.

_____**. A geolinguística no Brasil:** trilhas seguidas, caminhos a percorrer. Londrina: Eduel, 2005.

ALMEIDA, Edilene. **Atlas linguistico da Mata Sul de Pernambuco.** João Pessoa, 2009. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras – UFPB.

ALMEIDA, Fabiana da Silva Campos. **Projeto Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro: uma contribuição para o conhecimento dos falares fluminenses.** Rio de Janeiro, 2008. Tese (doutorado em Língua Portuguesa). Programa de Pós-Graduação em Letras / UFRJ. Disponível em http://www.letras.ufrj.br/posverna/doutorado/AlmeidaFSC.pdf

ALTENHOFEN, Cléo V. **O que é o ALMA** – apresentação. 2011. Disponível em: http://www.ufrgs.br/projalma/oqueeh/apresentacao.html. Acesso em: 20 de maio de 2012.

ALTINO, Fabiane Cristina. **Atlas Linguístico do Paraná - ALPR II.** Londrina, 2007. Tese (doutorado em Estudos da Linguagem). Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem / Universidade Estadual de Londrina.

ALVAR, M. "Diferencias en el habla de hombre y mujeres". **Revista do Livro**. Rio de Janeiro: 121, 1958, p. 85.

_____. **Estruturalismo, geografia linguística y dialectologia actual**. 2 ed. Madrid: Gredos, 1973.

_____. Estudos Canarios. Las Palmas, Cabildo Insular de Gran Canaria, 1968.

AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. Os estudos dialetais e geolinguísticos no Brasil. 2008. Disponível em:http://www.lingv.ro/resources/scm_images/RRL-12-2008-Socorro-Aragao.pdf

_____. & MENEZES, C. B. **Atlas linguístico da Paraíba.** Brasília: UFBB/CNPq, 1984.

_____. O período pré-geolinguístico: do Visconde da Pedra Branca ao primeiro atlas regional. In: IV Congresso Internacional da ABRALIN – **Anais.** Brasília: [s.n.], 17 a 19 de fevereiro de 2005a, p. 103-111. Disponível em: http://www.abralin.org/publicacao/abralin2005.pdf

_____. Os estudos geolinguísticos no Brasil: dos atlas regionais ao ALiB. In: REUNIÃO ANUAL DA SBPC – 57ª .PROGRAMAÇÃO DA ABRALIN, 2005, Fortaleza - CE. **Anais** do Simpósio Olhando a língua pelas trilhas da geolinguística. Fortaleza – CE: Imprensa Universitária da UFC, 2005b.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. 2. ed. NBR14724: Informação e Documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2005.

BIDERMAN, M.T.C. As Ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A.M.P.P., ISQUIERDO, A.N. (orgs.). **As ciências do léxico:** lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: UFMS, 2001, p. 13-22.

_____. II Lexicoloxía e Metalexicografia: O léxico, testemunha de uma cultura. **Actas** do XIX Congreso Internacional de Linguística e Filoxía Românicas, Universidade de Santiago de Compostela, publicadas por Ramón Lorenzo, 1989, p.397-405.

BESSA, J.R.F. O Atlas linguístico do Ceará. Fortaleza: **Desafio** 1, 1988 pp. 23-29.

_____ et all. **Questionário do atlas linguístico do Estado do Ceará.** Fortaleza: Imprensa da Universidade do Ceará, 1982 (publicações do Atlas linguístico do Ceará, 1).

BESSA, José Rogério F. et al. **Atlas linguistico do Ceará.** Fortaleza: UFC, 2010.

_____. **Questionário do atlas linguístico do Estado do Ceará**. Fortaleza: UFC, 1982.

BLANCH, J. López. La sociolinguística y la dialetologia hispánica. In: _____ e ALVAR, Manuel. **En torno a la sociolinguística**. México: Instituto de Investigaciones filológicas, 1978, pp.33-58.

BRANDÃO, S. F. **A geografia linguística do Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.

BUSSE, Sanimar. Atlas Linguístico-etnográfico da região Oeste do Paraná/*ALERO*: um estudo do movimento das línguas e dos dialetos no espaço e no tempo. In: VIII Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul.- **Anais**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS - Porto Alegre - RS, de 29 a 31 de outubro de 2008.
Disponível em: http://www.celsul.org.br/Encontros/08/atlas_linguistico_etnografico.pdf

_____. Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Oeste do Paraná/ALERO: uma descrição preliminar do movimento diatópico e diastrático da fala. In: **SIGNUM**: Est. Ling., Londrina, v. 12, n. 1, p. 123-144, jul. 2009.
Disponível em: http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/viewFile/4452/4598

CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 15ª ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **Atlas linguístico de Sergipe II**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2002.

_____ et al. **Atlas linguístico do Brasil:** Projeto. Salvador: UFBA, 1998.

_____; MOTA, J. Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB) In: **Com Ciência: Revista Eletrônica de Pesquisa Científica** - Linguagem: Cultura e Transformação. 2001. Disponível em:<http://www.comciencia.br/reportagens/linguagem/ling18.htm>. Acesso em: 9 dez. 2010.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Mossoró, região e cidades:** crônicas. Natal: Editora Universitária, 1980.

_____. **História do Rio Grande do Norte**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1985.

_____. **Nomes da terra:** geografia, história e toponímia do Rio Grande do Norte. Natal: Sebo Vermelho, 2002.

_____. **A rede-de-dormir:** uma perspectiva etnográfica. Rio de Janeiro: MEC, 1959.
CASTILHO, Ataliba. **Projeto Rio Grande do Norte:** aspectos linguísticos. Natal: UFRN (mimeo).

CHAMBERS, J. K. et TRUDGILL, Peter. **Dialectology**. Cambridge: University Press, 1988.

_____. **La dialectología** [tradución de Morán, C.], Madrid: Visor Libros, 1994.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Atlas Linguístico do Brasil**: Questionários 2001. Londrina: EDUEL, 2001.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Projeto Atlas Linguístico do Brasil**. s/d.

COSERIU, Eugênio. A geografia linguística. In: **O homem e sua linguagem**. Trad. Carlos Alberto Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro/ São Paulo: Presença/ Universidade de São Paulo (USP), 1982a, p. 79-116.

_____ . Sentido y tareas de la dialectología. **Cadernos de Linguística**, México, A.L.F.A.L., n. 8, 1982b.

_____. Sistema, Norma y Habla In: **Teoría del leguaje y linguística general**. 3ª ed., Madrid: Biblioteca Românica Hispânica / Gredos, 1973.

CRISTIANINI, Adriana Cristina. Reflexões sobre o método de pesquisa geolinguístico na análise semântico-lexical em atlas linguísticos. X CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA. **Cadernos do CNLF**, Volume X, no.09 - Filologia e Ecdótica, 2006a. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xcnlf/9/14.htm

_____. O Projeto: Estudo geolinguístico do aspecto semântico-lexical nos municípios da região do Grande ABC Paulista com vistas à elaboração do Atlas Linguístico do Grande ABC – ALiABC. X CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA. **Cadernos do CNLF**, Volume X, no.09 - Filologia e Ecdótica, 2006b. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xcnlf/9/09.htm

_____. Atlas linguístico do grande abc paulista um projeto em execução. X CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA. **Cadernos do CNLF**, Volume X, no.09 - Filologia e Ecdótica, 2006c. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xcnlf/9/09.htm.

_____. **Atlas semântico-lexical da região do Grande ABC**. 2007. 3v.; il.; 31 cm. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística. Área de concentração: Semiótica e Linguística Geral. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Inclui CD-ROM

CRUZ, Maria Luiza de Carvalho. **Atlas linguístico do Amazonas – ALAM:** a natureza de sua elaboração. Disponível em: http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/slp22/09.pdf

_____. **Atlas linguístico do Amazonas.** Vol. I e II. Rio de Janeiro: UFRJ. Tese de Doutorado. 2004.

CÚRCIO, V. R. **Estudos estatísticos de textos literários**. Texto Digital, Florianópolis, ano 2, n. 2, Dezembro 2006.

DONATO, K. **Dicionário de potiguês**. Natal: edição do autor, 2003.

DUBOIS, J. et al. **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix, 1978.

ENCARNAÇÃO, M. R. T. da. **Estudo geolinguístico de aspectos semântico-lexicais nas comunidades tradicionais do município de Ilhabela**. 2005. 167 p + anexos. Dissertação (Mestrado em Linguística) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

_____. **Atlas semântico-lexical de Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba – municípios do litoral norte de São Paulo**. 2010. 3v + anexos. Tese (Doutorado em Linguística) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Aurélio século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

_____. Novo Dicionário Eletrônico Aurélio. versão 7.0. 5ª. ed. Curitiba, Paraná: Editora Positivo, 2010.

FELIPE, José Lacerda Alves. **Atlas escolar do Rio Grande do Norte**. João Pessoa: Grafset, 1999, p. 15.

FERREIRA, C. e CARDOSO, S. A. M. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

FONSECA, M. S. V. & NEVES, M.F. (orgs.) **Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Eldorado,1994.

FREIRE, C. **Papo Jerimum** - Dicionário Rimado de Termos Populares. Natal: Sebo Vermelho, 2006.

GALVÃO, M. L. de M. **Rio Grande do Norte**: geografia. Natal: Edição do Autor, 2005.

GOMES, Fábio Rogério Rodrigues. **Cartografia linguística e educação na Amazônia:** um estudo semânticolexical da fala na/da microrregião Marabá/Pará. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2007.

GUERRA, Valter de Brito. **Apodi, sua história**. [S.I.]: Fundação Guimarães Duque; Fundação Vingt-un Rosado, 2000. 242 p. (Coleção Mossoroense, v. 1145).

GUIMARÃES, Tânia Braga. **Para um Atlas Linguístico de São Francisco do Sul (ALSFS):** há nesta ilha um falar específico? . Londrina-PR: Universidade Estadual de Londrina. Monografia para exame de qualificação, 2007.

GURGEL, Alex. **Esse arcaico sertão do Caicó**. Disponível em: < http://grandeponto.blogspot.com.br/2008/09/esse-arcaico-serto-do-caic.html> Acesso em 25 de março de 2012.

HALLIG, R. & WARTBURG, W. von. **Systéme raisonné des concepts pour server de base à la lexicographie.** Berlin, Akademie Verlag, 1963.

HAUGEN, Einar. Dialeto, língua, nação. In: BAGNO, M. (Org.) **Norma linguística**. São Paulo: Loyola, 2001, p. 97-114.

HOUAISS, A. e VILLAR, M. S. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. (v. 1.0). Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

IMAGUIRE, Lígia Maria Campos. **Estudo com vistas a um Atlas Linguístico da Ilha de Santa Catarina: Abordagem de aspectos semânticos lexicais**. (Mestrado em Linguística). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

_____. **Estudo geolinguístico de alguns municípios do litoral sul paulista: abordagem de aspectos semântico-lexicais**. 2004. 431 p + anexos. Tese (Doutorado em Linguística) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

_____. **Percurso teórico-metodológico de uma pesquisa geolinguística.** www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/slp22/04.pdf ano?

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Noções Básicas de Cartografia. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/cartografia/manual_nocoes/introducao.html

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Regiões de influência das cidades. Rio de Janeiro, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm>. Acesso em: 5 de fevereiro de 2012.

IORDAN, I. **Introdução à Linguística Românica**. Trad. Júlia Dias Ferreira. 2ª ed., Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 1962.

LABOV, William. **Princípios del cambio linguístico**. Vol. I: factores internos, tomos I e II. Madrid: Gredos,1996.

_____. **The social stratification of English in New York City**. Washington: Center of Applied Linguistics, 1966.

LIMA, Luciana Gomes de. **Atlas Fonético do Entorno da Baía de Guanabara – AFeBG**. Rio de Janeiro, 2006. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas / UFRJ.
LIMA, Fabiana dos Santos. **Atlas linguístico léxico-semântico de iguatu**. Fortaleza, 2009. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística / UFC.

MAIA, G. **A capitania do Rio Grande do Norte**: Historia do RN. Natal: Departamento de Imprensa do Estado, 1998 p. 209-226. Disponível em www.seol.com.br/mna/web/

LEBART, L.; SALEM, A. **Statistique textuelle**. Dunod: Paris, 1994.

MAIA, Geraldo. O motim das mulheres. **O Mossoroense**. Mossoró, 5 de maio de 2003. Disponível em: http://www2.uol.com.br/omossoroense/120904/nhistoria.htm. Acesso em: 22 de janeiro de 2011.

MAIA, Vera Lúcia M. **Vogais pretônicas médias na fala de Natal**. Estudos Linguísticos e Literários (5). Salvador: UFBA, 1986 pp. 209-226.

MARGOTTI, Felício Wessling. **Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no Sul do Brasil**. Porto Alegre, 2004. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras / UFRGS.

_____. Geolinguística pluridimensional: desafios metodológicos. In: **Anais do CELSUL - VIII Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul**.Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS - Porto Alegre - RS, de 29 a 31 de outubro de 2008. http://www.celsul.org.br/Encontros/08/geolinguistica_pluridimensional.pdf

MEDEIROS, M. A. A. de. **Palavreado cá de nós** – linguajar do povo seridoense. Caicó: Netograf, 2007.

MELO, P. P. de. **Contribuição indígena à fala norte-rio-grandense**. Natal: Imprensa Universitária,1971.

MENÉNDEZ, F. Gimeno. **Dialectología y sociolinguística españolas**. Universidad de Alicante. Alicante, 1990.

MOLLICA, M. C & BRAGA, M. Luiza. (Orgs.) **Introdução à sociolinguística:** o tratamento da variação. Rio de Janeiro: Contexto, 2003.

MORAIS, Marcus Cesar Cavalcanti de. **Terras potiguares.** Natal: Dinâmica Editora, 1998.

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro: Org. Simões, 1953.

_____. **Bases para a elaboração de um atlas linguístico do Brasil.** Rio de Janeiro: Ministério de Educação Casa de Rui Barbosa, Vol. I 1958, Vol II 1981.

NONATO, R. **Calepino potiguar:** gíria norte-rio-grandense. Mossoró: F. G. Duque, 1980.

MOTA, Jacyra Andrade. O Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) e os estudos geolinguísticos no Brasil. In: **SIGNUM**: Estud. Ling., Londrina, n. 5, p. 329-336, dez. 2002. http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/3535/3014

_____. CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros. In: **Anais do IV Congresso Internacional da ABRALIN** - Brasília: [s.n.], 17 a 19 de fevereiro de 2005. pp. 95-101. http://www.abralin.org/publicacao/abralin2005.pdf

_____. A construção de um Atlas Linguístico do Brasil: o percurso do ALiB. In: **SIGNUM**: Est. Ling., Londrina, v. 12, n. 1, p. 237-256, jul. 2009. Pp. 237-256. http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/viewFile/4243/4603

OLIVEIRA, D.P. **Atlas linguístico de Mato Grosso do Sul**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2007. 271 p. 28 cm. ISBN 978-85-7613-128-1.

PASTORELLI, D. S., MARTINS, D. P. e ISQUERDO, A. N. O Projeto Atlas Linguístico do Brasil no cenário nacional. **Anais do III Encontro Científico do Curso de Letras da Faculdade Paranaense – FACCAR**. 2005. Disponível em: <http://www.faccar.com.br/eventos/desletras/hist/2005_g/2005/textos/021.html>. Acesso em: 24 de agosto de 2010.

PEREIRA, M. N. **O Léxico da carnaubeira no vale do Açu**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Curso de Letras PUC/RJ, 1990.

_____. Campos semânticos da rede de dormir em "Rede de dormir" de Câmara Cascudo**. Revista Paradigma**. Natal: UnP, 2000. Edição Especial.

_____. **Atlas linguístico do Rio Grande do Norte**. Natal: UNP, [s.d.].

_____. **Atlas Geolinguístico do Litoral Potiguar**. Rio de Janeiro, 2007. Tese (doutorado em Língua Portuguesa). Programa de Pós-Graduação em Letras / UFRJ.

PERTILE. Marley Terezinha. **O talian entre o italiano-padrão e o português brasileiro: manutenção e substituição linguística no alto uruguai gaúcho**. Porto Alegre, 2009. Tese (Doutorado em Letras) Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

PRETI, Dino. Normas para transcrição dos exemplos. In: _____, Dino. (org.). **Análise de Textos Orais**. São Paulo: FFLCH, 1993. http://www.fflch.usp.br/dlcv/nurc/normas_para_transcricao.htm

PONSO, Letícia Cao. **A Variação do Português em contato com o Italiano na comunidade bilíngue de São Marcos – RS**. Porto Alegre, 2003. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Programa de Pós-Graduação em Letras / UFRGS.

PESSOA, Maria Angélica**. Os s pós-vocálicos na fala de Natal**. Comunicação apresentada no I SIMPÓSIO SOBRE A DIVERSIDADE LINGUÍSTICA NO BRASIL. Salvador: UFBA, 1986.

QUEIROZ, Silvana Rodrigues de Souza. **O vocabulário alencariano de O Sertanejo:** uma análise léxicosemântica**.** Uberlândia/MG. Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal de Uberlândia, 2006.

RADTKE, Edgar; THUN, Harald. Nuevos caminos de la geografia linguística. **Aktens des symposiums zur Empirischen Dialektologie.** (Heidelbery/Mainy 2. -24.10.1991) Kiel, Westensee-Verlag, 1996. p. 25-49.

RAMIREZ, Arnulfo G. Dialectologia y sociolinguística. In: ALVAR, Manuel. **Manual de dialectologia hispânica**: el espanõl de España. Barcelona: Editorial Ariel, 1999 pp. 37-48.

RAZKY, A. Construção de atlas sonoros: procedimentos metodológicos para o ALISPA. In: _____. (org.) **Estudos geo-sociolinguístico no estado do Pará**. Belém: Gráfica e Grafia, 2003, p. 173-183.

_____. **Atlas Linguístico sonoro do Pará (ALISPA)**. Belém: Gráfica e Grafia, 2004.

REIS, Regiane Coelho Pereira. **Atlas Linguístico do Município de Ponta Porã – MS:** um registro das línguas em contado da fronteira do Brasil com o Paraguai. Três Lagoas, 2006. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Programa de Pós-Graduação em Letras / UFMS.

RIBEIRO, J. ZÁGARI, M. R L; PASSINI, J. GAIO, A. P. **Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais.** Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977.

RIVEIRO, Carlos Valcárcel. **Xeolingüística da periferia románica atlántica**: linguas e lugares. Editora Univ Santiago de Compostela, Servizo de Publicacións e Intercambio Científico, 2007. Acesso em 02 de janeiro de 2012. Disponível em: http://hdl.handle.net/10347/2382

RODRIGUES, Ada Natal. **O dialeto caipira na região de Piracicaba**. São Paulo: Ática, 1974.

RODRÍGUEZ, Alfredo Maceira. Breve histórico da Geografia Linguística. In: **Revista Philologus/Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos**. – Ano 4, Nº 10 – Rio de Janeiro: CiFEFiL, 1998. Disponível em: www.filologia.org.br/revista/artigo/4(10)42-53.html. Acesso em: 24 de agosto de 2010.

ROSSI, Nelson; FERREIRA, C.S.; ISENSEE, D. **Atlas prévio dos falares baianos**. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura;Instituto Nacional do Livro, 1963.

_____. **Atlas prévio dos falares baianos:** introdução, questionário comentado, elenco das respostas transcritas. Rio de Janeiro: INL, 1965.

_____. A dialetologia. **ALFA,** Marília, n.11, p.89-116, 1967.

SÁ, Edmilson José de. **Estudo das variantes de mangará no falar pernambucano.** Disponível em: http://alipeedmilsonjsa.blogspot.com.br/2011/01/um-texto-curioso.html 14 de janeiro de 2011. Acesso em: 4 de abril de 2011.

SANTA ROSA, Jayme da N**.** A linguagem do seridoense: a influência do português arcaico e do clássico. In: **Tempo Universitário (1).** Natal: UFRN, 1979 pp 109-127.

SANTOS, Irenilde Pereira dos. Ainda a geolinguística na USP: realizações e tendências. In: MAGALHÃES, José Sueli de e TRAVAGLIA, Luiz Carlos (Orgs.). **Coletânea de trabalhos apresentados no XI Simpósio Nacional de Letras e Linguística e I Simpósio Internacional de Letras e Linguística**, em 22 a 24 de novembro de 2006. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia: EDUFU, 2008. http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_020.pdf

SANTOS, S. S. B. **Abordagem semântico-lexical do falar sorocabano, com base no questionário do ALiB**. 2005. 2 v + anexos, + CD-ROM. Tese (Doutorado em Linguística) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

_____. **Estudos geolinguísticos de aspectos semântico-lexicais do campo semântico 'alimentação e cozinha' (questionário do ALiB) no município de Sorocaba**. São Paulo, 2002. 227 p + anexos. Dissertação (Mestrado em Linguística) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

SANTOS, W.L. **O léxico do canto do mangue**. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras) Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral.** 23ª ed. BALLY, C.; SECHEYAHE, A. (orgs.) Trad. A. Chelini, J. P. Paes e I. Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2001 [1916].

SILVA-CORVALÁN, C. **Sociolinguística**. Teoría y análisis. Madrid, Alhambra, 1988.

SILVA, Maria Emília Barcellos da. Os estudos dialetológicos e o seu compromisso com o ensino. **Cadernos da ABF** - Volume II, número 1 (III Seminário Superior de Língua Portuguesa). Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, de 21 a 25 de julho de 2003. Disponível em: http://www.filologia.org.br/abf/volume2/numero1/06.htm

SILVA, M. do P. S. C. da. **Estudo semântico-lexical com vistas ao atlas linguístico da mesorregião do Marajó/Pará.** São Paulo, 2002. 2 v. + anexos. Tese (Doutorado em Linguística) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

SILVA, M. B. **A terminologia do sal no RN**: uma abordagem socioterminológica. Dissertação (Mestrado em Linguística) ´- Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

SILVA, Thaïs Cristófaro. **Fonética e fonologia do português:** roteiro de estudos e guia de exercícios. 9ª Ed. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. **Dicionário de Fonética e fonologia**. São Paulo: Contexto, 2011.

SILVA NETO, Serafim da. **Guia para estudos dialetológicos**. Belém: Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957.

_____. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil.** 5. ed. Rio de Janeiro: Presença Brasília: INL, 1986.
SILVEIRA, Roseli da. **Estudo sociogeolinguístico do município de Iguape**: aspectos semântico-lexicais. São Paulo, 2002. 227 p + anexos. Dissertação (Mestrado em Linguística) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

SOUZA, Alex de. Há 80 anos, Lampião chegava a Mossoró. **No Minuto.com**. Natal, 17 de junho de 2007. Disponível em: http://www.nominuto.com/vida/cultura/ha-80-anos-lampiao-chegava-a-mossoro/33/. Acesso em: em 14 de outubro de 2011.

SOUZA, Silvia Fernanda. O objeto de estudo da línguística: as relações entre as proposições de Saussure e Coseriu. In: **Revista Voz das Letras. Núcleo de Educação a Distância – NEAD.** Concórdia, Santa Catarina, Universidade do Contestado - UnC, número 4, I Semestre de 2006. http://www.nead.uncnet.br/2009/revistas/letras/4/46.pdf

SUASSUNA, L.E. B. e MARIZ, M. da S. **História do Rio Grande do Norte**. 2ª Ed. Natal: Sebo vermelho edições, 2005.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1990.

TOSCANO, Fernando. **Portal Brasil** - Rio Grande do Norte, 3 de junho de 2011. Disponível em: http://www.portalbrasil.net/perfil_fernandotoscano.htm. Acesso em: 22 de fevereiro de 2012.

THUN, Harald. La géographie linguistique romane à la fin du XX siècle. In: CONGRÈS INTERNATIONAL DE LINGUISTIQUE ET DE PHILOLOGIE ROMANES, 22, Bruxelles, 1998. **Actes...** Tübingen: Max Niemeyer, 2000. p. 367-388. v. III.

_____; FORTE, Carlos; ELIZAINCÍN, Adolfo. **El Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU).** Presentación de un proyecto. Iberoromania, 3. Tübingen, 1989, p.28-62.

ZAMBO, F. V. **Proposta de análise semântico-lexical da lexia nevoeiro e suas variantes lexicais em seis atlas linguísticos brasileiros**. São Paulo, 2002. 126 p + anexos. Dissertação (Mestrado em Linguística) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

WARDHAUGH, Ronald. **An Introduction to Sociolinguistics**. Oxford: Blackwell. 2006.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Modelo de Ficha das Localidades

FICHA DA LOCALIDADE

Nº do Ponto:		
1) Nome oficial:		
2) Nomes anteriores:		
3) Microrregião:		
4) Data da fundação		
5) Nome gentílico:		
6) Área:		
7) População:	**Homens:**	**Mulheres:**
	Zona Urbana:	**Zona Rural:**
8) Distância da Capital:		
9) Atividades econômicas predominantes:		
10) Comunicações (viárias, fluviais, marítimas, ferroviárias etc.):		
11) Infraestrutura (alojamentos, escolas, hospitais etc.):		
12) Principais manifestações culturais:		
13) Principais manifestações religiosas:		
14) Breve histórico da localidade:		
15) Observações gerais:		

APÊNDICE B – Modelo de Ficha dos Informantes

FICHA DO INFORMANTE

Nº do ponto:	**Nº do informante:**

DADOS PESSOAIS DO INFORMANTE

1) Nome:	
2) Nome como é conhecido:	**3) Sexo**:
4) Data de nascimento:	**5) Idade:**
6) Endereço:	
7) Fone:	**8) Celular:**
9) E-mail:	
10) Estado civil: ( ) solteiro ( ) casado ( ) viúvo ( ) outro	
11) Naturalidade:	
12) Morou em outra cidade? Quanto tempo?	
13) Escolaridade:	**14) profissão:**
15) Naturalidade da mãe:	**16) Profissão da mãe**:
17) Naturalidade do pai:	**18) Profissão do pai:**
19) Naturalidade do cônjuge	**20) Profissão do cônjuge**:
21) Tipo de renda: ( ) individual ( ) familiar	

CONTATO COM OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

22) Vê televisão?	**( )** não	**( )** todos os dias	( ) às vezes
23) Ouve rádio?	**( )** não	**( )** todos os dias	( ) às vezes
24) Lê jornal/revista?	**( )** não	**( )** todos os dias	( ) às vezes

PARTICIPAÇÃO EM DIVERSÕES

DIVERSÕES	**frequentemente**	**Às vezes**	**raramente**	**nunca**
25) Cinema	( )	( )	( )	( )
26) Teatro	( )	( )	( )	( )
27) Shows	( )	( )	( )	( )
28) Manifestações folclóricas	( )	( )	( )	( )
29) Futebol	( )	( )	( )	( )
30) Outras	( )	( )	( )	( )
31) Que religião ou culto pratica?				

PARA PREENCHIMENTO APÓS A ENTREVISTA

32) Características psicológicas do informante:			
( ) tímido	( ) vivo	( ) perspicaz	( ) sarcástico
33) espontaneidade da elocução:			
( ) total	( ) grande	( ) média	( ) fraca
34) Postura do informante durante o inquérito:			
( ) cooperativa	( ) não-cooperativa	( ) agressiva	( ) indiferente
35) Grau de conhecimento entre informante e inquiridor:			
( ) grande	( ) médio	( ) pequeno	( ) nenhum
36) Ambiente do inquérito:			

37) Observações:

DADOS DA ENTREVISTA

Entrevistador	Local	Data	Duração

ANEXOS

ANEXO A – QUESTIONÁRIOS

QUESTIONÁRIO FONÉTICO-FONOLÓGICO - QFF

1. CA**S**A
Qual o tipo de moradia mais comum aqui da região? (Obter a forma inserida em contextos mais amplos)

2. **PRA**TELEIRA
...aquilo assim (mímica), onde se colocam objetos na cozinha ou produtos para vender no supermercado, mercearias etc.?

3. T**E**L**E**VISÃO
... aquele aparelho onde se pode ver novela, jogo, programa?

4. C**AI**XA
Quando a gente compra uma TV, ela vem da loja dentro de uma _____.

5. T**E**S**OU**RA
...o objetivo com que se corta tecido?

6. TRA**VE**SSEIRO
...aquilo onde se recosta a cabeça para dormir na cama?

7. LU**Z**
Quando falta energia é que ficou sem....?

8. LÂMP**AD**A
O que ilumina uma casa e tem que ser trocada quando queima? (Apontar).

9. TO**R**NEIRA
... aquilo que se abre quando se quer lavar as mãos numa pia?

10. FÓ**S**F**O**RO
...aquele palitinho que acende o fogo?

11. PÓLV**O**RA
Do que é feito os fogos de artifícios?

12. **V**ARRE**R**
Para limpar o chão o que é que é preciso fazer? (mímica).

13. A**L**MOÇO
... a refeição que se faz, geralmente, ao meio-dia?

14. A**RROZ**
Como se chamam aqueles grãos brancos que a gente come com feijão?

15. PO**R**CO
... aquele animal que é criado no meia da lama?

16. G**O**RDURA
A carne de porco não é magra porque tem_____.

17. P**E**N**EI**RA
... aquele objeto que se usa na cozinha para passar farinha? (mímica).

18. C**OLH**E**R**
Qual o nome do talher que se usa para tomar sopa?

19. GA**R**FO
O que é que se usa para espetar a carne?

20. F**ER**VE**ND**O
Quando a água da panela está quente, cheia de bolinhas, como é que se diz que ela está?

21. T**ÁBU**A
... aquele pedaço de madeira que usamos na hora de cortar a carne?

22. **VASSOU**RA
... aquilo que se usam para limpar o chão, que é feito com um cabo de madeira e pêlos?

23. C**E**BOLA
... um tempero de comida que quando se está cortando se chora?

24. T**O**MATE
... aquilo vermelho que se vende na feira e que se usa para preparar o molho do macarrão.

25. ABÓB**O**RA
... o fruto grande que dá no chão, com uma casca grossa amarelho-avermelhada por dentro e que serve pra comer?

26. MANTEIGA
... aquilo que se passa no pão e se faz da nata do leite?

27. ÁRV**O**R**E**
Aquilo que dá sombra e frutos e serve de moradia para muitos animais?

28. **PL**ANTA
Costuma-se dizer: Só colhe quem ....?

29. ABE**LH**A
... um inseto que vive em colmeias e produz um líquido que é usado como alimento?

30. B**O**RB**O**LETA
... um bichinho que voa e tem as asas bonitas e coloridas?

31. T**EI**A

... aquilo que a aranha faz nas paredes?

32. **R**ATO
... o bichinho que o gato caça?

33. **E**L**E**FANTE
... um animal grande que se vê no circo, tem uma tromba?

34. P**EI**X**E**
O que se pesca nos rios, no mar?

35. REMA**ND**O
Quando se faz assim (mímica) numa canoa, numa embarcação, está se fazendo o quê?

36. FA**Z**ENDA
... uma propriedade grande onde se cria gado, se planta café e outras coisas ? (Contextualizar).

37. A**FT**OSA
... uma febre causada por vírus, muito contagiosa, que dá no gado, em geral, na boca?

38. **D**IA
Depois da noite, vem o quê?

39. **A**MA**NH**Ã
... o dia depois de hoje?

40. SÁB**AD**O
... o dia que vem depois de sexta-feira?

41. CALO**R**
No inverno faz frio e no verão faz o quê?

42. TAR**DE**
Qual é o contrário de cedo?

43. **ES**TRADA
Por onde os carros passam para irem de uma cidade para outra?

44. **PL**ACA
... a chapinha, com números, que se põe nos pára-choques dos carros para identificar?

45. BICI**CL**ETA
O meio de transporte de duas rodas grandes que a gente precisa pedalar?

46. **PN**EU
O nome da roda de borracha que existe no carro, que às vezes fura e se esvazia?

47. **V**ID**R**O
Quando um copo se quebra, ficam no chão cacos de _____?

48. PASSAG**EM**
Para andar de ônibus, é preciso pagar o quê?

49. MUITO
. Qual o contrário de pouco?

50. TRABA**LH**AR
Para ganhar dinheiro, a pessoa precisa _____?

51. **EM**PREGO
Quando uma pessoa é mandada embora do trabalho, ela perdeu o _____?

52. C**O**RREIO
Qual o local onde envia e recebe cartas?

53. A**DV**OGADO
Que profissional se pode contratar para defender os interesses na Justiça?

54. **I**N**O**CENTE
Quando uma pessoa é acusada daquilo que ela não praticou, se diz que ela é o quê?

55. **PRO**CISSÃO
... a caminhada que o povo faz, levando uma imagem de um ponto a outro?

56. SANTO ANT**ÔNI**O
... o santo casamenteiro que se festeja a 13 de junho?

57. PE**R**DÃO
Quando se comente uma falta grave, o que é que se pede a Deus?

58. C**O**ROA
... aquilo que os reis colocam na cabeça (mímica)?

59. O**LH**O (subst.)
... isto? (apontar).

60. **O**RELHA (114)
... esta parte?(apontar).

61. **OU**VIDO
E esta parte aqui dentro (aponta), que se limpa com um cotonete?

62. FÍG**AD**O
A hepatite é uma inflamação que dá em que órgão?

63. C**O**RAÇÃO
Qual é parte do nosso corpo que bate acelerada quando tomamos um susto?

64. COSTA**S**
Aqui (mostrar) é a frente, e aqui (mostrar)?

65. **UM**BIGO
... aquele buraquinho que se tem no meio da barriga?

66. F**E**RIDA
Quando alguém cai e arranca uma parte da pele do braço, do joelho, forma o quê?

67. CASPA
Uma coisinha branca que se cria na cabeça da pessoa?

68. BA**NH**O
Quando você está sujo e quer ficar limpo, você toma _____.

69. DE**S**MAIO
Alguém, que passou mal, caiu e perdeu os sentidos, teve um _____.

70. VÔM**I**TO
O que é que a pessoa faz sair pela boca, quando comeu e a comida fez mal?

71. H**O**ME**M**
Adão foi o primeiro ...?

72. MU**LH**E**R** (129)
E Eva foi a primeira ...?

73. FAMÍ**LI**A
Pai, mãe e filhos juntos formam o quê?

74. **T**IO
O que é que o irmão seu pai ou de mãe é seu?

75. GEN**RO**
O pai da esposa é o sogro. E o marido, o que é que ele é do sogro?

76. DOI**D**O
A pessoa que internada do hospício?

77. SANDÁ**LI**A
Aquele chinelo aberto que, geralmente, se usa no dia-a-dia?

78. M**EI**A
Aquilo que se usa no pé antes de calçar o sapato?

79. **BR**AGUI**LH**A
... a abertura das calças compridas, fechada com botões ou com zíper?

80. **A**NE**L**
O que é que se usa aqui no dedo? (apontar).

81. P**ER**F**U**M**E**
Aquilo que a pessoa usa para ficar cheirosa?

82. DORMI**ND**O
A pessoa que não está acordada, está _____? (mímica).

83. ASSOBIO
Quando faço assim (assobiar), eu estou produzindo um _____?

84. P**AZ**
Se uma pessoa não quer ser incomodada, ela diz: “Me deixe em ___”?

85. ME**S**MO
Quem só tem um par de sapatos não pode usar outros, por isso, todos os dias usa o ...?

86. HÓSP**E**DE
A pessoa de outro lugar que fica um tempo em sua casa?

87. MORRER
O contrário de nascer é...? (Conhece outras denominações para morrer?).

88. PÁRA-RAIOS
Como se chama aquela haste de metal colocada encima de prédios que protege contra as descargas elétricas atmosféricas?

89. NÓD**OA**
... a mancha que algumas frutas podem deixar em nossa roupa?

90. ANIVE**R**SÁR**IO**
Todos os anos, no dia em que nascemos, comemoramos o nosso _____.

91. QUEIJO
... aquele alimento, feito a partir do leite, que dizem que o rato gosta muito de comer?

92. POLÍC**IA**
Quando você vê um ladrão, quando acontece um crime, você chama a _____.

93. M**ÚSI**CA
As rádios dão notícias e tocam _____?

94. MA**L**DADE
As pessoas boas fazem bondade e as más fazem _____?

95. IGREJA
... o lugar onde as pessoas vão pra assistem à missa?

96. PAIXÃO
Sexta-feira Santa também é chamada de sexta-feira da _____?

97. MARIMBONDO
... o tipo de abelha preta muito brava e cujo ferrão deixa o local muito dolorido e inchado?
98. SALOBRA
Qual o nome da água que é salgada e tem um gosto ruim?

QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO- LEXICAL - QSL

I - Acidentes geográficos

1. CÓRREGO ~ RIACHO
... rio pequeno e estreito, de mais ou menos três metros de largura?

2. MARGEM DO RIO
... o terreno situado de um lado e de outro de um rio?

3. NASCENTE
... o lugar onde o rio nasce?

4. FOZ
...O lugar onde o rio termina ou encontra com outro?

5. ONDA DE RIO
... o movimento da água do rio?

6. REDEMOINHO (DE ÁGUA)
... quando a água começa a girar, num rio, a gente diz que tem um ... ?

7. ONDA DO MAR
... o movimento da água do mar? (Imitar o balanço das águas)

8. MANGUE
... o terreno com lama e lodo que fica perto dos rios e do mar, cheios de plantas e animais, inclusive o caranguejo?

9. AÇUDE
... a construção que retém a água dos rios pra serem utilizadas depois?

II - Fenômenos atmosféricos

10. REDEMOINHO (DO VENTO)
... aquele vento forte que vai girando e levantando coisas leves? (fazer gestos).

11. RAIO
... uma luz forte e rápida que sai das nuvens em dias de chuva?

12. TROVÃO
... o barulho forte que se escuta logo depois de um raio?*

13. TEMPORAL ~ VENDAVAL ~ TEMPESTADE
...uma chuva com vento forte que vem de repente? Existem outros nomes para isso?

14. TROMBA D´ÁGUA
...uma chuva de pouca duração, muito forte e pesada?

15. GAROA

... uma chuva bem fininha?

16. ARCOS-ÍRIS
... listras coloridas e curvas que aparecem no céu depois da chuva? (mímicas). Que nomes dão a essa faixa?

17. ORVALHO ~ SERENO (20)
... aquilo que molha a grama de manhã cedo?

18. NEVOEIRO ~ CERRAÇÃO ~ NEBLINA
... Aquilo parecido com fumaça que, nas estradas, impede os motoristas de enxergarem?

III - Astros e tempo

19. AMANHECER (O DIA)
... a parte do dia quando começa a clarear?

20. ENTARDECER
... Parte do dia em que o sol se põe?

21. ANOITECER ...o começo da noite?

22. ESTRELA CADENTE
... Aquela estrela que se desloca no céu, assim (mímica) e faz um rico de luz?

23. ESTRELA D'ALVA ~ ESTRELA MATUTINA ~ ESTRELA DA MANHÃ ~ VÊNUS ~ ESTRELA VESPERTINA ~ ESTRELA DA TARDE
... aquela estrela grande que brilha muito e aparece antes do nascer do sol e depois pôr-do-sol?

24. ONTEM
O dia imediatamente anterior ao de hoje?

25. ANTEONTEM
... o dia que foi antes de ontem?

IV - Vida Rural

26. CAPATAZ
... a pessoa que cuida da fazenda quando o dono não está?

27. TRABALHADOR DE ENXADA EM ROÇA ALHEIA
... o homem que é contratado para trabalhar na roça de outro e recebe por dia de trabalho?

28. CANGALHA
... a armação que se coloca no lombo do cavalo ou do burro para levar cestos ou cargas? (Mostrar gravura).
29. CANGA
... a peça de madeira que vai no pescoço do boi, para puxar o carro ou o arado?

30. JACÁ ~ BALAIO

... aquele objeto de cipó traçado que serve para levar coisas no lombo do cavalo ou burro?

31. TRILHO ~ CAMINHO ~ VEREDA ~ TRILHA
... o caminho onde não cresce mais grama, de tanto o animal ou o homem passarem por ali?

32. CATA-VENTO
Aquilo montado numa torre metálica ou de madeira que aproveita a força do ar pra tirar água de poço?

V - Flora

33. TANGERINA ~ MEXERICA
... a fruta menor que a laranja que pode ser descascada com a mão? (Apurar as designações e a descrição da fruta)

34. PENCA
... cada parte que se corta do cacho da bananeira para pôr para amadurecer?

35. VAGEM DO FEIJÃO ~ BAINHA
Onde é que ficam os grãos do feijão, no pé, antes de serem colhidos?

36. MANDIOCA ~ AIPIM
... aquela raiz branca por dentro, coberta por uma casca, marrom, que se cozinha para comer?

37. AMENDOIM
... o grão coberto por uma casquinha dura, que se come assado, cozido, torrado ou moído?

38. ESPIGA
Quando se vai colher o milho, o que e se tira do pé?

VI - Fauna

39. URUBU
... a ave preta que come animal morto, podre?

40. COLIBRI ~ BEIJA-FLOR
... o passarinho bem pequeno, que bate muito rápido as asas, tem o bico comprido e fica parado no ar?

41. JOÃO-DE-BARRO
... a ave que faz a sua casa com terra, nos postes, nas árvores?

42. GALINHA D'ANGOLA ~ GUINÉ ~ COCAR
... a ave parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas?

43. PAPAGAIO
... a ave de penas coloridas que pode aprender a falar?

44. LIBÉLULA

... o inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparentes, que voa e bate a parte traseira na água?

45. PERNILONGO
... aquele inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido das pessoas, de noite? (Imita o zumbido).

46. VAGA-LUME
E o inseto pequeno que voa à noite e acende e apaga uma luzinha?

47. MOSCA VAREJEIRA
... um tipo de mosca grande, esverdeada, que faz um barulho quando voa?

48. CRINA DO PESCOÇO
... o cabelo em cima do pescoço do cavalo?

49. LOMBO
...a parte do cavalo onde vai a sela?

50. ANCA ~ GARUPA ~ CADEIRA
... a parte larga atrás do lombo?

51. BORREGO
... o filho da ovelha logo que nasce?

52. ÚBERE
Em que parte da vaca fica o leite?

53. TOURO
Como é chamado o macho reprodutor da espécie bovina?

54. GAMBÁ
... o bicho que solta um cheiro ruim quando se sente ameaçado?

55. LAGARTIXA
Como se chama aquele bicho que sobe pela parede e come mosca e mosquito?

56. SANGUESSUGA
... um bichinho que se gruda nas pernas das pessoas quando elas entram num rio?

VII - Corpo humano

a) Partes do corpo

57. CABEÇA
Os nomes que se dá a esta parte do corpo em tom de brincadeira? (Apontar).

58. ROSTO ~ FACE ~ CARA
Como se chama esta parte do corpo? (apontar) .

59. CÍLIOS ~ PESTANAS
E estes pêlos aqui? (mostrar).

60. SOBRANCELHAS
... estes pêlos que ficam acima dos olhos? (mostrar).

61. PÁLPEBRAS ~ CAPELA DOS OLHOS
... esta parte que cobre o olho? (Apontar).

62. CISCO
... alguma coisinha que cai no olho e fica incomodando?

63. DENTES CANINOS ~ PRESAS
... esses dois dentes pontudos? (Apontar).

64. DENTES DE SISO ~ DENTE QUEIRO
... o dente, lá atrás, que nasce por último, quando a pessoa já é adulta?

65. POMO-DE-ADÃO ~ GOGÓ
... este caroço no pescoço do homem? (Apontar).

66. CLAVÍCULA
... o osso que vai do pescoço até o ombro? (Apontar).

67. SEIO ~ PEITO
Onde a criança mama na mãe?

68. ÚTERO
... a parte do corpo da mãe onde fica o bebê antes de nascer?

69. ESTÔMAGO
Pra onde a comida vai?

70. NÁDEGAS
Onde é que a gente dá palmada em criança?

71. RÓTULA ~ PATACA
... o osso redondo que fica na frente do joelho?

72. BARRIGA DA PERNA
E esta parte aqui? (mostrar) .

73. OSSO DO TORNOZELO
.. isto? (mostrar).

74. CALCANHAR
... isto? (mostrar).

b) Características Físicas

75. CAOLHO

...a pessoa que só enxerga com um olho?

76. VESGO
... a pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes? (Completar com um gesto dos dedos).

77. MÍOPE
... a pessoa que não enxerga longe, e tem que usar óculos?

79. NARIGUDO
E quem tem o nariz muito grande?

79. DESDENTADO ~ BANGUELA
... a pessoa que não tem dentes?

80. DENTADURA ~ CHAPA
... aquilo que as pessoas sem dentes usam no lugar dos dentes?

81. FANHOSO ~ FANHO
... a pessoa que fala pelo nariz? (Imitar).

82. CORCUNDA
... a pessoa que tem um calombo nas costas e curvo? (mímica)?

83. CANHOTO
... a pessoa que come com a mão esquerda, faz tudo com essa mão? (Completar com o gesto).

84. PERNETA
... a pessoa que só tem uma perna?

85. MANCO
... a pessoa que puxa de uma perna?

86. CAMBOTA ~ PESSOA DE PERNAS ARQUEADAS
... a pessoa de pernas curvas para dentro? (Mímica).

c) Funções do Corpo Humano

87. RAMELA
... aquela sujeirinha que se forma no canto do olho?

88. MELECA ~TATU
... a sujeirinha que se tira do nariz com o dedo?

89. SOVAQUEIRA
... o mau cheiro em baixo dos braços?

90. CHULÉ
Mau cheiro característico dos pés?

91. CÓCEGAS
Que sente uma criança quando se passa o dedo na sola do pé? (Mímica).

d) Doenças mais comuns e vício

92. TERÇOL/VIÚVA
E aquela bolinha vermelha que nasce nas pálpebras? (mostrar).

93. CONJUNTIVITE ~ DOR-D'OLHOS
... a inflamação que deixa os olhos avermelhados, inchados e grudados?

94. CATARATA
... aquela pele branca no olho que dá em pessoa mais idosa?

95. SAPINHO
... doença que enche a boca de coisinhas brancas?

96. PRISÃO DE VENTRE
O que se diz que a pessoa tem quando ela não consegue evacuar, soltar ventos?

97. DIARRÉIA
Quando se come demais ou alguma coisa faz mal, como se chama aquele mal-estar que a pessoa necessita de ir ao banheiro toda hora?

98. CÁLCULO RENAL ~ PEDRA NOS RINS
... os grãos que se formam nos rins?

99. **V**E**RR**UGA
... uma bolinha de carne que pode nascer em qualquer parte do corpo?

100. ENJÔO
Aquilo que a mulher tem quando está grávida e fica cuspindo toda hora?

101. MAU-OLHADO
E a doença que é provocada pelo olhar de certas pessoas?

102. QUEBRANTO
E quando a criança fica meio tristonha e suas fezes ficam esverdeadas, se diz que ela está com...

103. CIGARRO DE PALHA
... o cigarro que as pessoas faziam antigamente, enrolado à mão?

104. TOCO DE CIGARRO
...o resto do cigarro que se joga fora?

VIII - A vida em sociedade

a) Ciclo da vida

105. MENSTRUAÇÃO
... o sangue que a mulher perde todo mês?

106. MENOPAUSA
... o período que a mulher, numa certa idade, para de menstruar?

107. GRÁVIDA
Quando a mulher está esperando filho diz-se que ela está...?

108. PARTEIRA
...a mulher que ajuda a criança a nascer?

109. DAR À LUZ
Chama-se a parteira quando a mulher está para____.

110. PLACENTA
Como se chama aquela bolsa que ao arrebentar a criança nasce?

111. RESGUARDO
Que nome se dá àquele período após o parto em que a mulher fica de repouso?

112. GÊMEOS
... duas crianças que nascem no mesmo parto?

113. ABORTO
Quando a mulher grávida perde o filho, se diz que ela teve_____.

114. AMA DE LEITE
... a mulher que amamenta a criança que não é dela?

115. FILHO ADOTIVO
...a criança que não é filho biológico do casal?

116. FILHO MAIS MOÇO ~ CAÇULA
...o filho que nasceu por último?

117. MENINO
... uma criança de 5 a 10 anos, do sexo masculino?

118. NAMORADOS
Um rapaz e uma moça que se gostam e ainda não são noivos, são...?

119. AMASIADOS
Quando um homem e uma mulher vivem juntos sem serem casados, eles são o quê?

120. FINADO ~FALECIDO
Quando se fala sobre alguém que já morreu, geralmente como a gente se refere a ela?

b) Comportamento social

121. TAGARELA
... a pessoa que fala demais?

122. BURRO
... a pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas e não entende nada?

123. SOVINA
... a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro?

124. VELHACO
...a pessoa que deixa suas contas penduradas?

125. ASSASSINO PAGO
...a pessoa que é paga para matar alguém?

126. CHIFRUDO
...o marido que traído pela mulher?

127. GALINHA
Como se chama o homem que namora várias mulheres ao mesmo tempo?

128. PROSTITUTA
... a mulher que vende o seu corpo sexualmente?

129. BÊBADO
Que nomes dão a uma pessoa que bebe demais?

130. TRAQUINA
... uma criança que faz artes e mexe em tudo?

131. AZARADA
Como se chama uma pessoa sem sorte, sem graça?

132. EMPANTURRADO
Quando uma pessoa acha que comeu demais, ela diz: Comi tanto que estou_____.

133. GLUTÃO
... uma pessoa que normalmente come demais?

IX - Habitação, alimentação, utensílios e objetos em geral

134. TE**LH**A
... aquilo que é feito de barro que é usado para cobrir casas?

135. CURAU ~ CANJICA
... uma papa cremosa feita com milho verde ralado a que se acrescenta canela?

136. MUNGUNZÁ ~ CANJICA
... aquele alimento feito com grãos de milho brancos, coco e canela?

137. AGUARDENTE
... a bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar.

138. BALA ~ CONFEITO ~ BOMBOM
... aquilo embrulhado em papel colorido que se chupa?

139. PÃO FRANCÊS
... o pão feito de farinha de trigo, fermento e sal? (Mostrar).

140. TRAMELA
... aquela pecinha de madeira, que gira ao redor de um prego, para fechar porta, janela...?

141. LANTERNA
... aquele objeto que se usa para clarear no escuro e se leva na mão assim? (mímica).

142. INTERRUPTOR DE LUZ (175)
Como se chama o objeto que fica nas paredes e serve para acender a lâmpada?

143. VASO SANITÁRIO ~ PATENTE
Quando se vai ao banheiro, onde é que a pessoa senta para fazer as necessidades?

X - Vestuário e Acessórios

144. CUECA
Que roupa o homem usa debaixo da calça?

145. CALCINHA
Que roupa a mulher usa debaixo da saia?

146. SUTIÃ
Que peça do vestuário serve para segurar os seios?

147. ROUGE
... aquilo que as mulheres passam no rosto, para ficarem mais rosadas?

148. GRAMPO (COM PRESSÃO)
...um objeto fino de metal, para prender o cabelo? (Mostrar).

149. DIADEMA ~ ARCO ~ TIARA
... o objeto que pega de um lado a outro da cabeça e serve para prender os cabelos? (Mímica).

XI - Jogos e diversões infantis

150. CAMBALHOTA
...a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado? (Mímica).

151. BOLINHA DE GUDE
...as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?

152. ESTILINGUE ~ SETRA ~ BODOQUE

....o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha (mímica), que os meninos usam para matar passarinho?

153. PAPAGAIO DE PAPEL ~ PIPA
...o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que empina no vento por meio de uma linha?

154. ESCONDE-ESCONDE (160)
... ou a brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras se escondem em algum lugar, e depois vai procurá-las?

155. CABRA-CEGA
... a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras?

156. PEGA-PEGA
...uma brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas, antes que alcance um ponto combinado?

157. GANGORRA
... uma tábua apoiada no meio onde cada criança se senta numa ponta e ficam se subindo e descendo? (Mímica).

158. BALANÇO
...uma tábua, pendurada em cordas, onde uma criança se senta e se move para frente e para trás? (Mímica).

159. AMARELINHA
...a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formado por quadrados numerados, jogam uma pedrinha (mímica) e vão pulando com uma perna só?

160. QUEIMADO
E a brincadeira em que uma turma de crianças fica de um lado e outra fica de outro e tentam acertar umas às outras com uma bolinha?

161. PASSA-ANEL
E uma brincadeira em que uma criança, com um pequeno objeto entre as mãos, passa de criança a criança, deixando o objeto com uma delas?

XII – Vida Urbana

162. ÔNIBUS URBANOS
...a condução que leva mais ou menos quarenta passageiros e faz o percurso dentro da cidade?

163. CALÇADA ~ PASSEIO
Na cidade, os automóveis andam no meio da rua e as pessoas nos dois lados, num caminho revestido de lajes ou ladrilhos. Como se chama este caminho?

164. MEIO-FIO
... o que separa a calçada da rua?
165. SINALEIRO ~ SEMÁFORO ~ SINAL

Na cidade, o que costuma ter em cruzamentos movimentados, com luz vermelha, verde e amarela?

166. LOMBADA ~ QUEBRA-MOLAS
... aquele morrinho para os carros diminuírem a velocidade?

167. ROTATÓRIA ~ RÓTULA
...aquele trecho da rua ou da estrada que é circular, que os carros têm que contornar para evitar o cruzamento direto?

168. BODEGA ~ BAR ~ BOTECO
...um lugar pequeno, com um balcão , onde os homens costumam ir beber aguardente e onde também se pode comprar alguma outra coisa?

XIII - Religião e Crenças

169. DIABO
Deus está no céu e no inferno está _____. Conhece outros nomes?

170. FANTASMA
O que algumas pessoas dizem já ter visto, à noite que se diz que é do outro mundo?

171. FEITIÇO
O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, em encruzilhadas?

172. BENZEDEIRA
... a pessoa que tira o mau-olhado com rezas, geralmente com galho de planta?

ANEXO B – Símbolos Fonéticos Usados

A transcrição fonética ampla foi feita com base no Alfabeto Internacional de Fonética (IPA).

Vogais			
oral		**nasal**	**nasalizada**
[a] casa		[ã] canto	[â] ama
[ɛ] neta	[e] dele	[ẽ] menta	[ê] tema
[i] livro		[ĩ] tinta	[î] lima
[ɔ] mola	[o] louro	[õ] tonta	[ô] soma
[u] uva		[ũ] junta	[û] uma
Semivogais			
[j] pai		[w] mau	
Consoantes			
[p] pata		[b] bola	
[t] mato		[d] dedo	
[tʃ] tchia		[dʒ] djia	
[k] caro		[g] gato	
[f] faca		[v] vaso	
[s] sopa		[z] zero	
[ʃ] chuva		[ʒ] gente	
[l] lata		[ʎ] filho	
[m] mala	[n] nata	[ɲ] manhã	
[ɾ] muro	[h] raio	[ɦ] carga	

ANEXO C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE
(Em 02 vias, firmado por cada participante-voluntário(a) da pesquisa e pelo responsável)

Você está sendo convidado a participar como voluntário da pesquisa intitulada "Atlas Linguístico da Mesorregião do Oeste Potiguar", realizada pelo doutorando Moisés Batista da Silva, aluno do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL), da Universidade Federal do Ceará (UFC). Esta pesquisa tem por objetivo elaborar um Atlas Linguístico, a partir de um mapeamento da diversidade linguística, no nível fonético-fonológico e semântico-lexical, da Mesorregião do Oeste do Estado do Rio Grande do Norte.

Para tanto, sua participação consiste em responder a um questionário cujas respostas serão gravadas e transcritas na íntegra. No entanto, se algumas perguntas gerarem desconforto ou constrangimento, você não será obrigado a respondê-las e isso não lhe penalizará e não lhe impedirá de continuar participando da pesquisa. As informações que você fornecer serão úteis para que possam ser atingidos os objetivos da pesquisa.

Assinando esse consentimento, você não desiste de nenhum de seus direitos. Além disso, você não libera os investigadores de suas responsabilidades legais e profissionais no caso de alguma situação que lhe prejudique. A sua participação é inteiramente voluntária. Uma vez aceitando participar desta pesquisa, você está livre para abandonar o estudo a qualquer momento, sem que isto afete o seu relacionamento com esta instituição. O investigador também poderá retirá-lo da pesquisa a qualquer momento, se ele julgar que seja necessário para o seu bem estar.

Por ser voluntário, você não terá qualquer despesa com a realização dos procedimentos previstos neste estudo, que serão custeados única e exclusivamente pelo pesquisador. Também não haverá nenhuma forma de pagamento pela sua participação. Não há riscos relacionados aos procedimentos que serão realizados neste estudo visto que não haverá nenhum procedimento invasivo e que possa atingi-lo.

Será garantido que todas as informações conseguidas através da sua participação não permitirão a identificação da sua pessoa, exceto aos responsáveis pela pesquisa, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto.

ATENÇÃO: Para informar qualquer questionamento durante a sua participação no estudo, ou caso surja alguma dúvida quanto à ética da pesquisa, entre em contato com:

Responsável pela pesquisa:
Nome: Moisés Batista da Silva
Instituição: Universidade Federal do Ceará
Endereço: Rua Eng. Carlos Nascimento, 14 – Bairro Abolição III –Mossoró/RN
Telefones: (84) 3316-8640/8727-8640 – E-mail: olamoises@hotmail.com

Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Ceará
Rua Coronel Nunes de Melo, 1127 - Rodolfo Teófilo
Telefone: (85)3366-8338

O abaixo-assinado, _____, ___ anos, RG nº_____ declara que é de livre e espontânea vontade que está participando como voluntário da pesquisa "Atlas Linguístico da Mesorregião do Oeste Potiguar". Eu declaro que li

cuidadosamente este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e que, após sua leitura tive oportunidade de fazer perguntas sobre o conteúdo do mesmo, como também sobre a pesquisa e recebi explicações que responderam por completo minhas dúvidas. E declaro ainda estar recebendo uma cópia assinada deste Termo.

_____, ____/_____/_____

Voluntário	Data	Assinatura
Pesquisador	Data	Assinatura
Testemunha	Data	Assinatura
Profissional que aplicou o TCLE	Data	Assinatura